Essendomi abbonato a questa Opera con 5000 Reis di spesa a Rio de Janeiro, il 27 Marzo 1843, la ricevei il Primo del 1844. La rilegatura mi costò 1000 Reis - 2 Reis moneta del Brasile, sono eguali a un Quatrino Toscano.

Cav: Luigi Dall'Hatta colon.

[illegible] Pedro II (d'Alcantara, [illegible]) [illegible]

[illegible]

Rarissima [illegible]

RAMALHETE POETICO

DO

PARNASO ITALIANO.

TYP. IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E COMP.,
Rua do Ouvidor, n.° 65.

RAMALHETE POETICO

DO

PARNASO ITALIANO,

OFFERECIDO

A SS. MM. II.

O SENHOR D. PEDRO SEGUNDO,

IMPERADOR DO BRAZIL,

E

á Senhora D. Thereza Christina Maria,

IMPERATRIZ, SUA AUGUSTA ESPOSA,

NA OCCASIAÕ DO SEU FAUSTISSIMO CONSORCIO;

PELO

Dr. Luiz Vicente De-Simoni,

E

pelos Subscriptores que concorrêrão para se dar á luz esta pequena collecção de Trechos de alguns dos melhores Poetas Italianos, homeometricamente vertidos.

RIO DE JANEIRO.

1843.

A SUAS MAGESTADES IMPERIAES,

O SENHOR

D. PEDRO SEGUNDO,

IMPERADOR DO BRAZIL,

E A SENHORA

D. THEREZA CHRISTINA MARIA,

IMPERATRIZ,

SUA AUGUSTA ESPOSA.

Senhores.

Do itálico Parnaso algumas flores,
PEDRO e THEREZA, Augusto Par amante,
N'este sacro a Hymeneo feliz instante
Vos trazem corações respeitadores.

A linguagem de Lysia altos auctores
Casárão co' a da Italia uns se'clos ante;
E n'esse enlace floresceu brilhante,
Emquanto não ardeu d'outros amores.

a*

Ah! desde que no Sena outros encantos
Illudida e infiel buscou somente,
Rompeu a Corrupção laços tão santos.

Mas Phebo, outr'ora triste, hoje contente,
Espera as ver, sob Vossos aureos mantos,
Unidas como VO'S eternamente.

O VOTO DO ANJO DA INNOCENCIA.

Epithalamio.

Aos pés daquelle Solio
Cujo esplendor constante
Vence o fulgor do ouro
E o brilho do diamante,
E que, pedras mais bellas,
Ornão mil sóes e estrellas,

Depois de longo vôo,
Parou com reverencia
As leves niveas azas
O Anjo da Innocencia;
E disse respeitoso
Ao Todo-Poderoso:

Bemdito sejas sempre,
Supremo Ser Eterno;
O Céo se curve, e o Mundo
Ao santo teu governo;
E quanto ha de creado
Te adore aqui prostrado.

Aqui me vês de volta
Dessa missão divina
Com que Tu me enviaste
A obstar fatal ruina,
Que emfim 'stava imminente
A uma nação nascente.

Na plaga Americana,
Que á Cruz é consagrada,
Junto de um Regio Infante
Eu fiz longa morada,
Desde o primeiro dia
Que os olhos elle abria.

Eu o embalei no berço,
Com elle andei no braço;
Comigo deu mal firme
O seu primeiro passo;
E já depois fallando,
Comigo andou brincando.

Cresceu do Pai delicia,
Dos povos esperança,
E varonil esteio
Do cepo de Bragança;
Que a terna mãi perdêra
Quando de um anno elle era.

Depois sabes que horrenda
Fatal calamidade,
C'o turbilhão furente
De irosa tempestade,
Do pai tambem lhe veio
Roubar o terno seio.

Mal completava um lustro,
Quando, orphão derelicto,
Pagando em tenros annos
De adultos o delicto,
Com debil voz gemente
Chamava o Pai ausente :

E já de todo apoio
E protector privado,
Elle o mais forte arrimo
Devia ser do Estado;
E, com milagre novo,
Unir, salvar um povo.

Brinquedos innocentes
E estudos alternando,
Estava com seu nome
O Imperio sustentando,
Só pela alta influencia
Da cándida innocencia.

De teus altos designios
Intérprete e instrumento,
Então na luz mais bella
Peguei do firmamento;
E a fiz passar de leve
Dos Andes sobre a neve.

Com ella, que alli todas
As cores já despira,
Tornada quasi pura
Como de ti sahira,
Teci um niveo e santo
Resplandecente manto.

Com este ao Regio Infante
Cubri os tenros hombros ;
E então virão-se os povos,
Do Mundo com assombros ,
Honrar em um menino
O teu candor divino.

E quando, irosa e fera,
A Discordia assanhava
Os ánimos convulsos
C'o facho que agitava ;
Do pequeno a lembrança
Chamava-os á bonança.

Amor e geral centro
Era da Nação toda,
E laço que prendia
A quanto tinha em roda,
Com poder alto, occulto,
Mais que reinante adulto.

Vivífica esperança ,
Bello porvir pintando,
A todos consolava
Com ar alegre e brando;
E o presente e o futuro
Nelle se vio seguro.

Dobrou a confiança
Quando, em assiduo estudo,
Desenvolveu sublime
Siso e saber em tudo ;
Dizendo cada labio :
Teremos um Rei sabio.

Eu que á instrucção e á sciencia
Prefiro a sãa virtude,
(Não que as despreze e a ellas
Preponha quanto é rude)
Repetia: ha de sê-lo
Mas com virtude e zelo.

E toda as minhas vozes
Acreditando a gente,
Dizia : se bens tantos
Nos traz inda innocente;
Quaes não trará chegado
Ao seu completo estado?

Oh! sim, que nesse tempo
Feliz será seu povo;
Tudo ha de ser mui bello,
Feliz, ameno e novo.
Então será de certo
A terra um céo aberto.

Porém a impaciencia
Do povo esperançado,
Esse feliz futuro
Quiz ver anticipado;
E fim pôz nessa ardencia
Ao reino da innocencia.

Findou naquelle instante
Minha missão celeste:
Eu recolhi meu manto,
Porque outro Tu lhe déste,
Por ti abençoado,
Mas por mortaes bordado.

Um poderoso Archanjo
De espada fulminante
Veio render-me; e ao lado
Postou-se do Imperante,
Que, do Brazil no throno,
Emfim de si foi dono.

Eu o deixei seguro
Por forte alta defesa;
Mas vi que o sceptro d'ouro
É de metal que pesa;
Vi que os reaes cuidados
Inda são mais pesados.

Ah! tenho dó daquella
Tão tenra fresca idade
Tão cedo sob o peso
Da grave Magestade.
Sem que haja nessa sorte
Doçura que a conforte.

Já meus varios brinquedos
Não posso offerecer-lhe.
Ah! só Tu, Deos benigno,
Só Tu podes valer-lhe:
Manda, se leda a queres,
O Anjo dos prazeres.

Sorrio-se amavelmente
Á bella singeleza
Do Anginho da Innocencia
O Auctor da Natureza;
E scintillou ao riso
O Mundo e o Paraiso.

Esse Anjo irá, disse elle;
Porém acompanhado
Irá com a Virtude
E co'a Belleza ao lado:
Pois sem aquella e esta
Não ha delicia honesta.

E do Vesuvio ardente
As terras apontando:
Já, disse, as minhas ordens
Está executando.
Vêde qual viva chamma
Um regio peito inflamma.

Mandei-lhe que a Virtude
Buscasse co'a Belleza:
Elle as achou conjunctas
N'uma gentil Princeza,
Tão nobre e virtuosa,
Quanto é gentil, formosa.

Da bella Italia o mimo
Mais bello e primoroso,
Suavisando a vida
De PEDRO amante e esposo,
Vai levar a Doçura
Do Throno até á altura.

Oh qual do grão consorcio
Sahir vai alta proie!
Qual serie de virtudes!
O Mundo se console;
Já póde quem as preza
Saudar PEDRO e THEREZA.

Disse, e no ethereo côro
Sôou alto concento
De júbilo ineffavel,
Da rosa em cada assento, (a)
Aonde fulgurante
A Beatriz vio Dante.

E o multiplo murmurio
Dava tal melodia,
Que até do baixo Mundo
A's regiões descia;
E a elle a minha lyra
Sôa sem mão que a fira.

O' Tu Divina Mente,
Que o grande laço urdiste,
Ao PAR AUGUSTO e caro
Propicia e branda assiste;
Que aqui resôa entanto
Dos céos o doce canto.

Almas ao Céo tão caras,
Delle favorecidas,
Tão altas, quão de excelsa
Virtude ennobrecidas,
Prezão o dom celeste
Da voz que ás cordas déste.

Por ellas vão as sciencias
Aqui reinar co'as Musas;
Correr outro Hippocrenes,
Mais claras Arethusas!
De PEDRO e de THEREZA
Esta vai ser a empreza.

EPITHALAMIO CAMPESTRE.

LYRA DE UM PASTOR.

Dai-me de flores
Linda capella;
Dai-m'a, pastoras,
Preciso della.

Uma não basta;
Ah! venhão duas,
E venhão ambas
Co'as fitas suas;

Fitas côr de ouro
E côr de prado,
Cores da patria
E de meu grado.

Quero-as de flores
Dos nossos montes,
Pois dos meus Principes
São para as frontes.

Quero offerta-las
Com singeleza
Quaes as off'rece
A Natureza;

Que o terno affecto,
Que humilde as leva,
Não tem adornos
Que ás artes deva.

Nasce este jubilo,
Que hoje me exalta,
Como de flores
Prado se esmalta,

Sem que do víllico
Mão nem enchada
Tirem da terra
Prole forçada.

Nem sou o único,
Se estou contente:
Tambem alegra-se
Muita outra gente.

Festiva applaude
Toda a cidade
A's faustas nupcias
Da Magestade.

Casa o Monarcha
C'uma Princeza,
Virtuosissima,
Flor de belleza,

Vinda da Italia,
Lá do Vesuvio,
Onde ha de fogo
Chuva e diluvio;

Fogo com tudo
Que não iguala
De Amor a chamma
Que n'alma cala;

Chamma de effeitos
Mui singulares,
Que atêa incendios
Além dos mares;

Chamma que a PEDRO
E que a THEREZA
Pôz altamente
A alma accesa.

Junto da ara
Já Hymenêo
O PAR espera
Que Amor prendeu;

E com magnífica
Pompa e cortejo
Lá vir os Noivos
De longe eu vejo.

Accorre o povo
Todo contente
No prazer grande
Que disso sente:

E todo moço
E moça bella
Está na rua
Ou na janella.

Ver os dous Noivos
Todos desejão;
D'elles a sorte
Todos almejão;

E vivas dando,
Lançando flores,
Dizem: té Principes
Gostão de amores.

Nisto os olhinhos
Voltas vão dando,
Que claro dizem:
Ah quando, ah quando!...

Quando teremos
Igual momento
De sobrehumano
Contentamento?

Ah! nessa hora
Nos amaremos
Como os Augustos
Noivos que vemos.

Elles em tudo
Nos são espelhos;
Nos amaremos.
Té sermos velhos:

Pois as virtudes,
Que nelles luzem,
Para outra sorte
Não os conduzem.

Venhão as flores,
Caras Pastoras:
Quero leva-las,
Que já são horas.

Depois, voltando,
Mil cousas varias
Direi dos arcos,
Das luminarias,

E de mil outras
Cousas pasmosas;
Pois eu sei quanto
Sois curīosas.

Dai-me depressa,
Ah! dai-me as flores,
Pastoras, bellas
Como os Amores.

Se tardais inda
Lá chego tarde;
Hão de dizer-me,
Que o mimo guarde:

E o mimo quero
Que seja entregue
Antes que a festa
Ao seu fim chegue.

Nem ser dos últimos
Nisso eu desejo.
Ah! dai-me as flores,
Ou venha um bejo :

Um bejo, digo,
Todo amoroso,
Mas puro, e casto,
E respeitoso ;

Bejo que eu leve,
Como é mui justo
Sobre a mão cándida
Do PAR AUGUSTO ;

Bejo que diga
Da parte vossa :
Applaude ás nupcias
Tambem a Roça.

O ZEPHYRO DA ITALIA.

Sonetos.

I.

Brincando estava ás margens do Sebeto (b)
Um Zéphyro de Flora no regaço,
E o véo do lindo peito a cada espaço
Perturbava soprando desinquieto.

Eolo, que o vio, cumprindo alto decreto,
Logo tal ordem lhe escreveu de um traço:
De Parthenope vôa ao Regio Paço
Ás ordens de outra Flora; e mais discreto.

Zéphyro ao ler o soberano escripto,
Triste partio, deixando a Deosa cara;
E lá se foi onde lhe fôra dito.

Lá de THEREZA a Augusta Fronte encara;
E de júbilo enchendo o rosto afflicto,
Diz: É a Virtude; oh que belleza rara!

II.

Quando á Real Parthenopéa PRINCEZA
Pagou de admiração justa homenagem,
Zéphyro emmudeceu; e sem coragem
Ficou diante da luz dessa belleza.

Amor sentio, mas de outra natureza
Que o que Flora inspirou-lhe entre a folhagem;
Amor que julga a qualquer brinco ultragem,
Amor sublime, que respeita e preza.

Quedo. submisso a foi ao mar seguindo:
E quando a vio na pôpa brazileira;
As azas ligeirissimas abrindo,

As auras sacudio de tal maneira,
Que o da Italia ao Brazil mimo mais lindo
Trouxe aqui sobre o mar feito uma esteira.

III.

Chegava a rica suspirada prôa,
Que a Itálica Princeza aqui trazia;
E o Zéphyro fiel que em longa via
Adejando lhe déra a viagem boa,

No meio do pezar, que lhe magôa
O peito ao despedir-se, assim dizia:
Eis a rosa melhor que florescia
Da Ausonia nos jardins, qual Fama sôa.

Eu vou perdê-la, e tu, Brazil ditoso,
Vais desfructar mil celestiaes perfumes;
E o céo mil annos te dilate o gozo.

Santos verás angélicos costumes:
Tu, nobre exemplo, e seu Augusto Esposo
As delicias terá que tem os Numes.

IV.

Já com o último adeos se despedia
O Zéphyro, voltando á bella Italia,
Onde sómente dos jardins de Idalia
As delicias achar elle sabia.

Mas o Brazil, que tão tristonho o via :
Porque partes, lhe diz, e d'Acidalia
A nova Deosa, e décima Castalia
Já deixas sem ficar mais algum dia?

Oh Napoles! Oh Italia! Oh Patria cara!
O Zéphyro responde, eu bem quizera ;
A vós me chama privação amara.

A Belleza e a Virtude amo sincera :
Mas tenho á Melodia affeição rara;
E só no vosso seio ella se gera.

V.

Gostas da Melodia?! eu tambem gosto,
Torna o Brazil, nem em meu solo é estranha;
E nestas plagas, que Amphytrites banha,
Habil della cultor sempre acha posto.

Porque me encaras com pasmado rosto?
Eu não blasono de ideal façanha;
Ella a brazilia música acompanha,
E á minha poesia o timbre ha posto.

Não creias tu, que em meus silvestres montes
Só Tamoyos eu tenha ou Botecudos,
Que nada prezem hippocrenias fontes:

Aqui cantores tu verás sisudos,
Cingir de louro as illustradas frontes;
E o Throno proteger os seus estudos.

VI.

Tens tu, caro Brazil, sabios cantores
Que tanger saibão a Apollinea lyra,
Disse extasiado o Zéphyro, e que a mira
Ponhão no gosto sem causar-lhe dores?!

Tens um doce idioma, e de taes cores,
Que nobre e forte docemente fira
Um delicado ouvido, o qual prefira
Branda harmonia a estólidos rumores?

Podes com elle, como Tasso e Dante,
Petrarca, Ariosto, Metastasio e tantos,
Cantar justo, magnífico e tocante?

Posso, responde; e deixa-te de espantos:
Ouve, ao chegar de PEDRO a Esposa amante,
Como eu da Italia reproduzo os cantos.

VII.

De palha americana o seu cestinho
Abre ledo o Brazil; nelle a mão mette;
E saca um verde grande ramalhete
Que lindas flores fazem bonitinho. (*c*)

Olha, ao Zephyro diz, está fresquinho;
Para noivos é mimo; e bem reflecte,
Que o amor e o respeito o que promette
Sempre chega a cumprir bem que mesquinho.

O Zéphyro da Italia as lindas flores
Reconhece, e lhe diz: Ah! quem t'o deu?
Torna o outro: um dos meus amigos mores.

Humilde ítala mão leda o colheu,
Como prova gentil dos seus amores
Pela terra em que vive, e em que nasceu.

VIII.

O Ramalhete do Italo Parnaso
Amor, respeito, vão levar ao Throno,
Onde das letras sabio, alto patrono,
Um PAR AUGUSTO faz mui déllas caso.

Não de saber para ostentar-se vaso,
Ou de brilhar por orgulhoso entono,
O levão elles de um grão sçeptro ao Dono,
Mas para prevenir fatal occaso.

PEDRO e THEREZA com um terno abraço
Casando Italo genio e Brazileiro,
A' nobre Poesia abrão seu Paço.

Esta alli falle, qual fallou primeiro,
Idioma irmão ao de Petrarca e Tasso,
Do Parnaso de Lysia o grão luzeiro (*d*).

IX.

As flores levantou que na mão tinha
Jubiloso o Brazil; e de repente
Dellas mui varia voz sahir se sente,
Que ao Zéphyro commove a branda alminha.

De Dante a raiva austera e forte vinha (*e*)
Soando pelo ar secca e frémente;
E a terna de Petrarca alma gemente
De doces versos n'aza se sostinha.

Folgázão ora louço, ora sisudo,
Brincar se ouvia c'o clarim Ariosto;
Ser novo Homero, mas gaiato em tudo.

Grave e sublime, cheio d'alma e gosto,
Doce, robusto, todo arte e estudo,
Cantava o Tasso sem mudar de posto.

e

X.

O Zêphyro pasmou; mas lá comsigo
Dizia: inda hei de ver se a Lyra Lusa
Tanto póde imitar, que reproduza
Frugoni e Metastasio, o meu amigo.

Estes, com toda a segurança o digo,
Nutrirão de tal mel a ítala Musa,
Que cultor de Hippocrene e de Arethusa
Jámais os igualou moderno ou antigo.

Inda fallava; e um som doce e mavíoso
Em lusitanos versos repetia
Dos dous vates o canto deleitoso.

E Chiabrera, e Guarini em companhia
Com o Monti robusto e Alfieri iroso,
Formavão juntos bella melodia.

XI.

Ah! não, não voltarei tão de repente
A' terra que deixei (disse mudado,
Depois que ouvio, o Zéphyro pasmado)
Canto d'outro da Italia tão parente.

« A minha terra amei e a minha gente;
E aonde sôa do seu nome o brado,
Onde eu repetir ouço o que hão cantado
Seus altos vates, fico-me contente.

Eu sou esse do Céo sopro divino,
Que as cordas faz vibrar e a tromba anima,
E é pai da Melodia excelso e fino.

De mim nasceu de Dante e Ariosto a rima,
De Petrarca e de Tasso o canto dino.
Ama ao Céo, ama a mim quem os estima.

XII.

O Zéphyro agitando as tenues azas,
Para a terra vôou qual borboleta;
E disse: aqui tambem vou ser poeta
Emquanto longe estou das patrias casas.

Amor com Hymenéo alente as brasas,
Que na do coração parte secreta
De PEDRO E DE THEREZA á alma quieta,
Suscitou quando fez a grande vasa.

Eu só das Lyras soprarei no seio
Maviosos sons, que da união ditosa
Ledos celebrem o suave enleio.

De PEDRO o Nome e o da sua Alta ESPOSA
Soar farei de votos mil no meio,
Té que o Céo lhes dê prole ampla e gloriosa.

A ROSA DA ITALIA.

Epithalamio.

Uma rosa primorosa
Vio Amor em um jardim,
Mais mimosa, mais cheirosa
Que assucena e que jasmim.

Encantado, alli parado,
Elle estava a contemplar
Com cuidado; e nesse estado
Foi ouvido assim fallar:

Como é bella! e quão singella!
Como linda tem a côr!
Brilhão nella de donzella
Os encantos e o pudor.

Assim rindo lá do Indo
Com purpurea branca luz,
Vem surgindo o dia lindo
Quando a Aurora o reconduz.

Esse seio todo é cheio
De fragrancia divinal,
Que do esteio em que ella veio
É virtude natural.

Esta rosa primorosa
A princeza é do jardim;
Tão mimosa, tão cheirosa,
Ella é feita para mim.

Minha eleita, sim, é feita
Para um thálamo eu ornar;
Mais perfeita, mais aceita
Não a dá outro lugar.

Hymeneu c'o facho seu
Venha junto c'o Prazer;
Quero eu que amigo meu
Para sempre venha a ser.

Este mimo, em tudo primo,
Vamos hoje trasplantar
N'um opimo, que eu estimo,
Paiz bello d'além mar.

Venha a rosa primorosa
Flor da Italia a mais gentil,
Qual mimosa nova esposa
Ser primeira no Brasil.

Flor tão linda mui bem vinda
Ha de ser quando chegar:
Essa vinda alegra e brinda;
Vai delicias derramar.

Nestas horas mil senhoras,
Jovens mil dizendo estão:
Que demoras causadoras
De tristeza e de afflicção!

Desejamos, suspiramos
Ver da Italia a linda flor,
Porque amamos e prezamos
Quanto ha nobre e encantador.

Venha a rosa primorosa
Toda leite com carmim,
Qual mimosa nova esposa
Do Brazil para o jardim.

Disse; e quedo, sem ter medo
De que espinho offenda a mão,
Todo ledo já seu dedo
Fez a grande acquisição.

E soltando um grito brando
Hymeneu então chamou,
Que folgando e se appressando
Com Amor se associou.

Um, a rosa feita esposa,
Outro, o facho na mão traz;
E ditosa, affectuosa,
União assim se faz.

As mãos dando vem voando
Ambos juntos com a flor,
E os vem brando acompanhando
O Prazer encantador.

Companheiros verdadeiros,
Mil Amores, Graças mil,
Mui ligeiros e certeiros,
Vem com elles ao Brazil.

A mimosa fresca rosa
Plantão deste no jardim,
Deleitosa voz maviosa
Amor solta e diz assim:

Povos, vinde ver o brinde
Que de Amor a mão vos faz;
Vinde, vinde, a ancia finde,
Hymeneu comigo o traz.

A belleza, a gentileza,
Aqui tendes nesta flor,
Da nobreza e da pureza
Reunidas ao primor.

Do seu véo lá no céo
Já a Aurora a despegou,
Quando a deu qual mimo seu
Ao paiz que ella habitou.

Mil perfumes, que dos Numes
Preza o gosto celestial,
Sem ciumes, com seus lumes
Deu-lhe a Deosa oriental.

Tal presente recendente
Da Virtude esta alcançou;
E ridente, mui contente,
Nella todo o derramou.

Agradavel, ineffavel,
Este gera outros iguaes *(f)*,
Faz-se amavel e louvavel,
E do Céo e dos mortaes.

Do Reinante o peito amante
Este mais recreará:
Delle diante outro tocante
Mór encanto nunca ha.

Mui ditoso de tal gozo
Todo o povo exultará;
Pressuroso, respeitoso
E festivo applaudirá.

Nova era, qual a espera,
Vai ter logo este paiz:
Menos fera lá da esphera
Baixa a Sorte; Amor o diz.

Como leve cahe a neve,
Tudo branco e quedo faz,
Assim deve ao Mundo em breve
Descer branda a doce Paz.

E esta bella flor donzella
De outras logo a mãi será:
Vinde vê-la; diante della
Todo o Mundo pasmará.

Minha gente estou contente :
Dou por bem passado o mar ;
Meu presente alegremente
Deixo a quem o saiba honrar.

Fique a rosa primorosa
Mais que lirio e que jasmim,
Qual mimosa regia esposa,
A rainha do jardim.

NOTAS.

(*a*) *Rosa:* a rosa sempiterna de Dante, o qual, no seu Paraiso, diz que a milicia santa dos bemaventurados celestes se lhe offereceu á vista *em fórma de cándida rosa,* isto é, disposta circular e concentricamente em varios assentos como as folhas de uma rosa, nos quaes assentos vio a sua querida Beatriz toda brilhante

Reflectindo o esplendor da eterna estrella.

(*b*) *Sebeto* ou *Sebetho:* pequeno rio que banha a cidade de Napoles, hoje chamado Fornello.

(*c*) *Bonitinho:* este epitheto deve-se entender com relação á belleza original das flores do Parnaso Italiano, por serem producções de bons poetas, e não com relação á nossa versão.

(*d*) Camões.

(*e*) *De Dante, etc.* Tudo o que aqui e depois se diz deve ser entendido em sentido de capacidade e triumpho da lingua portugueza, e não de capacidade e triumpho do traductor.

(*f*) Da essencia da rosa formão-se differentes perfumes: a virtude symbolisada nestes produz outras com o seu exemplo.

PREFAÇÃO.

Os mais bellos dias da lingua e litteratura portugueza forão esses em que o estudo e conhecimento profundo da lingua e litteratura italiana erão geraes entre os escriptores portuguezes. Quando vemos que Camões, o qual certamente escrevia para o povo portuguez, não duvidou inserir no seu immortal poema epico o sentencioso verso — *Tra la spiga e la man qual muro é messo* — devemos crer que o conhecimento dessa lingua estava no seu tempo mui diffundido, e não se limitava ao circulo dos sabios. Não ha duvida de que esses escriptores imitárão os latinos e os italianos que os tinhão precedido; e que desta imitação o idioma portuguez se locupletou e ennobreceu alatinando-se e italizando se, quanto o genio delle e dos seus escriptores o consentia; de maneira que os latinismos e os italismos passárão a ser na lingua portugueza culta, e principalmente entre os poetas, como os grecismos para a latina, na qual acabārão por ser elegancias em lugar de barbarismos. A conformidade ou semelhança do genio das duas linguas muito prestava-se para isso; e o uso aproveitando-se desta disposição, produzio riquezas bellas e abundantes para a lingua, aperfeiçoando-a em lugar de corom-

†

pêla. Quanto mais a lingua p rtugueza se italizava, e afastava da hespanhola, da qual provinha e da qual era considerada como um dialecto, tanto mais tomava um caracter nacional e distincto para os Portuguezes, ambiciosos de serem uma nação distincta dos Hespanhóes. O progresso então foi immenso e crescente, e a idade de ouro appareceu para a nova lingua, continuando até a época em que o idioma francez principiou a exercer a sua influencia; e cessou quasi de todo, e foi seguido da corrupção desde quando este tomou toda a ascendencia, e acabou por dominar quasi exclusivamente a litteratura portugueza e brazileira. Então o estudo do latim e do italiano forão desprezados, principalmente o deste ultimo, que, não sendo como aquelle exigido pelas escolas de theologia, jurisprudencia e medicina, só ficou para os curiosos. Então o gallicismo invadio a lingua portugueza por toda a parte, e em breve chegou a tal ponto que, minando-lhe o genio, a ameaça de uma inteira destruição, que infallivelmente ha de succeder, se a isso se não pozerem obstaculos efficazes.

Estamos mui longe de querermos, como certos philologos exagerados e pedantes, desconceituar em tudo a lingua franceza, e exclui-la da faculdade de fornecer á portugueza alguns bons termos e modos de fallar: basta ser ella a lingua de um dos povos mais cultos e de maior importancia politica, commercial, scientifica e litteraria, para que nem nos passe pela mente semelhante idêa: o que só queremos é contestar-lhe o direito de corromper a essa lingua, e de exercer sobre ella e a sua litteratura uma nimia e exclusiva influencia, com prejuizo da mesma e desabono de outras, que tanto e ainda melhor do que ella podem

fazer-lhe esses fornecimentos pela maior semelhança e parentesco que tem com ella.

O que acabamos de dizer ainda mais fica expressado no seguinte soneto em que fallamos como se fossemos nacional.

Nem tão pedante sou nem misogallo,
Que a lingua de Paris excluir queira
Do commercio da nossa em qualquer feira,
E que quanto é francez deva-se odia-lo,

Só me agonio, e só de raiva estalo
Pela moda servil e corriqueira
De ser tudo entre nós feito á maneira
De França: e fico bravo, e não me calo.

Se assim se quer fazer, de Portuguezes
E Brazileiros se nos troque o nome,
E chamemo-nos todos de Francezes.

Mas quem da Patria quer ser filho, tome
Sentido, que com únicos freguezes
Muito ha que perder, pouco se come.

O meio de obstarmos a essa nimia e exclusiva influencia sinistra, é por um lado a leitura, estudo e imitação dos classicos portuguezes, e pelo outro a leitura, o estudo e imitação dos classicos latinos e italianos; collocando assim os escriptores brazileiros e portuguezes na condição antiga em que se achavão esses classicos nacionaes, que colhião e aproveitavão tudo quanto havia de bom e louvavel no idioma vulgar do seu paiz, e ao mesmo tempo o que de bom e admissivel achavão nos latinos e italianos.

Infinitas são as vantagens que da leitura, estudo e conhecimento dos escriptores italianos podem ainda resultar para a lingua portugueza, pois que essa mina, já para ella lucrosa, está mui longe de haver sido exaurida. Quando outro motivo não houvesse para o estudo da lingua italiana, bastaria a grande paixão e habilidade que neste paiz ha pela musica, e pelas quaes a este respeito póde-se chamar ao Brazil a — Italia da America —. Em um paiz onde o estudo da musica e da cantoria italiana é tão geralmente espalhado, que nesta côrte constitue uma das partes mais apreciadas da educação, principalmente do bello sexo, o conhecimento da lingua italiana é indispensavel, se se quer que a mocidade chegue a cantar bem, dando ao canto a expressão conveniente, para o que, a primeira condição é o entender, e saber o que se diz quando se canta.

Persuadidos desta conveniencia e necessidade, ha muito nos lembráramos tentar alguns esforços afim de concorrermos da nossa parte para promovermos o estudo da lingua do paiz em que nos ufanamos de haver nascido, e despertarmos alguma paixão por ella, restaurando assim o antigo consorcio das duas linguas infelizmente divorciadas por novos amores com outras. Porém muitas vezes esmorecemos á vista das nossas forças, e da difficuldade summa de tarefa semelhante. A noticia do fausto consorcio do Monarcha Brazileiro com uma Princeza da Italia, veio avivar-nos essa idéa e esse desejo, de tal maneira, que não podemos resistir á presença de uma opportunidade mui bella, que se nos antolhou, cheia de faustos e lisongeiros presagios.

Resolvidos á pômos mão á obra, pensamos que, afim de

chamarmos os animos para o estudo da lingua de Dante, Petrarca, Ariosto, Tasso, Metastasio e outros. e despertar paixão consideravel por ella no publico dos leitores. mais do que quaesquer convites e conselhos, efficaz seria o expediente de offerecer-lhes alguns dos trechos mais bellos dos melhores poetas italianos, facilitando-lhes a intelligencia delles, mediante uma versão analoga, fiel e homeometrica, que para o idioma portuguez fizesse passar essas producçõ s com o mesmo genio e caracter que ellas tem no original. Tanto mais boa e esperançosa pareceu-nos esta idéa, quanto mui gloriosa e lisongeira era ao mesmo tempo para a lingua e litteratura do nosso paiz natal, e para a daquelle em que vivemos, e da sua antiga mãi patria. Se honroso era para aquellas o haver produzido bellezas poeticas mui dignas, menos de certo, o não seria para estes o havê-las reproduzi-lo com o mesmo caracter e dignidade. Assim, quando nossas forças nos houvessem ajudado, espalhando mais o brilho daquellas, dariamos a estes todo o triumpho, e causa ganha com provas de facto contra a errada e injusta opinião das pessoas que, mal informadas e bem não conhecendo as bellezas e grandes recursos da lingua dos Portuguezes, costumão medi-la e julga la pela bitola da idéa que hoje se faz desse povo, por ter elle decahido daquelle gráo de importancia e influencia politica que já teve em outros tempos; decadencia que, longe de levar os sabios prudentes e reflectidos a julgar tão de leve do idioma dessa nação, deveria recordar-lhes essa antiga grandeza e suscitar-lhes a reflexão bem obvia e natural, que um povo que já teve tão extensas relações commerciaes e politicas, e tanta parte nos progressos da civilisação moderna,

á qual abrio e preparou com suas descobertas geographicas e gloriosas conquistas, não podia deixar de possuir uma grande e rica lingua; se verdadeiro é o principio, que as linguas andão a par da civilisação e são uma pintura do estado della entre as nações. Pareceu-nos tambem que a demonstração desta verdade, e a prova della mais convincente era mui facil e quasi mathematica, demonstrando-se a semelhança e quasi igualdade perfeita desta lingua com outra das modernas da Europa, á qual ninguem contesta o titulo de bella, e uma das melhores que tem sido falladas e escriptas por nações civilizadas. Pareceu-nos finalmente que uma tal demonstração util e honrosa para ambas as linguas, convidaria reciprocamente os dous povos que as fallão, e os estranhos que conhecem e prezão a uma dellas, ao estudo de ambas, e dirigiria para um novo caminho os estudos da mocidade talentosa, que por toda parte sedenta de instrucção e de progresso, para produzir cousas grandes, só precisa de ser bem dirigida.

Eis a origem deste nosso — RAMALHETE POETICO DO PARNASO ITALIANO —, que damos á luz sob os altos auspicios dos Augustos Noivos, aos quaes juntamente com as pessoas que, como subscriptores, concorrêrão para a sua impressão, humilde e respeitosamente o offerecemos como um pequeno brinde nupcial, symbolo de sincera felicitação e homenagem para com elles, e de uma generosa e sublime sympathia para com as letras, e o seu progresso neste paiz; julgando ser este um dos melhores meios de solemnizar tão fausto successo. e de perpetuar a memoria delle com um monumento, que mais alguma cousa tenha em si que materia e que fitos vulgares.

Nossa tenção era dissertarmos aqui extensamente, fazendo um paralello minucioso das duas linguas; porém o tempo e o espaço nos vão faltando, e obrigão nos a reservar esse trabalho para outra occasião em que nos propomos dar á luz outro volume, contendo nova collecção de trechos de outros insignes poetas italianos, e principalmente dos epicos jocosos e dos romanticos modernos, que não podemos inserir no presente, e cuja falta não deve aqui ser estranhada, por isso que não é proprio de um ramalhete o conter todas as flores de um grande jardim, nem exemplares de todas as especies que nelle ha, nem todas as melhores destas, e sim sómente algumas que ficão mais á mão de quem as colhe.

Passaremos pois a dizer algumas palavras sobre o plano da nossa versão, e os principios que nella nos guiárão.

Persuadidos de que uma versão é como a copia de um quadro, e de que a copia melhor e mais perfeita deste é a que não só o desenho, mas as sombras, cores, estylo e graça do original reproduz sobre outra superficie; geral e constante cuidado nosso foi sempre nas versões que fizemos, o fazermos passar para cada qual dellas, ou todos ou o maior numero de elementos de belleza, que distinguião o original, e sobre tudo os mais salientes, e que constituião o seu caracter principal; alvo a que sempre deve dirigir-se a mira de todo bom traductor.

Não nos cingimos portanto ao costume geral, e erradamente seguido pelos traductores, que, persuadidos de que os pensamentos constituem a parte essencial em todas as obras escriptas, só delles se occupão e contentes ficão, e crem terem bem vertido, quando fiel e exactamente

reproduzirão em outra lingua todas as idéas do autor; sem attenderem que nas obras litterrias, e principalmente poeticas, das quaes tem de julgar o gosto, os pensamentos, tão longe estão de constituirem de per si só a parte essencial da obra, como os principios chimicos, e as particulas materiaes, que compõe as folhas de uma rosa, o estão de constituirem de per si só a belleza della, a qual toda mais consiste na disposição harmoniosa das mesmas, do que na sua qualidade, e que em pouca e vil humidade se resolve machucadas que sejão ellas pelo mais pequeno attrito, que alterere essa disposição e harmonia de particulas, de que resulta o lindo matiz, que tão agradaveis as torna aos nossos olhos. As versões que só trasladão os pensamentos são para nós meras copias de desenho, sem sombras, sem côres, sem graça e estylo proprio dos autores. E quando o merito principal destes consiste nessas sombras, nesse colorido, nessa graça e estylo peculiar, qual será o merito da versão que, tendo sómente reproduzido os pensamentos, só tiver trasladado o que no original havia de menos essencial e menos apreciavel ?

Tambem não seguimos rigorosamente o preceito dos que aconselhão que se vertão os pensamentos do autor escrevendo na lingua em que se verte como se se compozesse uma obra nessa mesma lingua. Este preceito é bom e razoavel até certo ponto, mas errado se se entender em um sentido mui lato e absoluto; e em lugar de dar a qualquer paiz a obra de outro, não lhe dará á final senão uma obra nacional. Para pôr em pratica este preceito é preciso primeiramente suppôr que o traductor está revestido de todas as faculdades e tenções do autor do original, e disposto a fazer

na sua lingua natal o que este fez na sua propria. Então sim elle poderá verter bem esse autor, porque elle escreverá por exemplo em portuguez como este escreveu em italiano. Mas se elle se propozer sómente a escrever na sua versão como outro qualquer portuguez escreveria sómente com os termos, phrases e expressões geralmente seguidas e adoptadas, sem nunca afastar-se dellas; esse traductor fará uma versão miseravel e vulgar como a lingua de que se servio. E com effeito como elle poderá assim verter um autor que, como Dante e Milton, na sua propria lingua sahio da senda commum, inventou termos e expressões que lhe são proprias, e que só podem ser vertidas, seguindo se o mesmo systema de excentricidade no idioma que estes seguirão no proprio? Se quizer sahir-se bem da sua empreza, ser lhe-ha preciso fazer o mesmo que fez o autor original na sua lingua; recorrer, não aos diccionarios e ás grammaticas vulgares da lingua do seu paiz, mas ao fundo, ao genio desta e á grammatica logico-philosophica de todas as linguas; fará o mesmo que fez Cesarotti na sua versão de Ossian, e Chateaubriand na sua de Milton: não se cingirá aos termos adoptados; inventará, admittirá outros com que possa expressar o pensamento do seu autor, e sempre cuidará em fazer isso com gosto e attenção para o genio da lingua em que verter, fazendo sempre sahir do fundo desta ou de outra das que mais se lhe chegão tudo quanto inventar e admittir de novo; dará a tudo um caracter e torneamento proprio da lingua em que verter, e deixará depois ladrar a sua vontade a matilha dos rigoristas, grammatiqueiros e pedantes, que nunca produzirão uma obra de genio, e que com uma mal entendida castidade de

lingua esterilizão a es'a e ao mesmo genio, ao qual não servem senão de pêa e trambolho.

Do que acabamos de dizer, claro fica que o nosso systema de verter é ser sim fieis quanto é possivel aos pensamentos do autor, mas não o ser sómente a elles, nem tanto que a fidelidade seja escravidão; e dar á versão o mesmo caracter que tem o original, attendendo sempre ao que é mais saliente, e diligenciando comprehender nella o maior numero de elementos de belleza que este apresenta. Fica tambem patente, que inimigos de innovações que corrompem, e falseão o genio e o fundo da lingua, não somos rigoristas que se opponhão ao progresso, augmento e locupletação da mesma; antes neste caso os queremos, apreciamos, e seguimos, sobre tudo quando bem dirigidos, e regulados por esse sentimento especial indefinivel, ao qual chama-se gosto, que vê, conhece, e julga ao bello e ao bom apenas os vê e sente; sentimento que a natureza e certa educação litteraria especial só podem dar, e que nunca se achará em grammatica ou diccionario algum. Estamos dispostos a admittir e empregar todas as innovações, quando dellas resulta graça, vantagem e belleza, persuadidos de que os termos e as expressões de quaesquer linguas, e todas as syllabas radicaes e modificativas dellas, não são senão numerosos e variados materiaes de colorido, que na mão habil de um artista judicioso podem soffrer differentes empastes, com tanto que delles resulte esse tom e harmonia de côres que encantaão ao olho sem offendê-lo. Se nos declaramos contra a nimia e quasi exclusiva influencia corruptora da lingua franceza, é porque esta com o seu genio todo differente do que é proprio

da portugueza, assolapa a este e tende a destrui-lo, o que não acontece a respeito da lingua italiana, a qual ao contrario tende a mais desenvolvê-lo, e torna lo saliente, em razão da indole essencial das duas linguas, filhas da natureza, e da imitação desta, e não de methodos immaginados, e estabelecidos pela arte, como são os que regulão a franceza, escravisada pelo rigor de preceitos e methodos escolasticos quasi invariaveis.

Levados por estes principios, não só admittimos na nossa versão varios termos inteiramente novos, mas tambem alguns antiquados e obsoletos, que nos parecêrão bons, expressivos e aproveitaveis, e mal e indevidamente olvidados pela ignorancia e pela mediocridade ou pela negligencia.

A lingua dos sabios e sobretudo a dos poetas, como já sustentavão e fizerão ver Monti, Cesarotti e outros nunca foi, e nunca será a lingua vulgar; e a moda e o costume que tanto valem a respeito desta, não tem para ella força alguma, quando a necessidade e a vantagem chamão o escriptor para um caminho novo, aonde o gosto e a belleza se não recusem a acompanha-lo.

Antes de concluir esta nossa prefação, julgamos necessario declarar, que todo o trabalho, que hoje apresentamos neste nosso Ramalhete, é posterior á noticia do feliz consorcio de SS. MM. II., a excepção das anacreonticas de Frugoni e Chiabrera e da — Belleza do Universo — de Monti. Todas as outras peças são filhas da idéa e actividade despertada por essa noticia. Rogamos pois aos nossos leitores, que attendendo á brevidade do tempo que tivemos para aprومptar este trabalho para a épo-

ca do consorcio de SS. MM. I I., nos relevem algumas imperfeições, que possão ter escapado, tanto na versão e composição da obra, como na sua execução typographica. Nós apresentamos este trabalho sómente como um signal de boa vontade; como um ensaio dirigido convidar para o nosso caminho melhores talentos, e não como producção bem elaborada, e diligentemente limada pelas revisões e pelo tempo.

Todas as criticas rasoaveis e sem fel, que unicamente dictadas por espirito litterario nos forem dirigidas, as aceitaremos, e aproveitaremos de mui bom grado para quaesquer correcções, que no futuro talvez nós mesmos façamos em outra edição; pois mui alheios estamos de nos julgar infalliveis, suppondo que nunca tenhamos errado, e que tudo o que apresentamos sejão perolas e diamantes. Altos desejos nos levão, sim para a perfeição, mas conhecemos a fraqueza e pouca extensão das nossas azas. Não aspiramos ao titulo de litterato, nem tal podemos ser no meio das occupações continuadas da nossa profissão, que tanto tempo nos tomão; somos simplesmente um fraco, mas sincero amador das bellas letras, e sobretudo da poesia, e com ellas nos recreamos nas poucas horas vagas que nos ficão dos secos e pesados estudos que exije a arte medica, como outr'ora o fizerão com juizo e com successo Haller, Darwin, Armstrong, Fracastoro, Redi, Pignotti, Rasori e outros insignes medicos, lembrados de que o Deos da Medicina era filho do Deos das Musas.

DANTE.

PRÓTASI DELLA DIVINA COMEDIA,

E DELL' INFERNO.

Nel mezzo del cammin di nostra vita
Mi ritrovái per una selva oscura,
Che la diritta via era smarrita.

Ahi quanto a dir qual era è cosa dura
Questa selva selvaggia, ed aspra, e forte,
Che nel pensiér rinnova la paura!

Tanto è amara, che poco è più morte:
Ma per trattar del ben ch' ivi trovai,
Dirò dell' altre cose ch' io v'ho scorte.

I' non so ben ridir com' io v' entrai,
Tant' era pien di sonno in su quel punto
Che la verace via abbandonai.

Ma po' ch' io fui al piè d'un colle giunto,
Là dove terminava quella valle,
Che m' avéa di paura il cor compunto;

DANTE.

PRÓTASE DA DIVINA COMEDIA,

E DO INFERNO.

No meio do correr da nossa vida (1)
Me achei andando em uma selva escura,
Pois a estrada direita ia perdida.

Dizer qual era, ai quanto é cousa dura,
Esta selva bravia, aspera e forte,
Que inda na mente o susto me figura!

Tanto custa, que pouco mais é a morte;
Mas, tratando do bem que nella achei,
Direi quanto vi nella de outra sorte.

Eu bem não sei dizer como hi entrei,
Tanto de somno eu 'stava recheado,
Quando a não falsa via abandonei.

Mas quando ao pé de um morro eu fui chegado,
Onde acabava o valle, que de espanto
Me havia o coração compenetrado;

Guardài in alto, e vidi le sue spalle (a)
Vestite già de' raggi del Pianeta
Che mena dritto altrui per ogni calle.

Allor fu la paura un poco queta,
Che nel lago del cor m' era durata
La notte, ch' i' passài con tanta piéta.

E come quei, che con lena affannata
Uscito fuor del pélago alla riva,
Si volge all' acqua perigliosa, e guata:

Così l'animo mio che ancor fuggiva
Si volse indietro a rimirar lo passo
Che non lasció giammai persona viva.

Poi ch' ebbi riposato il corpo lasso,
Ripresi via per la piaggia diserta,
Sì che 'l piè fermo sempre era 'l più basso.

Ed ecco, quasi al cominciar dell' erta,
Una lonza leggiera e presta molto,
Che di pel maculato era coperta:

E non mi si partia dinanzi al volto;
Anzi impediva tanto 'l mio cammino
Ch' io fui per ritornar più volte volto.

Tempo era dal principio del mattino,
E' l sol montava in sù con quelle stelle
Ch' éran con lui, quando l'Amór divino

Mosse da prima quelle cose belle;
Sì ch' a bene sperár m' era cagione
Di quella fera la gajetta pelle,

Olhei ao alto, e vi seu dorso em manto (b)
De raios do planeta, que direito
Conduz o viajante em qualquer canto.

Então um pouco socegou meu peito
Do susto, que o allagara, e que durado, (c)
Tinha, na noite em que eu me vira estreito.

E como quem com alento anciado
Do pélago sahindo para a riva,
Volve-se, e olha a onda em que ha p'rigado:

Assim minha coragem fugitiva
Virou-se para traz, a ver o passo,
Que jámais não deixou pessoa viva. (2)

Tendo já descansado o corpo lasso,
Segui caminho na plaga deserta,
Tal que o pé firme mais pujava escasso. (3).

Mal eu ia subindo, eis uma esperta
Onça veloz vir para mim ligeira, (4)
E de pello manchado era coberta.

Ella me não sahia da dianteira ;
Antes tanto o caminho me impedia,
Que, as vezes, de voltar busquei maneira.

Começava a manhã, e o sol subia
Para o horizonte com essas estrellas, (5)
Que se achavão na sua companhia,

Quando o Amor divo a essas cousas bellas
Deu moto; e a sperar bem davão razão
Da fera a pelle bonitinha, e aquellas

L' ora del tempo, e la dolce stagione:
Ma non sì, che paura non mi desse
La vista, che m'apparve, d'un Leone.

Questi paréa che contra me venesse
Con la test' alta e con rabbiosa fame,
Sì che paréa che l'áer ne temesse:

Ed una lupa, che di tutte brame
Sembiava carca nella sua magrezza,
E molte genti fe' già viver grame.

Questa mi porse tanto di gravezza
Con la paüra ch' uscia di sua vista,
Ch' i' perdéi la speranza dell' altezza.

E quale è quéi che volontieri acquista,
E giugne 'l tempo, che pérder lo face,
Che in tutt' i suoi pensiér piange e s'attrista;

Tal mi fece la bestia senza pace,
Che venendomi incontro, a poco a poco
Mi ripingeva là dove il sol tace.

Mentre ch' i' rovinava in basso loco,
Dinanzi agli occhi mi si fù offerto
Chi per lungo silenzio paréa fioco.

Quando vidi costúi nel gran diserto:
Miserere di me, gridái a lui,
Qual che tu sii, od ombra, od uomo certo.

Rispósemi: Non uom, uomo già fui
E gli parenti miei furon Lombardi,
E Mantovani per patria amendui.

Horas do tempo, a amavel estação;
Mas não tanto, que susto me não désse,
Em vista apparecendo-me, um leão. (6)

Contra mim parecia que viesse
Este co' a cabeça alta, e fome irosa,
Tal que o ar parecia se temesse:

E uma loba de tudo desejosa, (7)
Como a sua magreza o inculcava,
Que definhara gente numerosa.

Esta pezar tão grande me causava,
C'o terror, que dos olhos lhe sahia,
Que ao cume eu já subir não esperava.

E como quem adquire em alegria,
E chega o tempo, que perder o faz,
E chora cheio de melancolia;

Tal fez-me esse animal, que não tem paz,
O qual, vindo-me contra a pouco e pouco
Lá me empurrava aonde sol não faz. (8)

Em quanto ia eu cahindo em lugar ouco, (9)
Diante dos olhos se me offereceu
Quem por longo silencio estava rouco.

Quando no grão deserto ao tal vi eu,
Ai, lhe bradei, de mim tenhas piedade,
Por quem és, homem vivo, ou que morreu.

Respondeu-me: Homem não, em outra idade
Homem fui, e meus pais da Lombardia
Forão, ambos de Mantua da cidade.

Nacqui *sub Julio*, ancor che fosse tardi,
E vissi a Roma sotto il buono Augusto,
Al te mpodegli Dei falsi e bugiardi.

Poeta fui e cantài di quel giusto
Figliuól d'Anchise, che venne da Troja,
Poi chè 'l superbo Ilión fu combusto.

Ma tu perchè ritorni a tanta noja?
Perchè non sali il dilettoso monte
Ch' è principio e cagión di tutta gioja?

Or sé tu quel Virgilio e quella fonte
Che spande di parlár si largo fiume?
Risposi lui con vergognosa fronte.

O degli altri poëti onore e lume
Vágliami il lungo studio e il grande amore
Che m'han fatto cercár lo tuo volume,

Tu se' lo mio maëstro e il mio autore:
Tu sé solo colúi da cu' io tolsi
Lo bello stile, che m'ha fatto onore,

Vedi la bestia per cu' io mi volsi:
Ajútami da lei famoso saggio,
Ch' ella mi fa tremár le vene e i polsi.

A te conviėn tenére altro viaggio,
Rispose, poi che lagrimar mi vide,
Se vuoi campar d'esto loco selvaggio:

Che questa bestia, per la qual tu gride,
Non lascia altrui passar per la sua via,
Ma tanto lo impedisce che l'uccide;

Nasci *sub Julio*, inda que em tardo dia, (10)
Vivi em Roma sob o bom Augusto
Quando deoses falsissimos havia. (11)

Poeta fui, e cantei esse justo
Filho de Anchises, que de Troia veio (12)
Depois de o soberbo Ilio estar combusto.

Mas porque tornas a lugar tão feio,
Porque não sóbes o aprazivel monte
Principio e causa do prazer mais cheio?

Ora tu és Virgilio, e aquella fonte
Que verte de eloquencia um largo flume?
Lhe respondi com vergonhosa fronte:

O' dos outros poetas honra e lume,
Valha-me o longo estudo e o grande amor,
Que me hão feito buscar o teu volume.

Ah! tu és o meu mestre e o meu autor;
És aquelle, tu só, de quem tirei
O bello estylo, que me ha feito honor. (d)

Olha a fera, por quem eu me virei;
Della me ampara, tu, sabio famoso,
Que ella faz-me tremer quanto orgão hei. (e)

Seguires outra viagem é forçoso,
(Respondeu, quando vio que eu lagrimava)
Para escapar deste lugar selvoso:

Pois essa, por quem gritas, fera brava
Ninguem deixa passar por sua estrada
E o mata tal obstaculo lhe trava.

Ed ha natura si malvagia e ria,
Che mai non empie la bramosa voglia,
E dopo' l pasto ha più fame che pria.

Molti son gli animali a cui s'ammoglia,
E più saranno ancora, infin che 'l veltro
Verrà, che la farà morir di doglia.

Questi non ciberà terra nè peltro,
Ma sapïenza e amore e virtute,
E sua nazión sarà tra Feltro e Feltro.

Di quell' umile Italia fia salute
Per cui morì la vérgine Camilla,
Eurialo e Turno e Niso di ferute:

Questi la caccerà per ogni villa,
Finche l'avrà rimessa nell' inferno,
Là onde invidia prima dipartilla.

Ond' io per lo tuo me' penso e discerno
Che tu mi segui, ed io sarò tua guida,
E trarotti di qui per luogo etérno,

Ov' udirài le disperate strida,
Vedrài gli antichi spiriti dolenti,
Che la seconda morte ciascún grida;

E poi vedrài colór che son contenti
Nel foco, perchè spéran di venire,
Quando che sia, alle beate genti.

Alle qua' poi se tu vorrài salire
Ánima fia à ciò di me più degna:
Con lei ti lascerò nel mio partire.

Tem indole tão má e tão damnada,
Que nunca farta a gana desejosa,
E após do pasto tem fome dobrada.

Muitas as feras são com quem se esposa, (13)
E mais inda serão té o vindouro
Galgo, que a matará de desgostosa. (14)

Pastar-se-ha este, não de terra ou de ouro,
Mas de virtude, de saber e amor,
E entre Feltros será seu nascedouro. (15)

Será da humilde Italia o salvador
Por quem de golpes a virgem Camilla (16)
Morreu, e Turno, Eurialo e o seu amor. (17)

Este em toda cidade ha de expelli-la,
Té que a tenha outra vez posto no inferno,
Donde a inveja ido tinha conduzi-la.

Penso pois p'ra teu bem, como o discerno,
Que tu me sigas, e eu serei teu guia
E levar-te-hei de cá por sitio eterno,

Onde ouvirás damnada gritaria,
Verás antigos spiritos gementes,
Pois a segunda morte os agonia. (18)

E aquelles tu verás, que estão contentes (19)
Dentro do fogo, porque esperão ir,
Quando fôr seja, entre as ditosas gentes; (20)

Ás quaes quando depois queiras subir,
Alma haverá para esse fim mais dina (21)
Co' a qual te deixarei no meu partir.

Che quello 'mperadór che lassù regna,
Perch' io fui ribellante alla sua legge,
Non vuol che in sua città per me si vegna.

In tutte parti impera, e quivi regge;
Quivi è la sua cittade, e l'alto seggio:
Oh felice colui cu' ivi elegge!

Ed io à lui: Poéta, i' ti richieggio,
Per quello Iddio che tu non conoscesti,
Acciócch' io fugga questo male e peggio,

Che tu mi meni là dov' or dicesti
Si ch' i' vegga la porta di San Pietro,
E colór che tu fai cotanto mesti.
Allór si mosse, ed io gli tenni dietro.

(DANTE. — INFERNO, Canto I.)

Pois esse Imperador que, ali domina,
Porque eu á sua lei fui rebellante, (22)
Que eu não entre em sua côrte determina.

Em toda parte impéra; è ali reinante,
Sua côrte ali 'stá e o alto assento:
Feliz o a quem escolhe esse imperante!

Pelo Deos de não teu conhecimento, (23)
Tornei-lhe, oh vate, vale a quem te implora,
P'ra eu fugir deste e de peior tormento, (g)

Leva-me lá onde disseste agora,
Tal que eu veja S. Pedro a porta abrindo, (24)
E a gente, que, me dizes, tanto chora. (25)
Então marchou, e eu lhe fui seguindo.

(DANTE. — INFERNO, Canto I.)

ENTRATA DELL' INFERNO.

Per me si va nella città dolente,
Per me si va nell' eterno dolore,
Per me si va tra la perduta gente.

Giustizia mosse 'l mio alto fattore:
Fècemi la divina potestate,
La somma sapïenza, e 'l primo Amore.

Dinanzi a me non fur cose create,
Se non eterne, ed io eterna duro:
Lasciate ogni speranza voi che entrate.

Queste parole di colore oscuro
Vid' io scritte al sommo d'una porta,
Perch' io: Maestro, il senso lor m'è duro

Ed egli a me, come persona accorta:
Quì si conviên lasciare ogni sospetto;
Ogni viltà conviên che qui sia morta.

ENTRADA DO INFERNO.

Por mim se vai na cidade gemente, (26)
Por mim se vai na sempiterna dôr,
Por mim se vai entre a perdida gente.

Moveu justiça ao meu alto feitor:
Fizerão-me a divina potestade,
A summa sapiencia, o primo Amor.

Antes de mim, se não da eternidade,
Cousa se não creou, e eterna eu duro:
Toda esperança vós que entrais deixade.

Palavras taes de um colorido escuro
Escriptas vi no alto de uma porta,
E disse: Mestre, o seu sentido é duro: (27)

Como sagaz pessoa este me exhorta:
Todo temor ha de aqui ser proscripto,
Toda a vileza aqui deve estar morta. (28)

Noi sem venuti al luogo ov' io t'ho detto
Che vederài le genti dolorose,
Ch' hanno perduto il ben dell' intelletto.

E poichè la sua mano alla mia pose,
Con lietto volto, ond' io mi confortai,
Mi mise dentro alle segrete cose.

Quivi sospiri, pianti, ed alti guai
Risonávan per l'áer senza stelle,
Perch' io al cominciár ne lagrimai.

Diverse lingue, orribili favelle,
Parole di dolore, accenti d'ira,
Voci alte e fioche, e suon di man con elle,

Facévano un tumulto, il qual s'aggira
Sempre in quell' aria senza tempo tinta,
Come l' arena, quando il turbo spira.

Ed io, ch' avéa d'error la testa cinta,
Disse: Maestro, chè è quel ch' i' odo?
E che gent' é che par nel duol si vinta?

Ed egli a me: Questo misero modo
Tengon l'ánime triste di coloro,
Che visser senza infamia e senza lodo.

Mischiate sono a quel cattivo coro
Dègli ángeli, che non fúron ribelli,
Nè fur' fedeli a Dio, ma per sè foro.

Caccianli i Ciel' per non ésser men belli;
Nè lo profundo Inferno gli riceve,
Ch' alcuna gloria i rei avrebber d'elli.

Chegamos ao lugar em que te hei dito
Que tu verás as almas dolorosas,
Que perdêrão o bem, que da alma é fito. (29)

E quando elle, com faces jubilosas,
Me deu a mão, com meu conforto e gosto,
Me introduzio nas plagas tenebrosas.

Ahi suspiros, pranto, alto desgosto
Resoavão pela aura sem estrellas,
E tive logo as lagrimas no rosto.

Diversas linguas, horridas loquellas, (30)
Palavras de afflicção, accentos d'ira,
Ronquidos, gritas, som de mãos com ellas, (31)

Fazião um tumulto, que ali gira
Sempre nessa aura sem cessar tingida,
Qual pó, que o vento em turbilhões revira.

E eu, com a cabeça já aturdida, (32)
Disse: Mestre, o que é que estou escutando?
Que gente é esta tão da dôr vencida? (33)

Tornou-me elle: Este estado miserando
As tristes almas tem desses, que a vida
Sem infamia e louvor forão passando.

Mixtas estão co'a corja fementida
De anjos, que nem fieis, nem revoltosos
Forão a Deos, comsigo só mettida. (34)

Os Ceos a expellem candor ciosos, (35)
Nem a recebe o bárathro abysmado,
Pois disso os réos ficáram gloriosos. (36)

Ed io: Maestro, che è tanto greve
A lor, che lamentar gli fa sì forte?
Rispose: Dicerolti molto breve.

Questi non hanno speranza di morte;
E la lor cieca vita è tanto bassa,
Che' invidiosi son d'ogni altra sorte.

Fama di loro il mondo èsser non lassa:
Misericordia e Giustizia gli sdegna:
Non ragioniàm di lor, ma guarda, e passa.

Ed io, che riguardài, vidi una insegna,
Che girando correva tanto ratta,
Che d'ogni posa mi pareva indegna.

E dietro le venia sì lunga tratta
Di gente, ch' i' non avréi mai creduto
Che morte tanta n'avesse disfatta.

Poscia ch' io v'ebbi alcùn riconosciuto,
Guardài, e vidi l'ombra di colùi
Che fece, per viltate, il gran rifiuto.

Incontanente intesi e certo fui
Che quest' era la setta de' cattivi
A Dio spiacenti, ed a' nemici sui.

Questi sciaurati, che mai non fur vivi,
Érano ignudi, e stimolati molto
Da mosconi e da vespe ch' éran ivi.

Elle rigàvan lor di sangue il volto,
Che mischiato di lagrime a' lor piedi
Da fastidiosi vermi era ricolto.

Disse eu: Mestre, o que tanto é-lhes pesado
Que os faz de um modo lamentar tão fórte?
Tornou-me: Eu t'o direi muito abreviado.

Estes não tem esperança de morte; (37)
Seu viver cego a tal desprezo é entregue,
Que elles invejão qualquer outra sorte. (38)

Não deixa o mundo a nós seu nome chegue, (39)
Desdenha-os a justiça e a piedade: (40)
Não fallemos dos taes; mas olha e segue.

E eu, que olhei, com tal celeridade
Vi uma insignia em roda andar voando,
Que lhe não vi de pausa faculdade:

E atraz lhe vinha tão comprido bando
De gente, que eu jámais tivera crido
Que tanta a morte andára exterminando.

Após de nella alguem ter conhecido,
Olhei, e a sombra apercebi daquelle (41)
Que a gram renuncia fez de envilecido.

Logo entendi, e me acertei que a rele (42)
Seita ella era dos taes a Deos esquivos,
E a toda a gente, que inimiga é delle. (43)

Taes miseros, que nunca forão vivos, (44)
Estavão nús, e muito aguilhoados
Por bespas e tavões lá effectivos. (45)

Estes os rostos punhão-lhes regados
De sangue, que a seus pés, mixto com pranto,
Colhião feios vermes detestados.

E poi, ch' a riguardare oltre mi diedi,
Vidi genti alla riva d'un gran fiume,
Perch' io dissi: Maestro, or mi concedi

Ch' io sappia quali sono, e qual costume
Le fa di trapassar parér si pronte,
Com' io discerno per lo fioco lume.

Ed egli a me: Le cose ti fien conte
Quando noi fermeremo i nostri passi
Sulla trista riviera d'Acheronte.

Allór con gli occhi vergognosi e bassi,
Temendo che 'l mio dir gli fosse grave,
Infino al fiume di parlar mi trassi.

Ed ecco verso noi venir per nave,
Un vecchio bianco per antico pelo,
Gridando: Guai a voi, anime prave:

Non isperate mai veder lo Cielo:
I' vegno per menarvi all' altra riva
Nelle ténebre eterne, in caldo e in gelo;

E tu che se' costì, ánima viva,
Pártiti da cotesti che son morti.
Ma poi ch' ei vide ch i' non mi partiva,

Disse: Per altre vie, per altri porti
Verrái a piaggia, non qui, per passare:
Più lieve legno conviên che ti porti.

E'l duca a lui: Carón, non ti crucciare:
Vuolsi così colà dove si puote
Ciò che si vuole; e più non dimandare.

E tendo olhado mais ao longe hum tanto,
Vi gente ás margens de um immenso rio,
E disse: Mestre, deixa, por emquanto,

Que eu dellas saiba, e neste corrupio
Que razão as faz ir tão apressadas,
Como eu diviso pelo ar sombrio.

E elle me disse: as cousas reveladas
Te serão quando d'Acheronte á mesta
Margem alto farão nossas passadas.

Então, com baixa e envergonhada testa,
Calei-me até o rio, receiando
Que a minha falla fosse-lhe molesta:

Eis para nós chegar-se navegando
Um velho branco por antigo pello,
Gritando: estás perdido iniquo bando.

O céo, máos, nunca mais espereis vê-lo;
Eu venho vos levar para outra banda,
Nas trevas eternaes em fogo e gelo.

E tu, alma vivente que aqui anda,
Safa-te desta gente já finada.
Mas ao ver que meu pé mais não desanda: (46)

Por outros portos disse, e outra estrada
Passagem pedirás, não por tal via:
Mais leve lenho que te dê barcada. (47)

Não te agastes Charon, disse o meu guia,
Assim se quer onde se póde tudo (48)
Quanto se quer, e inquirições arria. (49)

Quinci fur quete le lanose gote
Al nocchiér della livida palude,
Che intorno agli occhi avea di fiamme rote.

Ma quell' ánime ch' eran lasse e nude,
Cangiár colore, e dibattéro i denti,
Ratto che intéser le parole crude.

Bestemmiávano Iddio e i lor parenti,
L'umana spezie, il luogo, il tempo, e 'l seme
Di lor semenza e di lor nascimenti.

Poi si ritrásser tutte quante insieme,
Forte piangendo, alla riva malvagia,
Che attende ciascún uom che Dio non teme.

Caron dimonio, con occhi di bragia,
Loro accennando tutte le raccoglie:
Batte col remo qualunque s'adagia.

Come d'autunno si lévan le foglie
L'una appresso dell' altra, infin che 'l ramo
Rende alla terra tutte le sue spoglie;

Similemente il mal seme d'Adamo,
Gittansi di quel lito ad una ad una
Per cenni, come augel per suo richiamo.

Cosi sen vanno su per l'onda bruna;
Ed avanti che sien di là discese,
Anche di quà nuova schiera s'aduna.

Figliuól mio, disse il maestro cortese,
Quelli che muójon nell' ira di Dio
Tutti convéngon qui d'ogni paese:

Socegou o semblante cabelludo
Do arrais do escuro lago, que das suas
Pestanas dardejava um fogo agudo. (50)

Mas essas almas já cansadas, nuas,
De côr mudarão debatendo os dentes,
Logo que ouvirão as palavras cruas.

Maldizião a Deos, a seus parentes,
A humana especie, o lugar e o instante
Em que nascêrão, e aos seus ascendentes. (51)

Todas, chorando forte, ellas avante
Á iniqua margem se chegárão logo,
Que espera a quem de Deos é desprezante.

Charon demonio com olhos de fogo, (52)
Vai recolhendo a todas acenando,
E dá c'o o remo na que toma logo. (53)

Como no outono vão se despegando, (54)
Uma após outra, as folhas té que o ramo
Todo o seu manto á terra vai tornando;

Do mesmo modo a raça má de Ádamo, (55)
Vão-se uma a uma da praia lançando
Por acenos, qual ave por reclamo.

Pela onda escura vão assim andando,
E, antes do seu descer do outro lado,
Ajunta-se de cá um novo bando.

Meu filho, disse o Mestre com bom grado,
Todos aqui vem ter de qualquer terra,
Quaesquer que morrem sob divino enfado. (56)

E pronti sono al trapassár del rio;
Che la divina giustizia gli sprona,
Si che la tema si volge in disio.

Quinci non passa mai ánima buona:
E però se Caron di te si lagna,
Ben puoi saper omái che il suo dir suona.

Finito questo, la buja campagna
Tremò si forte, che dello spavento
La mente di sudore ancór mi bagna.

La terra lagrimosa diede vento,
Che balenò una luce vermiglia,
La qual mi vinse ciascún sentimento,
E caddi, come l' uom cui sonno piglia.

(DANTE. — INFERNO, Canto III.)

A não passar o rio nenhum emperra; (57)
Que a justiça divina os aguilhoa,
Tal que em desejo o medo se descerra. (58)

Nunca passa por cá uma alma boa:
E assim, se anda de ti Charon queixoso,
Bem pódes ver o que seu dito soa. (59)

Depois disto esse campo tenebroso
Tremeu tão forte que o meu pensamento
Está, do espanto, inda em suor copioso.

Da terra lagrimosa sahio vento:
De luz vermelha um corisco apparece,
O qual me tira todo o sentimento,
E caio, como o homem que adormece.

(DANTE. — INFERNO, Canto III.)

FRANCESCA DA RIMINI.

Poscia che io ebbi il mio dottore udito
Nomár le donne antiche e i cavalieri,
Pietà mi vinse e fui quasi smarrito.

Io cominciái: Poeta, volentieri
Parlerei a que' duo che insieme vanno,
E pajon sì al vento ésser leggieri.

Ed egli a me: Vedrai quando saranno
Più presso a noi; e tu allór li prega
Per quell' amor che i mena; e quei verranno.

Si tosto como il vento a noi li piega,
Mossi la voce: O ánime affannate,
Venite a noi parlar s'altri nol niega.

Quali colombe dal desio chiamate,
Con l'ali aperte e ferme, al dolce nido,
Vengon per l'áere dal voler portate;

FRANCISCA DE RIMINI.

Depois de eu do meu mestre ter ouvido (60)
Nomear priscas damas, cavalleiros,
Fiquei de compaixão quasi perdido,

E disse: Vate, aos dous, que companheiros
Andando vão, fallar um pouco almejo,
Aos que ao vento parecem tão ligeiros.

E elle tornou-me: espera pelo ensejo
De os termos perto, e pelo amor que os pega
Supplica-os, e farão o teu desejo.

Logo que o vento para nós os chega,
Eu solto a voz: O' almas magôadas,
Vinde fallar-nos se ninguem o nega.

Quaes do desejo pombas convidadas,
'Stendendo immotas azas, ao querido
Ninho pelo ar são do querer levadas;

Cotali uscir dalla schiera ov'è Dido,
Venendo a noi per l'áere maligno;
Sì forte fù l'affettuoso grido.

O animal grazïoso e benigno,
Che visitando vai per l' áer perso
Noi che tignemmo il mondo di sanguigno,

Se fosse amico il Re dell' universo,
Noi pregheremmo lui per la tua pace,
Da ch' hai pietà del nostro mal perverso.

Di quel ch' udire e che parlár vi piace
Noi udiremo e parleremo a vui,
Mentre che il vento, come fa, si tace.

Siede la terra, dove nata fui,
Su la marina dove il Pò discende,
Per aver pace co' seguaci sui.

Amor, che al cor gentil ratto s'apprende,
Prese costúi della bella persona,
Che mi fu tolta, e 'l modo ancor m'offende.

Amor che a nullo amato amar perdona,
Mi prese del costui piacér sì forte,
Che, come vedi, ancor non m'abbandona.

Amor condusse noi ad una morte:
Caina attende chi vita ci spense:
Queste parole da lor ci fur porte.

Da ch' io intesi quell' ánime offense,
Chinái 'l viso, e tanto il tenni basso,
Finchè il Poeta mi disse: Che pense?

Taes sahírão do bando onde está Dido, (61)
Vindo p'ra nós por esse ar perigoso,
Tanto póde o chamado enternecido.

O' animal benigno e generoso
Que visitas neste ar à culpa adverso,
Nós que o mundo deixamos sanguinoso; (62)

Se nos amasse o Dono do universo,
Lhe pediramos nós a tua paz,
Pois tu tens dôr do nosso mal perverso.

De tudo quanto ouvir fallar vos praz
Fallar-vos-hemos, e prestar ouvido
Emquanto o vento pára, como faz.

Fica, o paiz onde eu tenho nascido,
Á beira-mar, aonde o Pô descende
Para c'os socios seus jazer perdido.

Amor, que logo gentil alma prende,
Este prendeo pela bella pessoa,
Que tirou-se-me, e o modo inda me offende. (63)

Amor, que amar a amados não perdoa, (64)
Deste aos agrados me prendeu tão forte,
Que, como vês, inda comigo voa.

Amor levou-nos ambos a igual morte,
Caina espera a quem tirou taes vidas: (65)
A nós fallárão elles desta sorte.

Logo que ouvi taes almas offendidas,
Baixei os olhos, nem mudei de traço (66)
Até que o vate disse-me: Em que cuidas?

Quando risposi, cominciai: Oh lasso!
Quanti dolci pensièr! quanto disio
Menó costoro al doloroso passo!

Poi mi rivolsi a loro, e parlái io,
E cominciái: Francesca, i tuoi martiri
A lagrimar mi fanno e triste e pio.

Ma dimmi: Al tempo de dòlci sospiri
A che, e come concedette Amore
Che conosceste i dubbiosi desiri?

Ed ella a me: Nessún maggiór dolore
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria; e ciò sa 'l tuo dottore.

Ma se a conóscer la prima radice
Del nostro amór tu hai cotanto affetto,
Faró come colui che piange e dice.

Noi leggevamo un giorno per diletto,
Di Lancilotto, come amór lo strinse:
Soli eravamo e senza alcún sospetto.

Per più fiate gli occhi ci sospinse
Quella lettura, e scolorocci il viso:
Ma solo un punto fù quel che ci vinse.

Quando leggemmo il disiato riso
Esser baciato da cotanto amante;
Questi, che mai da me non fia diviso,

La bocca mi baciò tutto tremante:
Galeotto fù il libro e chi lo scrisse:
Quel giorno più non vi legemmo avante.

Ai, que lembrança! a responder eu passo,
Quantas doces idéas! qual desejo
Estes levou ao doloroso passo! (67)

Para os mesmos depois no meu ensejo, (68)
Assim fallei: Francisca, aos teus tormentos
Triste e piedoso em lagrimas me vejo.

Mas dize: a que, e como nos momentos (69)
Dos suaves suspiros deu o Amor
Conhecerdes occultos sentimentos?

Ella tornou-me: Não ha dôr maior
Do que o lembrar-se do tempo feliz
Em a miseria, e o sabe o teu Mentor. (70)

Mas de saber da primordial raiz (71)
Do nosso amor se tanto estás ardendo,
Eu fallarei como quem chora e diz.

Por prazer, nós um dia iamos lendo (72)
De como a Lançarote amor prendeu: (73)
Stavamos sós e nenhum mal temendo.

Essa leitura os olhos nos moveu,
E o rosto pôz bem vezes descorado;
Mas um instante foi que nos venceu;

Quando lêmos que o riso desejado, (74)
Beijado fôra por tão grande amante,
Este, que nunca deixará meu lado,

Beijou-me a boca todo tremulante:
Foi do livro e do autor esse delicto: (75)
Nesse dia hi não lemos mais adiante.

Mentre che l' uno spirto questo disse,
L'altro piangeva sì, che di pietade
Io venni men così com' io morisse;
E caddi, come corpo morto cade.

(DANTE. — INFERNO, Canto V.)

Emquanto assim fallava aquelle esp'rito,
Chorava o outro, a ponto que eu tocado
Desmaiei, qual da morte no conflicto;
E cahi, como cahe corpo exalmado. (76)

(DANTE. — INFERNO, Canto V.)

MORTE DEL CONTE UGOLINO.

La bocca sollevò dal fiero pasto
Quel peccator, forbéndola a' capelli
Del capo ch' egli avea diretro guasto:

Poi cominciò: Tu vuoi ch' io rinnovelli
Disperato dolor, ché 'l cuor mi preme
Già pur pensando, pria ch' io ne favelli.

Ma se le mie parole èsser den seme,
Che frutti infamia al traditor ch' io rodo,
Parlare e lagrimar vedrài insieme.

Io non so chi tu sie, né per che modo
Venuto se' quaggiù; ma Fiorentino
Mi sembri veramente quand' io t'odo.

Tu dei saper ch' io fui 'l conte Ugolino,
E questi l'Arcivéscovo Ruggieri:
Or ti dirò perch' i' son tal vicino.

MORTE DO CONDE UGOLINO.

A boca levantou do fero pasto (77)
O peccador, limpando-a no cabello
Da cabeça, que atraz já tinha gasto.

E disse: Queres tu que o pezadelo
Renove de huma dôr desesperada,
Que sinto, de o pensar, já sem dizê-lo.

Mas se o que digo é infamia semeada, (78)
Que ao traidor, que aqui róo, vá produzindo, (79)
Falla verás com pranto misturada. (80)

Quem tu sejas não sei, nem como vindo
Tenhas neste lugar, mas Florentino
Me pareces de veras em te ouvindo.

Eu fui, pois saibas, o Conde Ugolino,
E este é Ruggieri o arcebispo; agora
Direi porque aqui estou com este indino.

Che, per l' effetto de' suoi ma' pensieri
Fidándomi di lui, io fossi preso
E poscia morto, dir non è mestieri.

Però quel che non puoi avere inteso,
Cioè, come la morte mia fu cruda,
Udirái, e saprái se m' ha offeso.

Breve pertugio dentro dalla muda,
La qual per me ha il titol della fame,
E in che conviene ancor ch'altri si chiuda,

M' avéa mostrato per lo suo forame
Più lune già, quando feci 'l mal sonno,
Che del futuro mi squarciò il velame.

Questi paréva a me maestro e donno,
Cacciando il lupo e i lupicini al monte
Per che i Pisán vedér Lucca non ponno.

Con cagne magre, studlose, e conte
Gualandi con Sismondi e con Lanfranchi
S'avéa messi dinanzi dalla fronte.

In picciol corso mi paréano stanchi
Lo padre, e figli, e con l'agute sane
Mi paréa lor vedér fender li fianchi.

Quand' io fui desto innanzi la dimane,
Piánger sentii 'fra'l sonno i miei figliuoli,
Ch' éran con meco, e dimandar del pane.

Ben se' crudél se tu già non ti duoli,
Pensando ció che al mio cuor s'annunziava;
E se non piangi, di che piánger suoli?

Que por sua intenção mal pensadora (81)
Fiado nelle preso eu tenha sido
E extincto após, dizê-lo inutil fôra.

Mas o que tu não pódes ter ouvido,
Isto é, como cruel foi minha morte,
Ouvirás, e verás se ha-me offendido.

Breve abertura no edificio forte, (82)
Que por mim é da fome hoje chamado,
E em que hoje encerrão gente de outra sorte,

Pelo seu furo tinha-me mostrado
Já muitas luas quando o fatal somno
Fiz, que o véo do porvir me tem rasgado. (83)

Este homem pareceu-me um mestre, um dono, (84)
Lobo e lobinhos repellindo ao monte,
Que esconde Lucca de Pisa ao colono.

Com vil matilha astuta e nunca insonte, (85)
Os Gualandi, e os Sismondi c'os Lanfrancos (86)
Elle pozera a si diante da fronte. (87)

Filhos e pai, depois de poucos trancos, (88)
Lassos eu via, e de uma féra á mão
Me parecia lhes rasgar os flancos.

Quando ainda acordei na escuridão, (89)
Ouvi no somno os filhos meus chorando,
Pois se achavão comigo, e pedir pão.

Bem és cruel se não tens dó, pensando
Ao que ao meu coração se annunciava,
E, se não choras, de que irás chorando? (90)

Già éran desti, e l'ora s'appressava
Che 'l cibo ne soleva éssere addotto,
E per suo sogno ciascun dubitava.

Ed io sentii chiavar l'uscio di sotto
All' orribile torre; ond' io guardái
Nel viso a' miei figliuói senza far motto.

Io non piangeva si dentro impietrai:
Piangévan elli; ed Anselmuccio mio
Disse: Tu guardi sì! padre: che hai?

Però non lagrimai, nè rispós' io
Tutto quel giorno, né la notte appresso,
Infin che l' altro sol nel mondo uscio.

Come un poco di raggio si fu messo
Nel doloroso cárcere, ed io scorsi
Per quattro visi il mio aspetto stesso;

Ambo le mani per dolór mi morsi:
E quei pensando cb' io 'l fessi per voglia
Di manicar, di súbito levorsi;

E disser: Padre, assai ci fia men doglia
Se tu mangi di noi: tu ne vestisti
Queste misere carni, e tu le spoglia.

Quetámi allor per non farli più tristi:
Quel dì, e l'altro stemmo tutti muti:
Ahi dura terra! perché non t'apristi?

Poscia che fummo al quarto dì venuti,
Gaddo mi si gittó disteso a' piedi,
Dicendo: Padre mio, che non m'ajuti?

Já tinhão acordado, e perto estava
A hora em que o comer se nos trazia,
E por seu sonho cad'um duvidava. (91)

E a porta ouvi fechar, que embaixo havia
Daquella horrivel torre: então olhei
Na cara os filhos, e nada eu dizia.

Eu não chorava, tão dentro empedrei: (92)
Choravão elles; e Anselminho meu
Disse: Que tens meu pai? Que olhar notei!

Não chorei pois, nem resposta dei eu
Em todo o dia, e na noite em seguida,
Té que no mundo o outro sol nasceu.

Quando um pouco de luz ficou mettida
Na prisão triste, e a mim mesmo vi-me (93)
Na cara quatro vezes repetida;

Ambas as mãos eu de afflicção mordi-me; (94)
E, pensando que a fome me impellira,
Elles súbito erguerão-se, e ouvi-me

Dizer: Ah pai, mui menos nos pungira
O comeres de nós: tu nos vestiste (95)
Esta carne infeliz, tu no-la tira.

Parei p'ra lhes poupar magoa mais triste:
Dous dias todos mudos estivemos:
Ai, dura terra, por que não, te abriste?

Depois que ao quarto dia emfim viemos
Gaddo se me lançou deitado aos pés,
Dizendo: Oh pai, me deixas nos extremos?

Quivi morì; e come tu mi vedi,
Vid' io cascar li tre ad uno ad uno,
Tra 'l quinto dì e 'l sesto: ond' io mi diedi

Giá cieco a brancolar sovra ciascuno,
E tre dì li chiamái poi che fur morti :
Poscia più che il dolor potè, 'l digiuno.

Quando ebbe detto ciò, con gli occhi torti
Riprese il teschio misero co' denti,
Che furo all' osso come d'un can forti.

Ahi Pisa, vituperio delle genti
Del bel paese là dove 'l sì suona;
Poi che i vicini a te punir son lenti,

Muóvansi la Capraja e la Gorgona,
E fáccian siepe ad Arno in su la foce
Sì che egli anneghi in te ogni persona:

Che se il Conte Ugolino aveva voce
D'aver tradita te delle castella,
Non dovéi tu i figliuói porre a tal croce.
Innocenti facéa l'età novella....

(DANTE. — INFERNO, Canto XXXIII.)

Ali morreu, e como tu me vês,
Do quinto ao sexto dia, a um por um,
Vi cahir á final os outros tres.

Então cego, e apalpando a cada um,
Tres dias os chamei quando expirados;
Depois mais do que a dôr pôde o jejum. (96)

Mal disse assim, c'os olhos entortados,
A' cabeça infeliz voltou c'os dentes
Fortes, como os do cão no osso agarrados.

O' Pisa, infamia e execração das gentes
Desse bello paiz onde o *si* soa; (97)
Pois té não punem já povos ambientes, (98)

Mova-se co'a Capraria á ilha Gorgoa, (99)
E assude fação do Arno á embocadura,
Tal que elle affogue em ti qualquer pessoa;

Que se ao Conde Ugolino alguem censura
Fazia de trair os teus castellos,
Não devias c'os filhos ser tão dura.
Tenra idade bradava de absolve-los. (100)

(DANTE. — INFERNO, Canto XXXIII.

PRÓTASI DEL PURGATORIO.

Per córrer migliór acqua alza le vele
Omái la navicella del mio ingegno,
Che lascia dietro a se mar si crudele:

E canterò di quel secondo regno
Ove l' umano spirito si purga,
E di salire al Ciel diventa degno.

Ma qui la morta poësia risurga,
O sante Muse, poi che vostro sono;
E qui Calliopéa alquanto surga,

Seguitando 'l mio canto con quel suono
Di cui le Piche misere sentiro
Lo colpo tal che disperár perdono.

Dolce color d' oriental zaffiro,
Che s'accoglieva nel sereno aspetto
Dell' áer puro infino al primo giro,

PRÓTASE DO PURGATORIO.

Já para andar correndo agoas melhores (101)
As velas iça o barco do meu tino
Deixando atraz de si um mar de horrores:

E a um outro reino cantará meu hymno,
Onde se purga o espirito do homem
E de subir ao céo torna-se dino.

Mas, santas Musas, seu vigor retome,
Pois eu sou vosso, a morta poesia, (102)
E Calliope aqui um tanto assome, (103)

Seguindo o canto meu co'a melodia,
Que tanto as Pegas miseras ferira, (104)
De lhes falhar a esp'rança da amnistia. (105)

Suave côr de oriental saphyra,
Que se ajuntava no sereno aspeito
Do puro ar té onde a lua gira, (106)

Agli occhi miei ricominciò diletto
Tosto ch'io usci fuor dell' aura morta,
Che m'avéa contristati gli occhi e il petto.

Lo bel pianeta che ad amar conforta,
Faceva tutto rider l'Oriente;
Velando i Pesci ch' érano in sua scorta.

Io mi volsi a man destra, e posi mente
All' altro polo; e vidi quattro stelle
Non viste mai fuor ch'alla prima gente.

Godér pareva il ciel di lor fiammelle.
Oh settentrional védovo sito!
Poi che privato se' di mirar quelle.

Com' io dal loro sguardo fui partito,
Un poco me volgendo all' altro polo,
Là onde il Carro già era sparito;

Vidi presso di me un veglio solo,
Degno di tanta reverenza in vista,
Che più non dee a padre alcùn figliuolo.

Lunga la barba e di pel bianco mista,
Portava a' suoi capegli simigliante,
De' quái cadeva al petto doppia lista.

Li raggi delle quattro luci sante
Fregiávan sì la sua faccia di lume,
Ch io 'l vedéa, come 'l sol fosse davante.

Chi siete voi che contra il cieco fiume
Fuggito avete la prigione eterna?
Diss' el, movendo quelle oneste piume.

Tornou-me aos olhos um prazer aceito, (107)
Mal eu fóra sahi da aura morta,
A qual me entristecêra a vista e o peito.

A linda estrella, que ao amor conforta, (108)
Tornava todo alegre o oriente
Cobrindo os Pisces, que erão sua escorta. (109)

Eu volvi-me á direita, e attentamente
Olhei para outro polo, e quatro estrellas (110)
Vi, que só vira a primitiva gente. (111)

O céo folgava dessas luzes bellas:
Oh septentrional sitio enviuvado!
Pois impedido estás de ver a ellas. (112)

Tendo-me de tal vista desviado,
Para outro polo um pouco me virando,
Lá donde o Carro tinha-se ausentado. (113)

Eu vi perto de mim um venerando
E solitario velho, cuja vista (114)
Fôras, quanto a do pai um filho, honrando. (115)

Barba longa e de pellos brancos mista
Trazia, aos seus cabellos semelhante,
Dos quaes baixava ao peito dupla lista.

Tanto ornavão de luz o seu semblante
Das quatro santas luzes os fulgores, (116)
Que eu via-o, qual se o sol 'stivesse diante.

Quem sois vós, que do rio dos horrores
Fugido tendes a prizão eterna?
Elle disse abanando as graves côres. (117)

Chi v'ha guidati? o chi vi fu lucerna,
Uscendo fuor della profonda notte,
Che sempre nera fa la valle inferna?

Son le leggi d' abisso così rotte?
O è mutato in Ciel nuovo consiglio,
Che dannati venite alle mie grotte?

Lo duca mio allór mi diè di piglio,
E con parole e con mani e con cenni
Reverenti mi fe' le gambe e 'l ciglio:

Poscia rispose lui: Da me non venni;
Donna scese dal Ciel, per li cui preghi
Della mia compagnía costúi sovvenni.

Ma da ch'è tuo voler che più si spieghi
Di nostra condizión com' ella è vera,
Ésser non puote il mio che a te si nieghi.

Questi non vide mai l' última sera,
Ma per la sua follía le fu sì presso,
Che molto poco tempo a vólger era.

Sì com' io dissi, fui mandato ad esso
Per lui campare, e non v'era altra via,
Che questa, per la quale io mi son messo.

Mostráta ho lui tutta la gente ria,
Ed ora intendo mostrár quegli spirti,
Che púrgan sè sotto la tua balía.

Com' io l'ho tratto saría lungo a dirti:
Dell' alto scende virtù che m' ajuta
Condúcerlo a vederti e a udirti.

Quem vos guiou? ou quem vos foi luzerna(118)
Sahindo fóra da noite serrada,
Que sempre escura faz a plaga inferna?

A lei do abysmo é pois tão violada?
Ou mais não quer o céo o que ordenava, (119)
Que ás minhas grutas vens gente damnada?

Então pegou em mim quem me guiava,
E co'a voz, e co'a mão, com o accionado
Meus pés, meus olhos a acatar dobrava. (120)

Respondeu-lhe depois: Venho mandado; (121)
Mulher baixou do céo a cuja instancia
Este auxiliei, e o tenho acompanhado.

Mas, se queres saber com circumstancia
Se a nossa condição é verdadeira,
Comtigo usar não posso a repugnancia.

Nunca vio este a tarde derradeira, (122)
Mas por insania sua andou tão perto,
Que pouco lhe faltou dobrasse a beira. (123)

Para salva-lo, como te fiz certo, (124)
A elle fui mandado, e não havia,
Senão este, em que entrei, caminho aberto.

Já toda lhe mostrei a gente impia,
E agora lhe mostrar quero os esp'ritos,
Que aqui se purgão sob a tua guia. (125)

Dizer-te como o trouxe, extensos ditos
Quizera; e força lá de cima vinda
Faz que eu o traga a ver-te, e ouvir teus gritos. (126)

Or ti piaccia gradir la sua venuta:
Libertà va cercando, ch' è sì cara,
Come sa chi per lei vita rifiuta.

Tu 'l sai; che non ti fu per lei amara
In U'tica la morte, ove lasciásti
La veste ch' al gran dì sarà sì chiara.

Non son gli editti eterni per noi guasti:
Che questi vive, e Minós me non lega;
Ma son del cerchio ove son gli occhi casti

Di Marzia tua che in vista ancór ti prega.
O santo petto, che per tua la tegni:
Per lo suo amore adunque a noi ti piega.

Lásciane andár per li tuoi sette regni:
Grazie riporterò di te a lei,
Se d' ésser mentovato laggiù degni.

Márzia piacque tanto agli occhi miei
Mentre ch' io fùi di la, diss' egli allora,
Che quante grazie volle da me fei.

Or, che di là dal mal fiume dimora,
Più muôver non mi può, per quella legge
Che fatta fu quando' io me n'usci' fuora.

Ma se donna del Ciel ti muove e regge,
Come tu di', non c' è mestiér lusinga:
Bástiti ben che per lei mi richegge.

Va dunque, e fa che tu costúi ricinga
D'un giunco schietto, e che gli laví 'l viso,
Sì ch' ogni sucidûme quindi stinga;

Ora aceita-te seja a sua vinda:
Elle procura a liberdade, cara
Tanto a quem té por ella a vida finda.

E o sabes tu, a quem por ella amára
Não foi a morte em Utica, onde a veste (127)
Deixas, que no gráo dia irá tão clara. (128)

Eternas leis nós não lesamos, que este (129)
Vive, e a Minos eu cá não 'stou sujeito,
Mas sou da roda onde ar tão casto veste

No olhar a tua Marcia, ó santo peito, (130)
Que, inda sou tua, diz, esposo amado. (131)
Sê-nos pois brando pelo seu affeito.

Correr nos deixa o teu septuplo estado: (132)
Finezas tuas levarei a ella,
Se consentes lá embaixo andar lembrado.

Foi Marcia aos olhos meus tão cara e bella,
Disse elle então, emquanto andei no mundo,
Que tudo sempre fiz p'ra compraze-la. (133)

Ora, que mora além do rio immundo, (134)
Já me não move mais, por lei lavrada
Quando eu fóra sahi daquelle fundo. (135

Mas, se uma celestial bemventurada
Qual dizes, move, e rege a ti, pedires
Por ella basta, e a lisonja é 'scusada.

Vae pois e cuida em esse homem cingires
De um simples junco, e em lhe lavar o rosto
Té delle a sordidez toda expellires:

Che non si converria l' occhio sorpriso
D' alcuna nebbia andar dinanzi al primo
Ministro ch' è di quei di Paradiso.

Questa isoletta intorno ad imo ad imo
Laggiù colà dove la batte l' onda,
Porta de' giunchi sopra il molle limo.

Null' altra pianta che facesse fronda,
O che indurasse, vi puote aver vita,
Però ch' alle percosse non seconda.

Poscia non sia di quà vostra reddita:
Lo Sol vi mostrerà, che surge omái,
Prèndere 'l monte a più lieve salita.

Così sparì; ed io su mi levái
Senza parlare, e tutto mi ritrassi
Al duca mio, e gli occhi a lui drizzái.

El cominciò: Figliuól, segui i miei passi:
Volgiamci indietro, che di quà dichina
Questa pianura a' suoi tèrmini bassi.

L' alba vinceva l' ora mattutina,
Che fuggia innanzi, sì che di lontano
Conobbi il tremolár della marina.

Noi andavám per lo solingo piano,
Com' uom che torna alla smarrita strada,
Che infino ad essa gli par ire in vano.

Quando noi fummo dove la rugiada
Pugna col Sole, e, per éssere in parte
Ove adorezza, poco si dirada;

Porque bom não será que mal disposto
De alguma nevoa o olho se apresente
A um ministro do céo de primo posto. (136)

Esta ilhota de roda, onde a corrente
Bate lá embaixo, e a terra ao fundo desce,
Tem juncos sobre o limo mollescente, (137)

Nenhuma planta, que folhagem désse,
Ou rija se tornasse, alli ter vida
Podera, pois aos choques não brandesce. (138)

Vossa volta depois cá dirigida (139)
Não seja: a vós o Sol, que vem nascendo,
A do monte dirá melhor subida. (140)

E desappareceo. Nada dizendo
Eu levantei-me, e a quem me conduzia
Cheguei-me todo, a elle o olhar volvendo.

Filho, disse elle, segue-me na via,
Atraz voltemos, que de aqui declina
Esta planicie ao fim onde é baixia. (141)

Vencia a Aurora a hora matutina,
Que diante lhe fugia, e nesse quando
Vi tremular de longe a onda marina.

No solitario chão fomos andando,
Como quem volta á estrada após desvio,
Que até ella acha baldo ir passos dando.

Quando estivemos lá onde o rocio
Pugna, c'o sol, e, por ser isso em parte
Aonde ha sombra, se desfaz tardio;

Ambo le mani in su l' erbetta sparte
Soavemente il mio maestro pose;
Ond' io che fui accorto di su' arte,

Porsi ver lui le guance lagrimose:
Quivi mi fece tutto discoverto
Quel colór che l'Inferno mi nascose.

Venimmo poi in sul lito diserto
Che mai non vide navicar sue acque
Uom che di ritornar sia poscia sperto.

Quivi mi cinse sì com' altrúi piacque:
Oh maraviglia! che qual egli scelse
L' úmile pianta, cotál si rinacque
Subitamente lá onde la svelse.

(DANTE. — PURGATORIO, Canto I.)

Ambas as mãos, com suavissima arte
Abertas, pôz meu Mestre sobre a hervinha:
Então eu, conhecendo essa sua arte, (142)

Lhe dei as faces onde o pranto vinha. (143)
Alli pôz elle toda a descoberto (144)
A côr, que o Inferno me escondido tinha:

Chegamos logo ao littoral deserto
Cujas aguas jámais vio navegadas
Quem depois fosse de voltar esperto.

Cingio-me alli segundo as ordens dadas: (145)
Oh maravilha! pois, qual a escolheu,
A humilde planta, onde lhe deu puchadas,
Mal arrancada foi, já renasceu.

(DANTE. — PURGATORIO, Canto I.)

PRÓTASI DEL PARADISO.

La gloria di colui che tutto muove,
Per l' universo pénetra e risplende
In una parte più, e meno altrove.

Nel ciel che più della sua luce prende,
Fu' io, e vidi cose che ridire
Nè sa nè può qual di lassù discende:

Perchè appressando sè al suo disire
Nostro intelletto si profonda tanto,
Che retro la memoria non può ire.

Veramente quant' io del regno santo
Nella mia mente potei far tesoro
Sarà ora materia del mio canto.

O buono Apollo, all'ùltimo lavoro
Fammi del tuo valor sì fàtto vaso,
Come dimandi a dar l' amato alloro.

PRÓTASE DO PARAISO.

A gloria de quem move os seres todos (146)
Penetra no universo e resplandece
Mais n'uma parte e em outra de outros modos.

No céo, que em sua luz mais se fornece, (147)
Estive, e cousas vi, que redizer
Não sabe ou póde quem desse alto desce :

Pois em se aproximando ao que elle quer, (148)
Nosso intellecto se aprofunda tanto,
Que a memoria em vão quer retroceder.

Com tudo, aquillo desse reino santo, (149)
Que, como pude, enthesourei na mente,
Será ora materia do meu canto.

O' bom Apollo, o teu valor me alente
Para o trabalho derradeiro, a ponto
De o louro eu merecer, que dás á gente.

Infino aquì l' un giogo di Parnaso
Assai mi fù: ma or con amendue
M' è uopo entrar nell' aringo rimaso.

Entra nel petto mio, e spira tue,
Sì come quando Marsïa traesti
Della vagina delle membra sue.

O divina virtù, se mi ti presti
Tanto, che l' ombra del beato regno
Segnata nel mio capo io manifesti;

Venir vedrame al tuo diletto legno,
E coronarmi allor di quelle foglie
Che la materia e tu mi farai degno.

Sì rade volte, padre, se ne coglie,
Per trionfare o Cesare o poeta,
(Colpa e vergogna dell' umane voglie)

Che partorir letizia in su la lieta
Delfica deità dovria la fronda
Penea, quando alcun di se asseta.

Poca favilla gran fiamma seconda:
Forse diretro a me con miglior voci
Si pregherà perchè Cirra risponda.

Surge a mortali per diverse foci
La lucerna del mondo: ma da quella
Che quattro cerchi giugne con tre croci,

Con miglior corso e con migliore stella
Esce congiunta, e la mondana cera
Più a suo modo tempera e suggella.

C'um dos Parnasios cumes eu por prompto (150)
Té cá me dava, mas com ambos ora
Tenho de entrar no resto do que conto.

Entra no peito meu e sopra agora, (151)
Como quando tu, Mársyas, tiraste
Da tal bainha do seu corpo fóra.

Se tu, divo poder, fazes que eu baste
Para mostrar do reino aventurado
A sombra impressa em meu mental engaste;

Ver-me-has chegar ao teu arbusto amado (152)
E corôar-me então com a folhagem
De que a materia, e tu me hajais dignado. (153)

Tão raro é, pai, colher-se essa ramagem
Para um poeta ou Cesar triumphante,
(Culpa e vergonha da mortal coragem) (154)

Que produzir devêra no semblante
Satisfeito ledice ao Delphio nume,
Se a folha do Penéo tem um amante. (155)

Tenue centelha acende um grande lume;
Talvez depois de mim melhores vozes
Roguem p'ra que responda o Cirreo cume. (156)

Surge aos mortaes por differentes fozes (157)
A luzerna do mundo, mas daquella
Que quatro circ'los une com tres cruzes, (158)

Com melhor curso e com melhor estrella
Conjuncta sahe, e deste mundo a cera
Mais a seu modo assim tempera e sella.

Fatto avea di là mane e di quà sera
Tal foce quasi, e tutto era là bianco
Quello emisperio e l' altra parte nera,

Quando Beatrice in sul sinistro fianco
Vidi rivolta e riguardar nel Sole:
Aquila sì non gli s' affisse unquanco.

E sì come secondo raggio suole
Uscir del primo e risalire insuso,
Pur come peregrin che tornar vuole;

Così dell' atto suo, per gli occhi infuso
Nell' immagine mia, il mio si fece,
E fissi gli occhi al Sole oltre a nostr' uso.

Molto è licito là, che qui non lece
Alle nostre virtù, mercè del loco
Fatto per proprio dell' umana spece.

Io nol soffersi molto, nè sì poco
Ch' io nol vedessi sfavillar d' intorno,
Qual ferro che bollente esce del fuoco.

E di subito parve giorno a giorno
Essere aggiunto, come quei che puote
Avesse il ciel d' un altro Sole adorno.

Beatrice tutta nell' eterne ruote,
Fissa con gli occhi stava, ed io in lei
Le luci fisse, di lassù rimote.

Nel suo aspetto tal dentro mi fei,
Qual si fe' Glauco nel gustar dell' erba
Che il fe' consorte in mar degli altri Dei.

De lá manhãa, de cá noite fizera (159)
Quasi essa foz, e lá todo era branco
Esse hemispherio, e escuro o outro era,

Quando Beatriz para o sinistro flanco (160)
Voltada vi no sol o olhar fitando:
Aguia jámais nelle o fitou tão franco.

Como segundo raio, em se apartando (161)
Do primeiro, remonta novamente,
Qual viajor a volta desejando.

Assim desse acto seu, na minha mente (162)
Pelos olhos infuso, o meu gerou-se;
E olhei o sol como o não faz a gente.

Muito é licito lá que aqui vedou-se (163)
Ás nossas forças, em razão do lógo
Que proprio á humana geração formou-se.

Muito o não supportei, nem cedi logo (164)
Sem antes ver que emtorno reluzia,
Qual ferro que fervente sahe do fogo:

E de repente pareceu que dia (165)
Ao dia se ajuntasse, qual se os céos
Ornara de outro Sol quem tudo cria.

Nas rodas eternaes c'os olhos seus (166)
Beatriz toda estava, e eu fixava
Nella, baixados lá de cima, os meus.

Ao vê-la, em mim o mesmo se operava,
Que em Glauco succedeu quando da planta (167)
Provou, que em Deos marinho o transformava.

Trasumanar significar per verba
Non si poria: però l' esempio basti
A cui esperienza grazia serba.

S' io era sol di me quel che creasti
Novellamente, Amor che il ciel governi,
Tu 'l sai, che col tuo lume mi levasti.

Quando la ruota, che tu sempiterni
Desiderato, a se mi fece atteso
Com l' armonia, che témperi e discerni,

Párvemi tanto allor del cielo acceso
Dalla fiamma del Sol, che pioggia o fiume
Lago non fece mai tanto disteso.

La novità del suono e il grande lume
Di lor cagion m' accesero un disio
Mai non sentito di cotanto acume.

Ond' ella, che vedea me sì com' io,
Ad acquetarmi l' animo commosso,
Pria ch' io a dimandar, la bocca aprio:

E cominciò: Tu stesso ti fai grosso
Col falso immaginar, sì che non vedi
Ciò che vedresti se l' avessi scosso.

Tu non se' in terra sì come tu credi:
Ma folgore, fuggendo il proprio sito,
Non corse come tu ch' ad esso riedi.

S' io fui del primo dubbio disvestito,
Per le sorrise parolette brevi,
Dentro ad un nuovo più fui irretito:

Transhumanar, não ha eloquencia tanta (168)
De podê-lo expressar: o exemplo baste
A quem guarda experiencia a mercê santa. (169)

Se eu era só tal qual tu me formaste (170)
Nascendo, o sabes tu que o céo governas,
O' amor, que co'a luz tua me enlevaste.

Quando essa roda, que tu sempiternas (171)
Desejado, chamou minha attenção
Co'a harmonia, que ouves e governas: (172)

Accesa então do céo tanta porção
Vi da chamma do sol, que chuva ou flume
Jámais fez tão extensa innundação.

Do som á novidade, e ao grande lume,
Quanto á causa, um desejo em mim nasceu, (173)
Que jámais o senti de tal acume.

Ella pois, que me via assim como eu,
A socegar meu animo movida,
Perguntas prevenio c'o labio seu;

E disse: Tu co'a idéa pervertida
Fazes lêrdo a ti mesmo, e assim não vês
O que verias 'stando comedida. (174)

Na terra não estás como tu crês,
Mas da sua região raio fugido (175)
Não correu como na volta os teus pés.

Se fui da prima dúvida despido, (176)
Pelas risonhas palavrinhas breves,
Dentro de outra inda mais fui envolvido.

E dissi: Già contento requievi
Di grande ammirazion; ma ora ammiro
Com' io trascenda questi corpi lievi.

Ond' ella, appresso d' un pio sospiro,
Gli occhi drizzò ver me con quel sembiante,
Che madre fa sopra figliuol deliro:

E cominciò: Le cose tutte quante
Hann' ordini tra loro; e questo è forma,
Che l' universo a Dio fa simigliante.

Qui veggion l' alte creature l' orma
Dell' eterno valore, il quale è fine,
Al quale è fatta la toccata norma.

Nell' ordine, ch' io dico, sono accline
Tutte nature, per diverse sorti
Più al principio loro e men vicine:

Onde si muovono a diversi porti
Per lo gran mar dell' essere, e ciascuna
Con istinto a lei dato che la porti,

Questi ne porta il fuoco inver la Luna:
Questi ne' cuor' mortali è promotore:
Questi la terra in sè stringe ed aduna.

Nè pur le creature, che son fuore
D' intelligenzia, quest' arco saetta,
Ma quelle ch' hanno intelletto ed amore:

La providenzia, che cotanto assetta,
Del suo lume fa il ciel sempre quieto,
Nel qual si volge quel ch' ha maggior fretta:

E disse: pago e quieto ver-me deves
Pós grande admiração; mas ora admiro
Como eu transcenda estes corpos tão leves. (177)

Então', depois de um piedoso suspiro,
Ella olhou para mim com o semblante,
Com que olha a mãi o filho no delir'o.

E assim fallou: As cousas tem constante
Ordem entre ellas: feito é desta fórma
A Deos o universo semelhante.

Do pé divino aqui distingue a fórma (178)
Toda alta creatura; e essa potencia
Fim para o qual é feita a dita norma.

Nesta ordem, que digo, uma tendencia (179)
Todos os seres tem, por varias sortes
Mui proximos ou não á sua essencia.

Assim se movem p'ra diversos nortes (180)
No grão mar da existencia, e cad'um destes
Com o instincto, que o leva em seus transportes.

Leva este o fogo ás regiões celestes, (181)
Este é nos mortaes peitos promotor,
Este engloba as particulas terrestes:

Nem só as creaturas sem fulgor (182)
De mente racional, este arco frecha, (183)
Mas as que tem intelligencia e amor.

A providencia, que em dispôr se fecha, (184)
Co'a sua luz o céo sempre faz quedo, (185)
No qual girando o que é veloz se mecha.

Ed ora lì, com' a sito decreto,
Cen porta la virtù di quella corda
Che ciò che scocca drizza in segno lieto.

Vero è, che come forma non s' accorda
Molte fiate alla intenzion dell' arte,
Perchè a risponder la materia è sorda;

Così da questo corso si diparte
Talor la creatura, ch' ha podere
Di piegar, così pinta, in altra parte;

E sì, come veder si può cadere
Fuoco di nube, se l' impeto primo
A terra è torto da falso piacere.

Non dei più ammirar, se bene stimo,
Lo tuo salir, se non come d' un rio,
Se d' alto monte scende giuso ad imo.

Maraviglia sarebbe in te, se privo
D' impedimento giù ti fossi assiso,
Com' a terra quieto fuoco vivo.
Quinci rivolse inver lo cielo il viso.

(DANTE. — PARADISO, Canto I.)

E agora ali como a lugar já cedo (186)
Decretado, nos leva a forte corda,
Que aponta o que desfecha a um alvo ledo.

É verdade que como não concorda (187)
A fórma ás vezes co'as tenções da arte,
Pois a materia surda não acorda.

Succede assim que deste andar se aparte (188)
A creatura ás vezes, que levada
Póde ser deste modo a outra parte.

Qual cahe o fogo de parte nublada,
Assim succede se a tendencia prima
Por prazer falso é p'r' a terra entortada.

Mais não admires pois, se a minha estima (189)
Não erra, o teu subir do que um ribeiro
Do monte abaixo s'escoar de cima.

Maravilha em ti fôra no terreiro (190)
Te sentares sem ter impedimento,
Como quedo no chão vivo brazeiro.
Depois voltou-se para o firmamento.

(DANTE. — PARAISO, Canto I.

ARRIVO DI BEATRICE

AL SUO SEGGIO CELESTE,

E SUA SEPARAZIONE DA DANTE.

In forma dunque di candida rosa
Mi si mostrava la miliza santa,
Che nel suo sangue Cristo fece sposa;

Mas l' altra, che volando vede e canta
La gloria di colui che la 'nnamora,
E la bontà che la fece cotanta,

Sì come schiera d' api, che s' infiora
Una fiata, ed una si ritorna
Là dove suo lavoro s' insapora,

Nel gran fior discendeva, che s' adorna
Di tante foglie, e quindi risaliva
Là dove il suo amor sempre soggiorna.

Le facce tutte avean di fiamma viva,
E l' ale d' oro, e l' altro tanto bianco
Che nulla neve a quel termine arriva.

CHEGADA DE BEATRIZ

AO SEU ASSENTO CELESTE,

E SUA SEPARAÇÃO DE DANTE.

Portanto em fórma de candida rosa (191)
Se me mostrava essa milicia santa,
Que no seu sangue Christo fez esposa;

Mas a outra, que vê voando e canta (192)
A gloria desse que de amor a inflamma,
E a bondade que tão alto a levanta,

Tal como abelhas, que na flor da rama (193)
Mettidas, vão voltando a cada instante
Aonde o seu trabalho o mel derrama,

Descia na grã flor bella e abundante (194)
De tantas folhas, e depois subia
Lá onde mora sempre o seu amante.

De viva chamma a face lhes ardia, (195)
As azas erão d'ouro, e o mais tão branco
Que uma neve não ha tão alvadia.

Quando scendean nel fior, di banco in banco
Porgevan della pace e dell' ardore,
Ch' elli acquistavan ventilando 'l fianco.

Nè lo 'nterporsi tra 'l disopra e 'l fiore
Di tanta plenitudine volante
Impediva la vista e lo splendore;

Chè la luce divina è penetrante
Per l' universo, secondo ch' è degno,
Sì, che nulla le puote essere ostante.

Questo sicuro e gaudioso regno,
Frequente in gente antica ed in novella,
Viso ed amore avea tutto ad un segno.

O trina luce, che in unica stella
Scintillando a lor vista sì gli appaga,
Guarda quaggiuso alla nostra procella.

Se i Barbari, venendo da tal plaga,
Che ciascun giorno d'Elice si cuopra,
Rotante col suo figlio ond' ella è vaga,

Veggendo Roma e l' ardua su' opra
Stupefacensi, quando Laterano
Alle cose mortali andò di sopra;

Io, che era al divino dall' umano,
Ed all' eterno dal tempo venuto,
E di Fiorenza in popol giusto e sano.

Di che stupor doveva esser compiuto!
Certo tra esso e 'l gaudio mi facea
Libito non udire, e starmi muto

Ao descerem na flor de banco em banco (196)
Iào o ardor e a paz communicando,
Que ellas ganhavão no adejar do flanco.

Nem desse voador immenso bando (197)
O interpôr-se entre a flor e a summa altura
A vista e o resplandor ia vedando:

Pois a divina luz toda a natura (198)
Penetra, quanto digna esta é do gozo,
E nada póde obstar que passe pura.

Este reino seguro e gaudioso (199)
Ao mesmo tempo o amor tinha e semblante,
Que ter sôe o mancebo, e homem idoso.

O' trina luz, que, feita coruscante (200)
Unica estrella, os acontenta tanto,
Olha a nossa procella aqui roncante.

Se os barbaros, que vem daquelle canto, (201)
Que em rodar cada dia Helice cobre
Com o filho que faz o seu encanto,

Em vendo Roma, e a sua obra tão nobre, (202)
Pasmão quando elles vêm que Laterano
Os objectos mortaes domina sobre.

Eu, que chegado ao divino, do humano (203)
Tinha e ao eterno do que é temporario,
E entre um justo e são povo Tuscano,

Que pasmo não teria extraordinario? (204)
De certo entre elle e o gaudio preferia
Nada ouvir, ficar mudo e solitario.

E quasi peregrin, che si ricrea
Nel tempio, del suo voto riguardando,
E spera già ridir com' ello stea,

Sì per la viva luce passeggiando
Menava io gli occhi per li gradi,
Mo su, mo giù, e mo ricirculando.

Vedeva visi a carità suadi,
D' altrui lume fregiati e del suo riso,
Ed atti ornati di tutte onestadi.

La forma general di paradiso
Già tutta il mio sguardo avea compresa,
In nulla parte ancor fermato fiso;

E volgeami con voglia riaccesa
Per dimandar la mia Donna di cose,
Di che la mente mia era sospesa.

Uno intendeva, ed altro mi rispose;
Credea veder Beatrice, e vidi un sene
Vestito con le genti gloriose.

Diffuso era, per gli occhi e per le gene,
Di benigna letizia, in atto pio
Quale a tenero padre si conviene.

Ed, ella ov'è? di subito diss' io.
Ond' egli: A terminar lo tuo disiro
Mosse Beatrice me del luogo mio:

E se riguardi su nel terzo giro
Del sommo grado, tu la rivedrai
Nel trono che i suoi merti le sortiro.

E como viajor que gosto cria (205)
No templo, para o seu espaço olhando,
E já dizer qual fica espera um dia,

Assim pela luz viva passeando, (206)
Pelos degráos os olhos eu levava
Ora acima, ora abaixo, ora girando.

Caridosos semblantes observava, (207)
Bellos de alheia luz e do seu riso,
E actos que toda a honestidade ornava.

Á fórma universal do paraiso (208)
O meu olhar já toda comprendêra
Sem ter parado em ponto algum deciso;

E com novo desejo eu me volvêra (209)
Perguntas a fazer á minha guia
Sobre o que a mente em suspensão puzera.

Um escutava e outro respondia. (210)
Cuidava eu ver Beatriz, e dos ditosos
Um velho vi que os trajes revestia.

Diffuso estava em modos piedosos (211)
De benigna alegria o seu semblante,
Proprio de um pai com actos amorosos,

E onde está ella? eu disse n'um instante. (212)
Tornou elle: a findar o teu intento
Sahir do meu lugar fez-me essa amante.

E se o terceiro giro olhas attento, (213)
Do mór degráo, no trono has de revê-la
Que destinou-lhe o seu merecimento.

Senza risponder gli occhi su levai,
E vidi lei che si facea corona,
Riflettendo da sè gli eterni rai.

Da quella region che più su tuona
Occhio mortale alcun tanto non dista,
Qualunque in mare più giù s' abbandona,

Quanto lì da Beatrice la mia vista;
Ma nulla mi facea, chè sua effigie
Non discendeva a me per mezzo mista.

O Donna, in cui la mia speranza vige,
E che soffristi per la mia salute
In Inferno lasciar le tue vestige;

Di tante cose, quante io ho vedute,
Dal tuo podere e dalla tua bontate
Riconosco la grazia e la virtute.

Tu m' hai di servo tratto a libertate
Per tutte quelle vie, per tutt' i modi
Che di ciò fare avei la potestate.

La tua magnificenza in me custodi,
Si che l' anima mia, che fatta hai sana,
Piacente a te dal corpo si disnodi.

Così orai; e quella sì lontana,
Come parea, sorrise, e riguardommi,
Poi si tornò all' eterna fontana.

(DANTE. — PARADISO, Canto XXXI.)

Sem responder olhei acima, e a ella (214)
Vi, que a si mesma alli fazia c'rôa
Reflectindo o esplendor da eterna estrella.

Da região que mais excelsa trôa (215)
Mortal olho nenhum tanto não dista
De quem mais baixo inclina-se da prôa,

Quanto de Beatriz lá minha vista. (216)
Mas nada era p'ra mim, que por nhum meio
Me não baixava a sua imagem mista.

O' tu, mulher da minha esp'rança esteio, (217)
Que pela minha salvação tens quisto
Deixar vestigios teus no infernal seio;

Em tantas cousas, quantas tenho visto, (218)
Do teu poder e da tua bondade,
O favor e a virtude eu bem avisto.

Tu me has da escravidão á liberdade
Levado por caminhos e por modos,
Quantos havia em tua faculdade.

Conserva em mim os teus presentes todos, (219)
Para que est' alma por ti sã tornada
Deixe o corpo a ti cara e sem apodos.

Assim fallei, e aquella, que afastada (220)
Tanto eu via de mim, me olhou risonha,
Voltou-se após para a fonte increada.

(DANTE. — PARAISO, Canto XXXI.

PETRARCA.

SONETTI.

Introduzione alle sue rime.

Voi, ch' ascoltate in rime sparse il suono
Di quei sospiri ond' io nudriva il core
In sul mio primo giovenile errore,
Quand' era in parte altr' uom da quel che i' sono;

Del vario stile, in ch' io piango e ragiono
Fra le vane speranze e 'l van dolore,
Ove sia chi per prova intenda amore,
Spero trovar pietà, non che perdono.

Ma ben veggi' or, si come al popol tutto
Favola fui gran tempo; onde sovente
Di me medesmo meco mi vergogno:

E del mio vaneggiar vergogna è 'l frutto,
E 'l pentirsi, e 'l conoscer chiaramente,
Che quanto piace al mondo è breve sogno.

PETRARCA.

SONETOS.

Introducção aos seus versos.

Vós que escutais em variado verso (1)
O som dos ais, que da minha alma alento
Forão no primo juvenil destento
Quando homem fui bem do que sou diverso;

Ao vario estilo em que eu choro e converso
Entre esperanças vãas e vão tormento,
Onde haja quem de amor tenha exp'rimento
Espero acharei dó, ninguem adverso. (2)

Mas fabula mui longa, eu bem o vejo, (3)
Do povo fui; e assim frequentemente
De mim mesmo comigo me envergonho:

E do meu delirar é fructo o pejo,
O arrepender-me, e o ver mui claramente,
Que o que agrada no mundo é breve sonho. (4)

Bellezza di M.na Laura.

Chi vuol veder quatunque può Natura
E 'l Ciel tra noi, venga a mirar costei,
Ch' è sola un sol, non pur agli occhi miei,
Ma al mondo cieco, che virtù non cura:

E venga tosto; perchè Morte fura
Prima i migliori, e lascia stare i rei:
Questa aspettata al regno degli Dei
Cosa bella mortal passa e non dura.

Vedrà, s' arriva a tempo, ogni virtute,
Ogni bellezza, ogni real costume
Giunti in un corpo con mirabil tempre.

Allor dirà, chè mie rime son mute,
L' ingegno offeso dal soverchio lume:
Ma se più tarda, avrà da pianger sempre.

Bellezza di M.na Laura.

In qual parte del Ciel, in quale idea
Era l' esempio onde Natura tolse
Quel bel viso leggiadro In ch' ella volse
Mostrar quaggiù quanto lassù potea?

Qual Ninfa in fonti, in selve mai qual Dea
Chiome d' oro sì fino a l' aura sciolse?
Quand' un cor tante in se virtuti accolse?
Benchè la somma è di mia morte rea.

Per divina bellezza indarno mira
Chi gli occhi di costei giammai non vide,
Come soavemente ella gli gira.

Non sa com' Amor sana e come ancide,
Chi non sa come dolce ella sospira,
E come dolce parla e dolce ride.

Belleza de M.ma Laura.

Quem quer ver quanto o Céo póde e a Natura
Entre nós, venha e lance os olhos seus
Sobre esta, unico sol, não só aos meus,
Mas a quem cego nem virtude cura.

E venha já, que a Morte antes procura
Os bons e deixa em liberdade os réos;
Esta esperada na mansão de Deos
Cousa bella mortal passa e não dura.

Se em tempo elle chegar, toda a belleza
Verá, toda a virtude, e alto costume
Juntos n'um corpo em modo surprendente:

Então dirá que canto co'a voz preza, (5)
Que offende o engenho o demasiado lume:
Mas chorará, se tarda, eternamente.

Belleza de M.ma Laura.

Em qual parte do Céo em qual intento (6)
Estava o exemplar de que tão bella
Face tirou Natura em que quiz ella
Mostrer-nos seu poder no firmamento?

Qual Nympha ou Deosa em fonte ou bosque ao vento
Aurea coma soltou tal como aquella?
Quando houve peito a mais virtudes cella?
Bem que a maior me dê mortal tormento. (7)

Por divina belleza embalde mira
Quem os olhos não vio desta creatura,
E a maneira suave em que ella os gira.

Não sabe como Amor transpassa e cura,
Quem não sabe quão doce ella suspira,
Qual na falla e no rir tem a doçura.

Sulla morte di M.na Laura

Rotta è l' alta colonna, e 'l verde lauro,
Che facean ombra al mio stanco pensiero:
Perdut' ho quel, che ritrovar non spero
Dal Borea all' Austro, o dal mar Indo al Mauro.

Tolto m' hai, Morte, il mio doppio tesauro,
Che mi fea viver lieto, e gire altero;
E ristorar nol può terra, nè impero,
Nè gemma oriental, nè forza d' auro.

Ma se consentimento è di destino,
Che poss' io più, se no aver l' alma trista,
Umidi gli occhi sempre, e 'l viso chino?

O nostra vita, ch' è sì bella in vista!
Com' perde agevolmente in un mattino
Quel che 'n molt' anni a gran pena s' acquista!

La visione.

Levommi il mio pensier in parte ov' era
Quella, ch' io cerco e non ritrovo in terra:
Ivi fra lor, che'l terzo cerchio serra,
La rividi più bella, e meno altera.

Per man mi prese, e disse: In questa spera
Sarai ancor meco, se 'l desir non erra:
I' son colei, che ti diè tanta guerra,
E compie' mia giornata innanzi sera:

Mio ben non cape in intelletto umano:
Te solo aspetto; e quel, che tanto amasti,
E laggiuso è rimaso, il mio bel velo.

Deh perchè tacque, ed allargò la mano?
Ch' al suon di detti sì pietosi e casti
Poco mancò, ch' io non rimasi in cielo.

Sobre a morte de Mme Laura.

Quebrou-se a alta columna, e o verde louro,
Que davão sombra ao meu pensar cansado:
Perdi o que jámais verei achado
Do Austro ao Boreas, do mar Indio ao Mouro

Roubaste, ó Morte, o meu duplo thesouro,
De que ledo eu vivia e assoberbado;
Que por reino ou por mando restaurado
Não póde ser, nem por diamante ou ouro.

Mas se o destino tem assim disposto,
Que posso eu mais senão ter alma oppressa,
Olhos banhados sempre e baixo o rosto?

Oh nossa vida, que é tão bella á vista!
Como n'uma manhãa vai-se de pressa
O que em annos com pena se conquista!

A visão.

Minha mente me alçou lá onde havia
Essa, que eu busco, sem a achar na terra:
E lá, entre os que o céo terceiro-encerra, (8)
Menos altiva e mais gentil revi-a.

Na mão pegou-me, e disse: em companhia
Minha hei de ver-te, se o querer não erra:
Aquella eu sou que te deu tanta guerra, (9)
E antes da tarde conclui meu dia. (10)

Meu bem não cabe de mortal em alma:
A ti só spero e ao que amaste tanto,
E lá embaixo ficou, meu bello véo. (11)

Ah porque se callou e abrio a palma?
Que ao som desse fallar tão casto e santo,
Pouco faltou se não fiquei no céo.

CANZONI.

DICHIARAZIONE D'AMORE MAL CORRISPOSTA,

o

LE SEI METAMORFOSI.

Nel dolce tempo della prima etade,
Che nascer vide, ed ancor quasi in erba,
La fera voglia che per mio mal crebbe,
Perchè, cantando, il duol si disacerba,
Canteró com' io vissi in libertade,
Mentre Amor nel mio albergo a sdegno s' ebbe:
Poi seguirò, sì come a lui ne' ncrebbe
Troppo altamente, e che di ciò avvenne;
Di che i' son fatto a molta gente esempio:
Benchè 'l mio duro scempio
Sia scritto altrove sì, che mille penne
Ne son già stanche, e quasi in ogni valle
Rimbombi il suon de' miei gravi sospiri,
Ch' acquistan fede alla penosa vita.
E se qui la memoria non m' aita,
Come suol fare, iscusinla i martiri,
Ed un pensier che solo angoscia dàlle
Tal, ch' ad ogni altro fa voltar le spalle,
E mi face obbliar me stesso a forza,
Che tien di me quel d' entro, ed io la scorza.

CANÇÕES.

A DECLARAÇÃO DE AMOR MALOGRADA,

OU

AS SEIS METAMORPHOSES.

No doce tempo da primeira idade,
Que vio nascer, e quasi ainda em grelo, (12)
Fera paixão que por meu mal cresceu,
Porque cantando a dôr se desacerba,
Cantarei qual vivi em liberdade,
Em quanto amor fugio do meu alvergue:
Depois direi como pesou-lhe disso
Mui altamente, e qual o resultado;
Do que exemplo estou feito a muita gente:
Bem que meu duro agaste
Em outra parte tão escripto seja
Que estão mil pennas lassas disso, e soão
Por todo o valle os meus graves suspiros,
Que fé grangeão á penosa vida.
E se aqui a memoria não me ajuda,
Como costuma, as mágoas a desculpem,
E um pensamento que só dá-lhe angustia,
E tal que faz aos mais voltar as costas,
E a olvidar-me a mim mesmo á força impelle,
Senhor do amago meu, e eu só da pelle.

I' dico che dal dì che 'l primo assalto
Mi diede Amor, molt' anni eran passati,
Sì ch' io cangiava il giovenile aspetto:
E dintorno al mio cor pensier gelati
Fatto avean quasi adamantino smalto,
Ch' allentar non lassava il duro affetto:
Lagrima ancor non mi bagnava il petto,
Nè rompea il sonno: e quel che'n me non era,
Mi pareva un miracolo in altrui.
Lasso! che son? che fui?
La vita al fin, e 'l dì loda la sera.
Che sentendo il crudel, di ch' io ragiono,
Infin allor percossa di suo strale
Non essermi passata oltra la gonna,
Prese in sua scorta una possente donna,
Vêr cui poco giammai mi valse o vale
Ingegno, o forza, o dimandar perdono.
Ei duo mi trasformaro in quel ch' i' sono,
Facendomi d' uom vivo un lauro verde,
Che per fredda stagion foglia non perde.

Qual mi fec' io, quando primier m' accorsi
Della trasfigurata mia persona;
E i capei vidi far di quella fronde
Di che sperato avea già la corona;
E i piedi, in ch' io mi stetti, e mossi, e corsi,
(Com' ogni membro all' anima risponde)
Diventar due radici sovra l' onde,
Non di Peneo, ma d' un più altero fiume;
E'n duo rami mutarsi ambe le braccia!
Nè meno ancor m' agghiaccia

Digo que desde o dia em que o primeiro
Assalto Amor me deu, annos passárão,
Tal que eu mudava o juvenil aspecto,
E ao redor da minha alma idéas frias
Formáram quasi adamantino esmalte,
Que abrandar não deixava o duro affecto:
Lagrima não banhava inda meu peito
Nem o somno rompia, e o que eu não tinha
Em outrem parecia-me um milagre.
Triste! que sou? que fui?
A vida ao fim, e o dia á noite louva. (13)
Pois sentindo o cruel, de quem eu fallo,
Que até então um golpe de seu dardo
Nunca passára além da minha veste,
Se associou com poderosa dama
Co'a qual pouco valeu-me e vale sempre
Talento, ou força, ou supplicar piedade:
E os dous no que ora sou me transformárão,
De homem me tornando em louro verde,
Que por fria estação folha não perde.

Como não fiquei eu quando, da minha
Pessoa, logo dei com a mudança;
E os cabellos tornar-se vi na folha
Da qual eu já esperado a c'roa tinha;
E os pés em que me ergui, movêra e andára
(Qual todo membro á alma corresponde)
Feitos duas raizes sobre as ondas,
Não do Penéo, mas de mais grande rio,
E em dous ramos mudarem-se os dous braços!
Nem menos me enregela

L' esser coverto poi di bianche piume,
Allor che fulminato e morto giacque
Il mio sperar, che troppo alto montava.
Che perch' io non sapea dove, nè quando
Mel ritrovassi, solo, lagrimando,
Là 've tolto mi fu, dì e notte andava
Ricercando dal lato e dentro all' acque:
E giammai poi la mia lingua non tacque,
Mentre poteo, del suo cader maligno:
Ond' io presi col suon color d' un cigno.

Così lungo l' amate rive andai,
Che, volendo parlar, cantava sempre,
Mercè chiamando con estrania voce:
Nè mai in sì dolci, o 'n sì soavi tempre
Risonar seppi gli amorosi guai,
Che 'l cor s' umiliasse, aspro e feroce.
Qual fu a sentir, che 'l ricordar mi coce?
Ma molto più di quel ch' è per innanzi,
Della dolce ed acerba mia nemica
È bisogno ch' io dica;
Benchè sia tal ch' ogni parlare avanzi.
Questa, che col mirar gli animi fura,
M' aperse il petto, e 'l cor prese con mano,
Dicendo a me: Di ciò non far parola.
Poi la rividi in altro habito sola,
Tal, ch' i' non la conobbi; (o senso umano!)
Anzi le dissi 'l ver, pien di paura:
Ed ella nell' usata sua figura
Tosto tornando, fecemi, oimè lasso,
D' un quasi vivo e sbigottito sasso.

Coberto achar-me após de brancas plumas, (14)
Quando cahio sem vida e fulminada
Minha esperança nimiamente alçada.
A qual não sabendo eu aonde e quando
Tornaria a encontrar, só e chorando,
Lá onde m'a roubárão dia e noite,
Procurava eu na margem e entre as ondas,
E após jámais callou a minha lingua,
Em quanto póde, esse cahir nefando:
E a côr e voz de cisne eu fui tomando.

De modo andei pelas queridas rivas,
Que, querendo fallar, cantava sempre,
Piedade implorando em tom estranho;
E nunca nesses sons doces, maviosos
Soube eu fazer soar de amor as penas
Té se humilhar essa alma aspera e fera.
Qual a soffri, se só lembra-lo é um fogo?
Mas muito mais do dito ainda adiante
Da minha doce e rigida inimiga
É preciso que eu diga;
Bem que ella é tal que a toda falla excede.
Esta, que com o olhar as almas rouba,
Abrio-me o peito, e o coração ferrou-me
Co'a mão dizendo: nunca falles disto.
Depois em outro traje a vi sózinha
Tal que a não conheci; (ó siso humano!)
Mesmo a verdade lhe contei com susto:
E ella, ao seu aspecto costumado
Logo voltando, fez-me, ai desgraçado,
Um rochedo ficar vivo e abalado.

Ella parlava sì turbata in vista,
Che tremar mi fea dentro a quella petra,
Udendo: I' non son forse chi tu credi.
E dicea meco: Se costei mi spetra,
Nulla vita mi fia noiosa, o trista:
A farmi lagrimar, signor mio, riedi.
Come, non so; pur io mossi indi i piedi,
Non altrui incolpando, che me stesso,
Mezzo, tutto quel dì, tra vivo e morto.
Ma perchè 'l tempo è corto,
La penna al buon voler non può gir presso:
Onde più cose nella mente scritte
Vo traspassando; e sol d' alcune parlo,
Che maraviglia fanno a chi l' ascolta.
Morte mi s' era intorno al core avvolta;
Nè tacendo potea di sua man trarlo,
O dar soccorso alle virtuti afflitte:
Le vive voci m' erano interditte,
Ond' io gridai con carta e con inchiostro:
Non son mio, no: s' io moro, il danno è vostro.

Ben mi credea dinanzi agli occhi suoi
D' indegno far così di mercè degno:
E questa spene m' avea fatto ardito.
Ma talor umiltà spegne disdegno,
Talor l' infiamma: e ciò sepp' io dappoi
Lunga stagion di tenebre vestito;
Ch' a quei preghi il mio lume era sparito.
Ed io non ritrovando intorno intorno
Ombra di lei, nè pur de' suoi piedi orma,
Com' uom che tra via dorma,

Fallava ella com ar tão perturbado
Que tremer me fazia, inda de pedra,
Ouvindo: eu talvez tal não sou qual pensas: (15)
Se ella me desempedra, ia eu dizendo,
Não terei mais vida tediosa e triste.
A fazer-me chorar volta, meu dono. (16)
Não sei como de ali fui-me afastando
Não culpando ninguem senão mim mesmo,
Em todo o dia meio vivo e morto.
Mas como o tempo é curto
A penna ao bom querer seguir não póde:
E muitas cousas nesta mente escriptas
Assim omitto, e só d'algumas fallo
Que fazem admirar a quem as ouve.
A morte o coração me rodeara
Nem das mãos lh'o tirar podia eu mudo,
Ou ás virtudes afflictas dar soccorro.
A viva falla estava-me interdicta,
E com tinta e papel gritei qual posso:
Não sou meu, não: se eu morro, o damno é vosso.

Pensava eu bem tornar aos olhos della
Digno de compaixão quem tal não era: (17)
E esta esperança me tornára ousado.
Mas a humildade apaga a ira ás vezes,
Outras a inflamma; e depois isso eu soube
Por longo tempo em trevas envolvido;
Que a rogos taes a minha luz fugira.
E sombra della então mais não achando
Ao meu redor, nem dos seus pés vestigio,
Como quem dorme em viagem

Gittaimi stanco sopra l' erba un giorno.
Ivi, accusando il fuggitivo raggio,
Alle lagrime triste allargai 'l freno,
E lasciaile cader come a lor parve;
Nè giammai neve sott' al Sol disparve,
Com' io sentii me tutto venir meno,
E farmi una fontana a piè d' un faggio.
Gran tempo ùmido tenni quel viaggio.
Chi udì mai d' uom vero nascer fonte?
E parlo cose manifeste e conte.

L' alma, ch' è sol da Dio fatta gentile,
(Chè già d' altrui non può venir tal grazia)
Simile al suo Fattor stato ritiene:
Però di perdonar mai non è sazia
A chi col core e col sembiante umile,
Dopo quantunque offese a mercè viene:
E se contra suo stile ella sostiene
D' esser molto pregata, in lui si specchia:
E fal, perchè 'l peccar più si pavente:
Chè non ben si ripente
Dell' un mal chi dell' altro s' apparecchia.
Poi che Madonna da pietà commossa,
Degnò mirarmi, e riconobbe, e vide
Gir di pari la pena col peccato,
Benigna mi ridusse al primo stato.
Ma nulla è al mondo, in ch' uom saggio si fide:
Ch' ancor poi ripregando, i nervi e l' ossa
Mi volse in dura selce; e così scossa
Voce rimasi dell' antiche some,
Chiamando Morte, e lei sola per nome.

Cançado um dia me estendi na relva.
Hi criminando o fugitivo raio,
Soltei ás tristes lagrimas o freio,
E deixei-as cahir como quizerão.
Nem jámais neve sob o Sol desfez-se,
Como eu senti-me todo ir derretendo,
E tornar-me qual fonte aos pés de faia.
E largo tempo andei assim banhado.
Quem fonte nascer vio de homem vivente?
E o que digo é sabido e bem patente.

A alma á qual só Deos torna bonita,
Pois de outrem vir não póde uma tal graça,
Do seu autor conserva a parecença,
E assim de perdoar nunca se farta
A quem, humilde o coração e aspecto,
Após quaesquer offensas perdão pede:
E se, contra o costume, ella se deixa
Muito e muito rogar, nelle se espelha. (18)
E o faz, para que mais se tema a culpa;
Pois bem não se arrepende
De um delicto quem outro vae forjando.
Quando Madama, a compaixão movida,
Dignou-se olhar-me, e conheceu, e vio
Que de par c'o peccado a pena andava.
Reduzio-me benigna ao prisco estado.
Mas falta em quem se fie homem prudente:
Que eu aos rogos tornando, em dura pedra
Ella tornou-me todo; e reduzido
Eu fiquei de um espectro á voz singela,
Só invocando a Morte e o nome della.

Spirto doglioso, errante (mi rimembra)
Per spelunche diserte e pellegrine
Piansi molt' anni il mio sfrenato ardire:
Ed ancor poi trovai di quel mal fine,
E ritornai nelle terrene membra,
Credo, per più dolor ivi sentire.
I' segui' tanto avanti il mio desire,
Ch' un dì, cacciando, siccom' io solea,
Mi mossi; e quella fera bella e cruda
In una fonte ignuda
Si stava, quando 'l Sol più forte ardea.
Io, perchè d'altra vista non m' appago,
Stetti a mirarla: ond' ella ebbe vergogna;
E per farne vendetta, o per celarse,
L' acque nel viso con le man mi sparse.
Vero, dirò: (forse e' parrà menzogna)
Ch' i' senti' trarmi della propria immago;
Ed in un cervo solitario e vago
Di selva in selva ratto mi trasformo,
Ed ancor de' miei can fuggo lo stormo.

Canzon, i' non fu' mai quel nuvol d' oro,
Che poi discese in preziosa pioggia,
Sì che' 'l foco di Giove in parte spense:
Ma fui ben fiamma ch' un bel guardo accense;
E fui l' uccel che più l' aer poggia,
Alzando lei che ne' miei detti onoro:
Nè per nova figura il primo alloro
Seppi lassar; chè pur la sua dolce ombra
Ogni men bel piacer del cor mi sgombra.

(PETRARCA. — RIME, Parte I, Canzone 1.ª)

Alma queixosa, errante, inda lembro.
Por estranhas, desertas espeluncas,
Muitos annos chorei minha ousadia
Infrene, e fim ao mal achei com tudo.
E aos membros terreaes voltei de novo;
Creio, para sertir ali mais dores.
E tão longe segui o meu desejo,
Que em certo dia á costumada caça
Fui-me atirando, e a bella e cruel fera
Em uma fonte nua
Estava, quando o Sol mais forte ardia.
Eu, como de outra vista me não farto,
Puz-me a observa-la, e pejo isso causou-lhe.
E para se vingar, para occultar-se,
Co'as mãos, a agua me espalhou no rosto.
Direi verdades que hão de crer mentiras;
Arrancar-me eu senti deste meu corpo,
E em um veado solitario, errante
De bosque em bosque já me vou mudando,
E ainda dos meus cães eu fujo o bando. (19)

Canção eu nunca fui a nuvem de ouro,
Que após desceu em preciosa chuva,
Tal que em parte apagou de Jove o fogo;
Mas chamma fui por bello esguardo acesa;
E a ave foi que mais nos ares puja,
Alçando aquella que em meus versos honro.
Nem por nova figura o prisco louro (20)
Soube deixar; que a doce sombra delle
Todo feio prazer d'alma me expelle.

(PETRARCA. — RIMA, Parte I, Canção 1.ª)

INFLUENZA VIRTUOSA DELLA BELLEZZA.

Gentil mia Donna, i' veggio
Nel mover de' vostr' occhi un dolce lume,
Che mi mostra la via ch' al Ciel conduce;
E per lungo costume
Dentro là, dove sol con Amor seggio,
Quasi visibilmente il cor traluce.
Quest' è la vista ch' a ben far m' induce,
E che mi scorge al glorïoso fine;
Questa sola dal vulgo m' allontana:
Nè giammai lingua umana
Contar poria quel che le due divine
Luci sentir mi fanno;
E quando il verno sparge le pruine,
E quando poi ringiovenisce l' anno,
Qual era al tempo del mio primo affanno.

Io penso: Se lassuso,
Onde 'l Motor eterno delle stelle
Degnò mostrar del suo lavoro in terra,
Son l' altr' opre sì belle,
Aprasi la prigion ov' io son chiuso,
E che 'l cammino a tal vita mi serra.
Poi mi rivolgo alla mia usata guerra,

INFLUENCIA VIRTUOSA DA BELLEZA.

Gentil minha Ama eu vejo (21)
Quando os olhos moveis tão doce lume,
Que o caminho, que ao céo leva, me indica ;
E por longo costume,
Lá dentro, aonde com Amor só moro, (22)
Quasi transluz o coração patente.
É esta a vista que ás acções honradas
Me induz e leva a glorioso fito;
Só esta da vulgar chusma me afasta :
Nem jámais lingua humana
Contar podéra o que os divinos olhos
Sentir-me fazem; quando
Vai o inverno seus gelos espalhando,
E quando volta o anno á mocidade
Qual do meu primo afan fôra na idade. (23)

Eu penso: se no céo
Donde o Motor eterno das estrellas
Do seu lavor quiz dar amostra á terra,
Ha mais obras tão bellas,
Abra-se esta prisão que em si me encerra,
E que o caminho a vida tal me atranca.
Depois me volto á minha usada guerra

Ringraziando Natura, e 'l dì ch' io nacqui,
Che riservato m' hanno a tanto bene;
E lei, ch' a tanta spene
Alzò 'l mio cor: che 'nsin allor io giacqui
A me noioso e grave:
Da quel dì innanzi a me medesmo piacqui,
Empiendo d' un pensier alto e soave
Quel core ond' hanno i begli occhi la chiave.

Nè mai stato gioioso
Amor o la volubile Fortuna
Dieder, a chi più fur nel mondo amici,
Ch' i' nol cangiassi ad una
Rivolta d' occhi; ond' ogni mio riposo
Vien, com' ogni arbor vien da sue radici.
Vaghe faville, angeliche, beatrici
Della mia vita, ove 'l piacer s' accende,
Che dolcemente mi consuma e strugge;
Come sparisce e fugge
Ogni altro lume, dove 'l vostro splende;
Così dello mio core,
Quando tanta dolcezza in lui discende,
Ogni altra cosa, ogni pensier va fore;
E sol ivi con voi rimansi Amore.

Quanta dolcezza unquanco
Fu in cor d' avventurosi amanti, accolta
Tutta in un loco, a quel ch' i' sento, è nulla;
Quando voi alcuna volta
Soavemente tra 'l bel nero e 'l bianco
Volgete il lume, in cui Amor si trastulla:
E credo, dalle fasce e dalla culla

Agradecendo á natureza e ao dia
Em que nasci, por me tal bem guardarem;
E essa que a tal esp'rança
Alçou meu coração, que tedio e peso
Fiquei dando a mim mesmo.
Mas eu gostei de mim pós esse dia,
De idéa enchendo o peito alta e suave,
Do qual seus lindos olhos tem a chave.

Nem jámais ledo estado
Derão Amor e a variavel Sorte
A seus mores amigos, que eu trocado
Não tivera por uma
Volta dos olhos de que o meu descanço
Todo provém, qual da raiz ás plantas.
Bellas centelhas celestiaes, delicia
Da minba vida, onde o prazer se accende,
Que docemente me consome e acaba;
Como se some e foge
Todo outro lume aonde o vosso esplende;
Assim deste meu peito,
Quando tanta doçura alli descende
Todo outro objecto, outro pensar sahe fóra;
E Amor sómente ali comvosco mora.

Quanto prazer já houve
No coração de amantes venturosos,
Todo ajuntado, é nada ante o que sinto,
Quando vós docemente
Alguma vez o lindo preto e o branco
Desses olhos volveis, onde Amor brinca:
E creio que das fachas e do berço

Al mio imperfetto, alla fortuna avversa
Questo rimedio provvedesse il Cielo.
Torto mi face il velo,
E la man, che sì spesso s' attraversa
Fra 'l mio sommo diletto.
E gli occhi; onde dì e notte si riversa
Il gran desir per isfogar il petto,
Che forma tien dal varïato aspetto.

Perch' io veggio (e mi spiace)
Che natural mia dote a me non vale,
Nè mi fa degno d' un sì caro sguardo,
Sforzomi d' esser tale,
Qual all' alta speranza si conface,
Ed al foco gentil ond' io tutt' ardo.
S' al ben veloce, ed al contrario tardo,
Dispregiator di quanto 'l mondo brama,
Per sollecito studio posso farme;
Potrebbe forse aitarme
Nel benigno giudicio una tal fama.
Certo il fin de' miei pianti,
Che non altronde il cor doglioso chiama,
Vien da' begli occhi alfin dolce tremanti,
Ultima speme de' cortesi amanti.

Canzon, l' una sorella è poco innanzi,
E l' altra sento in quel medesmo albergo
Apparecchiarsi, ond' io più carta vergo.

(PETRARCA. — RIME, Parte I, Canzone VII.ª)

A' minha imperfeição e adversa sorte,
Este remedio tem provido o Céo.
Afflige-me esse véo,
E a mão que tantas vezes se atravessa
Entre o meu summo gosto,
E os olhos donde em choros se derrama
Sempre o desejo em desafogo ao peito,
Ao qual governa o variado aspeito.

Como com pezar vejo
Que os naturaes meus dotes me não valem,
Nem de tão caro olhar digno me fazem,
Em ser tal eu forcejo,
Qual á alta esperança é conveniente,
E ao bello ardor de que eu todo me abrazo.
Se ao bem veloz, e se ao contrario tardo, (24)
Desprezador de quanto o mundo almeja
Tornar-me posso por cuidoso estudo;
No benigno conceito
Ajudar-me podera uma tal fama. (25)
Certo, o fim dos meus prantos,
Que d'outrem não implora o triste peito,
Vem do doce tremer dos olhos bellos,
Dos amantes fieis ultimos elos. (26)

Canção, já uma irmãa hi vejo adiante,
E outra no mesmo alvergue ir-se apromptando,
E mais papel assim eu vou riscando.

(PETRARCA. — RIMAS, Parte I, Canção VII.ª

LA FONTE DI VALCHIUSA.

Chiare, fresche e dolci acque,
Ove le belle membra
Pose colei che sola a me par donna;
Gentil ramo, ove piacque
(Con sospir mi rimembra)
A lei di fare al bel fianco colonna;
Erba e fior che la gonna
Leggiadra ricorverse
Con l' angelico seno;
Aer sacro sereno,
Ov' Amor co' begli occhi il cor m' aperse;
Date udienza insieme
Alle dolenti mie parole estreme.

S' egli è pur mio destino
(E 'l cielo in ciò s' adopra)
Ch' Amor quest' occhi lacrimando chiuda;
Qualche grazia il meschino
Corpo fra voi ricopra;
E torni l' alma al proprio albergo ignuda.
La morte fia men cruda,
Se questa speme porto
A quel dubbioso passo:

Á FONTE DE VAUCLUSE.

Clara, fresca e doce agua (27)
Junto da qual seus lindos
Membros pousou a unica que adoro; (28)
Gentil ramo em que a ella,
(Suspirando o recordo)
Aprouve recostar seu lindo lado;
Relva e flores que a bella
Sua veste cobrio
Com o angelico seio;
Ar sagrado e sereno
Em que Amor me ferio c'os lindos olhos;
Ouvi juntos e attentos
Meus dolorosos ultimos lamentos.

Se em fim é meu destino,
E o céo nisso trabalha,
Que Amor meus olhos suspirando feche; (29)
Algum favor o pobre
Corpo entre vós encubra;
E torne a alma ao proprio alvergue nua;
A morte menos crua,
Será se esta esperança
No incerto transe eu levo:

Chè lo spirito lasso
Non poria mai in più posato porto,
Nè 'n più tranquilla fossa,
Fuggir la carne travagliata e l' ossa.

Tempo verrà ancor forse,
Ch' all' usato soggiorno
Torni la fera bella e mansueta:
E là, 'v' ella mi scorse
Nel benedetto giorno,
Volga la vista desiosa e lieta,
Cercandomi: ed, oh pieta!
Già terra infra le pietre
Vedendo, Amor l' inspiri
In guisa, che sospiri
Sì dolcemente, che mercè m' impetre,
E faccia forza al Cielo,
Asciugandosi gli occhi col bel velo.

Da' be' rami scendea
(Dolce nella memoria)
Una pioggia di fior sovra 'l suo grembo;
Ed ella si sedea
Umile in tanta gloria,
Coverta già dell' amoroso nembo.
Qual fior cadea sul lembo,
Qual su le trecce bionde;
Ch' oro forbito e perle
Eran quel dì a vederle;
Qual si posava in terra e qual su l' onde;
Qual con un vago errore
Girando parea dir: Qui regna Amore.

Pois o esp'rito cançado
Nunca podéra em mais tranquillo porto,
Nem em mais quedos fossos
Deixar a carne atormentada e os ossos.

Talvez tempo inda venha,
Que ao lugar costumado
Torne a voltar a bella e mansa fera:
E lá onde me vio
No dia abençoado,
Os olhos lance desejosos, ledos,
Procurando-me: e, ó toque!
Em me vendo na lousa
Já pó, Amor a inspire
De modo que suspire
Com tal ternura, que perdão me impetre,
E violente o Céo
Limpando os olhos com o bello véo.

Descia dos bonitos
Ramos (doce á lembrança,)
De flores uma chuva em o seu seio;
E sentada ella estava
Humilde em tanta gloria,
Coberta já pela amorosa nuvem.
Ião flores cahindo
Uma na fralda, outra nas louras tranças,
Que ouro brunido e pelras
Erão então, a vê-las;
Outra pousava em terra, outra nas ondas;
Linda volta outra dando
Quasi dizia: Amor cá está reinando.

Quante volte diss' io
Allor pien di spavento:
Costei per fermo nacque in paradiso:
Così carco d' oblio,
Il divin portamento,
E 'l volto e le parole e 'l dolce riso
M' aveano, e sì diviso
Dall' immagine vera,
Ch' i' dicea sospirando:
Qui come venn' io, o quando?
Credendo esser in Ciel, non là, dov' era:
Da indi in qua mi piace
Quest' erba sì, ch' altrove non ho pace.

Se tu avess' ornamenti, quant' hai voglia,
Potresti arditamente
Uscir del bosco, e gir infra la gente.

(PETRARCA. — Rime, Parte I, Canzone XI.ª)

Quantas vezes disse eu
Então cheio de espanto:
De certo ella nasceu no paraiso!
Tão de olvido me enchêra
O seu divino porte,
E o semblante, e o fallar e o doce riso,
E tanto me afastavão
Da imagem verdadeira,
Que eu disse suspirando:
Como eu cá vim, e quando?
Crendo achar-me no céo, não onde estava.
Desde então gosto tanto
Dessa relva, que soffro em qualquer canto.

Se iguaes ao teu querer prendas tivesses, (30)
Sahir ousadamente.
Podéras tu do bosque, e ir entre a gente.

(PETRARCA. — RIMA, Parte I, Canção XI.ª)

IL SOGNO.

Quando il soave mio fido conforto,
Per dar riposo alla mia vita stanca
Ponsi del letto in su la sponda manca
Con quel suo dolce ragionare accorto;
Tutto di pièta e di paura smorto,
Dico: Onde vien tu ora: o felice alma?
Un ramoscel di palma,
Ed un di lauro trae del suo bel seno;
E dice: Dal sereno
Ciel empireo, e da quelle sante parti
Mi mossi; e vengo sol per consolarti.

In atto, ed in parole la ringrazio
Umilemente; e poi domando: Or donde
Sai tu 'l mio stato? Ed ella: Le trist' onde
Del pianto, di che mai tu non se' sazio,
Con l' aura de' sospir, per tanto spazio,
Passano al Cielo, e turban la mia pace;
Sì forte ti dispiace,
Che di questa miseria sia partita,
E giunta a miglior vita:
Che piacer ti devria, se tu m' amasti
Quanto in sembiante, e nel tuo dir mostrasti.

O SONHO.

Quando o suave meu fido conforto,
P'ra dar repouso á minha vida lassa,
Põe-se do leito sobre o esquerdo lado
Com o seu doce discorrer esperto;
Pallido todo de piedade e medo,
Digo: Donde ora vens, ó feliz alma?
Um raminho de palma
Saca, e um de louro do seu bello seio;
E diz-me: Do sereno
Empyreo céo, e dessa santa parte
Desci, e venho só p'ra consolar-te.

Com actos e palavras lhe agradeço
Humildemente, e após pergunto: E d'onde
Sabes meu 'stado; e ella: As tristes ondas
Do pranto de que nunca andas fartado,
Ao céo co'as auras dos suspiros sobem
Por vasto espaço, e turvão meu descanso;
Tanto te desagrada,
Que partido tenha eu desta miseria
Chegando a melhor vida:
Agradar-te devêra, se me amáras
Quanto em teu rosto e em teu fallar mostráras.

Rispondo: Io non piango altro, che me stesso
Che son rimaso in tenebre, e 'n martire;
Certo sempre del tuo al Cielo salire,
Come di cosa, ch' uom vede da presso.
Come Dio e Natura avrebbon messo
In un cor giovenil tanta virtute,
Se l' eterna salute
Non fosse destinata al suo ben fare?
O dell' anime rare,
Ch' altamente vivesti qui fra noi,
E che subito al Ciel volasti poi!

Ma io, che debbo altro, che pianger sempre,
Misero e sol; che senza te son nulla?
Ch' or foss' io spento al latte ed alla culla,
Per non provar dell' amorose tempre!
Ed ella: A che pur piangi, e ti distempre?
Quant' era meglio alzar da terra l' ali,
E le cose mortali,
E queste dolci tue fallaci ciance
Librar con giusta lance;
E seguir me, s' è ver, che tanto m' ami,
Cogliendo omai qualcun di questi rami!

I' volea dimandar, rispond' io allora,
Che voglion importar quelle due frondi?
Ed ella: Tu medesmo ti rispondi,
Tu, la cui penna tanto l' una onora:
Palma è vittoria; ed io, giovane ancora,
Vinsi 'l mondo, e me stessa: il lauro segna
Trionfo, ond' io son degna,
Mercè di quel Signor, che mi diè forza.

Respondo: A ninguem mais, a mim só choro:
Que em trevas e martyrios hei ficado;
Certo sempre de que subiste ao céo,
Como de cousa que se vê de perto.
Como Deos e a Natura houveram posto
Em joven coração tanta virtude,
Se a salvação eterna
Destinada não fôra aos seus bons actos?
O' alma das mais raras.
Que altamente entre nós aqui viveste,
E que ao céo com o vôo logo te ergueste.

Mas que devo eu, senão lagrimar sempre.
Misero e só, e que sem ti sou nada?
Morresse eu desde o leito, e desde o berço
P'ra não exp'rimentar de amor as setas!!
E ella: Porque em pranto te desfazes?
Quão melhor fôra erguer da terra as azas,
E as cousas deste mundo,
E estas fallazes tuas doces charlas
Pôr em justa balança,
E seguir-me, se tu de veras me amas,
Colhendo emfim alguma destas ramas!

Perguntar eu quizera, então respondo,
Qual a importancia destas duas folhas:
Torna-me ella: Tu mesmo te respondes.
Tu, cuja penna tanto honra a uma.
Palma, é victoria, e eu, joven ainda
Venci a mim mesma e ao mundo: o louro marca
Triumpho que mereço,
Graças a esse Senhor que me deu força.

Or tu, s' altri ti sforza,
A lui ti volgi, a lui chiedi soccorso;
Sì che siam seco al fine del tuo corso.

Son questi i capei biondi, e l' aureo nodo,
Dico io, ch' ancor mi stringe; e quei begli occchi,
Che fur mio Sol? Non errar con lì sciocchi,
Nè parlar, dice, o creder a lor modo.
Spirito ignudo sono, e 'n Ciel mi godo:
Quel, che tu cerchi, è terra già molt' anni:
Ma per trarti d' affanni,
M' è dato a parer tale; ed ancor quella
Sarò più che mai bella,
A te più cara sì selvaggia e pia,
Salvando insieme tua salute, e mia.

I' piango; ed ella il volto
Con le sue man m' asciuga: e poi sospira
Dolcemente; e s' adira
Con parole, che i sassi romper ponno:
E dopo questo, si parte ella e 'l sonno.

(PETRARCA. — RIME, Parte II, Canzone VI.ª)

Ora, se alguem te opprime,
Tu p'ra elle te volta, e auxilio implora
P'ra nos ver, tu morrendo, onde elle mora.

São estas, digo eu, as louras comas,
E o aureo nó que inda me aperta; e os bellos
Olhos que o meu sol forão! Nao te illudas,
Falles ou crêas como os tolos, diz-me:
Esp'rito nú sou eu, e no céo gozo.
O que buscas é terra, ha muitos annos; (31)
Mas, para consolar-te,
Parecê-lo me é dado; e ainda aquella
Serei prima belleza
A ti mais cara, e tão severa e pia,
Que a minha e a tua salvação fazia.

Eu choro; ella o semblante
Com suas mãos me enxuga, e após suspira
Docemente, e se enfada
Com palavras, que quasi as rochas partem;
E após isto ella e o somno de mim partem.

(PETRARCA. — RIMAS, Parte II, Canção VI.ª)

ALLA VÉRGINE NOSTRA SIGNORA.

Vérgine bella, che di Sol vestita,
Coronata di stelle, al Sommo Sole
Piacesti sì, che 'n te sua luce ascose;
Amor mi spinge a dir di te parole:
Ma non so incominciar senza tu' aita,
E di colui, ch' amando in te si pose.
Invoco lei, che ben sempre ripose,
Chi la chiamò con fede.
Vérgine, s' a mercede
Miseria estrema dell' umane cose
Giammai ti volse, al mio prego t' inchina;
Soccorri alla mia guerra;
Bench' i' sia terra, e tu del Ciel Regina.

Vérgine saggia, e del bel numero una
Delle beate vérgini prudenti,
Anzi la prima, e con più chiara lampa:
O saldo scudo dell' afflitte genti
Contra i colpi di Morte e di Fortuna;
Sotto 'l qual si trionfa, non pur scampa:
O refrigerio al cieco ardor, ch' avvampa
Qui fra' mortali sciocchi;
Vérgine, que' begli occhi,

Á VIRGEM NOSSA SENHORA.

Virgem formosa, que de sol vestida, (32)
De estrellas coroada, ao Sol Supremo
Tanto agradou que em ti, scondeu seu lume;
Amor de ti a discorrer me impelle;
Mas começar não sei sem teu auxilio,
E o daquelle, que amando em ti desceu.
Invoco quem bem sempre respondeu,
A quem com fé chamou-a.
Virgem, se a piedade
Miseria extrema das humanas cousas
Te moveu algum dia, ouve meu rogo,
Soccorre á minha guerra,
Bem que eu sou terra, e tu do céo rainha.

Virgem judiciosa, huma do bello
Bando das virgens santas e prudentes,
Antes primeira, e com mais claro brilho;
O' forte escudo das afflictas gentes
Contra os golpes de Morte e da Fortuna;
Sob o qual se triumpha, e acha-se abrigo;
O' refrigerio ao cego ardor que lavra
Cá nos mortaes estultos;
Virgem, os lindos olhos,

Che vider tristi la spietata stampa
Ne' dolci membri del tuo caro Figlio,
Volgi al mio dubbio stato,
Che sconsigliato a te vien per consiglio.

Vèrgine pura, d' ogni parte intera,
Del tuo parto gentil figliuola e madre,
Ch' allumi questa vita, e l' altra adorni;
Per te il tuo figlio, e quel del sommo Padre,
O fenestra del Ciel lucente, altera,
Venne a salvarne in su gli estremi giorni:
E fra tutt' i terreni altri soggiorni
Sola tu fosti eletta
Vèrgine benedetta,
Che 'l pianto d' Eva in allegrezza torni.
Fammi, che puoi, della sua grazia degno,
Senza fine o beata,
Già coronata nel superno regno.

Vèrgine santa, d' ogni grazia piena,
Che per vera ed altissima umiltate
Salisti al Ciel, onde miei preghi ascolti;
Tu partoristi il fonte di pietate,
E di giustizia il Sol, che rasserena
Il secol pien d'error oscuri e folti:
Tre dolci e cari nomi ha' in te raccolti,
Madre, Figliuola, e Sposa:
Vèrgine gloriosa,
Donna del Re, che nostri lacci ha sciolti,
E fatto 'l mondo libero e felice;
Nelle cui sante piaghe,
Prego ch' appaghe il cor, vera beatrice.

Que tristes virão ás crueis feridas
Nos doces membros do teu caro Filho,
Volve ao meu desacato,
Que sem recato a ti pede conselho.

Virgem pura e perfeita em toda a parte,
Do teu parto gentil e mãi e filha,
Que aclaras esta vida e a outra adornas;
Por ti teu filho e o do Summo Padre,
O' janella do céo luzente e altiva,
Salvar-nos veio nos extremos dias: (33)
E entre todas as mais mansões terrenas
Foste unica escolhida,
Virgem abençoada,
Que o pranto d'Eva em alegria tornas.
Faze-me, o podes, da sua graça digno, (34)
O p'ra sempre aditada
Já coroada no superno reino.

Virgem santa e de toda a graça cheia,
Que por real, altissima humildade
Subiste ao céo donde os meus rogos ouves;
Tu produziste a fonte de piedade
E de justiça o Sol, que claro torna
O sec'lo cheio de mil cegos erros;
Juntas em ti tres doces, caros nomes
De Mãi, de Filha e Esposa;
O' Virgem gloriosa,
Mulher do rei, que nos soltou dos laços,
E que o mundo tornou livre e ditoso;
Em cujas santas chagas
Peço me tragas, sim, mui venturoso. (35)

Vèrgine sola al mondo, e senza esempio;
Che' Ciel di tue bellezze innamorasti,
Cui nè prima fu simil, nè seconda;
Santi pensieri, atti pietosi e casti
Al vero Dio sacrato e vivo tempio
Fecero in tua virginità feconda.
Per te può la mia vita esser gioconda,
S' a' tuoi preghi, o Maria,
Vèrgine dolce e pia,
Ove 'l fallo abbondó, la grazia abbonda.
Con le ginocchia della mente inchine,
Prego, che sia mia scorta;
E la mia torta via drizzi a buon fine.

Vèrgine chiara, e stabile in eterno:
Di questo tempestoso mare stella;
D' ogni fedel nocchier fidata guida;
Pon mente, in che terribile procella
I' mi ritrovo, sol, senza governo,
Ed ho già da vicin l' ultime strida:
Ma pur in te l' anima mia si fida;
Peccatrice, i' nol nego,
Vèrgine: ma ti prego,
Che 'l tuo nemico del mio mal non rida:
Ricordati, che fece il peccar nostro
Prender Dio, per scamparne,
Umana carne al tuo virginal chiostro.

Vèrgine, quante lagrime ho già sparte,
Quante lusinghe, e quanti preghi indarno
Pur per mia pena, e per mio grave danno;
Da poi ch' i' nacqui in su la riva d' Arno,

Virgem unica no orbe e sem exemplo,
Que co'a a belleza tua ao céo prendeste,
Que igual não tem, primeira, nem segunda,
Santas ideias, actos pios, castos
Ao vivo Deos, vivo e sagrado templo,
Derão na tua fecunda virgindade.
Minha vida por ti será jucunda,
Se aos teus rogos, Maria,
Virgem suave e pia,
Onde a culpa abundou a graça abunda.
C'os joelhos da mente aqui dobrados,
Rogo, me sejas guia;
E minha torta via a bom fim leves.

Virgem preclara e sempre duradoura,
E deste mar tempestuoso estrella,
De todo o fiel nauta leal guia;
Repara em que terrifica procella
Eu acho-me sózinho e sem governo;
E tenho perto a extrema gritaria;
A minha alma porém em ti se fia,
Peccadora, o confesso,
O' Virgem, mas te peço
Que o teu imigo do meu mal não ria,
Lembra, que do peccar nosso proveio,
Que Deos, para salvar-nos,
Se encarnasse no teu virginal seio.

Virgem, oh quantos prantos hei vertido,
Quantos rogos em vão, quantas lisonjas
Por minha pena, e por meu grave damno!
Desde quando nasci d'Arno nas margens,

Cercando or questa, ed or quell' altra parte,
Non è stata mia vita altro ch' affanno.
Mortal belleza, atti, e parole m' hanno
Tutta ingombrata l' alma.
Vèrgine sacra, ed alma,
Non tardar, ch' i' son forse all' ultim' anno.
I dì miei più correnti, che saetta,
Fra miserie, e peccati
Sonsen andati; e sol Morte m' aspetta.

Vèrgine, tale è terra, e posto ha in doglia
Lo mio cor, che vivendo in pianto il tenne;
E di mille miei mali un non sapea;
E per saperlo, pur quel, che n' avvenne,
Fora avvenuto: ch' ogni altra sua voglia
Era a me morte, ed a lei fama rea.
Or tu, Donna del Ciel, tu nostra Dea,
Se dir lice, e conviensi;
Vèrgine d' alti sensi,
Tu vedi il tutto: e qnel che non potea
Far altri, è nulla alla tua gran virtute,
Por fine al mio dolore:
Ch' a te onore, ed a me fia salute.

Vèrgine, in cui ho tutta mia speranza,
Che possi, e vogli al gran bisogno aitarme;
Non mi lasciare in su l' estremo passo:
Non guardar me, ma chi degnò crearme:
No 'l mio valor, ma l' alta sua sembianza,
Ch' è in me, ti mova a curar d' uom sì basso.
Medusa, e l' error mio m' han fatto un sasso
D' umor vano stillante:

Buscando agora esta, ora outra parte.
Minha vida não foi senão tormento;
Mortal belleza, actos, palavras, tem-me
Toda occupado a alma;
Virgem sagrada e alma
Não tardes que é talvez meu ultimo anno;
Meus dias mais velozes do que seta
Em culpas e miserias
Lá se forão, e só me espera a Morte.

Virgem, a tal é terra, e poz afflicto (36)
Meu coração, que em pranto em vida trouxe,
E dos meus males mil um não sabia;
E se o soubera mesmo, o succedido
Acontecêra; pois todo outro anhelo
Della, a mim fôra morte, infamia a ella. (37)
Ora, tu do céo dona e deosa nossa,
Se o termo é conveniente,
Virgem de excelsa mente,
Tu vês tudo, e o que outrem não podera
Fazer, he nada á tua alta virtude,
Pôr termo ao meu desgosto;
Que honra p'ra ti será, p'ra mim saude.

Virgem, em quem toda esperança tenho,
Que possas, queiras me ajudar á empreza;
Não me abandones tu no ultimo trance:
Não me olhes, não, mas a quem quiz crear-me:
Não meu valor, mas a sua alta imagem
Que em mim está, por ente vil te empenhe.
Medusa, e o erro meu me hão feito pedra, (38)
Que de humor vão goteja;

Vérgine, tu di sante
Lagrime, e pie adempi 'l mio cor lasso;
Ch' almen l' ultimo pianto sia devoto,
Senza terrestro limo;
Come fu 'l primo non d' insania voto.

Vérgine umana e nemica d' orgoglio,
Del comune principio amor t' induca;
Miserere d' un cor contrito, umile;
Che se poca mortal terra caduca
Amar con sì mirabil fede soglio;
Che devrò far di te, cosa gentile?
Se dal mio stato assai misero e vile
Per le tue man resurgo,
Vérgine, i' sacro, e purgo
Al tuo nome e pensieri, e 'ngegno, e stile;
La lingua, e 'l cor, le lagrime, e i sospiri.
Scorgimi al miglior guado:
E prendi in grado i cangiati desiri.

Il dì s' appressa, e non pote esser lunge:
Sì corre il tempo, e vola,
Vérgine unica e sola;
E 'l cor or conscienzia, or morte punge.
Raccomandami al tuo figliuol, verace
Uomo, e verace Dio;
Ch' accolga 'l mio spirto ultimo in pace.

(PETRARCA. — RIME, Parte II, Canzone VIII.ª)

Tu de lagrimas santas
E pias me enche o lasso peito; ó Virgem,
Seja ao menos devoto o extremo pranto
Puro do terreo limo,
Quanto o primeiro foi de insania cheio.

Virgem humana e inimiga de orgulho
Do principio commum o amor te induza; (39)
Tem dó de um coração contrito, humilde;
Que se pouca mortal terra caduca
Com tão pasmosa fé amar costumo;
Que farei para ti, cousa tão bella?
Se do meu vil mui miserando estado
Por tuas mãos resurjo,
Virgem, consagro e apuro
Ao nome teu o engenho, estylo, ideias,
A lingua, o coração, prantos, suspiros.
Guia-me a melhor váo,
E as mudadas tenções benigna aceita.

O dia vem chegando, e não vem longe:
Tal corre e vôa o tempo,
Virgem unica e rara;
Pungem-me o coração remorso e morte,
Recommenda-me ao teu filho, veraz
Homem e veraz Deos,
P'ra que receba emfim minha alma em paz.

(PETRARCA. — RIMAS, Parte II, Canção VIII.ª)

ALL' ITALIA.

Italia mia, benchè 'l parlar sia indarno,
Alle piaghe mortali,
Che nel bel corpo tuo sì spesse veggio,
Piacemi almen, che i' miei sospir sien quali
Spera 'l Tevere, e l' Arno,
E 'l Po, dove doglioso e grave or seggio.
Rettor del Ciel, io cheggio,
Che la pietà, che ti condusse in terra,
Ti volga al tuo diletto almo paese.
Vedi, Signor cortese,
Di che lievi cagion che crudel guerra:
E i cor, ch' indura e serra
Marte superbo e fero,
Apri tu, Padre, e 'ntenerisci, e snoda:
Ivi fa, che 'l tuo vero
(Qual io mi sia) per la mia lingua s' oda.

Voi, cui Fortuna ha posto in mano il freno
Delle belle contrade,
Di che nulla pietà par che vi stringa;
Che fan qui tante pellegrine spade?
Perchè 'l verde terreno
Del barbarico sangue si dipinga?

Á ITALIA.

Italia minha, inda que em vão eu falle, (40)
A essas mortaes chagas,
Que no teu bello corpo eu tantas vejo,
Ao menos gosto, que os suspiros meus
Sejão quaes os esperão
O Tibre, o Arno e o Pó onde eu me agasto.
Senhor do céo, eu peço,
Que a piedade que te trouxe á terra,
Para o teu caro almo paiz te volva.
Olha, Senhor benigno,
Por quão leves causaes, que cruel guerra:
Peitos que endura e serra,
Marte soberbo e fero,
Abre-os tu, pai, os enternece e solta.
Faze, quem quer que eu seja,
Que oução por minha voz tua verdade.

Vós, aos quaes pôz fortuna em mão as redeas (41)
Do paiz delicioso,
De que nenhuma dôr terdes parece,
Que faz aqui tanta estrangeira espada?
P'ra que o verde terreno
Do barbarico sangue ande tingido?

Vano error vi lusinga:
Poco vedete, e parvi veder molto;
Che 'n cor venale amor cercate, o fede.
Qual più gente possede,
Colui è più da' suoi nemici avvolto.
O diluvio raccolto,
Di che deserti strani
Per innondar i nostri dolci campi!
Se dalle proprie mani
Questo n' avven, or chia fia che ne scampi?

Ben provvide Natura al nostro stato
Quando dell' Alpi schermo
Pose fra noi, e la Tedesca rabbia.
Ma 'l desir cieco, e 'ncontra 'l suo ben fermo,
S' è poi tanto ingegnato,
Ch' al corpo sano ha procurato scabbia.
Or dentro ad una gabbia
Fere selvagge, e mansuete gregge
S' annidan sì, che sempre il miglior geme:
Ed è questo del seme,
Per più dolor, del popol senza legge,
Al qual, come si legge,
Mario aperse sì 'l fianco,
Che memoria dell' opra anco non langue;
Quando, assetato e stanco,
Non più bevve del fiume acqua, che sangue.

Cesare taccio, che per ogni piaggia
Fece l' erbe sanguigne
Di lor vene, ove 'l nostro ferro mise.
Or par, non so per che stelle maligne,

Erro vão vos illude,
Vêdes pouco, e cuidais que vêdes muito;
Que amor e fé buscais em venal peito.
Quem mais gente possue,
Esse é mais de inimigos rodeado.
O' diluvio ajuntado
De desertos estranhos
Para innundar os nossos doces campos!
Se das nossas mãos proprias
Isto nos vem, quem poderá salvar-nos?

Bem proveu a Natura ao nosso estado
Quando o amparo dos Alpes
Poz entre nós e a Teutoniana sanha.
Mas o desejo cego e emperrado
Contra o seu bem, fez tanto,
Que ao corpo são tem grangeado psora. (42)
Em um redil agora
Mansos rebanhos e selvagens feras
Se acoutão; e o melhor sempre ahi geme.
E vem isto da raça,
Por maior dôr, do povo sem dictame,
Em que, segundo lê-se,
Mario fez tal destroço,
Que a memoria do feito ainda dura;
Quando sedento e lasso
Mais não bebeu do rio agua que sangue. (43)

Calo de Cesar que por toda a plaga
Ensanguentou as hervas,
Nas vêas lhes mettendo o nosso ferro.
Ora, não sei por qual maligna estrella

Che 'l cielo in odio n' aggia,
Vostra mercè, cui tanto si commise.
Vostre voglie divise
Guastan del mondo la più bella parte.
Qual colpa! qual giudicio! o qual destino!
Fastidire il vicino
Povero; e le fortune afflitte e sparte
Perseguire; e in disparte
Cercar gente, e gradire,
Che sparga 'l sangue, e venda l' alma a prezzo!
Io parlo per ver dire,
Non per odio d' altrui, nè per disprezzo.

Nè v' accorgete ancor, per tante prove,
Del Bavarico inganno,
Ch' alzando 'l dito, con la morte scherza?
Peggio è lo strazio, al mio parer, che 'l danno.
Ma 'l vostro sangue piove
Più largamente; ch' altr' ira vi sferza.
Dalla mattina a terza
Di voi pensate; e vederete, come
Tien caro altrui, chi tien sè così vile.
Latin sangue hentile,
Sgombra da te queste dannose some:
Non far idolo un nome
Vano, senza soggetto;
Che, 'l furör di lassù, gente ritrosa,
Vincerne d' intelletto,
Peccato è nostro, e non natural cosa.

Non è questo 'l terren, ch' i' toccai pria?
Non è questo 'l mio nido,

O céo parece odiar-nos,
Graças a vós aos quaes incumbe tanto.
As vossas desavenças,
Do mundo estragão a mais bella parte.
Que culpa! que juizo! ou que destino!
Detestar o visinho
Pobre; e as fortunas tristes destroçadas
Perseguir, e mais longe
Buscar gente, e agradar-se
Que o sangue verta, e venda a alma a preço!
Fallo por ser verdade,
Não por odiar alguem, nem por desprezo.

Nem inda conheceis por tantas provas
O Bavarico engano,
Que erguendo o dedo com a morte brinca?
O tormento è, creio eu, peior que o damno.
Mas jorra o vosso sangue
Inda mais, que outra sanha vos açouta.
De matinas a tercia
Pensai a vós, e vereis como estima
A outrem, quem a si tão vil reputa.
Gentil sangue latino (44)
De ti sacode tão damnosa carga:
Um idolo não faças
De um vão aereo nome;
Que a indignação do céo, e o nos vencerem
Povos feros em siso,
É nossa culpa e não natural cousa.

Não é este o terreno ao qual primeiro
Pisei? não é o meu ninho

Ove nutrito fui sì dolcemente?
Non è questa la patria, in ch' io mi fido,
Madre benigna e pia,
Che copre l' uno e l' altro mio parente?
Per Dio, questo la mente
Talor vi muova; e con pietà guardate
Le lagrime del popol doloroso,
Che sol da voi riposo
Dopo Dio spera: e, pur che voi mostriate
Segno alcun di pietate,
Virtù contra furore
Prenderà l' arme; e fia 'l combatter corto;
Chè l' antico valore
Negli italici cor non é ancor morto.

Signor, mirate come il tempo vola,
E sì come la vita
Fugge, e la morte n' è sovra le spalle.
Voi siete or qui: pensate alla partita;
Chè l' alma ignuda e sola
Conven ch' arrivi a quel dubbioso calle.
Al passar questa valle,
Piacciavi porre giù l' odio e lo sdegno,
Venti contrarii alla vita serena;
E quel, che 'n altrui pena
Tempo si spende, in qualche atto più degno,
O di mano, o d' ingegno,
In qualche bella lode,
In qualche onesto studio si converta:
Così quaggiù si gode,
E la strada del Ciel si trova aperta.

Em que nutrido fui tão docemente?
E não é esta a patria em que me fio,
Mãi benigna e piedosa
Que cobre a um e outro meu parente?
Oh céos! a vossa mente
Mova isso ás vezes; contemplai piedosos,
As lagrimas do povo angustiado,
Que repouso só 'spera
De vós após de Deos. Quando uma mostra
Vós deis de piedade,
Se armará a virtude
Contra o furor, e a luta será curta;
Pois nos italos peitos
Inda o prisco valor não está morto.

Vêde, senhores, como o tempo vôa,
E como a vida foge,
E a morte ás costas nos está seguindo.
Inda cá 'stais, pensai bem na partida;
Pois só e nua a alma
Tem de chegar a essa incerta estrada.
Em passar este valle
Vos apraza depôr o odio e a ira,
Ventos contrarios á vida serena:
E o tempo, que se gasta
Em afligir aos mais, em algum digno
Acto de braço, ou engenho,
Em algum louvor bello,
Em um honesto estudo se converta:
Goza-se assim no mundo,
E se acha do céo a estrada aberta.

Canzone, io ti ammonisco,
Che tua ragion cortesemente dica,
Perchè fra gente altera ir ti conviene:
E le voglie son piene
Già dell' usanza pessima ed antica,
Del ver sempre nemica.
Proverai tua ventura
Fra magnanimi pochi; a chi 'l ben piace:
Di' lor: Chi m' assicura?
I' vo gridando: Pace, pace, pace.

(PETRARCA. — Rime, Parte IV, Canzone IV.ª)

Canção, eu te aconselho
Que a razão tua cortezmente digas,
Pois ir tu deves entre altiva gente;
E cheias as vontades
Estão do antigo e pessimo costume
Sempre á verdade adverso.
Ventura acharás entre
Os magnanimos poucos, que o bem amão;
Dize-lhes: Quem me ampara?
Eu vou gritando: pazes, pazes, pazes.

(PETRARCA. — RIMA, Parte IV, Canção IV.ª)

LA GLORIA.

Una donna più bella assai che 'l Sole,
E più lucente, e d' altrettanta etade,
Con famosa beltade,
Acerbo ancor, mi trasse alla sua schiera:
Questa in pensiere, in opre, ed in parole;
(Però ch' è delle cose al mondo rade);
Questa per mille strade
Sempre innanzi mi fu leggiadra, altera:
Solo per lei tornai da quel, ch' i' era,
Poi ch' i' soffersi gli occhi suoi da presso:
Per suo amor m' er' io messo
A faticosa impresa assai per tempo,
Tal che s' i' arrivo al desiato porto,
Spero per lei gran tempo
Viver, quand' altri mi terrà per morto.

Questa mia donna mi menò molt' anni
Pien di vaghegga giovanile ardendo,
Siccom' ora io comprendo,
Sol per aver di me più certa prova,
Mostrandomi pur l' ombra, e 'l velo, o' panni
Talor di sè, ma 'l viso nascondendo:
Ed io, lasso, credendo
Vederne assai, tutta l' età mia nova
Passai contento; e 'l rimembrar mi giova.

A GLORIA.

Uma mulher que o sol muito mais bella, (45)
E mais luzente, e d'uma igual idade,
Com famosa beldade,
No meu verdor, me fez dos seus sequazes;
Esta em idéas, obras e palavras,
(Pois é das cousas mais no mundo raras)
Esta por mil estradas
Sempre me precedeu altiva e bella;
De ser quem era eu só deixei por ella,
Pós que seus olhos supportei de perto.
Por amor della eu tinha
Encetado mui cedo uma ardua empreza;
Tal que, se chego ao desejado porto,
'Spero por tal belleza
Muito viver, quando hão de me crer morto. (46)

Esta minha ama me levou por annos
Sempre de chamma juvenil ardendo,
(Como ora comprehendo,
Só por eu ter de mim mais certa prova)
Mostrando a sua sombra, o véo e os pannos,
Mas sempre suas faces me escondendo.
Eu, miseravel, crendo
Muito ver della, a minha nova idade (47)
Passei contente, e o lembro com saudade.

Poi ch' alquanto di lei veggi' or più innanzi,
I' dico, che pur dianzi,
Qual io non l' avea vista infin allora,
Mi si scoverse: onde mi nacque un ghiaccio
Nel core; ed evvi ancora;
E sarà sempre fin ch' i' le sia in braccio.

Ma non mel tolse la paura, o 'l gelo;
Che pur tanta baldanza al mio cor diedi,
Ch' i' le mi strinsi a' piedi
Per più dolcezza trar degli occhi suoi:
Ed ella, che rimosso avea già il velo
Dinanzia a' miei, mi disse: Amico, or vedi
Com' io son bella; e chiedi
Quanto par si convenga agli anni tuoi.
Madonna, dissi, già gran tempo in voi
Posi 'l mio amor, ch' io sento or sì infiammato:
Ond' a me in questo stato,
Altro volere, o disvoler m' è tolto.
Con voce allor di sì mirabil tempre
Rispose, e com un volto,
Che temer, e sperar mi farà sempre:

Rado fu al mondo, fra così gran turba,
Ch' udendo ragionar del mio valore
Non si sentisse al core
Per breve tempo almen qualche favilla:
Ma l' avversaria mia, che 'l ben perturba,
Tosto la spegne: ond' ogni virtù more,
E regna altro signore.
Che promette una vita più tranquilla.
Della tua mente Amor, che prima aprilla,

Depois que eu vejo della inda mór parte,
Eu digo que, como antes
Jàmais a vira atè esses instantes,
Mostrou-se-me, e em meu peito houve de pressa
Um gelo, que inda ha nelle,
E haverá té me ver nos braços dessa:

Mas nem susto, nem gelo me roubárao
Meu coração, pois fi-lo tão ousado,
Que, aos pés della agarrado,
Tentei gozar melhor seus doces olhos.
E ella, que o seu véo tinha afastado
Diante dos meus: Amigo, olha, me disse,
Como eu sou bella, e pede
Quanto julgas convir á tua idade.
Senhora, eu disse, desde longos annos
Vos sagrei meu amor, que ora se inflamma:
E assim em este estado
Sinto falhar qualquer outra vontade.
Ella então respondeu com tal sonido,
Que entre o medo e a esperança
Para sempre hei de ver-me dividido:

Raro, em turba tão grande, foi no mundo (48)
Quem discorrer do meu valor ouvindo,
No coração sentindo
Não fosse, inda que breve, uma scintilla.
Mas a minha adversaria, ao bem malina, (49)
Súbito a extingue, e mil virtudes morrem;
E outro senhor domina, (50)
Que promette uma vida mais tranquilla.
Amor do teu talento, ao qual abrio,

Mi dice cose veramente, ond' io
Veggio, che 'l gran desio
Pur d' onorato fin ti farà degno;
E come già se' de' miei rari amici,
Donna vedrai per segno,
Che farà gli occhi tuoi via più felici

I' volea dir: Quest' è impossibil cosa:
Quand' ella: Or mira, e leva gli occhi un poco,
In più riposto loco,
Donna, ch' a pochi si mostrò giammai.
Ratto inchinai la fronte vergognosa,
Sentendo novo dentro maggior foco:
Ed ella il prese in gioco
Dicendo: I' veggio ben, dove tu stai.
Siccome 'l Sol co' suoi possenti rai
Fa subito sparir ogni altra stella,
Così par or men bella
La vista mia, cui maggior luce preme.
Ma io però da miei non mi diparto:
Che questa e me d' un seme,
Lei davanti, e me poi produsse um parto.

Rùppesi intanto di vergogna il nodo,
Ch' alla mia lingua era distretto intorno
Su nel primiero scorno,
Allor quand' io del suo accorger m' accorsi;
E incominciai: S' egli è ver quel ch' i' odo,
Beato il padre, e benedetto il giorno,
Ch' ha di voi 'l mondo adorno,
E tutto 'l tempo, ch' a vedervi io corsi!
E se mai dalla via dritta mi torsi,

Cousas me diz, que com effeito eu vejo
Dellas, que o grão desejo
Tambem de honrado fim te fará digno;
E como ės dos meus raros amorosos,
Logo verás por signo, (51)
Mulher, que os olhos teus fará ditosos.

Eu queria dizer: Isso é impossivel:
Quando ella: olha, me disse, em elevada
Parte, e em plaga arredada,
Mulher, que sempre a poucos foi visivel.
A fronte envergonhada baixei logo,
Sentindo dentro novo e maior fogo.
E disso ella brincando,
Me disse: eu vejo o que tu 'stas pensando.
Tal como o sol com seus luzentes raios
Faz desapparecer qualquer estrella,
Parece menos bella,
Assim a minha vista em luz mais forte. (52)
Mas eu dos meus comtudo não me aparto,
Que ambas do mesmo semen
Antes ella, e após eu nos deu um parto. (53)

Rompeu-se entanto da vergonha o laço,
Que apertára em redor a lingua minha
Nesse pejo, que eu tinha,
Quando vi que entendido ella me havia;
E disse, se o que escuto é acertado,
Feliz o pai, e abençoado o dia
Que ornou de vós o mundo;
E o tempo que p'ra ver-vos tenho andado.
Se andei da recta estrada desviado,

Duólmene forte assai più ch' io non mostro:
Ma se dell' esser vostro
Fossi degno udir più, del disir ardo.
Pensosa mi rispose; e così fiso
Tenne 'l suo dolce sguardo,
Ch' al cor mandò con le parole il viso:

Siccome piacque al nostro eterno padre,
Ciascuna di noi due nacque immortale.
Misere! a noi che vale?
Me' v' era, che da noi fossi 'l difetto.
Amate, belle, gioveni, e leggiadre
Fummo alcun tempo; ed or siam giunte a tale,
Che costei batte l' ale
Per tornar all' antico suo ricetto;
I' per me sono un' ombra; ed or t' ho detto
Quanto per te si breve intender puossi.
Poi che i piè suoi fur mossi,
Dicendo: Non temer, ch' i m' allontani;
Di verde lauro una ghirlanda colse,
La qual con le sue mani
Intorno intorno alle mie tempie avvolse.

Canzon, chi tua ragion chiamasse oscura,
Di': Non ho cura; perchè tosto spero,
Ch' altro messaggio il vero
Farà in più chiara voce manifesto.
Io venni sol per isvegliare altrui;
Se chi m' impose questo,
Non m' ingannò, quando' io partii da lui.

(PETRARCA. — RIME, Parte IV, Canzone III.ª)

Muito mais do que eu mostro isso me pesa:
Mas sobre a natureza
Vossa, se posso, eu de saber mais ardo.
Pensosa respondeu-me; e o fez guardando
Tão fixo o doce esguardo,
Que o rosto ao coração mandou fallando: (54)

Como agradou ao nosso pai eterno, (55)
Nós a par immortaes ambas nascemos.
Tristes! que lucro temos? (56)
Melhor fôra que em nós defeito houvesse.
Amadas, bellas, jovens e galantes
Já fomos algum dia; ora chegamos
A tal ponto, que as azas
Voltando ao prisco alvergue esta sacode; (57)
Quanto a mim, sou um spectro, e agora disse
Quanto em breve o teu tino entender póde:
Logo a partir dispôz-se,
Dizendo: Não receies que eu me afaste.
Então verde laurel ella colheu
E, com suas mãos proprias,
Da minha fronte entorno o revolveu.

Canção, a quem teu thema achar escuro,
Dize: me não importa: espero que ha-de
Mostrar cedo a verdade
Com voz mais clara um novo mensageiro. (58)
Para outrem accordar eu tenho vindo;
Se me foi verdadeiro
Quem me mandou, quando o deixei partindo.

(PETRARCA. — RIMAS, Parte IV, Canção III.ª)

ARIOSTO.

PRÓTASI DELL' ORLANDO FURIOSO.

Le donne, i cavalier, l' arme, gli amori,
Le cortesie, l' audaci imprese io canto,
Che furo al tempo che passaro i Mori
D' Africa il mare, e in Francia nocquer tanto,
Seguendo l' ire e i giovenil furori
D' Agramante lor re, che si diè vanto
Di vendicar la morte di Troiano
Sopra Re Carlo Imperator Romano.

Dirò d' Orlando in un medesmo tratto
Cosa non detta in prosa mai, nè in rima,
Che per amor venne in furore e matto,
D' uom che sì saggio era stimato prima;
Se da colei, che tal quasi m' ha fatto;
Che 'l poco ingegno ad or ad or mi lima,
Me ne sarà però tanto concesso,
Che mi basti a finir quanto ho promesso.

ARIOSTO.

PRÓTASE DO ORLANDO FURIOSO.

As damas, os varões, armas e amores (1)
Canto, e os feitos cortezes e audaciosos,
Que houve em tempo dos Mouros invasores
Vindos d'Africa, e em França tão damnosos,
Irás seguindo, e juvenis furores
De Agramante seu rei, com os vaidosos
Fins de vingar a morte de Troiano (2)
Sobre Rei Carlo Imperador Romano.

Na mesma occasião direi de Orlando
O que nunca foi dito em prosa ou rima;
Que por amor em louco foi virando,
Tendo já de mui sabio obtido estima;
Se por essa, que tal vai-me tornando,
E o pouco engenho meu lima e relima,
Tanto me fôr de siso concedido,
Que me baste a cumprir o promettido.

Piacciavi, generosa Erculea Prole,
Ornamento e splendor del secol nostro,
Ippolito, aggradir questo che vuole
E darvi sol può l' umil servo vostro.
Quel ch' io vi debbo, posso di parole
Pagare in parte e d' opera d' inchiostro:
Nè che poco io vi dia da imputar sono,
Chè quanto io posso dar, tutto vi dono.

Voi sentirete tra i più degni eroi,
Che nominar con laude m' apparecchio,
Ricordar quel Ruggier, che fu di voi
E de' vostri avi illustri il ceppo vecchio.
L' alto valor e ichiari gesti suoi
Vi farò udir, se voi mi date orecchio,
E vostri alti pensier cedano un poco
Sì, che tra lor miei versi abbiano loco.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto 1.°)

Dignai-vos, Prole Herculea generosa, (3)
Ornamento e esplendor do sec'lo nosso,
Hyppol'.o, isto acolher com mão gostosa,
Que quer, dar póde o humilde servo vosso.
Com palavras e escripta trabalhosa
Pagar o que vos devo em parte posso:
Nem que pouco vos dê culpavel sou,
Se quanto posso dar tudo vos dou.

Vós ouvireis entre os heróes melhores,
Que a louvar me disponho, aqui lembrado
Esse Rugero vosso, e dos maiores
Vossos claros avós cepo antiquado.
Seus claros feitos, seus altos valores,
Eu ouvir vos farei, sendo escutado:
Cedão vossos excelsos pensamentos
Lugar aos versos meus alguns momentos.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto I.º

ANGÉLICA E SACRIPANTE.

Non molto va Rinaldo, che si vede
Saltare innanzi il suo destrier feroce:
Ferma, Baiardo mio, deh ferma il piede!
Chè l' esser senza te troppo mi nuoce.
Per questo il destrier sordo a lui non riede,
Anzi più se ne va sempre veloce.
Segue Rinaldo, e d' ira si distrugge:
Ma seguitiamo Angélica che fugge.

Fugge tra selve spaventose e scure,
Per lochi inabitati, ermi e selvaggi.
Il mover delle frondi e di verzure,
Che di cerri sentìa, d' olmi e di faggi,
Fatto le avea. con subite paure.
Trovar di qua e di là strani viaggi;
Che ad ogni ombra veduta o in monte o in valle,
Temea Rinaldo aver sempre alle spalle;

Qual pargoletta damma o capriola,
Che tra le fronde del natio boschetto
Alla madre veduta abbia la gola
Stringer dal pardo, e aprirle 'l fianco o 'l petto,
Di selva in selva dal crudel s' invola,
E di paura trema e di sospetto;
Ad ogni sterpo che passando tocca,
Esser si crede all' empia fera in bocca.

ANGÉLICA E SACRIPANTE.

Muito não vai Rinaldo, que alli vê
Pular-lhe diante o seu corsel feroz:
Pára Baiardo, meu, não movas pé
Que o ficar-me sem ti é damno atroz.
Mas não volta o corsel, surdo lhe é;
Ao contrario mais safa-se veloz,
Rinaldo o vai seguindo, e d'ira estala;
Mas sigamos Angélica que abala.

Foge por selvas horridas, escuras, (4)
Por sitios ermos, desertos, selvagens: (5)
O mecher que sentia nas verduras,
E das arvores varias nas folhagens, (6)
Lhe fizera, com súbitas tremuras,
Achar de cá, de lá estranhas viagens;
Qualquer sombra, que em monte ou valle via,
Ter ás costas Rinaldo ella temia;

Qual pequenina gama ou cabritinha,
Que da mouta natal entre o silvado
A garganta da mãi já visto tinha
Serrar do pardo e abrir-lhe o peito e o lado,
De bosque em bosque do cruel lestinha
Foge, treme de medo e de cuidado;
A cada estrepe, que passando toca,
Da iniqua fera já se crê na boca.

Quel dì e la notte e mezzo l' altro giorno
S' andò aggirando, e non sapeva dove:
Trovossi al fin in un boschetto adorno,
Che lievemente la fresca aura move.
Dui chiari rivi mormorando intorno,
Sempre l' erbe vi fan tenere e nove;
E rendea ad ascoltar dolce concento,
Rotto tra picciol sassi, il correr lento.

Quivi parendo a lei d' esser sicura
E lontana a Rinaldo mille miglia,
Dalla via stanca e dall' estiva arsura,
Di riposare alquanto si consiglia.
Tra fiori smonta, e lascia alla pastura
Andare il palafren senza la briglia;
E quel va errando intorno alle chiare onde,
Che di fresca erba avean piene le sponde.

Ecco non lungi un bel cespuglio vede
Di spin fioriti e di vermiglie rose,
Che delle liquide onde al specchio siede,
Chiuso dal Sol fra l' alte querce ombrose,
Così vôto nel mezzo, che concede
Fresca stanza fra l' ombre più nascose;
E la foglia coi rami in modo è mista,
Che 'l Sol non v' entra, non che minor vista.

Dentro letto vi fan tenere erbette,
Che invitano a posar chi s' appresenta.
La bella donna in mezzo a quel si mette;
Ivi si corca, ed ivi s' addormenta.

Nesse dia, na noite, e meio dia
Depois, sem saber onde, andou vagando;
N'um bosque emfim chegou, que florescia,
E o vai a fresca aragem meneando;
Tenra e nova alli sempre herva crescia,
Por dous rios que o cercão murmurando,
E dava um doce de se ouvir concento,
Em seixinhos quebrado, o correr lento.

Alli lhe parecendo estar segura,
E de Rinaldo milhas mil distante,
Cançada do caminho e da quentura,
Resolve repousar algum instante:
Entre as flores se apeia, e na pastura
Deixa ir sem freio o palafrem, que errante
Vai andando ao redor dessa onda clara,
Que de herva fresca a margem esmaltara.

Eis perto um bello céspede alli vê
De espinho em flor e de vermelhas rosas,
Que se espelha no rio que corre ao pé,
Livre do sol entre arvores umbrosas,
Tão vasio no meio p'ra que dê
Fresco aposento em sombras mais selvosas;
E c'os ramos a folha em modo é mista,
Que alli não entra Sol nem menor vista.

Tenras hervinhas alli formão leito,
Que chama a descançar quem se apresenta;
Mette-se nelle a bella dama, e a geito
Alli estende o corpo e se adormenta.

Ma non per lungo spazio così stette,
Che' un calpestio le par che venir senta.
Cheta si leva, e appresso alla riviera
Vede ch' armato un cavalier giunt' era.

S' egli è amico o nemico non comprende:
Tema e speranza il dubbio cor le scuote;
E di quella avventura il fine attende,
Nè pur d' un sol sospir l' aria percuote.
Il cavaliero in riva al fiume scende
Sopra l' un braccio a riposar le gote;
Ed in un gran pensier tanto penètra,
Che par cangiato in insensibil pietra.

Pensoso più d' un' ora a capo basso
Stette, Signore, il cavalier dolente;
Poi cominciò con suono afflitto e lasso
A lamentarsi sì soavemente,
Che avrebbe di pietà spezzatto un sasso,
Una tigre crudel fatta clemente:
Sospirando piangea, tal ch' un ruscello
Parean le guance, e 'l petto un Mongibello.

Pensier (dicea) che 'l cor m' agghiacci ed ardi,
E causi 'l duol che sempre il rode e lima,
Che debbo far, poi ch' io son giunto tardi,
E ch' altri a corre il frutto è andato prima?
Appena avuto io n' ho parole e sguardi,
Ed altri n' ha tutta la spoglia opima.
Se non ne tocca a me frutto nè fiore,
Perchè affligger per lei mi vo' più il cuore?

Mas muito assim não fica, e com effeito
Pisadas de quem vem c'o ouvido attenta; (7)
Ergue-se quêda, e junto do ribeiro
Vê que armado chegara um cavalleiro. (8)

Se elle é amigo on inimigo não conhece:
Esperança, temor lhe o peito abala;
E espera o fim de um caso tal como esse,
Nem um suspiro só no ar estala.
Do rio o cavalleiro á margem desce,
E sobre um braço a face encosta; e cala
Tão adentro de um grande pensamento,
Que parece um calháo sem sentimento.

Pensoso e cabisbaixo mais de uma hora
'Steve, Senhor, esse varão gemente.
Depois com tom affiicto e de quem chora,
Começa a se queixar tão docemente,
Que enternecêra ás pedras sem demora,
E um cruel tigre tornára clemente.
Suspirando chorava, e quasi feito
Um rio estava o rosto, um Etna o peito. (9)

Pensamento, dizia, que gela e arde
Meu peito, e és pai da dôr que sempre o rala,
Que hei de fazer pois, que cheguei já tarde,
E outrem c'o fructo já nas mãos abala?
Só palavras eu tive e algum esguarde, (10)
E outrem com rica preia se regala.
Se disso me não toca flor nem fructo,
Porque hei de o coração cobrir de lucto?

La verginella è simile alla rosa,
Che 'n bel giardin su la nativa spina
Mentre sola e sicura si riposa,
Nè gregge nè pastor se le avvicina;
L' aura soave, e l' alba rugiadosa,
L' acqua, la terra al suo favor s' inchina:
Giovani vaghi e donne innamorate
Amano averne e seni e tempie ornate;

Ma non sì tosto dal materno stelo
Rimossa viene e dal suo ceppo verde,
Che quanto avea dagli uomini e dal cielo
Favor, grazia e bellezza, tutto perde.
La vergine, che 'l fior, di che più zelo
Che de' begli occhi e della vita aver de',
Lascia altrui corre, il pregio ch' avea innanti
Perde nel cor di tutti gli altri amanti.

Sia vile agli altri, e da quel solo amata,
A cui di sè fece sì larga copia.
Ah fortuna crudel, fortuna ingrata!
Trionfan gli altri, e ne morro io d' inopia.
Dunque esser può che non mi sia più grata?
Dunque io posso lasciar mia via propria?
Ah! più tosto oggi mànchino i dì miei,
Ch' io viva più, s' amar non debbo lei.

Se mi dimanda alcun, chi costui sia,
Che versa sopra il rio lagrime tante;
Io dirò chè egli è il Re di Circassia,
Quel d' amor travagliato Sacripante:

A virgemzinha é semelhante á rosa,
Que em jardim bello em a natal espinha
Emquanto só se fica e cautelosa,
Nem gado nem pastor se lhe avisinha;
A aura suave, a alva rociosa,
A agoa, a terra, tudo a acarinha:
Jovens bellos e moças namoradas.
Gostão ter seio e fronte della ornadas.

Mas logo que do ramo em que nasceu
E do seu cepo verde é removida,
Perde a graça e a belleza, e já do céo
E dos mortaes não é favorecida:
Virgem que a flor em que ha-de o zelo seu
Pôr mais que em bellos olhos e na vida,
Deixa colher, o apreço, que tinha antes,
Perde no coração de outros amantes.

Vil seja aos mais e só por esse amada,
Ao qual tanto de si deu larga copia,
Ah fortuna cruel e arrenegada! (11)
Os mais triumphão, morro eu de inopia.
Pois nella a gratidão póde ser nada?
E largar posso a minha vida propria? (12)
Ah! quero antes morrer do que ter vida,
Se mais não hei de amar minha querida.

Se me pergunta alguem quem é o gemente,
Que verte assim no rio pranto abundante,
Direi: é o Rei da Circassiana gente,
O de amor trabalhado Sacripante.

Io dirò ancor, che di sua pena ria
Sia prima e sola causa essere amante,
E pur un degli amanti di costei:
E ben riconoscinto fù da lei.

Appresso ove il sol cade, per suo amore,
Venuto era dal capo d' Oriente;
Che seppe in India, con suo gran dolore,
Come ella Orlando seguitò in ponente:
Poi seppe in Francia che l' Imperatore
Sequestrata l' avea dall' altra gente gente,
E promessa in mercede a chi di loro
Più quel giorno aiutasse i Gigli d' oro.

Stato era in campo, avea veduta quella,
Quella rotta che dianzi ebbe Re Carlo.
Cercò vestigio d' Angelica bella,
Nè potuto avea ancora ritrovarlo.
Questa è dunque la trista e ria novella
Che d' amorosa doglia fa penarlo,
Affigger, lamentare, e dir parole
Che di pietà potrian fermare il Sole.

Mentre costui così s' affligge e duole,
E fa degli occhi suoi tèpida fonte,
E dice queste e molte altre parole,
Che non mi par bisogno esser racconte;
L' avventurosa sua fortuna vuole
Ch' alle orecchie d' Angelica sian conte:
E così quel ne viene a un' ora, e un ponto
Che 'n mille anni, o mai più, non é raggiunto.

Direi tambem que do seu mal ingente
Primeira e unica causa causa é o ser amante;
E mais um dos amantes desta bella;
E bem reconhecido foi por ella.

Té onde cahe o sol por seu amor
Viera des do cabo do Oriente;
Pois soube em India, com acerba dôr,
Que ella seguira Orlando no Poente:
Soube em França depois qu' o Imperador
A tinha separado da outra gente,
E promettido em premio a quem no dia
Aos lirios d'ouro mais ajudaria. (13)

Tinha estado no campo, e vira aquella
Derrota que rei Carlos já tivera.
Buscou vestigios de Angelica bella,
Nem dar com elles inda elle podera.
Eis a triste noticia que o flagella
Com paixão amorosa, e o dilacera.
E o leva a se queixar, cousas dizendo,
Que o sol, de dó, não possa ir se movendo.

Emquanto assim elle se afflige e queixa,
E faz dos olhos seus tépida fonte,
E estas e mais palavras sahir deixa,
Que não julgo preciso que eu as conte;
Sua sorte feliz quer que essa queixa
Aos ouvidos de Angelica lá monte;
E assim n'uma hora e n'um instante vêde
O que em mil annos ou jámais succede.

Con molta attenzïon la bella donna
Al pianto, alle parole, al modo attende
Di colui ch' in amarla non assonna;
Nè questo è il primo dì ch' ella l' intende:
Ma dura e fredda più d' una colonna.
Ad averne pietà non però scende;
Come colei c' ha tutto il mondo a sdegno,
E non le par che alcun sia di lei degno.

Pur tra quei boschi il ritrovarsi sola,
Le fa pensar di tor costui per guida;
Chè, chi nell' acqua sta fin alla gola,
Ben è ostinato se mercè non grida.
Se questa occasïon or se l' invola,
Non troverà mai più scorta sì fida;
Ch' a lunga prova conosciuto innante
S' avea quel re fedel sopra ogni amante.

Ma non però disegna dell' affanno,
Che lo distrugge, alleggerir chi l' ama,
E ristorar d' ogni passato danno
Con quel piacer ch' ogni amator più brama:
Ma alcuna fizïone, alcuno inganno
Di tenerlo in speranza ordisce e trama;
Tanto ch' al suo bisogno se ne serva,
Poi torni, all' uso suo, dura e proterva.

E fuor di quel cespuglio oscuro e cieco
Fa di se bella ed improvisa mostra,
Come di selva o fuor d' ombroso speco
Dïana in scena, o Citerea si mostra;

Com mui grande attenção a bella dama
Ao pranto, ás expressões, ao modo attende
Desse, que sempre sem descanço a ama,
Nem é a primeira vez que issso ella entende;
Mas dura e fria mais que columna, est'ama
Delle, por dó, seu coração não rende,
Como quem desdenhosa a todos seja
E não ache quem della digno seja.

Comtudo, o achar-se só nesse silvado,
Lembra-lhe de tomar este por guia.
Que, quem tem agua ás barbas, obstinado
Em não gritar soccorro assaz seria.
Se este ensejo lhe escapa, em outro lado
Escolta tão fiel não acharia.
Pois, por mil provas, conhecêra ella antes
Tal rei o mais fiel dos seus amantes.

Mas nem por isso pensa do tormento,
Que o gasta, alliviar a quem a ama,
Nem compensar passado detrimento
C'o prazer que um amante mais reclama.
Mas só algum engano ou fingimento,
Para o ter na esperança, ella urde e trama;
P'ra delle se servir quanto precisa,
E após voltar á dura e altiva guisa.

Fóra do escuro céspede tapado
Faz de si bella e repentina mostra,
Qual de antro umbroso ou de bosque cerrado
Diana em scena ou Venus se nos mostra.

E dice all' apparir: Pace sia teco :
Teco difenda Dio la fama nostra,
E non comporti, contra ogni ragione,
Ch' abbi di me sì falsa opinïone.

Non mai com tanto gaudio o stupor tanto
Levò gli occhi al figliuolo alcuna madre,
Ch' avea per morto sospirato e pianto,
Poichè senz' esso udì tornar le squadre;
Con quanto gaudio il Saracin, con quanto
Stupor l' alta presenza, e le leggiadre
Maniere, e 'l vero angélico sembiante,
Improvviso apparir si vede innante.

Pieno di dolce e d' amoroso affetto,
Alla sua donna, alla sua diva corse,
Che colle braccia al collo il tenne stretto,
Quel ch' al Catai non avria fatto forse.
Al patrio regno, al suo natìo ricetto,
Seco avendo costui, l' animo torse:
Subito in lei s' avviva la speranza
Di tosto riveder sua ricca stanza.

Ella gli rende conto pienamente
Dal giorno che mandato fu da lei
A domandar soccorso in Orïente
Al re de' Sericani Nabatei;
E come Orlando la guardò sovente
Da morte, da disnor, da casi rei;
E che 'l fior virginal così avea salvo,
Come se lo portò del materno alvo.

E diz sahindo: Fica socegado;
Minha honra ampare o céo de quem a prostra,
E não soffra que em tudo sem razão
Tenhas de mim tão falsa opinião.

Jámais com tanto gaudio e estupor tanto
Os olhos levantou para o seu nado,
Mãi que por morto o lastimára em pranto
Sem elle ouvindo o exército voltado,
Com quanto o Mouro alto prazer, com quanto
Pasmo, a alta presença e o delicado
Modo, e o de certo angélico semblante
Vê de repente apparecer-lhe diante.

Cheio de doce e de amoroso affeito,
A' sua dama ou deosa elle correu,
A qual o collo c'um abraço estreito
Prendeu-lhe, o que na terra em que nasceu,
Do Catai reino não houvera feito;
Companheiro na patria, o aborreceu.
Logo nella revive uma esperança
De rever cedo a sua rica estança.

Ella conta lhe dá inteiramente
Desde quando elle foi, por mandos seus,
Auxilios implorar no Oriente
Do rei dos Sericanos Nabateos: (14)
Como Orlando a livrou frequentemente
Da morte, da deshonra e ruins boléos;
E que a flor virginal salva trouxera,
Qual do ventre materno ella a tivera.

Forse era ver, ma non però credibile,
A chi del senso suo fosse signore;
Ma parve facilmente a lui possibile,
Ch' era perduto in via più grave errore.
Quel che l' uom vede, Amor gli fà invisibile,
E l' invisibil fa veder Amore.
Questo creduto fu; chè 'l miser suole
Dar facile credenza a quel che vuole.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto I.º)

Verdade era talvez, porem incrivel,
P'ra quem do siso seu fosse senhor;
Mas logo a elle pareceu possivel,
Que laborava em erro inda maior.
O que se vê Amor torna invisivel,
E o invisivel nos faz ver Amor.
Isso se acreditou; que o desgraçado
A crer o que elle quer é costumado.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto I.º

SACRIPANTE

LEVATO DI SELLA DA BRADAMANTE,

E

COMPARSA DI RINALDO.

Ecco pel bosco un cavalier venire,
Il cui sembiante è d' uom gagliardo e fiero:
Càndido come neve è il suo vestire;
Un bianco pennoncello ha per cimiero.
Re Sacripante, che non può patire
Che quel coll' importuno suo sentiero
Gli abbia interrotto il gran piacer ch' avea,
Con vista il guarda disdegnosa e rea.

Come è più appresso, lo sfida a battaglia;
Chè crede ben fargli votar l' arcione.
Quel, che di lui non stimo già che vaglia
Un grano meno, e ne fa paragone,
L' orgogliose minacce a mezzo taglia,
Sprona a un tempo, e la lancia in resta pone.
Sacripante ritorna con tempesta,
E corronsi a ferir testa per testa.

SACRIPANTE

DERRIBADO DA SELLA POR BRADAMANTE,

E

APPARECIMENTO DE RINALDO.

Eis pelo bosque um cavalleiro vir, (15)
Cujo semblante é de homem fero e forte:
Cândido como neve é o seu vestir;
Branco pennacho lhe remata o porte.
Rei Sacripante não póde engulir
Que co'a vinda importuna este lhe córte
O grão prazer com que se extasiava:
Olha-o com catadura irosa e brava.

Vêndo-o mais perto lhe propõe batalha;
Contando já que o lançará do arção.
Aquelle, que não creio menos valha
Um grão do que elle, e póde ser-lhe irmão,
As soberbas ameaças logo talha,
Toca de espora, enrista a lança em mão,
Uma tormenta Sacripante assesta,
E correm se ferir testa por testa.

Non si vanno i leoni o i tori in salto
A dar di petto, ad accozzar sì crudi,
Come li dui guerrieri al fiero assalto,
Che parimente si passar gli scudi.
Fe' lo scontro tremar dal basso all' alto
L' erbose valli insino ai poggi ignudi;
E ben giovò che fur buoni e perfetti
Gli usberghi sì, che lor salvaro i petti.

Già non fero i cavalli un correr torto,.
Anzi cozzaro a guisa di montoni:
Quel del guerrier Pagan morì di corto,
Ch' era vivendo in número de' buoni:
Quell' altro cadde ancor, ma fu risorto
Tosto ch' al fianco si sentì gli sproni.
Quel del Re Saracin restò disteso
Adosso al suo signor con tutto il peso.

L' incógnito campion che restò ritto,
E vide l' altro col cavallo in terra,
Stimando avere assai di quel conflitto,
Non si curò di rinnovar la guerra;
Ma dove per la selva è il cammin dritto,
Correndo a tutta briglia, si disserra;
E prima che di briga esca il Pagano,
Un miglio o poco meno è già lontano.

Qual istordito e stupido aratore,
Poich' è passato il fùlmine, si leva
Di là dove l' altissimo fragore,
Presso alli morti buoi steso l' aveva;

Touros, leões, assim não vão de salto
C'os peitos esbarrar, marrar crueis,
Como os dous campeões ao fero assalto,
Que igualmente passárão-se os broqueis.
Fez o encontro tremer do baixo ao alto
Virentes valles, cumes sem vergeis;
E mui valeu bons serem e perfeitos
Tanto os peitilhos de salvar seus peitos.

Dos cavallos nenhum torto correu,
Pois marrárão a guisa de carneiros:
O do Mouro varão logo morreu,
O qual era na vida um dos primeiros:
Cahio tambem o outro, mas se ergueu
Mal a espora sentio nos costaneiros.
O do Rei Sarraceno lá 'stendido
Fica sobre o senhor, delle opprimido.

O incognito varão que não cahira,
E vio ao outro c'o cavallo em terra,
Contente do conflicto em que se vira,
Não cuidou mais em renovar a guerra;
Mas direitinho ao bosque elle se atira,
A toda brida percorrendo a terra;
E, emquanto o outro se desenvencilha,
Já distante lá vai quasi uma milha.

Como aturdido e estupido arador
Pós que o raio passou, em pé surgido
De lá onde o fortissimo fragor,
Perto dos mortos bois tinha-o 'stendido,

Che mira senza fronde e senza onore
Il pin che di lontan veder soleva;
Tal si levò il Pagano a piè rimaso,
Angélica presente al duro caso.

Sospira e geme, non perchè l' annoi
Che piede o braccio s' abbia rotto o smosso,
Ma per vergogna sola, onde a' dì suoi
Nè prìa nè dopo il viso ebbe sì rosso:
E più, ch' oltra il cader, sua donna poi
Fu che gli tolse il gran peso d' addosso.
Muto restava, mi cred' io, se quella
Non gli rendea la voce e la favella.

Deh, (disse ella) signor, non vi rincresca;
Che del cader non è la colpa vostra,
Ma del cavallo a cui riposo ed esca
Meglio si convenìa che nuova giostra:
Nè perciò quel guerrier sua gloria accresca,
Che d' esser stato il perditor dimostra:
Così, per quel ch' io me ne sappia, stimo,
Quando a lasciar il campo è stato il primo.

Mentre costei conforta il Saracino,
Ecco col corno e con la tasca al fianco,
Galoppando venir sopra un ronzino
Un messaggier che parea afflitto e stanco;
Che come a Sacripante fu vicino,
Gli domandò se con lo scudo bianco,
E con un bianco pennoncello in testa,
Vide un guerrier passar per la foresta.

Que olha já sem belleza e sem verdor
O pinho ao longe sempre conhecido;
Tal ergueu-se o Pagão, a pé ficado,
Vêndo Angélica o caso desastrado.

Suspira e geme, não pelo desgosto
De ter ou braço ou pé roto ou luxado,
Mas por vergonha só, e nunca o rosto
Teve na vida tanto avermelhado:
E mais, além da quéda, o sobreposto
Peso pelo seu bem lhe foi tirado:
Mudo ficava, eu creio, a não ser ella
Que lhe restituio voz e loquela.

Ah (disse ella) senhor, não vos agaste,
Isto, pois de cahir não sois culpado,
Mas o cavallo, ao qual comer que baste
Convinha, e não combate renovado:
Nem mui de gloria esse varão se abaste,
Que antes o perdedor tem-se mostrado.
Assim, por quanto eu sei, julgando estou,
Pois primeiro elle o campo abandonou.

Emquanto ao Mouro a tal vai consolando,
Eis vir com a corneta e a pasta ao lado,
De um rossim sobre as costas galopando,
Um mensageiro afflicto e já cansado;
O qual, de Sacripante perto estando,
Lhe pergunta se tinha reparado,
Com alvo escudo e alvo pennacho em testa,
Um guerreiro passar pela floresta.

Ripose Sacripante: Come vedi,
M' ha qui abbattuto, e se ne parte or ora;
E perch' io sappia chi m' ha messo a piedi,
Fa che per nome io lo conosca ancora.
Ed egli a lui: Di quel che tu mi chiedi,
Io ti satisfarò senza dimora:
Tu dei saper che ti levò di sella
L' alto valor d' una gentil donzella.

Ella è gagliarda, ed è più bella molto;
Nè il suo famoso nome anco t' ascondo:
Fu Bradamante quella che t' ha tolto
Quanto onor mai tu guadagnasti al mondo.
Poich' ebbe così detto, a freno sciolto
Il Saracin lasciò poco giocondo,
Che non sa che si dica o che si faccia,
Tutto avvampato di vergogna in faccia.

Poichè gran pezzo al caso intervenuto
Ebbe pensato invano, e finalmente
Si trovò da una femmina abbattuto,
Che pensándovi più, più dolor sente,
Montò l' altro destrier, tacito e muto:
E, senza far parola, chetamente
Tolse Angelica in groppa, e differilla
A più lieto uso, a stanza più tranquilla.

Non furo iti duo miglia, che sonare
Odon la selva che li cinge intorno,
Con tal rumor e strépito, che pare
Che tremi la foresta d' ogn' intorno;

Respondeu Sacripante: Como vês,
Aqui me derribou; inda ha momento,
Foi-se; e para eu saber quem pôz-me a pés
Dá-me do nome seu conhecimento.
E elle tornou-lhe: Com duas ou tres
Palavras satisfaço o teu intento:
Pois sabe tu que te esbulhou da sella
O alto valor de uma gentil donzella.

Ella é valente e muito mais galante;
Nem eu te occulto o seu nome famoso:
Quem assim te tratou foi Bradamante;
Tirou-te o que ganharas de glorioso.
Dito isto, a redea solta, a Sacripante
Deixou do caso seu pouco gostoso,
Que, todo em rosto de vergonha ardendo,
Não sabe o que mais diga ou vá fazendo.

Depois que muito tempo elle pensado
Teve no acontecido, e finalmente
Por uma mulher vio-se derribado,
E que mais pensa nisso mais dôr sente;
Montou n'outro corsel mudo e callado: (16)
E sem dizer palavra, quedamente
Tomou na grupa Angélica, e a mais ledo
Uso a guardou, e p'ra lugar mais quedo.

Duas milhas não tem elles andado,
Que ouvem soar a selva que os rodeia
Com tal rumor e estrépito espalhado,
Que estremece a floresta disso cheia;

E poco dopo un gran destrier n' appare
D' oro guernito e riccamente adorno,
Che salta macchie e rivi, ed a fracasso
Arbori mena e ciò che vieta il passo.

Se gl' intricati rami e l' aer fosco
(Disse la donna) agli occhi non contende,
Baiardo è quel destrier che in mezzo il bosco
Con tal rumor la chiusa via si fende.
Questo è certo Baiardo; io 'l riconosco:
Deh come ben nostro bisogno intende!
Ch' un sol ronzin per dui saria mal atto;
E ne vien egli a satisfarci ratto.

Smonta il Circasso, ed al destrier s' accosta,
E si pensava dar di mano al freno.
Colle groppe il destrier gli fa risposta,
Che fu presto al girar come un baleno;
Ma non arriva dove i calci apposta:
Misero il cavalier se giungea appieno!
Che ne' calci tal possa avea il cavallo,
Ch' avria spezzato un monte di metallo.

Indi va mansueto alla donzella,
Con umile sembiante e gesto umano,
Come intorno al padrone il can saltella,
Che sia dui giorni o tre stato lontano.
Baiardo ancora avea memoria d' ella
Ch' in Albracca il servia già di sua mano,
Nel tempo che da lei tanto era amato
Rinaldo, allor crudele, allora ingrato.

E pouco após, eis ricamente ornado
Vir um cavallo, o qual d'ouro se arreia,
E salta moutas, rios, e em fracasso
Arvores põe, e quanto veda o passo.

Se a ramagem confusa e o ar sombrio,
(Disse a mulher) c'os olhos não contende,
É Baiardo o corsel, que o passo abrio
Permeio o bosque ao qual com bulha fende.
Este sim é Baiardo; eu já bem vi-o:
O' como bem nossa carencia entende!
Pois p'ra dous um rossim só não bastava,
E já nos vem trazer o que faltava.

Apeia-se o Circassio e já se chega
Ao cavallo, e empolgar queria o freio.
Nelle o corsel co'a grupa descarrega,
Tão prompto como raio em dar rodeio: (17)
Mas aonde atirou-lhe não pespega:
Coitado do varão, se dava em cheio!
Porque tinha nos couces força tal,
Que espedaçára um monte de metal.

Depois manso vai ter com a donzella,
Com humilde semblante e actos de gente,
Qual do dono ao redor pula a cadella,
Que dous dias ou tres tem 'stado ausente.
Baiardo tinha inda lembrança della,
Que em Albraca o servio frequentemente, (18)
Com sua mão, quando ao seu peito grato
Foi Rinaldo, então fero, então ingrato.

Con la sinistra man prende la briglia,
Con l' altra tocca e palpa il collo e il petto;
Quel destrier, ch' avea ingegno a maraviglia,
A lei, come un agnel, si fa suggetto.
Intanto Sacripante il tempo piglia:
Monta Baiardo, e l' urta e lo tien stretto.
Del ronzin disgravato la donzella
Lascia la groppa, e si ripone in sella.

Poi rivolgendo a caso gli occhi, mira
Venìr, sonando d' arme, un gran pedone.
Tutta s' avvampa di dispetto e d' ira,
Chè conosce il figliuol del Duca Amone.
Più che sua vita l' ama egli e desira;
L' odia e fugge ella più che grù falcone.
Già fù ch' esso odiò lei più che la morte;
Ella amò lui: or han cangiato sorte.

E questo hanno causato due fontane
Che di diverso effetto hanno liquore,
Ambe in Ardenna, e non sono lontane;
D' amoroso disio l' una empie il core;
Chi bee dell' altra, senza amor rimane,
E volge tutto in ghiaccio il primo ardore.
Rinaldo gustò d' una, e amor lo strugge;
Angelica dell' altra, e l' odia e fugge.

Quel liquor di secreto venen misto,
Che muta in odio l' amorosa cura,
Fa che la donna, che Rinaldo ha visto,
Nei sereni occhi subito s' oscura;

Co'a esquerda mão, na redea vai pegando, (19)
Toca co'a outra e apalpa o collo e o peito.
O corsel, o môr tino então mostrando,
Como um cordeiro fica-lhe sujeito.
Sacripante, esse ensejo approveitando,
Monta em Baiardo, o empurra e aguenta estreito:
Do rossim desmontado eis a donzella
Deixa a garupa, e se repõe na sella.

Voltando após acaso os olhos, mira,
D'armas tinindo, vir um grão peão:
Toda se inflamma de despeito e d' ira,
Que o filho conheceu do Duque Amão.
Mais que a vida elle a ama, elle a suspira;
Detesta-o, foge-o mais que grú falcão,
Ella, que já o amou; e mais que a morte
Este odiou ella; ora mudárão sorte.

E duas fontes isto tem causado,
Que uma agua tem de effeito differente,
Ambas na Ardenna e em sitio mui chegado; (20)
De amoroso desejo esta uma enchente
Deixa no coração; de amor privado
Fica quem bebe d'outra, e frio se sente.
Rinaldo provou d'uma, amor o ateia;
Angelica da outra, e o foge e odeia.

Com secreto veneno misturada
Essa agua, que o amor em odio vira,
Faz que logo com vista perturbada
Fique a mulher que já Rinaldo vira:

E con voce tremante e viso tristo
Sùpplica Sacripante e lo scongiura,
Che quel guerrier più appresso non attenda,
Ma ch' insieme con lei la fuga prenda.

Son dunque (disse il Saracino), sono
Dunque in sì poco credito con vui,
Che mi stimiate inutile, e non buono
Da potervi difender da costui?
Le battaglie d' Albracca già vi sono
Di mente uscite, e la notte ch' io fui
Per la salute vostra, solo e nudo,
Contra Agricane e tutto il campo, scudo?

Non risponde ella, e non sa che si faccia,
Perchè Rinaldo ormai l' è troppo appresso,
Che da lontano al Saracin minaccia,
Come vide il cavallo e conobbe esso,
E riconobbe l' angelica faccia
Che l' amoroso incendio in cor gli ha messo.
Quel che seguì tra questi dui superbi,
Vo' che per l' altro Canto si riserbi.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto I.°)

Com voz tremente e face contristada
Supplica a Sacripante, e o rogo estira, (21)
Que não espere mais esse guerreiro,
Mas que com ella safe-se ligeiro.

Pois tão pouco conceito vos mereço,
(O Mouro disse então) que estais julgando,
Que inutil sou e de valor careço
Para amparar-vos de quem vem chegando?
Das batalhas de Albraca todo o preço (22)
Da mente vos fugio, e á noite, quando
Eu só e nú p'ra vos salvar fiz tudo,
Contra Agricão e o campo todo, escudo?

Resposta ella não dá, nem o que faça
Sabe, pois já Rinaldo está mui perto,
O qual de longe o Sarraceno ameaça
Tendo visto o cavallo em que 'stá certo.
E o rosto conheceu, d'anjo na graça,
Que no peito lhe fez do ardor o enxerto.
Entre estes dous soberbos o que houve
Para outro Canto reservar me aprouve

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto I.°)

COMBATTIMENTO TRA RINALDO E SACRIPANTE

FATTO CESSARE

CON ASTUZIA DA UN MAGO.

Ingiustissimo Amor, perchè sì raro
Corrispondenti fai nostri disiri?
Onde, perfido, avvien che t' è sì caro
Il discorde voler ch' in dui cor miri?
Ir non mi lasci al facil guado e chiaro,
E nel più cieco e maggior fondo tiri:
Da chi disia il mio amor tu mi richiami,
E chi m' ha in odio vuoi ch' adori ed ami.

Fai che a Rinaldo Angelica par bella,
Quando esso a lei brutto e spiacevol pare:
Quando le parea bello e l' amava ella,
Egli odiò lei quanto si può più odiare:
Ora s' affligge indarno e si flagella;
Così renduto ben gli è pare a pare:
Ella l' ha in odio; e l' odio è di tal sorte,
Che più tosto che lui vorria la morte.

COMBATE ENTRE RINALDO E SACRIPANTE

FEITO CESSAR

COM ASTUCIA POR UM MAGO.

Injustissimo Amor, porque tão raro (23)
É concordes desejos nos fazeres?
D'onde, pérfido, vem que te é tao caro
Ver em dous corações varios quereres?
Tu me afastas do váo facil e claro,
Para em scuro fundão pós me metteres:
Tu me arredas de quem por mim se ateia
E queres que ame e adore a quem me odeia.

Tu fazes de Rinaldo aos olhos bella
Angélica quanto elle aos desta é feio:
Quando o achava formoso e amava-o ella,
Elle de odio por ella estava cheio:
Agora em vão se afflige e se flagella:
Assim tal como deu a levar veio:
Odeia-o ella, e o odio é de tal sorte,
Que antes que a elle ella quizera a morte.

Rinaldo al Saracin con molto orgoglio
Gridò: Scendi, ladron, del mio cavallo:
Che mi sia tolto il mio, patir non soglio;
Ma ben fo, a chi lo vuol, caro costallo:
E levar questa donna anco ti voglio;
Chè sarebbe a lasciartela gran fallo:
Sì perfetto destrier, donna sì degna
A un ladron non mi par che si convegna.

Tu te ne menti che ladrone io sia,
Rispose il Saracin non meno altiero:
Chi dicesse a te ladro, lo diria
(Quanto io n' odo per fama) più con vero.
La prova or si vedrà, chi di noi sia
Più degno della donna e del destriero;
Benchè, quanto a lei, teco io mi convegna
Che non è cossa al mondo altra sì degna.

Come soglion talor dui can mordenti,
O per invidia o per altro odio mossi,
Avvicinarsi digrignando i denti,
Con occhi biechi e più che bragia rossi;
Indi a' morsi venir, di rabbia ardenti,
Con aspri ringhi e rabbuffati dossi:
Così alle spade e dai gridi e dall' onte
Venne il Circasso e quel di Chiaramonte.

A piedi è l' un, l' altro a cavallo: or quale
Credete ch' abbia il Saracin vantaggio?
Nè ve n' ha però alcun; che così vale
Forse ancor men ch' uno inesperto paggio:

Rinaldo ao Mouro com orgulho immenso
Gritou: Desce, ladrão, do meu cavallo;
Nunca o meu se tirou sem meu consenso;
E faço, a quem tal quer, caro custa-lo;
Tirar-te esta mulher tambem já penso,
Pois grão falta seria o não tenta-lo;
Tão perfeito corsel, dama tão digna
Em poder de um ladrão são cousa indigna.

Tu mentes em dizer que eu sou ladrão,
O Mouro respondeu tambem altivo,
Quem te désse este nome, tinha á mão,
(Pelo que ouço dizer) melhor motivo.
Ora a prova vai dar a decisão,
Qual de nós é mais digno deste divo
Semblante e do corsel; pois quanto a ella
Concordo, outra não ha mais digna e bella.

Taes como alguma vez dous cães mordentes
Sohem de inveja ou d'outro odio levados,
Approximar-se arreganhando os dentes,
Com olhos tortos, mais avermelhados
Que braza, e após morder de raiva ardentes
Com ringir fero e dorsos eriçados:
Tal dos gritos, da injuria o Circassiano
Á espada veio, e tal o Clarmontano.

Um fica a pé, outro a cavallo; e qual
Do Mouro agora crêdes a vantagem?
Nenhuma tem, pois elle assim não val
Nem tanto como um inexperto pagem:

Chè 'l destrier per istinto naturale
Non volea far al suo signore oltraggio;
Nè con man nè con spron potea il Circasso
Farlo a volontà sua mover mai passo.

Quando crede cacciarlo, egli s' arresta;
E se tener lo vuole, o corre o trotta:
Poi sotto il petto si caccia la testa,
Giuoca di schiena e mena calci in frotta.
Vedendo il Saracin ch' a domar questa
Bestia superba era mal tempo allotta,
Ferma le man sul primo arcione e s' alza,
E dal sinistro fianco in piedi sbalza.

Sciolto che fù il pagan con leggier salto
Dall' ostinata furia di Baiardo,
Si vide cominciar ben degno assalto
D' un par di cavallier tanto gagliardo.
Suona l' un brando e l' altro, or basso, or alto:
Il martel di Vulcano era più tardo
Nella spelonca affumicata, dove
Battea all' incude i folgori di Giove.

Fanno or con lunghi, ora con finti e scarsi
Colpi, veder che mastri son del gioco:
Or li vedi ire altieri, or rannicchiarsi;
Ora coprirsi, ora mostrarsi un poco;
Ora crescer innanzi, ora ritrarsi;
Ribatter colpi, e spesso lor dar loco;
Girarsi intorno; e donde l' uno cede,
L' altro aver posto immantinente il piede.

Que o corsel, por instincto natural,
Ao seu senhor não quer causar ultragem;
Nem com espora ou mão póde o Circasso
Fazê-lo como quer dar um só passo.

Quando cuida lança-lo, immovel resta;
E se contê-lo quer, ou corre ou trota;
Sob o peito depois encaixa a testa,
Pinotes dá e couces abarrota.
O Mouro, que para domar a besta
Orgulhosa mal proprio o tempo nota,
No arção primeiro firma a mão, e alçado,
Pula, ficando em pé, do esquerdo lado.

Livre o pagão, por um ligeiro salto,
Dessa obstinada furia de Baiardo,
Vio-se principiar mui digno assalto
De um par de cavalleiros tão galhardo.
Tine uma espada e outra ou baixo ou alto:
De Vulcano o martello era mais tardo
Lá onde, na espelunca negrejante,
Bate á bigorna os raios do Tonante.

Ora com grandes, ora com fingidos
E escassos golpes, mostrao-se amestrados
No jogo; assomão ora, ora encolhidos
Os vês, e se cobrir e expôr-se ousados.
Ora avançar ou recuar temidos,
Rebater golpes e apanha-los dados;
Andar de volta; e aonde um cede, torso
Ter o outro o seu pé ali já posto.

Ecco Rinaldo con la spada addosso
A Sacripante tutto s' abbandona;
E quel porge lo scudo ch' era d' osso,
Con la piastra d' acciar temprata e buona.
Táglial Fusberta, ancorchè molto grosso:
Ne geme la foresta e ne risuona.
L' osso e l' acciar ne va che par di ghiaccio,
E lascia al Saracin stordito il braccio.

Come vide la timida donzella
Dal fiero colpo uscir tanta ruina,
Per gran timor cangiò la faccia bella,
Qual il reo ch' al supplicio s' avvicina:
Nè le par che vi sia da tardar, s' ella
Non vuol di quel Rinaldo esser rapina,
Di quel Rinaldo che ella tanto odiava,
Quanto esso lei miseramente amava.

Volta il cavallo, e nella selva folta
Lo caccia per un aspro e stretto calle,
E spesso il viso smorto addietro volta,
Che le par che Rinaldo abbia alle spalle.
Fuggendo non avea fatto via molta,
Che scontrò un eremita in una valle,
Ch' avea lunga la barba a mezzo il petto,
Devoto e venerabile d' aspetto.

Dagli anni e dal digiuno attenuato,
Sopra un lento asinel se ne veniva,
E parea, più ch' alcun fosse mai stato,
Di coscïenza scrupolosa e schiva.

Eis Rinaldo cahir, e não de troço, (24)
Co'a sua espada sobre Sacripante.
Este apresenta o escudo que era de osso,
Com chapa d'aço e têmpera prestante;
Corta-o Fusberta bem que muito grosso: (25)
Geme disso a floresta resonante:
Como gelo lá vão o osso e o aço,
E fica ao Mouro entorpecido o braço.

Logo que vio a timida donzella
Seguir-se ao golpe fero tal ruina;
Mudou do grão temor a face bella.
Qual réo que chega ao fim que a lei destina.
Nem julga bom retardar mais, se ella
Não quer desse Rinaldo ser rapina;
Desse Rinaldo, que ella tanto odiava,
Quanto este a ella infelizmente amava.

Volta o cavallo e o lança na espessura
Do bosque por caminho áspero e estreito;
Mais de uma vez a pállida figura
Volta, como se atraz venha o sujeito.
Na fuga não andára grão longura,
Que, com barba chegando a meio o peito,
E um aspecto devoto e venerando
N'um valle um ermitão foi encontrando.

Da idade e do jejum extenuado
Sobre um burrinho vagaroso vinha,
E mais do que ninguem de um esquivado
E escrupuloso a parecencia tinha.

Come egli vide il viso delicato
Della donzella che sopra gli arriva,
Debil quantunque e mal gagliardo fosse,
Tutta per carità se gli commosse.

La donna al fraticel chiede la via
Che la conduca ad un porto di mare,
Perchè levar di Francia si vorria
Per non udir Rinaldo nominare.
Il frate, che sapea negromanzia,
Non cessa la donzella confortare,
Che presto la trarrà d' ogni periglio;
Ed ad una sua tasca diè di piglio.

Trassene un libro, e mostrò grande effetto;
Chè legger non finì la prima faccia,
Ch' uscir fa un spirto in forma di valletto,
E gli commanda quanto vuol che faccia.
Quel se ne và, dalla scrittura astretto,
Dove i dui cavallieri a faccia a faccia
Eran nel bosco, e non stavano al rezzo;
Fra' quali entrò con grande audacia in mezzo.

Per cortesia (disse) un di voi mi mostre,
Quando anco uccida l' altro, che gli vaglia?
Che merto avrete alle fatiche vostre,
Finita che tra voi sia la battaglia,
Se 'l conte Orlando senza liti o giostre,
E senza pure aver rotta una maglia,
Verso Parigi mena la donzella
Che v' ha condotti a questa pugna fella?

Quando elle vio o rosto delicado
Da donzella, que chega tão asinha,
Bem que debil se sinta e pouco possa,
Faz nelle a caridade uma alta mossa.

Pede a Dama ao fradinho que lhe indique
O caminho, que a um porto vá de mar,
P'ra que saia de França e alli não fique
Sempre ouvindo a Rinaldo nomear.
O frade esperto em artes de Berlique, (26)
Não deixa de a donzella confortar;
Pois elle a livrará de qualquer p'rigo;
E n'um bolso pegou que traz comsigo.

D'elle um livro sacou de grande effeito,
Pois a lauda primeira inda a ler anda,
E um espirito sahe criado feito,
E o que quer que elle faça ao mesmo manda.
Do tal escripto este ao poder sujeito,
Ao bosque vai, onde, em não fresca banda,
Os dous varões estavão face á face,
Entre os quaes entra summamente audace.

Por favor um de vós (disse) me diga
Que proveito terá quando outro mate?
Que gloria lograrà desta fadiga
Quando fim entre vós tenha o combate,
Se o Conde Orlando, sem demanda ou briga,
E sem malha romper com quem se bate,
Vai levando a Paris essa donzella,
Que a peleja tão má vos atropella?

Vicino un miglio ho ritrovato Orlando
Che ne va con Angelica a Parigi,
Di voi ridendo insieme, e motteggiando
Che senza frutto alcun siate in litigi.
Il meglio forse vi sarebbe, or quando
Non son più lungi, a seguir lor vestigi;
Chè s' in Parigi Orlando la può avere,
Non ve la lascia mai più rivedere.

Veduto avreste i cavalier turbarsi
A quell' annuncio; e mesti e sbigottiti,
Senza occhi e senza mente nominarsi,
Che gli avesse il rival così scherniti:
Ma il buon Rinaldo al suo cavallo trarsi
Con sospir che parean del fuoco usciti,
E giurar per isdegno e per furore,
Se giungea Orlando, di cavargli il core.

E dove aspetta il suo Baiardo, passa,
E sopra vi si lancia e vi galoppa;
Nè al cavalier ch' a piè nel bosco lassa,
Pur dice addio, non che lo inviti in groppa.
L' animoso cavallo urta e fracassa,
Punto dal suo signor, ciò ch' egli' ntoppa:
Non ponno fosse, o fiumi, o sassi, o spine,
Far che dal corso il corridor decline.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto II.°

Uma milha aqui perto achei Orlando,
Que vai para Paris de vós se rindo
Com Angelica, e juntos caçoando
De sem fructo nenhum vos ir zurzindo.
Melhor agora bem vos fôra, quando
Mais longe não estão, os ir seguindo;
Pois, se Orlando em Paris apanha a moça,
Nunca mais a consente á vista vossa.

Terieis visto os dous varões turvar-se
A tal annuncio; e mestos, 'stremecidos,
De cegos e de estólidos chamar-se,
Por serem do rival tão 'scarnecidos;
Porém Rinaldo ao seu corsel chegar-se
Com suspiros do fogo, a os ver, sahidos,
E jurar, no furor da indignação,
Sacar, se o pilha, a Orlando o coração.

E onde espera Baiardo elle se passa,
Salta-lhe acima, e ao longe já galopa;
Nem ao varão, que deixa a pé, faz graça
De um mero adeos, nem lhe offerece a gropa. (27)
O animoso corsel leva e fracassa,
Picado do senhor, tudo o que topa:
Não póde fosso, ou rio, ou pedra, ou 'spinho
Desviar da corrida o cavallinho.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto II.º)

ARRIVO DI RUGGIERO

ALL' ISOLA D'ALCINA.

Chi va lontan dalla sua patria, vede
Cose, da quel che già credea, lontane;
Che narrandole poi non se gli crede,
E stimato bugiardo ne rimane:
Che 'l sciocco vulgo non gli vuol dar fede,
Se non le vede e tocca chiare e piane:
Per questo io so che l' inesperïenza
Farà al mio canto dar poca credenza.

Poca o molta ch' io ci abbia, non bisogna
Ch' io ponga mente al vulgo sciocco e ignaro:
A voi so ben che non parrà menzogna,
Che 'l lume del discorso avete chiaro;
Ed a voi soli ogni mio intento agogna
Che 'l frutto sia di mie fatiche caro.
Io vi lasciai che 'l ponte e la riviera
Vider che n' guardia avea Erifilla altiera.

CHEGADA DE RUGERO

Á ILHA DE ALCINA.

Quem longe vai da sua patria, observa
Cousas, do que pensou, mui afastadas, (28)
Que, contando-as depois, achão reserva
Na gente, e petas delle são julgadas;
Que as crer não quer a estólida caterva,
Se não as toca ou vê claras, lhanadas:
Por isso sei que d'exp'riencia a falta
Fará ao canto meu dar fé pouco alta.

Pouca ou muita que obtenha, não precisa
Que eu dê attenção ao vulgo estulto e ignaro:
Nisto sei que a verdade achareis lisa,
Vós, que tendes do siso o lume claro,
E a vós sómente almejo em toda a guisa,
Dos meus trabalhos seja o fructo caro.
Eu vos deixei quando da ponte e riva
A' guarda achárão Eriphylla altiva.

Quell' era armata del più fin metallo
Ch' avean di più color gemme distinto;
Rubin vermiglio, crisolito giallo,
Verde smeraldo, col flavo iacinto.
Era montata, ma non a cavallo;
In vece avea di quello un lupo spinto:
Spinto avea un lupo ove si passa il fiume,
Con ricca sella fuor d' ogni costume.

Non credo ch' un si grande Apulia n' abbia:
Egli era grosso ed alto più d' un bue.
Con fren spumar non li facea le labbia:
Nè so come lo regga a voglie sue.
La sopravvesta di color di sabbia
Su l' arme avea la maledetta lue:
Era, fuor che 'l color, di quella sorte
Ch' i véscovi e i prelati usano in corte.

Ed avea nello scudo e sul cimiero
Una gonfiata e velenosa botta.
Le donne la mostraro al cavaliero,
Di qua dal ponte per giostrar ridotta,
E fargli scorno e rompergli il sentiero,
Come ad alcuni usata era talotta.
Ella a Ruggier, che torni a dietro, grida:
Quel piglia un' asta, e la minaccia e sfida.

Non men la gigantessa ardita e presta
Sprona il gran lupo e nell' arcion si serra,
E pon la lancia a mezzo il corso in resta,
E fa tremar nel suo venir la terra.

Do mais fino metal ella se armava,
Por gemmas de côr varia mui distincto,
Rubi vermelho, chrysolita flava,
Verde esmeralda com flavo jacyntho.
Montada sim, não em cavallo, estava;
Em lugar deste, um animal fominto
Levára, um lobo, onde se passa o rio
Com rica sella qual jâmais se vio.

Que um tão grande na Apulia haja não creio;
Mais alto era que um boi, mais corpulento:
Spuma na boca lhe não punha o freio:
Nem sei como o governe a seu contento.
Sobre a armadura tinha o monstro feio
A sobrecapa côr de campo areento:
Era esta, excepto a côr, daquella sorte,
Que usão prelados e bispos na côrte.

Tinha no escudo, e ao elmo sobranceiro,
Um sapo venenoso e empanturrado. (29)
Mostrou-a o bello sexo ao cavalleiro
Quando tinha da ponte aquem passado,
A travar justa do seu modo useiro
E insulta-lo na senda atravessado.
Arreda, ella lhe diz com gritaria:
Brande este a lança, ameaça e desafia.

Não menos a giganta ousada e lesta,
Esporeia o grão lobo, as pernas cerra,
E no meio do curso a lança enresta
E faz tremer na sua vinda a terra.

Ma pur sul prato al fiero incontro resta,
Che sotto l' elmo il buon Ruggier l' afferra,
E dell' arcion con tal furor la caccia,
Che la riporta indietro oltra sei braccia.

E già (tratta la spada ch' avea cinta)
Venia a levarne la testa superba:
E ben lo potea far, chè come estinta
Erifilla giacea tra' fiori e l' erba.
Ma le donne gridâr: basti sia vinta,
Senza pigliarne altra vendetta acerba
Ripon, cortese, cavalier, la spada;
Passiamo il ponte, e seguitiam la strada.

Alquanto malagevole ed aspretta
Per mezzo un bosco presero la via;
Che, oltra che sassosa fosse e stretta,
Quasi su dritta alla collina gìa.
Ma poi che furo ascesi in su la vetta,
Usciro in spaziosa prateria,
Dove il più bel palazzo e 'l più giocondo
Vider, che mai fosse veduto al mondo.

La bella Alcina venne un pezzo innante
Verso Ruggier fuor delle prime porte;
E lo raccolse in signoril sembiante
In mezzo bella ed onorata corte.
Da tutti gli altri tanto onore e tante
Riverenzie fur fatte al guerrier forte,
Che non ne potrian far più, se tra loro
Fosse Dio sceso dal superno coro.

Porém na relva ao fero encontro resta,
Pois sob o elmo o bom Rugero a ferra;
E do arção com tal furia elle a desprende,
Que mais de braças seis atraz a estende,

E já (tirada da cintura a espada)
Vinha cortar-lhe a cabeça atrevida;
E o podéra fazer, pois qual finada
Na relva estava Eryphylla estendida.
Mas as damas gritárão: Nada, nada
Mais de vingança: baste o ser vencida.
Cavalleiro cortez recolhe a espada,
Passe-se a ponte e siga-se esta estrada.

Encommoda um tantinho, e asperazinha
Tomando forão por um bosque a via,
Que, além de pedregosa e de estreitinha,
Quasi direita acima ao morro ia:
Mas, quando ao cume já chegado tinha,
Sahio o bando em ampla pradaria,
Onde vio o mais bello e mais jucundo
Palacio, que já vio-se neste mundo.

Para Rogerio a bella Alcina adiante,
Fóra da porta externa, veio um córte, (30
E o recebeu com senhoril semblante
Entre uma bella e mui honrosa côrte.
De cortezias, e honras abundante
Foi a turma dos mais c' o varão forte.
E maiores fazer não as podéra,
Se Deos do excelso côro alli descêra.

Non tanto il bel palazzo era eccellente,
Perchè vincesse ogn' altro di ricchezza,
Quanto ch' avea la più piacevol gente
Che fosse al mondo, e di più gentilezza.
Poco era 'l un dall' altro differente
E di fiorita etade e di belleza:
Sola di tutti Alcina era più bella,
Sì come è bello il sol più d' ogni stella.

Di persona era tanto ben formata,
Quanto me' finger san pittori industri;
Con bionda chioma lunga ed annodata:
Oro non è che più risplenda e lustri.
Spargeasi per la guancia delicata
Misto color di rosa e di ligustri:
Di terso avorio era la fronte lieta,
Che lo spazio finia con giusta meta.

Sotto duo negri e sottilissimi archi,
Son due negri occhi, anzi duo chiari soli,
Pietosi a riguardadc, a mover parchi,
Intorno cui par ch' Amor scherzi e voli,
E ch' indi tutta la faretra scarchi,
E che visibilmente i cori involi:
Quindi il naso per mezzo il viso scende,
Che non trova l' invidia ove l' emende.

Sotto quel sta, quasi fra due vallette,
La bocca sparsa di natio cinabro;
Quivi due filze son di perle elette,
Che chiude ed apre un bello e dolce labro;

Não só o bello paço era excellente,
Porque vencesse a todos em riqueza,
Mas porque tinha a mais amavel gente
Que haja no mundo, e de mais gentileza:
Pouco era um do outro differente
Por florescente idade e por belleza:
Só de todos Alcina era mais bella,
Como é mais bello o sol que toda estrella.

Era no pessoal tão bem formada,
Quanto o podem fingir habeis pintores;
Com loura coma, longa, e em nós atada:
Ouro não brilha mais com seus fulgores.
Permixta côr na face delicada
De rosas se espalhava e de alvas flores. (31)
De marfim liso a fronte feita estava,
Que leda e justa o espaço rematava.

Sob uns dous negros arcos mui delgados,
Dous negros olhos ha, ou soes brilhando,
Ternos á vista, ás mossas reservados. (32)
Ao seu redor parece que brincando
Amor vôe, e que saque os aljavados
Dardos, á vista os corações roubando;
Desce após o nariz do rosto ao meio,
Nem sabe a inveja em que ella o diga feio

Debaixo delle, entre duas covinhas,
Um natural cinabrio a boca encostra;
De finas perlas duas fileirinhas
Um bello e doce labio esconde e mostra:

Quindi escon le cortesi parolette
Da render molle ogni cor rozzo e scabro;
Quivi si forma quel suave riso
Ch' apre a sua posta in terra il paradiso.

Bianca neve è il bel collo, e 'l petto latte;
Il collo è tondo, il petto colmo e largo:
Due pome acerbe, e pur d' avorio fatte,
Véngono e van come onda al primo margo;
Quando piacévole aura il mar combatte.
Non potria l' altre parti veder Argo:
Ben si puó giudicar che corrisponde
A quel ch' appar di fuor, quel che s' asconde.

Mostran le braccia sua misura giusta;
E la cándida man spesso si vede
Lunghetta alquanto e di larghezza angusta,
Dove nè nodo appar nè vena eccede.
Si vede al fin della persona augusta
Il breve, asciutto, e ritondetto piede:
Gli angelici sembianti nati in cielo
Non si ponno celar sotto alcun velo.

Avea in ogni sua parte un laccio teso,
O parli o rida o canti o passo mova:
Nè maraviglia è se Ruggier n' è preso,
Poi che tanto benigna se la trova.
Quel che di lei già avea dal mirto inteso,
Come' è perfida e ria, poco gli giova;
Ch' inganno o tradimento non gli è avviso
Che possa star con sì soave riso.

De alli sahem as doces palavrinhas
Cujo poder as duras almas prostra:
Alli se fórma esse suave riso,
Que abre, se o quer, na terra o paraiso.

O collo é branca neve e leite o peito,
Redondo aquelle, e este largo e cheio:
Dous pomos immaduros, cad'um feito
De marfim, vão e vem, como ao meneio,
Do zéphiro na praia o mar desfeito.
Argos o mais não o veria, eu creio; (33)
Bem se póde julgar que corresponde,
Ao que fóra se vê, o que se esconde.

Mostrão os braços a medida justa;
E ás vezes a mão cándida se vê
Comprida um tanto, e na largura angusta,
Onde nem veia ou nó visivel é:
Vê-se no fim desta pessoa augusta
O breve, enxuto e redondinho pé:
Rostos de anjo nascidos lá no céo
Nao se podem cobrir com nenhum véo.

Em si tinha ondequer um laço armado,
Ou falle, ou ria, ou cante, ou passo mova:
E não é de admirar se já laçado
Rugero está, que tão benigna a prova.
O que ouvira da murta, do malvado (34)
Natural della, o não retrahe da cova.
Pois de engano ou traição nenhum aviso
Resistir pode a tão suave riso.

Anzi pur creder vuol che da costei
Fosse converso Astolfo in su l' arena
Per li suoi portamenti ingrati e rei,
E sia degno di questa e di più pena:
E tutto quel ch' udito avea di lei
Stima esser falso, e che vendetta mena,
E mena astio ed invidia, quel dolente
A lei biasmare, e che del tutto mente.

La bella donna che cotanto amava,
Novellamente gli è dal cor partita;
Che per incanto Alcina gli lo lava
D' ogni antica amorosa sua ferita;
E di se sola e del suo amor lo grava,
E in quello essa riman sola scolpita;
Sì che scusar il buon Ruggier si deve,
Se si mostrò quivi inconstante e lieve.

A quella mensa cítare, arpe, e lire,
E diversi altri dilettevol suoni
Faceano intorno l' aria tintinnire
D' armonia dolce e di concenti buoni.
Non vi mancava chi, cantando, dire
D' Amor sapesse gaudii e passïoni,
O con invenzïoni e poesie
Rappresentasse grate fantasie.

Qual mensa trionfante e suntuosa
Di qualsivoglia successor di Nino,
O qual mai tanto celebre e famosa
Di Cleopátra al vincitor Latino,

Té quer acreditar que transformado
Por ella fôra Astolfo sobre a areia (35)
Por seu ingrato proceder malvado,
Digno pois desta e pena inda mais feia:
E quanto della havia-lhe contado,
Julga ser falso, e que asca, inveja e cheia.
Vingança levão esse padecente
A censura-la, e que de todo mente.

A bella Dama, que elle tanto amava,
Já do seu coração está sumida;
Pois nelle por encanto Alcina lava
Toda e qualquer de amor velha ferida.
E só si mesma e o proprio amor hi grava,
E sómente ella ahi fica esculpida:
E ao bom Rugero desculpar se deve,
Se alli mostrou-se um inconstante e leve.

Citharas, harpas, lyras hi havia
A' mesa, e varios sons mui deleitosos,
Fazendo pelo ar doce harmonia
E concentos tinir melodiosos;
Nem hi faltava quem cantar sabia
E paixoes, e prazeres amorosos,
Ou com mil invenções e poesias
Representar bonitas phantasias.

Qual mesa triumphante e sumptuosa
De qualquer houve successor de Nino,
Ou qual outra tão célebre e famosa
De Cleopátra ao vencedor Latino,

Potria a questa esser par, che l' amorosa
Fata avea posta innanzi al paladino?
Tal non cred' io che s' apparecchi, dove
Ministra Ganimede al sommo Giove.

Tolte che fur le mense e le vivande,
Facean, sedendo in cerchio, un giuoco lieto,
Che nell' orecchio l' un l' altro domande,
Come più piace lor, qualche secreto;
Il che agli amanti fu commodo grande
Di scoprir l' amor lor senza divieto:
E furon lor conclusioni estreme
Di ritrovarsi quella notte insieme.

Finir quel giuoco tosto, e molto innanzi
Che non solea là dentro esser costume:
Con torchi allora i paggi entrati, innanzi
Le tenebre cacciâr con molto lume.
Tra bella compagnia dietro e dinanzi
Andò Ruggiero a ritrovar le piume
In una adorna e fresca cameretta,
Per la miglior di tutte l' altre eletta.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto VII.°)

Que igualára esta cá, que essa amorosa
Fada pozera diante o paladino?
Tal, creio, não se apromрta, onde se move
Ganimedes servindo ao summo Jove. (36)

As mesas e os manjares removidos,
Um bello jogo, em circulo sentados,
Fazião, perguntando-se aos ouvidos
Um segredo dos mais de seus agrados:
O que aos amantes deu grandes partidos
De abrir seus corações sem ser vedados;
E foi das conclusões a derradeira,
De na noite ir brincar d'outra maneira.

Esse jogo de pressa, e antes findarão
Do que era nessa casa costumado;
E os pagens, que com tochas lá entrarão,
Forão pondo o caminho illuminado.
Do bello bando dos que o acompanharão
Andou Rugero se deitar cercado,
Em um quartinho fresco e guarnecido,
Qual melhor entre todos escolhido.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto VII.º)

PITTURE.

L' ARCANGELO S. MICHELE, IL SILENCIO, LA FRAUDE E LA DISCORDIA.

E la Bontà ineffàbile, ch' invano
Non fu pregata mai da cor fedele,
Leva gli occhi pietosi, e fa con mano
Cenno che venga a se l' angel Michele.
Va, gli disse; all' esercito cristiano,
Che dianzi in picardia calò le vele,
E al muro di Parigi l' apresenta
Sì, che 'l campo nimico non lo senta.

Trova prima il Silenzio, e da mia parte
Gli di' che teco a questa impresa venga;
Ch' egli ben provveder con ottima arte
Saprà di quanto provveder convenga.
Fornito questo; sùbito va in parte
Dove il suo seggio la Discordia tenga:
Dille che l' esca e il fucil seco prenda,
E nel campo de' Mori il fuoco accenda;

PINTURAS.

O ARCANJO S. MIGUEL, O SILENCIO, A FRAUDE E A DISCORDIA.

E a ineffavel Bondade á qual em vão (37)
Nunca invocou um coração fiel,
Levanta os olhos pios e co'a mão
Faz signal que se chegue o anjo Miguel.
Vai, lhe disse, ao exercito christão,
Que em Picardia ás velas deu quartel, (38)
E diante o muro de Paris comtigo
Leva-o, sem que o presinta o campo imigo.

Primeiro acha o Silencio, e tu da parte
Minha lhe dize, que comtigo venha (39)
A tal empreza, e saberá, com arte
Excellente, prover quanto convenha.
Depois disto acabado, vai em parte
Onde a Discordia a sua séde tenha:
Dize-lhe, pegue no fuzil, na isca,
E accenda o fogo na hoste Mourisca.

E tra quei che vi son detti più forti,
Sparga tante zizzanie e tante liti,
Che combattano insieme; ed altri morti,
Altri ne sieno presi, altri feriti,
E fuor del campo altri lo sdegno porti,
Sì che il lor re poco di lor s' aiti.
Non replica a tal detto altra parola
Il benedetto Augel, ma dal ciel vola.

Dovunque drizza Michel angel l' ale,
Fuggon le nubi, e torna il ciel sereno.
Gli gira intorno un aureo cerchio, quale
Veggiám di dotte, lampeggiar baleno.
Seco pensa tra via, dove si cale
Il celeste corrier per fallir meno
A trovar quel nimico di parole,
A cui la prima commision far vuole.

Vien scorrendo ov' egli ábiti, ov' egli usi;
E si accordaro in fin tutti i pensieri,
Che di frati o di mónachi rinchiusi
Lo può trovare in chiese e in monasteri,
Dove sono i parlari in modo esclusi,
Che 'l Silenzio ove cántano i salteri,
Ove dórmono, ove hanno la pietanza,
E finalmente è scritto in ogni stanza.

Credendo quivi ritrovarlo, mosse
Con maggior fretta le dorate penne:
E di veder ch' ancor Pace vi fosse,
Quïete e Carità, sicuro tenne.

Entre os tidos alli como os mais fortes,
Tantas cisánias, lides ella espalhe,
Que combatão entre elles; e hajão mortes,
Prisões, e alguns o ferro ao menos talhe;
Outros da raiva larguem nos transportes
O campo, e pouco o rei delles se valhe. (40)
Palavra não responde a esse mando
O voador celeste, e vem voando.

Ondequer Miguel tenha o vôo voltado, (41)
Fogem nuvens, do céo serena o campo:
O cerca em roda um circulo dourado,
Qual vê-se em noite fuzilar relampo:
Já no caminho, p'ra não ir errado,
O celeste correio chama a campo
Seus pensamentos para achar o mudo,
Com quem tem de tratar antes de tudo.

Pensando vem onde pratica e habita
Este; e forão de acordo os pensamentos,
Que dos frades e gente cenobita
Póde acha-lo em igrejas e conventos,
Onde a falla é de modos interdicta,
Que o silencio onde cantão os mementos, (41)
Onde dormem, aonde tem pitança,
E em fim acha-se escripto em toda estança.

Julgando acha-lo alli, elle apressou-se
A dar ás aureas pennas mais presteza:
E a Paz e a Caridade hi figurou-se
E a Quietação achar mui com certeza.

Ma dalla opinïon sua ritrovosse
Tosto ingannato che nel chiostro venne:
Non é Silenzio quivi; e gli fu ditto
Che non v' abita più fuor che in iscritto.

Nè Pietà, né Quïete, nè Umiltade,
Nè quivi Amor, nè quivi Pace mira.
Ben vi fur già, ma nell' antiqua etade;
Chè le cacciar Gola, Avarizia ed Ira,
Superbia, Invidia, Inerzia, e Crudeltade.
Di tanta novità l' Angel si ammira:
Andò guardando quella brutta schiera,
E vide ch' anco la Discordia v' era;

Quella che gli avea detto il Padre Eterno,
Dopo il Silenzio, che trovar dovesse.
Pensato avea di far la via d' Averno,
Che si credea che tra' dannati stesse:
E ritrovolla in questo nuovo inferno
(Chi 'l credeira?) tra santi uffici e messe.
Par di strano a Michel ch' ella vi sia,
Che per trovar credea di far gran via.

La conobbe al vestir di color cento,
Fatto a liste inequali ed infinite,
Ch' or la coprono or no, che i passi e 'l vento
Le gìano aprendo, ch' érano sdrucite.
I crini avea qual d' oro e qual d' argento,
E neri e bigi; e aver paréano lite:
Altri in treccia, altri in nastro eran raccolti,
Molti alle spalle alcuni al petto sciolti

Mas, entrado no claustro, logo achou-se
C'uma verdade de outra natureza.
Silencio alli não ha, e lhe foi dito
Que alli não mora mais, salvo em escripto.

Nem Paz, nem Quietação, nem Humildade, (43)
Nem Amor, nem Piedade alli mira;
Os houve sim, mas na vetusta idade:
Expulsarão-os Gula, Avareza, Ira,
Soberba, Inveja, Inercia e Crueldade.
De novidade tal se o Anjo admira :
Olhando andou aquelle feio bando,
E co'a Discordia alli tambem foi dando;

Essa, que lhe dissera o Padre Eterno,
Que depois do Silencio procurasse:
Pensara ter de andar Via de Averno,
Crendo que entre os damnados habitasse;
E veio acha-la neste novo inferno,
(Quem o crêra?) entre missas, entre a classe
D'Officios Santos: Miguel isso estranha,
Que, p'ra acha-la, esperava mór campanha.

Ao traje a conheceu de cores cento,
Feito em tiras sem fim, desigualadas,
Que a cobrem sim e não, e o passo e o vento
Franquêavão, e muito esfarrapadas;
Cabellos tinha um de ouro, outro de argento,
Pretos, pardos, e em voltas mui brigadas:
Uns unidos em fita, outros trançados,
Poucos adiante, os mais atraz soltados.

Di citatorie piene e di libelli,
D' esámine e di carte di procure
Avea le mani e il seno, e gran fastelli
Di chiose, di consigli e di letture;
Per cui le facultà de' poverelli
Non sono mai nelle città sicure.
Avea dietro e dinanzi e d' ambi i lati,
Notai, procuratori ed avvocati.

La chiama a se Michele; e le comanda
Che tra i più forti saracini scenda,
E cagion trovi, che con memoranda
Ruina insieme a guerreggeiar gli accenda.
Poi del Silenzio nuova le domanda:
Facilmente esser può ch' essa n' intenda,
Sì come quella ch' accendendo fochi
Di qua e di là, va per diversi lochi.

Rispose la Discordia: io non ho a mente
In alcun loco averlo mai veduto:
Udito l' ho ben nominar sovente,
E molto commendarlo per astuto.
Ma la Frande, una qui di nostra gente,
Che compagnia talvolta gli ha tenuto,
Penso che dir te ne saprà novella,
E verso una alzò il dito, e disse: è quella.

Avea piacevol viso, abito onesto,
Un umil volger d' occhi, un andar grave,
Un parlar sì benigno e sì modesto,
Che parea Gabriel che dicesse: Ave.

Cheias de citações e de libellos
De vestorias e procurações,
As mãos e o seio tinha, e altos castellos
De conselhos, de glosas e lições;
Pelos quaes nunca os teres dos singelos
Pobres seguros 'stão nas povoações.
Tinha adiante, detraz, d'ambos os lados
Procuradores, tabelliães, letrados.

A chama a si Miguel, e a ella manda,
Que entre os mais fortes Sarracenos desça,
E ache motivo, que com memoranda
Ruina a guerrear-se os enfureça.
Noticias do Silencio após demanda:
É facil que ella algumas lhe forneça,
Como quem as ouvir póde quando anda
Chammas nesta atêando e aquella banda.

Respondeu a Discordia: Eu bem presente
Não tenho de o ter visto em parte alguma;
Mui delle ouvi fallar frequentemente,
E louva-lo de astuto: mas ha uma
Pessoa, a Fraude, cá da nossa gente,
Que alguma vez com elle lá se arruma;
Noticias delle saberás por ella,
Eu creio; e disse indigitando: é aquella.

Tinha agradavel rosto, hábito honesto,
D'olhos volver humilde, um andar grave,
Um fallar tão benigno e tão modesto,
Quasi outro Gabriel que dissesse: Ave. (44)

Era brutta e deforme in tutto il resto;
Ma nascondea queste fattezze prave
Con lungo ábito e largo; e sotto quello,
Attossicato avea sempre il coltello.

Domanda a costei l' Angelo che via
Debba tener sì chè 'l Silenzio trovè.
Disse la Fraude: Già costui solia
Fra virtudi abitare e non altrove,
Con Benedetto, e con quelli d' Elia
Nelle badie quando erano ancor nuove:
Fe' nelle scuole assai della sua vita,
Al tempo di Pitágora e d' Archita.

Mancati quei filosofi e quei santi
Che lo solean tener pel cammin ritto,
Dagli onesti costumi ch' avea innanti,
Fece alle scelleraggini tragitto.
Cominciò andar la notte con gli amanti,
Indi con ladri, e fare ogni delitto.
Molto col Tradimento egli dimora:
Veduto l' ho con l' Omicidio ancora.

Con quei che falsan le monete ha usanza
Di ripararsi in qualche buca scura.
Così spesso compagni muta e stanza,
Che 'l ritrovarlo ti saria ventura.
Ma pur ho d' insegnartelo speranza,
Se d' arrivare a mezza notte hai cura
Alla casa del Sonno: senza fallo
Potrai (chè quivi dorme) ritrovallo.

Era feia e deforme em todo o resto;
Mas tão pravas feições cobrir precave
Com longo hábito e largo; e acobertado
Sempre hi tinha o cutelo envenenado.

Pergunta a esta o Anjo, qual das vias,
Para o Silencio achar, ha de ir andando.
Disse-lhe a Fraude: Já nas abadias,
No tempo em que ellas ião começando.
Com Bento, e a gente que é sequaz de Elias, (45)
E entre virtudes só andou morando;
E em escolas passou a mocidade,
De Archytas e Pythágoras na idade.

Mortos taes santos e philosophantes,
Que na senda direita o ião tendo,
Dos costumes honestos, que tinha antes,
Para os crimes se foi escafedendo.
Começou a de noite ir c'os amantes,
Depois com ladros, todo mal fazendo:
Com a Traição faz muita moradia,
E do Homicidio o vi na companhia.

Com os que falsificão os dinheiros
Esconder-se costuma em toca escura;
E tanto muda estancia e companheiros,
Que acha-lo, para ti fôra ventura.
Mas de ensinar-t' o hei dados lisongeiros.
Se á meia noite tu te deres cura
De do Somno á mansão certo chegares,
(Pois alli dorme) acha-lo-has sem errares.

Benchè soglia la Fraude esser bugiarda;
Pur è tanto il suo dir simile al vero,
Che l' Angelo le crede; indi non tarda
A volársene fuor del monastero.
Tempra il batter dell' ale, e studia e guarda
Giúngere in tempo al fin del suo sentiero,
Ch' alla casa del Sonno (che ben dove
Era sapea) questo Silenzio trove.

Giace in Arabia una valletta amena,
Lontana da cittadi e da villaggi,
Ch' all' ombra di duo monti è tutta piena
D' antiqui abeti e di robusti faggi:
Il sole indarno il chiaro dì vi mena,
Che non vi può mai penetrar coi raggi,
Sì gli è la via da folti rami tronca,
E quivi entra sotterra una spelonca.

Sotto la negra selva una capace
E spazïosa grotta entra nel sasso,
Di cui la fronte l' edera seguace
Tutta aggirando va con storto passo.
In questo albergo il grave Sonno giace:
L' Ozio da un canto corpulento e grasso;
Dall' altro la Pigrizia in terra siede,
Che non può andare e mal reggesi in piede.

Lo smemorato Oblio sta su la porta;
Non lascia entrar, nè riconosce alcuno;
Non ascolta imbasciata, nè riporta;
E parimente tien cacciato ognuno.

Bem que uma mentirosa a Fraude seja,
Tal ar tem seu dizer de verdadeiro,
Que o Anjo a acredita, e logo adeja
Promptamente a sahir-se do mosteiro.
Regula ás azas o bater, forceja,
E cuida, quanto ao tempo, tão certeiro
Chegar do Somno á casa (e o lugar sabe),
Que o tal Silencio por achar acabe.

Ha lá na Arabia um vallezinho ameno
De cidades distante e povoados,
Que á sombra d'altos montes todo è pleno,
De grossas faias, pinhos antiquados:
Em vão hi leva o sol dia sereno,
Que não entrão seus raios, tão cerrados
Ramos o seu caminho estão vedando,
E sob a terra um antro hi vai entrando.

Sob essa negra selva uma espaçosa
E vasta gruta se na rocha entranha,
Cuja fronte, com marcha tortuosa,
Toda rodeia a hera que a acompanha:
O grave somno neste alvergue pousa:
De um lado o Ocio todo corpo e banha;
D'outro a Preguiça sobre o chão se assenta,
Que andar não póde, e em pé mal se sustenta.

O deslembrado Olvido está na porta;
Não deixa entrar, ninguem conhece; e duro
Tem o ouvido ao recado, e o não reporta;
E expelle a todos com o mesmo apuro.

Il Silenzio va intorno, e fa la scorta:
Ha le scarpe di feltro e 'l mantel bruno,
Ed a quanti n' incontra, di lontano,
Che non debban venir cenna con mano.

Se gli accosta all' orecchio, e pianamente
L' Angel gli dice: Dio vuol che tu guidi
A Parigi Rinaldo con la gente
Che per dar mena al suo signor sussidi;
Ma che lo facci tanto chetamente,
Ch' alcun de' Saracin non oda i gridi;
Sì che più tosto che ritrovi il calle
La Fama d' avvisar, gli abbia alle spalle.

Altrimente il Silenzio non ripose
Che col capo, accennando che faria;
E dietro ubbidïente se gli pose,
E furo al primo volo in Picardia.
Michel mosse le squadre coraggiose,
E fe' lor breve un gran tratto di via,
Sì che in un dì a Parigi le condusse,
Nè alcun s' avvide che miracol fusse.

Discorreva il Silenzio, e tutta volta,
E dinanzi alle squadre e d' ogn' intorno
Facea girare un' alta nebbia in volta,
Ed avea chiaro ogn' altra parte il giorno;
E non lasciava questa nebbia folta
Che s' udisse di fuor tromba nè corno:
Poi n' andò tra' pagani, e menò seco
Un non so che, ch' ognun fe, sordo e cieco.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto XIV.°)

De roda anda o Silencio, e faz de escorta: (46)
Tem çapatos de feltro e manto escuro,
E a quantos vê de longe está fazendo
Signal co'a mão, que vão retrocedendo.

Chega-se ao seu ouvido, e baixamente
Lhe diz o Anjo: Deos quer que tu leves
Para Paris Rinaldo com a gente
Que traz de auxilios ao seu rei; mas deves
Isto mesmo fazer tão quietamente,
Que vozes nenhum Mouro ouça as mais leves;
De modo que antes de que a Fama venha
Em termos de avisar, atraz os tenha;

O Silencio não deu outras respostas
Que acenar co' a cabeça, que o faria;
E obediente se lhe pôz ás costas, (47)
E lá forão de um vôo em Picardia.
Miguel, as tropas corajosas postas
Em marcha, fez-lhes curta a immensa via.
Tal que a Paris n'um dia elle as levou,
E ninguem no milagre reparou.

Ia andando o Silencio, e a cada hora,
Das cohortes á frente, e tudo em volta
Menêava uma nevoa obfuscadora.
Nas mais partes a luz brilhava solta:
Som de tuba ou clarim ouvir por fóra
Não deixava essa nevoa tão envolta:
Depois foi aos Pagãos, e lá levou
Um não sei que, que ensurdeceu, cegou.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto XIV.º)

ASSALTO DI PARIGI,

DATO

DA' SARACENI.

Mentre Rinaldo in tal fretta venia,
Che ben parea dall' Angelo condotto,
E con silenzio tal, che non s' udia
Nel campo saracin fàrsene motto;
Il re Agramante avea la fanteria
Messo ne' borghi di Parigi, e sotto
Le minacciate mura in su la fossa,
Per far quel dì l' estremo di sua possa.

Chi può contar l' esercito che mosso
Questo dì contra Carlo ha 'l re Agramante,
Conterà ancora in su l' ombroso dosso
Del silvoso Appennin tutte le piante;
Dirà quante onde, quando è il mar più grosso,
Bagnano i piedi al mauritano Atlante;
E per quanti occhi il ciel le furtive opre
Degli amatori a mezza notte scuopre.

ASSALTO DE PARIS,

DADO

PELOS SARRACENOS.

Emquanto tão veloz Rinaldo vinha,
Que bem mostrava um anjo ter por guia ,
E c'um silencio tal, que palavrinha
Disso no campo Mouro não se ouvia;
De Paris nos suburbios posto tinha
Rei Agramante a sua infantaria ,
Bem como ao fosso do ameaçado muro,
Seus esforços levando ao summo apuro.

Quem contar póde o exercito levado
Contra Carlos então por Agramante,
No dorso do Apennino mui cerrado
Os troncos a contar será bastante,
E quantas ondas do mar mais inchado
Banhão os pés do mauritano Atlante;
Por quantos olhos vê de noite o céo
Quanto os amantes fazem mais com véo.

Le campane si sentono a martello
Di spessi colpi e spaventosi tocche;
Si vede molto, in questo tempio e in quello,
Alzar di mani e dimenar di bocche.
Se l' tesoro paresse a Dio sì bello,
Come alle nostre opinïoni sciocche,
Questo era il dì che 'l santo consistoro
Fatto avria in terra ogni sua statua d'oro.

S' odon rammaricare i vecchi giusti,
Che s' erano serbati in quelli affanni,
E nominar felici i sacri busti
Composti in terra già molti e molt' anni.
Ma gli animosi giovani robusti
Che miran poco i lor propinqui danni,
Sprezzando le ragion de' più maturi,
Di qua di là vanno correndo ai muri.

Quivi erano baroni e paladini,
Re, duchi, cavalier, marchesi, e conti,
Soldati forestieri e cittadini,
Per Cristo e pel suo onore a morir pronti;
Che per uscire addosso ai Saracini
Pregan l' Imperator ch' abbassi i ponti:
Gode egli di veder l' animo audace,
Ma di lasciarli uscir non li compiace.

E li dispone in opportuni lochi
Per impedire ai Bàrbari la via.
Là si contenta che ne vadan pochi;
Qua non basta una grossa compagnia.

Sob mil tremendos golpes de martello,
Ouvem-se os sinos tocar a rebate:
Tu vês nos templos supplicar com zelo
Alçadas mãos e labios em debate.
Se de Deos fosse o ouro aos olhos bello,
Como o parece ao nosso estulto acate, (48)
Para a côrte celeste, o dia esse era
Que estatuas d'ouro a si formar podera.

Ouvem-se ir lamentando os velhos justos,
De estarem a taes mágoas reservados,
E felizes charmar os sacros bustos (49)
Ha muitos annos no solo enterrados.
Mas os jovens ardentes e robustos,
Que no propinquo mal não põe cuidados,
Desprezando as razões dos mais maduros,
De cá, de lá correndo vão aos muros.

Paladinos, barões, reis, cavalleiros,
Duques, condes, marquezes lá se achavão,
Soldados nacionaes com estrangeiros,
Que por Christo e pela honra a morrer 'stavão
Promptos, e os Mouros p'ra atacar ligeiros
Baixasse as pontes c'o monarcha instavão.
Elle gosta de ver o ànimo audaz;
Mas quanto ao seu sahir não lhes compraz.

E em postos os reparte cabalmente,
Para impedir aos bárbaros a via.
Aqui se satisfaz com pouca gente;
Lá quer que vá mui grande companhia.

Alcuni han cura maneggiare i fuochi,
Le macchine altri, ove bisogno sia.
Carlo di qua, di là non sta mai fermo;
Va soccorrendo, e fa per tutto schermo.

Siede Parigi in una gran pianura
Nell' ombilico a Francia, anzi nel core:
Gli passa la riviera entro le mura,
E corre, ed esce in altra parte fuore:
Ma fa un' isola prima, e v' assicura
Della città una parte, e la migliore:
L' altre due (ch' in tre parti è la gran terra)
Di fuor la fossa, e dentro il fiume serra.

Alla città, che molte miglia gira,
Da molte parti si può dar battaglia:
Ma perchè sol da un canto assalir mira,
Nè volentier l' esercito sbaraglia,
Oltre il fiume Agramante si ritira
Verso ponente, acciò che quindi assaglia;
Però che nè cittade nè campagna
Ha dietro, se non sua, fin alla Spagna.

Dovunque intorno il gran muro circonda,
Gran munizioni avea già Carlo fatte:
Fortificando d' argine ogni sponda,
Con scannafossi dentro e casematte:
Onde entra nella terra, onde esce l' onda,
Grossissime catene aveva tratte;
Ma fece, più ch' altrove, provvedere
Là dove avea più causa di temere.

Incumbe a alguns manejem fogo ardente;
Para o mister a uns máchinas confia:
Carlos de cá, de lá anda, e não pára;
A tudo vai provendo, e tudo ampara.

Está, da França, em uma gram planura,
Paris no embigo ou coração sentada;
Entra-lhe o rio o circulo que o mura,
E corre e sahe da parte opposta á entrada;
Mas antes fórma uma ilha, e alli segura
Da cidade uma parte, e a mais prezada;
Outras duas (pois tres tem a gram terra)
Por fóra um fosso, e dentro o rio as cerra.

A cidade, que muitas milhas gira,
De pontos mil se póde dar batalha;
Mas como assaltar d'um é sua mira,
Nem de bom grado a sua tropa espalha,
Agramante além rio se retira
Ao Poente, p'ra vir logo á muralha;
Pois lhe não fica atraz campo ou cidade,
Té Hespanha, em não sua potestade.

Por toda a parte onde circula o muro,
Fizera Carlos grandes munições,
Pondo c' um dique as margens em seguro
Com casasmattas dentro e com vallões.
Onde o rio entra e sahe, do metal duro
Atravessára extensos correntões.
Porém mais do que tudo fez prover
Lá onde mais havia que temer.

Con occhi d' Argo il figlio di Pipino
Previde ove assalir dovea Agramante;
E non fece disegno il Saracino,
A cui non fosse riparato innante.
Con Ferraù, Isoliero, Serpentino,
Grandonio, Falsirone e Balugante,
E con ciò che di Spagna avea menato,
Restò Marsilio alla campagna armato.

Sobrin gli era a man manca in ripa a Senna,
Con Pulïan, con Dardinel d' Almonte,
Col re d' Oran, ch' esser gigante accenna,
Lungo sei braccia dai piedi alla fronte.
Deh perchè a muover men son io la penna
Che quelle genti a muover l' arme pronte?
Che 'l re di Sarza, pien d' ira e di sdegno,
Grida e bestemmia, e non può star più a segno.

Come assalire o vasi pastorali,
O le dolci reliquie de' convivi
Soglion con rauco suon di stridule ali
Le impronte mosche a' caldi giorni estivi;
Come li storni a' rossegianti pali
Vanno di mature uve; così quivi,
Empiendo il ciel di grida e di rumori,
Veniano a dare il fiero assalto i Mori.

L' Esercito Cristian sopra le mura
Con lance, spade e scure e pietre e fuoco
Difende la città senza paura,
E il barbarico orgoglio estima poco;

De Argos com vista o filho de Pepino
Previo onde assaltar vinha Agramante ;
E nada urdio do Sarraceno o tino
A que não fosse já provido d'ante.
Com Ferraú, Ilheiro, Serpentino,
Grandonio, Falsirão e Balugante,
E com o que de Hespanha houve trazido,
Marsilio em campo lá ficou munido.

Sobrim lhe estava á esquerda junto o Sena,
Com Pulião, com Dardinel d'Almonte,
C' o rei de Orão, de gigantesca empena,
Alto seis braças desde os pés á fronte.
Ah porque menos prompto eu movo a penna
Do que as armas á gente alli defronte?
Pois o rei Sarzeo irado se sacode,
Grita, blasfema, e mais parar não pode.

Como assaltar, ou pastoril vasilha,
Ou dos banquetes os suaves restos
Sôe prompta das moscas a familia
Zunindo em vôos do verão nos estos;
Quaes vão ás latas rúbidas á pilha
D'uva madura os estorninhos lestos;
De grita e bulha assim o céo enchendo
Vinhão os Mouros dar o assalto horrendo.

O Exercito Christão nos muros posto
Com lanças, achas, pedras, fogo e espadas,
A cidade defende, firme o rosto,
Desprezando as barbáricas rajadas:

E dove Morte uno ed un altro fura,
Non è chi per viltà ricuse il loco.
Tornano i Saracin giù nelle fosse,
A furia di ferite e di percosse.

Non ferro solamente vi s' adopra,
Ma grossi massi, e merli integri e saldi,
E muri dispiccati con molt' opra,
Tetti di torri, e gran pezzi di spaldi.
L' acque bollenti che vengon di sopra
Portano a' Mori insopportabil caldi.
E male a questa pioggia si resiste;
Ch' entra per gli elmi, e fa acciecar le viste.

E questa più nocea che 'l ferro quasi:
Or che de' far la nebbia di calcine?
Or che doveano far li ardenti vasi
Con olio e zolfo e peci e trementine?
I cerchi in munizion non son rimasi,
Che d' ogn' intorno hanno di fiamma il crine;
Questi, scagliati per diverse bande,
Mettono á' Saracini aspre ghirlande.

Intanto il re di Sarza avea cacciato
Sotto le mura la schiera seconda,
Da Buraldo, da Ormida accompagnato,
Quel Garamante, e questo di Marmonda.
Clarindo e Soridan gli sono allato;
Nè par chè 'l re di Setta si nasconda:
Segue il re di Marocco e quel di Cosca,
Ciascun perchè il valor suo si conosca.

E dos que morrem a occupar o posto
Não ha quem vil se negue. De pancadas
E de golpes á furia rechassado,
O Sarraceno emfim volta ao fossado.

O ferro não se emprega alli sómente,
Mas lages, firmes e inteiros merlões,
Muros divulsos com trabalho ingente,
Tectos de torres, nacos de espaldões:
A que de cima cahe agua fervente,
Causa aos Mouros calor sem repressões.
E mal a chuva tal ha quem resista,
Pois pelos elmos entra e cega a vista.

E quasi mais que o ferro esta offendia:
Ora, o que não farão nevoas de cal?
Que não farião vasos em que ardia
Pez, trebentina, enxofre e nitreo sal?
Argola não ficou que dentro havia,
Que entorno arde-lhes chamma a coma igual:
Lançadas estas por diversos lados,
Aos Sarracenos poem mal coroados.

Entanto o Sarzeo rei tinha empurrado
Já sob o muro a legião segunda
De Buraldo e de Ormida acompanhado,
Um Garamante e o outro de Marmunda:
Clarindo e Soridão lhe estão ao lado
Nem se vê que de Ceuta o rei se escunda.
De Marrocos e Cosca os reis se seguem
P'ra que seus feitos a saber-se cheguem.

Nella bandiera, ch' è tutta vermiglia,
Rodomonte di Sarza il leon spiega,
Che la feroce bocca ad una briglia
Che gli pon la sua donna, aprir non niega.
Al leon se medésimo assimiglia;
E per la donna che lo frena e lega,
La bella Doralice ha figurata,
Figlia di Stordilan re di Granata:

Quella che tolto avea (come io narrava)
Re Madricardo (e dissi dove e a cui).
Era costei che Rodomonte amava
Più che 'l suo regno e più che gli occhi sui.
E cortesia e valor per lei mostrava,
Non già sapendo ch' era in forza altrui.
Se saputo l' avesse, allora allora
Fatto avria quel che fe' quel giorno ancora.

Sono appoggiate a un tempo mille scale,
Che non han men di due per ogni grado.
Spinge il secondo quel ch' innanzi sale;
Che 'l terzo lui montar fa suo malgrado.
Chi per virtù, chi per paura vale:
Convien ch' ognun per forza entrei nel guado;
Che qualunque s' adagia, il re d' Algere,
Rodomonte crudele, uccide o fere.

Ognum dunque si sforza di salire
Tra il fuoco e le ruine in su le mura.
Ma tutti gli altri guárdano se aprire
Véggiano passo ove sia poca cura:

Na bandeira, que toda é rutilante,
Rodomonte de Sarza o leão solta,
Que a um freio, que lhe põe a sua amante,
Abre a boca feroz nem se revolta:
Elle ao leão se julga semelhante,
E na mulher, que o susta e lhe dá volta,
A bella Doraliz crê figurada,
Filha de Stordilão rei de Granada.

A que roubára, como eu já narrava,
Rei Mandricardo (e disse aonde e a quem)
Era esta dama, e Rodomonte a amava
Mais que o seu reino, e os olhos que elle tem:
Valor por ella, e tom gentil mostrava,
Mas não sabendo que outrem lh'a retem.
Se sabido o tivesse, elle teria
Logo feito o que fez naquelle dia.

Encostão em um tempo mil escadas,
Que não tem nos degráos menos de dois,
O segundo ao primeiro ás empurradas
Leva, que o faz subir quem vem depois;
São do susto e valor as forças dadas:
Convém que entrem no váo quaesquer heróes,
Pois quem quer que é moroso o rei d'Argel
Rod'monte o mata ou fere de cruel.

Cada um pois se esforça de subir
Entre fogo e ruinas sobre o muro:
Olhão todos os mais se acaso abrir
Se vê, onde haja algum descuido, um furo.

Sol Rodomonte sprezza di venire
Se non dove la via meno è sicura:
Dove nel caso disperato e rio
Gli altri fan voti, egli bestemmia Dio.

Armato era d' un forte e duro usbergo,
Che fu di drago una scagliosa pelle:
Di questo già si cisne il petto e 'l tergo
Quello avol suo ch' edificò Babelle,
E si pensò cacciar dell' aureo albergo,
E torre a Dio il governo delle stelle;
L' elmo e lo scudo fece far perfetto,
E il brando insieme; e solo a questo effetto.

Rodomonte non già men di Nembrotte
Indómito, superbo e furibondo,
Che d' ire al ciel non tarderebbe a notte,
Quando la strada si trovasse al mondo,
Quivi non sta a mirar s' intere o rotte
Sieno le mura, o s' abbia l' acqua fondo:
Passa la fossa, anzi là corre, e vola,
Nell' acqua e nel pantan fin alla gola.

Di fango brutto e molle d' acqua, vanne
Tra il foco e si sassi e gli archi e le balestre.
Come andar suol tra le palustri canne
Della nostra Mallea porco silvestre,
Che col petto, col grifo, e con le zanne
Fa, dovunque si volge, ample fenestre.
Con lo scudo alto il Saracin sicuro
Ne vien sprezzando il ciel, non che quel muro.

Mas Rodomonte só despreza vir
Senão onde é o passar menos seguro:
Quando no caso feio e quasi extremo
Os mais orão, blasfema elle ao Supremo.

Armado era de forte e dura tira,
Que já foi de dragão pelle escamosa:
Com esta o peito e o dorso já cingira
O seu avô que ergueu Babel famosa,
Que expellir Deos d'aurea mansão urdira,
E do imperio da esphera luminosa.
O elmo, o escudo fez fazer perfeito,
Tambem a espada; e só para este effeito.

Rodomonte não menos que Nembroute (50)
Indómito soberbo e furibundo,
Que não tardára em ir ao céo de noute,
Quando a estrada se achasse neste mundo,
Não olha aos muros, para que se affoute,
Se estão rotos ou não, se a agua tem fundo:
Passa o fossado, não, corre-o voando,
Na agua e no lodo até á barba entrando.

D'agua ensopado vai, sujo de lodo
Entre balistas, fogo, arcos, pedradas;
Nas cannas, javali do mesmo modo,
Pela nossa Mallêa em paul nadas, (51)
Vai c'o dente e focinho e o peito todo
Fazendo onde se volta amplas rasgadas.
O mouro, o escudo alçado, vem seguro
Desprezando inda o Céo além do muro.

Non si tosto all' asciutto è Rodomonte,
Che giunto si sentì su le bertesche,
Che dentro alla muraglia facean ponte
Capace e largo alle squadre Francesche.
Or si vede spezzar più d' una fronte,
Far chieriche maggior delle fratesche,
Braccia e capi volare, e nella fossa
Cader da' muri una fiumana rossa.

Getta il pagan lo scudo, e a duo man prende
La crudel spada, e giunge il duca Arnolfo.
Costui venia di là dove discende
L' acqua del Reno nel salato golfo.
Quel miser contra lui non si difende
Meglio che faccia contra il fuoco zolfo;
E cade in terra, e dà l' ultimo crollo,
Dal capo fesso un palmo sotto il collo.

Uccise di rovescio in una volta
Anselmo, Oldrado, Spinelloccio e Prando:
Il luogo stretto e la gran turba folta
Fece girar sì pienamente il brando.
Fu la prima metade a Fiandra toita,
L' altra scemata al popolo Normando.
Divise appresso dalla fronte al petto,
Et indi al ventre, il Maganzese Orghetto.

Getta da' merli Andrópono e Moschino
Giù nella fossa: il primo è sacerdote;
Non adora il secondo altro che 'l vino,
E le bigonce a un sorso n' ha già vuote.

Apenas pisa em secco Rodomonte,
Chegado se sentio sobre as vertescas. (52)
Que dentro da muralha formão ponte
Capaz e larga ás phalanges Francescas; (53)
Vê-se agora quebrar mais de uma fronte,
Fazer c'roas maiores que as fradescas,
Voar braços, cabeças, no fossado
Cahir do muro um rio avermelhado.

Lança o Pagão o escudo, e a espada afferra
Com duas mãos, e ao Duque Arnulpho alcança.
Este era proveniente lá da terra
Por onde o Rheno para o mar avança.
O infeliz não resiste a tanta guerra
Melhor que enxofre a que fogo se lança,
E rola a terra, dando o ultimo tombo,
Partido quasi da cabeça ao lombo.

Matou de um golpe em direcção revessa
Anselmo, Oldrado, Espinelote e Prando:
O lugar apertado e a turba espessa
Fizerão voltear em cheio o brando:
De ter uma metade a Flandres cessa,
E sem outra a ficar vem o Normando;
Partio depois da fronte até o peito,
E deste ao ventre o Moguntino Orgueito.

No fosso arroja Andrópono e Mosquino
De cima dos merlões. É padre aquelle;
Só ao vinho este cá acha divino,
E cangirões de um trago os vasa elle.

Come veneno e sangue viperino
L' acque fuggìa quanto fuggir si puote:
Or quivi muore; e quel che più l' annoia
È 'l sentir che nell' acqua se ne muoia.

Tagliò in due parti il provenzal Luigi,
E passò il petto al Tolosano Arnaldo.
Di Torse Oberto, Claudio, Ugo e Diognigi
Mandâr lo spirto fuor col sangue caldo:
E presso a questi, quattro da Parigi,
Gualtiero, Satallone, Odo ed Ambaldo,
Ed altri molti; ed io non saprei come
Di tutti nominar la patria e il nome.

La turba dietro a Rodomonte presta
Le scale appoggia e monta in più d' un loco.
Quivi non fanno i Parigin più testa,
Che la prima difesa lor val poco.
San ben ch' agli nemici assai più resta
Dentro da fare, e non l' avran da gioco;
Perchè tra il muro e l' argine secondo
Discende il fosso orribile e profondo.

Oltra che i nostri facciano difesa
Dal basso all' alto, e mostrino valore,
Nuova gente succede alla contesa
Sopra l' erta pendice interiore,
Che fa con lance e con saette offesa
Alla gran moltitudine di fuore,
Che credo ben che saria stata meno,
Se non v' era il figliuol del re Ulieno.

Como veneno e sangue viperino
Fugia d'agua, o mais que se a repelle.
Agora morre aqui, e o que mais sente
É o morrer dentro da agua propriamente.

Partio no meio o Provençal Luiz,
Passou o peito ao Tolosano Arnaldo;
Claudio, Oberto de Tours, Hugo e Diniz
Exhalárão a alma e o sangue caldo.
E depois destes, quatro de Paris,
Oddo, Gualteiro, Satalão e Ambaldo,
E muitos mais; e não soubera eu modos
De o nome e a patria mencionar de todos.

Atraz de Rodomonte a turba lesta
Encosta escadas, sobe em muitos pontos;
Já os Parisios aqui não fazem testa,
Que lhes val pouco o deffender-se promptos:
Bem sabem que ao imigo inda mais resta
Dentro a fazer, nem brincará com tontos,
Porque entre o muro e o dique, que é segundo,
Se abaixa o fosso horrivel e profundo.

Além de os nossos fazerem defesa
Debaixo para cima, e com valor,
Nova gente á contenda alli reveza
Sobre a ingreme altura interior;
Com lanças, settas he por ella offesa
A grande multidão exterior.
Que, eu bem creio, menor sido tivera
Se o filho d'Ulïeno hi não 'stivera.

Egli questi conforta e quei riprende,
E lor mal grado innanzi se gli caccia;
Ad altri il petto, ad altri il capo fende,
Che per fuggir veggia voltar la faccia.
Molti ne spinge ed urta; alcuni prende
Pei capelli, pel collo e per le braccia:
E sozzopra là giù tanti ne getta,
Che quella fossa a capir tutti è stretta.

Mentre lo stuol de' Bárbari si cala,
Anzi trabocca al periglioso fondo,
Ed indi cerca per diversa scala
Di salir sopra l' argine secondo,
Il re di Sarza (come avesse un' ala
Per ciascun de' suoi membri) levò il pondo
Di sì gran corpo e con tant' arme indosso,
E netto si lanciò di là dal fosso.

Poco era men di trenta piedi, o tanto;
Ed egli il passò destro come un veltro,
E fece nel cader strepito, quanto
Avesse avuto sotto i piedi il feltro,
Ed a questo ed a quello affrappa il manto,
Come sien l' arme di tenero peltro,
E non di ferro, anzi pur sien di scorza:
Tal la sua spada, e tanta è la sua forza.

In questo tempo i nostri, da chi tese
L' insidie son nella cava profonda,
Che v' han scope e fascine in copia stese,
Intorno a quai di molta pece abbonda,

Elle uns conforta, a outros reprehende,
E os leva adiante assaz contra seu gosto,
A uns o peito, o craneo a outros fende,
Se os vê, para fugir, voltar o rosto.
Muitos empurra, uns com o punho prende
No cabello, pescoço e braços posto.
E delles taes montões abaixo deita,
Que a todos os caber é a fossa estreita.

Emquanto alli a bárbara cambada
Desce, ou desaba ao perigoso fundo,
E busca após por differente escada
Se empoleirar dos diques no segundo,
O rei de Sarza (como se elle em cada
Parte tivesse uma aza) com um mundo
De armas car'gado alçou seu corpo grosso,
E limpo se lançou além do fosso. (54)

Tinha este quasi trinta pés ou tanto;
E como um galgo elle o passou mui lesto,
E no cahir estrepito fez quanto
Se houvesse sob os pés feltroso apresto.
E a este e áquelle despedaça o manto,
Qual se de casca ou d'outro tenro intexto; (55)
E não de ferro a gente esteja armada:
Tanta é sua força e tal a espada.

Entanto os nossos, pelos quaes tramadas
Insidias são na excavação profunda,
(Pois vassouras, fachinas em camadas
Ahi puzerão em que o péz abunda,

Nè però alcuna si vede palese,
Benchè n' è piena l' una e l' altra sponda
Dal fondo cupo insino all' orlo quasi;
E senza fin v' hanno appiattaii vasi,

Qual con salnitro, qual con olio, quale
Con zolfo, qual con altra simil esca:
I nostri in questo tempo, perchè male
Ai saracini il folle ardir riesca,
Ch' eran nel fosso, per diverse scale
Credean montar su l' ultima bertesca,
Udito il segno da opportuni lochi,
Di qua e di là fenno avvampare i fochi.

Tornò la fiamma sparsa tutta in una,
Che tra una ripa e l' altra ha 'l tutto pieno;
E tanto ascende in alto, ch' alla luna
Può d' appresso asciugar l' úmido seno.
Sopra si volve oscura nebbia e bruna,
Che 'l sole adombra e spegne ogni sereno.
Sentesi un scoppio in un perpetuo suono,
Simile a un grande e spaventoso tuono.

Aspro concento, orribile armonia
D' alte querele, d' ululi e di strida
Della misera gente che peria
Nel fondo, per cagion della sua guida,
Istranamente concordar s' udia
Col fiero suon della fiamma omicida.
Non più, Signor, non più di questo Canto,
Ch' io son già rauco, e vo' posarmi alquanto.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto XIV.º)

E nenhuma se vê, bem que atulhadas
As margens della estejão, da mais funda
Parte até quasi aonde a orla monta)
Escondêrão ahi vasos sem conta,

Uns de nitro ou de azeite recheados,
Ou d'enxofre, ou d'outr'isca semelhante.
Agora os nossos p'ra que castigados
Sejão do louco arrojo petulante,
Os Mouros lá no fosso esperançados
De subir á vertesca inda restante,
Tendo ouvido o signal de proprios lógos,
Fizerão cá e lá arder os fogos.

Tornão-se em uma as chammas espalhadas,
E entre as ribas vai della tudo cheio;
Ella tão alta sóbe, que chegada
Póde á lua enxugar o húmido seio:
Volteia acima escura e carregada
Nevoa que encobre o sol e o céo põe feio:
Se ouve um estrondo e bulha continuada
Como grande e espantosa trovoada.

Asp'ro concento, horrivel harmonia
D'altos lamentos, d'uivos e clamor
Da miseravel gente que morria
No fundo, do seu guia por amor,
De um modo estranho concondar se ouvia
C'o fero som do incendio matador.
Basta, Senhor, já basta deste canto.
Que já 'stou rouco, e folgar quero um tanto.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto XIV.)

SORTITA NOTTURNA

DI

MEDORO E CLORIDANO,

DOPO LA SCONFITTA DE SARACENI.

Tutta la notte per gli alloggiamenti
Dei mal sicuri Saraceni oppressi
Si versan pianti, gemiti e lamenti,
Ma (quanto più si può) cheti e soppressi.
Altri perchè gli amici hanno e i parenti
Lasciati morti, ed altri per se stessi,
Che son feriti, e con disagio stanno;
Ma più è la tema del futuro danno.

Duo Mori ivi fra gli altri si trovaro,
D' oscura stirpe nati in Tolomitta;
De' quai l' istoria per esempio raro
Di vero amore, è degna esser descritta.
Cloridano e Medor si nominaro,
Ch' alla fortuna prospera e alla afflitta
Aveano sempre amato Dardinello,
Ed or passato in Francia il mar con quello.

SORTIDA NOCTURNA

DE

MEDORO E CLORIDANO,

DEPOIS DA DERROTA DOS SARRACENOS.

Em toda a noite nos alojamentos (56)
Dos Mouros mal seguros e abatidos
Prantos, gemidos vertem-se e lamentos,
Mas (quanto podem) baixos, reprimidos;
Uns porque tem amigos e parentes
Deixado mortos, outros por feridos
Estarem e mui mal acomodados;
Mas futuro peior dá mais cuidados.

Dous Mouros entre os outros lá se achárão,
Nados de obscura estirpe em Tolomita,
Cuja historia, por grande que mostrárão
Sincero amor, merece ser descripta.
Medoro e Cloridano se chamárão:
E na fortuna próspera e na afflicta,
Sempre elles, Dardinel, tinhão amado,
E com elle p'ra França o mar passado.

Cloridan, cacciator tutta sua vita,
Di robusta persona era ed isnella:
Medoro avea la guancia colorita,
E bianca e grata nella età novella;
E fra la gente a quella impresa uscita
Non era faccia più gioconda e bella:
Occhi avea neri, e chioma crespa d' oro:
Angel parea di quei del sommo coro.

Erano questi duo sopra i ripari
Con molti altri a guardar gli alloggiamenti.
Quando la notte fra distanzie pari
Mirava il ciel con gli occhi sonnolenti.
Medoro quivi in tutti i suoi parlari
Non puó far che 'l signor suo non rammenti,
Dardinello d' Almonte, e che non piagna
Che resti senza onor nella campagna.

Volto al compagno, disse: o Cloridano,
Io non ti posso dir quanto m' incresca
Del mio signor, che sia rimaso al piano,
Per lupi e corbi, oimè! troppo degna esca.
Pensando come sempre mi fu umano,
Mi par che, quando ancor quest' anima esca,
In onor di sua fama, io non compensi
Nè sciolga verso lui gli obblighi immensi.

Io voglio andar, perchè non stia insepulto
In mezzo alla campagna, a ritrovarlo:
E forse Dio vorrà ch' io vada occulto
Là dove tace il campo del Re Carlo.

Caçador Cloridano em toda a vida,
Esbelto era de corpo e reforçado:
Amavel, branca face e colorida,
Tinha Medoro em juvenil estado;
E d'entre a gente a empreza tal sahida,
Não houve rosto mais bonito, e a grado:
Tinha olhos pretos, coma aurea encrespada,
Como anjo da legião mais elevada.

Estavão estes dous nas estacadas
A ver com outros os alojamentos,
Quando a noite em distancias igualadas (57)
Olhava o céo com olhos somnolentos.
Medoro nas conversas lá travadas
Lembra seu amo a todos os momentos,
D'Almonte Dardinel, e sempre chora
Fique sem honras lá no campo agora. (58)

E disse ao companheiro: Cloridano,
Não te posso dizer, quanto me pesa,
Que o meu senhor lá fique pelo plano,
De lobos, corvos, ai, mui alta presa.
Pensando como sempre foi-me humano,
Me parece que, quando por grandeza
Da fama sua eu morra, não compenso
Nem cumpro meu dever com elle immenso.

Quero ir para que não fique insepulto
Busca-lo na campina ou pelo prado,
E talvez queira Deos que eu fique occulto
Do Rei Carlos no campo ora callado.

Tu rimmarai; chè quando in ciel sia sculto
Ch' io vi debba morir, potrai narrarlo:
Chè se fortuna vieta sì bell' opra,
Per fama almeno il mio buon cuor si scuopra.

Stupisce Cloridan che tanto core,
Tanto amor, tanta fede abbia un fanciullo,
E cerca assai, perchè gli porta amore,
Di fargli quel pensiero irrito e nullo;
Ma non gli val, perch' un sì gran dolore
Non riceve conforto nè trastullo.
Medoro era disposto o di morire,
O nella tomba il suo signor coprire.

Veduto che nol' piega e che nol' muove,
Cloridan gli risponde: e verrò anch' io;
Anch' io vo' pormi a sì lodevol pruove;
Anch' io famosa morte amo e disio.
Qual cosa sarà mai che più mi giove,
S' io resto senza te, Medoro mio?
Morir teco con l' arme è meglio molto,
Che poi di duol, s' avvien che mi sii tolto.

Così disposti, méssero in quel loco
Le successive guardie, e se ne vanno.
Lascian fossè e steccati, e dopo poco
Tra' nostri son, che senza cura stanno.
Il campo dorme, e tutto è spento il fuoco,
Perchè dei Saracin poca tema hanno.
Tra l' arme e carriaggi stan roversi,
Nel vin, nel sonno insino agli occhi immersi.

Tu, fica pois; se está no céo esculpto (59)
Que eu alli morra, contarás meu fado.
E se a sorte não quer tão bella empreza,
Do meu bom coração fique clareza.

Admira Cloridão que alma tão grande,
Tanto amor, tanta fé tenha um menino,
E busca, pelo affecto em que se expande
Por elle, lhe frustrar esse destino;
Porém debalde, que uma dôr tão grande
Conforto ou brinco já não acha dino.
Medoro resolvêra ou de morrer,
Ou no sepulchro o seu senhor metter.

Vêndo que não o dobra e não o abala,
Cloridão lhe responde: irei tambem;
Prova tão bella eu quero tambem dá-la:
Quero, e estimo um morrer que gloria tem.
Que cousa houvera mais, que desfructa-la,
Meu Medoro, sem ti podesse eu bem?
Melhor é assaz morrer comtigo armado,
Que de dôr quando a mim sejas roubado.

Nesta disposição põe nesse lógo (60)
Guardas que os rendão, e se vão callados;
Deixão trincheiras, fossos, e estão logo
Entre os nossos que ficão descuidados:
O campo dorme, e ahi não vê-se um fogo,
Pois dos Mouros estão pouco assustados,
E jazem entre as armas e bagagens,
Mergulhados em somno e beberagens.

Fermossi alquanto Cloridano, e disse:
Non son mai da lasciar le occasïoni.
Di questo stuol che 'l mio signor trafisse,
Non debbo far, Medoro, occisïoni?
Tu, perchè sopra alcun non ci venisse,
Gli occhi e gli orecchi in ogni parte poni;
Ch' io m' offerisco farti con la spada
Tra gli nimici spazïosa strada.

Così diss' egli, e tosto il parlar tenne,
Ed entrò dove il dotto Alfeo dormia,
Che l' anno innanzi in corte a Carlo venne,
Medico e mago e pien d' astrologia:
Ma poco a questa volta gli sovvenne;
Anzi gli disse in tutto la bugia.
Predetto egli s' avea, che d' anni pieno
Dovea morire alla sua moglie in seno:

Ed or gli ha messo il cauto Saracino
La punta della spada nella gola.
Quattro altri uccide appresso all' indovino,
Che non han tempo a dire una parola:
Menzion dei nomi lor non fa Turpino,
E 'l lungo andar le lor notizie invola;
Dopo essi Palidon da Moncalieri,
Che sicuro dormia fra duo destrieri.

Poi se ne vien dove col capo giace
Appoggiato al barile il miser Grillo:
Avéalo voto, e avea creduto in pace
Godersi un sonno placido e tranquillo.

Parando um tanto Cloridão fallou:
Nunca perder se deve a occasião.
Deste bando que ao meu senhor matou,
Medoro, eu não farei destruição?
Para alguem não vir cá, d'aviso eu sou
Que tu te ponhas bem de observação,
Que eu me offereço a abrir-te com a espada
Entre os imigos espaçosa estrada.

Assim disse elle, e fez como dissera:
E entrou lá onde o douto Alphéo dormia,
Que em côrte a Carlos medico viera
Anno antes, mago e d'alta astrologia;
Mas desta vez mui pouco lhe valera,
Antes mentido em tudo ella lhe havia.
Predissera elle a si, que de annos cheio
Morrer devia da mulher no seio.

E agora lhe metteu o acautelado
Mouro a ponta da espada na garganta:
Desse adivinhador mais quatro ao lado
Mata, dos quaes nenhum a voz levanta.
Nenhum delles Turpino ha mencionado,
E ás escuras o tempo aqui nos planta:
E Palidão de Mancalieri os segue,
Entre dous palafrens ao somno entregue.

Depois lá chega onde encostado jaz
Co'a cabeça ao barril o infeliz Grillo:
Vasado o tinha e reputava em paz
Gozar um somno plácido e tranquillo.

Troncògli il capo il Saracino audace;
Esce col sangue il vin per uno spillo,
Di che n' ha in corpo più d' una bigoncia;
E di ber sogna, e Cloridan lo sconcia.

E presso a Grillo un Greco ed un Tedesco
Spegne in due colpi, Andrópono e Conrado
Che della notte avean goduto al fresco
Gran parte, or con la tazza, ora col dado:
Felici se vegghiar sapeano a desco
Fin che dell' Indo il Sol passasse il guado.
Ma non potria negli uomini il destino,
Se del futuro ognun fosse indovino.

Come impasto leone in stalla piena,
Che lunga fame abbia smacrato e asciutto,
Uccide, scanna, mangia, a strazio mena
L' infermo gregge in sua balia condutto;
Così il crudel pagan nel sonno svena
La nostra gente, e fa macel per tutto.
La spada di Medoro anco non ebe;
Ma si sdegna ferir l' ignobil plebe.

Venuto era ove il duca di Labretto
Con una dama sua dormia abbracciato;
E l' un con l' altro si tenea sì stretto,
Che non saria tra lor l' aere entrato.
Medoro ad ambi taglia il capo netto.
Oh felice morire! oh dolce fato!
Ché, come erano i corpi, ho così fede
Ch' andar l' alme abbracciate alla lor sede.

A cabeça cortou-lhe o Mouro audaz;
Vinho com sangue esguicha-lhe, e d'aquillo
Tinha no corpo mais de meia pipa;
Sonha que bebe, e Cloridão o estripa.

Junto de Grillo um Grego e um Tudesco
Mata em dous golpes, Androp'no e Conrado,
Que desfructáram dessa noite ao fresco
Gram parte, ora co'a taça, ora c'o dado.
Felizes se velassem no refresco
Até o Sol o Indo ter passado.
Mas ao destino os homens escapáram,
Se todos o futuro adivinháram.

Como leão jejum em redil cheio,
Por longa fome secco e emmagrecido,
Mata, esgana, devora, e a trato feio
Põe o rebanho em seu poder cahido;
Tal o pagão cruel do somno ao meio
Os nossos mata, e tudo vai perdido.
A espada de Medoro inda ensaiada
Não foi, nem quer ferir plebe aviltada.

Ao Duque de Labrete vindo tinha,
Que dorme c'uma amásia entrelaçado;
De modo se apertava a parelhinha,
Que entre os dous nem o ar tivera entrado.
Medoro a bola aos dous corta limpinha.
O' venturosa morte! ó doce fado!
Pois como os corpos lá, juntos, atino, (61)
As almas forão ter ao seu destino.

Malindo uccise e Ardalico il fratello:
Che del Conte di Fiandra erano figli:
E l' uno e l' altro cavalier novello
Fatto avea Carlo, e aggiunto all' arme i gigli,
Perchè il giorno amendui d' ostil macello
Con gli stocchi tornar vide vermigli;
E terre in Frisa avéa promesso loro,
E date avria, ma lo vietò Medoro.

Gl' insidïosi ferri eran vicini
Ai padiglioni che tiraro in volta
Al padiglion di Carlo i Paladini,
Facendo ognun la guardia la sua volta;
Quando dall' empia strage i Saracini
Trasson le spade, e diero a tempo volta:
Ch' impossibil lor par, tra si gran torma,
Che non s' abbia a trovar un che non dorma.

E benchè possan gir di preda carchi,
Salvin pur se, che fanno assai guadagno.
Ove più crede aver sicuri i varchi
Va Cloridano, e dietro ha il suo compagno.
Vengon nel campo ove fra spade ed archi
E scudi e lance, in un vermiglio stagno
Giaccion poveri e ricchi, e re e vassalli,
E sossopra con gli uomini i cavalli.

Quivi dei corpi l' orrida mistura,
Che piena avea la gran campagna intorno,
Potea far vaneggiar la fedel cura
Dei duo compagni insino al far del giorno,

Matou Malindo e Ardalico seu mano,
De Flandres pelo Conde procreados:
Cavalleiros pouco antes Carlomano
Armara-os com seus lis accrescentados,
Porque no dia em sangue musulmano
Tornar os vira c'os punhaes banhados.
E em Frisa aos mesmos terras promettêra;
Mas Medoro o vedou, senão lh'as dera.

Os ferros insidiosos perto vinhão
Das tendas, que puxado os Paladinos
Do rei Carlos á tenda em roda tinhão,
Revezando da guarda nos destinos.
Quando do iniquo excidio emfim se abstinhão,
Voltando em tempo os Mouros assassinos;
Pois impossivel crêm que na gram turma
Se não chegue a encontrar um que não durma.

E bem que voltar possão carregados
De prêa, ganhão muito em se safando.
Onde vê passos menos arriscados
Cloridão vai, e o outro o acompanhando.
Chegão elles no campo, onde estirados,
Entre armas mil, no sangue inda nadando,
Pobres, ricos estão, reis e vassallos,
E uns sobre os outros homens e cavallos.

Alli dos corpos a hórrida mistura,
Que a campina em redor enchendo estava,
Baldar podia toda a fiel cura
Dos dous socios, emquanto o sol tardava.

Se non traea fuor d' una nube oscura,
A prieghi di Medor, la Luna il corno.
Medoro in ciel divotamente fisse
Verso la Luna gli occhi, e così disse,

O santa Dea, che dagli antichi nostri
Debitamente sei detta triforme:
Ch' in cielo, in terra e nell' inferno mostri
L' alta bellezza tua sotto più forme,
E nelle selve di fere e di mostri
Vai cacciatrice seguitando l' orme,
Mostrami ove 'l mio Re giaccia fra tanti,
Che vivendo imitò tuoi studi santi.

La Luna, a quel pregar, la nube aperse,
O fosse caso o pur la tanta fede;
Bella come fu allor ch' ella s' offerse,
E nuda in braccio a Endimïon si diede.
Con Parigi a quel lume si scoperse
L' un campo e l' altro; e 'l monte e 'l pian si vede:
Si videro i duo colli di lontano,
Mártire a destra, e Lerì all' altra mano.

Rifulse lo splendor molto più chiaro
Ove d' Almonte giacea morto il figlio.
Medoro andò, piangendo, al signor caro:
Che conobbe il quartier bianco e vermiglio:
E tutto 'l viso gli bagnò d' amaro
Pianto (che n' avea un rio sotto ogni ciglio),
In sì dolci atti, in sì dolci lamenti,
Che potea ad ascoltar fermare i venti:

Se a Lua á face de uma nuve escura
Aos rogos de Medoro não sacava.
Com devoção Medoro o olhar fitou.
Sobre a Lua no céo, e assim fallou:

O' Santa Deosa, que devidamente
Triforme dos antigos foi chamada:
Que á terra, ao céo, e ao Érebo igualmente
Te mostras bella em fórma variada,
E que, em bosques caçando assiduamente,
De feras, monstros segues a pegada,
Mostra-me onde o meu Rei jaz entre tantos,
Que vivendo imitou teus usos santos.

A Lua a esse rogo a nuve abrio,
Ou fosse acaso, ou a fé tão grande fosse;
Bella qual foi então quando sahio
E aos braços d'Endimião nua entregou-se;
Com Paris a luz tal se descobrio
Um campo e outro, e tudo lobrigou-se.
Virão-se ao longe os dous morros, do dextro
Lado Montmartre, e Montlery do séstro.

Reluzio o 'splendor muito mais claro,
Onde morto de Almonte o filho estava:
Medoro foi chorando ao senhor caro,
Pelo alvo e rubro que o broquel levava:
E todo o rosto lhe banhou de amaro
Pranto, que em rio a pálpebra mandava,
Com tão ternas acções, ternos lamentos,
Que fizera parar a ouvi-lo os ventos.

Ma con somessa voce e appena udita;
Non che riguardi a non si far sentire
Perch' abbia alcun pensier della sua vita
(Piuttosto l' odia, e ne vorrebbe uscire);
Ma per timor che non gli sia impedita
L' opera pia che quivi il fe' venire.
Fu il morto Re su gli omeri sospeso
Di tramendui, tra lor partendo il peso.

Vanno affrettando i passi quanto ponno,
Sotto l' amata soma che gl' ingombra.
E già venia chi della luce è donno
Le stelle a tor del ciel, di terra l' ombra;
Quando Zerbino, a cui del petto il sonno
L' alta virtude, ove è bisogno, sgombra,
Cacciato avendo tutta notte i Mori,
Al campo si traea nei primi albori.

E seco alquanti cavalieri avea,
Che videro da lungi i dui compagni.
Ciascuno a quella parte si traea,
Sperandovi trovar prede e guadagni.
Frate, bisogna, Cloridano dicea,
Gittar la soma, e dare opra al calcagni;
Chè sarebbe pensier non troppo accorto,
Perder duo vivi per salvar un morto.

E gittó il carco, perchè si pensava
Che 'l suo Medoro il simil far dovesse:
Ma qual meschin che 'l suo signor più amava,
Sopra le spalle sue tutto lo resse.

Mas com voz baixa e quasi não ouvida;
Nao que elle cuide em não fazer-se ouvir,
Porque cuidado algum tenha da vida,
Que antes detesta, e della quer sahir;
Mas por temor que fique-lhe impedida,
A piedósa acção que o trouxe a vir.
O morto Rei dos dous foi carregado
Nos hombros, sendo o peso partilhado.

Quanto podem depressa vão andando,
Sob a querida carga que os impede:
E já vinha o da luz dono chegando
Para que astros do céo, da terra arrede
Sombras; porém Zerbim, que o somno, quando
E' mister, com valor de si despede,
Tendo os Mouros caçado a noite inteira.
Voltava ao campo pela luz primeira.

E varios cavalleiros conduzia,
Que ao longe virão os dous companheiros;
Cad'um a esse lugar se recollhia,
'Sperando achar alli prêas, dinheiros.
Mano, é preciso, Cloridão dizia,
Largar a carga e à perna dar ligeiros,
Pois seria um intento estulto e torto,
Perder dous vivos p'ra salvar um morto.

E co' a carga atirou, porque pensava
Que Medoro tambem assim faria;
Mas o infeliz, que mais seu amo amava,
Todo em seus hombros sustentando o ia:

L'altro con molta fretta se n'andava,
Come l'amico a paro o dietro avesse:
Se sapea di lasciarlo a quella sorte,
Mille aspettate avria, non ch' una morte,

Quei cavalier, con animo disposto
Che questi a render s'abbino o a morire,
Chi qua, chi là si spárgono, ed han tosto
Preso ogni passo onde si possa uscire.
Da loro il capitan poco discosto,
Più degli altri è sollecito a seguire;
Ch' in tal guisa vedendoli temere,
Certo è che sian delle nimiche schiere.

Era a quel tempo ivi una selva antica,
D'ombrose piante spessa e di virgulti ,
Che, come labirinto, entro s'intrica
Di stretti calli e sol da bestie culti.
Speran d'averla i duo pagan sì amica,
Ch'abbia a tenerli entro á suoi rami occulti.
Ma chi del canto mio piglia diletto,
Un'altra volta ad ascoltarlo aspetto.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto XVIII.º

Com muita pressa o outro se safava,
Como se ao lado ou atraz o amigo iria.
Se pensára deixa-lo a aquella sorte
Elle esperára mil, não uma morte.

Aquelles cavalleiros, já pensando
Que render-se ou morrer estes dous devão,
Quem cá, quem lá dispersão-se, tomando
Todos os passos que á sahida levão.
D'elles mais perto o capitão estando,
Segue-os mais lesto; e como mal se atrevão,
Dessa maneira receiando p'rigos,
Fica certo que são dos inimigos.

Havia então alli um bosque antigo,
Fusco de espessos troncos e virgultas,
Labyrintho de feras mero abrigo,
Com vias estreitissimas e incultas.
Os dous pagãos o esperão tão amigo
De as pessoas nos ramos ter occultas.
Mas quem do canto meu está gostando,
A ouvi-lo de outra vez fico esperando.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto XVIII.º)

MEDORO E CLORIDANO

SORPRESI DA ZERBINO.

Alcun non può saper da chi sia amato
Quando felice in su la ruota siede;
Però c'ha i veri e i finti amici a lato,
Che mostran tutti una medesma fede.
Se poi si cangia in tristo il lieto stato,
Volta la turba adulatrice il piede;
E quel che di cor ama, riman forte,
Ed ama il suo signor dopo la morte.

Se, come il viso, si mostrasse il core,
Tal nella corte è grande e gli altri preme,
E tal é in poca grazia ab suo signore,
Che la lor sorte mutariano insieme.
Questo umil diverria tosto il maggiore;
Staria quel grande infra le turbe estreme.
Ma torniamo a Medor fedele e grato,
Che'n vita e in morte ha il suo signor amato.

MEDORO E CLORIDANO

SURPRENDIDOS POR ZERBINO.

Ninguem póde saber por quem é amado
Quando feliz sentado está na roda; (62)
Pois bons e ruins amigos tem ao lado
Todos a mesma fé mostrando em roda.
Mas, se em triste se muda o ledo estado,
A turba aduladora foge toda;
E quem de veras ama fica forte,
E estima ao seu senhor depois da morte.

Se como o rosto o interior do peito
Se visse, um, grande em côrte, e que outros pisa,
E outro que ao seu senhor é pouco aceito,
A sorte trocarião desta guisa:
Este humilde, soberbo fôra feito;
Ficára o grande co' a canalha á lisa;
Mas volte-se a Medoro grato e fido,
Que em vida e morte ao amo tem querido.

Cercando gia nel più intricato calle.
Il giovine infelice di salvarsi;
Ma il grave peso ch'avea sulle spalle
Gli facea uscir tutti i partiti scarsi.
Non conosce il paese, e la via falle;
E torna fra le spine a invilupparsi.
Lungi da lui tratto al sicuro s'era
L'altro, ch'avea la spalla più leggiera.

Cloridan s'è ridutto ove non sente
Di chi segue lo strepito e il rumore;
Ma quando da Medor si vede assente,
Gli pare aver lasciato a dietro il core.
Deh, come fui, dicea, si negligente,
Deh, come fui sì di me stesso fuore,
Che senza te, Medor, qui mi rirassi,
Nè sappia quando o dove io ti lasciassi!

Così dicendo, nella torta via
Dell' intricata selva si riccaccia;
Ed onde era venuto si ravvia,
E torna di sua morte in su la traccia.
Ode i cavalli e i gridi tuttavia,
E la nimica voce che minaccia:
All' ultimo ode il suo Medoro, e vede
Che tra molti a cavallo è solo a piede.

Cento a cavallo, e gli son tutti intorno;
Zerbin comanda e grida che sia preso;
L'infelice s'aggira com' un torno,
E quanto può si tien da lor difeso,

No caminho que mais era intrincado
O infeliz moço salvação buscava,
Mas o peso de que ia carregado,
Por nimio, todo esforço lhe baldava:
Não conhece o paiz, caminha errado,
E nas espinhas se atrapalha e encrava.
A salvo longe delle se pozera
O outro, que mais leve hombro tivera.

Lá chegou Cloridano onde não sente
De quem o segue o estrepito e o pizado,
Mas quando vè-se de Medoro ausente.
Crê ter atraz o coração deixado:
Ah, dizia, como eu fui negligente!
Como fóra de mim eu tenho andado,
Que sem ti, ó Medoro, aqui cheguei
Sem saber quando e aonde te deixei!

Assim dizendo na entortada via
Dessa intrincada selva se relança:
Lá se encaminha donde vindo havia
Pela estrada que leva-o á matança:
Ouve os cavallos, sim, e a gritaria,
E a voz imiga que ameaças lança.
Ouve, á final, o seu Medoro, e o vè
Entre gente a cavallo, e só e a pé.

Cem a cavallo, e todos o rodeião:
Zerbim ordena e grita seja preso:
Dá voltas o infeliz como o volteião
Tornos; e delles quanto póde illeso

Or dietro quercia, or olmo, or faggio, or orno;
Nè sì discosta mai dal caro peso:
L'hà riposato alfin su l'erba, quando
Regger nol puote, e gli va intorno errando:

Com' orsa che l'alpestre cacciatore
Nella pietrosa tana assalit 'abbia,
Sta sopra i figli con incerto core,
E freme in suono di pietà e di rabbia:
Ira la 'nvita e natural furore
A spiegar l'ugne e a insanguinar le labbia;
Amor la 'ntenerisce, e la ritira
A riguardare ai figli in mezzo l'ira.

Cloridan, che non sa come l'aiuti,
E ch'esser vuole a morir seco ancora,
Ma non che in morte prima il viver muti,
Che via non trovi ove piu d'un ne mora;
Mette su l'arco un de suoi strali acuti,
E nascoso con quel si ben lavora,
Che fora ad uno Scotto le cervella,
E senza vita il fa cader di sella.

Volgonsi tutti gli altri a quella banda,
Ond' era uscito il calámo omicida.
Intanto un altro il Saracin ne manda,
Perchè 'l secondo al lato al primo uccida:
Che mentre in fretta a questo e a quel domanda
Chi tirato abbia l' arco, e forte grida,
Lo strale arriva e gli passa la gola,
E gli taglia pel mezzo la parola.

Mantem-se atraz dos troncos que vareião (63)
Nem se afasta jámais do caro peso.
Sobre a relva á final o arria quando
Não pôde mais, e vai-lhe entorno errando:

Como ursa á qual o alpestre caçador
No petroso covil tenha assaltado,
'Stá sobre os filhos com fereza, e amor,
E freme com um tom terno, e enraivado;
Ira a convida, e natural furor
Da garra, e dente ao uso ensanguentado;
Mas o amor a enternece, e disso a tira
A olhar os filhos no furor da ira.

Cloridão que não sabe como o ajude
E com elle tambem morrer deseja,
Porém antes que em morte a vida mude
Fazer que extincto mais de um delles seja;
Arma uma aguda frecha, e tanto elude
Que alguem com ella trabalhar o veja,
Que a um escossez o cérebro elle fura,
E morto o faz cahir da montadura.

Todos os mais se voltão para a banda
Donde sahira o cálamo homicida.
Mais outro entanto o Sarraceno manda
Que ao lado desse tire a outro a vida:
E emquanto á pressa perguntando este anda
Quem do arco tirou, e a voz desbrida,
A setta chega, e passa-lhe a garganta,
E corta ao meio o grito que levanta.

Or Zerbin, ch' era il capitano loro,
Non pote a questo aver più pazienza:
Con ira e con furor venne a Medoro,
Dicendo: ne farai tu penitenza.
Stese la mano in quella chioma d'oro,
E strascinollo a sè con violenza:
Ma come gli occhi a quel bel volto mise,
Gli ne venne pietade, e non l'uccise.

Il giovinetto si rivolse a' prieghi,
E disse: cavalier, per lo tuo Dio,
Non esser sì crudel, che tu mi nieghi
Ch'io seppellisca il corpo del re mio.
Non vo' ch' altra pietà per me ti pieghi,
Nè pensi che di vita abbia disio:
Ho tanta di mia vita, e non più, cura,
Quanta ch' al mio signor dia sepoltura.

E se pur pascer vuoi fiere ed augelli,
Che 'n te il furor sia del Teban Creonte,
Fa' lor convito di miei membri, e quelli
Seppellir lascia del figliuol d' Almonte.
Così dicea Medor con modi belli,
E con parole atte a voltare un monte;
E sì commosso già Zerbino avea,
Che d' amor tutto e di pietade ardea.

In questo mezzo un cavalier villano,
Avendo al suo signor poco rispetto,
Ferì con una lancia sopra mano
Al supplicante il delicato petto.

Ora Zerbim, que os hia commandando,
Não póde mais com isto ter paciencia:
Com Medoro foi ter d'ira estalando,
E disse: farás d'isto a penitencia;
E foi á loura coma a mão lançando,
E de rasto o puchou com violencia:
Mas ao gentil semblante quando olhou,
Teve compaixão delle, e o não matou.

O jovenzinho aos rogos recorreu,
E lhe disse: Varão, pelo teu Nume,
Não sejas tão cruel de vedar que eu
Do rei meu amo o morto corpo inhume.
Não quero outra piedade a favor meu,
Nem creias que eu viver queira, ou presume (64)
Tanto: viver só quero quanto chegue
Para que á terra o meu senhor entregue.

E se ás feras, e ás aves dar pastura
Queres, de Thebas feito outro Creonte,
C'o meu corpo os regala, e sepultura
Deixa-me dar a quem provém de Almonte.
Dizia assim Medoro com doçura,
E com palavras de virar um monte:
E já tinha a Zerbino tão movido,
Que de affecto e de dôr 'stava vencido.

Neste comenos um heróe villão,
Tendo ao proprio senhor pouco respeito,
C' uma lança ferio de repellão
Ao supplicante o delicado o peito.

Spiacque a Zerbin l'attò crudele e strano;
Tanto più, che del colpo il giovinetto
Vide cader, sì sbigottito e smorto,
Che 'n tutto giudicó che fosse morto.

E se ne sdegnó in guisa e se ne dolse,
Che disse: Invendicato già non fia;
E pien di mal talento si rivolse
Al cavalier che fè l' impressa ria:
Ma quel prese vantaggio, e se gli tolse.
Dinanzi in un momento, e fuggì via.
Cloridan, che Medor vede per terra,
Salta nel bosco a discoperta, guerra:

E getta l' arco, e tutto pien di rabbia
Tra gl' inimici il ferro intorno gira,
Più per morir che per pensier ch' egli abbia
Di far vendeta che pareggi l' ira.
Del proprio sangue rossegiar la sabbia
Fra tante spade, e al fin venir si mira;
E tolto che si sente ogni potere,
Si lascia accanto al suo Medor cadere

Seguon gli Scotti ove la guida loro
Per l' alta selva alto disdegno mena,
Poi che lasciato ha l' uno e l' altro Moro,
L' un morto in tutto, e l' altro vivo appena.
Giacque gran pezzo il giovine Medoro,
Spicciando il sangue da sì larga vena,
Che di sua vita al fin saria venuto,
Se non sopravvenia chi gli diè aiuto.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto XIX.°)

Desagradou a Zerbim a indigna acção;
Tanto mais que, do golpe, tão desfeito
Vio cahir o mocinho e desmaiado,
Que elle em tudo o julgou como finado.

E disso se enfadou, tão pesaroso
Que disse: não irá sem ser vingado:
E virou-se, estalando de furioso,
Ao cavalleiro autor desse attentado.
Mas aquelle adiantou-se, e cauteloso
De diante lhe fugio, fez-se ausentado.
Cloridão que Medoro vê por terra,
Salta no bosque a descoberta guerra.

Arroja o arco, e assim todo enraivado
Dos imigos no meio a espada gira,
Mais p'ra morrer do que com o cuidado
De vingança fazer que iguale a ira.
Do proprio sangue o pó avermelhado,
E a si perdido entre cem ferros mira;
E de forças sentindo-se esgotado,
Cahir se deixa de Medoro ao lado.

Pela alta selva, onde o leva um grão plano,
Os Escocezes seguem o seu guia,
Deixando a um, e outro musulmano,
Morto, um de todo, outro que mal vivia.
Fica o joven Medoro alli no plano,
No sangue que esguichando lhe sahia
Em quantidade tal que elle expirara,
Se quem o soccorreu lá não chegára. (65)

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto XIX.º)

LA DISCORDIA

NEL

CAMPO D'AGRAMANTE.

Di vedovelle i gridi e le querele,
E d' orfani fanciulli, e di vecchi orbi,
Nell' eterno seren dove Michele
Sedea, salir fuor di questi aer torbi;
E gli feccion veder come il fedele
Popol preda de' lupi era e de' corbi,
Di Francia, d' Inghiterra, e di Lamagna,
Che tutta avean coperta la campagna.

Nel viso s' arrossì l' Angel beato,
Parendogli che mal fosse ubbidito
Al Creatore, e si chiamò ingannato
Dalla Discordia perfida e tradito.
D' accender liti tra i pagani dato
Le avea l' assunto, e mal era eseguito;
Anzi tutto il contrario al suo disegno
Parea aver fatto, a chi guardava al segno.

A DISCORDIA

NO

CAMPO DE AGRAMANTE.

De viuvinhas os gritos, e lamentos (66)
De orphãos tenros e velhos sós ficados,
Lá do eterno sereno nos assentos,
Onde estava Miguel, destes turvados
Ares levarão claros documentos,
Que os Christãos ião sendo devorados
Por lobos, corvos, de França, Inglaterra
E Allemanha, que enchião essa terra.

Corou no rosto o bemaventurado
Anjo, achando que mal obedecido
Era Deos, e chamou-se de enganado
Pela Discordia perfida, e trahido.
Entre os pagãos, havia-lhe ordenado,
Ascendesse questões; e mal cumprido
Isso era; antes a quem as cousas via,
Todo o opposto haver feito parecia.

Come servo fedel, che più d' amore
Che di memoria abbondi, e che s' avveggia
Aver messo in oblio cosa ch' a core
Quanto la vita e l' ánima aver deggia,
Studia con fretta d' emendar l' errore,
Nè vuol che prima il suo signor lo veggia:
Così l' Angelo a Dio salir salir non volse,
Se dell' óbbligo prima non si sciolse.

Al monister, dove altre volte avea
La Discordia veduta, drizzó l' ali.
Trovolla ch' in cápitolo sedea
A nuova elezïon degli ufficiali;
E di veder diletto si prendea
Volar pel capo a' frati i brevïali.
Le man le pose l' Angelo nel crine,
E pugna e calci le diè senza fine.

Indi le roppe un manico di croce
Per la testa, pel dosso, e per le braccia.
Mercè grida la misera a gran voce,
E le ginocchia al divin nunzio abbraccia:
Michel non l' abbandona, che veloce
Nel campo del re d' Africa la caccia;
E poi le dice: aspettati aver peggio,
Se fuor di questo campo più ti veggio.

Come che la Discordia avesse rotto
Tutto il dosso e le braccia, pur temendo
Un' altra volta ritrovarsi sotto
A quei gran colpi, a quel furor tremendo,

Como servo fiel que mais de affeito (67)
Que de memoria abunda, e que conheça
Ter esquecido cousa que ao seu peito
Quanto alma e vida por dever int'ressa,
Antes que seu senhor lhe veja o aspeito
Quer o erro emendar com toda a pressa;
Assim o Anjo a Deos comparecer
Não quiz, sem ter cumprido o seu dever.

Para o mosteiro onde a Discordia havia
Visto outra vez, as azas foi virando;
No capitulo a achou, que presidia
A releger dos officiaes o bando,
E mui gostava que os breviarios via
Ás cabeças dos frades ir voando.
As mãos na coma o Anjo lhe metteu,
E murros, ponta-pés sem fim lhe deu.

Logo um cabo de cruz pôz-lhe quebrado
Na cabeça, nas costas e nos braços.
Perdão, grita a infeliz com alto brado,
Cerra ao Anjo os joelhos com abraços.
Não a deixa Miguel, que onde acampado
'Stá o rei d'Africa a empurra a grandes passos,
E após lhe diz: espera peior ganho
Se fôra deste campo eu mais te apanho.

Bem que as costas e braços bem massados
A Discordia tivesse, ella temendo
Achar-se inda outra vez sob tão pesados
Golpes e sob furor assim tremendo,

Corre a pigliare i mántici di botto,
Ed agli accesi fuochi esca aggiungendo,
Ed accendéndone altri, fa salire
Da molti cori un alto incendio d' ire.

E Rodomonte e Mandricardo e insieme
Ruggier n' infiamma sì, che innanzi al Moro
Li fa tntti venire, or che non preme
Carlo i pagani, anzi il vantaggio è loro.
Le differenzie nárrano, ed il seme
Fanno saper da cui produtte foro:
Poi del re si rimèttono al parere,
Chi di lor prima il campo debba avere.

Marfisa del suo caso anco favella,
E dice che la pugna vuol finire
Che cominciò col Tartaro; perch' ella
Provocata da lui vi fù a venire;
Nè, per dar loco all' altre, volea quella
Un' ora, non che un giorno, differire;
Ma d' esser prima fa l' istanzia grande,
Ch' alla battaglia il Tartaro domande.

Non men vuol Rodomonte il primo campo
Da terminar col suo rival l' impresa
Che per soccorrer l' africano campo
Ha già interrotta, e fin a qui sospesa.
Mette Ruggier le sue parole a campo,
E dice che patir troppo gli pesa,
Che Rodomonte il suo destrier gli tenga,
E ch' a pugna con lui prima non venga.

Vai-se aos folles com passos apressados,
E aos fogos, que ardem, outros accrescendo,
E outros soprando, faz de muitos peitos
Levantar alto incendio de despeitos.

E Rodomonte, e Mandricardo, e tanto
Tambem Rugero, desse amor accende,
Que todos traz perante o Mouro, em quanto
Carlos deixa os pagãos para os quaes pende
A palma. As rixas vão narrando, e quanto
Origem foi de que esse mal depende:
Depois no rei se louvão justiceiro
Quanto a quem ha de o campo obter primeiro.

Para o seu caso inda Marfisa apella,
E diz, que a pugna quer já terminada,
Que começou c'o Tartaro, pois ella
Por elle a vir alli foi provocada;
Nem para ás outras dar lugar aquella,
Nem mesmo uma hora quer dilacionada;
Mas alta instancia faz para que seja
Primeira a entrar c'o Tartaro em peleja.

Quer tambem Rodomonte o primo campo,
Para acabar c'o seu rival a empreza,
Que para auxilio ao africano campo
Interrompêra, e inda ficava presa.
Mette Rugero a sua arenga em campo,
E diz que a elle demasiado pesa,
Que Rodomonte o seu cavallo tenha,
E que em luta com elle antes não venha.

Per più intricarla, il Tártaro viene anche,
E niega che Ruggiero ad alcun patto
Debba l' aquila aver dall' ale bianche;
E d' ira e di furore è così matto,
Che vuol, qnando dagli altri tre non manche,
Combatter tutte le querele a un tratto,
Nè più dagli altri ancor saria mancato,
Se 'l consenso del re vi fosse stato.

Con prieghi il re Agramante e buon ricordi
Fa quanto può perchè la pace segua:
E quando alfin tutti li vede sordi
Non volere assentire a pace o a triegua,
Va discorrendo come almen gli accordi
Sì, che l' un dopo l' altro il campo assegua;
E pel miglior partito alfin gli occorre
Ch' ognuno a sorte il campo s' abbia a torre.

Fe' quattro brevi porre: un *Mandricardo*
E *Rodomonte* insieme scritto avea;
Nell' altro era *Ruggiero e Mandricardo;*
Rodomonte e Ruggier l' altro dicea:
Dicea l' altro *Marfisa e Mandricardo.*
Indi all' arbitrio dell' instabil Dea
Li fece trarre: e 'l primo fu il signore
Di Sarza a uscir con Mandricardo fuore.

Mandricardo e Ruggier fu nel secondo:
Nel terzo fu Ruggiero e Rodomonte;
Restò Marfisa e Mandricardo in fondo;
Di che la donna ebbe turbata fronte.

Para mais intrinca-la tambem chega,
O Tártaro, e a Rugero a todo int'resse,
Que tenha a Aguia de azas brancas nega;
E d'ira e de furor tanto enloquece,
Que quer, se alguem dos tres não o denega,
Bater-se com quemquer queixa tivesse:
Nem os mais o tiveram recusado,
Quando o rei seu assenso houvera dado.

Bons conselhos e rogos empregando,
Faz o rei Agramante quanto póde
Para haver paz; mas surdos os achando,
Sem que um a paz ou a tregoa se acomode,
De os pôr de accordo ao menos vai pensando,
De maneira que o campo entre elles rode,
E emfim lhe occorre qual melhor partido,
Que cad'um leve o campo á sorte obtido.

Fez pôr quatro papeis: um *Mandricardo*
E Rodomonte escripto em si trazia;
'Stava em outro *Rugero e Mandricardo;*
Rodomonte e Rugero outro dizia.
Dizia outro, *Marfisa e Mandricardo:*
Logo ao grado da Deosa, que varia,
Os fez tirar, e primeiro sahio
Com Mandricardo o Sárzeo senhorio.

Mandricardo e Rugero ha no segundo;
No terceiro ha Rugero e Rodomonte;
Ficão Marfisa e Mandricardo em fundo,
Do que á mulher fica turbada a fronte.

Nè Ruggier più di lei parve giocondo:
Sa che le forze dei duo primi pronte
Han tra lor da finir le liti in guisa,
Che non ne fia per se, nè per Marfisa.

Giacea non lungi da Parigi un loco,
Che volgea un miglio o poco meno intorno:
Lo cingea tutto un argine non poco
Sublime, a guisa d' un teatro adorno.
Un castel già vi fu; ma a ferro e a fuoco
Le mura e i tetti ed a ruina andorno.
Un simil può vederne in su la strada
Qualvolta a Borgo il Parmigiano vada.

In questo loco fu la lizza fatta,
Di brevi legni d' ogn' intorno chiusa,
Per giusto spazio quadra, al bisogno atta,
Con due capaci porte, come s' usa.
Giunto il dì ch' al re par che si combatta
Tra i cavalier che non ricercan scusa,
Furo appresso alle sbarre in ambi i lati
Contra i rastrelli i padiglion tirati.

Nel padiglion ch' è più verso Ponente
Sta il re d' Algier, c' ha membra di gigante.
Gli pon lo scoglio in dosso del serpente
L' ardito Ferraù con Sacripante.
Il re Gradasso e Falsiron possente
Sono in quell' altro al lato di Levante,
E metton di sua man l' arme troiane
In dosso al successor del re Agricane.

Nem Rugero mais que ella anda jucundo;
Sabe qual força o par primeiro apromple
Para entre si findar a lide em guisa,
Que nada haja pr'a si nem pr'a Marfisa.

Não longe de Paris um sitio havia,
Que uma milha, ou quasi isso, volteava,
E todo em roda um adique o cingia
Mui alto e qual theatro se adornava:
Alli já um castello houvera um dia
Que andára a ferro e fogo, e ruinava;
Póde ver sobre a estrada um semelhante
Indo de Parma a Borgo o caminhante.

Foi em este lugar a liça feita
Por curtos páos toda ao redor fechada,
Apta ao mister, e quadrada perfeita,
Com dous portoes na fórma costumada.
Chegado o dia em que o Rei quer enceita (68)
A lucta entre os varoes d'alma obstinada,
Forão, junto ás bastidas dos dous lados,
Contra os rasteis os pavilhões puxados.

No pavilhão que mais fica ao Poente
'Stá o Rei de Argel com membros de gigante,
E lhe cingem as armas da serpente
O ousado Ferraú, com Sacripante.
O rei Gradasso e Falsirão valente
No outro estao do lado do Levante,
E do rei Agricão no successor
A troiana armadura estão a pôr.

Sedeva in tribunale amplo e sublime
Il re d' Africa, e seco era l' Ispano;
Poi Stordilano, e l' altre genti prime,
Che riveria l' esercito pagano.
Beato a chi pon dare árgini e cime
D' árbori stanza che gli alzi dal piano!
Grande è la calca, e grande in ogni lato
Pópolo ondeggia intorno al gran steccato.

Eran con la regina di Castiglia
Regine e principesse e nobil donne,
D' Aragon, di Granata e di Siviglia,
E fin di presso all' Atlantee colonne;
Tra quai di Stordilan sedea la figlia
Che di duo drappi avea le ricche gonne;
L' un d' un rosso mal tinto, l'altro verde:
Ma 'l primo quasi imbianca e il color perde.

In abito succinta era Marfisa,
Qual si convenne a donna ed a guerriera.
Termoodonte forse a quella guisa
Vide Ippolita ornarsi e la sua schiera.
Già, con la cotta d' arme alla divisa
Del re Agramante, in campo venut' era
L' araldo a far divieto, e metter leggi,
Che nè in fatto nè in detto alcun parteggi.

La spessa turba aspetta disiando
La pugna, e spesso incolpa il venir tardo
Dei duo famosi cavalieri; quando
S' ode dal padiglion di Mandricardo

Sentado estava em throno amplo, elevado
D'Africa o Rei, e mais com elle o Hispasno,
E depois Stordilão, e os d'alto estado,
Que mais respeita o Campo Musulmano.
Feliz quem póde com o pé firmado
Em muro, ou em ramo, estar do chão alçado.
É grande o aperto, e grande povo ondeia.
Em qualquer parte que o vallão ladeia.

Estavão co'a rainha Castelhana
Rainhas e princezas, e senhoras
De Aragão, de Granada e Sevilhana
Terra, e até de Gribaltar moradoras.
E entre ellas se sentava a Stordilana
Filha com ricas saias variadoras.
Uma de um rubro fraco, e outra verde,
Mas aquella embranquece e as cores perde.

Mui succinta no traje era Marfisa,
Qual a dama e guerreira ia assentando.
Talvez Termodoonte d'essa guisa
Ornar-se vio Hyppolita e seu bando.
Já com a cota de armas e a devisa
De Agramante sahira as ordens dando,
O Arauto para que com acto ou falla
Ninguem mostre a affeição que dentro calla.

A espessa turba espera desejando
A pugna; e muito increpa o chegar tardo
Dos dous famosos cavalleiros; quando
Se ouve no pavilhão de Mandricardo

Alto rumor che vien moltiplicando.
Or sappiate, Signor, che 'l re gagliardo
Di Sericana e 'l Tártaro possente
Fanno il tumulto e 'l grido che si sente.

Avendo armato il re di Sericana
Di sua man tutto il re di Tartaria,
Per porgli al fianco la spada soprana,
Che già d' Orlando fu, se ne venia;
Quando nel pome scritto, *Durindana*,
Vide, e 'l quartier ch' Almonte aver solia,
Ch' a quel meschin fu tolto ad una fonte
Dal giovinetto Orlando in Aspramonte.

Vendéndola, fu certo ch' era quella
Tanto famosa del signor d' Anglante,
Per cui con grande armata, e la più bella
Che giammai si partisse di Levante,
Soggiogato avea il regno di Castella,
E Francia vinta esso pochi anni innante:
Ma non può immaginarsi come avvenga
Ch' or Mandricardo in suo poter la tenga!

E dimandògli se per forza o patto
L' avesse tolta al conte, e dove e quando.
E Mandricardo disse ch' avea fatto
Gran battaglia per essa con Orlando,
E come finto quel s' era poi matto:
Così coprire il suo timor sperando,
Chè era d' aver continua guerra meco,
Fin che la buona spada avesse seco.

Alto rumor que vem mais se augmentando:
Pois Senhores saibais que o Rei galhardo
De Sericana, e o Tártaro valente
Fazem a bulha e grita que se sente.

Ao Rei Tártaro, o Rei de Sericana
Todo por sua mão armado havia;
E lhe cingir a espada soberana,
Que pertencêra a Orlando, elle já ia;
Quando no pomo escripto, *Durindana*
Vio, e o brasão que Almonte ter sohia,
Tirado ao triste perto de uma fonte
Pelo joven Orlando em Aspramonte.

Vendo-a, ficou bem certo que era aquella
Tão afamada do senhor de Anglante,
Com que elle com grande hoste, e a mais bella
Que partido tivesse do Levante,
O reino subjugára de Castella,
E a França já vencêra uns annos ante.
Mas não póde idêar como isso seja
Que agora em mão de Mandricardo esteja.

E perguntou-lhe se ao conde a tirára
Elle por força ou pacto, e aonde e quando;
E Mandricardo disse que travára
Grande lucta por ella com Orlando.
Este, disse, a si louco simulára
Depois, o seu temor cobrir 'sperando,
Que era de sempre ter guerra comigo
Emquanto tinha a gram 'spada comsigo.

E dicea ch' imitato avea il castore,
Il qual si strappa i genitali sui,
Vedéndosi alle spalle il cacciatore,
Che sa che non ricerca altro da lui.
Gradasso non udì tutto il tenore,
Che disse: non vo' darla a te nè altrui.
Tanto oro, tanto affanno, e tanta gente
Ci ho speso, che è ben mia debitamente.

Cércati pur fornir d' un' altra spada,
Ch' io voglio questa, e non ti paia nuovo.
Pazzo o saggio ch' Orlando se ne vada,
Averla intendo, ovunque io la ritrovo.
Tu senza testimoni in su la strada
Te l' usurpasti: io qui lite ne muovo.
La mia ragion dirà mia scimitarra;
E faremo il giudizio nella sbarra.

Prima, di guadagnarla t' apparecchia,
Che tu l' adopri contra a Rodomonte.
Di comprar prima l' arme è usanza vecchia,
Ch' alla battaglia il cavalier s' affronte.
Più dolce suon non mi viene all' orecchia,
(Rispose alzando il Tártaro la fronte)
Che quando di battaglia alcun mi tenta;
Ma fa' che Rodomonte lo consenta.

Fa' che sia tua la prima, e che si tolga
Il re di Sarza la tenzon seconda;
E non ti dubitar ch' io non mi volga,
E ch' a te e ad ogni altro io non risponda.

E disse que imitára elle o castor,
Que arranca a si os orgãos genitaes,
Sentindo-se seguir do caçador,
Que sabe lhe quer isso e nada mais.
Gradasso não ouvio todo o téor,
Que disse: Eu não t' a dou, nem aos demais.
Tanto ouro, tanto afan, e tanta gente
Custou-me, que é bem minha justamente.

Procura te proveres de outra espada,
Que esta eu a quero, e não estranhes isto:
Tenha ou não tenha Orlando a mente eivada,
Ondequer que eu a ache havê-la insisto.
Sem testemunhas, tu, sobre uma estrada
A usurpaste; eu aqui ora a requisto:
Dirá minha razão a cimitarra,
E entre nós julgará da lança a barra.

A ganha-la primeiro te aparelha,
Que tu a empregues contra Rodomonte;
Do cavalleiro é prática já velha
Armas comprar antes que a lucta affronte. —
Mais doce voz não sôa-me na orelha
(O Tártaro tornou erguendo a fronte)
Do que quando a combate alguem me move;
Mas faze que isso Rodomonte approve.

Faze que tua seja a prima lucta,
E o Rei de Sarza fique co'a segunda;
E que eu logo virei certo reputa
A responder-te, e a quem cá mais abunda.

Ruggier gridò: non vo' che si disciolga
Il patto, o più la sorte si confonda:
O Rodomonte in campo prima saglia,
O sia la sua dopo la mia battaglia.

Se di Gradasso la ragion prevale,
Prima acquistar che porre in opra l' arme,
Nè tu l' àquila mia dalle bianche ale
Prima usar dei, che non me ne disarme;
Ma poi ch' è stato il mio voler già tale,
Di mia sentenza non voglio appellarme,
Che sia seconda la battaglia mia,
Quando del re d' Algier la prima sia.

Se turbarete voi l' ordine in parte,
Io totalmente turbarollo ancora.
Io non intendo il mio scudo lasciarte,
Se contra me non lo combatti or ora.
Se l' uno e l' altro di voi fosse Marte,
(Rispose Mandricardo irato allora)
Non saria l' un nè l' altro atto a vietarme
La buona spada o quelle nobili arme.

E tratto dalla collera, avventosse
Col pugno chiuso al re di Sericana:
E la man destra in modo gli percosse,
Ch' abbandonar gli fece Durindana.
Gradasso, non credendo ch' egli fosse
Di così folle audacia e così insana,
Colto improvviso fu, che stava a bada,
E tolta si trovò la buona spada.

Gritou Rugero: Eu não quero destructa (69)
A lei, nem que inda a sorte se confunda;
Saia primeiro em campo Rodomonte,
Ou após do meu c' o seu combate conte.

Se de Gradasso o dito prevalece,
Adquirir antes que empregar as armas,
Tu da minha aguia, que aza branca offrece,
Não uses, se me della não desarmas.
Mas como tal minha tenção tivesse,
Sentenças minhas não virei trocar-m'as;
Fique segunda pois minha peleja
Quando a do Rei de Argel primeira seja. —

Se alterardes o arranjo vós em parte,
De todo tambem eu hei de altera-lo.
Eu não entendo o escudo meu deixar-te
Sem já comigo em campo disputa-lo.
Se qualquer de vós dous fôra o Deos Marte,
(Mandricardo tornou d'ira em estalo)
Nem um nem outro me vedar podéra
A boa espada, e as armas d'alta esphera. —

E avançou-se, da cólera levado,
Cerrando o punho, ao Rei de Sericana.
Na dextra um murro lhe assentou bem dado,
Que abandonar lhe fez a Durindana.
Gradasso não o crendo tão ousado,
Nem a tal ponto a sua audacia insana,
Foi surprendido estando á descuidada,
E privado se achou da boa espada.

Così scornato, di vergogna e d' ira
Nel viso avvampa, e par che gètti fuoco;
E più l' affligge il caso e lo martira,
Poi che gli accade in sì palese loco.
Bramoso di vendetta si ritira,
A trar la scimitarra, a dietro un poco.
Mandricardo in se tanto si confida,
Che Ruggiero anco alla battaglia sfida.

Venite pure innanzi amenduo insieme,
E véngane pel terzo Rodomonte,
Africa e Espagna o tutto l' uman seme;
Ch' io son per sempre mai volger la fronte.
Così dicendo, quel che nulla teme,
Mena d'intorno la spada d' Almonte;
Lo scudo imbraccia, disdegnoso e fiero,
Contro Gradasso e contra il buon Ruggiero.

Lascia la cura a me (dicea Gradasso)
Ch' io guarisca costui della pazzia.
Per Dio (dicea Ruggier) non te la lasso;
Ch' esser convien questa battaglia mia.
Va' indietro tu;—Vavvi pur tu:—nè passo
Però tornando, gridan tuttavia:
Ed attaccossi la battaglia in terzo,
Ed era per uscirne un strano scherzo.

Se molti non si fossero interposti
A quel furor, non con troppo consiglio;
Ch' a spese lor quasi imparâr che costi
Voler altri salvar con suo periglio.

Ludibriado assim, de pejo e de ira
Arde no rosto, e quasi fogo lança;
E o caso mais o afflige, e todo o estira
Por ser em lugar público. Vingança
Anhelando, elle um tanto se retira
Para a espada puxar quanto ella alcança;
E Mandricardo tanto em si confia
Que té Rugero á lucta desafia.

— Junto cad' um dos dous se avante faça,
E aqui terceiro venha Rodomonte,
Africa, Hespanha e toda a humana raça,
Que sempre e sempre a todos farei fronte.—
Assim dizendo, sem que nada o faça
Temer, meneia a espada já de Almonte;
O escudo embraça desdenhoso e fero
Contra Gradasso, e contra o bom Rugero.

— Deixa ao cuidado meu (disse Gradasso)
Esse doudo curar. — Livre-me Deos,
(Rugero respondia) isso não faço,
Que taes combates só devem ser meus;
Arreda tu; — Arreda tu; — nem passo
Vão dando atraz dobrando os gritos seus;
E travou-se entre os tres então a lucta;
E dar ia de si bem feia fructa.

Se muitos não se houveram interposto
Nesse furor, com pouco bom aviso;
Que á sua custa virão qual he o gosto
De outrem salvar se expondo a prejuizo:

Nè tutto 'l mondo mai gli avria composti,
Se non venia col re d' Ispagna il figlio
Del famoso Troiano, al cui conspetto
Tutti ebbon riverenzia e gran rispetto.

Si fe' Agramante la cagione esporre
Di questa nuova lite così ardente:
Poi molto affaticossi per disporre
Che per quella giornata solamente
A Mandricardo la spada d' Ettorre
Concedesse Gradasso umanamente,
Tanto ch' avesse fin l' aspra contesa
Ch' avea già incontra a Rodomonte presa.

Mentre studia placarli il re Agramante,
Ed or con questo ed or con quel ragiona,
Dall' altro padiglion tra Sacripante
E Rodomonte un' altra lite suona.
Il re Circasso, come è detto, innante
Stava di Rodomonte alla persona;
Ed egli e Ferraù gli aveano indotte
L' arme del suo progenitor Nembrotte.

Ed eran poi venuti ove il destriero
Facea, mordendo, il ricco fren spumoso;
Io dico il buon Frontin, per cui Ruggiero
Stava iracondo e più che mai sdegnoso.
Sacripante ch' a por tal cavaliero
In campo avéa, mira curioso,
Se ben ferrato e ben guernito e in punto
Era il destrier, come déveasi a punto.

E de accordo ninguem houvera-os posto,
Se, com o rei de Hespanha, de improviso
Não vinha do Troiano o illustre nado.
Cujo aspecto dos mais foi respeitado.

Agramante as causais se fez expôr
Desta nova demanda e tão ardente:
Muito depois cansou-se pr'a dispôr,
Que por aquelle dia tão sómente
A Mandricardo essa espada de Heitor
Concedesse Gradasso humanamente,
Té que tivesse fim a briga fera,
Que contra Rodomonte elle emprendêra.

Emquanto em os calmar cuida Agramante,
E com um e com outro alli razoa,
Eis entre Rodomonte e Sacripante
Do outro pavilhão lide outra sôa.
O Rei Circassio, como eu disse, diante
De Rodomonte estava da pessoa;
Elle com Ferraú trajado o tinha
Co' as armas de Nembroth de quem provinha.

E depois lá chegaram onde o freio
Rico mordendo o tornava espumoso
O bom Frontim, corsel pelo qual cheio
D'ira estava Rogero, e mui raivoso.
Sacripante que a pôr em campo veio
Tal cavalleiro, olhava curioso
Se, como assaz convinha, bem ferrado
'Stava o cavallo e bem ajaezado.

E vedendo a guardargli più a minuto
I segni, le fattezze isnelle ed atte,
Ebbe fuor d' ogni dubbio conosciuto
Che questo era il destrier suo Frontalatte,
Che tanto caro già s' avea tenuto,
Per cui già avea mille querele fatte;
E poi che gli fu tolto, un tempo volse
Sempre ire a piedi: in modo gliene dolse.

Innanzi Albracca gli l' avea Brunello
Tolto di sotto quel medesmo giorno,
Ch' ad Angelica ancor tolse l' anello,
Al conte Orlando Balisarda e 'l corno,
E la spada a Marfisa: ed avea quello,
Dopo che fece in Africa ritorno,
Con Balisarda insieme a Ruggier dato,
Il qual l' avea Frontin poi nominato.

Quando conobbe non si apporre in fallo,
Disse il Circasso, al re d' Algier rivolto:
Sappi, signor, che questo è mio cavallo,
Ch' ad Albracca di furto mi fuo tolto.
Bene avrei testimoni da provallo;
Ma perchè son da noi lontani molto,
S' alcun lo niega, io gli vo' sostenere
Con l' arme in man le mie parole vere.

Ben son contento, per la compagnia
In questi pochi dì stata fra noi,
Che prestato il cavallo oggi ti sia;
Ch' io veggo ben che senza far non puoi;

E as esbeltas feições com mais miudeza
E os geitos vindo a ver em observa-lo,
Conheceu logo com toda a certeza
Que este era Frontaleite, o seu cavallo,
Que elle estimara tanto; e briga accesa
Tivera vezes mil para guarda-lo;
E quando lh'o tirárão, ir quizera
Sempre a pé: de tal modo lhe doêra.

De debaixo Brunel já lh'o tirára
Diante de Albracca, nesse mesmo dia
Em que o anel a Angelica roubára,
Balisarda e a corneta a Orlando, e havia (70)
Tirado a espada a Marfisa: e o doára
Com Balisarda quando elle volvia
Para Africa a Rugero, o qual, em éra
Seguinte, o nome de Frontim lhe déra.

Quando que não errava conheceu,
Disse o Circassio ao Rei de Argel voltado:
Saibas, senhor, que este cavallo é meu,
Que elle em Albracca já me foi furtado;
Testemunhas em prova as tinha eu
Muitas, mas como estão longe um bocado,
Se alguem o nega, sustentar pretendo,
De armas na mão, que eu a verdade expendo

Bem me contento, pela companhia
Que entre nós nestes dias tem havido,
Que guardes emprestado neste dia
O cavallo, aliás ficas desprovido;

Però con patto, se per cosa mia
E prestada da me conoscer vuoi:
Altrimente d' averlo non far stima,
O se non lo combatti meco prima.

Rodomonte, del quale un più orgoglioso
Non ebbe mai tutto il mestier dell' arme,
Al quale in esser forte e coraggioso
Alcuno antico d' uguagliar non parme,
Rispose: Sacripante, ogn' altro ch' oso,
Fuor che tu, fosse in tal modo a parlarme,
Con suo mal si saria tosto avveduto
Che meglio era per lui di nascer muto.

Ma per la compagnia che (come hai detto)
Novellamente insieme abbiamo presa,
Ti son contento aver tanto rispetto,
Ch' io t' ammonisca a tardar questa impresa,
Fin chè della battaglia veggi effetto,
Che fra il Tartaro e me tosto fia accesa;
Dove porti uno esempio innanzi spero,
Ch' avrai di grazia a dirmi: abbi il destriero.

Gli è teco cortesia l' esser villano,
Disse il Circasso pien d' ira e di sdegno:
Ma più chiaro ti dico ora e più piano,
Che tu non faccia in quel destrier disegno:
Che te lo difendo io, tanto ch' in mano
Questa vindice mia spada sostegno;
E metterovvi insino l' ugna e il dente,
Se non potrò difènderlo altrimente.

Mas com pacto que como uma franquia,
Que do que é meu te faço, seja tido.
Aliás jámais não contes tu guarda-lo,
Sem vir comigo em campo disputa-lo.

Rodomonte, do qual mais orgulhoso
Das armas no mister houve jámais;
E o qual em ser valente e corajoso,
Parece-me, não teve outros iguaes,
Respondeu: — Sacripante, outro animoso
Que fosse de fallar-me em modos taes,
Já com seu mal tivera conhecido,
Melhor lhe fôra mudo haver nascido.

Mas pela companhia que já feito
Nós temos ha bem pouco (qual disseste)
Contento-me de usar-te tal respeito
De advertir-te a deixar quanto emprendeste,
Até que vejas da batalha o effeito
Que entre o Tartaro e mim arder vai preste,
Em que um exemplo, e tal espero da-lo,
Que tu bem digas: fica c' o cavallo.

Cortezia é comtigo o ser villão,
(Disse o Circassio, d'ira a alma cheia,)
Mas digo-te mais claro ora e mais chão,
Que tu nesse cavallo a tua idea
Não ponhas, pois t' o vedo em quanto a mão
Esta vindice espada aqui menêa;
E nisso empregarei a unha e o dente,
Se o não poder vedar diversamente.

Venner dalle parole alle contese,
Ai gridi, alle minacce, alla battaglia,
Che per molt' ira in più fretta s' accese
Che s' accendesse mai per fuoco paglia.
Rodomonte ha l' usbergo ed ogni arnese;
Sacripante non ha piastra nè maglia;
Ma par (sì ben con lo schermir s' adopra)
Che tutto con la spada si ricuopra.

Non era la possanza e la fierezza
Di Rodomonte, ancor ch' era infinita,
Più che la provvidenza e la destrezza,
Con che sue forze Sacripante aita.
Non voltò ruota mai con più prestezza
Il macigno sovran che 'l grano trita,
Che faccia Sacripante or mano or piede
Di qua di là, dove il bisogno vede.

Ma Ferraù, ma Serpentino arditi
Trasson le spade, e si cacciàr tra loro,
Dal re Gradonio, da Isolier seguiti,
Da molt' altri signor del Popol Moro.
Questi erano i romori, i quali uditi
Nell' altro padiglion fur da costoro,
Quivi per accordar venuti invano
Col Tartaro, Ruggiero e 'l Sericano.

Venne chi la novella al re Agramante
Riportò certa, come pel destriero
Avea con Rodomonte Sacripante
Incominciato un aspro assalto e fiero.

Vierão das palavras á contenda,
Aos gritos, ás ameaças, á batalha,
Que mais de pressa por ira tremenda
Ateou-se que fogo accende a palha.
Tem Rodomonte tudo que o defenda,
Sacripante não tem chapa nem malha,
Mas parece que tanto a esgrima emprega,
Que co'a espada a cobrir-se todo chega.

Maior não era a força ou a fereza
De Rodomonte, ainda que infinita,
Do que era a previdencia e a gram destreza
Com que outro o seu valor ajuda e adita.
Nunca roda virou com mais presteza
A mó superior que o trigo attrita, (71)
Como faz Sacripante o pé e a mão
De cá, de lá onde haja precisão.

Mas Ferraù e Serpentino hardidos
Se interpozerão puxando as espadas,
Do Rei Grandonio, e Isoleiro seguidos,
E d'entre os Mouros mais pessoas gradas.
Eis os tumultos que forão ouvidos
Na outra tenda das gentes lá chegadas
Em vão de ajuste com pensado plano
Entre o Tart'ro, Rugero e o Sericano.

Chegou quem referio certa a Agramante
A nova de por causa do corsel
Haver com Rodomonte Sacripante
Encetado um assalto asp'ro e cruel.

Il re, confuso di discordie tante,
Disse a Marsilio: abbi tu qui pensiero
Che fra questi guerrier non segua peggio,
Mentre all' altro disórdine io proveggio.

Rodomonte che 'l re, suo signor, mira,
Frena l' orgoglio e torna indietro il passo;
Nè con minor rispetto si ritira
Al venir d' Agramanie il re Circasso.
Quel domanda la causa di tant' ira
Con real viso, e parlar grave e basso;
E cerca, poi che n' ha compreso il tutto,
Porli d' accordo; e non vi fa alcun frutto.

Il re Circasso il suo destrier non vuole
Ch' al re d' Algier più lungamente resti,
Se non s' umilia tanto di parole
Che lo venga a pregar che glie lo presti.
Rodomonte, superbo come suole,
Gli risponde: nè 'l ciel, nè tu faresti
Che cosa che per forza aver potessi,
Da altri, che da me, mai conoscessi.

Il re chiede al Circasso, che ragione
Ha nel cavallo, e come gli fu tolto:
E quel di parte in parte il tutto espone,
Ed esponendo s' arrossisce in volto,
Quando gli narra che 'l sottil ladrone
Ch' in un alto pensier l' aveva colto,
La sella su quattro aste gli suffolse,
di sotto il destrier nudo gli tolse.

Por tantas rixas feito titubante
Disse a Massilio o Rei: Neste tropel
De bravos maior mal cuida não venha,
Té que ao outro motim provido eu tenha.

Rodomonte, que o Rei seu amo mira,
Contém o orgulho e atraz recolhe o passo;
Nem com menor respeito se retira
Ao chegar de Agramante o Rei Circasso.
Pergunta áquelle a causa de tant' ira
Com semblante real, tom grave e escasso,
E busca, após que tudo ha comprendido,
De accordo os pôr; mas sem tirar partido.

Não quer o Rei Circassio que o cavallo
Seu fique maior tempo ao Rei de Argel,
Se não se humilha, a ponto de roga-lo,
E pedir que lhe empreste esse corsel.
Rodomonte soberbo, como anda-lo
Sempre costuma, torna-lhe com fel:
Nem tu, nem mesmo o Céo fazer podêra
Te eu dê por força o que outro algum te déra.

O Rei pede ao Circassio que direito
Tem ao corsel; como lhe foi tirado:
Elle, parte por parte, expõe o feito;
E no rosto, em o expôr, fica corado,
Quando lhe conta que um ladrão com geito,
Que distrahido tinha-o apanhado,
Sobre hastes quatro a sella lhe especou,
E de embaixo o corsel nú lhe tirou.

Marfisa che tra gli altri al grido venne,
Tosto che 'l furto del cavallo udì,
In viso si turbò, chè le sovvenne
Che perdè la sua spada ella quel dì:
E quel destrier che parve aver le penne
Da lei fuggendo, riconobbe qui:
Riconobbe anco il buon re Sacripante;
Che non avéa riconosciuto innante.

Gli altri ch' erano intorno, e che vantarsi
Brunel di questo avéano udito spesso,
Verso lui cominciaro a rivoltarsi,
E far palesi cenni ch' era desso;
Marfisa sospettando, ad informasi
Da questa e da quell' altro ch' avea appresso,
Tanto che venne a ritrovar che quello,
Che le tolse la spada, era Brunello:

E seppe che pel furto, onde era degno
Che gli annodasse il collo un capestro unto,
Dal re Agramante al tingitano regno
Fù, con esempio inusitato, assunto.
Marfisa, rinfrescando il vecchio sdegno,
Disegnò vendicársene a quel punto,
E punir scherni e scorni che in istrada
Fatti l' avéa sopra la tolta spada.

Dal suo scudier l' elmo allacciar si fece,
Che del resto dell' arme era guernita.
Senza osbergo io non trovo che mai diece
Volte fosse veduta alla sua vita,

Marfisa, que entre os mais viera ao brado,
Logo que o furto do cavallo ouvio,
No semblante corou, que então lembrado
Lhe foi que a espada então se lhe sumio:
E esse corsel, que pareceu-lhe alado
Fugindo della, aqui presente vio;
Reconheceu tambem a Sacripante,
Bom Rei, ao qual não conhecêra d'ante.

Os mais que em roda estavão, e gabar-se
Disto ouvirão Brunel frequentemente,
Para o tal principiárão a voltar-se,
Acenando ser elle propriamente.
Marfisa suspeitando, ei-la informar-se
Deste e daquelle que lhe estava rente,
Tanto que veio a achar que Brunel era
Quem o furto da espada lhe fizera.

E soube que elle, por tal furto, digno
Sendo seu collo de um baraço untado,
Por Agramante, com exemplo indigno,
Ao throno de Tanger fôra elevado.
Marfisa, refrescando o seu maligno
Livor antigo, então em seu cuidado
Pensou vingar, punir quanto na estrada
Ludibrio fez-lhe em lhe tirar a espada.

O elmo atar se fez pelo escudeiro,
Estando das mais armas guarnecida.
Dez vezes sem couraça pelo inteiro
Tempo não sei se andou da propria vida,

Dal giorno ch' a portarlo assuefece
La sua persona, oltre ogni fede ardita.
Con l' elmo in capo andò dove fra i primi
Brunel sedea negli argini sublimi.

Gli diede a prima giunta ella di piglio
In mezzo il petto, e da terra levollo,
Come levar suol col falcato artiglio
Talvolta la rapace áquilla il polo;
E là dove la lite innanzi al figlio
Era del re Troian, cosi portollo.
Brunel, che giuuto in male man si vede,
Pianger non cessa e dimandar mercede.

Sopra tutti i rumor, strepiti e gridi,
Di che 'l campo era pien quasi ugualmente,
Brunel ch' ora pietade, ora sussidi
Domandando venia, cosi si sente,
Ch' al suono di rammarichi e di stridi
Si fa d'intorno accor tutta la gente.
Giunta innanzi al re d' Africa Marfisa,
Con viso altier gli dice in questa guisa:

Io voglio questo ladro tuo vassallo
Con le mie mani impender per la gola,
Perchè il giorno medesmo che l' cavallo
A costui colle, a me la spada invola.
Ma s' egli è alcun che vogli dir ch' io fallo,
Facciasi innanzi, e dica una parola;
Ch' in tua presenza gli vo' sostenere
Che se ne mente, e ch' io fo il mio doreve.

Desde o dia que fez seu corpo useiro
A traze-la, além termos destemida.
E lá se foi com o elmo na cabeça,
Onde estava Brunel em alta peça.

Ella agarrou-lhe de primeiro lance
Do peito o centro, e o levantou da terra.
Como levanta c' o falcado alcance
Ás vezes aguia o frango que ella afferra.
Do Rei Troiano ante o filho, onde o trance
Inda durava da rixosa guerra,
Assim ella o levou: Brunel se vêndo
Em más mãos, perdão pede e vai gemendo.

Acima dos motins, bulhas, clamores,
Que o campo enchião já quasi igualmente,
Brunel, que ora piedade, ora adjutores
Vinha implorando, em modo tal se sente,
Que ao som de gritos lamentando dores
Ajuntar ao redor faz toda a gente.
Chegada ante o Rei d'Africa, Marfisa,
Com rosto altivo, falla desta guisa.

Eu quero a este ladrão, e teu vassallo,
Pôr eu mesma a garganta pendurada,
Porque no mesmo dia em que o cavallo
Tirava a este, me furtava a espada:
Mas se ha quem diga que enganada eu fallo,
Faça-se avante, e solte uma rosnada;
Que na tua presença hei de manter,
Que elle mente, e que eu faço o meu dever.

Ma perchè si potria forse imputarme
Ch' ho atteso a farlo in mezzo a tante liti,
Mentre che questi, più famosi in arme,
D' altre querele son tutti impediti;
Tre giorni ad impiccarlo io vo' indugiarme:
Intanto o vieni o manda chi l' aiti:
Chè dopo, se non fia chi me io vieti,
Farò di lui mille uccellacci lieti.

Di qui presso a tre leghe a quella torre,
Che siede innanzi ad un piccol boschetto,
Senza più compagnia mi vado a porre
Che d' una mia donzella e d' un valletto.
S' alcuno ardisce di venirmi a torre
Questo ladron, là venga, ch' io l' aspetto.
Così disse ella; e dove disse, prese
Tosto la via, nè più risposta attese.

Sul collo innanzi del destrier si pone
Brunel, che tuttavia tien per le chiome.
Piange il misero e grida, e le persone,
In che sperar solia, chiama per nome:
Resta Agramante in tal confusïone
Di questi intrichi, che non vede come
Poterli sciorre; e gli par via più greve
Che Marfisa Brunel così gli leve.

Non che l' apprezzi o che gli porti amore,
Anzi più giorni son che l' odia molto,
E spesso ha d' impiccarlo avuto in core,
Dopo che gli era stato l' anel tolto.

Mas porque poderá ser-me imputado,
Que a faze-lo esperei em um momento
De tanta lide, em que por outro lado
Mui famosos varões impedimento
Por rixas tem ; tres dias retardado
Quero que seja o seu enforcamento;
Tu vem entanto ou bem manda ajuda-lo,
Que aliás de abutres o farei regalo.

De aqui quasi a tres leguas, vou fechar-me
Naquella torre diante de um bosquete,
Sem outra gente para acompanhar-me
Que uma minha criada, e um rapazete.
Se alguem ousa lá ir para tirar-me
Este ladrão, lá vá, o espero quiete. (72)
Assim disse ella, e lá se foi de posta
Para onde disse sem 'sperar resposta.

Sobre o pescoço do corsel põe diente (73)
Brunel, que sempre agarra no cabello.
Chora o misero, e grita, e chama a gente
Por nome que sohia soccorrê-lo.
A intrigas taes em confusão talmente
Fica Agramante, que elle um tal novelo
Não sabe deslindar, nem acha leve,
Que Marfisa Brunel assim lhe leve.

Não que elle o estime ou que lhe tenha amor,
Antes ha dias odio lhe ha tomado,
E muitas vezes de na forca o pôr
Pensou, depois qu' o annel lhe foi tirado;

Ma questo atto gli par contra il suo onore,
Sì che n' avvampa di vergogna in volto.
Vuole in persona egli seguirla in fretta;
E a tutto suo poter farne vendetta.

Ma il re Sobrino il quale era presente,
Da questa impresa molto il dissuade,
Dicéndogli che mal convenïente
Era all' altezza di Sua Maestade,
Se ben avesse d' esserne vincente
Ferma speranza e certa sicurtade:
Più ch' onor, gli fia biasmo, che si dica
Ch' abbia vinta una femmina a fatica.

Poco l' onore, e molto era il periglio
D' ogni battaglia che con lei pigliasse;
E che gli dava per miglior consiglio,
Che Brunello alle forche aver lasciasse;
E se credesse ch' uno alzar di ciglio
A torlo dal capestro gli bastasse,
Non dovea alzarlo, per non contradire
Che s' abbia la giustizia ad eseguire.

Potrai mandare un che Marfisa prieghi
(Dicea) ch' in questo giudice ti faccia,
Con promission che al ladroncel si leghi
Il laccio al collo, e a lei si sodisfaccia:
E quando anco ostinata te lo nieghi,
Se l' abbia, e il suo desir tutto compiaccia;
Pur che da tua amicizia non si spicchi,
Brunello e gli altri ladri tutti impicchi.

Mas esta acção ao proprio pondonor
Acha contraria, e fica envergonhado.
Elle em pessoa a quer seguir de pressa,
E quanto póde obter vingança dessa.

Porém o Rei Sobrino, alli presente,
De tal empreza muito o dissuade,
Dizendo que era pouco conveniente
Ao alto gráo de Sua Magestade,
Bem que tivesse de sahir vencente
Firme esperança e certa segur'dade:
Mais que honra, opprobrio lhe será, se diga:
Que a uma mulher venceu com gram fadiga.

Que pouca a honra, e muito era o perigo
De um combate qualquer que elle travasse
Com ella; e que um cònselho mais de amigo
Dava-lhe: á forca Brunel ir deixasse;
E se crêsse que alçar do olho o postigo
Do baraço a livra-lo lhe bastasse,
Não o devera alçar, para que em nada
Obste a ser a justiça executada.

Mandar tu poderás (elle dizia)
Quem a Marfisa rogue que te faça
Juiz nisto, porém com garantia,
De enforcar-se o ladrão, que a satisfaça:
E quando t' o negasse ella á porfia,
Fique com elle, e farte essa pirraça;
Com tanto que isso a amiga não te estorque,
Brunel, e os mais ladrões todos enforque,

Il re Agramante volentier s' attenne
Al parer di Sobrin discreto e saggio:
E Marfisa lasció, che non le venne,
Nè patì ch' altri andasse a farle oltraggio:
Nè di farla pregar anco sostenne;
E tollerò (Dio sa con che coraggio)
Per poter acchetar liti maggiori,
E del suo campo tor tanti romori.

Di ció si ride la Discordia pazza,
Che pace o triegua omai più teme poco.
Scorre di qua e di lá tutta la piazza,
Nè può trovar per allegrezza loco.
La Superbia con lei salta e gavazza,
E legne ed esca va aggiungendo al fuoco;
E grida sì, che fin nell' alto regno
Manda a Michel della vittoria segno.

Tremò Parigi, e turbidosi Senna
All' alta voce, a quell' orribil grido;
Rimbombó il suon fin alla selva Ardenna,
Sì che lasciâr tutte le fiere il nido.
Udiron l' Alpi e il monte di Gebenna,
Di Blaia e d' Arli e di Roano il lido;
Ródano, Sonna udì, Garonna e il Reno;
Si strinsero le madri i figli al seno.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto XXVII.°)

De bom grado adoptou Rei Agramante
De Sobrino o par'cer sabio e discreto:
E Marfisa deixou sem ir avante,
Nem soffrer fosse lá outro indiscreto:
Nem de a fazer rogar teve bastante
Animo, e tolerou, (e como quieto,
Deos sabe) por calmar lides maiores,
E tirar do seu campo a taes rumores.

Disso a louca Discordia está se rindo,
Que tregoa e paz já pouco vai temendo:
Por toda a praça cá e lá vai indo
Já de alegria em si mais não cabendo.
Vai com ella saltando e se applaudindo
O Orgulho, ao fogo lenhas accrescendo;
E tanto grita que do céo na gloria
Manda a Miguel o signal da victoria.

Estremeceu Paris, turvou-se o Senna
A alta voz, a aquella horrivel grita:
Tal ribombou o som na selva Ardenna,
Que do covil todo animal se quita:
Ouvirão Alpes, montes de Gebenna,
De Blais a praia, a de Rohão, a Arlita; (74)
Rod'no, Saona, Garonna e Rheno ouvirão;
As mãis ao seio os filhos comprimirão.

(ARIOSTO. — ORL. FUR. Canto XXVII.º)

TASSO.

PRÓTASI DELLA GERUSALEMME LIBERATA,

ED

AMBASCIATA CELESTE A GOFFREDO.

Canto l' armi pietose, e 'l Capitano
Che 'l gran sepolcro liberó di Christo.
Molto egli oprò col senno e con la mano;
Molto soffrì nel glorïoso acquisto:
E invan l' Inferno a lui s' oppose, e invano
S' armó d' Asia e di Libia il popol misto;
Chè 'l Ciel gli diè favore, e sotto ai santi
Segni ridusse i suoi compagni erranti.

O Musa, tu, che di caduchi allori
Non circondi la fronte in Elicona,
Ma sù nel cielo infra i beati cori
Hai di stelle immortali aurea corona;
Tu spira al petto mio celesti ardori,
Tu rischiara il mio canto, e tu perdona
S' intesso fregi al ver, s' adorno in parte
D' altri diletti, che de' tuoi, le carte.

TASSO.

PRÓTASE DA JERUSALEM LIBERTADA,

E

EMBAIXADA CELESTE A GOFFREDO.

Canto as armas piedosas e o Varão (1)
Que o grão sepulchro libertou de Christo:
Muito elle obrou c'o siso e com a mão,
Muito soffreu no glorioso acquisto;
E em vão o Inferno se lhe oppôz, e em vão
Armou-se d'Asia e Lybia o povo misto;
Que o Céo valeu-lhe, e embaixo dos sagrados
Pendões juntou seus socios desviados.

O' Musa, tu, que de laureis murchosos
Não cinges tua fronte em Helicôa, (2)
Mas lá entre os do céo córos ditosos
De estrellas immortaes tens aurea c'rôa;
Tu celestiaes no peito estos fogosos
Me inspira, e aclara o canto, e tu perdôa
Se eu á verdade vou tecendo enfeites,
Se orno as folhas de alguns, não teus, deleites.

Sai che là corre il mondo, ove più versi
Di sue dolcezze il lusinghier Parnaso,
E che 'l vero condito in molli versi
I più schivi allettando ha persuaso.
Così all' egro fanciul porgiamo aspersi
Di soave licor gli orli del vaso:
Succhi amari, ingannato, intanto ei beve;
E dall' inganno suo vita riceve.

Tu, magnanimo Alfonso, il qual ritogli
Al furor di Fortuna, e guidi in porto
Me peregrino errante, e fra gli scogli,
E fra l' onde agitato e quasi absorto;
Queste mie carte in lieta fronte accogli,
Che quasi in voto a te sagrate i' porto.
Forse un dì fia che la presaga penna
Osi scriver di te quel ch' or n' accenna.

È ben ragion, s' egli avverrà che 'n pace
Il buon popol di Cristo unqua si veda,
E con navi e cavalli al fero Trace
Cerchi ritor la grande ingiusta preda;
Ch' a te lo scettro in terra, o, se ti piace,
L' alto imperio de' mari a te conceda.
Emulo di Goffredo, i nostri carmi
Intanto ascolta e t' apparecchia all' armi.

Già 'l sesto anno volgea, che 'n Oriente
Passò il Campo Cristiano all' alta impresa;
E Nicea per assalto, e la potente
Antióchia con arte avea già presa:

Sabes que o mundo corre onde espalhando
Vai mais doçura o affagador Parnaso:
Que a verdade em bons versos, deleitando,
Aos mais duros venceu em mais de um caso.
Ao menino doente assim banhando
Vamos na borda em licor doce o vaso:
Elle, enganado, amargos sumos bebe;
E desse engano seu vida recebe.

Tu, magnanimo Affonso, que do enfado
Da Fortuna me salvas, me guiando
Para o porto de um mar onde, agitado,
Em cachopos me perco estranho errando;
Este livro, que quasi a ti sagrado
Em voto eu trago, acolhe alegre e brando;
Talvez que um dia esta presaga penna
Ouse escrever de ti o que ora acena.

E justo é bem, se succeder que um dia
O bom povo de Christo em paz se veja,
E queira com marinha e cavall'ria
Que a preza injusta ao Turco atroz não 'steja,
Que da terra te outorgue a sob'rania,
Ou, se gostas, que o mar teu mando reja.
Émulo de Goffredo, este meu canto
Escuta, e ás armas te prepara entanto.

Já o sexto anno volvia que no Oriente
Passára o Christão Campo á alta empreza;
E Nicêa de assalto e a potente
Antióchia tomára com dextreza:

L' avea poscia in battaglia, incontra gente
Di Persia innumerabile, difesa;
E Tortosa espugnata: indi alla rea
Stagion diè loco, e 'l novo anno attendea.

E 'l fine omai di quel piovoso verno,
Che fea l'arme cessar, lunge non era;
Quando dall' alto soglio il Padre Eterno,
Ch' è nella parte più del ciel sincera,
E quanto è dalle stelle al basso inferno,
Tanto è più in sù della stellata spera,
Gli occhi in giù volse, e in un sol punto e in una
Vista mirò ciò ch' in se il mondo aduna.

Mirò tutte le cose, ed in Soria
S' affisò poi ne' principi cristiani;
E con quel guardo suo, ch' addentro spia
Nel più secreto lor gli affetti umani,
Vede Goffredo che scacciar desia
Dalla santa città gli empi Pagani,
E pien di fè, di zelo, ogni mortale
Gloria, impero, tesor mette in non cale.

Ma vede in Baldovin cupido ingegno,
Ch' all' umane grandezze intento aspira:
Vede Tancredi aver la vita a sdegno,
Tanto un suo vano amor l' ange, e martira:
E fondar Boemondo al novo regno
Suo d' Antïochia alti principii mira,
E leggi imporre, ed introdur costume
Ed arti, e culto di verace Nume;

Em batalha depois, contra gram gente
De Persia, a sustentára por defesa;
E Tortosa espugnára : e lugar dando
A' má 'stação, novo anno ia esperando.

E já o fim desse chuvoso inverno.
Que as armas fez cessar, longe não era;
Quando do alto solio o Padre Eterno,
Que está do céo na parte mais sincera,
E quão dos astros dista o baixo inferno,
Tanto é mais alto que a estrellada esphera,
Olhou ao baixo, e, n'um intante, tudo
Vio d'um olhar, o mundo e o conteúdo.

Olhou todas as cousas, e em Soria (3)
Depois parou nos principes Christãos;
E com a vista, que mais dentro espia
De humanos corações occultos vãos,
Vio a Goffredo que expulsar queria
Dos santos muros os impios pagãos,
E de zelo e de fé cheio, despreza
Toda gloria mortal, mando e riqueza.

Mas vê que em Balduino um cobiçoso
Genio a glorias mortaes attende e aspira;
Vê Tancredo da vida fastidioso,
Tanto um seu vão amor o afflige e vira.
E de Antiochia o reino seu cuidoso
Pôr Bohemundo em altas bases mira;
E leis impôr, e introduzir costume,
Artes, e culto ao verdadeiro Nume;

E cotanto internarsi in tal pensiero,
Ch' altra impresa non par che più rammenti.
Scorge in Rinaldo ed animo guerriero,
E spirti di riposo impazïenti;
Non cupidigia in lui d' oro o d' impero,
Ma d' onor brame immoderate, ardenti:
Scorge che dalla bocca intento pende
Di Guelfo, e i chiari antichi esempi apprende.

Ma, poi ch' ebbe di questi e d' altri cori
Scorti gl' intimi sensi il Re del mondo,
Chiama a se dagli angelici splendori
Gabriel, che ne' primi era il secondo.
È tra Dio questi e l' anime migliori
Interprete fedel, nunzio giocondo;
Giù i decreti del Ciel porta, ed al Cielo
Riporta de' mortali i preghi e 'l zelo.

Disse al suo nunzio Dio: Goffredo trova,
E in mio nome di' lui: perchè si cessa?
Perchè la guerra omai non si rinnova
A liberar Gerusalemme oppressa?
Chiami i duci a consiglio; e i tardi mova
All' alta impresa: ei capitan fia d' essa.
Io qui l' eleggo: e 'l faran gli altri in terra
Già suoi compagni, or suoi ministri in guerra.

Così parlògli; e Gabriel s' accinse
Veloce ad eseguir l' imposte cose.
La sua forma invisibil d' aria cinse,
Ed al senso mortal la sottopose:

E tanto concentrar-se neste fito,
Que parece esquecer toda outra empreza:
Vê em Rinaldo ardor guerreiro e esp'rito
Que repouso não soffre. Este não préza
Imperio ou ouro, mas de um infinito
Desejo de honra tem a alma accesa;
Vê que de Guelfo elle ás lições attende,
E os claros feitos dos avós aprende.

Mas destes e outros corações já tendo
Os sentimentos visto o Rei do mundo,
Chama, entre os anjos que lá 'stão 'splendendo,
Gabriel dos primeiros o segundo.
Este entre Deos e os bons sempre vai sendo
Interprete fiel, nuncio jucundo;
C' os decretos do Céo elle aqui desce,
E ao Céo dos mortaes leva o zelo e a prece.

Disse ao seu nuncio Deos: Busca a Goffredo,
E dize-lhe em meu nome: porque cessa?
Porque se não renova á guerra cedo
Para livrar Jerusalem oppressa?
Convoque os chefes, mova a quem é quedo
A alta empreza, e a regerá; pois dessa
Cá chefe o elejo, e fa-lo-hão tal na terra,
Ministros ora, os socios seus na guerra.

Assim fallou-lhe; e Gabriel mui prestes (4)
Dispôz-se a executar o commettido.
Cinge á invisivel fórma aereas vestes,
E a põe a alcance do mortal sentido.

Umane membra, aspetto uman si finse;
Ma di celeste maestà il compose:
Tra giovane e fanciullo età confine
Prese, ed ornò di raggi il biondo crine.

Ali bianche vestì, ch' han d'or le cime,
Infaticabilmente agili e preste:
Fende i venti e le nubi, e va sublime
Sovra la terra e sovra il mar con queste.
Così vestito, indirizzossi all' ime
Parti del mondo il messagger celeste:
Pria sul Libano monte ei si ritenne,
E si librò su l' adeguate penne:

E vêr le piagge di Tortosa poi
Drizzò precipitando il volo in giuso.
Sorgeva il novo Sol dai lidi eoi,
Parte già fuor, ma 'l più nell' onde chiuso:
E porgea mattutini i preghi suoi
Goffredo a Dio, com' egli avea per uso:
Quando a paro col sol, ma più lucente,
L' Angelo gli apparì dall' oriente;

E gli disse: Goffredo, ecco opportuna
Già la stagion ch' al guerreggiar s' aspetta:
Perchè dunque trapor dimora alcuna
A liberar Gerusalem soggetta?
Tu i principi a consiglio omai raguna;
Tu al fin dell' opra i neghittosi affretta:
Dio per lor duce già t' elegge; ed essi
Sopporran volontar; a te se stessi.

D'homem, com ares altos e celestes,
Assume o corpo e aspecto, mas fingido:
De entre moço e menino a idade toma,
E adornou de esplendor a loura coma.

Azas brancas vestio de topo aurado,
De agil'dade e presteza que não canca:
Fende os ventos e as nuvens, e elevado
Com ellas sobre o mar e a terra avança
O divo mensageiro assim trajado,
Do mundo ás baixas regiões se lança;
Sobre o Libano monte antes parou,
E em igualadas azas se librou.

E depois para as plagas de Tortosa
Voltou precipitando embaixo o vôo.
Já despontando da campina undosa
O sol se alçava do confim Eôo;
E em matutina prece piedosa
Goffredo, como sempre costumou-o,
'Stava, quando c'o sol, mas mais luzente
Appareceu-lhe o Anjo do Oriente.

E disse-lhe: Goffredo, eis opportuna
A estação em que a guerra se começa.
Porque pois tal demora inopportuna
Em libertar Jerusalem oppressa?
Tu, em concelho os principes aduna,
E ao fim da empreza quem é tardo appressa:
D'elles por chefe Deos te elege, e ha-de
Sujeitar-se a ti delles a vontade.

Dio, messagger mi manda: io ti rivelo
La sua mente in suo nome. Oh quanta spene
Aver d' alta vittoria, oh quanto zelo
Dell' oste a te commessa or ti conviene!
Tacque; e sparito, rivolò del cielo
Alle parti più eccelse e più serene.
Resta Goffredo ai detti, allo splendore,
D' occhi abbagliato, attonito di core.

Ma poi che si riscote, e che discorre,
Chi venne, chi mandò, che gli fu detto;
Se già bramava, or tutto arde d' imporre
Fine alla guerra, ond' egli è duce eletto:
Non che 'l vedersi agli altri in ciel preporre
D' aura d' ambizïon gli gonfi il petto,
Ma il suo voler più nel voler s' infiamma
Del suo Signor, come favilla in fiamma.

Dunque gli eroi compagni, i quai non lunge
Erano sparsi, a ragunarsi invita:
Lèttere a lettre, e messi a messi aggiunge;
Sempre al consiglio è la preghiera unita:
Ciò ch' alma generosa alletta e punge,
Ciò che può risvegliar virtù sopita,
Tutto par che ritrovi; e in efficace
Modo l' adorna sì, che sforza e piace.

(TASSO. — JERUS. LIBER. Canto I.°)

Venho de Deos mandado: eu te revelo
Sua mente em seu nome: Oh que esperança
Deves de alta victoria, oh quanto zelo
Ter pela hoste que elle te fiança!
Callou-se, e revôou, sem alguem vê-lo,
Do céo a parte mais excelsa e mansa.
Goffredo, á falla, ao esplendor, cegado
Fica, e em seu coração todo pasmado.

Mas logo que desperta e que já pensa
Quem veio, quem mandou, qual o preceito:
Se a tinha, anhela com vontade immensa
Pôr fim á guerra de que chefe é feito;
Não que aos mais ter no céo a preferença
De uma aerea ambição inche seu peito;
Mas seu querer, mais no querer se inflamma
Do seu Senhor, como faisca em chamma.

Os heróes companheiros, que espalhados
'Stavão não longe, á junta pois convida;
Cartas repete, e dobra os enviados;
Sempre ao conselho vai brandura unida.
O que mais move a esp'ritos elevados,
E a virtude excitar póde esquecida,
Tudo parece achar, e em tão ornada
Forma efficaz o põe, que obriga e agrada.

(TASSO. — JERUS. LIBERT. Canto I.º)

CONVOCAZIONE DEL CONGRESSO INFERNALE,

E

PARLATA DO PLUTONE.

Mentre son questi alle belle opre intenti
Perchè dèbbiano tosto in uso porse,
Il gran nemico dell' umane genti
Contra i Cristiani i lividi occhi torse:
E lor veggendo gia lieti e contenti.
Ambo le labbra per furor si morse;
E, qual tauro ferito, il suo dolore
Versò muggiando e sospirando fuore.

Quinci, avendo pur tutto il pensier volto
A recar ne' Cristiani ultima doglia,
Che sia, comanda, il popol suo raccolto
(Concilio orrendo!) entro la regia soglia;
Come sia pur leggiera impresa (ahi stolto!)
Il repugnare alla divina voglia:
Stolto ch' a Dio si agguaglia, e in obblio pone
Come di Dio la destra irata tuone.

CONVOCAÇÃO DO CONGRESSO INFERNAL,

E

FALLA DE PLUTÃO.

Em quanto estes nas obras excellentes (5)
Cuidão, que hão de ter cedo o uso seu,
O grande imigo das humanas gentes
Lividos olhos aos Christãos volveu.
E vendo-os já ledos e contentes,
Ambos os labios de furor mordeu; (6)
E qual touro ferido a dôr mostrando,
Desabafou mugindo e suspirando.

Tendo todo o cuidado após volvido,
A causar aos Christãos dòr estremada,
Manda seja o seu povo reunido
(Concelho horrendo!) nareal morada.
Como que leve empreza (ai, illudido!)
Seja obstar á de Deos tenção formada:
Illudido, que ao Céo se iguala, e olvida
Qual tôe a mão de Deos enfurecida!

Chiama gli abitator dell' ombre eterne
Il rauco suon della tartarea tromba:
Treman le spaziose atre caverne,
E l' aer cieco a quel romor rimbomba:
Nè stridendo così dalle superne
Regioni del cielo il folgor piomba;
Nè sì scossa giammai trema la terra,
Quando i vapori in sen grávida serra.

Tosto gli Dei d' abisso in varie torme
Concorron d' ogn' intorno all' alte porte.
Oh come strane, oh come orribil forme!
Quant' è negli occhi lor terrore e morte!
Stámpano alcuni il suol di ferine orme,
E 'n fronte umana han chiome d' angui attorte;
E lor s' aggira dietro immensa coda,
Che, quasi sferza, si ripiega e snoda.

Qui mille immonde Arpie vedresti, e mille
Centauri e Sfingi, e pallide Gorgoni;
Molte e molte latrar voraci Scille,
E fischiar Idre, e sibilar Pitoni;
E vomitar Chimere atre faville,
E Polifemi orrendi, e Gerïoni;
E in novi mostri, e non più intesi o visti,
Diversi aspetti in un confusi e misti.

D' essi parte a sinistra e parte a destra
A seder vanno al crudo re davante.
Siede Pluton nel mezzo, e con la destra
Sostien lo scettro rúvido e pesante;

Chama ao povo das trevas sempiternas (7)
O clangor rouco da tartarea tromba;
Tremem as amplas, hórridas cavernas,
E a tal rumor o escuro ar ribomba:
Nem com tal estridor lá das supernas
Celestes regiões o raio tomba;
Nunca abalada treme assim a terra
Quando o vapor em si grávida encerra.

Logo os Deoses do abysmo em variadas
Turmas ás altas portas vem correndo.
Oh que fórmas horriveis e estranhadas!
Que de morte e de horror olhar tremendo!
Deixão no solo alguns brutaes pegadas,
Em fronte humana angues torcidas tendo;
E atraz se lhes enrosca a cauda immensa,
Que, qual açoute, encolhe e torna extensa.

Mil immundas Harpyas alli viras,
Centauros, 'Sphynges, pallidas Gorgões;
Ladrar mil Scyllas com vorazes iras,
E silvar Hydras, sibilar Pythões;
Chimeras vomitar scintillas diras,
Polyphemos horriveis e Geriões;
E em novos monstros, nunca ouvidos, vistos,
Varios aspectos n'um confusos, mistos.

Parte delles á esquerda, e parte á dextra,
Vindo perante o cruel rei, se assenta.
Sentado ao meio está Plutão, e a dextra
Pesante sceptro e rústico sustenta;

Nè tanto scoglio in mar, nè rupe alpestra,
Nè pur Calpe, s' innalza, o 'l magno Atlante,
Ch' anzi lui non paresse un picciol colle:
Sì la gran fronte e le gran corna estolle.

O'rrida maestà nel fero aspetto
Terrore accresce, e più superbo il rende:
Rosseggian gli occhi, e di veneno infetto,
Come infausta cometa, il guardo splende:
Gl' involve il mento, e su l' irsuto petto
Ispida e folta la gran barba scende;
E in guisa ai voràgine profonda
S' apre la bocca d' atro sangue immonda.

Qual i fumi sulfurei ed infiammati
Escon di Mongibello, e'l puzzo e 'l tuono;
Tal della fera bocca i negri fiati,
Tale il fetore e le faville sono.
Mentre ei parlava, Cérbero i latrati
Ripresse, e l' Idra si fe' muta al suono;
Restò Cocito, e ne tremâr gli abissi:
E in questi detti il gran rimbombo udissi:

Tartárei numi, di seder più degni
Là sovra il sole, ond' é l' origin vostra,
Che meco già dai più felici regni
Spinse il gran caso in questa orribil chiostra;
Gli antichi altrui sospetti e i feri sdegni
Noti son troppo, e l' alta impresa nostra.
Or colui regge a suo voler le stelle,
E noi siam giudicati alme rubelle.

Nem tanto escolho em mar ou rocha alpestra, (8)
Nem Calpe, e o magno Atlante alto se ostenta,
Que ante elle não pareça infimo monte;
Tão altas pontas ergue e excelsa fronte.

Hórrida magestade ao fero aspeito
Terror augmenta, e mór soberba accresce:
Roxêa o olho, e de veneno infeito (9)
Como infausto cometa o olhar 'splandesce;
Lhe involve o queixo, e sobre o hirsuto peito
Hispida e espessa a grande barba desce;
E em guisa de voragem mui profunda
Abre-se a boca de atro sangue immunda.

Quaes os fumos sulphureos e inflammados
Sahem do Etna, e os fétidos rumores,
Da fera boca os fumos anegrados
Taes, e as faiscas são, taes os fedores.
Ao seu fallar, Cerbéro os seus ladrados
Conteve, e a Hydra emmudeceu de horrores;
Parou Cocyto, o abysmo estremeceu:
E o grão ribombo estas palavras deu:

Tartáreos Numes, dignos de sentar-vos
Do Sol acima onde é a origem vossa,
Que de melhores reinos arrojar-vos
Veio o grão caso nesta horrivel fossa;
Velhas suspeitas de outrem bem lembrar-vos
Deveis, como a sublime empreza nossa.
Ora o tal, como quer vai governando
O céo, e somos nós rebelde bando.

Ed in vece del dì sereno e puro,
Dell' aureo sol, degli stellati giri,
N' ha qui rinchiusi in questo abisso oscuro,
Ne vuol ch' al primo onor per noi s' aspiri:
E poscia (ahi quanto a ricordarlo è duro!
Quest' è quel chè più inaspra i miei martiri)
Ne' bei seggi celesti ha l' uom chiamato,
L' uom vile, e di vil fango in terra nato.

Nè ciò gli parve assai; ma in preda a morte,
Sol per farne più danno, il figlio diede.
Ei venne, e ruppe le tartàree porte,
E porre osò ne' regni nostri il piede,
E trarne l' alme a noi dovute in sorte,
E riportarne al ciel sì ricche prede,
Vincitor trionfando, e, in nostro scherno,
Le insegne ivi spiegar del vinto Inferno.

Ma chè rinnovo i miei dolor parlando?
Chi non ha già le ingiurie nostre intese?
Ed in qual parte si trovò nè quando,
Ch' egli cessasse dall' usate imprese?
Non più dessi all' antiche andar pensando:
Pensar dobbiamo alle presenti offese.
Deh! non vedete omai come egli tenti
Tutte al suo culto richiamar le genti?

Noi trarrem neghittosi i giorni e l' ore.
Nè degna cura fia che 'l cor n' accenda?
E soffrirem che forza ognor maggiore
Il suo popol fedele in Asia prenda?

E em vez do dia mui sereno e puro,
Do aureo sol, dos giros estrellados,
Aqui fechou-nos neste abysmo escuro
E de ao céo aspirar quer-nos privados.
E após (oh quanto o recorda-lo é duro!
Isto os martyrios meus faz mais damnados)
Do céo ás bellas sédes tem chamado
O homem vil, de vil limo em terra nado.

Nem isso lhe bastou: em presa a morte,
Para augmentar-nos damno, o filho deu:
Veio este, e ousou aqui pôr o pé forte,
Quando as portas do Tártaro rompeu,
E as almas nos tirar nossas por sorte,
Levando as ricas presas para o céo,
Vencedor triumphante, e escarnecendo
De nós, do Inferno ir lá trophéos erguendo.

Mas porque me renovo a dôr fallando?
Nossos aggravos quem não tem sabido?
E em que lugar achou-se ainda, ou quando,
Que dos seus feitos tenha desistido?
Ás velhas se não deve ir mais pensando;
Offensás actuaes pedem sentido.
Ah! não vêdes ainda por qual modo
Chamar tenta ao seu culto o mundo todo?

Passaremos em ocio preguiçoso
Sem que digno cuidado noș accenda?
E soffreremos que mais poderoso
Se faça em Asia o povo seu? que renda

E che Giudea soggioghi, e che 'l suo onore,
Che 'l nome suo più si dilati e stenda?
Che suoni in altre lingue, e in altri carmi
Si scriva, e incida in novi bronzi e in marmi?

Che sian gl' idoli nostri a terra sparsi?
Che i nostri altari il mondo a lui converta?
Ch' a lui sospesi i voti, a lui sol arsi
Siano gl' incensi, ed auro e mirra offerta?
Ch' ove a noi tempio non solea serrarsi,
Or via non resti all' arti nostre aperta?
Che di tant' alme il solito tributo
Ne manchi, e in voto regno alberghi Pluto?

Ah! non fia ver: che non sono anco estinti
Gli spirti in noi di quel valor primiero,
Quando di ferro e d' alte fiamme cinti
Pugnammo già contra il celeste impero.
Fummo, io nol nego, in quel conflitto vinti,
Pur non mancò virtute al gran pensiero:
Diede che che si fosse a lui vittoria;
Rimase a noi d' invitto ardir la gloria.

Ma perchè più v' indugio? Itene, o miei
Fidi consorti, o mia potenza e forze;
Ite veloci, ed opprimete i rei,
Prima che 'l lor poter più si rinforze;
Pria che tutt' arda il regno degli Ebrei,
Questa fiamma crescente omai s' ammorze:
Fra loro entrate, e in ultimo lor danno
Or la forza s' adopri, ed or l' inganno.

A Judéa? que ainda mais glorioso
Se torne, e ao longe o nome seu se estenda?
Que em outras linguas sôe, e em outros versos
Se escreva, e em bronzes, marmores diversos?

Que idolos nossos sejão derribados?
Que nossas aras sejão-lhe rendidas?
Que se lhe appendão votos? que queimados
Sejão-lhe incensos, myrrhas offrecidas?
E ouro? Que os templos nos estém cerrados,
Sem que haja ás nossas artes avenidas?
Que o de almas tantas sólito tributo
Falte, e em reino vasio alvergue Pluto?

_ Ah! isso não: que ainda inextinguidos
Do valor prisco esp'ritos conservamos,
Com que de ferro e chammas revestidos
Contra o celeste imperio já pugnamos.
No grão conflicto fomos, sim, vencidos,
Mas não faltou valor ao que idêamos:
Deu o que quer que fosse ao Céo victoria;
A nós ficou do invicto ardil a gloria.

Mas porque vos demoro? Ide, meus fidos
Consocios, meu poder, minhas cohortes;
Ide velozes; sejão opprimidos
Os máos, antes que mais se fação fortes.
Antes que arda a Judéa, já extinguidos
Sejão fogos que augmentão destas sortes:
Entre elles ide, e em último seu dano
Ora se use da força, ora do engano.

Sia destin ciò ch' io voglio: altri disperso
Sen vada errando; altri rimanga ucciso;
Altri, in cure d' amor lascive immerso,
Idol si faccia un dolce sguardo e un riso;
Sia 'l ferro incontro al suo Rettor converso
Dallo stuol ribellante e 'n se diviso;
Pera il Campo e ruini, e resti in tutto
Ogni vestigio suo con lui distrutto.

Non aspettâr giá l' alme a Dio rubelle
Che fusser queste voci al fin condotte;
Ma fuor volando, a riveder le stelle
Già se n' uscian dalla profonda notte,
Come sonanti e tórbide procelle
Che vengan fuor delle natie lor grotte
Ad oscurar il cielo, a portar guerra
Ai gran regni del mare e della terra.

Tosto spiegando in vari lati i vanni,
Si furon questi per lo mondo sparti;
E 'ncominciaro a fabbricare inganni
Diversi e novi, ed ad usar lor arti.
Ma di' tu, Musa, come i primi danni
Mandásserro ai Cristiani, e di quai parti:
Tu 'l sai; ma di tant' opra a noi sì lunge
Debol aura di fama appena giunge.

(TASSO. — JERUS. LIBER. Canto IV.º)

Seja fado o que eu quero: um dispersado
Ande vagando, e morra outro ferido:
Um de amor em lascivias mergulhado
Por doce olhar ou riso ande perdido;
O ferro contra o Chefe ande voltado
Pelo bando rebelde e dividido;
Pereça o campo arruinado, e seja
Destroço que um signal mais se não veja.

Não esperárão não o fim daquellas
Vozes as almas contra Deos voltadas;
Mas revoando a ver fóra as estrellas,
Já sahião das ténebras cerradas,
Como sonantes túrbidas procellas,
Que das grutas nataes sahião soltadas,
A escurecer o céo, a levar guerra
Do mar aos grandes reinos e da terra.

Por cá, por lá, voando nos mundanos
Espaços, ellas presto se espalhárão,
E a varios fabricar novos enganos,
Suas artes a usar principiárão.
Mas, Musa, dize tu como seus danos
Primeiro, e donde aos teus Christãos mandárão:
Tu o sabes; mas longe de obra tanta
Tenue se a nós de fama aura levanta.

(TASSO. — JERUS. LIBERT. Canto IV.°)

ARRIVO D'ARMIDA

AL

CAMPO CRISTIANO.

Reggea Damasco e le città vicine
Idraote, famoso e nobil mago,
Che sin da' suoi prim' anni all' indovine
Arti si diede, e ne fu ognor più vago.
Ma che giovàr, se non potéo del fine
Di quella incerta guerra esser presago?
Ned aspetto di stelle erranti o fisse,
Nè risposta d' inferno il ver predisse.

Giudicò questi (ahi cieca umana mente,
Come i giudicii tuoi son vani e torti!)
Ch' all' esercito invitto d' Occidente
Apparecchiasse il ciel ruine e morti.
Però, credendo che l' egizia gente
La palma dell' impresa alfin riporti,
Desia che 'l popol suo nella vittoria
Sia dell' acquisto a parte e della gloria.

CHEGADA DE ARMIDA

AO

CAMPO CHRISTÃO.

Governava Damasco e os arredores
Hydraotes famoso e nobre mago,
Que dado de menino a advinhadores
Estudos, delles se criou mais pago.
Mas que valêrão, se elle dos horrores
Finaes de guerra tal não foi presago?
Nem aspecto de estrella ou fixa ou errante,
Nem resposta infernal fallou bastante.

Este julgou (oh cega humana mente,
Como os juizos teus são vãos e errados!)
Que ao exército invicto do Occidente
Apparelhava o Céo terriveis fados:
Assim, pensando que da Egypcia gente
Hão de os trophéos da empreza ser levados,
Deseja que ao seu povo na victoria
Caiba uma parte do despojo e gloria.

Ma perchè sanguinosa e cruda estima
Che fia tal guerra, e del suo danno teme,
Ei va pensando con qual arte in prima
Il poter de Cristiani in parte sceme,
Sì che più agevolmente indi s' opprima
Dalle sue genti, e dall' egizie insieme.
In questo suo pensier il sovragiunge
L' àngelo iniquo, e più l' instiga e punge.

Esso il consiglia, e gli ministra i modi,
Onde l' impresa agevolar si puote.
Donna, a cui di beltà le prime lodi
Concedea l' Oriente, è sua nipote:
Gli accorgimenti e le più occulte frodi,
Ch' usi o fèmmina o maga, a lei son note:
Questa a se chiama, e seco i suoi consigli
Comparte, e vuol che cura ella ne pigli.

Dice: o diletta mia, che sotto biondi
Capelli e fra sì tenere sembianze,
Canuto senno e cor virile ascondi,
E già nell' arti mie me stesso avanze,
Gran pensier volgo: e, se tu lui secondi,
Seguiranno gli effetti alle speranze:
Tessi la tela ch' io ti mostro ordita,
Di cauto vecchio esecutrice ardita.

Vanne al campo nemico: ivi s' impieghi
Ogn' arte femminil ch' amore alletti:
Bagna di pianto, e fa melati i preghi;
Tronca e confondi co' sospiri i detti:

Mas como antevê crua e sanguinosa
Guerra tal, e os estragos teme dessa,
Cogita com qual arte a poderosa
Christandade, primeiro elle enfraqueça,
E assim mais facilmente a numerosa
Hoste sua e do Egypto a torne oppressa.
E neste seu pensar o surprehende
O Anjo iniquo, e mais o instiga e accende.

Este o conselha, e os modos lhe fornece
Com que facilitar se possa a empreza.
Tem elle uma sobrinha á qual se tece
No Oriente o louvor de alta belleza:
Esta de maga e de mulher conhece
As decepções e voltas de esperteza:
Esta a si chama, e juntos, o pensado
Lhe expõe, e quer que o tome a seu cuidado.

Minha querida, diz, que nas lourentas
Madeixas e em tao tenras apparencias
Canuto siso e viril genio alentas,
E excedes já mi mesmo em minhas sciencias,
Alto designio eu volvo, e se o sustentas,
Grandes serão da esp'rança as consequencias:
Tece esta têa que eu te mostro armada,
De cauto velho executora ousada.

Vai ao campo inimigo. Alli se empregue
Toda arte femminil que amor abala;
Faze que doce o rogo ao pranto chegue,
Corta, confunde c'o suspiro a falla:

Beltà dolente e miserabil pieghi
Al tuo volere i più ostinati petti:
Vela il soverchio ardir con la vergogna,
E fa manto del vero alla menzogna.

Prendi, s' esser potrà, Goffredo all' esca
De' dolci sguardi e de' bei detti adorni;
Sì ch' all' uomo invaghito omai rincresca
L' incominciata guerra, e la distorni.
S' esso non puoi, gli altri più grandi adesca:
Menagli in parte, ond' alcun mai non torni.
Poi distingue i consigli; alfin lhe dice:
Per la fe, per la patria il tutto lice.

La bella Armida, di sua forma altera,
E de' doni del sesso e dell' etate,
L' impresa prende; e in su la prima sera
Parte, e tiene sol vie chiuse e celate:
E 'n treccia e 'n gonna femminile spera
Vincer popoli invitti e schiere armate.
Ma son del suo partir tra 'l vulgo, ad arte,
Diverse voci poi diffuse e sparte.

Dopo non molti dì vien donzella
Dove spiegate i Franchi avean le tende.
All' apparir della beltà novella
Nasce un bisbiglio, e 'l guardo ognun v' intende,
Sì come là dove cometa o stella
Non più vista di giorno in ciel risplende;
E traggon tutti per veder chi sia
Sì bella peregrina, e chi l' invia.

Belleza triste e ás afflicções entregue,
Dobre os mais duros peitos a adora-la;
Cobre com pejos a temeridade,
Veste á mentira o manto da verdade.

Podendo ser, Goffredo á isca apanha
De doce olhar, e falla ornada e bella,
Tal que ao homem acceso esta campanha
Começada aborreça e cesse della.
Se elle não podes, seus heróes com manha
Attrahe e os leva onde ninguem appella. —
Logo aos detalhes passa, e finalmente
Diz: Pela patria e fé tudo é decente.

A bella Armida altiva em formosura,
E nas prendas do sexo e nas da idade,
A empreza toma, e mal o ar se obscura,
Parte secreta, e pela soledade;
E espera em trança e femminil cintura
Que gente invicta e esquadras vencer hade.
Mas com arte, entre o vulgo, da partida
Varia fama depois corre esparzida.

Poucos dias depois chega a donzella
Onde os Francos estavão acampados.
Á novidade da apparencia bella
Nasce um murmurio e olhar de quaesquer lados,
Como onde brilhão ou cometa ou estrella,
De dia astros no céo nunca observados;
E correm todos para ver quem ella
Seja, e quem manda a peregrina bella.

Argo non mai, non vide Cipro o Delo
D' abito o di beltà forme sì rare:
D' auro ha la chioma, ed or dal bianco velo
Traluce involta, or discoperta appare:
Così, qualor si rasserena il cielo,
Or da càndida nube il sol traspare;
Or dalle nubi uscendo, i raggi intorno
Più chiari spiega, e ne raddoppia il giorno.

Fa nove crespe l' aura al crin disciolto,
Che natura per se rincrespa in onde:
Stassi l' avaro sguardo in se raccolto,
E i tesori d' amore e i suoi nasconde.
Dolce color di rose in quel bel volto
Fra l' avorio si sparge e si confonde;
Ma nella bocca, ond' esce aura amorosa,
Sola rosseggia e semplice la rosa.

Mostra il bel petto le sue nevi ignude,
Onde il foco d' amor si nutre e desta;
Parte appar delle mamme acerbe e crude,
Parte altrui ne ricopre invida vesta:
Invida; ma s' agli occhi il varco chiude,
L' amoroso pensier già non arresta;
Chè, non ben pago di bellezza esterna,
Negli occulti secreti anco s' interna.

Come per acqua, o per cristallo intero
Trapassa il raggio, e no 'l divide o parte,
Per entro il chiuso manto osa il pensiero
Sì penetra nella vietata parte:

Nunca em Delo, Argos, Chypre inda occorreu (10)
Tão lindo traje e rara formosura.
Tem aurea coma que do branco véo
Transluz envolta, ou illude-lhe a candura;
Assim talvez quando serena o céo
Transluz o sol das nuvens pela alvura,
E ora, sahindo de uma nuve, envia
Mais claro resplandor que dobra o dia.

O cabello do zéphyro encrespado,
Solto, com ondas naturaes responde:
Está o avaro olhar mui recatado,
E os thesouros de amor e os seus esconde;
De rosas doce côr no delicado (11)
Rosto se effunde entre o marfim; mas onde
A boca lhe respira aura amorosa,
Só purpureia e sem mistura a rosa.

O bello peito as neves apresenta
De que o fogo de amor se nutre e atêa;
Parte das tetas virginaes se ostenta,
Parte a outrem encobre invida têa;
Invida; mas o olhar se vedar tenta,
O pensamento amante não enfrêa;
Que, não bem pago de belleza externa,
Té nos segredos intimos se interna.

Como por agua, ou por cristal inteiro
Traspassa o raio, e não o fura ou parte,
Pelo fechado manto ousa ir ligeiro
O pensamento á mais vedada parte;

Ivi si spazia, ivi contempla il vero
Di tante maraviglie a parte a parte;
Poscia al desio le narra e le descrive,
E ne fa le sue fiamme in lui più vive.

Lodata passa e vagheggiata Armida
Fra le cúpide turbe, e se n' avvede:
No 'l mostra già, benchè in suo cor ne rida,
E ne disegni alte vittorie e prede.
Mentre sospesa alquanto, alcuna guida
Che la conduca al capitan richiede,
Eustazio occorse a lei, che del sovrano
Principe delle squadre era germano.

Come al lume farfalla, ei si rivolse
Allo splendor della beltà divina;
E rimirar da presso i lumi volse,
Che dolcemente atto modesto inchina;
E ne trasse gran fiamma, e la raccolse,
Come da foco suole esca vicina;
E disse verso lei (chè audace e baldo
Il fea degli anni e dell' amore il caldo):

Donna, se pur tal nome a te conviensi;
Che non somigli tu cosa terrena,
Nè v' è figlia d' Adamo, in cui dispensi
Cotanto il ciel di sua luce serena;
Che da te si ricerca? e d' onde viensi?
Qual tua ventura o nostra or qui ti mena?
Fa ch' io sappia chi sei; fa ch' io non erri
Nell' onorarti; e, s' è ragion, m' atterri.

Passeia alli, contempla o verdadeiro
De tantas maravilhas parte a parte;
Ao desejo depois as pinta e expende,
E nelle a chamma inda mais viva accende.

Passa louvada e cortejada Armida
Das almejantes turbas pelo meio;
Isso ella vê, mas faz-se inadvertida,
Rindo, e trophéos volvendo em o seu seio.
E quando um tanto ella suspensa cuida
Em obter guia ao commandante, veio
Eustacio ao seu encontro, irmão bem dino
De quem rege do exército o destino.

Qual borboleta ao lume, elle correu
Da divina belleza aos esplendores;
De perto os olhos a mirar se deu,
Que inclinão de modestia doces cores;
Ahi logrou gram chamma, que colheu
Como isca ao pé de objectos queimadores;
E disse a ella (pois affouto e ousado
Fê-lo o calor do amor e o moço estado):

Mulher, se é que tal nome te é devido,
Pois não semelhas tu cousa terrena,
Nem ha filha de Adão em que esparzido
Tenha o céo tanto a sua luz serena;
Que buscas? donde vens? qual te ha trazido
Tua ventura ou nossa a esta arena?
Faze que quem és saiba, e que te honore
Sem erro, e, se convém, mesmo te adore.

Risponde: il tuo lodar troppo alto sale,
Nè tanto in suso il merto nostro arriva:
Cosa vedi, signor, non pur mortale,
Ma già morta ai diletti, al duol sol viva.
Mia sciagura mi spinge in loco tale,
Vérgine peregrina e fuggitiva;
Ricorro al pio Goffredo, e in lui confido:
Tal va di sua bontate intorno il grido.

Tu l' àdito m' impetra al capitano,
S' hai come pare alma cortese e pia.
Ed egli: è ben ragion ch' all' un germano
L' altro ti guidi, e intercessor tia sia.
Vêrgine, bella, non ricorri invano;
Non è vile appo lui la grazia mia:
Spender tutto potrai, come t' aggrada,
Ciò che vaglia il suo scettro, o la mia spada.

Tace; e la guida ove tra i grandi eroi
Allor dal volgo il pio Buglion s' invola.
Essa inchinollo riverente; e poi,
Vergognosetta, non facea parola:
Ma quei rossor, ma quei timori suoi
Rassicura il guerriero e riconsola;
Sì chè i pensati inganni alfine spiega
In suon che di dolcezza i sensi lega.

(TASSO. — JERUS. LIBER. Canto IV.°)

Responde: sobe muito um louvor tal,
Nem meu mérito alcança essa alta riva;
Cousa tu vês, senhor, não só mortal,
Mas já morta ao prazer, á dôr só viva.
Aqui me traz da minha sorte o mal
Solteira, peregrina e fugitiva;
Recorro ao pio Goffredo, e confiada:
Tal da sua bondade a fama brada.

Tu ádito me impetra ao capitão,
Se és, qual pareces, de alma generosa.
E elle responde: É bem que a seu irmão
O irmão te seja guia, e poderosa.
Dama gentil, não recorreste em vão,
Não é com elle a minha graça ociosa.
Dispôr tu poderàs, como te agrada,
Do que val o seu sceptro e a minha espada.

Calla-se; e a leva onde, entre primorosos
Heróes, longe do vulgo está Goffredo.
Ella o saudou com ares respeitosos,
E quasi de fallar 'stava com medo.
Mas esse pejo e abalos receiosos
Conforta e acalma o do guerreiro ar ledo;
E emfim o engano excogitado expende
Com voz tão doce que os sentidos prende.

(TASSO. — JERUS. LIBERT. Canto IV.•

PRIMO DUELLO

FRA

ARGANTE E TANCREDI.

Ivi solo discese, ivi fermosse
In vista de' nemici il fero Argante:
Per gran cor, per gran corpo, e per gran posse
Superbo e minaccevole in sembiante;
Qual Encélado in Flegra, o qual mostrosse
Nell' ima valle il Filisteo gigante:
Ma pur molti di lui tema non hanno;
Ch' anco quanto sia forte appien non sanno.

Alcun però dal pio Goffredo eletto,
Come il migliore, ancor non è fra molti.
Ben si vedean con desïoso affetto
Tutti gli occhi in Trancredi esser rivolti:
E dichiarato infra i miglior perfetto
Dal favor manifesto era de volti;
E s' udia non oscuro anco il bisbiglio.
E l' approvava il capitan col ciglio.

PRIMEIRO DUELLO

ENTRE

ARGANTE E TANCREDO.

Alli se desceu só, alli postou-se
Dos imigos á vista o fero Argante,
Por grande alma, grão corpo e grande posse,
Soberbo e ameaçador em seu semblante,
Qual Encélado em Phlegra, ou qual mostrou-se
No imo valle o Philisteo gigante;
Mas medo não tem delle muita gente
Que não sabe inda bem quanto é valente.

Mas pelo pio Goffredo ainda eleito
Ninguem he qual melhor entre os dispostos.
Vião-se bem com almejante affeito
Todos os olhos em Tancredo postos,
E declara-lo entre essa flor perfeito
Os dos semblantes manifestos gostos.
E o murmúrio tambem claro se ouvia,
E o Capitão c' os olhos consentia.

Già cedea ciascun altro, e non secreto
Era il volere omai del pio Bublione:
Vanne, a lui disse; a te l'uscir non vieto;
E reprimi il furor di quel fellone.
Ei tutto in volto baldanzoso e lieto,
Per sì alto giudizio il fier garzone,
Allo scudier chiedea l'arme e 'l cavallo;
Poi, seguito da molti, uscia del vallo.

Ed a quel largo pian fatto vicino,
Ove Argante l'attende, anco non era,
Quando in leggiadro aspetto e pellegrino
S'offerse agli occhi suoi l'alta guerriera.
Bianche via più che neve in giogo alpino,
Avea le soppravveste, e la visiera
Alta tenea dal volto; e sovra un'erta,
Tutta, quanto ella è grande, era scoperta.

Già non mira Tancredi ove il Circasso
La spaventosa fronte al cielo estolle;
Ma muove il suo destrier con lento passo,
Volgendo gli occhi ov'è colei sul colle.
Possia immobil si ferma, e pare uso sasso
Gelido tutto fuor, ma dentro bolle:
Sol di mirar s'appaga, e di battaglia
Sembiante fa che poco or più gli caglia.

Argante, che non vede alcun che in atto
Dia segno ancor d'apparecchiarsi in giostra:
Da desir di contesa io qui fui tratto,
Grida; or chi viene innanzi, e meco giostra?

Já cedião os mais, e já segredo
Não era do Bulhão pio a vontade:
Vai, lhe disse elle, a ti sahir não vedo,
E do indigno reprime a feridade.
E todo em rosto ardimentoso e ledo
De um voto de tão alta qualidade,
Pedia ao escudeiro armas, cavallo,
E com outros o heróe deixava o vallo.

E ainda se não tinha approximado
Lá onde o espera Argante em ampla geira,
Quando em galante aspecto e desusado
Se lhe em vista mostrou a gram guerreira. (12)
Tinha mais do que neve em elevado
Alpe alvas sobrecapas, e a viseira
Levantada do rosto; e, n'uma altura,
Toda estava patente a alta estatura.

Já não olha Tancredo onde o Circasso
Ao céo a horrivel fronte está erguendo;
Mas move o seu corsel com lento passo,
Para a Dama no morro o olhar volvendo.
Fica immovel depois; no externo traço
É fria pedra, e dentro está fervendo.
Só de olhar satisfaz-se, e já parece,
Que na batalha mais não interesse.

Argante, que não vê ninguem em acto
De se estar aprompptando para justa:
Com ancia de brigar, cá vim de facto,
Grita; quem sabe, e aqui comigo justa?

L' altro, attónito quasi e stupefatto,
Pur là s' affisa, nulla udir ben mostra.
Ottone innanzi allor spinse il destriero,
E nell' arringo voto entrò primiero.

Questi un fù di color, cui dinanzi accese
Di gir contra il Pagano altro desio;
Pur cedette a Tancredi, e in sella ascese
Fra gli altri che 'l seguiro, e seco uscio.
Or veggendo sue voglie altrove intese,
E starne lui quasi al pugnar restio,
Prende, gióvane audace e impaziente,
L' occasione offerta avidamante:

E veloce così, che tigre o pardo
Va men ratto talor per la foresta,
Corre a ferire il Saracin gagliardo,
Che d' altra parte la gran lancia arresta.
Si scote allor Tancredi, e dal suo tardo
Pensier, quasi da un sonno, alfin si desta,
E grida ei ben: la pugna è mia; rimanti:
Ma troppo Ottone è già trascorso innanti.

Onde si ferma; e d' ira e di dispetto
Avvampa dentro, e fuor qual fiamma è rosso;
Perch' ad onta si reca ed a difetto,
Ch' altri si sia primiero in giostra mosso.
Ma intanto a mezzo il corso in sull' elmetto
Dal giovin forte è il Sarciin percosso:
Egli all' incontro a lui col ferro nudo
Fora l' usbergo, e pria rompe lo scudo.

Quasi atónito o outro, e estupefacto,
Inda lá olha, e vê-se que a ouvir custa.
Otho então o corsel levou dianteiro,
E no campo vasio entrou primeiro.

Este fôra um daquelles que inflammára
De marchar contra o Mouro alto desejo,
Mas cedêra a Tancredo, e se montára
No corsel, e sahira em seu cortejo.
E como outros desejos lhe repara,
E quasi á pugna repugnancia, o ensejo
Offrecido approveita avidamente
Esse mancebo audaz e impaciente.

E com tal rapidez, que tigre ou pardo
Menos anda veloz pela floresta,
Corre a ferir esse Pagão galhardo,
Que do outro lado a grande lança enresta.
Move-se então Tancredo do seu tardo
Pensar, quasi de um somno erguendo a testa,
E grita sim: este combate é meu;
Fica: mas mui adiante Otho correu.

Pára pois, e de raiva e de despeito
Arde dentro, e qual chammã é rubro fóra,
Porque julga desar, e seu defeito
Que outrem primeiro a entrar em justa fôra;
Mas na corrida o forte moço ha feito
Sobre o elmo do Mouro o golpe agora:
Este no encontro fura-lhe a couraça
C' o ferro crù, e o 'scudo antes fracassa.

Cade il Cristiano; e ben è il colpo acerbo,
Poscia ch' avvien che dall' arcion lo svella.
Ma il Pagan, di più forza e di più nerbo,
Non cade già, nè pur si torce in sella.
Indi con dispettoso atto superbo
Sovra il caduto cavalier favella:
Rènditi vinto; e per tua gloria basti
Che dir potrai che contra me pugnasti.

No, gli risponde Otton, fra noi non s' usa
Così tosto depor l' arme e l' ardire;
Altri del mio cader farà la scusa:
Io vuo far la vendetta, o qui morire.
In sembianza d' Aletto o di Medusa
Freme il Circasso, e par che fiamma spire:
Conosci or, dice, il mio valore a prova,
Poichè la cortesia sprezzar ti giova.

Spinge il destrier in questo, e tutto oblia
Quanto virtù cavalleresca chiede.
Fugge il Franco l' incontro, e si desvia,
E 'l destro fianco nel passar gli fiede;
Ed è sì grave la percossa e ria,
Che 'l ferro sanguinoso indi ne riede:
Ma che pro, se la piaga al vincitore
Forza non toglie, e giunge ira a furore?

Argante il corridor dal corso affrena,
E indietro il volge; e così tosto è volto,
Che se n' accorge il suo nemico appena,
E d' un grand' urto all' improvviso è colto.

Cahe o Christão, e o golpe é bem pesado,
Porque chega do arção a derriba-lo:
Mas o Pagão mais firme e reforçado
Não cahe não, nem soffre em sella abalo.
E com tom orgulhoso e despeitado
Diz ao varão cahido do cavallo:
Rende-te já; por tua gloria baste
Poder dizer que contra mim pugnaste.

Não, Otho lhe responde, assim não se usa
Entre nós depôr logo o ardil e espada:
Outrem farà da minha quêda a escusa,
Eu morrerei, ou a deixarei vingada.
Com aspecto de Alecto ou de Medusa
Freme o Circasso de cara incendiada:
Exp'rimenta pois, diz, a valentia
Minha, visto enjeitar a cortezia.

Nisto impelle o corsel, nem mais reflecte
Ao que se quer de um cavalleiro honrado:
Foge o Franco do encontro, e o passo inflecte,
E lhe fere em passando o dextro lado:
É seu golpe tão forte, e tanto mette
O ferro, que este sahe ensanguentado.
Mas que val, se a ferida ao vencedor
Força não tira, e augmenta ira ao furor?

Susta Argante o cavallo, e promptamente
O volta para traz, tal que o contrario
Apenas dá por isso, e de repente
Recebe um empurrão extraordinario.

Tremar le gambe, indebolir la lena,
Sbigottir l' alma, e impallidire il volto
Gli fe' l' aspra percossa, e frale e stanco
Sovra il duro terren battere il fianco.

Nell' ira Argante infellonisce, e strada
Sovra il petto del vinto al destrier face;
E, così, grida, ogni superbo vada,
Come costui che sotto i piè mi giace.
Ma l' invitto Tancredi allor non bada,
Chè l' atto crudelissimo gli spiace;
E vuol che 'l suo valor con chiara emenda
Copra il suo fallo, e, come suol, risplenda.

Fassi innanzi gridando: anima vile,
Che ancor nelle vittorie infame sei,
Qual titolo di laude alto e gentile
Da modi attendi sì scortesi e rei?
Fra i ladroni d' Arabia, o fra simile
Bárbara turba avvezzo esser tu dei:
Fuggi la luce, e va con l' altre belve
A incrudelir ne' monti e tra le selve.

Tacque; e 'l Pagano, al sofferir poco uso,
Morde le labbra, e di furor si strugge:
Risponder vuol: ma 'l suono esce confuso,
Siccome strido d' animal che rugge;
O come apre le nubi, ond' egli è chiuso,
Impetuoso il fumine, e sen fugge,
Così pareva a forza ogni suo detto
Tonando uscir dall' infiammato petto.

Tremer lhe fez essa pancada ingente
As pernas, a alma arrepiar, e vario
O rosto de pallor, debilitado,
Lasso bater na dura terra o lado.

Pérfido em seu furor torna-se Argante,
E o cavallo passar faz do vencido,
Sobre o peito: Quem fôr um arrogante,
Grita, como o que piso ande servido.
Mas acode Tancredo n'um instante
Pela acção cruelissima movido;
E quer o invicto que com clara emenda
Seu valor cubra a falta e sempre esplenda.

Faz-se avante gritando: O' alma vil
Que inda infame ás victorias alcançando,
Qual titulo de gloria alto e gentil
Esperas desse obrar baixo e execrando?
Da Arabia entre os ladrões, ou no covil
De outros bárbaros, deves ir morando.
Foge da luz, e vai acções tão feras
Nos montes e certões ter entre as feras.

Callou-se: e o Mouro pouco acostumado
A soffrer, morde o labio, o dente estruge:
Quer responder, mas sahe atrapalhado,
O som qual grito de animal que ruge,
Ou como as nuvens, em que está cerrado,
Rompe o raio com impeto, e lá fuge;
Assim troando os ditos com despeito
Parecião sahir do irado peito.

Ma, poi ch' in ambo il minacciar feroce
A vicenda irritò l' orgoglio e l' ira,
L' un come l' altro rápido e veloce,
Spazio al corso prendendo, il destrier gira.
Or qui, Musa, rinforza in me la voce,
E furor pari a quel furor m' inspira,
Sì che non sian dell' opre indegne i carmi,
Ed esprima il mio canto il suon dell' armi.

Posero in resta, e dirizzaro in alto
I duo guerrier le noderose antenne;
Nè fu di corso mai, nè fu di salto,
Nè fu mai tal velocità di penne,
Nè furia eguale a quella, ond' all' assalto
Quinci Tancredi e quindi Argante venne.
Rupper l' aste sugli elmi, e volâr mille
Tronconi e schegge e lúcide faville.

Sol de' colpi il rimbombo intorno mosse
L' immobil terra, e risonârne i monti;
Ma l' impeto e 'l furor delle percosse
Nulla piegò delle superbe fronti.
L' uno e l' altro cavallo in guisa urtosse,
Che non fur poi cadendo a sorger pronti.
Tratte le spade, i gran mastri di guerra
Lasciâr le staffe, e i piè fermaro in terra.

Cautamente ciascuno ai colpi move
La desta, ai guardi l' occhio, ai passi il piede;
Si reca in atti vari, in guardie nove;
Or gira intorno, or cresce innanzi, or cede;

Mas tendo nelles o ameaçar feroz
Mutuamente irritado o orgulho e a ira,
Quer um, quer outro rápido e veloz
Tomando espaço ao curso o corsel gira.
Reforça agora, ó Musa, a minha voz,
E furia igual ao seu furor me inspira,
Tal que seja as acções condigna a rima,
E das armas o som meu canto exprima.

Enristárão viradas para o alto
Os varões as de nós fortes antennas:
Nem jâmais de corrida houve ou de salto,
Nem igual houve rapidez de pennas,
Nem furia igual a com que abrio do assalto
Aqui Tancredo, e lá Argante as scenas.
Sobre os elmos as hasteas quebrárão
Lascas mil, mil faiscas avoarão. (13)

Só dos golpes o estrondo a terra em roda
Immovel abalou, montes soárão.
Mas dos choques a força e a furia toda
As orgulhosas frontes nem dobrárão.
O grão choque aos corseis tanto incommoda,
Que após cahindo em resurgir tardárão.
Levão da espada os dous mestres de guerra,
Deixão o estribo, e o pé firmão na terra.

A dextra aos golpes move cautamente
Cad' um, o olho a vẽr, os pés aos passos,
Toma attitudes, guardas variamente;
Volteia, avança, cede; ora ameaços

Or qui ferire accenna, e poscia altrove,
Dove non minacciò, ferir si vede;
Or di sè discoprire alcuna parte,
Tentando di schernir l' arte con l' arte.

Della spada Trancredi e dello scudo
Mal guardato al Pagan dimostra il fianco:
Corre egli per ferirlo, e intanto nudo
Di riparo si lascia il lato manco.
Tancredi con un colpo il ferro crudo
Del nemico ribatte, e lui fere anco:
Nè poi, ciò fatto, in ritirarsi tarda;
Ma si raccoglie, e si ristringe in guarda.

Il fero Argante, che se stesso mira
Del proprio sangue suo macchiato e molle,
Cou insolito orror freme e sospira,
Di cruccio e di dolor turbato e folle;
E portato dall' impeto e dall' ira,
Con la voce la spada insieme estolle,
E torna per ferire; ed è di punta
Piagato ov' è la spalla al braccio giunta.

Qual nell' alpestri selve orsa che senta
Duro spiedo nel fianco, in rabbia monta,
E contra l' arme sè medesma avventa,
E i perigli e la morte audace affronta;
Tale il Circasso indómito diventa,
Giunta or piaga alla piaga, ed onta all' onta;
E la vendetta far tanto desia,
Che sprezza i rischi, e le difese obbia.

Faz de ferir aqui, e em differente
Parte vê-se imprimir do golpe os traços;
Ora de si descobre alguma parte,
E tenta de illudir arte com arte.

Mal defendido pela espada e escudo
Mostra Tancredo ao Sarraceno o lado;
Este corre a feri-lo e deixa em tudo
Seu lado esquerdo mui desamparado.
Com um golpe rebate-lhe o sanhudo
Ferro Tancredo, e a el deixa cortado.
Nem isso feito, em retirar-se tarda,
Mas se recolhe, e se restringe em guarda.

O fero Argante, que a si mesmo mira
No proprio sangue seu tinto e banhado,
Com insolito horror freme e suspira,
E de mágoa e de dôr louco e turbado.
E levado do impeto e da ira
Levanta, erguendo a espada, um alto brado,
E para ferir volta, e é ferido
De ponta aonde á espadoa é o hombro unido.

Qual ursa em selva alpestre enche-se d'ira,
Em sentindo no lado a dura ponta,
E contra as armas a si mesma atira,
E os perigos e a morte audaz afronta,
Tal o Circassio indòmito se vira,
Golpe a golpe accrescenta affronta a affronta,
E tanto anhela se vingar, que olvida
Toda defesa, e em riscos já não cuida.

E congiungendo, a temerario ardire
Estrema forza e infaticabil lena,
Vien che sì impetuoso il fero gire,
Che ne trema la terra, e 'l ciel balena:
Nè tempo ha l' altro, ond' un sol colpo tire,
Onde si copra, onde respiri appena;
Nè schermo v' è, ch' assecurare il possa
Dalla fretta d' Argante e dalla possa.

Tancredi, in se raccolto, attende invano
Che de' gran colpi la tempesta passi:
Or v' oppon le difese, ed or lontano
Sen va co' giri e co' maestri passi;
Ma, poichè non s' allenta il fier Pagano,
È forza alfin che trasportar si lassi,
E cruccioso egli ancor con quanta puote
Violenza maggior la spada rote.

Vinta dall' ira è la ragione e l' arte,
E le forze il furor ministra e cresce.
Sempre che scende il ferro, o fora o parte
O piastra o maglia; e colpo invan non esce.
Sparsa è d' armi la terra, e l' armi sparte
Di sangue, e 'l sangue col sudor si mesce.
Lampo nel fiammeggiar, nel romor tuono,
Fúlmini nel ferir le spade sono.

Questo pópolo e quello incerto pende
Da sì novo spettácolo ed atroce;
E fra tema e speranza il fin n' attende,
Mirando or ciò che giova, or ciò che noce:

E extrema força, e infatigado alento
Ao ardil temerario accrescentando,
O ferro faz rodar tão violento
Que treme a terra, o céo vai fuzilando:
Nem tem o outro em que ferir momento,
Nem para se cobrir e ir folgando,
E não ha esgrima a o defender bastante
Da rapidez e do poder de Argante.

Encolhido Tancredo em vão espera
Que dos golpes feraes passe a tormenta.
Ora oppõe a defesa, ora se esmera
Fugir com voltas, e habeis passos tenta.
Porém como não mingua a furia fera
Do Mouro, mais prudencia não o aguenta,
E raivoso tambem co' a furia toda
Faz elle a espada andar veloz em roda.

Vence a raiva á razão, e vence á arte,
E forças o furor ministra e accresce:
Golpe não falha, e sempre fura ou parte
Lámina ou malha o ferro quando desce.
Armas ha pelo chão por qualquer parte
Tintas de sangue em que o suor fallece.
Lampos na luz, no estrondo trovoadas,
E raios no ferir são as espadas.

Este e aquelle outro povo incerto pende
Do espectáculo atroz tão admirando.
Ora ao bom, ora ao máo que observa attende
Entre medo e esperança, o fim 'sperando.

E non si vede pur, nè pur s' intende
Piccol cenno fra tanti, o bassa voce;
Ma se ne sta ciascun tácito e immoto,
Se non se in quanto ha il cor tremante in moto.

Già lassi erano entranbi, e giunti forse
Sarian pugnando ad immaturo fine,
Ma si oscura la notte intanto sorse,
Che nascondea le cose anco vicine.
Quinci un araldo, e quindi un altro accorse
Per dipartirgli, e gli partiro alfine:
L' uno è il franco Arideo, Pindoro è l' altro,
Che portò la disfida, uom saggio e scaltro.

I pacifici scettri osâr costoro
Fra le spade interpor de' combattenti,
Con quella sicurtà che porgea loro
L' antichissima legge delle genti.
Siete, o guerrieri, incominciò Pindoro,
Con pari onor, di pari ambo possenti:
Dunque cessi la pugna, e non sian rotte
Le ragioni e 'l riposo della notte.

Tempo è da travagliar mentre il sol dura;
Ma nella notte ogni animale ha pace;
E generoso cor non molto cura
Notturno pregio che s' asconde e tace.
Risponde Argante: a me per ombra oscura
La mia battaglia abbandonar non piace:
Ben avrei caro il testimon del giorno:
Ma che giuri costui di far ritorno.

E em tanto povo não se vê ou entende
Pequeno aceno, ou baixa voz soando;
Mas está cada um tácito e immoto;
Só tem o coração trémulo em moto.

Lassos estavão já, e prematura
Morte, mais combatendo, os levaria;
Mas surgio nisso a noite tão escura
Que inda as visinhas cousas escondia:
De cá um arauto, e de lá outro cura
De acudindo os partir, e o conseguia.
Um é o franco Aridéo, outro o acisado
Sagaz Pindoro, a provocar mandado.

Os seus sceptros de paz estes ousárão
Entre os ferros metter dos combatentes,
Co' a segurança que lhes outorgárão
De antiquissima data as leis das gentes:
Quer honra, quer valor vos equipárão,
Disse Pindoro então, heróes valentes;
Pois cesse a pugna, e não sejão desfeitos
Os repousos da noite e os seus direitos.

Tempo é de trabalhar mentre o sol dura;
De noite após todo animal descança;
E uma alma generosa pouco cura
Nocturna gloria a qual luz não alcança.
Responde Argante: Eu cá por sombra escura
Largar não gosto esta guerreira dança;
Bem do dia estimára eu a presença:
Mas jure este voltar, e sem fallença.

Soggiunse l' altro allora: e tu prometti
Di tornar, rimenando il tuo prigione;
Perch' altrimenti non fia mai ch' aspetti
Per la nostra contesa altra stagione.
Così giuraro: e poi gli araldi eletti
A prescriver il tempo alla tenzone,
Per dare spazio alle lor piaghe onesto,
Stabiliro il mattin del giorno sesto.

(TASSO. — JERUS. LIBER. Canto VI.°)

Tornou o outro então: E tu promette
Voltar reconduzindo o prisioneiro,
Aliás nunca ha de ser que eu me aquiete
Outro tempo a esperar de ser guerreiro.
Assim jurárão: logo se remette
Aos Arautos marcar tempo certeiro
Que ás feridas dê folga em termo honesto,
E escolhem a manhãa do dia sexto.

(TASSO. — JERUS. LIBERT. Canto VI.º)

AMORE D'ERMINIA PER TANCREDI,

E SUA SORTITA INCÓGNITA

PER ANDARE A MEDICARNE LE FERITE.

Lasciò la pugna orribile nel core
De' Saracini e de Fedeli impressa
Un' alta meraviglia ed un orrore
Che per lunga stagione in lor non cessa.
Sol dell' ardir si parla e del valore,
Che l' un guerriero e l' altro ha mostro in essa;
Ma qual si debbia di lor due prepore,
Vario e discorde il vulgo in se discorre;

E sta sospeso in aspettando quale
Avrà la fera lite avvenimento;
E se il furore alla virtù prevale,
O se cede l' audacia all' ardimento.
Ma più di ciascun altro, a cui ne cale,
La bella Erminia n' ha cura e tormento;
Chè dai giudizi dell' incerto Marte
Vede pènder di se la miglior parte.

AMOR DE HERMINIA POR TANCREDO,

E SUA SAHIDA INCÓGNITO

PARA HIR CURAR-LHE AS FERIDAS.

Deixou da Sarracena, e Christãa gente (14)
Nos corações a horrivel pugna impressa
Uma tal maravilha, e horror ingente,
Que por larga estação nelles não cessa:
Só do valor se falla e ânimo ardente,
Que um e outro guerreiro mostrou nessa:
Mas a qual dar-se a primazia occorre,
Vário e discorde o vulgo em si discorre.

E está suspenso á espera de qual ha-de
A lide fera ter o acabamento;
Se a virtude prevale á feridade,
Ou se cede a audacia ao ardimento.
Mas mais que quantos sentem anciedade,
A bella Herminia tem susto e tormento,
Que dos juizos do inconstante Marte
Vê pender de si mesma a melhor parte.

Costei, che figlia fu del re Cassano,
Che d' Antiochia già l' imperio tenne,
Preso il suo regno, al vincitor cristiano,
Fra l' altre prede, anch' ella in poter venne.
Ma fulle in guisa allor Tancredi umano,
Che nulla ingiuria in sua balia sostenne;
Ed onorata fu, nella ruina
Dell' alta patria sua, come reina.

L' onorò, la servì, di libertate
Dono le fece il cavaliero egregio;
E le furo da lui tutte lasciate
Le gemme e gli ori, e ciò ch'avea di preglo.
Ella vedendo in giovinetta etate,
E in leggiadri sembianti animo regio,
Restó presa d' Amor, che mai non strinse
Laccio di quel più fermo, onde lei cinse.

Così, se 'l corpo libertà riebbe,
Fu l' alma sempre in servitute astretta.
Ben molto a lei d' abbandonare increbbe
Il signor caro e la prigion diletta;
Ma l' onestà regal, che mai non debbe
Da magnánima donna esser negletta,
La costrinse a partirsi, e con l' antica
Madre a ricoverarsi in terra amica.

Venne a Gerusalemme; e quivi accolta
Fu dal tiranno del paese ebreo:
Ma tosto pianse, in nere spoglie avvolta,
Della sua genitrice il fato reo.

Esta que filha foi do Rei Cassano.
Que de Antióchia já o imperio teve,
Tomado o reino desse soberano,
Do Christão vencedor no espolio esteve.
Mas Tancredo lhe fôra tão humano,
Que nunca injuria em seu poder susteve,
E honrada foi da patria, que ella tinha,
Entre a destruição, como rainha.

Elle a honrou e servio; da liberdade
Mimo lhe fez o egregio cavalleiro;
Tudo deixou-lhe em plena potestade,
Quanto ella tinha de precioso, inteiro.
Ella que ânimo regio em flor de idade
Vio, e em bello semblante e prazenteiro,
Ficou presa de amor, e de tal sorte,
Que jámais houve outra prisão tão forte.

Assim se o corpo liberdade achára,
Ficou-lhe a alma em servidão detida;
E muito a ella o abandonar custára
O senhor caro, e tal prisão querida.
Mas a honra real, que pouco cara
Nunca por alta dama ha-de ser tida,
A partir a obrigou, e com a antiga
Mãi a ir abrigar-se em terra amiga.

Veio a Jerusalém, onde acolhida
Foi do tyranno do paiz Hebreu,
Mas logo, em negros crepes envolvida,
Pela morte da mãi pranto verteu:

Pur nè 'l duol, che le sia per morte tolta,
Nè l' esilio infelice unqua poteo
L' amoroso desio sveller dal core,
Nè favilla ammorzar di tanto ardore.

Ama ed arde la misera; e sì poco,
In tale stato, che sperar le avanza,
Che nudrisce nel sen l' occulto foco
Di memoria vie più, che di speranza;
E, quanto è chiuso in più secreto loco,
Tanto ha l' incendio suo maggior possanza.
Tancredi al fine a risvegliar sua spene
Sovra Gerusalemme ad oste viene.

Sbigottir gli altri all' apparir di tante
Nazioni e sì indómite e sì fere:
Fe' sereno ella il tórbido sembiante,
E lieta vagheggiò le squadre altere;
E con ávidi sguardi il caro amante
Cercando gio fra quelle armate schiere:
Cercollo invan sovente, ed anco spesso
Raffigurollo, e disse: egli è pur desso.

Nel palagio regal sublime sorge
Antica torre, assai presso alle mura,
Dalla cui sommità tutta si scorge
L' oste cristiana, e 'l monte e la pianura.
Quivi, da che il suo lume il sol ne porge,
Insin che poi la notte il mondo oscura,
S' asside, e gli occhi verso il campo gira,
E co' pensieri suoi parla e sospira.

Mas nem a dôr por essa mãi perdida,
Nem o exilio infeliz jámais tolheu
De todo do seu peito o immenso amor,
Nem faisca existinguio de tanto ardor.

Ama, e arde a infeliz; e em tal estado
Tão pouco é o que a esperar lhe resta,
Que nutre o fogo em si sempre occultado,
Que mais lembranças, que esperanças presta:
E quanto mais secreto está fechado,
Tanto mais forte o incendio arde e molesta.
Tancredo emfim vem avivar-lhe a esp'rança,
Que p'ra Jerusalém imigo avança.

Os mais tremêrão vendo vir avante
Tantas nações tão feras e indomadas;
Serenou ella o túrbido semblante,
E leda vio as tropas ufanadas:
E com àvido olhar ao caro amante
Buscando andou nas filas adoradas;
Em vão cem vezes com o olhar correu,
E, ei-lo, cem disse; e bem o conheceu.

Perto dos muros, na real morada,
Ergue-se antiga torre a grànde altura,
De cujo cimo a Christãa gente armada
Toda se avista, e os montes, e a planura.
Alli, des que do sol nos é luz dada,
Até que assombra ao mundo a noite escura,
Senta-se, e os olhos pelo campo gira,
E aos pensamentos seus falla, e suspira.

Quinci vide la pugna, e 'l cor nel petto
Sentì tremarsi in quel punto sì forte,
Che parea che dicesse: il tuo diletto
È quegli là, che 'n rischio è della morte.
Così d' angoscia piena e di sospetto,
Mirò i successi della dubbia sorte;
E, sempre che la spada il Pagan mosse,
Sentì nell' alma il ferro e le percosse.

Ma, poi che 'l vero intese, e intese ancora
Che dee l' aspra tenzon rinnovellarsi,
Insólito timor così l' accora,
Che sente il sangue suo di ghiaccio farsi.
Talor secrete lágrime, e talora
Sono occulti da lei gémiti sparsi:
Pállida, esangue, e sbigottita in atto,
Lo spavento e 'l dolor v' avea ritratto.

Con orribile immago il suo pensiero
Ad or ad or la turba e la sgomenta:
E vie più che la morte, il sonno è fiero;
Sì strane larve il sogno le appresenta.
Parle veder l' amato cavaliero
Lácero e sanguinoso, e par che senta
Ch' egli aita le chieda: e, desta intanto,
Si trova gli occhi e 'l sen molle di pianto.

Nè sol la tema di futuro danno
Con sollecito moto il cor le scote;
Ma delle piaghe, che egli avea, l' afianno
È cagion che quetar l' alma non puote.

De alli vio o combate, e no turbado
Peito sentio palpitação tão forte,
Que dizer parecia: o teu amado
É esse alli, que em risco está de morte.
Assim cheia de angustia e de cuidado,
Os lances vio da duvidosa sorte;
E sempre que o Pagão moveu a espada,
N'alma o ferro sentio com a pancada.

Mas quando o caso ouvio, e se accrescenta,
Que ha-de o combate horrivel renovar-se,
Insólito temor tanto a atormenta,
Que sente em gelo o sangue transformar-se.
Lágrimas ella ás vezes verte, e tenta
Assim gemente, a todos occultar-se;
Pállida, exangue, tinha no turbado
Aspecto a dôr, o espanto retratado.

Com imagem horrenda o pensamento
A turba a cada instante, e a desalenta;
E, mais fero que a morte, o somnolento
Estado estranhas larvas lhe apresenta.
Ver lhe parece o caro heróe sanguento
E lacerado, que alto se lamenta,
Pedindo-lhe soccorro; acorda entanto,
E acha que olhos e peito inunda o pranto.

Nem do futuro mal só o receio
O coração já trémulo lhe abala;
Mas das chagas, de que elle estava cheio,
O cuidado não deixa de inquieta-la;

E i fallaci romor, ch' intorno vanno,
Crescon le cose incógnite e remote;
Si ch' ella avvisa che vicino a morte
Giaccia oppresso languendo il guerrier forte

E, perocch' ella dalla madre apprese
Qual più secreta sia virtù dell' erbe,
E con quai carmi nelle membra offese
Sani ogni piaga, e 'l duol si disacerbe,
(Arte che per usanza in quel paese
Nelle figlie dei re par che si serbe),
Vorria di sua man propria alle ferute
Del suo caro signor recar salute.

Ella l' amato medicar desia;
E curar il nemico a lei conviene:
Pensa talor d' erba nocente e ria
Succo sparger in lui che l' avvelene,
Ma schiva poi la man vérgine e pia
Trattar l' arti maligne, e se n' astiene.
Brama ella almen che 'n uso tal sia vota
Di sua virtude ogn' erba ed ogni nota.

Nè già d' andar fra la nemica gente
Temenza avria; chè peregrina era ita,
E viste guerre e stragi avea sovente,
E scorsa dubbia e faticosa vita:
Sì che per l' uso la femminea mente
Sovra la sua natura è fatta ardita;
Nè così di leggier si turba o pave
Ad ogni immagin di terror men grave.

E os fallazes boatos poem mais feio
O de que ao longe sem saber se falla;
Tal que ella julga, que visinho á morte
Jaz lánguido e opprimido o varão forte.

E como ella da mãi tenha aprendido
Qual virtude secreta ha em qualquer herva,
E versos que a qualquer corpo ferido
Sanem ou acalmem toda dôr acerva;
(Arte á qual um costume estab'lecido,
Dos reis nas filhas o paiz conserva)
Com suas proprias mãos quizera agora
Curar as chagas do amo que ella adora.

Ella ao amado medicar deseja;
E curar o inimigo é-lhe forçoso:
Ás vezes de herva má, e malfazeja
Pensa infundir-lhe o sumo venenoso;
Mas logo a virgem pia mão se peja,
E deixa de tractar a arte odiosa:
Anhela ao menos, que em tal uso, inerte,
Qualquer herva e palavra nunca acerte.

Nem de ir no meio da inimiga gente
Temia, não; que em peregrina lida
Guerras e excidios vio frequentemente,
E teve incerta e trabalhosa vida:
E assim este uso na feminea mente,
Vencendo o sexo, a tem tornado, hardida;
Nem de terror qualquer imagem leve
Causar-lhe susto ou perturba-la deve.

Ma, più ch' altra cagion, dal molle seno
Sgombra Amor temerario ogni paura;
E crederia fra l' ugne e fra 'l veneno
Dell' affricane belve andar secura:
Pur, se non della vita, avere almeno
Della sua fama dee temenza e cura;
E fan dubbia contesa entro al suo core
Duo potenti nemici, Onore e Amore.

L' un così le ragiona: o verginella,
Che le mie leggi insino ad or serbasti,
Io, mentre ch' eri de' nemici ancella,
Ti conservai la mente e i membri casti;
E tu, libera, or vuoi perder la bella
Verginità, ch' in prigionia guardasti?
Ahi! nel tenero cor questi pensieri
Chi svegliar puó? che pensi? oimè! che speri?

Dunque il titolo tu d' esser pudica
Sì poco stimi, e d' onestate il pregio,
Che te n' andrai frai nazion nemica,
Notturna amante, a ricercar dispregio?
Onde il superbo vincitor ti dica:
Perdesti il regno, e in un l' ánimo regio;
Non sei di me tu degna: e ti conceda
Vulgare agli altri e mal gradita preda.

Dall' altra parte il consiglier fallace
Con tai lusinghe al suo piacer l' alletta:
Nata non sei tu giá d' orsa vorace,
Nè d' aspro e freddo scoglio, o giovinetta,

Mas c' os poderes seus inda mais plenos
Dissipa affouto amor qualquer tremura,
E julgára entre as unhas e venenos
Das africanas feras ir segura.
Mas se da vida não, deve ella ao menos
Da sua fama ter receio e cura;
E em seu peito contendem duvidosos
Honra e Amor, dous imigos poderosos.

Um assim argumenta-lhe: O' donzella,
Que minhas leis té qui sempre observaste,
Por mim, do imigo emquanto serva, a bella
Honestidade, tu, já conservaste;
E agora livre, quês perder aquella
Bonita flor que em servidão guardaste?
Ah como em tenro coração tu geras
Taes idêas?! que pensas? ai! que e peras?

Tão pouco ês, tu, da honestidade amiga,
E gostas ter de casta a nomeada,
Que irás por entre uma nação imiga,
Nocturna amante, ser desacatada?!
Do que, o soberbo vencedor te diga:
Perdeste o reino, e a indole elevada:
Não ês digna de mim: e assim te entregue,
Preza vulgar, a quem te estima negue?!

Por outra parte o admoestador fallaz
Com taes lisonjas livres a acarinha:
Nascida não ês, tu, de ursa voraz,
Nem de asp'ra e fria rocha, ó jovenzinha,

Ch' abbia a sprezzar d' Amor l' arco e la face,
Ed a fuggir ognor quel che diletta;
Nè petto hai tu di ferro o di diamante,
Che vergogna ti sia l' esser amante.

Deh! vanne omai dove il desio t' invoglia.
Ma qual ti fingi vincitor crudele?
Non sai com' egli al tuo doler si doglia,
Come compianga al pianto, alle querele?
Crudel sei tu, che con sì pigra voglia
Movi a portar salute al tuo fedele.
Langue, o fera ed ingrata, il pio Tancredi;
E tu dell' altrui vita a cura siedi!

Sana tu pur Argante, acciochè poi
Il tuo liberator sia spinto a morte:
Così disciolti avrai gli óbblighi tuoi,
E sì bel premio fia ch' ei ne riporte.
È possibil però che non t' annoi
Quest' empio ministero or così forte,
Che la noia non basti e l' orror solo
A far che tu di quà ten fuga a volo?

Deh! ben fora all' incontro ufficio umano,
E ben n' avresti tu gioia e diletto,
Se la pietosa tua nemica mano
Avvicinassi al valoroso petto;
Chè per te fatto il tuo signor poi sano,
Colorirebbe il suo smarrito aspetto;
E le bellezze sue, che spente or sono,
Vagheggeresti in lui, quasi tuo dono.

Que o facho e arco de amor pizes audaz,
Fugindo sempre o que ao prazer convinha;
Nem peito tens de ferro ou de diamante,
Que desdouro te seja o ser amante.

Oh! vai aonde o teu desejo vôa.
Qual tens vencedor crú nos pensamentos?
Não sabes quanto á tua dôr se dôa,
Como elle chora aos prantos e lamentos?
Cruel és tu, que vás de pouco boa
Vontade ao teu fiel dar salvamento.
O pio Tancredo, ingrata, está finando:
E tu de outrem aqui ficas cuidando.

Sana a Argante, tu, sim, para que o teu
Libertador depois arroje á morte;
Assim tu pagarás quanto te deu
Este, e terá tão bello premio em sorte.
É possivel porém que este tão réo
Officio te não cause enojo forte,
Tal que o enojo e o horror sufficientes
Sejão pāra que a vôo de aqui te ausentes?

Quão ao contrario humano officio fôra,
E bem a ti fatisfactorio e aceito,
Se a piedosa mão medicadora
Se approximasse ao delicado peito:
Que, o teu senhor, depois sanado, o agora
Desmaiado corasse e triste aspeito,
E tu as bellezas delle, ora apagadas,
Nelles admirasses, quasi por ti dadas!

Parte ancor poi nelle sue lodi avresti,
E nell' opre ch' ei fesse alte e famose;
Ond' egli te d' abbracciamenti onesti
Faria lieta, e di nozze avventurose:
Poi mostra a dito ed onorata andresti
Fra le madri latine e fra le spose
Là nella bella Italia, ov' è la sede
Del valor vero e della vera Fede.

Da tai speranze lusingata, ahi stolta!
Somma felicitade a se figura;
Ma pur si trova in mille dubbi avvolta,
Come partir si possa indi secura:
Perche vegghian le guardie, e sempre in volta
Van di fuori al palagio e sulle mura;
Nè porta alcuna, in tal rischio di guerra,
Senza grave cagion mai si disserra.

Soleva Erminia in compagnia sovente
Della guerriera far lunga dimora.
Seco la vide il sol dall' occidente,
Seco la vide la novella aurora;
E, quando son del dì le luci spente,
Un sol letto le accolse ambe talora:
E null' altro pensier, che l' amoroso,
L' una vergine all' altra avrebbe ascoso.

Questo sol tiene Erminia a lei secreto;
E, s' udita da lei talor si lagna,
Reca ad altra cagion del cor non lieto
Gli affetti, e par che di sua sorte piagna.

Tambem parte ias ter em seus louvores,
E em obras, que fizesse, altas, famosas;
Talvez fazendo honestos os amores,
Te allegrasse com nupcias venturosas;
E apontada depois com honras mores
Entre as latinas mãis, entre as esposas,
Fôras na bella Italia, aonde a sé
Ha do vero valor, e vera fé.

Desta esperança, ai nescia! lisongeada
Summa felicidade se figura;
Mas em dúvidas mil vê-se enleada
Quanto a póder de alli partir segura;
Que a guarda vigilante em continuada
Volta fòra do Paço, e sobre a altura
Dos muros anda; e em taes riscos de guerra,
Porta, sem causa mór, se não descerra.

Sohia Herminia assaz frequentemente
Co' a guerreira fazer larga demora. (15)
Com ella a vio o sol do Occidente,
E com ella a encontrou a nova aurora.
E quando apaga o dia o facho ardente,
Ambas um leito as recolheu tal hora;
E uma virgem a outra não teria
Nada occultado, se não só que ardia.

Só não conta a Clorinda este segredo;
E se ás vezes. chorando, é della ouvida.
Outro motivo dá de não ter ledo
O coração, e chora a sua vida.

Or, in tanta amistà, senzadivieto
Venir sempre ne puote alla compagna;
Nè stanza al giunger suo giammai si serra,
Siavi Clorinda, o sia in consiglio o 'n guerra.

Vénnevi un giorno ch' ella in altra parte
Si ritrovava, e si fermò pensosa,
Pur tra se rivolgendo i modi e l' arte
Della bramata sua partenza àscosa.
Mentre in vari pensier divide e parte
L' incerto ánimo suo, che non ha posa,
Sospese di Clorinda in alto mira
L' arme e la sopravveste: e allor sospira,

E tra se dice sospirando: oh quanto
Beata è la fortissima donzella!
Quant' io la invidio! e non le invidio il vanto
O l' femminile onor dell' esser bella.
A lei non tarda i passi il lungo manto,
Nè 'l suo valor rinchiude invida cella;
Ma veste l' arme, e, se de uscirne agogna,
Vássene, e non la tien tema o vergogna.

Ah! perche forti a me Natura e 'l Cielo
Altrettanto non fer le membra e 'l petto,
Onde potessi anch' io la gonna e l' velo
Cangiar nella corazza e nell' elmetto?
Chè si non riterrebbe arsura o gelo,
Non turbo o pioggia il mio infiammato affetto.
Ch' al sol non fossi ed al notturno lampo,
Accompagnata o sola, armata in campo.

Com amizade tal, e tarde e cedo
Sempre da companheira é recebida;
E nunca estancia ao seu chegar se cerra,
Haja Clorinda, ou esteja em junta ou em guerra,

Lá foi um dia em que ella em outra parte
Então se achava, e alli parou pensando,
Mas em si revolvendo o modo e arte
De em segredo á final ir-se ausentando.
Emquanto ella em idéas mil reparte
O incerto animo seu, nunca folgando,
As armas de Clorinda ao alto mira
Pender, e a sobrecapa; e então suspira.

E diz comsigo suspirando: Oh quanto
É feliz a fortissima donzella!
Quanto eu a invejo! e não lhe invejo tanto
A gloria feminil de ser mui bella.
Seus passos não retarda o longo manto,
Nem lhe encerra o valor invida cella:
Mas armas veste, e, se lhe dá desejo,
Vai-se, e nunca a detém temor nem pejo.

Porque tão fortes a Natura e o Céo
Me não fizerão, ai, o braço e o peito,
Para que tambem eu a saia e o véo
Mudasse em capacete e guarda-peito?!
Que assim não contivera o affecto meu
Calor, ou gelo, ou chuva, ou ar desfeito,
Que eu me não fosse, ao sol, da noite ao lampo,
Acompanhada ou só, armada em campo!

Già non avresti, o dispietato Argante,
Col mio signor pugnato tu primiero;
Ch' io sarei corsa ad incontrarlo innante;
E forse or fora qui mio prigioniero,
E sosterria dalla nemica amante
Giogo di servitù dolce e leggiero;
E già per li suoi nodi i' sentirei
Fatti soavi e alleggeriti i miei:

Ovvero a me, dalla sua destra il fianco
Sendo percosso, e riaperto il core,
Pur risanata in cotal guisa almanco
Colpo di ferro avria piaga d' Amore:
Ed or la mente in pace e 'l corpo stanco
Riposeriansi; e forse il vincitore
Degnato avvrebbe il mio cénere e l' ossa
D' alcun onor di lâgrime e di fossa.

Ma, lassa! i' bramo non possibil cosa,
E tra folli pensier invan m' avvolgo.
Dunque io staró qui timida e dogliosa,
Com' una pur del vil femmineo volgo?
Ah! non staró: cor mio, confida ed osa.
Perchè l' arme una volta anch' io non tolgo?
Perchè per breve spazio non potrolle
Sostener, benchè sia dèbile e molle?

Si potrò, si; chè mi farà possente
Amor, ond' alta forza i men forti hanno;
Da cui spronati, ancor s' arman sovente
D' ardire i cervi imbelli, e guerra fanno.

Já não tiveras, deshumano Argante,
C'o meu senhor pugnado, tu, primeiro:
Que eu corrêra a encontra-lo muito ante,
E talvez fôra aqui meu prisioneiro,
E soffreria da inimiga amante
Jugo de servidão doce e ligeiro;
E por suas prisões, eu menos graves,
Sentira as minhas, e ficar suaves:

Ou sendo do seu braço este meu lado
Ferido, e o coração de novo aberto,
Comtudo houvera em modo tal sanado
Golpe de ferro outro de amor de certo:
E a alma em paz, e o corpo tão cançado
Já repousára; e o vencedor, lá perto,
Os meus ossos e cinzas por ventura
De lágrimas dignára e sepultura.

Mas, triste! eu impossiveis desejando,
Em vão me envolvo em loucos pensamentos.
Pois timorata aqui 'starei chorando,
Como mulher do vulgo em taes momentos?
Ah! não: coração meu, espera ousando.
Porque tambem não vou-me aos armamentos?
Porque não poderei por tempo breve
Sustenta-los, bem que debil e leve?

Sim, poderei; que me fará valente
A sustentar seu peso amor insano,
Por cujo impulso vão frequentemente
Mansos cervos da guerra a ousado damno:

Io guerreggiar non già; vuó solamente
Far con quest' arme un ingegnoso inganno:
Finger mi vuò Clorinda; e, ricoperta
Sotto l' immagin sua, d' uscir son certa.

Non ardirieno a lei far i custodi
Dell' alte porte resistenza alcuna.
Io pur ripenso, e non veggio altri modi:
Aperta è, credo, questa via sol una.
Or favorisca le innocenti frodi
Amor, che le m' inspira, e la Fortuna.
E ben al mio partir cómoda è l' ora,
Mentre col re Clorinda anco dimora.

Così risolve; e, stimolata e punta
Dalle furie d' amor, più non aspetta;
Ma da quella alla sua stanza congiunta
L' arme involate di portar s' affretta.
E far lo può; chè, quando ivi fu giunta,
Diè loco ogni altro, e si restò soletta:
E la notte i suoi furti ancor copria,
Ch' ai ladri amica, ed agli amanti uscia.

Essa veggendo il ciel, d' alcuna stella
Già sparso intorno, divenir più nero,
Senza frapporvi alcun indugio, appella
Secretamente un suo fedel scudiero,
Ed una sua leal diletta ancella,
E parte scopre lor del suo pensiero:
Scopre il disegno della fuga, e finge
Ch' altra cagione a dipartir l' astringe.

Eu guerrear não quero, mas sómente
Com taes armas fazer sotil engano:
Clorinda hei de fingir-me, e assim, coberta
Com o seu traje, de sahir 'stou certa.

Não lhe ousára fazer quem 'stá guardando
As altas portas resistencia alguma.
Não ha mais modos; mais eu vou pensando,
Sómente aberta ha via tal, só uma.
Das innocentes fraudes, que inspirando
Me vai, o Amor co'a Sorte o auxilio assuma.
E é bem ao meu partir cómmoda a hora,
Que inda c'o Rei Clorinda se demora.

Assim resolve, e accesa e estimulada
Dos furores de amor, mais não espera;
E dessa á sua próxima morada
As armas, que furtou, levar se esmera.
E o póde bem fazer, que, alli chegada,
Fica só, e outra gente lugar dèra:
E a noite, que seus furtos encobria,
Cara aos amantes, e aos ladrões sahia.

Ella já vendo o céo de alguma estrella
Esparzido, assombrado e sem luzeiro,
Chama sem mais tardar á sua cella
Secretamente um seu fido escudeiro,
E uma cara e leal sua donzella.
E lhes descobre, mas não todo inteiro,
Da fugida o designio, e nisso finge,
Que outro motivo a se ausentar a adstringe.

Lo scudiero fedel súbito appresta
Ció ch' al lor uopo necessario crede.
Erminia intanto la pomposa vesta
Si spoglia, che le scende insino al piede;
E in ischietto vestir leggiadra resta,
E snella sì, ch' ogni credenza eccede;
Nè, tráttane colei ch' alla partita
Scelta s' avea compagna, altra l' aita.

Col durissimo acciar preme ed offende
Il delicato collo e l' aurea chioma;
E la tenera man lo scudo prende,
Pur troppo grave e insopportabil soma.
Così tutta di ferro intorno splende,
E in atto militar se stessa doma.
Gode Amor, ch' è presente, e tra se ride,
Come allor già ch' avvolse in gonna Alcide.

Oh con quanta fatica ella sostiene
L' inegual peso, e move lenti i passi!
Ed alla fida compagnia s' attiene,
Che per appoggio andar dinanzi fassi.
Ma rinforzan gli spirti amore e spene,
E ministran vigore ai membri lassi;
Sì che giùngono al loco, ove le aspetta
Lo scudiero, e in arcion sagliono in fretta.

Travestiti ne vanno, e la più ascosa
E più riposta via préndono ad arte.
Pur s' avvéngono in molti, e l' aria ombrosa
Veggion lucer di ferro in ogni parte:

O escudeiro fiel faz que se apreste
Logo o que a tal mister preciso crê;
Herminia entanto vai despindo a veste
Pomposa, que lhe desce até o pé;
E em um mui simples traje um ar reveste
Tão bello e esbelto, que não crivel é;
Nem, salvo a que escolheu para a jornada,
Por companheira alguma é ajudada.

C'o durissimo ferro opprime e offende
A coma d'ouro, e o collo delicado,
E a tenra mão segura, e ao braço prende
O escudo insupportavel de pesado.
Toda de ferro assim coberta esplende,
E põe-se em militar acto forçado:
Gosta, e vai rindo Amor, que vê taes lides,
Como quando envolveu em saia Alcides.

Oh com quanta fadiga ella sustenta
O peso desigual lenta em seus passos!
E na fiel escolta ella se aguenta,
Que ir faz adiante apoio de seus braços. (16)
Mas esperança e amor sua alma alenta,
E ministrão valor aos membros lassos,
Tal que já chegão lá onde o escudeiro
Espera; e eis já no arção cad'um ligeiro.

Desfarçados vão hindo, e a mais sumida
E occulta senda andando vão com arte:
Mas dão com gente, e a aura escurecida
De ferro vêm luzir por qualquer parte;

Ma impedir lor viaggio alcun non osa ,
E, cedendo il sentièr, ne va in disparte;
Che quel cándido ammanto e la temuta
Insegna anco nell' ombra è conosciuta.

Erminia, benchè quivi alquanto sceme
Del dubbio suo, non va peró secura;
Chè d' essere scoperta alla fin teme,
E del suo troppo ardir sente or paura:
Ma pur giunta alla porta il timor preme,
Ed inganna colui che n' ha la cura:
Io son Clorinda, disse; apri la porta,
Chè 'l re m' invia dove l' andare importa.

La voce femminil, sembiante a quella
Della guerriera, agévola l' inganno.
(Chi crederia veder armata in sella
Una dell' altre ch' arme oprar non sanno?)
Sì che 'l portier tosto ubbidisce; ed ella
N' esce veloce, e i due che seco vanno;
E per lor sicurezza entro le valli
Calando, prendon lunghi obbliqui calli.

(TASSO. — JERUS. LIBER. Canto VI.°)

E ninguem turvar ousa a sua hida,
Mas, cedendo o caminho, fica a parte;
Pois esse manto branco, essa temida
Insignia até na sombra é conhecida.

Herminia aqui, bem que diminuida
Lhe seja a ancia, inda não vai segura;
Pois receia á final ser conhecida,
E do seu nimio ousar o susto a apura.
Mas vindo á porta, reprimir já cuida
O medo, e os guardas enganar procura:
Eu sou Clorinda, disse, abri-me a porta.
Que o Rei me manda aonde eu hir importa.

Essa voz feminil semelha áquella
Da guerreira, e o engano facilita.
Quem cuidaria ver armada em sella
Qualquer outra nas armas imperita?
Logo o porteiro lhe obedece; e ella
C'os dous, que juntos vão, sahe expedita;
E por cautela, em valles declinando,
Longos e obliquos trilhos vão tomando. (17)

(TASSO. — JERUS. LIBERT. Canto VI.º)

ERMINIA

FRA PASTORI.

Intanto Herminia infra l' ombrose piante
D' antica selva dal cavallo è scorta;
Nè più governa il fren la man tremante,
E mezza quasi par tra viva e morta.
Per tante strade si raggira e tante
Il corridor che 'n sua balia la porta,
Ch' alfin dagli occhi altrui pur si dilegua,
Ed è soverchio omai ch' altri la segua.

Qual dopo lunga e faticosa caccia
Tórnansi mesti ed anelanti i cani,
Che la fera perduta abbian di traccia,
Nascosa in selva, dagli aperti piani;
Tai pieni d' ira e di vergogna in faccia
Riédono stanchi i cavalier cristiani.
Ella pur fugge; e timida e smarrita
Non si volge a mirar s' anco é seguita.

HERMINIA

ENTRE OS PASTORES.

Entanto Herminia entre a espessura umbrosa (18)
De antiga selva é do corsel guiada;
Nem a trémula mão rege cuidosa
O freio; e morta a vês bem que animada.
Tanto o corsel, que a leva, em tortuosa
E varia via vaga na jornada
Como quer, que dos mais se some á vista;
E já vão é, que alguem lhe siga a pista.

Quaes, após longa e fadigosa caça,
Voltão os cães tristonhos e anciosos,
Perdida em bosque de uma fera a traça,
Pois lá se foi dos campos espaçosos;
Tal, cheia de ira, a cristãa gente lassa
Volta com ares tristes vergonhosos.
Ella inda foge e timida e perdida,
Nem se volta a observar se inda é seguida.

33

Fuggì tutta la tutte e tutto il giorno
Errò senza consiglio e senza guida,
Non udendo o vedendo altro d' intorno,
Che le lagrime sue, che le sue strida.
Ma nell' ora che 'l sol dal carro adorno
Scioglie i corsieri, e in grembo al mar s' annida,
Giunse del bel Giordano alle chiare acque,
E scese in riva al fiume, e qui si giacque.

Cibo non prende già; chè de' suoi mali
Solo si pasce, e sol di pianto ha sete:
Ma 'l sonno, che de' miseri mortali
È col suo dolce obblio posa e quïete,
Sopì co' sensi i suoi dolori, e l' ali
Dispiegò sovra lei placide e chete;
Nè però cessa Amor con varie forme
La sua pace turbar, mentre ella dorme.

Non si destò, finchè garrir gli augelli
Non sentì lieti, e salutar gli albori,
E mormorare il fiume e gli arboscelli,
E con l' onde scherzar l' aura e co' fiori.
Apre i lánguidi lumi, e guarda quelli
Alberghi solitarj de' pastori;
E parle voce udir tra l' acqua e i rami,
Ch' ai sospiri ed al pianto la richiami.

Ma son, mentre ella piange, i suoi lamenti
Rotti da un chiaro suon ch' a lei ne viene,
Che sembra ed è di pastorali accenti
Misto e di boscarecce inculte avene.

Toda a noite fugio, e todo o dia
Sem conductor vagou, tino e sentido,
Não vendo, e não ouvindo em toda a via
Senão seu lagrimar, seu alarido.
Mas quando os seus corseis Phebo alivia
Do ornado carro, e em mar fica escondido,
Ás claras aguas do Jordão chegou,
Junto o rio apeou-se, e ali pousou.

Ella não come não; que só sustento
Lhe dá seu mal, só de chorar tem sede;
Mas o somno, que pausa e quietamento
Com doce olvido aos mortaes tristes cede,
Sopitou-lhe os sentidos e o tormento:
Sobre ella as azas estendeu adrede
Plácidas, quêdas; mas o amor nem essa
Paz com mil sonhos de turbar-lhe cessa.

Não acordou emquanto os passarinhos
Não ouvio saudar ledos os albores,
E murmurar as aguas e os raminhos,
Brincar as auras com a onda e as flores.
Abre os lánguidos olhos, vê os visinhos
Alvergues solitarios dos pastores;
E, entre as aguas e os ramos, lhe parece
Ouvir quem diga, os prantos recomece.

Mas emquanto ella chora, o seu lamento
Rompe-lhe um claro som que se escutava,
Que era, e parece pastoril accento,
E com avenas rústicas soava.

Risorge, e là s' indrizza a passi lenti;
E vede un uom canuto all' ombre amene
Tesser fiscelle alla sua greggia accanto,
Ed ascoltar di tre fanciulli il canto.

Vedendo quivi comparir repente
L' insólite armi, sbigottir costoro;
Ma gli saluta Erminia, e dolcemente
Gli affida, e gli occhi scopre e i bei crin d' oro.
Seguite, dice, avventurosa gente
Al ciel diletta, il bel vostro lavoro;
Chè non pórtano già guerra quest' armi
All' opre vostre, ai vostri dolci carmi.

Soggiunge poscia: o padre, or che d' intorno
D' alto incendio di guerra arde il paese,
Come qui state in placido soggiorno,
Senza temer le militari offese?
Figlia, ei rispose, d' ogni oltraggio e scorno
La mia famiglia e la mia greggia illese
Sempre qui fur; nè strepito di Marte
Ancor turbò questa remota parte.

O sia grazia del ciel, che l' umiltade
D' innocente pastor salvi e sublime;
O che, sicome il fólgore non cade
In basso pian, ma su l' eccelse cime:
Così il furor di peregrine spade
Sol de' gran re l' altere teste opprime;
Nè gli avidi soldati a preda alletta
La nostra provertà vile e negletta.

Ergue-se, e caminhando a passo lento,
Um velho vê, que á sombra amena estava
Tecendo vimes junto ao gado, e entanto
A tres mancebos escutava o canto.

Vendo comparecer lá de repente
Estranhas armas, se assustárão ellos, (19)
Mas os sauda Herminia, e docemente
Os calma, e os olhos mostra, e aureos cabellos.
Continuai, diz, ó venturosa gente,
E cara ao céo, vossos trabalhos bellos,
Que estas armas não vem ser inimigas
Ás vossas obras e doces cantigas.

Logo accrescenta: O' pai, agora ardendo
D'alto incendio de guerra o paiz todo,
Como aqui nesta paz estais vivendo
Sem temer do soldado o duro modo?
Filha, até aqui, foi elle respondendo,
Minha familia e gado foi de todo
Livre de insulto e infamia; nem de Marte
Turbou a bulha esta remota parte.

Seja favor do céo, que esta humildade
De innocente pastor salve e sublime,
Seja que, como o raio a actividade
Nos altos só, não na planice imprime;
Assim de estranha espada a feridade
Só de altos reis a altiva fronte opprime;
Nem o ávido soldado attrahe á preza
A nossa desprezada e vil pobreza.

Altrui vile e negletta, a me sì cara,
Che non bramo tesor, dè regal verga;
Nè cura, o voglia ambizïosa o avara
Mai nel tranquillo del mio petto alberga.
Spengo la sette mia nell' acqua chiara,
Che non tem' io che di venen s' asperga;
E questa greggia e l' orticel dispensa
Cibi non compri alla mia parca mensa:

Chè poco è il desiderio, e poco è il nostro
Bisogno, onde la vita si conservi.
Son figli miei questi ch' addito e mostro,
Custodi della mandra, e non ho servi.
Così men vivo in solitario chiostro,
Saltar veggendo i capri snelli e i cervi,
Ed i pesci guizzar di questo fiume,
E spiegar gli augelletti al ciel le piume.

Tempo già fu, quando più l' uom vaneggia
Nell' età prima, ch' ebbi altro desio;
E disdegnai di pasturar la greggia,
E fuggii dal paese a me natio:
E vissi in Menfi un tempo, e nella reggia
Fra i ministri del re fui posto anch' io;
E, benchè fossi guardïan degli orti,
Vidi e conobbi pur l' inique corti.

E lusingato da speranza ardita,
Soffrii lunga stagion ciò che più spiace:
Ma, poi ch' insieme con l' età fiorita
Mancò la speme e la baldanza audace,

Vil, desprezada aos mais, e a mim tão cara,
Que thesouros ou sceptros não desejo;
Nem cuidado ou cobiça vãa e avara
No meu peito tranquillo albergar vejo.
Apago a minha sêde na agua clara,
Sem de venenos lhe temer manejo.
E este gado, esta hortinha, sem despeza,
Fornecem victo à minha parca meza.

Pois desejamos pouco, e em alto ponto,
Para viver, não somos precisados:
São filhos meus estes que mostro e aponto,
Guardas do gado, e passo sem criados;
Assim eu vivo em solitario ponto,
Vendo saltar cabritos e veados
Esbeltos; neste rio andar peixinhos,
E voar pelo céo os passarinhos. (20)

Lá vai o tempo em que, na verde idade,
Mais se delira, e eu tive outro sentido.
Pastar greis desdenhou minha vontade,
E do paiz natal andei fugido:
E em Memphys jà vivi; da magestade
Entre os criados tambem fui mettido.
E bem que hortas guardar tivesse em sorte,
Vi, conheci tambem a iniqua côrte.

Lisongeado de esperança hardida,
Muito tempo aturei quanto é penoso;
Mas quando com a idade florecida
Faltou a esp'rança, e o impeto ardiloso,

Piansi i riposi di quest' umil vita,
E sospirai la mia perduta pace;
E dissi: o corte, addio. Così, agli amici
Boschi tornando, ho tratto i dì felici.

Mentre ei così ragiona, Erminia pende
Dalla soave bocca intenta e cheta;
E quel saggio parlar, ch' al cor le scende,
De' sensi in parte le procelle acqueta.
Dopo molto pensar, consiglio prende
In quella solitudine secreta
Insino a tanto almen farne soggiorno,
Ch' agevoli fortuna il suo ritorno.

Onde al buon vecchio dice: o fortunato,
Ch' un tempo conoscesti il male a prova,
Se non t' invidii, 'l ciel sì dolce stato,
Delle miserie mie pietà ti mova;
E me teco raccogli inquesto grato
Albergo, ch' abitar teco mi giova.
Forse fia che 'l mio core, infra quest' ombre,
Del suo peso mortal parte disgombre.

Che se di gemme e d' or, che l' vulgo adora,
Sì come idoli suoi, tu fossi vago,
Potresti ben, tante n' ho meco ancora,
Rénderne il tuo desio contento e pago.
Quinci versando da' begli occhi fuora
Umor di doglia cristallino e vago,
Parte narrò di sue fortune; e intanto
Il pietoso pastor pianse al suo pianto.

Os repousos chorei da humilde vida,
E a paz perdida lastimei choroso,
E disse: Oh côrte, adeos; e assim, tornado
Aos caros bosques, hei feliz passado.

Emquanto elle assim falla, Herminia pende
Dessa suave boca attenta e quieta,
E o discreto fallar, que a alma prende,
As tormentas em parte lhe aquïeta.
Após longo pensar, ella pretende
Ficar naquella solidão secreta,
Até que de voltar uma opportuna
Occasião depare-lhe a fortuna.

Ao bom velho diz pois: ó fortunado,
Que já tens conhecido o mal por prova,
Ah! não te inveje o cêo tão doce estado;
Minha desgraça a compaixão te mova:
Recolhe-me comtigo neste amado
Alvergue; o estar comtigo bem me prova.
Talvêz meu coração nesta espessura
Largue em parte a mortal sua amargura.

E por joias, ou ouro, aos quaes adora
Como idolos o vulgo, a teres gosto,
Tudo tinhas, comigo ainda agora
Tantos trago, a fartar-te aqui disposto.
Vertendo então dos lindos olhos fóra
Bello humor cristallino de desgosto,
Dos casos seus parte narrou; e entanto
O piedoso pastor chora ao seu pranto.

Poi dolce la consola, e si l' accoglie,
Come tutt' arda di paterno zelo;
E la conduce ov' è l' antica moglie,
Che di conforme cor gli ha data il cielo.
La fanciulla regal di rozze spoglie
S' ammanta, e cinge al crin ruvido velo;
Ma nel moto degli occhi e delle membra
Non già di boschi abitratrice sembra.

Non copre âbito vil la nobil luce,
E quanto è in lei d' altero e di gentile;
E fuor la maestà regia traluce
Per gli atti ancor dell' esercizio umile.
Guida la greggia ai paschi, e la riduce
Con la povera verga al chiuso ovile;
E dall' irsute mamme il latte preme,
E 'n giro accolto poi lo stringe insieme.

Sovente, allor che su gli estivi ardori
Giacean le pecorelle all' ombra assise,
Nella scorza de' faggi e degli allori
Segnò l' amato nome in mille guise;
E de' suoi strani ed infelici amori
Gli aspri successi in mille piante incise;
E in rileggendo poi le proprie note,
Rigò di belle lágrime le gote.

Poscia dicea piangendo: in voi serbate
Questa dolente istorìa, amiche piante;
Perchè se fia ch' alle vostr' ombre grate
Giammai soggiorni alcun fedele amante,

Depois meigo a consola, e de maneira
A hospéda, que o de um pai é o zelo seu,
E a conduz para a velha companheira,
Que de igual coração dôou-lhe o céo.
A menina real cinge grosseira
Veste, e envolve o cabello em rude véo;
Mas no olhar, e no porte, ainda agora
De bosques não parece habitadora.

Não cobre o traje vil a nobre luz,
E quanto ha nella de gentil e airoso,
E para fóra o regio ar transluz
'Té no exercicio humilde e trabalhoso.
Guia ao pasto o rebanho, e o reconduz
Co'a pobre vara ao bardo cauteloso,
E o leite ordenha das hirsutas têtas,
E em volta o apanha e aperta em suas metas. (21)

Cem vezes, do verão quando aos ardores
Fugia o gado, e á sombra descansava,
Das árvores nas partes exteriores
O caro nome em modos mil traçava.
Dos seus estranhos miseros amores
As afflicções em modos mil gravava,
E os proprios traços ao depois relendo,
Bello pranto no rosto andou vertendo.

Dizia após chorando: a lastimavel
Historia em vós guardai ó bemfeitores
Troncos, p'ra que se um dia na agradavel
Vossa sombra pousar quem guarde amores,

Senta svegliarsi al cor dolce pietate
Delle sventure mie sì varie e tante;
E dica: ah troppo ingiusta empia mercede
Diè Fortuna ed Amore a sì gran fede!

Forse avverrá (se 'l ciel benigno ascolta
Affettuoso alcun prego mortale)
Che venga in queste selve anco talvolta
Quegli, a cui di me forse or nulla cale;
E, rivolgendo gli occhi ove sepolta
Giacerà questa spoglia inferma e frale,
Tardo premio conceda a' miei martiri
Di poche lagrimette e di sospirì.

Onde, se in vita il cor misero fue,
Sia lo spirito in morte almen felice;
E 'l cener freddo delle fiamme sue
Goda quel ch' or godere a me non lice.
Così ragiona a i sordi tronchi, e due
Fonti di pianto da' begli occhi elice.
Tancredi intanto, ove fortuna il tira,
Lunge da lei, per lei seguir, s' aggira.

(TASSO. — JERUS. LIBER. Canto VII.°)

Da minha àspera sorte e variavel
Sinta no coração suaves dores,
E diga: ah! muito mal o Amor e a Sorte
Premiárão tanta lealdade forte.

Talvez succeda (se benigno o Céo
Escuta mortal rogo affectuoso)
Que nestes bosques chegue esse, a quem eu
Nada agora talvez trago cuidoso.
E olhando para a terra onde este meu
Fragil corpo jazer, ora morboso,
Tardo premio conceda aos meus tormentos,
Chorando e suspirando alguns momentos.

Assim, se o coração foi desgraçado
Na vida, feliz seja a alma na morte,
E c' os ardores delle, o resfriado
Meu pó (eu não o posso) se conforte.
Diz isto aos surdos troncos ; e dobrado
Dos bellos olhos corre o pranto forte.
Tancredo, entanto, onde a fortuna o tira,
Bem longe della, por segui-la, gira.

(TASSO. — JERUS. LIBERT. Canto VII.º

DUELLO FRA ARGANTE E RAIMONDO,

SEGUITO

DA UNA BATTAGLIA E TEMPESTA.

Signor, tu che drizzasti incontra l' empio
Golia l' armi inesperte in Terebinto,
Sì che ei ne fu, che d' Israel fea scempio,
Al primo sasso d' un garzone estinto;
Tu fa ch' or giaccia (e fia pari l' esempio)
Questo fellon da me percosso e vinto:
E debil vecchio or la suberbia opprima,
Come debil fanciul l' oppresse in prima.

Così pregava il conte; e le preghiere,
Mosse dalla speranza in Dio secura,
S' alzâr volando alle celesti spere,
Come va foco al ciel per sua natura.
Le accolse il Padre Eterno, e fra le schiere
Dell' esercito suo tolse alla cura
Un che 'l difenda, e sanó e vincitore
Dalle man di quell' empio il tragga fuore.

DUELLO ENTRE ARGANTE E RAIMUNDO,

SEGUIDO

DE UMA BATALHA E TEMPESTADE.

Senhor, que as armas juvenis regeste (22)
Contra o impio Golia em Therebinto,
Tal que esse assombro de Israel fizeste
Cahir de um moço ao primo seixo extincto;
Tu faze (e igual será o exemplo) que este
Indigno eu vença, no seu sangue tinto,
E debil velho o orgulho opprima agora,
Como o opprimio debil menino outr'ora.

Assim, orava o Conde; e já, movidas
As preces da esperança em Deos segura,
Voárão as do céo plagas subidas,
Taes como o fogo ao céo vai por natura:
As ouve o Padre Eterno, e entre as partidas
Do exercito, que tem, achar procura
Um que o defenda, e que são e vencente
Fôra o tire das mãos desse insolente. (23)

L' Angelo, che fu già custode eletto
Dall' alta Provvidenza al buon Raimondo
Insin dal primo dì che pargoletto
Sen venne a farsi peregrin del mondo,
Or che di novo il re del ciel gli ha detto
Che prenda in sè della difesa il pondo,
Nell' alta rocca ascende, ove dell' oste
Divina tutte son l' armi riposte.

Qui l' asta si conserva, onde il serpente
Percosso giacque, e i gran fulminei strali,
E quelli ch' invisibili alla gente
Portan l' orride pesti e gli altri mali;
E qui sospeso è in alto il gran tridente,
Primo terror de' miseri mortali,
Quando egli avvien che i fondamenti scota
Dell' ampia terra, e le città percota.

Si vedea fiammeggiar fra gli altri arnesi
Scudo di lucidissimo diamante,
Grande che può coprir genti e paesi,
Quanti ve n' ha fra il Caucaso e l' Atlante;
E sogliono da questo esser difesi
Principi giusti e città caste e sante.
Questo l' Angelo prende, e vien con esso
Occultamente al suo Raimondo appresso.

Piene intanto le mura eran già tutte
Di varia turba; e 'l bárbaro tiranno
Manda Clorinda e molti genti instrutte,
Che, ferme a mezzo il colle, oltra non vanno.

Ó Anjo, que custodio é por destino
Da excelsa Prõvidencia ao bom Raymundo,
Desde o primeiro dia em que menino
Veio peregrinar por este mundo,
Agora que lhe incumbe o Rei Divino
Da defesa do heróe cargo segundo,
Sóbe á gram torre, onde armas ajuntadas
Do exercito de Deos estão guardadas.

Aqui se guarda a lança que á serpente
Ferio de morte, e os dardos fulminantes,
E os que invisiveis vem trazendo á gente
Hórrida peste e males semelhantes:
Aqui pende do alto o grão tridente
Summo terror do mundo aos habitantes,
Quando acontece que da vasta terra
Abala o seio e as cidades aterra. (24)

Entre os arnezes fulgurar se via
Luzidissimo escudo de diamante:
Tão grande que os paizes cobriria
E povos entre o Caúcaso e o Altante;
Justos principes este, e toda pia
Casta cidade ampara mui constante.
Este o Anjo tomou, e occultamente
Do seu Raimundo ao lado está presente.

Cheios estavão já no entanto os muros
De vária turba, e o bárbaro tyranno
Manda Clorinda e instructos, que seguros
Fiquem, sem vir de a meio o morro ao plano.

Dall' altro lato in ordine ridutte
Alcune schiere de' Cristiani stanno:
E largamente a' duo campioni il campo
Voto riman fra l' uno e l' altro campo.

Mirava Argante, e non vedea Tancredi;
Ma d' ignoto campion sembianze nove.
Fecesi il conte innanzi, e, quel che chiedi,
È, disse a lui, per tua ventura altrove.
Non superbir però, che me qui vedi
Apparecchiato a riprovar tue prove;
Ch' io di lui posso sostener la vice,
O venir come terzo a me qui lice.

Ne sorride il superbo, e gli risponde:
Che fa dunque Tancredi? e dove stassi?
Minaccia il ciel con le arme; e poi s' asconde,
Fidando sol ne' suoi fugaci passi?
Ma fugga pur nel centro, e n' mezzo l' onde;
Chè non fia loco, ove securo il lassi. —
Menti, replica l' altro, a dir che uom tale
Fugga da te; ch' assai di te più vale.

Freme il Circasso irato, e dice: or prendi
Del campo tu, ch' in vece sua t' accetto;
E tosto e' si parrà come difendi
L' alta follia del temerario detto.
Così mossero in giostra, e i colpi orrendi
Parimente drizzaro ambi all' elmetto:
E 'l buon Raimondo, ove mirò, scontrollo,
Nè dar gli fece nell' arcion pur crollo.

Do outro lado, ordenados com apuros,
Uns batalhões Christãos prevém o damno:
E largamente aos dous campiões o campo
Fica vasio entre um e outro Campo.

Olhava Argante, e Tancredo não via, (25)
Mas de ignoto campião novo semblante.
Chegou-se o Conde, e disse: em outra via
Está, por tua sorte, neste instante
Quem chamas tu; mas a soberba arria,
Que, para te provar, sou aqui bastante;
Pois suppri-lo bem posso, e, como cuido,
Qual terceiro aqui vir é permittido.

Sorri-se disso o ufano, e lhe responde:
Que faz então Tancredo? onde ha ficado?
Ameaça o céo co'as armas, e se esconde
Em seus fugazes passos só fiado?
Mas fuja embora, que no centro, e onde
No mar se occulte eu lhe darei cuidado. —
Mentes, lhe torna o outro; homem como esse,
De ti não foge, ao qual mui prevalece. —

Freme irado o Circassio, e: na peleja
Entra tu, diz-lhe; em seu lugar te aceito.
E depressa haverá de que se veja
Quão temerario é o dito, e louco o feito. —
Assim movem-se á justa, e ao elmo alveja
D'ambos o golpe horrivel e direito;
E deu Raimundo aonde pôz o intento,
Mas não lhe fez no arção nem movimento.

Dall' altra parte il fero Argante corse
(Fallo insolito a lui) l' arringo invano;
Chè 'l difensor celeste il colpo torse
Dal custodito cavalier cristiano.
Le labbra il crudo per furor si morse,
E ruppe l' asta bestemmiando al piano.
Poi tragge il ferro, e va contra Raimondo
Impetuoso al paragon secondo:

E 'l possente corsiero urta per dritto;
Quasi monton ch' al cozzo il capo abbassa.
Schiva Raimondo l' urto, al lato dritto
Piegando il corso, e 'l fere in fronte e passa.
Torna di novo il cavalier d' Egitto;
Ma quegli pur di novo a destra il lassa:
E pur su l' elmo il coglie, e' ndarno sempre;
Chè l' elmo adamantine avea le tempre.

Ma il feroce Pagan, che seco vuole
Più stretta zuffa, a lui s' avventa e serra.
L' altro, ch' al peso di sì vasta mole
Teme d' andar col suo destriero a terra,
Qui cede, ed indi assale; e par che vole,
Intornïando con girevol guerra:
E i lievi imperi il rápido cavallo
Segue del freno, e non pone orma in fallo.

Qual capitan ch' oppugni eccelsa torre
Infra paludi posta o in alto monte,
Mille áditi ritenta, e tutte scorre
L' arti e le vie; cotal s' aggira il conte:

De lá o fero Argante decorreu,
(Falha insolita nelle) a justa em vão;
Que o defensor celeste alli torceu
Seu golpe do guardado Heróe Christão.
O iniquo os labios de furor mordeu,
E quebrou blasfemando a lança ao chão.
Leva da espada, e vai contra Raimundo
Impetuoso ao porfiar segundo.

E o possante corsel lança direito,
Qual carneiro a marrar baixo se apresta.
Foge Raimundo ao choque do direito
Lado, e ao torto passar lhe fere a testa.
O Egypcio cavalleiro a novo feito
Volta, e á dextra de novo em falha resta
Pelo outro, que no elmo o colhe, e sempre
Em vão; pois deste adamantino é o tempre.

Mas o feroz Pagão, que mais chegado
Combate quer com elle, o assalta e cerra;
Este, que teme de ir, com tão pesado
Grande volume, c'o cavallo á terra,
Cede, e após accommette, assemelhado
A um voador na volteante guerra.
E o rápido cavallo, mal o avisa,
Presta-se ao freio, e em falso nunca pisa.

Qual capitão, que oppugne excelsa torre,
Entre lagôas posta ou alto monte,
Mil passos tenta, a artes mil recorre,
Tal ser do Conde o voltear se conte.

E, poichè non può scaglia all' armi torre,
Ch' ármano il petto e la superba fronte,
Fere i men forti arnesi, ed alla spada
Cerca tra ferro e ferro aprir la strada.

Ed in due parti o tre forate, e fatte
L' arme nemiche ha già tepide e rosse;
Ed egli ancor le sue conserva intatte,
Nè di cimier, nè d' un sol fregio scosse.
Argante indarno arrabbia, a voto batte,
E spande senza pro l' ire e le posse:
Non si stanca però: ma raddoppiando
Va tagli e punte, e si rinforza errando.

Alfin tra mille colpi il Saracino
Cala un fendente; e 'l conte è così presso,
Che forse il velocissimo Aquilino
Non sottraggeasi, e rimanéane oppresso:
Ma l' aiuto invisibile vicino
Non mancò lui di que! superno Messo,
Che stese il braccio, e tolse il fero crudo
Sovra il diamante del celeste scudo.

Frángesi il ferro allor, (ché non resiste
Di fucina mortal tempra terrena
Ad armi incorruttibili ed immiste
D' eterno fabbro) e cade in su l' arena.
Il Circasso, ch' andarne a terra ha viste
Minutissime parti, il crede appena;
Stupisce poi, scorta la mano inerme,
Ch' arme il campion nemico abbia sì ferme.

E como escama não tirar lhe occorre
Das que armão esse peito e altiva fronte,
Fere onde arnez ha menos forte; á espada
Busca entre ferro e ferro abrir a estrada.

E em duas ou tres partes trespassado
Tem as armas do imigo, em sangue quentes;
Elle as suas conserva em bom estado,
Nem de cimeira e ornatos carecentes.
Argante em vão debate-se enraivado,
E em vão forças despende e iras furentes:
Não se cansa porém, mas redobrando
Talhos e pontas, se reforça errando.

Ao fim de golpes mil o Sarracino
Cala um fendente, e o Conde é tão chegado,
Que talvez o celérrimo Aquilino
Não fugira, e ficára elle prostrado;
Mas não faltou-lhe o auxilio do divino
Mensageiro invisivel ao seu lado,
Que o braço estende e apanha o golpe rudo
Sobre o diamante do celeste escudo.

Quebra-se o ferro então (que não resiste
De mortal forja témpera mundana
A incorruptiveis armas em que existe
Pura a obra da dextra sobrehumana)
E ao chão cahe; o Circassio á quéda assiste
Dos fragmentos; mal crendo, inda se ufana.
Pasma depois, achando inerme o braço,
Que armas tenha o contrario de tal aço.

E ben rotta la spada aver si crede
Su l' altro scudo, ond' è colui difeso;
E 'l buon Raimondo ha la medesma fede
Chè non sa già chi sia dal ciel disceso.
Ma però ch' egli disarmata vede
La man nemica, si riman sospeso;
Chè stima ignobil palma e vili spoglie
Quelle ch' altrui con tal vantaggio uom toglie.

Prendi, volea già dirgli, un' altra spada,
Quando novo pensier nacque nel core:
Ch' alto scorno è de' suoi, dove egli cada,
Che di pubblica causa è difensore.
Così nè indegna a lui vittoria aggrada,
Nè in dubbio vuol porre il commune onore.
Mentre egli dubio stassi, Argante lancia,
Il pomo e l' else alla nemica guancia;

E in quel tempo medesmo il destrier punge,
E per venire a lotta oltra si caccia.
La percossa lanciata all' elmo giunge,
Sì che ne pesta al Tolosan la faccia:
Ma però nulla ei sbigottisce, e lunge
Ratto si svia dalle robuste braccia;
Ed impiaga la man ch' a dar di piglio
Venia più fera che ferino artiglio.

Poscia gira da questa a quella parte,
E rigirasi a questa, indi da quella;
E sempre, e quando riede e quando parte,
Fere il Pagan d' aspra percossa e fella.

E ter quebrado a espada elle bem crê
No escudo de que o outro é defendido;
E o bom Raimundo está na mesma fé,
Que ignora quem do céo tenha descido;
Porém, como elle desarmada vê
A mão imiga, pára suspendido,
Pois julga ignobil palma e vil pilhagem,
Despojo obtido c'uma tal vantagem.

E já ia dizer: — Toma outra espada, —
Quando n'alma lhe falla outro cuidado:
Que a sua gente fica envergonhada,
Se, defensor geral, fica prostrado.
Assim victoria indigna não lhe agrada,
Nem o nome commum quer arriscado;
E, emquanto incerto elle assim fica, Argante
Pomo e cabos arroja-lhe ao semblante;

E nesse mesmo tempo o corsel pica,
E avança, para a braços vir com elle.
Chega o lançado tiro ao elmo, e fica
Pisada ao Tolosão do rosto a pelle.
Mas este não se assusta, e só se applica
A fugir logo aos fortes braços delle,
E fere a mão que vem, que quasi o agarra
Mais fera ainda que ferina garra.

Gira desta depois a aquella parte,
E depois volta a esta, e logo a aquella,
E sempre quando torna, e quando parte,
Com feros golpes o Pagão flagella:

Quanto avea di vigor, quanto avea d' arte,
Quanto può sdegno antico, ira novella,
A danno del Circasso or tutto aduna;
E seco il ciel congiura e la fortuna.

Quei, di fine arme e di se stesso armato,
Ai gran colpi resiste, e nulla pave;
E par senza governo in mar turbato,
Rotte vele ed antenne, eccelsa nave,
Che pur contesto avendo ogni suo lato
Tenacemente di robusta trave,
Sdrusciti i fianchi al tempestoso flutto,
Non mostra ancor, nè si dispera in tutto.

Argante, il tuo periglio allor tal era,
Quando aiutarti Belzebù dispose.
Questi di cava nube ombra leggiera
(Mirabil mostro!) in forma d' uom compose;
E la sembianza di Clorinda altera
Gli finse, e l' armi ricche e luminose:
Diègli il parlare, e, senza mente, il noto
Suon della voce, 'l portamento e 'l moto.

Il simulacro ad Oradino, esperto
Sagittario famoso, andonne, e disse:
O famoso Oradin, ch' a segno certo,
Come a te piace, le quadrella affisse,
Ah! gran danno saria, s' uom di tal merto,
Difensor di Giudea, così morisse;
E di sue spoglie il suo nemico adorno,
Securo ne facesse a' suoi ritorno.

Quanto de vigor tinha, e quanto d'arte,
Quanto asca antiga póde, e ira sobre ella,
Tudo contra o Circassio agora aduna;
E estão com elle os Céos, mais a Fortuna.

D'armas finas, de si, aquelle armado,
Resiste aos grandes golpes, nada teme;
Parece sem governo em mar turbado
Alta náo já sem vergas e sem leme,
Que, de forte madeira em cada lado
Tenazmente travada, ao mar que freme,
Nenhum dos bordos seus mostra arrombado,
Nem desespera em todo do seu fado.

Tal era então o teu perigo, Argante,
Quando ajudar-te Belzebú dispunha.
Este uma leve sombra, semelhante
A homem (oh prodigio!) assim compunha
De cava nuve, e dava-lhe o semblante
De Clorinda; e brilhante e rica a punha
De armas; e deu-lhe falla, e o não ignoto
Som de voz, e, sem alma, o porte e o moto.

A falsa imagem a Oradim, esperto
Sagitario famoso, foi dizendo:
O' famoso Oradim que em ponto certo
Sempre ás frechas pregar sabes, querendo;
De morte tal, grão mal será de certo
Morrer quem vai Judéa defendendo,
E dos despojos seus voltar ornado
O seu imigo á gente do seu lado.

Qui fa prova dell' arte, e le saette
Tingi nel sangue del ladron francese;
Ch' oltra il perpetuo onor, vuò che n' aspette
Premio al gran fatto egual dal re cortese.
Così parlò; nè quegli in dubbio stette,
Tosto che 'l suon delle promesse intese:
Dalla grave faretra un quadrel prende,
E su l' arco l' adatta, e l' arco tende.

Sibila il teso nervo, e fuori spinto
Vola il pennuto stral per l' aria, e stride:
Ed a percuoter va dove del cinto
Si congiungon le fibbie e le divide:
Passa l' usbergo, e in sangue appena tinto,
Quivi si ferma, e sol la pelle incide;
Chè 'l celeste guerrier soffrir non volse
Ch' oltra passasse, e forza al colpo tolse.

Dall' usbergo lo stral si tragge il conte,
Ed ispicciarne fuori il sangue vede;
E con parlar pien di minacce ed onte
Rimpróvera al Pagan la rotta fede.
Il capitan, che non torcea la fronte
Dall' amato Raimondo, allor s' avvede
Che violato é il patto; e, perché grave
Stima la piaga, ne sospira e pave;

E con la fronte le sue genti altere,
E con la lingua a vendicarlo desta.
Vedi tosto inchinar giù le visiere,
Lentare e freni, e por le lance in resta,

Faze aqui prova da tua arte, e desse
Ladrão francez no sangue as settas tinge;
Que além de honra eternal te se offerece
Do Rei tal graça que o grão feito attinge.—
Assim fallou; e aquelle, do interesse
A voz ouvindo, duvidas não finge.
Na grave aljava de um farpão faz presa,
Logo o adapta no arco, e o arco entesa.

Sibila a tesa corda, e já soando
Vôa no ar a frecha que ella impelle,
E vai dar onde o cinto estão juntando
As fivellas, e as corta e aparta delle:
Passa a couraça, e o sangue só libando,
Alli pára, e sómente offende a pelle;
Que o celeste guerreiro não tolera
Que passe além, e a força ao golpe altera.

A frecha da couraça arranca o Conde,
E vê que fóra desta o sangue corre,
E com ameaços e baldões responde,
E ao Pagão da fé rota alto discorre.
Ao Chefe, que não deixa de olhar onde
Vai seu caro Raimundo, então occorre
Que o pacto é violado, e, porque teme
Ser grave a chaga, receiando geme;

E com a fronte a sua altiva gente
Desperta, e com as vozes, á vingança.
As viseiras calar vês de repente,
Affrouxar freios, pôr-se em ristre a lança,

E quasi in un sol punto alcune schiere
Da quella parte móversi e da questa.
Sparisce il campo; e la minuta polve
Con densi globi al ciel s' innalza e volve.

D' elmi e scudi percossi e d' aste infrante
Ne' primi scontri un gran romor s' aggira.
Là giacere un cavallo, e girne errante
Un altro là senza rettor si mira:
Qui giace un guerrier morto, e qui spirante
Altri singhiozza e geme, altri sospira.
Fera è la pugna; e quanto più si mesce
E strige insieme, più s' inaspra e cresce.

Salta Argante nel mezzo ágile e sciolto,
E toglie ad un guerrier ferrata mazza;
E rompendo lo stuol calcato e folto,
La rota intorno, e si fa larga piazza:
E sol cerca Raimondo, e in lui sol volto
Ha il ferro e l' ira impetuosa e pazza;
E, quasi ávido lupo, ei par che brame
Nelle viscere sue pascer la fame.

Ma duro ad impedir viengli il sentiero
E fero intoppo, acciò che il corso ei tardi.
Si trova incontra Ormano, e con Ruggiero
Di Balnavilla un Guido, e duo Gherardi.
Non cessa, non s' allenta, anzi è più fero,
Quanto ristretto è più da que' gagliardi;
Siccome a forza da rinchiuso loco
Se n' esce, e move alte ruine il foco.

E desta e aquella parte eis igualmente
De varios batalhões a hoste avança;
Desapparece o campo, e nuvem densa
De pó miudo ao céo volve-se immensa.

D'elmos, escudos e hastas em pedaços
Grande rumor ao primo encontro gira:
Lá jazer um cavallo, e a poucos passos
Outro vagar sem montador se mira;
Morto um bravo aqui jaz; com mortaes traços
Cá soluça e geme outro, e outro suspira:
Feroz é a pugna, e quanto mais se envolve
E aperta, mais se assanha e desenvolve.

Salta Argante no meio, agil, soltado,
E arrebata a um guerreiro a ferrea maça,
E rompendo o esquadrão denso e cerrado,
De roda a leva, e faz-se larga praça;
Só procura a Raimuudo, em quem voltado
Traz o ferro e a frenética ameaça;
E, quasi ávido lobo, ás suas sanhas
Quer faminto saciar nessas entranhas.

Mas travar-lhe o caminho um duro e fero
O'bice vem, e os passos fazer tardos.
Acha-se contra Ormano, e, com Rugero
De Balnavilla, um Guido e dous Guerardos.
Não cessa, não affrouxa, antes mais fero
É quanto o cercão mais esses galhardos;
Qual de lugar fechado á força logo
Se sahe e altas ruinas faz o fogo.

Uccide Ormanno, piaga Guido, atterra
Ruggiero infra gli estinti egro e languente:
Ma contra lui crescon le turbe, e 'l serra
D' uómini e d'arme cerchio aspro e pungente.
Mentre, in virtù di lui, pari la guerra
Si mantenea fra l' una e l' altra gente,
Il buon duce Buglion chiama il fratello,
Ed a lui dice: or movi il tuo drappello;

E là, dove battaglia è più mortale,
Váttene ad investir nel lato manco.
Quegli si mosse: e fu lo scontro tale,
Ond' egli urtò degli avversari il fianco,
Che parve il popol d' Asia imbelle e frale,
Nè potè sostener l' impeto Franco,
Che gli órdini disperde, e co' destrieri
L' insegne abbatte e insieme i cavalieri.

Dall' ímpeto medesmo in fuga è volto
Il destro corno; e non v' è alcun che faccia,
Fuor ch' Argante, difesa; a freno sciolto
Così il timor precípiti gli caccia.
Egli sol ferma il passo, e mostra il volto;
Nè chi con mani cento e cento braccia,
Cinquanta scudi inseme ed altrettante
Spade movesse, or più faria d' Argante.

Ei gli stocchi e le mazze, egli dell' aste
E de' corsieri l' ímpeto sostenta;
E solo par che 'ncontra tutti baste,
Ed or a questo, ed or a quel s' avventa.

A Ormano mata, fere a Guido, aterra
Rugero, que entre os mortos jaz languente:
Mais cresce a turba a contraria-lo, e o cerra
D'homens e armas um cerco asp'ro e pungente.
Emquanto igual por seu valor a guerra
Sustenta-se entre uma e outra gente,
O bom chefe Bulhão, o irmão chamando,
Lhe diz: agora tu move o teu bando.

E lá, onde ha maior batalha e morte,
Vai investir á esquerda ala com elle.
Este moveu-se, e o encontro foi tão forte,
Com que o inimigo flanqueou, que imbelle
E fraco o povo d'Asia é desta sorte,
Nem mais resiste ao Franco que o impelle,
E que a ordem desmancha, e c'os ligeiros
Corseis pendões abate e cavalleiros.

Derrotado do impulso é nessa volta
O dextro lado, e ninguem ha que faça,
Salvo Argante, defesa; a rédea solta
Tanto o temor velozes os rechassa.
Só elle pára o passo e a cara volta:
Nem quem mova cem mãos, emquanto embraça
'Scudos cincoenta, e mova semelhante
Copia de espadas, mais fará que Argante.

Dos estoques, das maças e das lanças,
E dos corseis a furia elle sustenta,
Quasi baste de mil contra as pujanças,
E ora a este, ora a aquelle assaltar tenta.

Peste ha le membra, e rotte l' armi e guaste,
E sudor versa e sangue, e par nol senta.
Ma così l' urta il popol denso e 'l preme,
Ch' al fin lo svolge, e seco il porta insieme.

Volge il tergo alla forza ed al furore
Di quel diluvio che 'l rapisce e 'l tira;
Ma non già d' uom che fugga ha i passi e l' core,
S' all' opre della mano il cor si mira:
Sèrbano ancora gli occhi il lor terrore,
E le minacce della sólita ira,
E cerca ritener con ogni prova
La fuggitiva turba, e nulla giova.

Non può far quel magnânimo ch' almeno
Sia lor fuga più tarda o più raccolta;
Chè non ha la paura arte nè freno,
Nè pregar qui, nè comandar s' ascolta.
Il pio Buglion, che i suoi pensieri appieno
Vede fortuna a favorir rivolta,
Segue della vittoria il lieto corso,
E invia novello ai vincitor soccorso.

E, se non che non era il dì che stritto
Dio negli eterni suoi decreti avea,
Quest' era forse il dì che 'l campo invitto
Delle sante fatiche al fin giungea:
Ma la schiera infernal, che 'n quel conflitto
La tirânnide sua cader vedea,
Sèndole ciò permesso, in un momento
L' aria in nubi ristrinse, e mosse il vento.

Pisado é o corpo, as malhas já sem tranças,
Sangue verte, e suor, e inda se alenta.
Mas tanto o denso povo o fórça e impelle,
Que emfim o arranca, e lá se vai com elle.

Volta as costas á força enfurecida
Do diluvio que o leva e o arrebata;
Mas alma e passos de homem em fugida
Não tem, se a alma vês no que a mão trata:
Inda em seus olhos o terror desbrida
Ameaços, que a constante ira desata,
E forceja conter a toda prova
A fugitiva turba, e nada estrova.

Nem póde esse magnánimo mais tarda
Tornar a fuga, nem mais ordenada;
Que arte ou freio ao espanto não retarda,
E instancia aqui nem ordem é escutada.
O pio Bulhão, que, em tudo, a sorte esguarda
Dos séus designios a favor voltada,
Prosegue da victoria o ledo curso,
E manda novo ao vencedor recurso.

E a não ser, que não era o dia escripto
Por Deos na eterna lei, que o decretára,
Talvez fôra esse o dia em que o invicto
Campo as santas fadigas completára.
Mas a horda infernal, que em tal conflicto
Á tyrannia sua cahir repara,
Sendo-lhe permittido, em um momento
Cerra em nuvens o ar e move o vento.

Dagli occhi dc' mortali un negro velo
Rapisce il giorno e 'l sole, e par che avvampi,
Negro vie più ch' orror d' inferno, il cielo;
Così fiammeggia infra baleni e lampi:
Frèmono i tuoni; e pioggia accolta in gelo
Si versa, e i paschi abbatte, e inonda i campi:
Schianta i rami il gran turbo, e par che crolli
Non pur le querce, ma la rocche e i colli.

L' acqua in un tempo, il vento e la tempesta
Negli occhi ai Franchi impetuosa fere;
E l' improvvisa violenza arresta
Con un terror quasi fatal le schiere.
La minor parte d' esse accolta resta
(Chè veder non le puote) alle bandiere.
Ma Clorinda, che quindi alquanto è lunge,
Prende opportuno il tempo, e 'l destrier punge.

Ella gridava ai suoi: per noi combatte,
Compagni, il cielo, e la giustizia aita:
Dall' ira sua le facce nostre intatte
Sono, e non è la destra indi impedita:
E nella fronte solo irato ei batte
Della nemica gente impaurita,
E la scote dell' arme, e della luce
La priva: andiamne pur, chè 'l Fato è duce.

Così spinge le genti; e, ricevendo
Sol nelle spalle l' impeto d' Inferno,
Urta i Francesi con assalto orrendo,
E i vani colpi lor si prende a scherno.

Aos olhos dos mortaes um negro véo
O sol e o dia rouba, e arder em lampos
Negro parece mais que inferno o céo,
Tal chameja em fuzis e entre relampos:
Roncão trovões, a chuva se verteu
Em gelo, e os pastos mata, e inunda os campos:
Leva o tufão os ramos, e arvoredos
Abala, e quasi os morros e os rochedos.

Juntos, a agua o vento e a tempestade
Na vista os Francos ferem furiosos;
E a subitanea impetuosidade
Com um terror fatal susta aos briosos.
Junto ás bandeiras (que as não vêm) metade
Não fica já de tantos valorosos.
Mas Clorinda, que dista um intervallo,
Aproveita a occasião, punge o cavallo.

Ella gritava aos seus: por nós combate,
Companheiros, o Céo, Justiça acode;
Ira delle não ha que nos maltrate
A cara, e o braço trabalhar bem póde:
Do imigo bando, enfurecido, bate
Sómente a fronte que o terror sacode,
E as armas lhe arrebata, e o quer privado
Da vista: Vamos pois, nos guia o Fado.

Assim impelle a gente, e recebendo
A infernal tempestade só nas costas,
Dá nos Francezes com assalto horrendo,
E as furias escarnece em falha postas.

Ed in quel tempo Argante anco volgendo,
Fa de' già vincitori aspro governo:
E quei lasciato il campo, a tutto corso
Volgono al ferro e alle procelle il dorso.

Percótono le spalle ai fuggitivi
L' ire immortali e le mortali spade:
E 'l sangue corre, e fa, commisto ai rivi
Della gran pioggia, rosseggiar le strade.
Qui tra' 'l vulgo de' morti e de' mal vivi,
E Pirro e 'l buon Ridolfo estinto cade:
Chè toglie a questo il fier Circasso l' alma,
E Clorinda di quello ha nobil palma.

Così fuggiano i Franchi; e di lor caccia
Non rimanéano i Siri anco o i Demoni.
Sol contra l' arme, e, contra ogni minaccia
Di gragnuole, di túrbini e di tuoni,
Volgea Goffredo la secura faccia,
Rampognando aspramente i suoi baroni;
E, fermo anzi la porta il gran cavallo,
Le genti sparse raccogliea nel vallo.

E bem due volte il corridor sospinse
Contra il feroce Argante, e lui ripresse;
Ed altrettante il nudo ferro spinse
Dove le turbe ostili eran più spesse:
Alfin con gli altri insieme ei si ristrinse
Dentro ai ripari, e la vittoria cesse.
Tornano allora i Saracini; e stanchi
Restan nel vallo e sbigottiti i Franchi.

No mesmo tempo Argante, atraz volvendo,
Os já vencentes vai cortando em postas:
A toda brida, o campo estes largando,
Vão ao ferro e á procella as costas dando.

No dorso vão ferindo os fugitivos
As iras immortaes, mortaes espadas:
Corre o sangue, e a gram chuva dá motivos
Que avermelhem seus rios as estradas.
Aqui, c'os mortos e os que estão mal vivos,
Pyrrho e Rudolpho o bom, dão as ossadas:
Pois tira a este o atroz Circassio a alma;
Do outro obtem Clorinda eximia palma.

Assim fugia o Franco; e em lhe dar caça,
Syrios, Demonios erão incessantes:
Só contra as armas e qualquer ameaça
De saraivas, tufões, raios troantes,
Volta Goffredo a cara ao medo escaça,
Lançando a seus barões ditos picantes;
E, parado ante a porta o grão cavallo,
Os debandados recolhia ao vallo.

E duas vezes o corsel metteu
Contra o feroz Argante, e o reprimio;
E outras tantas c'o ferro acommetteu
Onde as turbas hostis mais densas vio:
Nos reparos emfim se recolheu
C'os mais, e da victoria mão abrio.
Voltão então os Syrios, e cançados
Ficão no vallo os Francos aterrados.

Nè quivi ancor dell' órride procelle
Ponno a pieno schivar la forza e l' ira:
Ma sono estinte or queste faci, or quelle;
E per tutto entra l' acqua, e 'l vento spira:
Squarcia le tele, e spezza i pali, e svelle
Le tende intere, e lunge indi le gira:
La pioggia ai gridi, ai venti, ai tuon s' accorda
D' órribile armonia che 'l mondo assorda.

(TASSO. — Jerus. Liber. Canto VII.°)

Nem inda aqui das hórridas procellas
Podem bem subtrahir-se á força e á ira:
Apagão-se estas luzes, e ora aquellas,
E por tudo entra a agua; o vento espira,
E as têas rompe, quebra os páos, e velas
Faz das tendas que arranca, e ao longe as gira.
Chuva, ventos, trovões, gritos, horrendo
Formão concerto, o mundo ensurdecendo.

(TASSO. — JERUS. LIBERT. Canto VII.º)

MORTE EROICA DI SVENO,

NARRATA A GOFFREDO

DA UNO SCAMPATO DALL' ECCIDIO.

Sveno, del re de' Dani unico figlio,
Gloria e sostegno alla cadente etade,
Esser tra quei bramò, che 'l tuo consiglio
Seguendo, han cinto per Gesù le spade;
Nè timor di fatica o di periglio,
Nè vagghezza del regno, nè pietade
Del vecchio genitor, sì degno affetto
Intepidir nel generoso petto.

Lo spingeva un desio d' apprender l' arte
Della milizia faticosa e dura
Da te, sì nobil mastro; e sentia in parte
Sdegno e vergogna di sua fama oscura,
Già di Rinaldo il nome in ogni parte
Con gloria udendo in verdi anni matura:
Ma, più ch' altra cagione, il mosse il zelo
Non del terren, ma dell' onor del cielo.

MORTE HEROICA DE SUENO,

NARRADA A GOFFREDO

POR UM ESCAPADO DO EXCIDIO.

Sueno do Dano rei único nado, (26)
Apoio e gloria do cadente velho,
Ser desejou daquelles que hão pegado
Nas armas por Jesus, por teu conselho;
Nem affecto tão digno e sublimado
No generoso peito esfriar fê-lh'o
Ambição de reinar, nem píedade
Pelo seu genitor em velha idade.

Levou-o o anhelo de aprender a arte
De guerrear mui trabalhosa e dura
De ti, tão nobre mestre; e tinha em parte
Raiva e vergonha de uma fama obscura,
Já de Rinaldo ouvindo em qualquer parte,
Sôar a gloria em seu verdor madura:
Porém, causa maior, zelo o moveu,
Não por honra mortal, só sim do cêo.

Precipitò dunque gl' indugi, e tolse
Stuol di scelti compagni audace e fero;
E dritto in vêr la Tracia il cammin volse
Alla città che sede è dell' impero.
Qui il greco Augusto in sua magion l' accolse:
Qui poi giunse in tuo nome un messagiero.
Questi appien gli narrò come già presa
Fosse Antïóchia, e come poi difesa:

Difesa incontra al Perso. il qual con tanti
Uómini armati ad assediarvi mosse,
Che sembrava che d' arme e d' abitanti
Voto il gran regno suo rimaso fosse.
Di te gli disse, e poi narrò d' alquanti,
Sin ch' a Rinaldo giunse, e qui fermosse:
Contò l' ardita fuga, e ciò che poi
Fatto di glorïoso avea tra voi.

Soggiunse alfin come già il popol franco
Veniva a dar l' assalto a queste porte:
E invitò lui, ch' egli volesse almanco
Dell' última vittoria esser consorte.
Questo parlare al giovinetto fianco
Del fero Sveno è stimolo sì forte,
Ch' ogn' ora un lustro pargli infra' Pagani
Rotare il ferro, e insanguinar le mani.

Par che la sua viltà rimproverarsi
Senta nell' altrui gloria, e se ne rode;
E chi 'l consiglia, e chi 'l prega a fermarsi,
O che non esaudïsce, o che non ode.

Logo toda demora atropellando
Animoso alistou bando guerreiro;
E direito se á Thracia encaminhando
Na gram côrte do imperio entrou primeiro;
Do Grego Augusto alli hóspede estando,
Em teu nome chegou um mensageiro.
Este bem lhe contou como rendida
Fôra Antióchia, e como defendida.

Defendida do Persa que um ingente,
A sitia-la, exercito movêra.
E pareceu que de armas e de gente
Exhausto o reino seu remanecêra.
Fallou de ti e d'outros igualmente,
'Té que veio a Rinaldo, e aqui dissera,
Parando, a ousada fuga, e o que elle havia
Feito de grande aqui pós desse dia.

Accrescentou depois, que a Franca gente
Este muro atacar vinha em cohorte:
E o convidou, ao menos tão sómente,
Na ultima victoria a ser consorte.
Ao joven coração de Sueno ardente,
Este fallar é 'stimulo tão forte,
Que cada instante um lustro se lhe finge
Se a espada entre os Pagãos não leva e tinge. (27)

De vileza figura-se increpado
Na gloria alheia, e disso se consome;
E a quem lhe diz ou pede estê parado,
Não ouve, como que attenção não tome.

Rischio non teme, fuor che 'l non trovarsi
De' tuoi gran rischi a parte e di tua lode:
Questo gli sembra sol periglio grave;
Degli altri o nulla intende, o nulla pave.

Egli medesmo sua fortuna affretta,
Fortuna che noi tragge, e lui conduce;
Però ch' appena al suo partire aspetta
I primi rai della novella luce.
È per miglior la via più breve eletta;
Tale ei la stima, ch' è signore e duce:
Nè i passi più difficili, o i paesi
Schivar si cerca de' nemici offesi.

Or difetto di cibo, or cammin duro
Trovammo, or violenza, ed or agguati:
Ma tutti fur vinti i disagi, e furo
Or uccisi i nemici, ed or fugati.
Fatto avean ne' perigli ogni uom securo
Le vittorie, e insolenti i fortunati;
Quando un dì ci accampammo ove i confini
Non lunge erano omai de' Palestini.

Quivi da' precursori a noi vien detto
Ch' alto strépito d' arme avean sentito,
E viste insegne e indizj, onde han sospetto
Che sia vicino esército infinito.
Non pensier, non color, non cangia aspetto,
Non muta voce il signor nostro ardito;
Benchè molti vi sian, ch' al fero avviso
Tingan di bianca pallidezza il viso.

Riscos não teme, salvo o estar privado
De partilhar teus riscos, teu renome:
A isto só como a grão p'rigo attende;
Dos mais ou nada teme, ou nada entende.

Elle a si mesmo a sua sorte apressa,
Sorte que a nós arrasta e a elle guia;
Pois só tarda a partir té que amanheça
A nova aurora do seguinte dia.
A via mais abreviada é essa
Que escolhe elle, que é amo e nosso guia;
Nem de os passos fugir mais arriscados
Cuida, ou paiz de imigos provocados.

Ora falta de victo, ora encontramos
Máo caminho, ora assalto, ora emboscados,
Mas de quaesquer trabalhos triumphamos
Pondo os imigos mortos ou afastados.
Segurança nos p'rigos nós criamos,
Deu victoria insolencia aos fortunados:
Fomos emfim parar onde confina
Já não muito distante a Palestina.

Alli dos batedores nos vem dito (28)
Que alto de armas rumor tinhão ouvido;
Bandeiras visto, e indicios de infinito
Exército visinho, e assim hão crido.
Nem aspecto, nem côr muda, nem fito,
Nem voz então o nosso amo atrevido;
Bem que a muitos noticia semelhante
De branca pallidez tinja o semblante.

Ma dice: oh quale omai vicina abbiamo
Corona o di martirio o di vittoria!
L' una spero io ben più; ma non men bramo
L' altra, ove è maggior merto e pari gloria.
Questo campo, o fratelli, ove or noi siamo,
Fia tempio sacro ad immortal memoria,
In cui l' età futura additi e mostri
Le nostre sepolture, o i trofei nostri.

Così parla; e le guardie indi indi dispone,
E gli uffici comparte e la fatica;
Vuol ch' armato ognun giaccia; e non depone
Ei medesmo gli arnesi o la lorica.
Era la notte ancor nella stagione
Ch' è più del sonno e del silenzio amica,
Allorchè d' urli barbareschi udissi
Romor che giunse al cielo ed agli abissi.

Si grida: all' arme, all' arme; e Sveno, involto
Nell' arme, innanzi a tutti oltre si spinge;
E magnanimamente i lumi e 'l volto
Di color, d' ardimento infiamma e tinge.
Ecco siamo assaliti, e un cerchio folto
Da tutti i lati ne circonda e stringe;
E intorno un bosco abbiam d' aste e di spade,
E sovra noi di strali un nembro cade.

Nella pugna inegual (perocchè venti
Gli assalitori sono incontra ad uno)
Molti d' essi piagati, e molti spenti
Son da cieche ferite all' aer bruno.

Mas diz: Oh! qual emfim temos visinha
Corôa de martyrio ou de victoria!
A uma espero mais; mas tambem minha
Desejo a outra, igual em honra e gloria.
Irmãos, o campo em que pousar se vinha
Vai ser um templo de immortal memoria,
Onde mostrem ao dedo eras futuras
Nossos tropheos ou nossas sepulturas.

Assim falla; e dispõe gente de guarda,
E reparte os encargos e as fadigas;
Quer que cad'um armado durma, e guarda
Elle mesmo os arnezes e a loriga.
Estava a noite inda na hora tarda,
Que é mais do somno e do silencio amiga,
Quando se ouvio um bárbaro alarido
Céo e abysmo atroar com o estampido.

Grita-se: al arma, al arma; e Sueno, envolto
Em armas, já dos mais se arroja adiante,
E magnânimo ardil e desenvolto
Lhe inflamma e tinge os olhos, o semblante.
Eis-nos contra um assalto, e um mundo solto
Denso nos cerca e aperta n'um instante:
E entorno um bosque de hastas e de espadas
Temos, e em chuva frechas arrojadas.

Na pugna desigual (bem que travados
Vinte estão com um só os assaltantes)
Muitos delles feridos ou matados
São á cega nas trevas circumstantes.

Ma il número degli egri e de' cadenti
Fra l' ombre oscure non discerne alcuno:
Copre la notte i nostri danni, e l' opre
Della nostra virtute insieme copre.

Pur sì fra gli altri Sveno alza la fronte,
Ch' agevol è ch' ognun vedere il possa;
E nel buio le prove anco son conte
A chi vi mira, e l' incredibil possa.
Di sangue un rio, d' uomini uccisi un monte
D' ogni intorno gli fanno árgine e fossa;
E dovunque ne va, sembra che porte
Lo spavento negli occhi, e in man la morte.

Così pugnato fu sin che l' albore,
Rosseggiando nel ciel, già n' apparia.
Ma, poi che scosso fu il notturno orrore,
Che l' orror delle morti in sè copria,
La desïata luce a noi terrore
Con vista accrebbe dolorosa e ria;
Ché pien d' estinti il campo, e quasi tutta
Nostra gente vedemmo omai distrutta.

Duo mila fummo, e non siam cento. Or quando
Tanto sangue egli mira e tante morti,
Non so se 'l cor feroce al miserando
Spettácolo si turbi e si sconforti:
Ma già nol mostra; anzi la voce alzando,
Seguiam, ne grida, que' compagni forti,
Ch' al ciel, lunge dai laghi averni e stigi,
N' han segnati col sangue alti vestigi.

Porém nesses horrores tão cerrados
Ninguem conta feridos e expirantes;
Os nossos damnos cobre a noite, e cobre
Tambem do valor nosso o effeito nobre.

Mas tanto Sueno ergue entre os mais a fronte,
Que facil é que vê-lo qualquer possa;
Quem olha tem no escuro de que conte,
Quão incrivel valor o imigo acossa.
De sangue um rio, e gente morta um monte,
Lhe fazem em redor amparo e fossa;
E ondequer que elle vai, crês que transporte
Terror nos olhos, e nas mãos a morte.

Assim se combateu, té que a aurora
No céo já roxeando apparecia.
Mas, da noite o horror lançado fóra,
Que das mortes o horror em si cobria,
A desejada luz aterradora
E dolorosa vista nos trazia:
De mortos cheio o campo, e totalmente
Vimos quasi acabada a nossa gente.

Fomos dous mil, não somos cem. E quando
Tanto sangue elle vê e tanta morte,
Não sei se o fero peito ao miserando
'Spectáculo se turbe ou desconforte.
Mas não o mostra; antes a voz alçando,
Sigamos, diz, a nossa gente forte,
Que longe de avernaes lagos e estygios
Nos traça ao céo c'o sangue altos vestigios.

Disse; e lieto, cred' io, della vicina
Morte così nel cor, come al sembiante,
Incontra alla barbárica ruina
Portonne il petto intrépido e costante.
Tempra non sosterrebbe, ancor che fina
Fosse, e d' acciaio no, ma di diamante,
I feri colpi, onde egli il campo allaga;
E fatto è il corpo suo solo una piaga.

La vita no, ma la virtù sostenta
Quel cadávero indómito e feroce.
Ripercote percosso, non s' allenta;
Ma quanto offeso è più, tanto più noce.
Quanto ecco furïando a lui s' avventa
Uom grande, c' ha sembiante e guardo atroce;
E, dopo lunga ed ostinata guerra,
Con l' aita di molti, alfin l' atterra.

Cade il garzone invitto, (ahi caso amaro!)
Nè v' è fra noi chi vendicare il possa.
Voi chiamo in testimonio, o del mio caro
Signor sangue ben sparso e nobil' ossa,
Ch' allor non fui della mia vita avaro,
Nè schivai ferro, nè schivai percossa:
E, se piaciuto pur fosse là sopra
Ch' io vi morissi, il meritai con l' opra.

Fra gli estinti compagni io sol cadei
Vivo: nè vivo forse è chi mi pensi;
Nè de' nemici più cosa saprei
Ridir, sì tutti avea sopiti i sensi.

Disse; e ledo, assim creio, da imminente
Morte em sua alma como no semblante,
Contra o excidio do bárbaro torrente
Levou seu peito intrepido e constante.
Não sustentára têmpera excellente,
Fosse ella, d'aço não, mas de diamante,
Os feros golpes com que o campo allaga;
E feito é o corpo seu uma só chaga.

A vida não, mas o valor sustenta
Ao cadaver indómito e furioso:
Golpes reposta, e nada o desalenta,
Quanto offendido é mais, mais é damnoso.
Quando eis que furibundo se lhe aventa (29)
Um homem grande d'olho e rosto iroso;
E após d'uma obstinada e longa guerra,
De muitos ajudado, emfim o aterra.

Cahe o mancebo invicto (oh caso amaro!)
Nem o póde vingar algum dos nossos.
Testemunhas me sede, ó do meu caro
Senhor bem dado sangue e nobres ossos,
Que entao não fui da minha vida avaro,
Nem espada evitei, nem golpes grossos:
E, se que eu lá morresse o céo quizera,
Merecido m'o tinha o que eu fizera.

Dos mortos companheiros só no meio
Vivo eu cahi, nem vivo alguem me pensa.
Não direi mais do imigo, que não sei-o,
Tão dos sentidos foi a perda intensa.

Ma, poichè tornò il lume agli occhi miei,
Ch' eran d' atra caligine condensi,
Notte mi parve; ed allo sguardo fioco
S' offerse il vacillar d' un picciol foco.

Non rimaneva in me tanta virtude,
Ch' a discerner le cose io fossi presto;
Ma vedea come quei ch' or apre, or chiude
Gli occhi, mezzo tra' il sonno e l' esser desto:
E il duolo omai delle ferite crude
Più cominciava a fármisi molesto;
Chè l' inaspria l' aura notturna e 'l gelo,
In terra nuda e sotto aperto cielo.

Più e più ognor s' avvicinava intanto
Quel lume, e insieme un tácito bisbiglio;
Sì ch' a me giunse, e mi si pose accanto.
Alzo allor, benche' appena, il debil ciglio,
E veggio due vestiti in lungo manto
Tener due faci; e dirmi sento: o figlio,
Confida in quel Signor ch' a' pii sovviene,
E con la grazia i preghi altrui previene.

In tal guisa parlommi; indi la mano,
Benedicendo, sovra me distese;
E sussurrò con suon devoto e piano
Voci allor poco udite e meno intese.
Sorgi, poi disse: ed io leggiero e sano
Sorgo, e non sento le nemiche offese;
(Oh miracol gentile!) anzi mi sembra
Piene di vigor novo aver le membra.

Mas depois que outra vez a vista veio
Aos olhos, que cegou serração densa,
Noite me pareceu, e a fraca vista
Pequeno lume tremulante avista.

Já não ficava em mim vigor bastante
Que as cousas mui de prompto eu distinguisse;
Mas via como quem olhe, e no instante
Feixe o olho e acordando inda dormisse:
E das chagas crueis mais penetrante
Fazia a dôr que incómmodo eu sentisse;
Que a exasperava o ar da noite e o frio,
No chão nú, ao sereno e ao rocio.

Mais e mais cada vez se avisinhava
Esse lume, e c'um tácito sonido;
Te que chegou parando onde eu estava.
Alço da vista apenas o sentido,
E vejo a dous, que um grão manto trajava,
Com duas tochas; soa-me no ouvido:
Filho, confia no Senhor que abraça
Ao pio, e a prece lhe prevém co'a graça.

Desta sorte fallou-me; e abençoando,
Sobre mim sua mão vaï estendendo,
E murmura com som devoto e brando
Palavras que ouço mal, menos entendo.
Levanta-te, emfim diz: e eu me alçando
Acho-me leve e são, nada soffrendo;
(Oh milagre gentil!) antes parece
Que vigor novo aos membros se me accresce.

Stùpido lor riguardo, e non ben crede
L' anima sbigottita il certo e il vero;
Onde l' un d' essi a me: di poca fede,
Che dubbii? o che vaneggia il tuo pensiero?
Ve ace corpo è quel che 'n noi si vede:
Servi siam di Gesú, che 'l lusinghiero
Mondo e 'l suo falso dolce abbiam fuggito;
E qui viviamo in loco aspro e romito.

Me per ministro a tua salute eletto
Ha quel Signor che 'n ogni parte regna;
Chè per ignobil mezzo oprar effetto
Meraviglioso ed alto egli non sdegna:
Nè men vorrá che sì resti negletto
Quel corpo, in cui già visse alma si degna;
Lo qual con essa ancor, lùcido e leve
E immortal fatto, riunir si deve.

Dico il corpo di Sveno, a cui fia data
Tomba a tanto valor conveniente,
La qual a dito mostra ed onorata
Ancor sarà dalla futura gente.
Ma leva omai gli occhi alle stelle, e guata
Là splénder quella come un sol lucente:
Questa co' vivi raggi or ti conduce
Là dov' è il corpo del tuo nobil duce.

Allor vegg' io che dalla bella face,
Anzi dal sol notturno un raggio scende,
[illegible] dritto là dove il gran corpo giace,
[illegible]ureo tratto di pennel, si stende:

Attónito os encaro, e bem não crê
O espirito abalado o vero e certo:
E diz-me um delles: ó de pouca fé,
Que duvidas? que sonhas tão incerto?
Corpo real é o que em nós se vê:
De Jesus somos servos, que o deserto
Habitamos, fugindo o lisongeiro
Mundo, e o que tem de doce traiçoeiro.

A ti ministro de saude eleito
Fui do Senhor que em toda parte impera;
Que por orgão indigno obrar effeito
Prodigioso se digna, e d'alta esphera:
Nem quererá que fique sem respeito
O corpo em que tão digna alma vivêra;
O qual, com ella tambem claro e leve
E immortal feito, reunir-se deve.

Digo o corpo de Sueno, ao qual, sim, dada
Tumba será ao grão valor decente,
E que ao dedo ha de vir a ser mostrada
E ainda honrada da futura gente.
Mas nas estrellas põe a vista alçada,
E olha aquella brilhar qual sol luzente:
C'os vivos raios esta lá te guia
Onde está o corpo do teu nobre guia.

Então eu vejo que do lindo lume,
Antes do sol nocturno, um raio desce,
Que onde o grão corpo jaz (quasi se aprume),
Chega, e aureo traço de pincel parece:

E sovra lui tal lume e tanto face,
Ch' ogni sua piaga ne sfavilla e splende;
E súbito da me si raffigura
Nella sanguigna orribile mistura.

Giacea, prono non già, ma, come volto
Ebbe sempre alle stelle il suo desire,
Dritto ei teneva inverso il cielo il volto,
In guisa d' uom che pur là suso aspire.
Chiusa la destra, e 'l pugno avea raccolto,
E stretto il ferro, e in atto di ferire;
L' altra sul petto in modo úmile e pio
Si posa, e par che perdon chieggia a Dio.

Mentre io le piaghe sue lavo col pianto,
Nè però sfogo il duol che l' alma accora,
Gli aprì la chiusa destra il vecchio santo,
E 'l ferro che stringea tráttone fuora,
Questa, a me disse, ch' oggi sparso ha tanto
Sangue nemico, e n' è vermiglia ancora,
È, come sai, perfetta, e non è forse
Altra spada che debba a lei preporse.

Onde piace lassù, che s' or la parte
Dal suo primo signore acerba morte,
Ozïosa non resti in questa parte;
Ma di man passi in mano ardita e forte,
Che l' usi poi con egual forza ed arte,
Ma più lunga stagion con lieta sorte;
E con lei faccia, perchè a lei s' aspetta,
Di chi Sveno le uccise aspra vendetta.

E tal sobre elle, e tanto luz, que assume
Cada chaga grão brilho, e resplandece;
E logo o conheci pela figura,
Na sanguinosa e hórrida mistura.

Jazia, prono não, mas, qual votado
Sempre às estrellas teve o seu desejo,
Tinha direito o rosto ao céo tornado
Como quem inda lá dirija o almejo.
Fechada tinha a dextra, e no cerrado
Punho inda a espada de ferir no ensejo;
A outra sobre o peito humilde e pia
No gesto, a Deos perdão inda pedia.

Emquanto as chagas lavo-lhe c'o pranto,
Mas sem soltar a dôr que me devora,
Abrio-lhe a mão fechada o velho santo,
E a espada que apertava extrahio fóra:
Esta, me disse, que vertido ha tanto
Sangue imigo, que rubro ainda a cora,
Perfeita é, como sabes, e outra espada
Talvez não ha que mais seja estimada.

Por isso praz ao Céo, que, inda que a aparte
Do seu primeiro dono acerba morte,
Ociosa não fique nesta parte,
Mas de mão passe a mão ousada e forte,
Que a empregue após com igual força e arte,
Mas por tempo maior com leda sorte;
E que faça com ella (é sua herança),
De quem Sueno matou-lhe alta vingança.

Soliman Sveno uccise; e Solimano
Dee per la spada sua restarne ucciso.
Préndila dunque, e vanne ove il cristiano
Campo fia intorno all' alte mura assiso:
E non temer che nel paese estrano
Ti sia il sentier di novo anco preciso;
Chè t' agevolerà per l' aspra via
L' alta destra di lui ch' or là t' invia.

Quivi egli vuol che da cotesta voce,
Che viva in te serbò, si manifesti
La pietade, il valor, l' ardir feroce
Che nel diletto tuo signor vedesti;
Perchè a segnar della purpurea croce
L' arme con tale esempio altri si desti;
Ed ora, e dopo un corso anco di lustri,
Inflammati ne sian gli ánimi illustri.

Resta che sappia tu chi sia colui
Che deve della spada esser erede.
Questi è Rinaldo, il giovinetto a cui
Il pregio di fortezza ogn' altro cede.
A lui la porgi; e di' che sol da lui
L' alta vendetta il cielo e 'l mondo chiede.
Or, mentre io le sue voci intento ascolto,
Fui da miracol novo a sè rivolto:

Chè là, dove il cadávero giacea,
Ebbi improvviso un gran sepolcro scorto,
Che, sorgendo, rischiuso in se l' avea,
Come non so, nè con qual' arte sorto;

Foi Solimão quem matou Sueno, e deste
Solimão morrer deve pela espada;
Recebe-a pois e vai aonde investe
O Christão Campo o alto muro: e nada
Temas, que no paiz que não correste,
De novo a senda seja-te cortada;
Que facil te fará a dura via
A excelsa dextra de quem lá te envia.

Alli quer este que da voz vivente,
Que em ti elle salvou, se manifeste
A piedade, o valor, o ardil furente
Que ver no caro teu senhor pudeste;
Para que tal exemplo a outra gente
Mova a illustrar da rubra cruz como este
As armas, e ora e após de longos annos
Se inflammem disso os ânimos sobranos.

Resta que saibas tu quem é aquelle
Que desta espada deve ser herdeiro.
Este é Rinaldo o jovenzinho; a elle
Cede em valor todo outro cavalleiro:
A elle a entrega, e dize, que só delle
Vingança exige o céo e o mundo inteiro. —
Ora, emquanto essa voz escuto attento,
A si me chama um novo alto portento.

Pois lá, onde o cadaver se estendêra,
Vi de improviso um túmulo elevado,
Que, surgindo, em seu seio o recolhêra,
Não sei como, com que arte levantado.

E in brevi note altrui vi si sponea
Il nome e la virtù del guerrier morto.
Io non sapea da tal vista levarmi,
Mirando ora le lettre, ed ora i marmi.

Qui, disse il vecchio, appresso ai fidi amici
Giacerà del tuo duce il corpo ascoso,
Mentre gli spirti, amando, in ciel felici
Godon perpetuo bene e glorïoso.
Ma tu col pianto omai gli estremi uffici
Pagato hai loro; e tempo è di riposo.
Oste mio ne sarai, sin ch' al vïaggio
Mattutin ti risvegli il novo raggio.

Tacque; e per lochi ora sublimi or cupi,
Mi scorse, onde a gran pena il fianco trassi;
Sinch' ove pende da selvagge rupi
Cava spelonca, raccogliemmo i passi.
Questo è il suo albergo: ivi fra gli orsi i lupi
Col discépolo suo sicuro stassi;
Chè difesa miglior, ch' usbergo e scudo,
É la santa innocenza al petto ignudo.

Silvestre cibo e duro letto pòrse
Quivi alle membra mie posa e ristoro.
Ma, poi ch' accesi in orïente scorse
I raggi del mattin purpurei e d' oro,
Vigilante ad orar súbito sorse
L' uno e l' altro eremita, ed io con loro.
Dal santo vecchio poi congedo tolsi,
E qui, dove egli consigliò, mi volsi.

(TASSO. — JERUS. LIBER. Canto VIII.º)

E em breves termos exarado hi era
O nome e o grão valor do heróe finado.
Dessa vista apartar-me eu não sabia,
Ora o mármore olhando, ora o que lia.

Aqui teu amo, junto aos fidos seus,
Dizia o velho, ficará pousando
O corpo, emquanto as almas lá nos céos,
Gloria e bem eternal gozão amando.
Mas o extremo dever c'os prantos teus
Pagaste-lhes; vai ora descançando.
Meu hóspede serás, té que á jornada
Te desperte o luzir da madrugada.

Calou-se, e por lugares elevados
E fundos me levou, que andei custando,
Até que de huns rochedos escarpados
Á caverna á final fomos chegando.
C'um alumno elle hi mora: e socegados
Entre os ursos e os lobos vão passando;
Que defesa, melhor que coura e escudo,
Ao peito inerme é a innocencia em tudo.

Alimento silvestre e duro leito
Derão descanço e alento ao corpo meu.
Mas vendo já purpureo e d'ouro feito
Dos raios da manhãa no oriente o céo.
Vigilantes, de orarem para o effeito,
Então se erguêrão, e com elles eu;
Emfim me despedi do santo velho,
E aqui vim ter, segundo o seu conselho.

(TASSO. — JERUS. LIBERT. Canto VIII.)

MORTE DI CLORINDA

IN

DUELLO CON TANCREDI.

Escon notturni e piani, e per lo colle
Uniti vanno a passo lungo e spesso;
Tanto che a quella parte, ove s' estolle
La macchina nemica, omai son presso.
Lor s' infiamman gli spirti, e 'l cor ne bolle,
Nè può tutto capir dentro a se stesso:
Gl' invita al foco, al sangue un fero sdegno:
Grida la guardia, e lor dimanda il segno.

Essi van cheti innanzi; onde la guarda,
All' arme all' arme, in alto suon raddoppia:
Ma più non si nasconde, e non è tarda
Al corso allor la generosa coppia.
In quel modo che fúlmine o bombarda,
Col lampeggiar tuona in un punto e scoppia,
Móvere ed arrivar, ferir lo stuolo,
Apirlo e penetrar, fu un punto solo.

MORTE DE CLORINDA

EM

DUELLO COM TANCREDO.

Sahem quedos de noite, e acompanhados (30)
Vão pelo morro a espesso e longo passo,
Tanto que no lugar estão chegados,
Onde a máchina imiga alta no espaço
Aereo surge. Fervem animados
Seus corações, e o peito achão escaço.
Feroz a fogo e sangue ira os empenha:
A guarda grita e lhes pergunta a senha.

Elles avanção quedos. Logo a guarda
Al arma, al arma em alto som rebrada.
Mas não se esconde mais, nem mais retarda
O generoso par sua avançada.
E quaes juntos do raio e da bombarda
Vem o fuzil, o estalo e a trovoada,
Partir, chegar, dar no esquadrão adiante,
Abri-lo e penetrar foi um instante.

38 *

E forza è pur che fra mill' arme e mille
Percosse il lor disegno alfin riesca.
Scopriro i chiusi lumi e le faville
S' appreser tosto all' accensibil esca,
Che' ai legni poi le avvolse, e compartille.
Chi può dir come serpa, e come cresca
Già da più lati il foco, e come folto
Turbi il fumo alle stelle il puro volto?

Vedi globi di fiamme oscure e miste
Fra le ruote del fumo in ciel girarsi.
Il vento soffia, e vigor fa ch' acquiste
L' incendio, e in un raccolga i fochi sparsi.
Fere il gran lume con terror le viste
De' Franchi, e tutti son presti ad armarsi.
La mole immensa, e sì temuta in guerra,
Cade; e breve ora opre sì lunghe atterra.

Due squadre de' Cristiani intanto al loco
Dove sorge l' incendio accorron pronte.
Minaccia Argante: io spegnerò quel foco
Col vostro sangue; e volge lor la fronte.
Pur ristretto a Clorinda a poco a poco
Cede, e raccoglie i passi a sommo il monte.
Cresce, più che torrente a lunga pioggia,
La turba, e li rincalza, e con lor poggia.

Aperta è l' aurea porta, e quivi tratto
È il rè, ch' armato il popol suo circonda,
Per raccorre i guerrier da sì gran fatto,
Quando al tornar fortuna abbian seconda.

Mas é forçoso ao fim levar o intento
Por armas mil, e golpes mil passando.
Sacão o occulto lume, e n'um momento
Na inflammavel materia andou pegando,
Que envolve em chammas o madeiramento.
Quem dirá como cresce, e vai lastrando
De mais lados o fogo, e como escuro.
Fumo ás estrellas turva o aspecto puro?

Vêm-se globos de chamma escura e mista
Entre rodas de fumo ao céo girar-se.
O vento sopra e faz que mais conquista
O incendio separado em ajuntar-se.
Fere o grão lume com terror a vista
Aos Francos, todos promptos em armar-se.
E a mole immensa e tão temida em guerra,
Cahe; e breve hora obra tão longa aterra.

Dous batalhões christãos acodem logo
Aonde o incendio surge-lhes defronte.
Ameaça Argante. — Eu matarei o fogo
C'o vosso sangue; — e a elles volta a fronte.
Mas, a Clorinda dando desafogo,
Cede, os passos recolhe e sobe o monte.
Cresce mais que torrente em grão chuveiro
A turba, e os segue acima pelo outeiro.

Abre-se a aurea porta, e alli, cercado
De povo em armas, o Sultão acode
Para acolher do feito assignalado
Os heróes, quando fausta a sorte rode:

Sàltano i duo sul limitare; e ratto
Di retro ad essi il franco stuol v' inonda:
Ma l' urta e scaccia Solimano; e chiusa
È poi la porta, e sol Clorinda esclusa.

Sola esclusa ne fu, perchè in quell' ora
Ch' altri serrò le porte, ella si mosse;
E corse ardente e incrudelita fuora
A punir Arimon, che la percosse.
Punillo: e 'l fero Argante avvisto ancora
Non s' era ch' ella si trascorsa fosse:
Chè la pugna e la calca e l' aer denso
Ai cor toglican la cura, agli occhi il senso.

Ma poi che intepidì la mente irata
Nel sangue del nemico, e in se rivenne,
Vide chiuse le porte, e intorniata
Sè da' nemici; e morta allor si tenne.
Pur, veggendo ch' alcuno in lei non guata,
Nov' arte di salvarsi le sovvenne:
Di lor gente s' infinge, e fra gl' ignoti
Cheta s' avvolge; e non è chi la noti.

Poi, come lupo tàcito s' imbosca
Dopo occulto misfatto, o si disvia;
Dalla confusïon, dall' aura fosca
Favorita e nascosa ella sen gia.
Solo Tancredi avvien che lei conosca:
Egli quivi è sorgiunto alquanto pria;
Vi giunse allor ch' essa Arimone uccise:
Vide e segnolla; e dietro a lei si mise.

Saltão os dous á porta, e arrebatado
O Franco bando inunda atraz; sacode
E afasta a este Solimão; e ainda
Fecha-se a porta; e fóra ha só Clorinda.

Só de fóra ficou, porque na hora
Em que a porta fechou-se ella voltára
Correndo exasperada para fóra
A punir Arimão que a golpeara.
E o punio: mas não vira até agora
O fero Argante que ella se apartara;
Que tolhe a lucta, a chusma e o ar cerrado
Sentido ao olho, ao coração cuidado.

Mas quando arrefeceu a mente irada
No sangue do inimigo, e em si cahio,
Vio a porta fechada, e a si cercada
De gente imiga; e morta se advertio.
Mas de ninguem mais se não vendo olhada,
Nova arte de salvar-se lhe acudio.
Finge ser desse bando, e alli se mete
Entre ignotos; nem nisso alguem reflecte.

Qual embrenha-se o lobo acautelado
Depois de occulto crime, e se desvia;
Pela gram confusão, pelo ar cerrado
Favorecida e disfarçada ella hia.
Só de antemão Tancredo ali chegado
A reconhece; e lá chegado havia
Quando Arimão ella matára; e a vira
E assinalara; e atraz della seguira.

Vuol nell' armi provarla: un uom la stima
Degno, a cui sua virtù si paragone.
Va girando colei l' alpestre cima
Verso altra porta, ove d' entrar dispone.
Segue egli impetuoso; onde assai prima
Che giunga, in guisa avvien che d' armi suone,
Ch' ella si volge, e grida: o tu che porte,
Che corri sì? risponde: guerra e morte.

Guerra e morte avrai, disse; io non rifiuto
Dárlati, se la cerchi: e ferma attende.
Non vuol Tancredi, che pedon veduto
Ha il suo nemico, usar cavallo; e scende.
E impugna l' uno e l' altro il ferro acuto,
Ed aguzza l' orgoglio, e l' ire accende;
E vansi a ritrovar, non altrimenti
Che duo tori gelosi e d' ira ardenti.

Degne d' un chiaro sol, degne d' un pieno
Teatro, opre sarian sì memorande.
Notte, che nel profondo oscuro seno
Chiudesti e nell' obblio fatto sì grande,
Piacciati ch' io nel tragga, e 'n bel sereno
Alle future età lo spieghi e mande.
Viva la fama loro, e tra lor gloria
Splenda del fosco tuo l' alta memoria.

Non schivar, non parar, non ritirarsi
Voglion costor, nè qui destrezza ha parte,
Non danno i colpi or finti, or pieni, or scarsi;
Toglie l' ombra e 'l furor l' uso dell' arte.

Quer nas armas provâ-la: homem a estima
Digno a quem seu valôr possa igualar-se.
Ella dá voltas pelo monte acima
Para outra porta onde dispõe salvar-se.
Elle em segui-la os impetos anima,
E as armas soão antes de chegar-se,
Tal que voltada grita: — Oh! desta sorte
Corres! Que trazes? — Torna: — guerra e morte. —

Guerra e morte achará: eu não recuso
Dar-t'a, se a buscas, disse: e espera prompta.
Tancredo do cavallo fazer uso
Não quer, o imigo vendo a pé; desmonta.
Cad'um empunha o ferro não obtuso,
O orgulho assanha, e mui em raiva monta;
E correm se encontrar, quaes dous ciosos
Touros sohem ardendo de raivosos.

Dignas de um claro sol, dignas de um cheio
Theatro, fóram obras tao famosas.
Noite, que no profundo escuro seio
Occultaste as acções tão prodigiosas,
Deixa que eu delle as tire, e que no meio
De evos futuros mande-as luminosas.
Viva o seu nome, e entre a sua gloria
Brilhe a do teu horror alta memoria.

Evitar, parar golpe, ou desviar-se
Não querem, nem destreza aqui tem parte.
Nem vão com golpes varios enganar-se;
Que impede a sombra e a furia usar da arte.

Odi le spade orribilmente urtarsi
A mezzo il ferro; il piè d' orma non parte:
Sempre è il piè fermo, e la man sempre in moto;
Nè scende taglio invan, nè punta a voto.

L' onta irrita lo lo sdegno alla vendetta;
E la vendetta poi l' onta rinnova:
Onde sempre al ferir, sempre alla fretta
Stimol novo s' aggiunge e cagion nova.
D' or in or più si mesce, e più ristretta
Sì fa la pugna; e spada oprar non giova:
Dansi co' pomi; e, infelloniti e crudi,
Cozzan con gli elmi insieme e con gli scudi.

Tre volte il cavalier la donna stringe
Con le robuste braccia; ed altrettante
Da que' nodi tenaci ella si scinge,
Nodi di fier nemico, e con d' amante.
Tórnano al ferro: e l' uno e l' altro il tinge
Con molte piaghe: e stanco ed anelante
E questi e quegli alfin pur si ritira,
E dopo lungo faticar respira.

L' un l' altro guarda, e del suo corpo esangue
Sul pomo della spada appoggia il peso.
Già del última stella il raggio langue
Al primo albor ch' è in oriente acceso,
Vede Tancredi in maggior copia il sangue
Del suo nemico, e sè non tanto offeso:
Ne gode e superbisce. Oh nostra folle
Mente, ch' ogn' aura di fortuna estolle!

Da folha ao meio horriveis encontrar-se
Ouvem-se os ferros, sem que pè se aparte.
Sempre é o pé firme, as mãos em movimento;
Nem desce corte em vão, nem ponta ao vento.

O insulto irrita ás iras á vingança.
E a vingança ao insulto após renova;
E assim sempre ao ferir, sempre se trança
A' pressa aguilhão novo, e causa nova.
A cada instante mais se agita e avança
A pugna, e falta á espada onde se mova:
Dão-se c'os pomos; e crueis, sanhudos, (31)
Marrão c'os elmos, luctão c'os escudos.

Tres vezes o varão a dama adstringe
Com os dous braços de vigor possante.
Ella dos firmes nós tres se descinge,
Nós de fero inimigo e não de amante.
Tornão á espada, e um e outro a tinge
Com mil chagas. e lasso e anhelante,
Quer um quer outro, emfim, eis se retira,
E após de longo fadigar respira.

Um olha ao outro, e do seu corpo exangue
Sobre o pomo da espada arrima o peso.
Já da ultima estrella o raio langue
Ao primo alvor já no Oriente acceso.
Tancredo adverte em menor copia o sangue
Do seu imigo, e menos a si leso;
E soberbo se alegra. Oh nossa falta
Mente, que uma aura de fortuna exalta!

Misero, di che godi? oh quanto mesti
Fiano i trionfi, ed infelice il vanto!
Gli occhi tuoi pagheran, se in vita resti,
Di quel sangue ogni stilla un mar di pianto.
Così, tacendo e rimirando, questi
Sanguinosi guerrier posaro alquanto.
Ruppe il silenzio alfin Tancredi, e disse,
Perchè il suo nome a lui l' altro scoprisse:

Nostra sventura è ben che qui s' impieghi
Tanto valor, dove silenzio il copra.
Ma, poichè sorte rea vien che ci neghi
E lode e testimon degno dell' opra,
Prégoti, se fra l' arme han loco i preghi,
Che 'l tuo nome e 'l tuo stato a me tu scopra;
Acciò ch' io sappia, o vinto o vincitore,
Chi la mia morte o la vittoria onore.

Risponde la feroce: indarno chiedi
Quel c' ho per uso di non far palese.
Ma, chiunque io mi si a tu innanzi vedi
Un di que' duo che la gran torre accese.
Arse di sdegno a quel parlar Tancredi,
E, in mal punto il dicesti, indi riprese;
Il tuo dir e 'l tacer di par m' alletta,
Bárbaro discortese, alla vendetta.

Torna l' ira ne' cori, e gli trasporta,
Benchè dèbili, in guerra. Oh fera pugna,
U' l' arte in bando, u' già la forza è morta,
Ove in vece d' entrambi il furor pugna!

Misero de que folgas?! Oh quão mestas
Ser-te-hão as glorias que te ufanão tanto!
Teus olhos pagárão, se em vida restas,
Cada gota de sangue, um mar de pranto.
Os sanguineos guerreiros parão nestas
Fórmas, callando e ambos olhando, um tanto.
Rompe o silencio emfim Tancredo, e falla
Para o nome saber do que se cala.

Nossa desgraça é bem, que aqui se empregue
Tanto valor onde silencio o cubra:
Mas como sorte má quer que se negue
Testemunho e louvor que isto descubra,
Peço, se entre armas o pedir consegue,
Teu nome e estado a mim se não encubra;
Para que eu vencedor saiba ou vencido
Quem me honrar a victoria, ou o ter morrido.

Responde-lhe a feroz: inutilmente
O que nunca digo eu se me reclama.
Porém seja eu quem fôr: tu vês presente
Um dos dous que a gram torre hão posto em chamma.
Tancredo, d'ira a ditos taes ardente, —
Em má hora o disseste, então exclama.
Teu dizer, teu callar, chamar alcança
Bárbaro descortez, minha vingança.

Torna o despeito, e os corações transporta,
Bem que debeis á guerra: (Oh fèra pugna!)
Em que a arte é banida, e a força é morta,
E em que por ambos o furor só pugna.

Oh che sanguigna e spaziosa porta
Fa l' una e l' altra spada, ovunque giugna,
Nell' arme e nelle carni! e se la vita
Non esce, sdegno tienla al petto unita,

Qual l' alto Egeo, perchè Aquilone o Noto
Cessi, che tutto prima il volse e scosse,
Non s' accheta però, ma 'l suono e 'l moto
Ritien dell' onde anco agitate e grosse:
Tal, sebben manca in lor col sangue voto
Quel vigor che le braccia ai colpi mosse,
Sérbano ancor l' impeto primo; e vanno,
Da quel sospinti, a giunger danno a danno.

Ma ecco omai l' ora fatale è giunta,
Che 'l viver di Clorinda al suo fin deve.
Spinge egli il ferro nel bel sen di punta,
Che vi s' immerge, e 'l sangue ávido beve;
E la vesta, che d' or vago trapunta,
Le mamelle stringea ténera e leve,
L' empie d' un caldo fiume. Ella già sente
Morirsi; e 'l piè le manca egro e languente.

Quel segue la vittoria, e la trafitta
Vérgine minacciando incalza e preme.
Ella, mentre cadea, la voce afflitta
Movendo, disse le parole estreme:
Parole ch' a lei novo un spirto ditta,
Spirto di fè, di carità, di speme:
Virtù ch' or Dio le infonde; e se rubella
In vita fu, la vuole in morte ancella.

Oh que sanguinea dilatada porta
Faz uma e outra espada aonde espugna,
Nas armas e nas carnes! e se a vida
Não sahe, a tem a raiva ao peito unida.

Qual o alto Egêo bem que Aquilão ou Noto
Cesse, que todo o tinha revolvido,
Nem por isso se acalma, e o som, e o moto
Retêm n'agua agitado e entumecido:
Tal, inda que c'o sangue exhausto e roto
Falta o vigor que os braços tem movido,
Inda o primeiro impulso elles levando,
Damno a damno vao ora acrescentando.

Mas a hora fatal eis já chegada
Que a vida de Clorinda ao seu fim deve.
No bello seio elle de ponta a espada
Mette, que entrando, o sangue ávida beve, (32)
E a veste, que de lindo ouro bordada
Os peitos apertava, e fina e leve,
Lhe enche um tépido rio: Ella se sente
Morrer; falta-lhe o pé fraco e tremente.

Elle segue a victoria, e mais se incita
Contra a virgem ferida, a impelle e opprime;
Ella, emquanto cahia, a voz afflicta
Solta, e as palavras últimas exprime;
Palavras que um espirito lhe dicta
Novo de fé, de espr'ança e amor sublime:
Virtudes, que ora Deos lhe infunde; e em vida
Se foi rebelde, em morte a quer rendida.

Amico, hai vinto: io ti perdon.... perdona
Tu ancora, al corpo no, che nulla pave,
All' alma sì: deh! per lei prega; e dona
Battesmo a me, ch' ogni mia colpa lave.
In queste voci lànguide risuona
Un non so che di flébile e soave,
Ch' al cor gli serpe, ed ogni sdegno ammorza,
E gli occhi a lagrimar gl' invoglia i sforza.

Poco quindi lontan nel sen del monte
Scaturia mormorando un picciol rio.
Egli v' accorse, e l' elmo empiè nel fonte,
E tornò mesto al grande ufficio e pio.
Tremar sentì la man mentre la fronte
Non conosciuta ancor sciolse e scoprio.
La vide. e la conobbe; e restó senza
E voce e moto. Ahi vista! ahi conoscenza!

Non morì già; chè sue virtuti accolse
Tutte in quel punto. e in guardia al cor le mise:
E, premendo il suo affanno, a dar si volse
Vita con l' acqua a chi col ferro uccise.
Mentre egli il suon de' sacri detti sciolse,
Colei di gioia trasmutossi, e rise;
E, in atto di morir lieto e vivace,
Dir parea: s' apre il cielo; io vado in pace.

D' un bel pallore ha il bianco volto asperso,
Come a' gigli sarian miste viole:
E gli occhi al cielo affisa; e in lei converso
Sembra per la pietade il cielo e 'l sole.

Venceste, amigo; eu te perdôo,... perdôa
Tambem; ao corpo não; nada lhe é grave;
A alma sim; ora por ella, e doa (33)
Baptismo a mim, que minhas culpas lave. —
E nestas vozes lânguidas resôa
Um não sei que de flebil e suave,
Que ao coração lhe corre, iras mitiga,
E ao pranto os olhos lhe enternece e obriga.

Pouco longe de alli, n' aba do monte,
Murmurando sahia um tenue rio.
Lá correu elle, e o elmo encheu na fonte,
E tornou mesto ao grande officio e pio.
Tremer sentio a mão, emquanto a fronte
Soltou, não conhecida, e a descobrio.
A vio, a conheceu; ficou-lhe incerta
A voz, o moto; oh vista! oh descoberta!

Não morreu não; que as forças no momento
Todas juntou seu coração guardando;
E, reprimindo o forte sentimento,
A quem com ferro elle matou, foi dando
Vida com agua. Ao dar-lhe o Sacramento, (34)
Ella se rio de júbilo folgando;
E, como quem expira alegremente,
Quasi diz: se abre o céo, eu vou contente.

Tem linda pallidez no branco rosto,
De violas com lirios qual mixtura;
Fixa os olhos no céo, e já disposto
Como que o céo e o sol vê-se á ternura.

E la man nuda e fredda alzando verso
Il cavaliero, in vece di parole,
Gli dà pegno di pace. In questa forma
Passa la bella donna, e par che dorma.

Come l' alma gentile uscita ei vede,
Rallenta quel vigor ch' avea raccolto:
E l' imperio di se libero cede
Al duol già fatto impetuoso e stolto,
Ch' al cor si stringe, e, chiusa in breve sede
La vita, empie di morte i sensi e 'l volto.
Già simile all' estinto il vivo langue,
Al colore, al silenzio, agli atti, al sangue.

E ben la vita sua sdegnosa e schiva,
Spezzando a forza il suo ritegno frale,
La bella ánima sciolta al fin seguiva,
Che poco innanzi a lei dispiega l' ale;
Ma quivi stuol di Franchi a caso arriva,
Cui trae bisogno d' acqua, o d' altro tale;
E con la donna il cavalier ne porta,
In se mal vivo, e morto in lei ch' è morta.

(TASSO. — JERUS. LIBER. Canto XII.º)

Ella a mão nua e fria erguendo tosto
Para o varão, em vez da voz escura,
Lhe dá penhôr de paz. Assim fallece
A bella virgem, e dormir parece.

Quando elle a alma gentil sahida vio,
Todo o vigor que recolhera abranda,
E cede de si mesmo o senhorio
A' dôr, que insana em seus transportes anda,
E aperta o coração: eis já fugio (35)
N'um ponto a vida, e ha morte em qualquer banda.
Já semelhante ao morto o vivo langue,
A' côr, aos actos, ao silencio, ao sangue.

E bem a vida ingrata e aborrecida,
Quebrando o fraco laço que a prendia,
Seguira essa bella alma desprendida,
Que pouco adiante della o vôo abria;
Mas de Francos lá chega uma partida,
Que sede, ou outro motivo alli trazia;
E a dama e o cavalleiro emfim transporta
Em si mal vivo, e morto na que é morta.

(TASSO. — JERUS. LIBERT. Canto XII.º)

LA REGGIA E IL GIARDINO

D'ARMIDA:

VITA EFFEMMINATA E FUGA DI RINALDO.

Tondo è il ricco edifizio; e nel più chiuso
Grembo di lui, ch' è quasi centro al giro,
Un giardin v' ha, ch' adorno è sovra l' uso
Di quanti più famosi unqua fioriro:
D' intorno inosservàbile e confuso
Ordin di logge i demon fabbri ordiro;
E, tra le obblique vie di quel fallace
Ravvolgimento, impenetrabil giace.

Per l' entrata maggior (perocchè cento
L' ampio albergo n' avea) passâr costoro.
Le porte qui d' effigïato argento
Su i càrdini stridean di lucid' oro.
Fermâr nelle figure il guardo intento;
Chè vinta la materia è dal lavoro.
Manca il parlar; di vivo altro non chiedi:
Nè manca questo ancor, s' agli occhi credi.

O PALACIO E O JARDIM

DE ARMIDA:

VIDA EFFEMINADA E FUGA DE RINALDO.

Redondo é rico alvergue, e no fechado (36)
Gremio, que é centro ao giro que lhe derão,
Um jardim ha estranhamente ornado
Mais que quantos famosos florecêrão.
Entorno, inobservavel e intricado
Laberinto os demonios lhe tecêrão,
E impenetravel fica alli no meio
Das tortas vias do fallaz rodeio.

Pela maior entrada (porque cento
O vasto alvergue tinha) elles passárão.
Alli as portas de esculpido argento
Em gonzos d'ouro lúcido soárão.
Nas figuras pozerão o olho attento;
Que obra ao metal superior repárão.
Falta o fallar: de vivo mais não queres;
Nem isso falta não, se á vista creres.

Mirasi qui fra le meonie ancelle
Favoleggiar con la conocchia Alcide:
Se l' inferno espugnò, resse le stelle,
Or torce il fuso: Amor se 'l guarda, e ride.
Mirasi Iole con la destra imbelle
Per ischerno trattar l' armi omicide;
E 'n dosso ha il cuoio del leon, che sembra
Rúvido troppo a sì ténere membra.

D' incontra è un mare; e di canuto flutto
Vedi spumanti i suoi cerulei campi:
Vedi nel mezzo un doppio órdine instrutto
Di navi e d' arme, e uscir dell' arme i lampi.
D' oro fiammeggia l' onda; e par che tutto
D' incendio marzïal Leucate avvampi.
Quinci Augusto i Romani; Antonio quindi
Trae l' Oriente, Egizi, Arabi ed Indi.

Svelte nuotar le Cicladi diresti
Per l' onde, e i monti co' gran monti urtarsi;
L' impeto è tanto, onde quei vanno e questi
Co' legni torreggianti ad incontrarsi.
Già volar faci e dardi, e già funesti
Vedi di nova strage i mari sparsi.
Ecco (nè punto ancor la pugna inchina)
Ecco fuggir la bárbara reina.

E fugge Antonio; e lasciar può la speme
Dell' imperio del mondo, ov' egli aspira.
Non fugge no, non teme il fier, non teme;
Ma segue lei che fugge, e seco il tira.

Entre as Meónias fâmulas se via
De róca Alcides, fábulas contando.
Se venceu ao inferno, e o céo regia,
Torce ora o fuso: ri-se Amor olhando.
Yole se vê andar por zombaria,
Co'a dextra imbelle as armas manejando;
E veste o couro do leão, que, para
Tão tenro corpo, aspérrimo se encara.

Defronte ha um mar, e de canutas vagas
Vês espumando os seus ceruleos campos.
Dupla ordem disposta nessas plagas
De náos e de armas vês, d'armas relampos.
De ouro chammeja a onda; e aonde vagas,
Tu vês Leucáte arder em marcios lampos.
Traz Augusto a Romulea; Antonio a gente
Egypcia, Arabe, Indiana, o Oriente.

Dirias que arrancadas vão nadando
As Cycladas no mar, e que esbarrar-se
Montes com montes vão, tão furiando
Vão as náos alterosas encontrar-se.
Dardos e fachos vês andar voando,
E de funesto excidio o mar coalhar-se.
Eis (nem inda o combate a mingoar vinha),
Eis já fugir a bárbara rainha.

E foge Antonio: e deixar póde a esp'rança
Do imperio do universo a que elle aspira;
Não foge não, não teme o fero ou cança;
Segue a que foge, e que comsigo o tira.

Vedresti lui, simile ad uom che freme
D' amore a um tempo e di vergogna e d' ira,
Mirar alternamente or la crudele
Pugna ch' è in dubbio, or le fuggenti vele.

Nelle latebre poi del Nilo occulto,
Attender pare in grembo a lei la morte;
E nel piacer d' un bel leggiadro volto
Sembra che 'l duro fato egli conforte.
Di cotai segni variato e scolto
Era il metallo delle regie porte.
I duo guerrier, poi che dal vago obbietto
Rivolser gli occhi, entrâr nel dubbio tetto.

Qual Meandro fra rive oblique e incerte
Scherza, e con dubbio corso or cala, or monta,
Queste acque ai fonti, e quelle al mar converte,
E mentre ei vien, sè, che ritorna, affronta;
Tali, e più inestricabili, conserte
Son questi vie; ma il libro in se le impronta,
(Il libro, don del mago) e d' esse in modo
Parla, che le risolve, e spiega il nodo.

Poi che lasciar gli avviluppati calli,
In lieto aspetto il bel giardin s' aperse:
Acque stagnanti, móbili cristalli,
Fior vari e varie piante, erbe diverse,
Apriche collinette, ombrose valli,
Selve e spelonche, in uma vista offerse;
E quel che 'l bello e 'l caro accresce all' opre,
L' arte, che tutto fa, nulla si scopre.

Andar o viràs tu á semelhança
De quem freme de amor, vergonha e ira,
Olhando alternamente a indecidida
Pugna, e as velas, que voão em fugida;

Do Nilo após nos antros recolhido,
Quasi esperar no gremio della a morte,
E no prazer de um rosto embellecido (37)
Parece achar conforto á dura sorte.
Variado de taes traços, e esculpido
Era o metal da entrada dessa côrte.
Os dous guerreiros, deste bello objecto
Tirada a vista, entrão no dubio tecto.

Qual Méandro em ribeira obliqua e incerta
Brinca, e com dubio curso ou desce ou monta,
E faz que esta agua á fonte, e ao mar se verta
Aquella, e a si, que vai fugindo, affronta;
Taes, e de fórma mais confusa e esperta,
São estas vias; mas o livro as conta,
(O livro, dom do mago) e tanto explica,
Que todas as resolve e notifica.

Deixadas já as vias intricadas,
Fez-se o ledo jardim então patente.
Cristaes correntes, aguas estagnadas,
Flores, plantas de especie differente,
Umbrosos valles, veigas elevadas,
Selvas, cavernas, tudo está presente.
E o que embelleza a obra e a encarece,
É que a arte, que a fez, se não conhece.

Stimi (sì misto il culto è col negletto)
Sol naturali e gli ornamenti e i siti.
Di natura arte par, che per diletto
L' imitatrice sua scherzando imitl.
L' aura, non ch' altro, è della maga effetto,
L' aura che rende gli álberi fioriti:
Co' fiori eterni eterno il frutto dura,
E mentre spunta l' un, l' altro matura.

Nel tronco istesso, e tra l' istessa foglia,
Sovra il nascente fico invecchia il fico:
Pèndono a un ramo, un con dorata spoglia,
L' altro con verde, il novo e 'l pomo antico.
Lussureggiante serpe alto e germoglia
La torta vite ov' è più l' orto aprico;
Qui l' uva ha in fiori acerba, e qui d'ôr l' have
O di piropo, e già di nettar grave.

Vezzosi augelli infra le verdi fronde
Temprano a prova lascivette note.
Mórmora l' aura, e fa le foglie e l' onde
Garrir, che variamente ella percuote.
Quando taccion gli augelli, alto risponde;
Quando cantan gli augei, più lieve scote:
Sia caso od arte, or accompagna, ed ora
Alterna i versi lor la música ôra.

Vola, fra gli altri, un che le piume ha sparte
Di color vari, ed ha purpnreo il rostro;
E lingua snoda in guisa larga, e parte
La voce sì, ch' assembra il sermon nostro.

Julgas (tão misto é o rude e o cultivado)
Só naturaes os sitios e ornamentos;
Arte os crês da Natura, que imitado
Tenha à que de imita-la tem intentos. (38)
O ar, como o de mais, da maga é dado,
O ar, que ás plantas dá florecimentos.
Co'a flor eterna eterno o fructo dura,
E emquanto uma desponta, outro madura.

No mesmo tronco e entre a mesma folha,
Sobre o figo nascente morre o figo:
Do mesmo ramo vê pender, quem olha,
Um verde, um aureo, o pomo novo, o antigo:
Sóbe viçosa serpeando, e abrolha
A vide onde o jardim mingoa de abrigo;
Aqui tem uva em flor azeda e feia,
Lá d'ouro e de rubim, de nectar cheia.

Bonitas aves travão na verdura
De lascivinhos cantos desafios;
Com vario impulso a aura, que murmura,
Faz as folhas fallar, fallar os rios.
Callando as aves, sua voz apura;
Cantando as aves, faz seus sons macios
Seja arte ou acaso, a solfa harmoniosa
Lhes acompanha ou alterna a aura maviosa.

Vôa entre os mais, um pássaro com cores
Varias na pluma, e bico avermelhado;
Tão larga solta a lingua, e taes clamores
Articula, que imita um razoado.

Questo ivi allor continovò con arte
Tanto il parlar, che fu mirabil mostro:
Tacquero gli altri ad ascoltarlo intenti,
E fermaro i susurri in aria i venti.

Deh mira, egli cantò, spuntar la rosa
Dal verde suo modesta e verginella,
Che mezzo aperta ancora e mezzo ascosa,
Quanto si mostra men, tanto è più bella.
Ecco poi nudo il sen già baldanzosa
Dispiega: ecco poi langue, e non par quella;
Quella non par, che desïata avanti
Fu da mille donzelle e mille amanti.

Così trapassa al trapassar d' un giorno
Della vita mortale il fiore e 'l verde;
Nè, perchè faccia indietro April ritorno,
Sin rinfiora ella mai, nè si rinverde.
Cogliam la rosa in sul mattino adorno
Di questo dì, che tosto il seren perde;
Cogliam d' amor la rosa, amiamo or, quando
Esser si puote rïamato amando.

Tacque; e concorde degli augelli il coro,
Quasi approvando, il canto indi ripiglia:
Raddoppian le colombe i baci loro;
Ogni animal d' amar si riconsiglia:
Par che la dura quercia, 'l casto alloro,
E tutta la frondosa ampia famiglia,
Par che la terra e l' aria e formi e spiri
Dolcissimi d' amor sensi e sospiri.

Este tanto fallou, que um dos maiores
Portentos foi em artes apurado.
Callárão-se os demais a ouvi-lo attentos;
No ar parárão seu sussurro os ventos.

Ah! vêde, elle cantou, sahir a rosa
Do seu botão modesta, inda donzella,
Que mal aberta ainda e receiosa,
Quanto menos se mostra inda é mais bella.
Ei-la o nu seio abrir logo ardilosa;
Ei-la morrer, e não parece aquella,
Aquella não parece, qùe foi antes
Das donzellas delicia e dos amantes.

Assim se passa no passar de um dia
Desta vida mortal a flor e o verde;
Nem por voltar Abril outra vez cria
As flores, nem jàmais torna a ser verde.
Colhamos pois a rosa de hoje em dia,
Na manhãa, que o sereno logo perde;
De amor colha-se a rosa, e ame-se, quando
Ora se póde ser amado amando.

Callou-se; e acorde o côró de mil aves,
Como approvando, o canto recomeça:
Dobrão as pombas seus beijos suaves:
Todo animal de amores se interessa.
Os castos louros, os carvalhos graves,
Toda a frondosa ampla familia espessa
O ar, a terra, tudo fórma, e espira
Ternuras mil, tudo de amor suspira.

Fra melodia sì ténera, e fra tante
Vaghezze allettratrici e lusinghiere,
Va quella coppia; e rigida e costante,
Se stessa indura ai vezzi del piacere.
Ecco tra fronde e fronde il guardo avante
Pénetra e vede, o pargli di vedere;
Vede pur certo il vago e la diletta,
Ch' egli è in grembo alla donna, essa all' erbetta.

Ella dinanzi al petto ha il vel diviso,
E 'l crin sparge incomposto al vento estivo:
Langue per vezzo, e 'l suo infiammato viso
Fan biancheggiando i bei sudor più vivo.
Qual raggio in onda, le scintilla un riso
Negli úmidi occhi trémulo e lascivo.
Sovra lui pende: ed ei nel grembo molle
Le posa il capo, e 'l volto al volto attolle:

E i famélici sguardi avidamente
In lei pascendo, si consuma e strugge.
S' inchina, e i dolci baci ella sovente
Liba or dagli occhi, e dalle labbra or sugge,
Ed in quel punto ei sospirar si sente
Profondo sì, che pensi: or l' alma fugge,
E 'n lei trapassa peregrina. Ascosi
Mirano i duo guerrier gli atti amorosi.

Dal fianco dell' amante (estranio arnese)
Un cristallo pendea lucido e netto.
Sorse, e quel fra le mani a lui sospese,
Ai misteri d' amor ministro eletto.

Entre tão terna melodia e tantas
Bellezas lisongeiras, deleitosas,
Rigido e firme move o par as plantas,
Resistindo a attractivas cariciosas.
Eis o olho dos ramos entre as mantas
Penetra, e cousas vê não duvidosas;
Vê, sim, o amante e a sua queridinha,
Um no regaço desta, outra na hervinha.

Ella tem sobre o peito o véo diviso,
E dá solto o cabello ao vento estivo:
Chora de mimo, e seu acceso viso
Bello suor faz com o alvor mais vivo.
Qual o sol n'agua, lhe scintilla um riso
Na húmida vista trêmulo e lascivo;
Sobre elle pende; elle no gremio brando
Põe a cabeça, cara a cara estando.

E seu sôffrego olhar avidamente
Nella fartando, se consome e fina;
E doces beijos liba assiduamente
Dos labios e olhos ella que se inclina.
Elle tão alto suspirar se sente,
Que dizes: vai-se a alma, e peregrina
Nella traspassa. Espreitão cautelosos
Os dous heróes os actos amorosos.

Do lado desse amante um cristal pende,
Estranho arnez, mui nitido e luzido:
Ergue-se ella, e entre as mãos delle o suspende,
Aos mysterios de amor traste escolhido.

Con luci ella ridenti, ei con accese,
Mirano in vari oggetti un solo oggetto:
Ella del vetro a se fa specchio, ed egli
Gli occhi di lei sereni a se fa spegli.

L' uno di servitù, l' altra d' impero
Si gloria; ella in se stessa, ed egli in lei.
Volgi, dicea, deh volgi, il cavaliero,
A me quegli occhi, onde beata bei;
Chè son, se tu nol sai, riratto vero
Delle belezze tue gl' incendii miei:
La forma lor, le meraviglie a pieno,
Più che 'l cristallo tuo, mostra il mio seno.

Deh! poichè sdegni me, com' egli è vago
Mirar tu almen potessi il proprio volto;
Chè 'l guardo tuo, ch' altrove non è pago,
Gioirebbe felice in se rivolto.
Non può specchio ritrar sì dolce immago,
Nè in picciol vetro è un paradiso accolto:
Specchio t' è degno il cielo, e nelle stelle
Puoi riguardar le tue sembianze belle.

Ride Armida a quel dir, ma non che cesse
Dal vagheggiarsi, o da' suoi bei lavori:
Poi che intrecciò le chiome, e che ripesse
Con ordin vago i lor lascivi errori,
Torse in anella i crin minuti, e in esse,
Quasi smalto su l' or, consparse i fiori;
E nel bel sen le peregrine rose
Giunse ai nativi gigli, e 'l vel compose.

Ella risonha, elle abrazado attende
Em dous a um só objecto c'o sentido.
Ella no vidro o espelho se aparelha,
Nos claros olhos della elle se espelha.

Este de servidão, de imperio aquella,
Ella em si, elle nella se gloria:
Ah! volve a mim, diz o guerreiro a ella,
Volve o olhar rico que ditosos cria:
Das bellezas que tens, copia singela
É, se o não sabes, sim, minha ardentia.
Dellas a fórma e maravilha em cheio,
Mais que este teu cristal mostra o meu seio.

Ah! pois a mim desdenhas, o teu rosto
Podesses ver tu mesma quanto é lindo!
Que o teu olhar, não pago onde ora é posto,
Folgára em para si se reflectindo.
Não torna espelho imagem de tal gosto, (39)
Pequeno vidro a um paraiso abrindo.
Teu digno espelho é o céo, e nas estrellas
De ti verás melhor imagens bellas.

Ri-se Armida a tal dito, não cessando
De se mirar, nem dos trabalhos bellos.
Após que ella trançou, e que, os atando,
Deu ordem nova aos lúbricos cabellos,
Fez anneis dos mais curtos, espalhando
Flores, qual ouro sobre esmalte, entre ellos:
Do bello seio aos lirios accresceu
Rosas estranhas, e compoz o véo.

Ne 'l superbo pavon sì vago in mostra
Spiega la pompa delle occhiute piume;
Nè l' Iride sì bella indora e inostra
Il curvo grembo e rugiadoso al lume.
Ma bel sovra ogni fregio il cinto mostra,
Che nè pur nuda ha di lasciar costume.
Diè corpo a chi non l' ebbe; e, quando il fece,
Tempre mischiò, ch' altrui mescer non lece.

Teneri sdegni, e placide e tranquille
Repulse, cari vezzi, e liete paci,
Sorrisi, parolette, e dolci stille
Di pianto, e sospir tronchi, e molli baci:
Fuse tai cose tutte, e poscia unille,
Ed al foco temprò di lente faci;
E ne formò quel sì mirabil cinto,
Di ch' ella aveva il bel fianco succinto.

Fine alfin posto al vagheggiar, richiede
A lui commiato, e l' bacia, e si diparte.
Ella per uso il dì n' esce, e rivede
Gli affari suoi, le sue màgiche carte.
Egli riman; chè a lui non si concede
Por orma o trar momento in altra parte:
E tra le fere spazia e tra le piante,
Se non quanto è con lei, romito amante.

Ma quando l' ombra co' silenzii amici
Rappella ai furti lor gli amanti accorti,
Tràggono le notturne ore felici
Sotto un tetto medesmo entro a quegli orti.

Nem o pavão soberbo abre em mais bella
Fórma a olhuda plumagem magestosa;
Nem a Iris no céo linda é como ella
Dourando a curva facha rociosa.
Mas bello sobre tudo é o cinto della,
Que nem despida larga, de cuidosa.
Deu corpo ao que o não tinha; e quando fê-lo,
Fez misto, que não pôde outrem fazê-lo.

Ternos enfados, mansas, socegadas
Repulsas, agradinhós, ledas pazes,
Sorrisos, palavrinhas e adoçadas
Lagrimas, molles beijos e fugazes
Suspiros; estas cousas ajuntadas
Fundio, e a lento fogo as pôz capazes;
E formou dellas o admiravel cinto
De que seu bello corpo era succinto.

Findado esse alinhar, se emfim despede (40)
Delle, e dando-lhe um beijo, ella se parte.
E o dia emprega, e sempre assim succede,
A exercer e estudar a mágica arte:
Elle fica; que não se lhe concede
Pôr pé ou passar tempo em outra parte;
E entre as plantas e as feras anda errante,
Salvo hi 'star ella, solitario amante.

Mas quando a sombra com silencio amigo
Chama aos furtos de amor quem tem finura,
Bellas horas nocturnas, ao abrigo
De um tecto, vão passando entre a verdura.

Or, poi che volta a più severi uffici
Lasciò Armida il giardino e i suoi diporti,
I duo, che tra i cespugli eran celati,
Scoprirsi, a lui pomposamente armati.

Qual feroce destrier, ch' al faticoso
Onor dell' arme vincitor sia tolto,
E lascivo marito, in vil riposo
Fra gli armenti e ne paschi erri disciolto;
Se 'l desta o suon di tromba, o luminoso
Acciar, colà tosto annitrendo è volto;
Già già brama l' arringo, e l' uom sul dorso
Portando urtato riurtar nel corso;

Tal si fece il garzon quando repente
Dell' arme il lampo gli occhi suoi percosse.
Quel sì guerrier, quel sì feroce ardente
Suo spirto a quel fulgor tutto si scosse,
Benchè tra gli agi mórbidi languente,
E tra i piaceri ebbro e sopito ei fosse.
Intanto Ubaldo oltra ne viene; e 'l terso
Adamantino scudô ha in lui converso.

Egli al lúcido scudo il guardo gira:
Onde si specchia in lui qual siasi, e quanto
Con delicato culto adorno; spira
Tutto, odori e lascivie il crine e 'l manto;
E 'l ferro, il ferro aver, non ch' altro, mira
Dal troppo lusso effeminato accanto:
Guernito è sì, ch' inútile ornamento
Sembra, non militar fero instrumento.

Quando, para tratar mais serio artigo,
Deixa Armida o jardim, e a leda cura,
Os dous, que erão das ramas occultados,
Se lhe mostrárão ricamente armados.

Qual ginete feroz que, á fadigosa
Honra das armas vencedor roubado,
Em vil ocio, marido luxurioso,
Vague solto nos pastos e entre o gado;
Se accorda-o som de tromba ou luminoso
Aço, relincha logo alli voltado;
Já deseja o combate, e o homem tendo
No dorso, empurros repostar correndo;

Tal fez-se o moço quando de repente
Das armas o fuzil lhe dardejou;
E esse tão fero, tão altivo e ardente
Seu esp'rito ao fulgor todo acordou,
Bem que entre usos femineos tão languente
Na embriaguez do prazer que o sopitou.
Entanto Ubaldo avança, e lhe põe diante
O adamantino escudo scintillante.

Elle ao lúcido escudo o esguardo gira:
Nelle se espelha, e vê qual fica, e quanto,
Com molle culto enfeitadinho: espira
Toda cheiro e lascivia a coma e o manto;
E o ferro, o ferro, além tudo, mira
Do nimio luxo afeminado, e tanto
Guarnecido ao seu lado, que ornamento
Vão parece, e não béllico instrumento.

Qual uom da cupo e grave sonno oppresso,
Dopo vaneggiar lungo in se riviene;
Tale ei tornò nel rimirar se stesso:
Ma se stesso mirar già non sostiene.
Giù cala il guardò; e timido e dimesso,
Guardando a terra, la vergogna il tiene.
Si chiuderebbe sotto il mare, e dentro
Il foco, per celarsi, e giù nel centro.

Ubaldo incominciò parlando allora:
Va l' Asia tutta e va l' Europa in guerra;
Chiunque pregio brama, e Cristo adora,
Travaglia in arme or nella siria terra:
Te solo, o figlio di Bertoldo, fuora
Del mondo, in ozio, un breve ángolo serra:
Te sol dell' universo il moto nulla
Move, egregio campion d' una fanciulla.

Qual sonno o qual letargo ha sì sopita
La tua virtude? o qual viltà l' alletta?
Su su: te il campo, e te Goffredo invita;
Te la fortuna e la vittoria aspetta.
Vieni, o fatal guerriero, e sia fornita
La ben comincia impressa; e l' empia setta,
Che già crollasti, a terra estinta cada
Sotto l' inevitabile tua spada.

Tacque; e 'l nobil garzon restò per poco
Spazio confuso, e senza moto e voce:
Ma, poi chè diè vergogna a sdegno loco,
Sdegno guerrier della ragion feroce,

Qual homem de alto somno entorpecido,
Que accorda após de muito haver sonhado,
Tal ficou elle, em si pondo o sentido;
Mas não supporta olhar seu proprio estado:
Abaixa o esguardo e timido e abatido,
Olhando ao chão, o fixa envergonhado.
Do mar no fundo se encerrára, e dentro
Do fogo se occultára, e em imo centro.

Então Ubaldo foi dizendo: Agora
Anda a Asia toda e toda a Europa em guerra:
Quemquer que á gloria aspira e Christo adora,
Vai com armas lidar na Syria terra;
E a ti, ó filho de Bertholdo, fóra
Do mundo, em ocio um breve canto encerra.
Do mundo o movimento a ti sómente
Não move, de uma moça heróe valente.

Que somno, que lethargo entorpecêrão
Teu valor? que vileza ora o deleita?
Goffredo e o Campo eia te chama, e esperão
A fortuna e a victoria; o envite aceita.
Vem, guerreiro que os fados escolhêrão,
Conclua-se a empreza começada; e a seita
Iniqua, que abalaste, emfim prostrada,
Succumba á inevitavel tua espada.

Callou-se: e o nobre moço um breve instante
Mudo e immovel ficou, de conturbado:
Mas quando o pejo deu lugar bastante
Ao fero da razão guerreiro enfado,

E, do rosto ao rubor, mais chammejante
Fogo seguio-se de um ardor dobrado,
Rasgou as gallas vãas, e essas indinas
Pompas, de servidão miseras sinas;

E apressou-se a partir, e já sahio
Da torta confusão do laberinto.
Da regia porta entanto Armida vio,
Jazer prostrado o fero guarda extincto:
Suspeitou logo, e após bem advertio,
Que o seu caro sahira do recinto:
E o vio, (oh fera vista!) pressuroso
Deixar-se atraz o alvergue deleitoso.

(TASSO. — JERUS. LIBERT. Canto XVI.º)

PERÍCOLO DI SILVIA,

LA QUALE

È LIBERATA DA AMINTA.

TIRSI.

Presentito avea Aminta (ed io fui, lasso!
Colui che riferillo, e che 'l condussi:
Or me ne pento) che Silvia dovea
Con Dafne ire a lavarsi ad una fonte:
Là dunque s' inviò dubbio ed incerto,
Mosso non dal suo cor, ma sol dal mio
Stimolar importuno; e spesso in forse
Fu di tornar indietro, ed io 'l sospinsi
Pur mal fuo grado innanzi. Or, quando omai
C' era il fonte vicino, ecco, sentiamo
Un femminil lamento, e quasi a un tempo
Dafne veggiam, che battea palma a palma;
La qual, come ci vide, alzó la voce:
Ah correte, gridò; Silvia è sforzata!
L' innamorato Aminta, che ciò intese,
Si spiccò com' un pardo, ed io seguillo.

PERIGO DE SILVIA,

A QUAL

É LIVRADA POR AMYNTHAS.

THYRSIS.

Tinha Amynthas sabido (e fui eu, triste! [41]
Quem disso o informou, e quem levou-o;
Já me arrependo) que Silvia devia
Ir com Daphne lavar-se a uma fonte;
Lá pois se encaminhou, timido, incerto,
Não por seu motu proprio, mas por minha
Suggestão importuna; e varias vezes
Para voltar esteve; eu para diante,
Pois não queria, o empurrei. Eis quando
Já perto a fonte nos estava, ouvimos
Um feminil lamento, e de improviso
Vimos a Daphne que batia palmas,
A qual mal vio a nós soltando um grito:
Ah! correi, exclamou, que Silvia ultrajão.
O namorado Amynthas que ouvio isso,
Partio veloz qual pardo, eu atraz delle.

Ecco miriamo a un árbore legata
La giovanetta ignuda come nacque,
Ed a legarla fune era il suo crine:
Il suo crine medesmo in mille nodi
Alla pianta era avvolto; e 'l suo bel cinto,
Che del sen virginal fu prìa custode,
Di quello stupro era ministro, ed ambe
Le mani al duro tronco le stringea;
E la pianta medesma avea prestati
Legami contra lei; ch' una ritorta
D' un pieghevole ramo avea a ciascuna
Delle tenere gambe. A fronte, a fronte
Un Sátiro villan noi le vedemmo,
Che di legarla pur allor finía.
Ella, quanto potea, faceva schermo:
Ma, che potuto avrebbe a lungo andare?
Aminta, con un dardo, che tenea
Nella man destra, al Sátiro avventossi
Come un leone; ed io frattanto pieno
M' avea di sassi il grembo: onde fuggissi.
Come la fuga dell' altro concesse
Spazio a lui di mirare, egli rivolse
I cúpidi occhi in quelle membra belle,
Che, come suole tremolare il latte
Ne' giunchi, sì parean morbide e bianche:
E tutto 'l vidi sfavillar nel viso.
Poscia accostossi pianamente a lei
Tutto modesto, e disse: O bella Silvia,
Perdona a queste man, se troppo ardire
È l' appressarsi alle tue dolci membra,
Perchè necessità dura le sforza;

Logo vemos a uma árvore amarrada
A tenra moça nua qual nasceu,
E de corda servira o seu cabello;
O seu mesmo cabello envolto estava
A planta com mil nós; seu bello cinto,
Que o seio virginal antes guardara,
Dessa deshonra era ministro, e ao duro
Tronco as mãos ambas 'stava-lhe apertando;
E a mesma árvore laços fornecêra
Contra ella, pois um ramo dobradiço
Feito em voltas prendia a cada uma
Das delicadas pernas. Cara a cara
Um Sátyro villão alli lhe vimos,
Que acabava então mesmo de amarra-la.
Ella quanto podia defendia-se;
Mas emfim que podéra fazer ella?
Amynthas com um dardo, que trazia
Na mão direita, ao Sátyro avançou-se
Como um leão; eu entretanto o seio
De pedras já me enchêra, e o tal fugio.
Como a fuga do outro a Amynthas désse
Tempo de reparar, elle volveu
Os olhos cobiçosos para os bellos
Membros, que, como tremular nos juncos
O leite sohe, assim alvos, macios
Mostravão-se: e o prazer lhe vi no rosto.
Logo chegou-se de vagar a ella
Todo modesto, e disse: O' bella Sylvia,
Perdoa a estas mãos, se nimia audacia
È o se chegarem aos teus doces membros,
Pois uma precisão dura as obriga;

Necessità di sciogliér questi nodi:
Nè questa grazia, che fortuna vuole
Conceder loro, tuo malgrado fia.

CORO.

Parole da ammollir un cor di lasso.
Ma, che rispose allor?

TIRSI.

Nulla rispose;
Ma, disdegnosa e vergognosa, a terra
Chinava il viso; e 'l delicato seno,
Quanto potea torcéndosi, celava.
Egli fattosi innanzi, il biondo crine
Cominciò a sviluppare, e disse intanto: —
Già di nodi sì bei non era degno
Così ruvido tronco: or, che vantaggio
Hanno i servi d' Amor, se lor commune
È con le piante il prezioso laccio?
Pianta crudel, potesti quel bel crine
Offender tu, ch' a te feo tanto onore? —
Quinci con le sue man le man le sciolse
In modo tal, che parea che temesse
Pur di toccarle, e desiasse insieme:
Si chinò poi, per islegarle i piedi:
Ma, come Silvia in libertà le mani
Si vide, disse in atto dispettoso: —
Pastor, non mi toccar; son di Diana:
Per me stessa saprò sciogliermi i piedi. —

CORO.

Or tanto orgoglio alberga in cor di ninfa!
Ahi, d' opra graziosa ingrato merto!

Precisão de soltar estes atilhos:
Nem esta graça, que a fortuna a ellas
Quer conceder, ao coração te pese.

CORO.

Palavras de amolgar peitos de pedra!
E então que respondeu?

THYRSIS.

Nada lhe disse;
Mas desdenhosa e envergonhada, o rosto
Baixava para o chão, e o tenro seio
Forcejava esconder em se torcendo.
Elle, mais se chegando, a loura coma
A soltar começou assim dizendo: —
Ah! de tão bellos nós não era digno
Um tronco tão grosseiro! e que vantagem
Levão de Amor os servos, se co'as plantas
Lhes é commum o precioso enlace?
Planta cruel, tu maltratar podeste
Esse lindo cabello, que tão grande
Honra te fez!? — Depois com as mãos suas
As mãos soltou-lhe, como quem temesse
Toca-las mesmo, e a hum tempo isso almejasse.
Abaixou-se depois para soltar-lhe
Os pés; mas quando Silvia de mãos soltas
Se vio, disse em acto despeitoso: —
Não me toques, pastor, sou de Diana;
Eu mesma saberei soltar-me as plantas. —

CORO.

Oh! tanto orgulho ha em coração de Nympha!
Ai, de cortez serviço ingrato premio!

TIRSI.

Ei si trasse in disparte riverente,
Non alzando pur gli occhi per mirar-la;
Negando a se medesmo il suo piacere,
Per torre a lei fatica di negarlo.
Io, che m' era nascoso, e vedea il tutto,
Ed udìa il tutto, allor fui per gridare:
Pur mi ritenni. Or odi strana cosa.
Dopo molta fatica ella si sciolse;
E, sciolta appena, senza dire Addio,
A fugir cominciò, com' una cerva;
E pur nulla cagione avea di tema,
Chè l' era noto il rispetto d' Aminta.

CORO.

Perchè dunque fuggissi?

TIRSI.

Alla sua fuga
Volse l' obbligo aver, non all' altrui
Modesto amore.

CORO.

Ed in quest' anco è ingrata.

(TASSO. — AMINTA.)

THYRSIS.

Elle apartou-se todo respeitoso,
Nem para olhar para ella alçando os olhos ;
A si mesmo negando o seu deleite
Para poupar-lhe de o negar a pena.
Eu que então me escondêra, e tudo vira,
E tudo ouvia, estive a dar um grito:
Mas me contive. Agora escuta e pasma.
Após muito trabalho ella soltou-se;
E apenas solta, sem dizer adeos,
A fugir começou como uma cerva.
E nada tinha a receiar com tudo,
Pois conhecia o respeito de Amynthas.

CORO.

Porque fugio então?

THYRSIS.

Á sua fuga
Quiz ficar obrigada, e não a alheio
Modesto amor.

CORO.

E tambem nisto é ingrata.

(TASSO, — AMYNTHAS.)

METASTASIO.

SQUARCI MORALI E SENTENZIOSI.

Esistenza ed Unità di Dio.

ACHIOR.

Troppo mal corrisponde (Ozia, perdona)
A' tuoi dolci costumi
Tal disprezzo ostentár de' nostri Numi.
Io così, tu lo sai,
Del tuo Dio non parlái.

OZIA.

Principe, è zelo
Quel che chiami rozzezza. In te conobbi
Chiari semi del vero; e m' affatico
A' farli germogliar.

ACHIOR.

Ma non ti basta
Ch' io vèneri il tuo Dio?

OZIA.

No: confessarlo
Unico per essenza
Debbe ciascuno, ed adorarlo solo.

METASTASIO.

TRECHOS MORAES E SENTENCIOSOS.

Existencia e Unidade de Deos.

ACHIOR.

Corresponde mui mal (perdoa Ozias)
Aos teus doces costumes
Tal desprezo ostentar por nossos Numes.
Assim, o sabes, eu
Nunca fallei do teu.

OZIAS.

Principe, é zelo
O que chamas rudez. Eu claros germens
Da verdade em ti vi; assim me canço
A os fazer germinar.

ACHIOR.

Mas te não basta
Que eu venere o teu Deos?

OZIAS.

Não; confessa-lo
Unico por essencia
Deve cad'um; só adorar a elle.

ACHIOR.

Ma chi solo l' afferma?

OZIA.

Il venerato
Consenso d' ogni età; degli avi nostri
La fida autorità; l' istesso Dio,
Di cui tu predicasti
I prodigi, il poter; che di sua bocca
Lo palesò; che, quando
Se medesmo descrisse,
Disse: *Io son quel che sono;* e tutto disse.

ACHIOR.

L' autorità de' tuoi produci in vano
Con me nemico.

OZIA.

E ben, con te nemico
L' autorità non vaglia. Uom peró sei,
La ragión ti convinca. A me rispondi
Con ánimo tranquillo. Il ver si cerchi.
Non la vittoria.

ACHIOR.

Io già t' ascolto.

OZIA.

Or dimmi:
Credi, Achïór, che possa
Cosa alcuna prodursi
Senza la sua cagión?

ACHIOR.

No.

ACHIOR.

Mas quem único o affirma?

OZIAS.

O venerando
Dos séculos consenso; a autoridade
Dos avós nossos; esse mesmo Deos
Do qual apregoaste
O poder, os prodigios; que por sua
Boca o mostrou: que quando
A si se descreveu,
Dizendo: *eu sou quem sou*, tudo expendeu.

ACHIOR.

Dos teus a autoridade em vão allegas
Comigo teu contrario.

OZIAS.

Pois não valha
Comtigo a autoridade; és porém homem,
Convença-te a razão; e com tranquillo
Animo me responde. Só busquemos
Verdade e não victoria.

ACHIOR.

Eu te ouço.

OZIAS.

Dize:
Pensas, Achior, que possa
Formar-se cousa alguma
Sem a sua causal?

ACHIOR.

Não.

OZIA.

D' una in altra
Passando col pensièr, non ti riduci
Qualche cagione a confessàr, da cui
Tutte dipéndan l' altre?

ACHIOR.

E ciò dimostra
Che v' è Dio; non che è solo. Ésser non ponno
Queste prime cagioni i nostri Dei?

OZIA.

Quali Dei, caro Prence? I tronchi, i marmi
Sculti da voi?

ACHIOR.

Ma se que' marmi a' saggi
Fósser simboli sol delle immortali
Essenze crëatrici, ancór diresti,
Che i miei Dei non son Dei?

OZIA.

Sì, perchè molti.

ACHIOR.

Io ripugnanza alcuna
Nel nùmero non veggo.

OZIA.

Éccola. Un Dio
Concepir non poss' io,
Se perfetto non è.

ACHIOR.

Giusto è il concetto.

OZIAS.

De uma a outra
Passando com a idéa, emfim, não chegas
Alguma causa a confessar, que della
Todas as mais dependão?

ACHIOR.

E isso mostra
Que ha Deos, mas não haver um só. Não podem
Ser nossos Deoses estas causas primas?

OZIAS.

Que Deoses, caro Principe? Estes troncos
E pedras que esculpis?

ACHIOR.

Mas se aos sisudos
Taes pedras só signaes fossem de essencias
Creadoras e eternas, dirás inda
Que os meus Deoses não são?

OZIAS.

Sim, porque muitos.

ACHIOR.

Eu repugnancia alguma
No número não vejo.

OZIAS.

Ei-la: nao posso
Immaginar um Deos
Se perfeito não é.

ACHIOR.

Pensas mui justo.

OZIA.

Quando dissi perfetto,
Dissi infinito ancór.

ACHIOR.

L' un l'altro include;
Non si dà chi l' ignori.

OZIA.

Ma l' essenze, che adori,
Se son più, son distinte; e, se distinte,
Han confini fra lor. Dir dunque dei,
Che ha confin l' infinito, o non son Dei.

ACHIOR.

Da questi lacci, in cui
M' implìca il tuo parlár, cédasi al vero,
Disciógliermi non so; ma non per questo
Persüaso son io. D' arte ti cedo,
Non di ragione. E abbandonár non voglio
Gli dei che adoro, e vedo,
Per un Dio che non posso
Nè pure immaginár.

OZIA.

S' egli capisse
Nel nostro immaginár, Dio non sarebbe.
Chi potrà figurarlo? Egli di parti,
Come il corpo, non costa; egli in affetti,
Come l' ánime nostre,
Non è distincto; ei non soggiace a fórma,
Come tutto il crëato; e, se gli assegni
Parti, affetti, figura, il circonscrivi,
Perfezïón gli togli.

OZIAS.

Quando eu disse perfeito
Tambem disse infinito.

ACHIOR.

Isso se entende;
E não ha quem o ignore.

OZIAS.

As essencias que adoras,
Se muitas, são distinctas; se distinctas,
Tem confins entre si. Nisto presumes
Ter confins o infinito, ou não são Numes.

ACHIOR.

Destes laços, nos quaes
Me implicão teus discursos, é verdade,
Me não sei desbridar, mas nem por isto
Persuadido estou; cedo-te em arte,
Não em razão. E abandonar não quero
Deoses que adoro; e vejo,
Por um Deos que não posso
Nem mesmo imaginar.

OZIAS.

Se elle coubesse
No nosso imaginar, Deos não seria.
Quem póde figura-lo? Elle de partes
Não é formado como o corpo, e como
A nossa alma em affectos
Não é distincto, nem sujeito á fórma
Como todo o creado; e se lhe assignas
Partes, affectos, fórma, o circumscreves;
Tiras-lhe a perfeição.

ACHIOR.

E quando il chiami
Tu stesso e buono, e grande,
Nol circonscrivi allór?

OZIA.

No; buono il credo,
Ma senza qualità; grande, ma senza
Quantità, nè misura; ognór presente,
Senza sito, o confine; e, se in tal guisa
Qual sia non spiego, almén di lui non formo
Un' idéa che l' oltraggi.

ACHIOR.

È dunque vano
Lo sperár di vederlo.

OZIA.

Un dì potresti
Meglio fissarti in lui; ma puoi fra tanto
Vederlo ovunque vuoi.

ACHIOR.

Vederlo! E come?
Se immaginár nol so?

OZIA.

Come nel Sole
A fissár le pupille in vanno aspiri,
E pur sempre, e per tutto il Sol rimiri.
Se Dio vedér tu vuoi,
Guárdalo in ogni oggetto;
Cércalo nel tuo petto,
Lo troverái con te.

ACHIOR.

E quando o chamas
Tu mesmo, e bom e grande
Não o limitas tu?

OZIAS.

Não; bom o creio,
Porém sem qualidade; o creio grande
Mas sem medida ou quantidade, sempre
Presente, sem lugar e sem limite;
Se o não explico assim, delle não faço
Uma idéa ultrajante.

ACHIOR.

Então é inutil
A esperança de vê-lo?

OZIAS.

Um dia os olhos
Podéras fixar nelle: entanto podes (1)
Vê-lo aonde quizeres.

ACHIOR.

Vê-lo? e como,
Se idéa-lo não sei?

OZIAS.

Como teus olhos
Tu debalde no Sol fixar aspiras,
E sempre vês o Sol, ondequer miras.
Se Deos tu ver desejas,
Mira-o em cada objeito;
Procura-o no teu peito,
Comtigo elle estará.

43

E, se dov' ei dimora
Non intendesti ancora,
Confóndimi, se puoi;
Dimmi, dov' ei non è.

(METASTASIO. — BETULIA LIB.)

Prudenza e rassegnazione nella disgrazia.

TEMISTOCLE.

Che fai?

NEOCLE.

Lascia ch' io vada
Quel superbo a punir. Vedesti, o padre,
Come ascoltò le tue richieste? E quanti
Insulti mai dobbiám soffrir?

TEMISTOCLE.

Raffrena
Gli ardori intempestivi. Ancór supponi
D' èssere in Grecia, e di vedermi intorno
La turba adulatrice,
Che s' affolla a ciascùn, quando è felice?
Tutto, o Neocle, cambiò. Débbono i saggi
Adattarsi alla sorte. È del nemico
Questa la reggia: io non son più d' Atene
La speranza, e l' amór; mendico, ignoto,
Ésule, abbandonato,
Ramingo, discacciato

Se a ver-lhe a residencia
Não chega a intelligencia,
Confunde-me se podes;
Dize, onde não está.

(METASTASIO. — BETHULIA LIB.

Prudencia e resignação na desgraça.

THEMISTOCLES.

Que fazes?

NEOCLES.

Deixa eu corra
Punir esse soberbo. Tu não viste,
Meu pai, como escutou tuas perguntas?
Quantos insultos soffre emos?

THEMISTOCLES.

Calma
O fogo intempestivo. Inda suppões
Estar na Grecia, e ver-me ainda em roda
A turba aduladora
Que rodeia a qualquer na feliz hora?
Tudo Néocles mudou. Devem os sabios
Conformar-se co'a sorte. É do inimigo
Este o palacio; eu não sou mais de Athenas
A esperança e o amor: mendigo, ignoto,
Banido, abandonado
Errante desterrado,

Ogni cosa perdei; sola m' avanza
(E il migliór mi restò) la miacostanza.

NEOCLE.

Ormái, scusa o Signór, quasi m' irrita
Questa costanza tua. Ti vedi escluso
Da quelle mura istesse,
Che il tuo sangue serbò; trovi per tutto
Della patria inumana
L' odio persecutór, che ti circonda,
Che t' insidia ogni asilo, e vuol ridurti
Che a tal segno si venga,
Che non abbi terrén che ti sostenga;
E lagnár non t' ascolto!
E tranquillo ti miro! Ah come puoi
Soffrir con questa pace
Perversità sì mostrüosa?

TEMISTOCLE.

Ah figlio,
Nel cammin della vita
Sei nuovo pellegrín; perciò ti sembra
Mostrüoso ogni evento. Il tuo stupore
Non condanno però: la meraviglia
Dell' ignoranza è figlia,
E madre del sapér. L' odio, che ammiri,
È de' gran benefizj
La mercè più frequente. Odia l' ingrato
(E assái ve n' ha) del benefizio il peso
Nel suo benefattòr; ma l' altro in lui
Ama all' incontro i benefizj sui:
Perciò diversi siamo;
Quindi m' odia la Patria, e quindi io l' amo.

Tudo perdi; e nesta circumstancia
Só me fica (e o melhor) minha constancia.

NEOCLES.

Já, perdôa Senhor, quasi me irrita
Esta constancia tua. Estás banido
Daquelles mesmos muros
Que o teu sangue salvou; ondequer achas
Da patria deshumana
O odio perseguidor que te sitia,
Que todo asylo te solapa, e a ponto
Tal reduzir-te intenta
De nem o solo ter que te sustenta;
Nem ouço te queixares,
E tranquillo te vejo! Ah! como podes
Soffrer com tal socego
Perversidade tão estranha?

THEMISTOCLES.

Ah! filho,
No caminho da vida
És viajor novato, e assim estranho
Achas qualquer evento. Eu não condemno
A tua admiração; a maravilha
É da ignorancia filha,
E mãi é do saber; o odio que admiras
Dos grandes beneficios
É o premio mais frequente: Odeia o ingrato
(E muitos ha) do beneficio o peso
Em o seu bemfeitor: este naquelle
Ama ao contrario o bem que fez a elle.
Assim nós discrepamos;
Aborrece-me a patria, e a patria eu amo.

NEOCLE.

Se solo ingiusti, o padre,
Fósser gli uómini teco, il soffriréi;
Ma con te sono ingiusti ancor gli Dei.

TEMISTOCLE.

Perchè?

NEOCLE.

Di tua virtù premio si chiama
Questa misera sorte?

TEMISTOCLE.

E fra la sorte
O misera, o serena
Sai tu ben quale è premio, e quale è pena?

NEOCLE.

Come?

TEMISTOCLE.

Se stessa affina
La virtù ne' travagli, e si corrompe
Nelle felicità. Limpida è l' onda
Rotta fra' sassi; e, se ristagna, è impura.
Brando, che inútil giace,
Splendeva in guerra, è rugginoso in pace.

NEOCLE.

Ma il passár da' trïonfi
A sventure sì grandi....

TEMISTOCLE.

Invidieranno
Fore l' età future,
Più che i trïonfi miei, le mi sventure.

(METASTASIO. — TEMISTOCLE.)

NEOCLES.

Se injustos, pai, comtigo
Fossem os homens só, isso eu soffrêra;
Mas injustos tambem te são os Numes.

THEMISTOCLES.

Porque?

NEOCLES.

Premio será da tua virtude
Esta misera sorte?

THEMISTOCLES.

E entre a sorte
Ou misera ou serena
Sabes bem qual é premio, e qual é pena?

NEOCLES.

Como?

THEMISTOCLES.

A si mesma apura
A virtude em trabalhos; se corrompe
Onde tudo é feliz; limpido é o rio
Quebrado em pedras, se estagnado, é impuro.
Ferro, que inutil jaz,
Brilhava em guerra, e se enferruja em paz.

NEOCLES.

Mas passar de triumphos
A desventuras taes!

THEMISTOCLES.

Talvez invejem
As idades futuras
Mais que os trinmphos, minhas desvesturas.

(METASTASIO. — THEMISTOCLES.)

Grandezza d'Animo.

SERSE.

Temistocle fra' Persi.
Crédon, Sebaste, i Greci? Ah cerca, e spia
Se fosse vero: il tuo Signór consola.
Questa vittima sola
L' odio, che il cor mi strugge,
Calmár potrebbe.

NEOCTE.

(E il genitór non fugge!)

TEMISTOCLE.

(Ecco il punto; all' impresa.)

NEOCLES.

(Ah padre! ah senti.)

TEMISTOCLE.

Potentissimo Re.

SEBASTE.

Che ardir! Quel folle
Dal trono s' allontani.

TEMISTOCLE.

Non oltrággiano i Numi i voti umani.

SEBASTES.

Parti.

SERSE.

No no; s' ascolti.
Parla, stranier; che vuoi?

Grandeza de Animo.

XERSES.

Thémistocles na Persia
Suppõe, Sebastes, os Gregos? Ah! indaga,
Vê se assim è; o teu amo consola.
Esta unica victima
Calmar podéra o odio
Que o coração me rala.

NEOCLES.

(E o pai não foge!)

THEMISTOCLES.

(Eis o ensejo. Vou já.)

NEOCLES.

(Ah! pai! ah! escuta.)

THEMISTOCLES.

Potentissimo Rei....

SEBASTES.

Que ardil! Do throno
Se afaste essa alma insana.

THEMISTOCLES.

Nem mesmo offende ao céo súpplica humana.

SEBASTES.

Vai-te.

XERSES.

Não, não, ouçamos.
Falla, estranho, que queres?

TEMISTOCLE.

Contro la sorte
Cerco un asilo, e non lo spero altrove:
Difèndermi non può che Serse, o Giove.

SERSE.

Chi sei?

TEMISTOCLE.

Nacqui in Atene.

SERSE.

E Greco ardisci
Di presentarti a me?

TEMISTOCLE.

Sì. Questo nome
Qui è colpa, il so; ma questa colpa è vinta
Da un gran mérito in me. Serse, tu vai
Tèmistocle cercando; io tel recài.

SERSE.

Témistocle! Ed è vero?

TEMISTOCLE.

Á Regi innanzi
Non si mentisce.

SERSE.

Un mérito sì grande
Premio non v' è che ricompensi. Ah dove,
Quest' oggetto dov' è dell' odio mio?

TEMISTOCLE.

Già su gli occhi ti stà.

THEMISTOCLES.

Contra a sorte
Busco um asylo, aqui sómente o espero,
Só podem me amparar Xerses ou Jove.

XERSES.

Quem és?

THEMISTOCLES.

D'Athenas filho.

XERSES.

E Grego ousas
Apresentar-te a mim?

THEMISTOCLES.

Sim. Este nome
Aqui é culpa, o sei; mas esta culpa
Em mim vence um grão mérito. Tu, Xerses,
Themistocles procuras; eu t'o trouxe.

XERSES.

Themistocles! De veras?

THEMISTOCLES.

Se não mente
Ante os Monarchas.

XERSES.

Mérito tão grande
Premio não ha que o recompense. Ah! onde,
Onde este objecto está do odio meu?

THEMISTOCLES.

O tens diante de ti.

SERSE.

Qual è?

TEMISTOCLE.

Son io.

SERSE.

Tu!

TEMISTOCLE.

Sì.

NEOCLE.

(Dove m' ascondo?)

SERSE.

E così poco
Temi dunque i miei sdegni?
Dunque....

TEMISTOCLE.

Ascolta, e risolvi. Éccoti innanzi
De' giuochi della sorte
Un esempio, o Signór. Quello son io,
Quel Tèmistocle istesso.
Che scosse già questo tuo soglio, ed ora
A te ricorre, il tuo soccorso implora.
Ti conosce potente,
Non t' ignora sdegnato; e pur la speme
D' averti difensore a te lo guida:
Tanto, o Signór, di tua virtù si fida.
Sono in tua man: puoi conservarmi, e puoi
Vendicarti di me. Se il cor t' accende
Fiamma di bella gloria, io t' apro um campo
Degno di tua virtù: vinci te stesso;
Stendi la destra al tuo nemico oppresso.

XERSES.

Qual é?

THEMISTOCLES.

Sou eu.

XERSES.

Tu!

THEMISTOCLES.

Sim.

NEOCLES.

(Onde me escondo?)

XERSES.

Pois tão pouco
Temes as minhas iras?
Pois....

THEMISTOCLES.

Escuta e resolve. Eis, tu tens diante
Dos ludibrios da sorte
Um exemplo, ó Senhor. Eu sou aquelle
Mesmo, aquelle Themistocles
Que abalou já este teu solio, e agora
A ti recorre, e o teu soccorro implora.
Sabe que és poderoso,
Não ignora a tua ira, e a ti comtudo
De haver-te defensor esp'rança o guia:
Tanto em tua virtude elle se fia.
Estou nas tuas mãos; salvar-me podes,
E vingar-te de mim; se arde em teu peito
Chamma de bella gloria, abro-te um campo
Digno do teu valor: vence a ti mesmo;
A mão estende ao teu imigo oppresso.

Se l' odio ti consiglia,
L' odio sospendi un breve istante, e pensa
Che vana è la rüina
D' un nemico impotente, ùtil l' acquisto
D' un amico fedél; che Re tu sei,
Ch' esule io son, che fido in te, che vengo
Vittima volontaria a questi lidi:
Pénsaci; e poi del mio destin decidi.

SERSE.

(Giusti Dei, chi mai vide
Ànima più sicura!
Qual nuova spezie è questa
Di virtù, di corraggio? A Serse in faccia
Solo, inerme, e nemico
Venìr! fidarsi.... Ah! questo è troppo!) Ah dimmi,
Temistocle, che vuoi? Con l' odio mio
Cimentár la mia gloria? Ah, questa volta
Non vincerái. Vieni al mio sen: m' avrái,
Qual mi sperasti. In tuo soccorso aperti
Saranno i miei tesori; in tua difesa
S' armeranno i miei regni; e quindi appresso
Fia Temistocle, e Serse un nome istesso.

TEMISTOCLE.

Ah Signór, fin ad ora
Un eccesso paréa la mia speranza,
E pur di tanto il tuo gran cor l' avanza.
Che posso offrirti? i miei sudori? il sangue?
La vita mia? Del benefizio illustre
Sempre saran minori.
La mia vita, il mio sangue, i miei sudori.

Se o odio te aconselha,
Suspende o odio um breve instante, e pensa
Que inutil é a ruina
De um imigo impotente, util o acquisto
De um amigo fiel; que és um reinante,
Que um desterrado eu sou, que eu aqui venho
Victima voluntaria em ti fiado;
Pensa nisso, e depois dicta meu fado.

XERSES.

(Justos Deoses! quem vio
Uma alma mais segura?
Que nova especie é esta
De virtude e coragem? Diante Xerses,
Só, inerme, e inimigo
Vir! e fiar-se.... isto é de mais!) Ah! dize,
Themistocles, que queres? C'o meu odio
Porfiar minha gloria? ah! desta feita
Não vencerás; vem ao meu seio: achar-me
Has qual tu me esperaste; em teu soccorro
Se abrirão meus thesouros; os meus reinos
Em teu amparo se armarão; dizer-se
Té poderá Themistocles por Xerse.

THEMISTOCLES.

Ah! Senhor, té agora
Minha esperança parecia excesso,
Mas o teu coração de muito a excede.
Que hei de off'recer-te? meu suor? meu sangue?
A minha vida? ao beneficio illustre
Serão sempre inferiores
Minha vida, meu sangue e meus suores.

SERSE.

Sia Témistocle amico
La mia sola mercè. Le nostre gare
Non finiscan però. De' torti antichi
Se ben l' odio mi spoglio,
Guerra con te più generosa io voglio.
Contrasto assái più degno
Comincerà, se vuoi,
Or che la gloria in noi
L' odio in amór cambiò.
Scórdati tu lo sdegno,
Io le vendette obblio;
Tu mio sostegno, ed io
Tuo difensór saró.

(METASTASIO. — TEMISTOCLE.)

Prudenza e Moderazione nella Prosperità.

TEMISTOCLE.

Èccoti in altra sorte; ecco cambiato,
Temistocle, il tuo stato. Or or di tutto
Bisognoso, e mendìco in van cercavi
Un tugurio per te: questo or possiedi
Di preziosi arredi
Rilucente soggiorno;
Splénder ti vedi intorno
In tal copia i tesori; árbitro sei

XERXES.

Themistocles amigo,
Seja único meu premio, mas não findem
Nossas porfias; dos aggravos velhos
Despindo a sanha odiosa,
Guerra quero entre nós mais generosa.
Se queres, já comece
Contraste mais honroso,
Ora que fim glorioso
Fez do odio em nós amor.
Tu teu enfado esquece,
Eu da vingança o intento;
Tu seràs meu sustento,
Serei teu defensor.

(METASTASIO. — THEMISTOCLES.)

Prudencia e Moderação na Prosperidade.

THEMISTOCLES.

Eis-te em nova fortuna; eis já mudado
Teu estado, ó Thémistocles. Ha pouco
Precisado de tudo mendigáras
Um tugurio p'ra ti; ora possues
Esta com ricos trastes
Esplendida morada.
Luzir te vês entorno
Abundantes thesouros; és de um reino

E d' un regno, e d' un re. Chi sa qual altro
Sul thëatro del mondo
Aspetto io cambierò. Veggo pur troppo
Che fávola è la vita;
E la fávola mia non è compita.

NEOCLE.

Spléndon pure una volta,
Amato genitòr fauste le stelle
All' innocenza, alla virtù: siam pure
Fuor de' perigli. A tal novella, oh come
Tremerán spaventati
Tutti d' Atene i cittadini ingrati!
Or di nostre fortune
Comincia il corso: io lo prevengo, e parmi
Già ricchezze, ed onori,
Già trïonfi, ed allori,
Teco adunár, teco goderne, e teco
Passár d' Alcide i segni,
I Regi debellár, dar legge a' Regni.

TEMISTOCLE.

Non tanta ancór, non tanta
Fiducia, o Néocle. Or nell' ardire eccedi,
Pria nel timór. Quand' èran l' aure avverse,
Tremavi accanto al porto: or, che seconde.
Si móstrano un momento,
Apri di già tutte le vele al vento.
Il contrario io vorréi. Questa baldanza,
Che tanto or t' avvalora,
É vizio adesso; era virtude allora:
E quel timór, che tanto

Arbitro e de um monarcha: ora quem sabe
No theatro no mundo
Qual outro aspecto mudarei? bem vejo
Que uma farça é a vida,
E a minha farça está inconcluida.

NEOCLES.

Á final resplandecem
Amado, Genitor, faustos os astros
Á innocencia e á virtude; emfim, estamos
Fóra de riscos; á noticia, oh como
Tremeráõ espantados
Os cidadãos de Athenas deslembrados!
Já de nossas fortunas
Começa a serie; eu a ante-vejo, e honras,
Riquezas já figuro,
E triumphantes louros,
Já comtigo ajuntar, gozar comtigo,
Comtigo Herculeas serras
Passar, debellar reis, dar leis ás Terras.

THEMISTOCLES.

Nem tanta, inda, nem tanta
Fiducia o Néocles. Nimiamente ousado
És quão medroso foste. Com máo tempo
Tremias junto o porto, ora que muda
A favor um momento,
As velas todas soltas já ao vento.
O contrario eu quizera. Esta ousadia
Que tanto te envigora
Agora é vicio; então virtude fôra:
E esse temor que tanto

Prima ti tenne oppresso,
Fu vizio allór, saría virtude adesso.

NEOCLE.

Ma che temér dobbiamo?

TEMISTOCLE.

Ma in che dobbiám fidarci? In quei tesori?
D' un istante son dono;
Può involarli un instante. In questi amici
Che acquistár già mi vedi? Eh non son miei:
Véngon con la fortuna, e van con lei.

NEOCLE.

Del magnànimo Serse
Basta il favore a sostenerci.

TEMISTOCLE.

E basta
L' ira di Serse a rüinarne.

NEOCLE.

È troppo
Giusto, e prudente il Re.

TEMISTOCLE.

Ma un Re sì grande
Tutto vedér non può. Talór s' inganna,
Se un malvagio il circonda;
E di malvagi ogni terreno abbonda.

NEOCLE.

Superïór d' ogni calunnia ormái
La tua virtù ti rese.

Pouco antes te opprimia,
Vicio então foi, virtude ora seria.

NEOCLES.

Mas que temer devemos?

THEMISTOCLES.

Mas em que confiar? nesses thesouros?
São mimo de um instante;
Leva-los póde um só instante: nestes
Amigos que eu adquiro? Ah meus não são:
Vem co'a fortuna, e lá com ella vão.

NEOCLES.

Do magnanimo Xerses
Basta o favor a nos suster.

THEMISTOCLES.

De Xerses
O enfado basta a nos perder.

NEOCLES.

Mui justo
E prudente o Rei é.

THEMISTOCLES.

Mas rei tao grande
Tudo não póde ver; se engana ás vezes,
Se um malvado o rodeia;
E de malvados qualquer terra é cheia.

NROCLES.

Já de qualquer calumnia acima posto
Te ha tua virtude.

TEMISTOCLE.

Anzi là, dove
Il suo merto ostentar ciascún procura,
La virtù, che più splende, è men secura.

NEOCLE.

Ah qual....

TEMISTOCLE.

Parti, il Re vien.

NEOCLE.

Qual ne' tuoi detti
Magía s' asconde! Io mi credéa felice;
Mille rischj or pavento: in un istante
Par che tutto per me cangi sembiante.
Tal per altrùi diletto
Le ingannatrici scene
Sóglion talōr d' aspetto
Sollécite cambiar.
Un cárcere il più fosco
Reggia così diviene;
Così verdeggia un bosco
Dove ondeggiava il mar.

(METASTASIO. — TEMISTOCLE.)

Amore della Patria.

SERSE

Il segno a me del militare impero
Fa che si rechi.

THEMISTOCLES.

E é lá onde
Seu mérito ostentar cad'um procura,
Virtude, que mais luz, menos segura.

NEOCLES.

Ah! qual....

THEMISTOCLES.

Vai-te, o Rei vem.

NEOCLE.

Qual os teus ditos
Magia tem! Feliz eu me julgava;
Mil riscos ora temo; em um instante
Já tudo aos olhos meus muda semblante.

Para deleite alheio
Enganador scenario,
De pressa aspecto vario
Costuma assim tomar.
Uma masmorra escura
Em paço assim se torna,
De bosques ha verdura
Onde ondeiava o mar.

(METASTASIO. — THEMISTOCLES.

Amor da Patria.

XERSES, *a Sebastes.*

Do imperio militar cuida me seja
Trazida a insignia.

LISIMACO.

(A qual funesto impiego,
Amico, il Ciel mi destinò! Con quanto
Rossór....)

TEMISTOCLE.

(Di che arrossisci? Io non confondo
L' amico, e il cittadin. La patria è un Nume,
A cui sacrificár tutto è permesso:
Anch' io nel caso tuo faréi l' istesso.)

SERSE.

Temistocle, t' appressa. In un raccolta
Ecco de' miei guerrieri
La piú gran parte, e la migliór: non manca
A tante squadre ormái
Che un degno condottiér; tu lo sarái.
Prendi; con questo scettro árbitro, e Duce
Di lor ti eleggo. In vece mia punisci,
Premia, pugna, trïonfa. È a te fidato
L' onór di Serse, e della Persia il fato.

LISIMACO.

(Dunque il Re mi deluse,
O Aspasia lo placò.)

TEMISTOCLE.

Del grado illustre,
Monarca eccelso, a cui mi veggo eletto,
In tua virtù sicuro,
Il peso accetto, e fedeltà ti giuro.
Fáccian gli Dei che meco
A militár per te venga fortuna:

LYSIMACHO, *a Themistocles.*

A quão funesto emprego, (2)
Amigo, o Céo me destinou! qual pejo
Eu tenho....

THEMISTOCLES.

E de que coras? Não confundo
O amigo e o cidadao. A patria é um Nume
Ao qual sacrificar tudo se póde.
No teu caso eu tambem faria o mesmo.

XERSES.

Themistocles, te chega. Eis ajuntada
Aqui dos meus guerreiros
A mór parte, e a melhor. Ora só não falta
A exército tão grande
Um digno conductor: has de tu sê-lo.
Toma; com este sceptro, árbitro e chefe
Delle te elejo: em meu lugar tu pune,
Premia, pugna, vence: a ti fiado
É de Xerses o honor, da Persia o fado.

LYSIMACO.

(Pois o Rei illudio-me,
Ou Aspasia o apasiguou.)

THEMISTOCLES.

Do grão illustre,
Monarcha excelso, ao qual vejo-me eleito,
Em tua honra seguro,
O peso aceito, e ser fiel te juro.
Fação os Céos que a sorte
A militar por ti venha comigo;

O se sventura alcuna
Minacciásser le stelle, único oggetto
Temistocle ne sia. Vincan le squadre,
Perisca il condottiero: a te ritorni
Di lauri poi, non di cipressi cinto
Fra l' armi vincitrici il Duce estinto.

LISIMACO.

In questa guisa, o Serse,
Temistocle consegni?

SERSE.

Io sol giurái
Di rimandarlo in Grecia. Odi se adempio
Le mie promesse. Invitto Duce, io voglio
(A Temistocle.)
Punito al fin quell' insolente orgoglio.
Va: l' impressa d' Egitto
Basta ogni altro a compir; va del mio sdegno
Portatore alla Grecia. Ardi, rüina,
Distruggi, abbatti, e fa che senta il peso
Delle nostre catene
Tebe, Sparta, Corinto, Argo, ed Atene.

TEMISTOCLE.

(Or son perduto.)

LISIMACO.

E ad ascoltár m' inviti....

SERSE.

Non più; vanne, e riporta
Sì gran novella a' tuoi. Dì lor qual torna
L' ésule in Grecia, e quai compagni ei guida.

Ou se alguma desgraça
Nos ameaçar o céo, unico objecto
Della seja Themistocles; pereça
O chefe, vença o exército; de louros,
Não de cyprestes volte após ornado,
Como em triumpho, o General finado.

LYSIMACHO.

Desta maneira, ó Xerses,
Themistocles entregas?

XERSES.

Só á Grecia
Remanda-lo jurei; ouve se cumpro
Minhas promessas. Quero, invicto Chefe,
(*A Themistocles.*)
Punido emfim esse insolente orgulho.
Vai: a empreza do Egypto
Outro qualquer póde acabar; á Grecia
Vai levar minha ira, arde, arruina,
Destróe, arrasa, e faze que por nossas
Correntes soffrão penas,
'Sparta, Thebas, Corintho, Argos e Athenas.

THEMISTOCLES.

(Estou perdido.)

LYSIMACHO.

E a ouvir tu me convidas?...

XERSES, *a Lysimacho.*

Nada mais: vai; e nova
Tão grande leva aos teus; dize-lhes como
Volta á Grecia o banido, e com qual gente.

LISIMACO.

(Oh patria sventurata! Oh Aspasia infida!)

TEMISTOCLE.

(Io traditór!)

SERSE.

Duce, che pensi?

TEMISTOCLE.

Ah cambia
Cenno, mio Re. V' è tanto mondo ancora
Da soggiogár.

SERSE.

Se della Grecia avversa
Pria l' ardir non confondo,
Nulla mi cal d' avér soggetto il mondo.

TEMISTOCLE.

Rifletti....

SERSE.

È stabilita
Di già l' impresa; e chi si oppón, m' irrita.

TEMISTOCLE.

Dunque eleggi altro Duce.

SERSE.

Perchè?

TEMISTOCLE.

Dell' armi Perse
Io depongo l' impero al piè di Serse.

SERSE.

Come!

LYSIMACHO.

(O' infeliz patria! ó Aspasia inconfidente!)

THEMISTOCLES.

(Eu traidor!)

XERSES.

General, que pensas?

THEMISTOCLES.

Muda
Meu Rei de idéa. Ainda ha tanto mundo
A subjugar....

XERSES.

Se antes da Grecia adversa
O ardil eu não confundo,
Pouco me importa o ter vencido o mundo.

THEMISTOCLES.

Reflecte....

XERSES.

Decretada
A empreza está, e quem se oppõe me enfada.

THEMISTOCLES.

Pois outro chefe escolhe.

XERSES.

Porque?

THEMISTOCLES.

Do Persio bando
Aos pés de Xerses eu resigno o mando.

XERSES.

Como?

TEMISTOCLE.

E vuoi ch' io divenga
Il distruttór delle paterne mura?
No, tanto non potrà la mia sventura.

SEBASTE.

(Che ardir!)

SERSE.

Non è più Atene, è questa reggia
La patria tua: quella t' insidia, e questa
T' accoglie, ti difende, e ti sostiene.

TEMISTOCLE.

Mi difenda chi vuol, nacqui in Atene.
È istinto di natura
L' amór del patrio nido. Ámano anch' esse
Le spelonche natie le fiere istesse.

SERSE.

(Ah d' ira avvampo.) Ah dunque Atene ancora
Ti sta nel cor! Ma che tanto ami in lei?

TEMISTOCLE.

Tutto, Signór; le céneri degli Avi,
Le sacre leggi, i tutelari Numi,
La favella, i costumi,
Il sudór chi mi costa,
Lo splendór che ne trassi,
L' aria, i tronchi, il terrén, le mura, i sassi.

SERSE.

Ingrato! E in faccia mia
Vanti con tanto fasto.
Un amór che m' oltraggia?

THEMISTOCLES.

E tu queres que eu
Dos patrios muros destruidor me faça?
Não, tal não poderá minha desgraça.

SEBASTES.

(Que ardil!)

XERSES.

Athenas não é mais, é esta
Regia a tua patria; aquella te persegue,
Esta te acolhe, ampara-te e sustenta.

THEMISTOCLES.

Defenda-me quemquer, nasci em Athenas.
É natural instincto
O amor do patrio berço; amão de veras
Os seus antros nataes as mesmas feras.

XERSES.

Ah! d'ira eu ardo; pois tens inda Athenas
No coração? E o que amas nella tanto?

THEMISTOCLES.

Tudo, senhor, dos meus avós as cinzas,
As sacras leis, os tutelares Numes,
O fallar, os costumes,
O suor que me custa
O esplendor que me deu
A terra, o ar, quanto ha no solo seu.

XERSES.

Ingrato! Á minha face
Gabas com tanto fausto
Um amor que me ultraja?

TEMISTOCLE.

Io son....

SERSE.

Tu sei
Dunque ancór mio nemico. In van tentài
Co' benefizj miei....

TEMISTOCLE.

Questi mi stanno,
E a caràtteri eterni,
Tutti impressi nel cor. Serse m' additi
Altri nemici sui,
Ecco il mio sangue, il verseró per lui.
Ma, della Patria a' danni
Se pretendi obbligar gli sdegni miei,
Serse, t' inganni: io moriró per lei.

SERSE.

Non più; pensa, e risolvi. Ésser non lice
Di Serse amico, e difensór d' Atene:
Scegli qual vuoi.

TEMISTOCLE.

Sai la mia scelta.

SERSE.

Avverti;
Del tuo destin decide
Questo momento.

TEMISTOCLE.

Il só pur troppo.

THEMISTOCLES.

Eu sou....

XERSES.

Tu meu
Imigo inda ès entào; tentei de balde
C'os beneficios meus....

THEMISTOCLES.

Estes me ficão
Com traços indeleveis
No coração todos escriptos. Outros
Seus imigos me mostre
Xerses; meu sangue correrá por elle:
Mas se em damno da patria
Meu enfado a empregar se me atropella,
Xerses, te enganas; morrerei por ella.

XERSES.

Basta: pensa e resolve; não consinto
Amigo meu e defensor de Athenas:
A escolha tens.

THEMISTOCLES.

Sabes-me a escolha.

XERSES.

Adverte.
Decide este momento
Da tua sorte.

THEMISTOCLES.

Bem o sei.

SERSE.

Irriti.

Chi può farti infelice.

TEMISTOCLE.

Ma non ribelle.

SERSE.

Il viver tuo mi devi.

TEMISTOCLE.

Non l' onór mio.

SERSE.

T' odia la Grecia.

TEMISTOCLE.

Io l' amo.

SERSE.

(Che insulto, oh Dei!) Questa mercede ottiene
Dunque Serse da te?

TEMISTOCLE.

Nacqui em Atene.

SERSE.

(Più frenarmi non posso.) Ah quell' ingrato
Togliètemi d' innanzi;
Serbàtelo al castigo. E pur vedremo
Forse tremár questo coraggio invitto.

TEMISTOCLE.

Non è timór dove non è delitto.
Serberò fra' ceppi ancora
Questa fronte ognór serena:
È la colpa, e non la pena,
Che può farmi impallidir.

XERSES.

Irritas
Quem infeliz te faça.

THEMISTOCLES.

Mas não rebelde.

XERSES.

A vida tu me deves.

THEMISTOCLES.

Não minha honra.

XERSES.

Odio és da Grecia.

THEMISTOCLES.

Eu amo-a.

XERSES.

(Deoses, que insulto!) Então é este o premio
Que obtem Xerses de ti?

THEMISTOCLES.

Nasci em Athenas.

XERSES.

(Mais conter me não posso) Ah! esse ingrato
Tirai do meu conspecto,
E guardai-o ao castigo. Ao fim veremos
Talvez tremer um tal ânimo invicto.

THEMISTOCLES.

Não ha temor onde não ha delicto.
Entre algemas esta fronte
Hei de ter sempre serena:
Só a culpa e não a pena
Me faria esmorecer.

Reo son io, conviên che io mora,
Se la fede erròr s' appella;
Ma per colpa così bella
Son superbo di morir.

(METASTASIO. — TEMISTOCLE.)

La Patria.

La patria è un tutto
Di cui siam parti. Al cittadino è fallo
Considerar se stesso
Separato da lei. L' utile e il danno
Ch' ei conoscer dee solo, è ciò che giova,
O nuoce alla sua patria, a cui di tutto
È debitor. Quando i sudori e il sangue
Sparge per lei, nulla del proprio ei dona,
Rende sol ciò che n' ebbe. Essa il produsse,
L' educò, lo nutrì: con le sue leggi
Dagl' insulti doméstici il difende,
Dagli esterni coll' armi. Ella gli presta
Nome grado ed onor: ne premia il merto,
Ne véndica le offese: e mädre amante
A fabbricar s' affanna
La sua felicità, per quanto lice
Al destin de' mortali esser felice.
Han tanti doni, è vero,
Il peso lor. Chi ne ricusa il peso,
Rinuncj al beneficio. A far si vada

Réo sou eu, e morrer devo,
Quando á fé se chame crime:
Mas por culpa tão sublime
Eu me ufano de morrer.

(METASTASIO. — THEMISTOCLES.)

A Patria.

A patria é um todo
Do qual cad'um de nós é parte. É crime
O della separado
Julgar-se o cidadão; o damno, o util
Que elle só deve conhecer, he aquillo
Que bom ou máo é para a patria; a ella
Tudo elle deve. Se suor e sangue
Verte por ella, nada dá do proprio;
Só restitue o recebido; é ella
Que o produzio, criou, nutrio; o ampara
Com as leis dos domésticos insultos,
Dos estranhos co'as armas; ella dá-lhe
Nome, honra, grão; seu merito premia,
Das offensas o vinga, e mai amante
Cansa-se em fabricar-lhe
Uma felicidade, quanto é dado
O ser felizes dos mortaes ao fado.
Tantos dons, é verdade,
Seu peso tem: quem esse peso engeita
Ao beneficio renuncie, e corra

D' inóspite foreste
Mendico abitator: e là, di poche
Misere ghiande, e d' un covil contento,
Viva libero e solo a suo talento.

(METASTASIO.

La Gloria.

Ma questa gloria, o dei,
Non è dell' alme nostre
Un affetto tiranno? Al par d' ogni altro
Domar non si dovrebbe? Ah no; dei vili
Questo è il linguaggio. Inultilmente nacque
Chi sol vive a se stesso: e sol da questo
Nóbile affetto ad obliar s' impara
Sè per altrui. Quanto ha di ben la terra
Alla gloria si dee. Véndica questa
L' umanitá del vergognoso stato
In cui saria senza il desio d' onore:
Toglie il senso al dolore,
Lo spavento ai perigli,
Alla morte il terror: dilata i regni,
Le città custodisce; alletta, aduna
Seguaci alla virtù: cangia in soavi
I feroci costumi,
E rende l' uomo imitator de' Numi.

(METASTASIO)

De inhóspitas florestas
Ser pobre habitador: e lá de poucas
Miseras lhandes, de um covil contente,
Viva só á vontade, e livremente.

(METASTASIO.)

A Gloria.

Mas esta gloria, ó Céos,
Não é das almas nossas
Um affecto tyranno? A par de todos
Domar se não devêra? Ah! não; é esta
A linguagem dos vîs. Em vão nasceu
Quem só para si vive; e é só deste
Affecto nobre que a olvidar se aprende
Si mesmo para os mais; quanto ha no mundo
De bom deve-se á gloria; esta é quem vinga
A humanidade do opprobrioso estado,
E que, sem de honra almejo, ella se achára;
Rouba á dôr o sentido,
Aos perigos o espanto,
Á morte o seu terror; dilata os reinos,
As cidades conserva; encanta, ajunta
Sequazes á virtude; em doces muda
Os ferozes cosumes,
E o homem torna imitador dos Numes.

(METASTASIO.)

La Bellezza.

Luce divina
Raggio del cielò è la bellezza, e rende
Celesti anche gli oggetti in cui risplende.
Questa l' alme più tarde
Solleva al ciel, come solleva il sole
Ogni basso vapor. Questa a' mortali
Della penosa vita.
Tempra le noje e ricompensa i danni.
Questa in mezzo agli affanni
Gl' infelici rallegra: in mezzo all' ire
Questa placa i tiranni, i lenti sprona,
I fugaci incatena,
Ánima i vili, i temerarj affrena:
E del suo dolce impero,
Che letlzia conduce,
Che diletto produce, ove si stende,
Sente ognuno il poter, nessun l' intende.

(METASTASIO.

A Belleza.

Luz divina,
Do céo irradiação, é a belleza.
Celestes torna as cousas em que brilha.
Esta as almas mais tardas
Eleva ao céo, bem como o sol levanta
Qualquer baixo vapor; esta da vida
Trabalhosa os enfados
Tempera aos homens e compensa os damnos.
Nas afflicções alegra
Esta os miseros; esta nos furores
Os tyrannos aplaca, incita os lentos,
A quem foge encadeia,
Anima os vis, ao temerario enfreia,
E do seu doce imperio,
Que conduz a alegria,
E que o deleite cria onde se estende.
Qualquer sente o poder, ninguem o entende.

(METASTASIO.

ARIE.

Chi mai non vide fuggir le sponde
La prima volta che va per l' onde,
Crede ogni stella per lui funesta,
Teme ogni zèffiro, come tempesta,
Un picciol moto tremár lo fa.
Ma reso esperto, sì poco teme,
Che dorme al suono del mar, che freme,
O su la prora cantando va.

Son qual fiume che gonfio d' umori
Quando il gelo si scioglie in torrenti,
Selve armenti capanne e pastori
Porta seco e ritegno non ha.
Se si vede fra gli árgini stretto
Sdegna il letto, confonde le sponde
E superbo fremendo sen va.

ARIAS.

Quem inda as praias fugir não vio
A vez primeira que anda em navio,
Julga funesta qualquer estrella,
Receia um zéphiro como procella,
Pequeno abalo tremor lhe dá.
Mas feito prático, tão pouco teme,
Que dorme á bulha do mar que freme,
Ou sobre a prôa cantando está.

Sou qual rio que inchado de humores,
Quando o gelo desfaz-se em torrentes,
Selvas, gados, cabanas, pastores
Leva, e nada no curso o detém.
Entre os diques sentindo-se estreito
Não quer leito, elle a riba, derriba,
E soberbo lá vai com desdem.

È la fede degli amanti
Come l' Áraba fenice:
Che vi sia, ciascún lo dice;
Dove sia, nessún lo sa.
Se tu sai dov' ha ricetto,
Dove muore, e torna in vita,
Me l' addìta, e ti prometto
Di serbár la fedelta.

Se fecondo, e vigoroso
Créscer vede un arboscello,
Si affatica intorno a quello
Il geloso agricoltór.
Ma da lui rivolge il piede,
Se lo vede in su le sponde
Tutto rami, et tutto fronde,
Senza frutto, e senza fior.

Non vi piacque, ingiusti Dei,
Ch' io nascessi pastorella;
Altra pena or non avréi
Che la cura d' un' agnella,
Che l' affetto d' un pastór.
Ma chi nasce in regia cuna
Più nemica ha la fortuna;
Che nel trono ascosi stanno
E l' inganno, ed il timór.

É a constancia dos amantes
Como a Phenix dos arabios,
Fallão della muitos labios,
Ninguem sabe aonde está.
Se tu sabes onde mora,
Onde morre e resuscita,
M'a indigita, e sem demora
Ser fiel prometto já.

Se fecundo e mui viçoso
Vê crescer um arvoredo,
Nelle cuida e nunca quedo
O cioso agricultor.
Mas seu pé delle retira
Se elle o mira na ribagem,
Todo, ramos e folhagem
E sem fructos e sem flor.

Não quizeste, injusto Céo.
Que eu nascesse pastorinha;
Fôra só trabalho meu
O cuidar n'uma ovelhinha,
E no affecto de um pastor.
Mas quem nasce em real berço
Tem o Fado mais adverso:
Que escondido sob o throno
'Stá o engano c' o temor.

Disse il ver? Parlò per gioco?
Mi confondo a' detti sui;
E comincio a poco a poco
Di me stesso a dubitàr.
Piánger fanno i pianti altrúi,
Sospirár gli altrúi sospiri;
Ben potrian gli altrúi deliri
Insegnarmi a delirár.

Chi può dir che rea son io,
Guardi in volto all' idol mio,
E le scuse del mio core
Da quel volto aprenderà;
Da quel volto, in cui ripose
Fausto il Ciel, benigno Amore
Tante cifre luminose
Di valore, e di beltà.

Vorrei da lacci sciógliere
Quest' alma prigioniera:
Tu non mi fai risólvere
Speranza lusinghiera:
Fosti la prima a náscere
Sei l' última a morir.
No, del mortal tormento
No tu non sei ristoro,
Ma servi d' alimento
Al credolo desir.

Fallou serio? andou brincando?
A seus ditos me confundo;
Vou aos poucos começando
De mim mesmo a duvidar.
Faz chorar alheio pranto,
Suspirar suspiro alheio;
E o delirio póde, eu creio,
Ensinar-me a delirar.

Quem capaz é de culpar-me
Olhe para o meu amado,
Nesse rosto desculpado
Verá elle o meu amor;
Nesse rosto onde pozerão
Fausto o Céo, Amor clemente
Tanto indicio reluzente
De belleza e de valor.

Soltar quizera os vinculos
Dest'alma prisioneira:
Tu irresoluto trazes-me
Esp'rança lisongeira:
Nasceste, sim, primeira,
Has de última morrer.
Não, do mortal tormento
Não, tu não és allivio,
Mas serves de allmento
Ao crédulo querer.

Dal suo senbiante
Nacque il mio primo amore,
E l' amór mio costante
Ha da morir con me.
Ogni beltà più rara,
Benchè mi sia pietosa,
Per me non è vezzosa,
Vaga per me non è.

Scherza il nocchiér talora
Coll' aura, che si desta,
Ma poi diviėn tempesta,
Che impallidir lo fa.
Non cura il pellegrino
Picciola nuvolestta,
Ma, quando men l' aspetta,
Quella tonando va.

Di quell' ingiusto sdegno
Io la cagión non vedo.
Offènderti non credo,
Parlàndoti d' amór.
Tu mi rendesti amante:
Colpa è del tuo sembiante
La libertà del labbro,
La servitù del cor.

Do seu gentil semblante
Meu primo amor nasceu,
E o meu amor constante
Comigo ha de morrer.
Qualquer rara belleza.
Bem que seja piedosa,
Não achoa-a carinhosa,
Bonita a não sei ver.

Ás vezes brinca o nauta
Co'a aragem que já venta,
Mas faz-se após tormenta
Que o enche de pavor.
Despreza o viajante
Pequena nuvemzinha,
Mas quando mal o ad'vinha,
Rompe esta com fragor.

Daquelle injusto enfado
A causa não 'stou vendo,
Creio que não te offendo
Fallando-te de amor.
Tu me tornaste amante,
Culpa é do teu semblante,
Do labio a liberdade,
Da alma o escravo ardor.

Mi lagnerò tacendo
Del mio destin avaro;
Ma ch' io non t' ami, o caro,
Non lo spérar da me.
Crudele! In che t' offendo
Se resta a questo petto
Il misero diletto
Di sospirár per te?

Voi collagiù ridete
D' un fanciullin che piange,
Che la cagìón vedete
Del folle suo dolór.
Quassù di voi si rede,
Che dell' età sul fine,
Tutti canuti il crine,
Siete fanciulli ancór.

L' ape, e la serpe spesso
Súggon l' istesso umore;
Ma l' alimento istesso
Cangiando in lor si va:
Che della serpe in seno
Il fior si fa veleno;
In sen dell' ape il fiore
Dolce liquór si fa.

Me queixarei callando
Do meu destino avaro,
Mas que eu não te ame, ó caro,
Não 'speres, não, de mi.
Cruel! em que te offendo,
Se em mim só não ha morto
O misero conforto
De suspirar por ti?

Vós rides de um menino
Que chora lá no mundo;
Da louca dôr o fundo
Nelle bem vêdes pois.
Aqui no céo nós rimos
De vós, que ao fim da vida,
De coma encanecida
Inda meninos sois.

Vão a serpente e abelha
O mesmo humor chupando,
Mas nelles vai mudando
O mesmo nutridor.
A flor em um veneno
Na serpe se transtorna,
Em doce mel se torna
Dentro da abelha a flor.

Siam navi all' onde algenti
Lasciate in abbandono:
Impetüosi venti
I nostri affetti sono:
Ogni diletto è scoglio:
Tutta la vita è mar.
Ben, qual nocchiero, in noi
Veglia ragión: ma poi
Pur dall' ondoso orgoglio
Si lascia trasportár.

Sperái vicino il lido,
Credéi calmato il vento,
Ma transportār mi sento
Fra le tempeste ancór.
E, da uno scoglio infido
Mentre salvar mi voglio,
Urto in un altro scoglio
Del primo assái peggiór.

Son qual per mare ignoto
Náufrago passaggiero,
Già con la morte a nuoto
Ridotto a contrastár.
Ora un sostegno, ed ora
Perde una stella; al fine
Perde la speme ancora,
E s' abbandona al mar.

Quaes náos ás ondas frias
Largadas nós vivemos;
Furiosas ventanias
São as paixoes que temos;
Todo o deleite è escolho,
E toda a vida é mar.
Piloto que nos guia,
Bem a razão vigia:
Mas pelo undoso orgulho
Deixa-se enfim levar.

Julguei visinha a praia,
O vento cri calmado;
Mas inda em mar irado
Me sinto transportar.
E de um escolho infido
Mentre salvar me quero,
Com impeto mais fero,
Em um peior vou dar.

Sou como um naufragado
Em mar desconhecido,
Já reduzido a nado
Co'a morte a reluctar.
Ora uma estrella perde,
Ora o em que só descança;
Emfim perde a esperança,
E se abandona ao mar.

Getta il nocchiér talora
Pur que' tesori all' onde,
Che da remote sponde
Per tanto mar portò.
E, giunto al lido amico,
Gli Dei ringrazia ancora,
Che ritornò mendico,
Ma salvo ritornò.

Pérfidi, già che in vita
V' accompagnò la sorte;
Pérfidi, no, la morte
Non vi scompagnerà.
Unito fu l' errore,
Sarà la pena unita:
Il giusto mio rigore
Non vi distinguerà.

Felice età dell' oro,
Bella innocenza antica,
Quando al piacér nemica
Non era la virtù!
Dal fasto, e dal decoro
Noi ci troviamo oppressi;
E ci formiàm noi stessi
La nostra servitù.

Ás vezes os thesouros
O nauta ao mar atira,
Que elle já conduzira
Nos mares por que andou.
Chegado ao porto amigo,
Inda agradece ao Céo,
Porque voltou mendigo,
Salvo porém voltou.

Pérfidos como em vida
Socios vos fez a sorte,
Perfidos, não, a morte
Vos não separará.
Commum vos foi a culpa,
Commum tereis a pena:
Justo quem vos condemna,
Não vos distinguirá.

Feliz idade de ouro,
Bella innocencia antiga,
Quando ao prazer imiga
Virtude não foi não.
Do fausto e do decóro
Oppressos sempre andamos,
Nós mesmos nos formamos
A nossa servidão.

Se tronca un ramo, un fiore
L' agricoltór così,
Vuol che la pianta un dì
Cresca più bella.
Tutta sarebbe errore
Lasciarla inaridir
Per troppo custodir
Parte di quella.

Torrente, cresciuto
Per tórbida piena,
Se perde il tribnto
Del gel, che si scioglie,
Fra l' áride sponde
Più l' onde non ha.
Ma il fiume, che nacque
Da limpida vena,
Se privo è dell acqne
Che il verno raccoglie,
Il corso non perde,
Più chiaro si fa.

Non so donde viene
Quel ténero affetto,
Quel moto, che ignoto
Mi nasce nel petto:
Quel gel, che le vene
Scorrendo mi va.

Se flor ou ramo poda
O agricultor assim,
Quer el que a planta emfim
Cresça mais bella.
Erro seria toda
Deixa-la definhar
Por nimio conservar
A parte della.

Torrente crescido
Por tùrbida cheia,
Do gelo solvido
Se perde o tributo,
Entre áridas margens
Mais agua não tem.
Mas rio que corre
De limpida fonte,
Se já não concorre
A agua dos neves.
Seu curso não perde,
Se apura mais bem.

Não sei donde mana
O affecto mui terno,
O moto, que ignoto
Me nasce no interno;
O gelo que as vêas
Correndo me vai.

Nel seno a destarmi
Sì fieri contrasti
Non parmi che basti
La sola pietà.

Non v' è più bàrbaro
Di chi non sente
Pietà d' un misero,
D'un innocente,
Vicino a pérdere
L' amato ben.
Gli astri m' uccidano,
Se reo non io;
Ma non divídano
Dal seno mio
Colèi, ch' è l' ánima
Di questo sen.

Se il caro figlio
Vede in periglio,
Diventa umana
La tigre Ircana,
E lo difende
Dal cacciatór.
Più fiero core
Del tu non vidi;
Non senti amore,
La prole uccidi;
Empio ti rende
Cieco furór.

Da contrariedade,
Que a alma me agita,
Não sei que a piedade
Só possa ser mãi.

Não ha mór bárbaro,
Que quem não sente
Pena de um misero,
De um innocente
A perder proximo
Seu caro bem.
Os astros matem-me
Se eu sou culpado,
Mas não separem-me
Do objecto amado,
Que este meu ânimo
Em vida tem.

Se o filho amado
Vê ameaçado,
Torna-se humana
A tigre hircana;
Logo o defende
Do caçador.
Alma mais fera
Não vi que a tua,
Amor não sentes,
E a prole tua
Matas; deslisa-te
Cego furor.

Ch' io mai vi possa
Lasciár d' amare,
Non lo credete,
Pupille care;
Nèmmen per gioco
V' ingannerò.
Voi foste, e siete
Le mie faville,
E voi sarete,
Care pupille,
Il mio bel foco
Fin ch' io vivrò.

Più non si tróvano
Fra mille amanti
Sol due bell' ánime,
Che sian costanti;
E tutti párlano
Di fedeltà.
E il reo costume
Tanto s' avanza,
Che la costanza
Di chi ben ama
Ormái si chiama
Semplicià.

Que eu possa affectos
Vos ter infidos,
Isso não crede
Olhos queridos;
Eu nem por jogo
Vos trahirei.
Fostes, sois inda
Os meus luminhos,
E em toda a vida
Caros olhinhos,
Meu bello fogo
Em vós terei.

Mais se não achão
Em mil amantes
Nem duas almas
Sempre constantes;
E todos fallão
De amor e fé.
E o máo costume
Vai tão adiante,
Que a quem costante
Sempre bem ama,
Emfim se chama
Simples nené.

Del sen gli ardori
Nessù mi vanti:
Non soffro amori,
Non voglio amanti;
Troppo mi è cara
La libertà.
Se fosse ognuno
Così sincero,
Meno importuno
Parrebbe il vero;
Saria più rara
L' infedeltà.

(METASTASIO.)

CANZONETTA.

Grazie agl' inganni tuoi,
Al fin respiro, o Nice,
Al fin d' un infelice
Ébber gli Dei pietà:
Sento da' lacci suoi,
Sento che l' alma è sciolta;
Non sogno questa volta,
Non sogno libertà.

Ternos ardores
Ninguem decante:
Não soffro amores,
Não quero amante;
Á liberdade
Tenho affeição.
Tivessem todos
Sinceridade,
Mais bellos modos
Tinha a verdade,
E raridade
Fôra a traição.

(METASTASIO.)

CANÇONETA.

Graças aos teus enganos,
Emfim 'stou socegado;
Nice, de um desgraçado
Os Céos tiverão dó.
Sinto já dos teus laços,
Sinto a minha alma solta;
Ser livre nesta volta,
Não, não é sonho só.

Mancò l' antigo ardore,
E son tranquillo a segno,
Che in me non trova sdegno
Per mascherarsi amor.
Non cangio più colore
Quando il tuo nome ascolto;
Quando ti miro in volto
Più non mi batte il cor.

Sogno, ma te non miro
Sempre ne' sogni miei;
Mi desto, e tu non sei
Il primo mio pensiér.
Lungi da te m' aggiro
Senza bramarti mai;
Son teco, e non mi fai
Nè pena, nè piacér.

Di tua beltà ragiono,
Nè intenerir mi sento;
I torti miei rammento,
E non mi so sdegnár.
Confuso più non sono
Quando mi vieni appresso;
Col mio rivale istesso
Posso di te parlár.

Vólgimi il guardo altero,
Párlami in volto umano;
Il tuo disprezzo è vanno,
È vano il tuo favór;

Morreu o ardor antigo,
E estou tão socegado,
Que em mim não acha enfado
Para encobrir-se o amor.
Não mudo mais de cores
Teu nome em escutando;
Nem mais teu rosto olhando
Meu peito tem tremor.

Sonho, mas não comtigo
Em sonho costumado;
Acordo, e meu cuidado
Primeiro não vens ser.
Longe de ti volteio;
Saudade me não fazes:
Comtigo estou; não trazes
Nem pena nem prazer.

Fallo de como ês bella,
Nem sinto em mim ternura;
Lembro-me quanto ês dura,
Nem mais sei me enfadar.
Perturbação não sinto
Se vens onde estou eu;
C'o mesmo rival meu
Posso de ti fallar.

Olha-me embora altiva,
Falla com ar de enfado;
É teu desdem baldado,
Baldado é teu favor;

Che piú l' usato impero
Quei labbri in me non hanno;
Quegli occhi più non sanno
La via di questo cor.

Quel, che or m' alletta, o spiace,
Se lieto, o mesto or sono,
Già non è più tuo dono,
Già colpa tua non è:
Che senza te mi piace
La selva, il colle, il prato;
Ogni soggiorno ingrato
M' annoja ancor con te.

Odi, s' io son sincero;
Ancór mi sembri bella,
Ma con mi sembri quella,
Che paragon non ha.
E (non t' offenda il vero)
Nel tuo leggiadro aspetto
Or vedo alcún difetto,
Che mi parca beltá.

Quando lo stral spezzái,
(Confesso il mio rossore)
Spezzár m' intesi il core,
Mi parve di morir.
Ma per uscir di guai:
Per non vedersi oppresso,
Per racquistár se stesso
Tutto si puó soffrir.

Que em mim esses teus labios
O imperio já perdêrão;
Teus olhos esquecêrão
Como infundir-me amor.

Quanto me encanta ou vexa
Se estou triste ou contente,
Já não é teu presente,
Nem mal que de ti vem.
Pois já sem ti me agrada
A selva, o morro, o prado;
Qualquer lugar pesado
Comtigo é tal tambem.

Ouve se eu sou sincero:
Acho-te ainda bella,
Mas te não acho aquella
Que igual não tem a si.
E (soffre esta verdade)
No teu bonito aspeito
Já vejo algum defeito
Em que belleza eu vi.

Quando quebrei o dardo
(O digo envergonhado)
Meu coração rasgado
Senti; quasi morri.
Mas para não ser misero,
Para não ser calcado,
E ver-se libertado,
Tudo se soffre assi.

Nel visco in cui s' avvenne
Quell' augellin talora,
Lascia le penne ancora,
Ma torna in libertà:
Poi le perdute penne
In pochi dì rinnova,
Cauto diviên per prova,
Nè più tradir si fa.

So che non credi estinto
In me l' incendio antico,
Perchè sì spesso il dico,
Perchè tacèr non so:
Quel naturale istinto,
Nice, a parlár mi sprona,
Per cui ciascún ragiona
De' rischj che passó.

Dopo il crudél cimento
Narra i passati sdegni,
Di sue ferite i segni
Mostra il guerriér così.
Mostra così contento
Schiavo, che uscì di pena,
La bárbara catena,
Che strascinava un dì.

Parlo, ma sol parlando
Me soddisfár procuro;
Parlo, ma nulla io curo
Che tu mi presti fè:

No visgo em que cahio
O passarinho um dia
As pennas deixa, e via
Acha de se salvar.
As pennas que perdeu
Em breve após renova,
Nem mais, cauto da prova,
Se deixa atraiçoar.

Sei que não crês extincto
Em mim o incendio antigo,
Pois vezes mil o digo,
Pois me não sei callar:
O natural istincto
Nice a fallar me impelle,
Que faz a este e áquelle
Do a que escapou fallar.

Após de atroz combate,
Conta as passadas iras,
As cicatrizes diras
Mostra o guerreiro assi.
Escravo libertado
Assim mostra contente
A bárbara corrente
Puxada atraz de si.

Fallo, mas só fallando
Desabafar procuro;
Fallo, mas nada curo
De quo me queiras crêr;

Parlo, ma non dimando
Se approvi i detti miei,
Nè se tranquilla sei
Nel ragionár di me.

Io lascio un' incostante;
Tu perdi un cor sincero;
Non so di noi primiero
Chi s' abbia a consolár.
So che un sì fido amante
Non troverá più Nice;
Cbe un' altra ingannatrice
È fácile a trovár.

(METASTASIO,)

Fallo, mas não pergunto
Se approvas o que fallo,
Ou se não tens abalo
De mim no discorrer.

Eu deixo uma inconstante,
Tu um coração sincero
Perdes; dizer não quero
Quem mais tem de folgar.
Sei que um fiel amante
Nice não acha agora,
E que outra enganadora
È facil de se achar.

(METASTASIO.)

ALFIERI.

CONSIGLIO PRIVATO DI FILIPPO,

OD

ACCUSA DI CARLO SUO FIGLIO.

FILIPPO.

Nessuno, olà, qui d' inoltrarsi ardisca.
Pochi, ma giusti e fidi, oggi vi aduno
A insólito consiglio.... Ognun mi ascolti.
Ma, quale orrór pria di parlar m' ingombra!
Qual gel mi scorre entre ogni vena! Il pianto
Mi sta sul ciglio, e la débil mia voce,
Quasi del core i sensi esprímer nieghi,
Trémula ondeggia.... E il debbo io pur? sì, il debbo:
La pátria il vuol, non io. Chi 'l credería?
Accusatore oggi fra voi mi seggo;
Giúdice no, ch' ésser nol posso: e, ov' io
Accusatór di cotál reo non fossi,
Qual di voi lo ardiría? Già frémer veggio,
Già inorridír ciascún.... Che fia poi, quando
Di Carlo il nome profferír mi udrete?

ALFIERI.

CONSELHO PRIVADO DE FILIPPE,

OU

ACCUSAÇÃO DE SEU FILHO CARLOS.

FILIPPE.

Ninguem, olá, cá ouse approximar-se.
Poucos, mas justos, e fieis vos junto
Hoje em conselho extraordinario... Ouvi-me.
Mas que horror me acomette antes que eu falle!
Que gelo as veias me percorre! O pranto
Nos meus olhos está; minha voz debil
Quasi a expressar meu coração se negue,
Trémula ondeia.... e devo eu pois?... sim devo;
A patria o quer; eu não; quem crê-lo-hia?
Accusador hoje entre vós me sento,
Julgador não; sê-lo não posso; e quando
Accusador eu de tal réo não fosse,
Quem de vós sê-lo ousára! Horrorizados
Tremer vos vejo.... O que será pois, quando
De Carlo o nome proferir-me ouvirdes?

LEONARDO.

L' ùnico figlio tuo?

PEREZ.

Di che mai reo?

FILIPPO.

Da un figlio ingrato a me la pace è tolta;
Quella, che in sen di sua famiglia gode
Ciascùn di voi, più assái di me felice.
Clemenza in vano adoprái seco, invano
Dolce rigore, ed a vicenda caldi
Sproni a virtù: sordo agli esempj e ai preghi,
E vie più sordo alle minacce, all' uno
L' altro delitto, e a' rei delitti aggiugne
L' insano ardir; sì, ch' oggi ei giunge al colmo
D' ogni più fero eccesso. Oggi, sì, mentre
Non dubbie prove a lui novelle io dava
Di mia troppa dolcezza, oggi ei mi dava
D' inaudita empietà l' últime prove.
Appena l' astro apportatór del giorno,
Lùcido testimón d' ogni opra mia,
Gli altri miei regni a rischiarár sen giva,
Che già coll' ombre della notte, amiche
Ai traditór, sorgéa nel cor di Carlo
Atro orribil pensiero. A far vendetta
Dei perdonati falli ei muove il piede
Ver le mi stanze tácito. La destra
D' un parricida acciaro armarsi egli osa.
A me da tergo ei già si appressa. Il ferro
Già innalza; entro al paterno inerme fianco
Già quasi il vibra.... Ecco da opposta parte

LEONARDO.

O unico teu filho?!

PERES.

E qual seu crime?...

FILIPPE.

Por filho ingrato a paz é-me roubada;
A que no seio da familia sua
Goza cad'um de vós mais que eu ditoso.
Clemencia embalde usei com elle, embalde
Doce rigor, e férvidos por vezes
Estimulos ao bem: a exemplos, rogos
Surdo, e mais surdo ás ameaças, crime
A crime ajunta, e aos pérfidos delictos
O insano ardil, tal que elle chega ao cume
Dos mais feros excessos. Sim, elle hoje,
Emquanto eu novas provas certas dava-lhe
Da minha alta doçura, hoje elle dava-me
De inaudita maldade as móres provas.
Logo que o astro trazedor do dia,
Brilhante espectador das obras minhas,
Marchava a lumear meus outros reinos,
Já da noite nas sombras, aos traidores
Propicias, outro horrivel pensamento
Surgio n'alma de Carlos. A virgar-se
Das perdoadas culpas, silencioso
Ás minhas salas se encaminha. A dextra
De um ferro parricida armar-se elle ousa.
Já por detraz se me approxima. O ferro
Já levanta; do pai no inerme lado
Já quasi o vibra.... Eis que da parte opposta

Inaspettatamente uscirne un grido:
« Bada, Filippo, bada. » Era Rodrigo,
Che a me venia. Mi sento a un tempo un moto
Come di colpo, che lambendo striscia:
Volgo addietro lo sguardo: al piè mi veggo
Nudo un ferro; nell' ombra incerta lungi
Veggio in rápida fuga andarne il figlio.
Tutto narrài. Se v' ha tra voi chi il possa
D' altro fallo accusár; se v' ha chi vaglia
A discolparlo anche di questo, ah! parli
Arditamente libero. V' inspiri
A tanto il cielo. Opra tremenda è questa;
Ben librátela, o giùdici: da voi
Del figlio io chieggo.... e in un di me, sentenza.

GOMEZ.

.... Che ne domandi, o Re? Tradir Filippo,
Tradir noi stessi, il potrém noi? Ma in core
Di un padre immérger potrém hoi l' acciaro?
Deh! non ci trarre al fero passo.

LEONARDO.

Il giorno
Può sórger forse, o Re, che udito il vero
Troppo t' incresca; e a noi, che a te il dicemmo,
Farlo tu vogli incréscer anco.

PEREZ.

Il vero
Nuócer non de'. Chiesto n' è il ver; si dica.

FILIPPO.

Qui non vi ascolta il padre; il re qui v' ode.

Inesperadamente um grito parte:
« Olha, olha, Filippe. » Era Rodrigo
Que vinha para mim. Ao mesmo tempo
Sinto o bolir de um golpe que resvala.
Eu olho para traz: aos pés me vejo
Um ferro nú; na escuridão incerta
Vejo ao longe fugir rápido o filho.
Tudo narrei. Se alguem de vós ha que outro
Crime imputar-lhe possa, se ha quem valha
A desculpa-lo tambem deste, ah! falle
Ousada e livremente. Para tanto
Inspire-vos o céo. Este negocio
È tremendo: o' juizes, bem pesai-o:
Do filho peço a vós, de mim sentença.

GOMES.

Que nos pedes, ó Rei?! Trair Filippe?
Trair nós mesmos?! E em nós isso cabe?
E no peito de um pai nós poderemos
Cravar o ferro?! Ah! para o fero trance
Não nos leves.

LEONARDO.

Talvez te pese um dia
Ter ouvido a verdade, e tu nos queiras
Fazer arrepender de a termos dito.

PERES.

Mal não traz a verdade: a pedem; diga-se.

FILIPPE.

Cà não vos ouve o pai; cá o Rei vos ouve.

GOMEZ.

Io parlerò dunque primiero; io primo
L' ira di un padre affronterò; chè padre
Tu sei pur sempre; e nel severo ad arte,
Turbato più che minaccévol volto,
Ben ti si legge che se Carlo accusi,
Tu il figlio assolvi: e annoverár del figlio
Non vuoi, nè sai, forse i delitti tutti.
Patti in voce proporre ai ribellanti
Bátavi, a Carlo un lieve errór paréa:
Or ecco un foglio a lui sottratto: iniquo
Foglio, dove ei patteggia in un la nostra
Rovina e l' onta sua. Co' Franchi egli osa
Trattare, ei, sì, cogli abborriti Franchi.
Quì di Navarra, Catalogna, e d' altre
Ricche provincie al trono ispano aggiunte
Dal valór de nostri avi, indi serbate
Da noi col sangue e sudór nostro, infame
Quì leggerete un mercimonio farsi.
Prezzo esecrando di esecrando ajuto
Prestato al figlio incontro al padre, andranne
Parte sì grande di cotanto regno
Dei Franchi preda; e impunemente oppressa
Sarà poi l' altra dal fallace figlio
Di un re, il cui senno, il cui valór potría
Reggér sol, non che parte, intero il mondo.
Ecco qual sorte a noi sovrasta. Ah! cari,
E necessarj, e sacri, i giorni tuoi
Ci sono, o Re, ma necessária, e sacra
Non men la glória dello ispano impero.
Del re, del padre insidïár la vita,

GOMES.

Pois eu primeiro fallarei, primeiro
De um pai o enfado arrostarei; pois sempre
Tu és pai, e no rosto arteiramente,
Turbado mais, que de ameaças cheio,
Bem se te lê que se tu accusas Carlos,
O filho absolves, e contar não queres,
Nem sabes, todas do teu filho as culpas.
Pactos vogaes propôr aos rebellados
Bátavos erro leve a Carlos era.
Agora eis uma carta se lhe apanha,
Carta impia, em que com a ruina nossa
Pactua o seu opprobrio: elle se atreve
A tratar c'os Francezes; c'os odiados
Francezes. De Navarra e Catalunha
E outras ricas provincias, que avós nossos
Juntárão com valor ao throno hispano;
Que após guardamos com suor e sangue,
Tráfico infame aqui lereis fazer-se.
Preço execrando de execrando auxilio
Prestado ao filho contra o pai, tão grande
Parte de tão grão reino irá ser preza
Dos Francezes, e após impunemente
Opprimida será a outra parte
Pelo filho fallaz de um soberano,
Cujo siso e valor regêra o mundo.
Eis qual destino nos impende. Ah! caros,
Necessarios e sacros os teus dias
Nos são, Senhor, mas necessaria e sacra
Menos não é do hispano imperio a gloria.
Do Rei, do pai insidiar á vida

Misfatto orrendo: ma il tradire a un tempo
Il próprio onór, vénder la pátria, (soffri
Che io 'l dica) orrendo è forse al pari. Il primo
Puoi perdonár, che spetta a te: ma l' altro?...
E perdonarlo anco tu puoi: ma, dove
Aggiunto io 'l veggo a sì inauditi eccessi,
Che pronunziare altro poss' io, che morte?

PEREZ.

Morte! Che ascolto?

FILIPPO.

Oh! ciel!...

LEONARDO.

Chi'l crederebbe,
Ch'io pur potessi agli esecrati nomi
Di parricida, traditór, ribelle,
Aggiúngern' altri? E ne rimán pur uno,
Troppo esecrábil più; tal ch' uon non l' osa
Profferir quasi

FILIPPO.

Ed è?

LEONARDO.

Del giusto cielo
Disprezzatór sacrilego mendace.
Onnipossente Iddio, di me tuo vile,
Ma fido servo, espressamente or sciogli
Tu la verace lingua. È giunto, il giorno,
L' ora, il momento è giunto, in cui d' un sole
Folgoreggiante tuo sguardo tremendo

É crime horrendo, mas trahir de junto
A propria honra, mas vender a patria,
Soffre que o diga, é a par talvez horrendo.
Podes aquillo perdoar; pertence-te:
Mas isto?... perdoar tambem o podes:
Mas quando junto a excessos tão enormes,
Que posso pronunciar senão a morte?

PERES.

Morte?! que ouço!

FILIPPE.

Oh! cèos!

LEONARDO.

Quem o creria
Que tambem eu aos execrandos nomes
De parricida, de traidor, rebelde,
Podesse outros juntar? E um inda fica
Muito mais execrando, e tal, que quasi
Ninguem ousa dize-lo.

FILIPPE.

E è?

LEONARDO.

Sacrilego
Despresador mendaz do justo Céo.
Omnipotente Deos, deste teu servo
Abjecto, mas fiel, expressamente
Agora a lingua solta. O dia, a hora,
O momento chegou em que sómente
C'um teu olhar tremendo e fulminante,

Chi lungamente insuperbì ne atterri.
Me sórger fai, me difensor dell' alta
Tua maëstade offesa: a me tu spiri
Nel caldo petto un sovrumano ardire;
Ardir pari alla causa. O della terra
Tu Re, pel labbro mio ciò che a te dice
Il Re dei Re, pien di terrore, ascolta.
Il prence (quegli, ch' io tant' èmpio estimo,
Che nomár figlio del mio Re non l' oso;)
Il prence órridi spregi, onde non meno
Che i ministri del cielo, il ciel si oltraggia,
Dalla impura sua bocca ei mai non resta
Di versár, mai. Le rie profane grida
Perfino al tempio ardimentose innalza:
Biasma il culto degli avi; applaude al nuovo:
E s' egli regna un dì, vedremo a terra
I sacri altari, e calpestár nel limo
Dal sacrilego piè quanto or d' d' incensi,
E di voti onoriám; vedrém.... Che dico?
Se tantô pur la fulminante spada
Di Dio tardasse, io nol vedrò; vedrallo
Chi pria morir non ardirà. Non io
Vedrò strappare il sacro vel, che al volgo
Adombra il ver, ch' ei non intende, e crede:
Nè il tribunál, che in terra raffigura
La giustizia del cielo, e a noi più mite
La rende poscia, andár vedrò sossopra,
Come ei giurava; il tribunál, che illesa
Pura la fede, ad onta altrúi, ci serba.
Sperda in ciel l' èmpio voto: inván lo speri
L' órrido inferno. Al Re sovrano innalza,

A quem de ha muito ufano andou, tu aterres.
Tu a defender tua alta magestade
Offendida surgir hoje me fazes;
No ardente peito excelso ardil me inspiras;
Ardil igual á causa. O' Rei da terra,
Tu, pelo labio meu o que te falla
O Rei dos Reis, cheio de espanto escuta.
O Principe (esse que tão impio julgo,
Que filho do meu Rei não sei chama-lo),
O Principe, desprezos horrorosos,
Que ao céo ultrajão como aos seus ministros,
Não cessa de lançar da impura boca,
Nunca, sim, nunca. Os máos, profanos gritos,
Té contra o templo com ardil levanta:
Censura o avito culto, applaude ao novo.
Se elle reinar um dia, as sacras aras
Nós veremos por terra, e conculcado
Por sacrilego pé, no limo, quanto
De prece e incenso honramos nós: veremos....
Que digo? se de Deos a fulminante
Espada mais tardar, não verei isso;
Ve-lo-ha quem tema de morrer. Eu nunca
Verei rasgado o sacro véo que ao vulgo
Cobre a verdade que elle crê sem ve-la.
Nem esse tribunal que representa
A justiça do céo no mundo, e a torna
Mais branda a nós, andar verei por terra,
Qual jurou elle: o tribunal que illesa,
E pura a fé, queirão ou não, nos guarda.
Frustre o céo o máo voto; em vão o espere
O atroz inferno. Para o Rei supremo

Filippo, il guardo: onori, impero, vita,
Tutto hai da lui; tutto ei può tor: se offeso
Egli è, ti è figlio l' offensore? In lui,
In lui sta scritta la fatál sentenza:
Léggila; e omái non la indugiár.... Ritorce
Le sue vendette in chi le sturba, il cielo.

PEREZ.

Líberi sensi a rio servaggio in seno
Lieve il trovár non è: lbiero sempre
Non è il pensiér liberamente espresso,
E talór anco la viltà si veste
Di fina audacia. O'dimi, o Re; vedrái
Qual sia il líbero dir: m' odi, e ben altro
Ardír vedrái. Supposto è il foglio; e troppo
Discordi son tra lor le accuse. O il prence
Di própria mano al parricídio infame
Si appresta; e allór co' Bátavi ribelli
A che l' inetto patteggiár? dei Franchi
A che i soccorsi? a che con lor diviso
Il paterno retaggio? a che smembrato
Il próprio regno? Ma, se pur più mite
Far con questi empj mezzi a se il destino
Ei spera, allora il parricídio orrendo
Perchè tentár? perchè così tentarlo?
Imprénder tanto, e rimarnesi a mezzo;
Vinto, da che? S' ei lo tentò in tal guisa,
Più chè colpévol, forsennato io 'l tengo.
Ei sapéa che in difesa dei Re sempre
(Anco odiándoli) a gara véglian quelli,
Che da lor trággon lustro, oro, e possanza
Tu il figlio hai visto, che fuggìasi? ah! forse

Olha, Filippe: honras, imperio, vida
Tudo te deu; tudo tirar-te póde.
Terás por filho a quem o offende? Nelle,
Nelle está 'scripta a mui fatal sentença:
Lê-a, e a não tardes mais: suas vinganças
Contra quem as transtorna, o céo retorque.

PERES.

Livres votos achar não é mui facil,
Onde ha malvada servidão; nem sempre
É livre a opinião que livremente
Se exprime; que a vileza ás vezes veste-se
De fina audacia. Ouve-me, ó Rei; agora
Verás qual seja o fallar livre: escuta-me;
E verás outro ardil. É falsa a carta.
Nimio as accusações de si discrepão.
Ou o principe ao infame parricidio
Dispõe seu braço; entao para que pactos
Ineptos com os Bátavos rebeldes?
Para que os auxilios dos Francezes,
E com estes partir do pai a herança?
Para que desmembrado o proprio reino?
Mas se seu fado elle abrandar espera
Com taes meios iniquos, porque tenta
Então, e assim, o parricidio horrendo?
Tanto emprender, e assim parar no meio?
Vencido por que cousa? eu mais o julgo,
Se assim isso tentou, louco que réo.
Sabia elle que vêlão á porfia
Em defesa dos Reis, mesmo os odiando,
Os que ouro delles tem, poder e lustre.
Tu viste o filho andar fugindo? Ah! o viste

Visto non l' hai, fuorchè con gli occhi altrùi.
Ei venga; ei s' oda; ei sue ragión ne adduca.
Ch' ei non t' insidia i giorni, io 'l giuro intanto.
Sovra il mio capo il giuro; ove non basti,
Su l' onór mio; di cui nè il Re, né il cielo,
Árbitri d' ogni cosa, árbitri sono.
Or che diró della empietade, ond' osa
Pietà mentita, in suon di santo sdegno,
Incolparlo? Dirò.... Che val ch' io dica,
Che sotto un velo sagrosanto ognora,
Religïòn chiamato, avvi tal genie
Che rei disegni ammanta; indi, con arte,
Alla celeste la privata causa
Frammischiando, si attenta anco ministra
Farla d' inganni orribile, e di sangue?
Chi omái nol sa? Dirò ben io, che il prence,
Gióvine ognór, d' umano core e d' alti
Sensi mostrossi; all' avvenente aspetto
Conformi sensi; e che speranza ei dolce
Crescéa del padre, dai più téneri anni:
E tu il dicevi, e tel credéa ciascuno.
Io 'l credo ancora: perch' uom mai non giunse
Di cotanta empietade a un tratto al colmo,
Dirò, che ai tanti replicati oltraggi
Null' altro ei mai che pazïenza oppose,
Silenzio, ossèquio, e pianto. È ver, che il pianto
Anco è delitto spesso; avvi chi tragge
Dalla' altrùi pianto l' ira.... Ah! tu sei padre;
Non adirárten, ma al suo piánger piangi;
Ch' ei reo non è, ben infelice è molto.
Ma, se pur mille volte anche più reo,

Talvez sómente com os olhos d'outrem.
Venha elle, seja ouvido e se desculpe.
Que te não trama a morte, entanto eu juro;
Por esta fronte o juro; e se não basta,
Pela minha honra; de que o Rei e o Céo,
Donos de tudo, donos ser não podem.
Ora, que direi eu da impiedade,
De que falsa piedade ousa inculpalo,
D'ira santa c'o tom? direi.... Que vale
Dizer, que sob um véo sempre mui sacro,
Religião chamado, ha certa gente
Que encobre impios designios, e com arte
Misturando depois com a celeste
A causa que é privada, tambem tenta
De atros dolos e sangue orgão faze-la?
Quem o não sabe?... Eu direi, sim, que Carlos,
Sempre mancebo, coração humano
Mostrou e nobres sentimentos, como
Inculca o bello aspecto, e desde a infancia
Crescia do seu pai doce esperança:
E tu dizias isso, e o crião todos.
Eu inda o creio; pois ninguem ao auge
Da impiedade maior chega de salto.
Direi que a ultrajes repetidos, tantos,
Nada jámais oppôz senão paciencia,
Silencio, obsequio e pranto: é, na verdade
O pranto ás vezes crime: ha quem despeito
Tira do pranto alheio; ah! não te enfades;
Tu és pai, e o teu pranto une ao seu pranto;
Pois réo não é, só infeliz é muito.
Má mil vezes fosse elle inda mais réo

Che ognùn quì 'l grida , ei fosse; a morte il figlio
Mai condannár nol può, nè il debbe, un padre.

FILIPPO.

.... Pietade al fine in un di voi ritrovo,
E pietà seguo. Ah! padre io sono; e ai moti
Di padre io cedo. Il regno mio, me stesso,
Tutto abbandono all' árbitra suprema
Imperscrutábil volontà del cielo.
Dell' ire forse di lassù ministro
Carlo ésser debbe in me: pera il mio regno,
Pera Filippo pria, ma il figlio viva;
Lo assolvo io già.

GOMEZ.

Tu delle leggi, adunque
Maggiór ti fai? Perchè appellarci? Solo,
Tu bem puoi rómper senza noi le leggi.
Assolvi, assolvi; ma, se un dì funesta
La pietà poi ti fosse... ?

PEREZ.

In ver, funesta
Fia la pietà; chè assái novella io veggio
Sórger pietade.... Ma, qual sia l' evento,
Non è consiglio questo, ov' io sedermi
Ardisca omái: mi è cara ancór la fama,
La vita no. Ch' io non bagnái mie mani
Nell' innocente sangue, il sappia il mondo:
Quì rimanga chi 'l vuole. Al cielo io pure
Miei voti innalzo: al ciel palese appieno
È il ver.... Mà che dich io? soltanto al cieto?...
S' io volgo intento a me dattorno il guardo,

Do que o clama cad'um, nunca um pai póde,
Nem deve condemnar um filho á morte.

FILIPPE.

Emfim, em um de vós acho piedade,
E sigo a esta, ah! eu sou pai; eu cedo
Aos palpites de pai; meu reino entrego
Mim mesmo, e tudo á árbitra suprema
Imperscrutavel celestial vontade.
Talvez ministro das divinas iras
Carlos ser deve sobre mim; pereça
Filippe e o reino meu, mas viva o filho;
Eu já o absolvo.

GOMES.

Tu maior portanto
Que as leis te fazes? Para que chamar-nos?
Só, bem pódes sem nós infringir leis.
Absolve, absolve, mas funesta um dia
Se a piedade após te fôr?...

PERES.

Funesta
Fôra a piedade, sim, que outra piedade
Mui nova eu surgir vejo: mas o evento
Seja qual fôr, este não e conselho,
Onde ouse inda sentar-me; ainda a fama
Estimo, a vida não; o mundo saiba,
Que no sangue innocente as mãos não banho.
Fique aqui quem quizer. Tambem ao Céo
Meus votos alço; ao Céo bem manifesta
É a verdade; que digo? ao Céo sómente?
Se a minha vista bem repara entorno,

Non vegg' io che ciascuno appièn sa il vero?
Che il tace ognuno? e che l' udirlo, e il dirlo,
Qui da gran tempo è capitál delitto?

FILIPPO.

A chi favelli tu?

PEREZ.

Di Carlo al padre....

FILIPPO.

Ed al tuo Re.

LEONARDO.

Tu sei di Carlo il padre:
E chi 'l dolór di un disperato padre
Non vede in te? ma, tu sei padre ancora
De' tuoi súdditi; e in pregio hann' essi il nome
Di figli tuoi, quanto in non cale ei l' abbia.
Sol uno è il prence: innumeràbil stuolo
Son essi, ei salvo, altri in periglio resta;
Colpévol ei, gli altri innocenti tutti:
Fra il salvàr uno, o tutti, incerto stai?

FILIPPO.

In cor lo stile a replicati colpi
Non mi s' immerga omài; cessate: ah! forza
Più di udirvi non ho. Fuor del mio aspetto
Nuovo consiglio or si raduni; ed anco
I sacerdoti sségganvi, in cui muti
Sono i mondani affetti: il ver rifulga
Per loro mezzo; e sol si ascolti il vero.
I'tene dunque, e sentenziate. Al dritto
Nuócer potrebbe or mia presenza troppo;
O troppo forse a mia virtù costarne.

(ALFIERI. — FILIPP.)

Não vejo que a verdade a sabem todos?
Que a calão todos? que o dize-la e ouvi-la
Aqui, de ha muito, é capital delicto?

FILIPPE.

Com quem fallando estás?

PERES.

C'o pai de Carlos:

FILIPPE.

E c'o teu Rei.

LEONARDO.

Tu ès o pai de Carlos;
E quem a dôr de um pai desesperado
Em ti não vê? mas, pai és igualmente
Dos teus súbditos; elles de teus filhos
O nome prezão, quanto elle o despreza.
Um é o principe: um bando innumeravel
São elles; elle salvo, os mais perigão.
Elle é culpado, os mais são innocentes.
Hesitas em salvar, ou um, ou todos?

FILIPPE.

No coração a repetidos golpes
Mais o punhal se me não crave; ah! basta;
Falha-me força para ouvir-vos. Longe
De mim junte-se já novo conselho
E tenhão nelle assento os sacerdotes,
Em que humanas paixões sóem ser mudas.
Luza por elles a verdade, e se ouça
Só a verdade; ide, julgai: a minha
Presença ao jus nimio lesar podera;
Ou assaz comprometter minha virtude:

(ALFIERI. — FILIPPE.)

EGISTO

RACCONTA

COME UCCISE UN MASNADIERE.

EGYSTO.

Io m' era al vecchio genitór di furto
Sottratto, incauto; e già più mesi attorno
Men giva errando per città diverse,
Quando oggi al fin qui m' avviava. Un calle
Stretto e solingo, che ai pedón' dà via
Lungo il Pamiso, con veloci piante
Venia calcando, impaziënte molto
Di porre il piè nella città, che mostra
Mi fea da lungi vaga, e in un pomposa,
D' alti palagi e di superbe torri.
Quand' ecco a me di contro altr' uom venirne,
Più frettoloso assái; son d' uom, che fugge,
I passi suoi; gïóvin l' aspetto; gli atti,
Arroganti, assoluti: ei di lontano
Con man mi accenna, ch' io gli sgombri il passo.
Angustissimo il loco, ad uno appena
A'dito dà: sul fiume alto scoscende

EGYSTO

CONTA

COMO MATOU UM SALTEADOR.

EGYSTO.

Ao velho genitor furtivamente
Eu me sumira, incauto; e já de uns mezes
Por diversas cidades ia errando,
Quando hoje emfim para aqui vinha. Um trilho
Estreito e solitario, que caminho
Aos peões dá na margem do Pamiso,
Vinha eu veloz trilhando, impaciente
De entrar já na cidade, que de longe
Pomposa me offrecia e bella vista
De altos palacios e soberbas torres.
Quando eis que contra mim vem outro homem
Muito mais apressado; são seus passos
De homem que foge: o aspecto moço, os actos
Arrogantes, decisos: signal faz-me
De longe com a mão, que eu dê caminho.
O lugar estreitissimo, passagem
Offrece a um só: de um lado para o rio

Il mal sentiér per una parte; l' altra,
Irta d' ispidi dumi, assái fa schivo
D' accostárvisi l' uomo. Il modo spiacque
A me, libero nato, uso soltanto
D' obbedire alle leggi, e a céder solo
Ai più vecchi di me; m' inoltro io quindi.
Ei, con voce terribile: « Ritratti,
« Oh ch' io.... » mi grida. Ardo di sdegno allora:
« Ritratti tu » gli réplico. Già presso
Siam giunti: ei caccia un suo pugnál dal fianco,
E su me corre: io non avéa pugnale,
Ma cor; lo aspetto di piè fermo; ei giunge;
Io sottentro, il ricingo, e in men che il dico,
L' atterro: inván dibáttesi; il conficco
Con mie ginocchda al suol: sua destra afferro
Con ambe mani; ei freme indarno, io salda
Glie la rattengo, immota. Quando ei troppo
Débil si scorge al paragone, a finta
Mércede viene; io 'l credo, il lascio; ei tosto
A tradimento un colpo, qual qui il vedi,
Mi vibra, i panni squarcia; il colpo striscia:
Lieve è il dolór, ma troppa è l' ira: io cieco,
Di man gli strappo il rio pugnál.... trafitto
Nel sangue ei giace.

POLIFONTE.

Assái tu se' valente,
Se veritiero sei.

EGISTO.

Troppo mi dolse,
Sfuggito eppena il colpo di man m' era.

Ha um grão despenhadeiro, estão do outro
Tão hispidos abrolhos, que repugna
Qualquer de se chegar. A mim, que livre
Nasci, que ás leis obedecer sómente,
E aos mais anciãos ceder costumo, o modo
Desagradou; portanto, vou seguindo.
Elle me grita c'uma voz terrivel:
Arreda-te, senão.... D'ira eu me accendo:
Arreda tu, lhe torno. Nós estamos
Já perto; elle do lado um punhal saca;
Sobre mim corre: punhal eu não tinha,
Mas coração; o espero de pé firme.
Elle chega; eu subentro, o agarro, e logo
O aterro: em vão debate-se; no solo
C'os joelhos o finco; a mão lhe afferro
Co'as minhas; freme elle debalde, eu presa
Firme lh'a tenho e immovel. Em se vendo
Então mui fraco contra mim, recorre
A falso rogo; eu fé lhe presto e o largo.
Logo a traição um golpe elle me vibra,
Qual aqui vês; os pannos rasga, o golpe
Resvala; é leve a dôr, mas nimia a ira:
Cego, eu da mão lhe arranco o ferro: morto
Jaz no seu sangue.

POLYPHONTES.

Assaz és tu valente,
Se me não mentes.

EGYSTO.

Grão pezar eu tive
Logo que o golpe me escapou da dextra.

Non uso al sangue, io m' avvilii, temetti;
Che far, non mi sapéa: prima il coltello
Lanciái nel fiume; indi pensiér mi venne
Pur di lanciarvi il misero; di torre
Ogni indizio così, párvemi; e il feci.
Vedi, se avvezzo era a' delitti: ahi folle!
Così com' era insanguinato, io corsi,
Senza sapér dove mi andassi, al ponte.
Ivi da' tuoi, ch' io non fuggia, fui preso
E quì m' han tratto. Io nulla tacqui; il giuro.

(ALFIERI. — MEROPE.)

Não costumado ao sangue, acobardei-me;
Temi; eu não sabia o que fizesse.
A faca ao rio então lancei; lembrou-me
Logo lançar tambem ao miseravel.
Julguei assim tirar indicios; fi-lo.
Vê se era ao crime acostumado; oh louco!
Tal qual me achava, ensanguentado, á ponte
Eu corri sem saber onde eu me fosse.
Lá pelos teus, pois não fugi, fui preso;
Cá me trouxerão. Nada occulto: o juro.

(ALFIERI. — MEROPE.)

MONTI.

LA BELLEZZA DELL' UNIVERSO.

Canto Epitalamico.

Della mente di Dio cándida figlia,
Prima d' Amor germana, e di Natura
Amábile compagna e maraviglia,

Madre de' dolci affetti, e dolce cura
Dell' uom, che varca pellegrino errante
Questa valle d' esilio e di sciagura,

Vuoi tu, diva Bellezza, un risonante
Udir inno di lode, e nel mio petto
Un raggio tramandar del tuo sembiante?

Senza la luce tua l' egro intelletto
Langue oscurato, e i miei pensier sen vanno
Smarriti in faccia al nóbile subbietto.

Ma qual principio al canto, o Dea, daranno
Le Muse? e dove mai degne parole
Dell' origine tua trovar potranno?

MONTI.

A BELLEZA DO UNIVERSO.

Canto Epithalamico.

O' da mente de Deos cândida filha, (1)
Primeira irmãa de Amor, e da Natura
Amavel companheira e maravilha,

Mãi das doces paixões, cara doçura
Do homem, que anda peregrino e errante
Neste valle de exilio e desventura,

Queres, diva Belleza, hum resonante
Hymno ouvir de louvor, e no meu peito
Um raio desferir do teu semblante?

Sem tua luz, na escuridão desfeito,
Vai murchando o intellecto e desfallece,
Meu pensar ante o meu nobre subjeito.

Mas qual, ó Deosa, o modo em que comece
Das Musas o hymno? e para a origem tua
Onde achar as palavras que merece?

Stávasi ancora la terrestre mole
Del Caos sepolta nell' abisso informe,
E sepolti con lei la Luna e il Sole;

E tu del sommo Facitor su l' orme
Spazîando, con esso preparavi
Di questo Mondo l' órdine e le forme.

V' era l' eterna Sapîenza, e i gravi
Suoi pensier ti venia manifestando
Stretta in santi d' amor nodi soavi.

Teco scorrea per l' Infinito; e quando
Dalle cupe del Nulla ombre ritrose
L' onnipossente creator comando

Uscir fe' tutte le mondane cose,
E al guerreggiar degli elementi infesti
Silenzio e calma inaspettata impose,

Tu con essa alla grande opra scendesti,
E con possente man del furibondo
Caos le ténebre indietro respingesti,

Che con muggito orrìbile e profondo
Là del Creato su le rive estreme
S' odon le mura flagellar del Mondo;

Simili a um mar che per burrasca freme,
E sdegnando il confine, le bollenti
Onde solleva, e il lido assorbe e preme.

Poi ministra di lucc e di portenti,
Del ciel volando pei deserti campi,
Seminasti di stelle i firmamenti.

Ainda estava a Terra e a mole sua
Do chaos no informe abysmo sepultada,
E sepultos com ella o Sol e a Lua;

E tu do alto Feitor sobre a pegada
Passeando, apromtavas deste mundo
Com elle a fórma e a machina ordenada.

A Sapïencia eterna hi seu profundo
Pensamento ia a ti manifestando,
De amor ligada em santo nó jucundo.

Correu comtigo ella o Infinito; e quando
Do sombrio do Nada arisco seio
O omnipotente creador comando

Sahir fez tudo quanto ao mundo veio,
E a infensos elementos guerreantes
Silencio impôz, e inesperado freio:

Tu com ella á grande obra em taes instantes
Baixaste, e a forte mão do furibundo
Chaos repellio as trevas reluctantes,

Que, com bramido horrivel e profundo,
Lá do Creado na ribeira extrema,
Ouvem-se os muros flagellar do mundo;

Taes como um mar que por borrasca frema
Desdenhando o confim com turbulentos
Levantes d'agua, e a praia absorva e prema. (2)

Depois de luz ministra e de portentos,
Do céo voando nos desertos campos,
De estrellas semeaste os firmamentos.

Tu coronasti di sereni lampi
Al Sol la fronte; e per te avvien che il crine
Delle comete rubiconde avvampi;

Che agli occhi di quaggiù, spogliate alfine
Del reo presagio di feral fortuna,
Invian fiamme innocenti e porporine.

Di tante faci alla silente e bruna
Notte trapunse la tua mano il lembo,
E un don le festi della bianca Luna;

E di rose all' Aurora empiesti il grembo,
Che poi sovra i sopiti egri mortali
Piovon di perle rugiadose un nembo.

Quindi alla terra indirizzasti l' ali,
Ed ebber dal poter de' tuoi splendori
Vita le cose inanimate e frali.

Túmide allor di nutritivi umori
Si fecondâr le glebe, e si fêr manto
Di molli erbette e d' olezzanti fiori.

Allor degli occhi lusinghiero incanto,
Crebber le chiome ai boschi; e gli arbuscelli
Grato stillar dalle cortecce il pianto;

Allor dal monte corsero i ruscelli
Mormorando, e la flórida riviera
Lambîr freschi e scherzosi i venticelli.

Tutta del suo bel manto Primavera
Copría la terra: ma la vasta idéa
Del gran Fabbro compita ancor non era

Tu coroaste de serenos lampos
Do sol a fronte; e a coma aos rubescentes
Cometas se inflammou dos teus relampos,

Astros que emfim, ao contemplar das gentes
Despido o agouro de feral ventura,
Mandão purpureas chammas innocentes.

De muitos fachos á callada e escura
Noite bordou a tua mão a veste;
E co'a a Lua a brindaste branca e pura:

E de rosas a Aurora o seio encheste,
Que nos tristes mortaes, que o somno afferra,
Chovem mil perlas rociando a veste.

Depois as azas tu volveste á Terra;
E animou o poder dos teus fulgores
Quanto ha caduco, e uma alma não encerra.

Pejada então de substanciaes humores,
A gleba fecundou-se, e a si fez manto
D'hervinhas tenras e cheirosas flores.

Então, da vista lisongeiro encanto,
Cresceu a coma ao bosque, e os arbustinhos
Grato da casca distillárão pranto.

Corrêrão murmurando os ribeirinhos
Do monte, e a margem que já florecêra
Lambêrão frescos brincalhões ventinhos.

Toda com bello manto a Primavera
Cobria a terra; e inda incompleto estava
O grão plano que Deos preconcebêra.

Di sua vaghezza inútile parea
Lagnarsi il suolo: e con più bel desiro
Sguardo e amor di viventi alme attendea.

Tu allor raggiante d' un sorriso in giro
Dei quattro venti su le penne tese
L' aura mandasti del divino Spiro.

La terra in sen l' accolse, e la comprese,
E un dolce movimento, un brividio
Serpeggiar per le viscere s' intese;

Onde un frémito diede, e concepìo;
E il suol, che tutto già s' ingrossa e figlia,
La brulicante superficie aprìo.

Dalle grávide glebe, oh maraviglia!
Fuori allor si lanciò scherzante e presta
La vaga delle belve ampia famiglia.

Ecco dal suolo liberar la testa,
Scuoter le giubbe, e tutto uscir d' un salto
Il biondo imperador della foresta:

Ecco la tigre, e il leopardo in alto
Spiccarsi fuora della rotta bica,
E fuggir nelle selve a salto a salto.

Vedi sotto la zolla, che l' implica,
Divincolarsi il bue, che pigro e lento
Isviluppa le gran membra a fatica.

Vedi pien di magnánimo ardimento
Sovra i piedi balzar ritto il destriero,
E nitrendo sfidar nel corso il vento;

Dessa belleza inutil se queixava
Como que o solo, e com melhor suspiro,
Vista e amor d'almas vivas anhelava.

Tu então, pintada de um sorriso em giro,
Dos quatro ventos nas azas voando,
Soltaste a aura do do eternal Respiro. (3)

A Terra a recebeu e a foi chupando,
E um doce movimento, um arrepio,
Nas visceras sentio ir serpeando;

E um frémito soltou, e mãi se vio;
E o solo, que já todo engrossa e filha, (4)
A buliçante superficie abrio:

E da grávida gleba, oh maravilha!
Fóra então se lançou brincante e lesta
Das feras a bonita ampla familia.

Eis do terreno libertar a testa,
Sacudir as gadelhas, e de um salto
Sahir todo o rei louro da floresta. (5)

O tigre e o leopardo eis logo ao alto
Pular fóra do combro arrebentado,
E nas selvas fugir a salto e salto.

Vê debaixo da leiva embaraçado
Luctar o boi, que preguiçoso e lento
Mal desenvolve o corpo avolumado.

Vê cheio de magnánimo ardimento
O cavallo pular todo altaneiro,
Desafiar rinchando ao curso o vento

Indi il cervo ramoso, ed il leggiero
Daino fugace, e mille altri animanti,
Qual mansueto, e qual ritroso e fiero.

Altri per valli e per campagne erranti,
Altri di tane abitator crudeli,
Altri dell' uomo difensori e amanti.

E lor di macchia differente i peli
Tu di tua mano dispingesti, o Diva,
Com quella mano che dipinse i cieli.

Poi de' color più vaghi, onde l' estiva
Stagion delle campagne orna l' aspetto,
E de' freschi ruscei smalta la riva,

L' ale spruzzasti al vagabondo insetto,
E le lùbriche anella serpentine
Del più caduco vermicciuol negletto.

Nè qui ponesti all' opra tua confine;
Ma vie più innanzi la mirabil traccia
Stender ti piacque dell' idee divine.

Cinta adunque di calma e di bonaccia
Delle marine interminabil' onde
Lanciasti un guardo su l' azzurra faccia.

Penetrò nelle cupe acque profonde
Quel guardo, e con bollor grato Natura
Intiepidille, e diventâr feconde;

E tosto varj d' indole e figura
Guizzaro i pesci, e fin dall' ime arene
Tutta increspâr la liquida pianura.

E o veado ramoso, e o mui ligeiro
Gamo fugaz, e mil brutos variantes
Qual delles manso, e qual bravo e matreiro;

Outros no valle e na campina errantes,
Outros crueis de covas moradores,
Ou do homem defesa e delle amantes.

E tu seus pellos com diversas cores
Com os teus dedos lhes pintaste, ó Diva,
C'os dedos que do céo forão pintores.

Com as cores depois com que a estiva
Estação da campina adorna o aspecto,
E do fresco ribeiro esmalta a riva,

Nas azas borrifaste o errante insecto,
E os lúbricos anneis e serpentinos
Do verme mais caduco e mais abjecto.

Nem da tua obra os últimos destinos
Taes forão, mas seguindo, inda extendida
Quizeste a linha aos planos teus divinos.

De calma e de bonança assim cingida
Para as do mar interminaveis undas
Olhaste, e a face sua de azul tingida.

Penetrou esse olhar em as profundas
Fuscas aguas; e tépida quentura
As temperou, tornando-as fecundas.

E logo, varios de indole e figura,
Peixes saltárão das fundas areias,
Toda encrespando a liquida planura.

I delfin snelli colle curve schiene
Uscir danzando; e mezzo il mar copriro
Col vastissimo ventre orche e balene.

Fin gli scogli e le sirti allor sentiro
Il vigor di quel guardo e la dolcezza,
E di coralli e d' erbe si vestiro.

Ma che? Non son, non sono, alma Bellezza.
Il mar, le belve, le campagne, i fonti
Il sol teatro della tua grandezza:

Anche sul dorso dei petrosi monti
Talor t' assidi maestosa, e rendi
Belle dell' alpi le nevose fronti:

Talor sul giogo abbrustolato ascendi
Del fumante Etna, e nell' orribil veste
Delle sue fiamme ti ravvolgi e splendi.

Tu del nero Aquilon su le funeste
Ale per l' aria alteramente vieni,
E passeggi sul dorso alle tempeste:

Ivi spesso d' orror gli occhi sereni
Ti copri, e mille intorno al capo accenso
Rúgghiano i tuoni, e strisciano i baleni.

Ma sotto il vel di tenebror sì denso
Non ti scorge del vulgo il debil lume,
Che si confonde nell' error del senso.

Sol ti ravvisa di Sofia l' acume,
Che nelle sedi di Natura ascose
Ardita spinge del pensier le piume.

Lestos delfins sahirão em choreias
C'o dorso curvo, e meio o mar enchêrão
C'o vastissimo ventre orcas, baleias.

Escolhos, syrtes mesmo, então sentirão
Desse olhar o poder e a doce empreza,
E de coraes e d'hervas se vestirão.

Mas que?! Não são, não são, alma Belleza,
O mar, as feras, os campos e as fontes
Teu único theatro de grandeza:

Tambem no dorso dos petrosos montes
Sentas-te ás vezes magestosa, e fazes
Bellas dos Alpes as nevosas frontes:

E sóbes do Etna entre os fumosos gazes
Ao cume torrefacto, e vestimentas
De horriveis chammas resplendendo trazes.

Tu do escuro Aquilão nas violentas
Azas altiva vens nos ares vindo,
E passeias no dorso das tormentas:

O sereno olho alli tu vais cobrindo
De horror, e entorno da fronte incendiada
Roncão trovões, vão raios desferindo.

Mas sob o véo da escuridão cerrada,
Do vulgo te não vê a curta mente
Dos sentidos no engano embaraçada.

De Sophia a agudez te vê sómente,
Que nas occultas sédes da Natura
Do pensar leva o vôo ousadamente.

Nel danzar delle stelle armonïose
Ella ti vede, e nell' occulto amore
Che informa e attragge le create cose.

Te ricerca con occhio indagatore
Di botániche armato acute lenti
Nelle fibre or d' un' erba ed or d' un fiore:

Te dei corpi mirar negli elementi
Sógliono al gorgoglio d' acre vasello
I Chimici curvati e pazïenti.

Ma più le tracce del divin tuo bello
Discopre la sparuta Anatomia
Allorchèa, rmatadi sottil coltello,

I cadaveri incide, e l' armonìa
Delle membra rivela, e il penetrale
Di nostra vita attentamente spia.

O uomo, o del divin dito immortale
Ineffabil lavor, forma, e ricetto
Di spirto e polve moribonda e frale,

Chi può cantar le tue ballezze? Al petto
Manca la lena, e il verso non ascende
« Tanto, che arrivi all' alto mio concetto.

Fronte che guarda il cielo, e al cielo tende;
Chioma che sopra gli ómeri cadente
Or bionda, or bruna, il capo orna e difende;

Occhio, dell' alma intérprete eloquente,
Senza cui non avria dardi e faretra
Amor, nè l' ali, nè la face ardente;

Das estrellas harmónicas te apura
Seu ver nas danças, nesse occulto amor,
Que fórma e attrahe a toda creatura.

Procura-te com olho indagador,
Botánicas armando agudas lentes,
Na fibra ora da herva, ora da flor:

E dos corpos te olhar nos componentes,
De acre vaso ao ferver, costuma o zelo
Dos chimicos curvados e pacientes.

Mas as fórmas do teu divino bello
Melhor descobre a morta Anatomia,
Quando ella, armada de fino escalpello,

Cadáveres disseca, e a harmonia
Patenteia dos membros, e o segredo
Da nossa vida attentamente espía.

O' homem, do divino immortal dedo
Ineffavel lavor, fórma e mistura
D'esp'rito e debil pó que morre cedo,

Quem cantar póde a tua formosura?!
Ao peito o alento falta, e não ascende
O verso do meu thema á grande altura.

Fronte que o céo encara e que ao céo tende,
Madeixa loura ou escura, que cadente
Nos hombros a cabeça orna e defende;

Olho da alma intérprete eloquente,
Sem o qual nunca amor arco ou pharetra
Tivera, nem a aza, e o facho ardente;

Bocca dond' esce il riso che penétra
Dentro i cuori, e l' accento si disserra,
Ch' or severo comanda, or dolce impetra;

Mano che tutto sente e tutto afferra,
E nell' arti incallisce, e ardita e pronta
Cittadi innalza, e opposti monti atterra;

Piede, su cui l' uman tronco si ponta,
E parte e riede, e or ratto ed or restio
Varca pianure, e gioghi aspri sormonta;

E tutta la persona entro il cuor mio
La maraviglia piove, e mi favella
Di quell' alto Saper che la compio.

Taccion d' amor rapiti intorno ad ella
La terra, il cielo; ed *io son io*, v' è sculto,
Delle create cose la più bella.

Ma qual nuovo d' idee dolce tumulto!
Qual raggio amico delle membra or viene
A rischiararmi il laberinto occulto?

Veggo múscoli ed ossa, e nervi e vene,
Veggo il sangue e le fibre, onde s' alterna
Quel moto che la vita urta e mantiene;

Ma nei legami della salma interna,
(Ammiranda prigion!) cerco, e non veggio
Lo spirto che la move e la governa.

Pur sento io ben che quivi ha stanza e seggio,
E dalla luce di ragion guidato
In tutte parti il trovo, e lo vagheggio:

Boca donde sahe riso que penetra
Os corações, e a falla se descerra,
Que severa comanda ou doce impetra;

Mão a qual tudo sente e tudo afferra,
E em artes encallesce, e prompta e ousada
Cidades ergue, e o monte opposto aterra;

Pé sobre o qual co'a máchina firmada
O homem vai e vem tardo ou expedito,
Passa a planice, e sobe alpestre estrada;

E da pessoa o todo em meu esp'rito
Diffunde a maravilha, e me revela
O Saber que a formou summo e infinito.

Mudos arrasta o amor entorno della
A Terra e o Céo e, *eu*, alli 'stá 'sculto,
Sou das creadas 'cousas a mais bella.

Mas qual doce na mente outro tumulto!
E qual amigo raio me aclareia
Ora o dos membros laberinto occulto?!

Muito músculo e osso, e nervo, e veia
Eu vejo, e o sangue e a fibra que lhe alterna
O moto que c'o impulso a vida ateia.

Mas nos liames da máchina interna
(Prisão pasmosa!) eu busco e não attento
O espirito que a move e que a governa.

Mas vejo eu bem, que aqui tem casa e assento;
E, pelo lume da razão guiado,
Em toda parte o acho e miro attento.

O spirto, o immago dell' Eterno, e fiato
Di quelle labbra, alla cui voce il seno
Si squarciò dell' abisso fecondato,

Dove andár l' innocenza ed il sereno
Della pura beltà, di cui vestito
Discendesti nel cárcere terreno?

Ahi, misero! t' han guasto e scolorito
Lascivia, ambizione, ira ed orgoglio,
Che alla colpa ti fêro il turpe invito!

La tua ragione trabalzâr dal soglio,
E lácero, deluso ed abbattuto
T' abbandonâr nell' onta e nel cordoglio,

Siccome incauto pellegrin caduto.
Nella man de' ladroni, allorchè dorme
Il Mondo stanco e d' ogni luce muto;

Eppur sul volto le reliquie e l' orme,
Fra il turbo degli affetti e la rapina,
Serbi pur anco dell' antiche forme:

Ancor dell' alta origine divina
I sacri segni riconosco; ancora
Sei bello e grande nella tua rovina.

Qual ardua antica mole, a cui talora
La fólgore del cielo il fianco scuota,
Od il tempo che tutto urta e divora,

Piena di solchi, ma pur salda e immota
Stassi, e d' offese e d' anni carca aspetta
Un nemico maggior che la percota.

O' espirito, ó immagem do Increado,
Sopro do labio, que, fallando apenas,
Rasgou do abysmo o seio fecundado,

Que é feito da innocencia e das serenas
Bellezas puras de que tu trajado
Desceste um dia nas prisões terrenas?

Ah misero! lascivia, orgulho, enfado
E ambiçao te perdêrão, descorárão
Com torpe tentação para o peccado.

Tua razão do throno derribárão,
E lacerado, illuso e inda abatido
Na injuria e n'afflicção te abandonárão,

Qual peregrino incauto, que cahido
Tenha em mão de ladrões, quando cançado
Dorme o Mundo de toda a luz despido.

Mas os restos e os traços conservado,
(Das paixões na tormenta e na rapina)
Tu tens das fórmas do teu prisco estado.

Inda os sacros signaes eu da divina
Excelsa origem reconheço; ainda
És bello e grande em tal tua ruina.

Qual arduo antigo muro ao qual discinda (6)
Raio do céo o sacudido lado,
Ou o Tempo edaz que tudo aterra e finda,

Com cem rachas, mas firme e inabalado
Fica, e de mór imigo inda a pancada
D'annos espera e insultos carregado.

Fra l' eccidio e l' orror della soggetta
Colpévole Natura, ove l' immerse
Stolta lusinga e una fatal vendetta,

Più bella intanto la Virtude emerse,
Qual astro che splendor nell' ombre acquista,
E in riso i pianti di quaggiù converse.

Per lei gioconda e lusinghiera in vista
S' appresenta la morte, e l' amarezza
D' ogni sventura col suo dolce è mista:

Lei guarda il ciel dalla superna altezza
Con amanti pupille; e per lei sola
S' apparenta dell' uomo alla bassezza.

Ma dove, o Diva del mio canto, vola
L' audace immaginar? dove il pensiero
Del tuo Vate guidasti e la parola?

Torna, amabile Dea, torna al primiero
Cammin terrestre, nè mostrarti schiva
Di minor vanto e di minore impero.

Torna; e se cerchi errante fuggitiva
Devoti per l' Europa ánimi ligi,
E tempio degno di sì bella Diva,

Non t' aggirar del mórbido Parigi
Cotanto per le vie, nè sulle sponde
Della Neva, dell' Istro e del Tamigi.

Volgi il guardo d' Italia alle gioconde
Alme contrade, e per miglior cagione
Del fiume Tiberin fèrmati all' onde.

Entre o excidio e horror da subjugada
Ré Natureza aonde a mergulhára
Vãa lisonja e vingança malfadada,

Surgio mais bella da Virtude a cara,
Qual astro em trevas, que mais luz conquista,
E fez risonho o Mundo que chorara.

Por ella grata e lisongeira á vista
Apresenta-se a morte, e a amargura
Dos infortunios com seu mel é mista.

O Céo a observa da superna altura
Com olho amante, e por ella sómente
Se aparenta do homem co'a baixura.

Mas onde, ó Deosa, vôa ousadamente
Fantasiando o canto? onde guiaste
Do teu Poeta o discorrer e a mente?

Ah! torna, amavel Deosa, ao já deixado
Caminho terreal, sem ser esquiva
Por menor gloria ou por menor reinado.

Torna; e se errante buscas fugitiva
Devotas pela Europa, almas vassallas,
E templo digno de tão bella Diva;

Tu, do molle Paris, afim de acha-las
Não corras muito as vias, nem do Neva,
Istro e Tamisa, ás praias vas busca-las.

Para os da Italia almos paizes leva
Teus olhos; no lugar que o Tibre banha,
Pára; ha mór causa porque assim se deva.

Non è straniero il loco e la magione.
Qui fu dove dal Cigno Venosino
Vagheggiar ti laciasti, e da Marone;

E qui reggesti del Pittor d' Urbino
I sovrani pennelli, e di quel d' Arno
« Michel più che mortale Angel divino.

Ferve d' alme sì grandi, e non indarno,
Il Genio redivivo. Al suol Romano
D' Augusto i tempi e di Leon tornarno.

Vedrai stender giulive a te la mano
Grandezza e Maestà, tue suore antiche;
Che ti chiaman da lungi in Vaticano.

T' infioreranno le bell' Arti amiche
La via dovunque volgerai le piante,
Te propizia invocando alle fatiche.

Per te all' occhio divien viva e parlante
La tela e il masso; ed il pensiero è in forsi
Di crèderlo insensato, o palpitante:

Per te di marmi i duri alpestri dorsi
Spoglian le balze tiburtine, e il monte
Che Circe empieva di leoni e d' orsi;

Onde poi manl architettrici e pronte
Di moli aggravan la latina arena
D' eterni fianchi e di superba fronte:

Per te risuona la notturna scena
Di possente armonìa che l' alme bea,
E gli affetti lusinga ed incatena;

Não é tal plaga, nem tal casa estranha:
De Maro aqui, do Cysne Venusino (7)
Contemplar-te deixaste na companha.

Aqui regeste do pintor de Urbino (8)
Os sublimes pinceis e os do Tuscano
Miguel mais que mortal anjo divino.

D'almas tão grandes ferve, e não com dano,
O redivivo genio, e de Leão (9),
D'Augusto a era eis no paiz Romano.

Tu verás ledas protender-te a mão
Grandeza e Magestade irmãas antigas
De ti que chamão la do Vaticão (10).

Flores na via esparzirão-te amigas
As bellas artes ondequer que, o Diva,
Pises, fausta invocando-te ás fadigas.

A pedra, a teia, por ti faz-se viva
E falla ao olho: e quasi que o presume
Insano a mente, ou treme compassiva.

De marmores no duro alpestre cume
Despe-se a Serra Tiburtina, e o monte
Que encheu de feras Circe em seu costume.

De architectos as mãos logo a tal fonte
Buscão pesadas á latina areia
Moles de eterno flanco e altiva fronte.

Sôa a nocturna scena por ti cheia
De potente harmonia d'alma encanto,
Que os affectos affaga e os encadeia.

E questa Selva, che la selva Ascrea
Imita, e suona di febeo concento,
Tutta è spirante del tuo nume, o Dea;

E questi lauri che tremar fa il vento,
E queste che premiam ténere erbette
Sono d' un tuo sorriso opra e portento:

E tue pur son le dolci canzonette
Che ad Imeneo cantar dianzi s' intese
L' Árcade schiera su le corde elette.

Stettero al grato suon l' aure sospese,
E il bel Parrasio a repplicar fra nui
Di Luigi e Costanza il nome apprese.

Ambo cari a te sono, e ad ambidui
Su l' amabil sembiante un feritore
Raggio imprimesti de' begli occhi tui;

Raggio che prese poi la via del core,
E di Virtú congiunto all' aurea face
Fe' nell' alme avvampar quella d' Amore.

Vien dunque, amica Diva. Il Tempo edace,
Fatal nemico, colla man rugosa
Ti combatte, ti vince e ti disface.

Egli il color del giglio e della rosa
Toglie alle gote più ridenti, e stende
Dappertutto la falce ruinosa.

Ma se teco Virtù s' arma e discende
Nel cuor dell' uomo ad abitar sicura,
Passa il veglio rapace, e non t' offende;

E esta selva que, ó Deos, imita tanto
A selva Ascreia c'o phebeo concento,
Toda respira do teu nume santo:

Estes loureiros tremulos ao vento,
E as que pisamos cá tenras hervinhas,
São de um sorriso teu obra e portento:

E tambem tuas são essas modinhas,
Que outr'ora foi ouvido Árcade bando
Cantar a Hym'néo em as gentis cordinhas.

Faz as auras parar esse som brando;
E os nomes soube a nossa Arcadia bella
De CONSTANCIA E LUIZ ir replicando.

Ambos caros te são, e d'elle e della
No rosto um penetrante has imprimido
Raio dos olhos de que tanto és bella;

Raio que ao coração depois descido,
E da virtude o facho aureo comsigo,
Nas almas fez arder o de Cupido.

Deosa amiga, vem pois. Fatal imigo
O voraz Tempo com a mão rugosa
Te espugna e vence, estruidor comtigo.

Elle as cores dos lirios e da rosa
Rouba ao semblante mais risonho, e estende
Por toda parte a fouce ruinosa.

Mas se arma-se a Virtude, e então descende
Comtigo em peito humano a firme estada,
Passa o rapace velho e não te offende.

E solo, allorchè fia che di Natura
Ei franga la catena, e urtate e rotte
Dell' Universo cádano le mura,

E spalancando le voraci grotte
L'assorba il Nulla, e tutto lo sommerga
Nel muto orror della seconda notte,

Al fracassato Mondo allor le terga
Darai fuggendo, e su l' eterea sede,
Ove non fia che Tempo ti disperga,
Stábile fermerai l' ebúrneo piede.

(MONTI.

Só quando fôr por elle espedaçada
Da Natura a cadeia, e do Universo
Ruir a mole ao choque da pancada,

E descerrando a fauce o Nada adverso
O tragar todo, e em mudo horror profundo
Da noite eterna o abandonar submerso;

Então o dorso ao fracassado Mundo
Darás fugindo, e na do céo morada,
Onde não soffrerás tempo iracundo,
'Stavel c'o eburneo pé farás parada.

(MONTI)

ARISTODEMO RIVELA A GONIPPO

IL

SEGRETO DEL SUO DELITTO.

GONIPPO.

Signor, per queste lágrime ch' io verso;
Per l' auguste ginocchia che ti stringo;
Non straziarmi di più.... parla.

ARISTODEMO.

Lo brami?
A'lzati.... (Oh ciel! che gli rivelo io mai?)

GONIPPO.

Parla, prosegui.... Ohimè! che ferro è quello?

ARISTODEMO.

Ferro di morte. Guárdalo. Vi scorgi
Questo sangue rappreso?

GONIPPO.

Oh Dio! qual sangue?
Chi lo versò?

ARISTODEMO REVELA A GONIPPO

O

SEGREDO DO SEU CRIME.

GONIPPO.

Senhor, por estas lágrimas que verto,
Pelos reaes joelhos que eu te abraço,
Não me atormentes mais.... falla.

ARISTODEMO.

O desejas?
Pois levanta-te (oh céos! que lhe revelo!)

GONIPPO.

Falla, prosegue.... oh céos! que ferro é esse? (11)

ARISTODEMO.

Ferro de morte. Observa-o. Vês nelle
Este sangue coalhado?

GONIPPO.

Oh Deos! qual sangue?
Quem o verteu?

ARISTODEMO.

Mia figlia. E sai qual mano
Glielo trasse dal sen?

GONIPPO.

Taci, non dirlo,
Che già t' intesi.

ARISTEDEMO.

E la cagion, la sai?

GONIPPO.

Io mi confondo.

ARISTODEMO.

Ascolta dunque. In petto
Ti sentirai d' orror fredde le vene;
Ma tu mi costringesti. Odimi, e tutto
L' atroce arcano, e il mio delitto impara.
Di quel tempo sovvèngati che Delfo
Vittime umane comandate avendo,
All' Érebo immolar dovea Messene
Una vergin d' Epito. Ti sovvenga
Che' dall' urna fatal solennemente
Tratta la figlia di Licisco, il padre
La salvò colla fuga, e un altro capo
Dovea perire; e palpitanti i padri
Stâvano tutti la seconda volta
Sul destin delle figlie. Era in quei giorni
Védovo appunto di Messenia il trono;
Questo pur ti rimembra.

ARISTODEMO.

A minha filha: e sabes
Que mão do seio lh'o tirou?

GONIPPO.

Não falles,
Que já te percebi:

ARISTODEMO.

E a causa a sabes?

GONIPPO.

Eu me confundo.

ARISTODEMO.

Escuta pois: no peito
Gelar de horror te sentirás as veias.
Mas tu me constrangiste. Ouve-me, e todo
O atroz arcano, e o meu delicto aprende.
Desse tempo te lembra quando Delphos
Tendo ordenado victimas humanas,
Tinha Messenia de immolar ao Érebo
Uma virgem d'Epito. Has de lembrar-te,
Que da urna fatal solemnemente
Sahindo a filha de Licisco, em salvo
O pai a pôz co'a fuga, e outra cabeça
Devia perecer; e os pais tremendo
Pela segunda vez estavão todos
Das filhas sobre a sorte. Então se achava
Vago, então mesmo, de Messenia o throno.
Disto lembrado estás.

GONIPPO.

Io l' ho presente;
E mi rammento che il real diadema
Fra te, Dami e Cléon pendea sospeso,
E il pópolo in tre parti era diviso.

ARISTODEMO.

Or ben, Gonippo. A guadagnar la plebe
E il trono assicurar, senti pensiero
Che da spietata ambizion mi venne.
Facciam, dissi tra me, facciam profitto
Dell' altrui debolezza. Il volgo è sempre
Per chi l' abbaglia, e spesse volte il regno
È del più scaltro. Deludiamo adunque
Questa plebe insensata, e di Licisco
Si corregga l' error: ne sia l' emenda
Il sangue di mia figlia, e col suo sangue
Il pópolo si compri e la corona.

GONIPPO.

Ah, signor, che di' mai? Come potesti
Si reo disegno concepir?

ARISTODEMO.

Comprendi
Che l' uomo ambizioso è uom crudele.
Tra le sue mire di grandezza e lui
Metti il capo del padre e del fratello:
Calcherà l' uno e l' altro, e farà d' ambo
Sgabello ai piedi per salir sublime.
Questo appunto fec' io della mia figlia;
Così de' sacerdoti alla bipenne

GONIPPO.

Presente o tenho;
E me recordo que o real diadema
Entre Dumis, Cleão e ti pendia,
E em tres facções se dividia o povo.

ARISTODEMO.

Pois bem, Gonippo. P'ra ganhar a plebe
E o throno assegurar-me, ouve que idéa
Me veio de ambição desapiedada.
Aproveitemos, sim, disse eu comigo,
A fraqueza dos mais. O vulgo é sempre
Para quem mais o illude, e o reino ás vezes
E' do mais fino. Esta mui louca plebe
Illudamos portanto, e de Licisco
Corrija-se o delicto; e delle emenda
Da minha filha seja o sangue; e o povo
Com esse sangue compre-se e a corôa.

GONIPPO.

Ah! que dizes, Senhor! como podeste
Formar designio tão iniquo?

ARISTODEMO.

Aprendo
Que homem ambicioso, he cruel homem.
Entre seus planos de grandeza e elle
De seu pai, e do irmão põe a cabeça:
Calcará uma e outra, e fará d'ambas
Degráo aos pés para subir mais alto.
Isto mesmo fiz eu da minha filha.
Assim dos sacerdotes ao machado

La mia Dirce proffersi. Al mio disegno
S' oppose Telamón di Dirce amante.
Supplicò, minacciò, ma non mi svelse
Dal mio proposto. Desolato allora
Mi si gettò, perdon chiedendo, ai piedi,
E palesomini non potersi Dirce
Sagrificar; dal Nume esser richiesto
D' una vèrgine il sangue: e Dirce il grembo
Portar già carco di crescente prole,
Ed esso averne di marito i dritti.
Sopravvenne in soccorso anche la madre,
E confermò di Telamóne il detto,
Onde piena acquistar credenza e fede.

GONIPPO.

E che facesti allora?

ARISTODEMO.

Arsi di rabbia:
E pungéndomi quindi la vergogna
Del tradito onor mio, quindi più forte
La mia delusa ambizïon, chè tolto
Così di pugno mi credea l' impero,
Guardai nel viso a Telamón, nè feci
Motto; ma calma simulando, e preso
Da profondo furor, venni alla figlia.
Abbandonata la trovai sul letto,
Che pállida, scomposta ed abbattuta,
In lánguido letargo avea sopiti
Gli occhi. dal lungo lagrimar già stanchi.
Ah, Gonippo! qual furia non avria
Quella vista commosso? Ma la rabbia

Minha Dirce offreci. Ao meu designio
Oppôz-se Telamon de Dirce amante.
Supplicou, ameaçou, mas não tirou-me
Do propósito meu. Então afflicto
Aos pés se me lançou, perdão pedindo;
E revelou-me que se não podia
Immolar Dirce; que exigia o Nume
De uma virgem o sangue; e já pejada
Achar-se Dirce de crescente prole;
E que o jus de marido elle já tinha.
Acudio neste instante a mãi de junto,
E confirmou de Telamon os ditos,
Para ser plenamente acreditada.

GONIPPO.

E que fizeste então?

ARISTODEMO.

Ardi de raiva:
E logo mais pungindo-me a vergonha
Da minha honra trahida, e mais ainda
Minha ambição falhada, pois tirado
Assim o imperio já das mãos me via,
Olhei no rosto a Telamon, nem disse
Palavra; e calma simulando, e cego
De profundo furor, fui ter co'a filha.
Abandonada achei-a sobre a cama,
Que pállida, abatida e descomposta
Em lánguido lethargo, sopitados
Os olhos tinha, de chorar cançados.
Ah Gonippo! A qual furia não houvera
Commovido essa vista? mas a raiva

M' avea posta la benda, e mi bolliva
Nelle vene il dispetto; onde, impugnato
L' esecrando coltello, e spento in tutto
Di natura il ribrezzo, alzai la punta,
E dritta al core gliel' immersi in petto.
Gli occhi aprì l' infelice, e mi conobbe,
E copréndosi il volto: *Oh padre mio,*
Oh padre mio, mi disse: e più non disse.

GONIPPO.

Gelo d' orrore.

ARISTODEMO.

L' orror tuo sospendi,
Chè non è tempo ancor che tutto il senta
Sull' ánima scoppiar.—Più non movea
Nè man nè labbro la trafitta; ed io,
Tutto asperso di sangue e senza mente,
Chè stúpido m' avea reso il delitto,
Della stanza n' uscia: quando al pensiero
Mi ricorse l' idea del suo peccato,
E quindi l' ira risorgendo, e spinto
Da insensatezza, da furor, tornai
Sul cadávere caldo e palpitante;
Ed il fianco n' apersi (empio!) e col ferro
Stolidamente a ricercar mi diedi
Nelle fumanti viscere la colpa.
Ahi! che innocente ell' era.—Allor mi cadde
Giù dagli occhi la benda; allor la frode
Manifesta m' apparve, e la pietade
Sboccò nel cuore. Córsemi per l' ossa
Il raccapriccio, e m' impietrò sul ciglio

A venda me lançára, e me fervia
Nas veias o despeito; eu, empunhado
O execrando cutelo, e da natura
Vencida a repugnancia, alcei a ponta
Com alvo ao coração, cravei-lhe o peito.
Abrio os olhos a infeliz, e vio-me;
E cobrindo-se o rosto: *oh meu pai!* disse,
Meu pai! e mais palavra ella não disse.

GONIPPO.

Gélo de horror.

ARISTODEMO.

O teu horror suspende,
Que inda tempo não é que todo o sintas
Rebentar sobre a alma. — A traspassada
Nem mãos nem labios já movia; e eu
Todo de sangue salpicado e louco,
Que estúpido o delicto me tornara,
Já sahia do quarto: quando á mente
Me recorreu a idéa do seu crime.
E de novo irritado, e compellido
De loucura e furor, voltei de novo
Sobre o cadaver frio e palpitante,
E abri-lhe o lado (iniquo!) e com o ferro
Andei 'stolidamente procurando
A culpa nessas visceras fumantes.
Ai! que ella era innocente! — Então dos olhos
A venda me cahio; então o engano
Se me patenteou, e a piedade
Rompeu no coração; correu-me os ossos
O horror, e sobre os olhos empedrou-me

Le lágrime scorrenti; e così stetti
Finchè improvvisa entrò la madre, e visto
Lo spettácolo atroce, s' arrestò
Pallida, fredda, muta. Indi qual lampo
Disperata spiccossi, e stretto il ferro
Ch' era poc' anzi di mia man caduto,
Se lo fisse nel petto, e sulla figlia
Lasciò cadersi e le spirò sul viso.
Ecco d' ambo la fine, ecco l' arcano
Che mi sta da tre lustri in cor sepolto,
E tutt' or vi staria se tu non eri.

GONIPPO.

Fiera istoria narrasti, e il tuo racconto
Tutte di gelo strinsemi le membra,
E nel pensarlo ancor l' alma rifugge.
Ma, dimmi: e come ad ogni sguardo occulte
Restar potéro sì tremende cose?

ARISTODEMO.

Non ti prenda stupor. Temuto e grande
Era il mio nome, e mi chiamava al trono
Il voto universal. Facil fu dunque
Oprar l' inganno, e tu ben sai che l' ombra
D' un trono è grande per coprir delitti.
I sacerdoti, che del Ciel la voce
Son costretti a tacer, quando i potenti
Fan la forza parlar, táciti e soli
Col favor delle ténebre nel tempio
La morta Dirce transportâro, e quindi
Creder fêro che Dirce in quella notte
Segretamente sull' altar svenata

O pranto gotejante; e assim estive
Té que a mãi repentina entrou, e visto
Esse atroz espectáculo, parou
Pallida, fria, muda. Após qual lampo
Partio desesperada; empunhou o ferro,
Que das mãos pouco antes me cahira;
No seu peito o cravou, e sobre a filha
Cahir deixou-se, lhe expirou no rosto.
Eis o fim de ambas, eis o grão segredo,
Que no meu coração fica, ha tres lustros
Sepulto; e a não ser tu inda hi ficára.

GONIPPO.

Fera historia narraste, e o que has contado
Todo o meu corpo arripiou de gelo,
E só em pensar nisso eu desfalleço.
Mas dize, como a toda a gente occultas
Ficar poderão tão tremendas cousas?

ARISTODEMO.

Nada tens que pasmar. Temido e grande
Era o meu nome, e me chamava ao throno
O voto universal; facil portanto
Me foi o engano, e tu sabes que grande
Para crimes cobrir de um throno é a sombra.
Os sacerdotes, que o clamor do Céo
Por força hão de calar quando os potentes
Fazem fallar á força, silenciosos
E sós das trevas c'o favor ao templo
A morta Dirce transportarão; logo
Fizerão crêr que Dirce nessa noite,
Immolada no altar secretamente,

Placato avesse col suo sangue i Numi;
E che di questo fieramente afflitta,
Se medesma uccidesse anche la madre.
Ma vègliano sui rei gli occhi del cielo,
E un Dio v' è certo che dal lungo sonno
Va nelle tombe a risvegliar le colpe,
E degli empj sul cor ne manda il grido.

(MONTI. — ARISTODEMO.)

LA MORTE.

Sonetto.

Morte che sei tu mai? Primo dei danni
L' alma vile e la rea ti crede o teme;
E vendetta del ciel scendi ai tiranni,
Che il vigile tuo braccio incalza e preme:

Ma l' infelice, a cui de' lunghi affanni
Grave è l' incarco, e morta in cuor la speme,
Quel ferro implora troncator degli anni,
E ride all' appressar dell' ore estreme.

Fra la polve di Marte, e le vicende
Ti sfida il forte, che ne' rischi indura;
E il saggio senza impallidir ti attende.

Morte, che se' tu dunque? Un' ombra oscura,
Un bene, un male, che diversa prende
Dagli affetti dell' uom forma e natura.

(MONTI.)

Tinha aplacado com seu sangue os Numes;
E que, do caso acerbamente afflicta,
A si mesma tambem a mãi matára.
Mas velão sobre os máos do Céo os olhos.
E ha de certo um Deos, que nos sepulcros
Vai acordar do longo somno as culpas,
E aos impios corações seu grito arroja.

(MONTI. — ARISTODEMO.)

A MORTE.

Soneto.

Morte, o que serás tu? Maior dos damnos
O criminoso e o vil julga-te e teme;
E vingança do céo vens aos tyrannos,
Que teu velador braço impelle e preme.

Mas o infeliz, a quem de mil afanos (12)
Mui pesa a carga, e sem esp'rança geme,
Teu ferro implora troncador dos annos;
Da ultim' hora ao chegar ri-se, não treme.

De Marte entre a poeira e lucta fera
Desafia-te o heróe, que o risco endura,
E o sabio sem mudar de côr te espera.

Morte, o que és tu pois? És sombra escura,
Um bem, um mal, que sempre toma e altera
Por humanas paixões forma e natura.

(MONTI.)

GUARINI.

LAGNANZE D'UN SÁTIRO

CONTRO

AMORE E LE DONNE.

Come il gelo alle piante, ai fior l' arsura,
La grándine alle spiche, ai semi il verme,
Le reti ai cervi, ed agli augelli il visco,
Così nemico all' uom fu sempre Amore.
E chi foco chiamollo, intese molto
La sua natura pérfida e malvagia;
Che se 'l foco si mira, oh come è vago!
Ma se si tocca, oh come è crudo! Il mondo
Non ha di lui più spaventevol mostro:
Come fera divora, e come ferro
Punge e traspassa, e come vento vola;
E dove il piede, imperïoso, ferma,
Cede ogni forza, ogni poter dà loco.
Non altramenti Amor; chè se tu 'l miri
In due begli occhj, in una treccia bionda,
Oh come alletta e piace! oh come pare
Che gioja spiri, e pace altrui prometta!
Ma se troppo t' accosti e troppo il tenti,
Sicchè a serper cominci, e forza acquisti,

GUARINI.

QUEIXAS DE UM SATYRO

CONTRA

AMOR E AS MULHERES.

Como ás plantas o gelo, a secca ás flores, (1)
Saraiva a espigas, á semente o bicho,
Redes aos cervos, visgo aos passarinhos,
Assim Amor foi sempre adverso ao homem.
E quem fogo o chamou bem entendeu
Delle a malvada natureza e iniqua;
Pois se olhamos o fogo, oh como é bello!
Mas se o tocamos, quão cruel é elle!
Monstro não ha no mundo mais terrivel:
Como fera devora e como ferro
Punge, traspassa, e como vento vôa;
E aonde os pés, imperioso, firma,
Qualquer força e poder cede e dá campo.
Assim mesmo é Amor; pois se em dous bellos
Olhos o observas, n'uma loura trança,
Oh quanto encanta e agrada! oh quaes prazeres
Não o vês respirar! que paz promette!
Mas se te chegas muito e muito o tentas,
Tal que já vá lastrando e força adquira,

Non ha tigre l' Ircánia, e non ha Libia
Leon sì fero, e sì pestifero angue,
Che la sua ferità vinca, o pareggi:
Crudo più che l' inferno e che la morte;
Nemico di pietà, ministro d' ira,
È finalmente Amor privo d' amore.
Ma che parlo di lui? perchè l' incolpo?
È forse egli cagion di ciò che 'l mondo,
Amando no, ma vaneggiando, pecca?
Oh femminil perfidia, a te si rechi
La cagion pur d' ogni amorosa infamia:
Da te sola deriva, e non da lui,
Quanto ha di crudo e di malvagio Amore;
Chè 'n sua natura plácido e benigno,
Teco ogni sua bontà súbito perde.
Tutte le vie di penetrar nel seno,
E di passar al cor tosto gli chiudi;
Sol di fuor il lusinghi, e fai suo nido,
E tua cura e tua pompa e tuo diletto,
La scorza sol d' un miniato volto.
Nè già son l' opre tue gradir con fede
La fede di chi t' ama, e con chi t' ama
Contender nell' amare, ed in duo petti
Stringer un core, e 'n duo voleri un' alma,
Ma tinger d' oro un' insensata chioma,
E, d' una parte in mille nodi attorta,
Infrascarne la fronte; indi coll' altra
Tessuta in rete, e 'n quelle frasche involta,
Prender il cor di mille incauti amanti.
Oh come è indegna e stomachevol cosa
Il vederti talor con un pennello

Não tem tigres a Hircânia, nem tem Lybia
Leão tão fero e peçonhenta serpe:
Que a fereza lhe vença ou que lh' a iguale:
Cruel mais que o inferno, e mais que a morte;
Desapiedado, e de furor ministro,
É finalmente Amor de amor despido.
Mas porque fallo delle? porque o culpo?
A causa elle talvez é de que o mundo,
Amando não, mas delirando pecca?
O' feminil perfidia, a ti se impute,
A ti, a ti toda amorosa infamia:
Tão sómente de ti provém, não delle,
Quanto Amor tem de crù e de malvado;
Que por indole plácido e benigno
A bondade comtigo logo perde.
Todas as vias de elle entrar no peito,
E ir ter ao coração, logo lhe fechas.
Só o encantas por fóra, e ninho delle,
Tua pompa e cuidado e teu deleite
Fazes a casca de um miniado rosto.
Nem mais com fé bem aceitar costumas
De quem ama-te a fé, nem com quem ama-te
Porfiar mais no amar, e de dous peitos
Formar um coração, uma alma em duas;
Mas tingir d'ouro uma insensata coma,
E, de uma parte em mil nós retorcida,
Enramalhar a fronte, e após co'a outra (2)
Trançada em rede, e envolta em taes ramalhos,
Prender mil tolos corações amantes.
Oh quão é indigna, quão nojenta cousa
O ver-te ás vezes c'um pincel as faces

Pinger le guance, ed occultar le mende
Di natura e del tempo; e veder, come
Il livido pallor fai parer d' ostro,
Le rughe appiani, e 'l bruno imbianchi, e togli
Col difetto il difetto, anzi l' accresci!
Spesso un filo incrocicchj, e l' un dè capi
Co' denti afferri, e colla man sinistra
L' altro sostieni, e del corrente nodo
Colla destra fai giro, e l' apri e stringi
Quasi radente fórfice, e l' adatti
Sull' inegual lanuginosa fronte:
Indi radi ogni piuma, e svelli insieme
Il malcrescente e temerario pelo
Con tal dolor, che' è penitenza il fallo.
Ma questo è nulla, ancorchè tanto; all' opre
Sono i costumi somiglianti e i vezzi.
Qual cosa hai tu, che non sia tutta finta?
S' apri la bocca, menti; se sospiri,
Son mentiti i sospir; se movi gli occhj,
È simulato il guardo: in somma, ogn' atto,
Ogni sembiante, e ciò che 'n te si vede,
E ciò che non si vede. o parli, o pensi,
O vada, o miri, o pianga, o rida, o canti,
Tutto è menzogna. E questo ancora è poco;
Ingannar più chi più si fida, e meno
Amar chi più n' è degno; odiar la fede
Più della morte assai; queste son l' arti,
Che fan si crudo e si perverso Amore.
Dunque d' ogni suo fallo è tua la colpa;
Anzi pur ella è sol di chi ti crede.

(GUARINI. — PASTOR FIDO.)

Pintar, e defarçar da natureza,
E do tempo as mazellas; e ver, como
O livido pallor mudas em ostro,
Alisas rugas, alvo pões o escuro,
Tiras defeito com defeito, ou o dobras!
Um nó as vezes dás n'um fio, e afferras
Um dos cabos c'os dentes, e co'a esquerda
Vais segurando ao outro, e ao nó que corre
Dás volta co'a direita, o alargas, serras
Qual rasante tesoura, e alli o assentas
Na desigual lanuginosa fronte.
Logo tu rapas tudo, e junto arrancas
O mal crescente temerario pello
C'uma tal dôr, que penitencia é o crime.
Mas nada é isso, inda que tanto; ás obras
Os costumes semelhão-se e os carinhos.
O que tens tu sem ser tudo fingido?
Se abres a boca, mentes; se suspiras,
Mentido é o suspirar; se os olhos moves,
O olhar é simulado; emfim, todo acto,
Qualquer semblante, e quanto em ti se observa,
E quanto se não vê, falles ou penses,
Andes, olhes ou chores, rias, cantes,
Tudo é mentira. E pouco ainda é isto;
Enganar mais quem mais se fia, e menos
Amar quem é mais digno; mais que a morte
Odiar a lealdade; estas as artes
São, que Amor tão cruel fazem e máo.
Dos crimes seus pois toda a culpa é tua;
Antes é toda de quem fé te presta.

(GUARINI. — PASTOR FIDO.

LA CACCIA DEL CINGHIALE

RACCONTATA

DA DORINDA.

Quivi confusa in fra la spessa turba
De' vicini pastori,
Ch' eran côncorsi alla famosa caccia,
Stav' io fuor delle tende
Spettratrice amorosa
Vie più dei cacciator che della caccia.
A ciascun moto della fera alpestre
Palpitava il cor mio:
A ciascun atto del mio caro Silvio,
Correa subitamente
Con ogni affetto suo l' ánima mia.
Ma il mio sommo diletto
Turbava assai la paventosa vista
Del terribil cinghiale,
Smisurato di forza e di grandezza.
Come rápido turbo

A CAÇADA DO JAVALI

CONTADA

POR DORINDA.

Mettida alli por entre a espessa turba
Dos visinhos pastores
Que concorrêrão á famosa caça,
'Stava eu fóra das tendas
'Spectadora amorosa
Dos caçadores mais do que da caça.
Da alpestre fera a cada movimento
Meu coração tremia.
A cada acto do meu caro Silvio
Corria de repente
Com todos seus affectos a minh' alma.
Mas meu summo deleite
Turbava assaz a pavorosa vista
Do javali terrivel,
Desmedido de força e de tamanho.
Como turbilhão rápido

D' impetuosa e sùbita procella,
Che tetti e piante e sassi e ciò ch' incontra,
In poco giro, in poco tempo atterra,
Così a un solo rotar di quelle zanne
E spumose e sanguigne,
Si vedean tutti insieme
Cani uccisi, aste rotte, uòmini offesi.
Quante volte bramai
Di patteggiar con la rabbiosa fera,
Per la vita di Silvio il sangue mio!
Quante volte d' accórrervi, e di fare
Con questo petto al suo bel petto scudo!
Quante volte dicea
Fra me stessa: « Perdona,
« Fiero cignal, perdona,
« Al delicato sen del mio bel Silvio! »
Così meco parlava
Sospirando e pregando.
Quand' egli di squamosa e dura scorza,
Il suo Melampo armato
Contra la fera impetuoso spinse,
Che più superba ogn' ora
S' avea fatto d' intorno
Di molti uccisi cani, e di feriti
Pastori órrida strage.
Linco, non potrei dirti
Il valor di quel cane;
E ben ha gran ragion Silvio se l' ama.
Come irato leon, che 'l fiero corno
Dell' indómito tauro
Ora incontri, ora fugga,

De impetuosa e súbita procella.
Que árvores, casas, pedras e o que encontra,
Em breve volta, em breve tempo aterra;
Assim de um só rodar daquelles dentes
Sanguentos e espumantes,
Viâo-se alli n'um monte
Cães mortos, hastas rotas, homens f'ridos.
Quantas vezes desejo
Tive de pactuar co'a irosa fera
Pela vida de Silvio o sangue meu!
Quantas de alli correr, e de fazer-lhe
Com este peito ao bello peito escudo!
Quantas vezes dizia
Meu coração: « Perdoa,
« Cruel fera, perdoa
« Ao tenro seio do meu bello Silvio! »
Comigo assim fallava
Suspirando e rogando.
Quando elle de escamosa e dura casca
O seu Melampo armado
Contra a fera lançou impetuoso,
Que sempre mais soberba
De si fizera em roda
Destroço atroz de muitos cães matados
E pastores feridos.
Linco, dizer não posso
Desse cão a bravura;
E com muita razão o estima Silvio.
Como irado leão, que a fera ponta
De um indómito touro
Ora acommette e ora

Una sola fiata
Che nel tergo l' afferri
Con le robuste branche,
Il ferma sì ch' ogni poter n' emunge,
Tale il forte Melampo
Fuggendo accortamente
Gli spessi giri, le mortali rote
Di quella fera mostruosa, al fine
L' assannò nell' orecchia:
E dopo averla impetuosamente
Prima crollata alquante volte e scossa,
Ferma la tenne sì che potea farsi
Nel vasto corpo suo, quatunque altrove
Leggiermente ferito,
Di ferita mortal certo disegno.
Allor subitamente il mio bel Silvio
Invocando Diana:
Drizza tu questo colpo,
Disse, ch' a te fo voto
Di sacrar, santa Dea, l' orribil teschio.
E 'n questo dir, dalla faretra d' oro
Tratto un rápido strale,
Fin dall' orecchia al ferro
Tese l' arco possente,
E nel medesmo punto
Restò piagato, ove confina il collo
Con l' ómero sinistro, il fier cinghiale,
Il qual súbito cadde: io respirai
Vendendo Silvio mio fuor di periglio.

(GUARINI. — PASTOR FIDO.)

Esquiva, uma vez única
Que elle no dorso o agarre
Com as robustas unhas,
Tanto o segura que lhe balda as forças,
Tal o forte Melampo,
Fugindo espertamente
Ás varias voltas e aos mortaes rodeios
Daquella fera monstruosa, os dentes
Ferrou-lhe emfim na orelha,
E, após de a ter impetuosamente
Por vezes abalado e sacudido,
Tao firme a segurou, que no seu vasto
Corpo fazer podia-se, inda que em outras
Partes pouco ferido,
De ferida mortal alvo acertado.
O meu bonito Silvio então de súbito
Invocando Diana:
Este golpe dirige,
Disse, que eu faço voto,
O' Deosa, de sagrar-te a atroz cabeça.
E, neste seu dizer, da aljava d'ouro
Veloz setta tirando,
Da orelha até o ferro,
Tendeu o arco possante;
E nesse mesmo instante
Onde no hombro esquerdo o collo acaba,
O fero javali ficou ferido,
E cahio de repente: eu tomei folgo
Vendo o meu Silvio fóra de perigo.

(GUARINI. — PASTOR FIDO.)

MAFFEI.

EGISTO

RACCONTA

COME UCCISE UN MASNADIERE.

Nè ciò pensai, nè a far ciò ch' io pur feci
Empia sete mi spinse, o voglia avara.
Anzi a chi me spogliare, e uccider volle,
Per mia pura difesa a tor la vita
Io fui costretto. In testimon ne chiamo
Quel Giove che in Olimpia, ha pochi giorni,
Venerai nel gran tempio. Il mio cammino
Cheto e soletto i' proseguia; allor quando
Per quella via che in ver Laconia guida,
Un uom vidi venir, d' età conforme,
Ma di selvaggio e truce aspetto: in mano
Nodosa clava avea. Fissò in me gli occhi
Torvi, poi riguardò se quinci o quindi
Gente apparia: poichè appressati fummo
Appunto al varco del marmoreo ponte,
Ecco un braccio m' afferra, e le mie vesti,
E quanto ho meco altero chiede, e morte
Bieco minaccia. Io con sicura fronte
Sprigiono il braccio a forza; egli a due mani,
La clava alzando, mi prepara un colpo,

MAFFEI.

EGYSTO

CONTA

COMO MATOU UM ASSASSINO.

Não pensei no que fiz, nem impia sede, (1)
Nem avara cobiça a tal levou-me.
Antes a quem me quiz despir, matar-me,
Só para defender-me eu fui forçado
A tirar a existencia. Testemunha
Jove me seja, que em Olimpia ha dias
Venerei no grão templo. O meu caminho
Quieto e sosinho ia eu seguindo; quando,
Por essa estrada que á Laconia leva,
Vi um homem vir de idade igual á minha,
Mas de selvage e fero aspecto. Tinha
Na mão nodosa clava; elle fixou-me
Com torvo olhar, e olhou se vinha gente
De algum lado. Depois que nos chegamos
Mesmo á passagem da marmorea ponte,
Eis que um braço me afferra, e ás minhas vestes,
E quanto eu trago altivo pede; e morte
Torvo amëaça. Eu, com segura fronte,
Desprendo o braço á força; elle c'os seus
Alçando a clava me prepara um golpe,

Che se giunto m' avesse, le mie sparse
Cervella foran or giocondo pasto
A i ràpidi avoltoi: ma ratto allora
Sottentrando il prevenni, ed a traverso
Lo strinsi e l' incalzai: così abbracciati
Ci dibattemmo alquanto, indi in un fascio
N' andammo a terra; ed arte fosse o sorte,
Io restai sopra, ed ei percosse in guisa
Sovra una pietra il capo, che il suo volto
Impallidì ad un tratto, e le giunture
Disciolte, immobil giaque. Allor mi corse
Tosto al pensier, che su la via restando
Quel funesto spettàcolo, inseguito
D' ogni parte i' sarei fra poco: in core
Però mi venne di lanciar nel fiume
Il morto, o semivivo; e con fatica
(Ch' inutil era per riuscire, e vana)
L' alzai da terra, e in terra rimaneva
Una pozza di sangue: a mezzo il ponte
Portailo in fretta, di vermiglia strincia
Sempre rigando il suol; quinci cadere
Col capo in giù il lasciai; piombò, fendendo
L' acqua con gran fragor: in alto salse
No spruzzo, e l' onda sopra lui si chiuse:
Nè 'l vidi più, che 'l ràpido torrente
L' avrà travolto e ne' suoi gorghi spinto.
Giacean nel suol la clava, e negra pelle
Che nel pugnar gli si sfibbiò dal petto:
Queste io tolsi, non già come rapine,
Ma per vano piacer, quasi trofei.

(MAFFEI. — MÉROPE)

Que se então me apanhára, os meus miolos
Espargelados foram ora pasto
Ledo aos abutres rápidos; mas eu
Por baixo entrando o preveni; no corpo
O agarrei, e empurrei; assim n'um grupo
Luctámos algum tempo; emfim, n'um feixe
Fomos á terra, e fosse acaso ou arte,
Eu acima fiquei; elle bateu
De modo co'a cabeça n'uma pedra,
Que pallido ficou, e, desjuntando
Os ossos, mais se não mecheu. Entonces
Me occorreu, que ficando lá na estrada
Esse atroz espectáculo, eu seria
Por qualquer parte em breve perseguido.
Lembrei-me pois de o morto ou semi-vivo
Lançar ao rio, e com grande fadiga
(Que de nada á final servir devia) (2)
O levantei da terra, e alli ficava
Uma poça de sangue; a meia a ponte
De pressa o carreguei, sempre um vermelho
Risco no chao traçando; alli deixei-o
Cahir, cabeça abaixo; com gram bulha
N'agua tombou, que alta esguichou partida
E sobre elle fechou-se; e mais não vi-o;
Pois o torrente rápido ha de tê-lo
Revolvido e mettido em os seus fundos.
No chão jazia a clava e negra pelle,
Que combatendo lhe cahio do peito.
Estas levei, e não como rapinas,
Mas por um vão prazer, quasi trophéos.

(MAFFEI. — MÉROPE)

MORTE DI POLIFONTE

RACCONTATA

DA ISMENIA.

Era già in punto il sagrificio, e peli
Del capo il sacerdote avea già tronchi
Al toro per gittargli entro la fiamma.
Stava da un lato il re, dall' altro, in atto
Di chi a morir sen va, Mèrope: intorno
La varia turba rimirando, immota
E taciturna. Io ch' era alquanto in alto,
Vidi Cresfonte aprir la folla, e innanzi
Farsi a gran pena, acceso in volto, e tutto
Da quel di pria diverso: a sboccar venne
Poco lungi dall' ara; e ritrovossi
Dietro appunto al tiranno. Allora stette
Alquanto altero e fosco, e l' occhio bieco
Girò d' intorno. Qui il narrar vien manco;
Poichè la sacra preparata scure,
Che fra patere e vasi aveva innanzi,

MORTE DE POLYPHONTES

CONTADA

POR ISMENIA.

Já começava o sacrificio, e os pellos (3)
Da cabeça cortára o sacerdote
Ao touro afim de os atirar na chamma.
Estava o rei de um lado, do outro, em acto
De quem vai a morrer, Merope: entorno
A varia turba reparando, immota
E taciturna. Eu d'um lugar mais alto
Cresfonte vi abrir a chusma, e avante
Chegar com custo, acceso o rosto, e todo
Diverso do que fôra; elle rompeu
Pouco longe da ara; e justamente
Atraz achou-se do tyranno. Esteve
Então um pouco altivo e fusco, e o olho
Torvo em roda levou. Faltão-me os termos;
Pois o sacro machado, que alli prompto
Entre taças e vasos diante tinha,

L' afferrare a due mani, e orribilmente
Calarla, e all' empio re fènderne il collo,
Fu un sol momento; e fu in un punto solo
Ch' io vidi il ferro lampeggiar in aria,
E che il misero a terra stramazzò.
Del sacerdote in su la bianca veste
Lo spruzzo rosseggiò; più gridi alzarsi,
Ma in terra i colpi ei replicava. Adrasto,
Che' era vicin, ben si avventò; ma il fiero
Gióvane, qual cinghial si volse, e in seno
Gli piantò la bipenne. Or chi la madre
Pinger potrebbe? si scagliò qual tigre,
Si pose innanzi al figlio, ed a chi incontra
Veniagli, opponea il petto. Alto gridava
In tronche voci: *è figlio mio, è Cresfonte,*
Questi è 'l re vostro: ma il rumor, la calca
Tutto opprimea: chi vuol fuggir, chi innanzi
Vuol farsi; or spinta, or risorpinta ondeggia,
Qual messe al vento, la confusa turba,
E lo perchè non sa; correr, ritrarsi,
Urtare, interrogar, frémer, dolersi,
Urli, stridi, terror, fanciulli oppressi,
Donne sossopra, oh fiera scena! il toro
Lasciato in sua balìa spavento accresce,
E salta, e mugge; echeggia d' alto il tempio.
Chi s' affanna d' uscir, preme e s' ingorga,
E per troppo affrettar ritarda: in vano
Le guardie là, che custodian le porte,
Si sforzaro d' entrar, che la corrente
Le svolse, e seco al fin le trasse. Intanto
Era intorno a noi drappel ridotto

Afferrar com as mãos, e horrivelmente
Cala-lo, e ao impio rei partir o collo,
Foi um instante, e foi no mesmo instante
Que eu vi nos ares fulgurar o ferro,
E que por terra o misero tombou.
Do sacerdote sobre a branca veste
Rubro esguicho saltou; gritos rompêrão,
Mas no chão elle repetia os golpes.
Próximo Adrasto, o acommetteu; mas fero
Qual javali virou-se o moço, e o peito
Abrio-lhe c'o machado. A mãi agora,
Quem pintaria? se lançou qual tigre,
Pôz-se diante do filho, e a quem contra elle
Vinha, oppunha seu peito. Alto bradava
Com voz embaraçada: *este é meu filho,*
É Cresfonte, o rei vosso; mas a bulha
Tudo abafava e a multidão; quem tenta
Fugir, quem avançar; qual messe ao vento
Confusa a turba aos empurrões ondeia,
E não sabe o porque; correr, dar volta,
Impellir, perguntar, fremer, queixar-se,
Uivos, gritos, terror, crias oppressas,
Mulheres em montões; que fera scena!
O touro solto mais o espanto augmenta,
E salta, e muge, e o templo ao alto echôa:
Quem se afana a sahir, empurra e estanca,
E tarda mais por se apressar; embalde
Os guardas lá, que as portas defendião,
Se esforçárão a entrar, pois a corrente
Os arrastou comsigo; entanto em roda
De nós já se ajuntára um grande bando

56

D' antichi amici: sfavillavan gli occhi
Dell' ardito Cresfonte, e altero e franco
S' avviò per uscir fra suoi ristretto.
Io, che disgiunta ne rimasi, al fosco
Ádito angusto, che al palagio guida,
Mi corsi; e gli occhi rivolgendo, io vidi
Sfigurato e convolto (orribil vista!)
Spaccato il capo e 'l fianco, in mar di sangue
Polifonte giacer: posteso Adrasto
Ingombrava la terra, e semivivo
Contorcéndosi ancor, mi fe' spavento,
Gli occhi appannati nel singhiozzo aprendo.
Rovesciata era l' ara, e sparsi e infranti
Canestri, e vasi, e trípodi e coltelli.

(MAFFEI. — MÉROPE)

De amigos velhos. Fuzilava o olho
Do ousado Cresfonte: altivo, e firme
Entre o aperto dos seus lá foi sahindo.
Eu, que longe fiquei, para esse obscuro
Ádito augusto, que ao palacio guia,
Fui correndo; e voltando os olhos, vi
Desfigurado e revolvido (oh vista!)
Partida a fronte e o lado, em mar de sangue
Polyphontes jazer. A terra Adrasto
Estendido cobria, e semivivo
Retorcendo-se ainda, elle espantou-me,
Os mortos olhos com soluço abrindo.
O altar 'stava no chão, rotos, dispersos
Cestos e vasos, tripodes, cutelos.

(MAFFEI. — MÉROPE.)

CHIABRERA.

BELLEZZA DELLA SUA DONNA.

Anacreóntica.

Quando l' Alba in oriente
L' almo sol s' appresta a scórgere,
Giù dal mar la veggiam sórgere,
Cinta in gonna rilucente,
Onde lampi si diffóndono,
Che le stelle in cielo ascóndono.

Rose, gigli almi immortali
Sfavillando il crine adórnano,
Il crin d' oro, onde s' aggiórnano
L' atre notti de' mortali,
E fresche aure intorno vólano,
Che gli spirti egri consólano.

Nel bel carro a meraviglia
Son rubin, che l' aria accéndono;
I destrier non men risplèndono
D' aureo morso e d' aurea briglia,
E nitrendo a gir s' apprèstano,
E con l' unghia il ciel calpéstano.

CHIABRERA.

BELLEZA DA SUA DAMA.

Anacreóntica.

Quando a Alva no oriente (1)
O almo sol a ver prepara-se,
Nós surgir das ondas vêmo-la
Com a saia reluzente,
Que diffunde essa luz bella
Que occultar vem toda estrella.

Rosas, lirios immortaes,
Scintillando a coma adornão-lhe,
D'ouro a coma de que aclarão-se
Atras noites dos mortaes:
E auras frescas vão voando
Almas tristes consolando.

Bello admira o carro cheio
De rubins, que o ar accendem,
E os cavallos tambem 'splendem
D'aurea redea e d'aureo freio,
E marchar querem rinchando:
Vão co'a unha o céo calcando.

Con la manca ella gli sferza
Pur con fren che scossi ondéggiano;
E se lenti unqua vanéggiano;
Con la destra alza la sferza;
Essi allor che scoppiar l' ódono,
Per la via girsene gódono.

Sì di fregi alta e pomposa
Va per strade che s' infiórano,
Va su nembi che s' indórano,
Rugiadosa, luminosa;
L' altre Dee, che la rimirano,
Per invidia ne sospirano.

È ciò ver; qual più s' apprezza
Per beltade all' alba inchinasi,
Non per questo ella avvicinasi
Di mia Donna alla bellezza:
I suoi pregi, Alba, t' oscúrano:
Tutte l' alme accese il giúrano.

(CHIABRERA.)

Sacudindo o que os enfreia,
Com a esquerda os vai sovando,
E se lentos vão mangando
Co'a direita os chicoteia:
Em ouvindo-lhe os estalos,
Marchão ledos os cavallos.

Enfeitada, alta e pomposa
Vai por vias que efflorecem,
Sobre nuvens que inaurecem (2)
Orvalhosa, luminosa.
Outras Deosas em a olhando
Vão de inveja suspirando.

Assim é: quanto se preza
Por mais bello, cede á Aurora;
Porém da minha Senhora
Não iguala ella a belleza.
Alva, em prendas sim te obscura:
Toda a gente accesa o jura.

(CHIABRERA.)

RISO DI BELLA DONNA.

Anacreóntica.

Belle rose porporine,
Che tra spine
Sull' aurora non aprite;
Ma ministre degli amori
Bei tesori
Di bei denti custodite:

Dite, rose preziose,
Amorose;
Dite, ond' è, che s' io m' affiso
Nel bel guardo vivo ardente,
Voi repente,
Disciogliete un bel sorriso?

E ciò forse per aita
Di mia vita,
Che non regge alle vostr' ire?
O pur è, perchè voi siete
Tutte liete,
Me mirando in sul morire?

RISO DE MULHER BELLA.

Anacreóntica.

Bellas rosas vermelhinhas,
Que entre espinhas
De manhãa não des'brochais,
Mas ministras dos Amores
Os primores
De alvos dentes conservais;

Dizei, rosas preciosas,
Amorosas,
Ah dlzei porque eu mirando
No olhar vivo bello e ardente,
De repente
Bello riso estals soltando?

É p'ra ser-me soccorrida
Esta vida,
Que succumbe ao vosso enfado?
Ou será pela alegria
De hoje em dia
Ver-me á morte já chegado?

Belle rose, o feritate,
O pietate,
Del sì far la cagion sia,
Io vo' dire in nuovi modi
Vostre lodi,
Ma ridete tuttavia.

Se bel rio, se bell' auretta
Fra l' erbetta
Sul mattin mormorando erra;
Se di fiori un praticello
Si fa bello,
Noi diciam: ride la terra.

Quando avvien che un zeffiretto
Per diletto
Bagni il piè nell' onde chiare,
Sicchè l' acqua in sull' arena
Scherzi appena,
Noi diciam che ride il mare.

Se giammai tra fior vermigli,
Se tra gigli
Veste l' alba un aureo velo;
E sù rote di zaffiro
Move in giro,
Noi diciam che ride il cielo.

Ben è ver, quando è giocondo
Ride il mondo,
Ride il ciel quando è giojoso:
Ben è ver; ma non san poi
Come voi
Fare un riso grazioso.

(CHIABRERA.)

Bellas rosas, feridade
Ou piedade
Disso a causa seja embora,
Quero em modo singular
Vos louvar,
Porém ride ainda agora.

Bello rio ou bella aurinha
Se na hervinha
De manhãa murmurando erra,
Se é de flores bonitinho
Um pradinho,
Nós dizemos: ri-se a terra.

Quando um zéphyro vem ledo
Por brinquedo
N'agua clara o pé molhar,
E só brinca a maré cheia
Sobre a areia,
Nós dizemos: ri-se o mar.

Se entre os lirios, e de flores
Roseas cores
Veste a Aurora um roseo véo,
E se em rodas de saphyra
Ella gira,
Nós dizemos: ri-se o céo.

Assim é: quando jucundo,
Ri-se o mundo:
Ri-se o céo, quando alegrado;
Assim é; mas nunca após
Como vós
Sabem rir tão engraçado.

(CHIABRERA.)

GUIDI.

LA FORTUNA.

Canzone.

Una Donna superba al par di Giuno,
Con le trecce dorate all' aura sparse,
E co' begli occhi di cerulea luce,
Nella capanna mia poc' anzi apparse;
E come suole ornarse
In su l' Eufrate bárbara reina,
Di bisso e d' ostro si copria le membra;
Nè verde lauró o fiori,
Ma d' Indico smeraldo alti splendori
Le fean ghirlanda al crine.
In si rigido fasto ed uso altero
Di belleza e d' impero
Dolci lusinghe scintillaro alfine,
E dall' interno seno
Usciro allor maravigliosi accenti,
Che tutti erano intenti
A torsi in mano di mia mente il freno.

GUIDI.

A FORTUNA.

Canção.

Uma mulher soberba a par de Juno, (1)
Soltas ás auras as douradas tranças,
E de cerulea luz c'os olhos bellos,
Ha pouco appareceu na minha choça;
E como soe ornar-se
Lá sobre o Euphrates bárbara rainha
De bysso e d'ostro o corpo acobertava;
Nem verde louro ou flores,
Mas de indica esmeralda altos fulgores
Cingião o cabello.
Em tão rigido fausto e essa altiveza
De imperio e de belleza,
Doces lisonjas á final brilharão,
E do intimo peito
Então sahirão admiraveis vozes
Tendo todas o intento
De empolgar-me o bridão do pensamento.

Pommi, disse, la destra entro la chioma,
E vedrai d' ogni intorno
Liete e belle venture
Venir com aureo piede al tuo soggiorno:
Allor vedrai, ch' io sono
Figlia di Giove, e che germana al Fato
Sovra il trono immortale
A lui mi siedo a lato.
Alle mie voglie l' Occeàn commise
Il gran Nettuno, e indarno
Tentan l' Indo e il Britanno
Di doppie áncore e vele armar le navi,
S' io non governo le volanti antenne,
Sedendo in su le penne
De' miei spirti soavi.

Io mando alla lor sede
Le sonanti procelle,
E lor sto sopra col sereno piede:
Entro l' Eolie rupi
Lego l' ali de' venti;
E soglio di mia mano
De' túrbini spezzar le rote ardenti,
E dentro i proprj fonti
Spegno le fiamme órribili, inquiete,
Avvezze in cielo a colorir comete.

Questa è la man che fabbricò sul Gange
I regni agl' Indi, e su l' Oronte avvolse
Le regie bende dell' Assiria ai crini:
Pose le gemme a Babilonia in fronte,

Poe-me, disse ella, as mãos neste cabello,
E verás de mil partes
Bellas, ledas venturas,
Vir á tua mansão com pé dourado.
Então verás que filha
Eu sou de Jove, e que eu, irmãa do Fado,
Sobre um eterno throno
Assento-me a seu lado.
Ao meu arbitrio confiou o Oceâno
O grão Neptuno, e embalde
Tenta o Indio, o Britanno
Com dupla âncora e vela armar as naves,
Se eu não governo os vôos das antennas,
Sentada sobre as pennas
Dos meus sopros suaves.

Eu mando á sua séde
As sonantes procellas,
E acima lhes estou c'o pé sereno;
Nos Eolios rochedos
Prendo as azas dos ventos;
Com esta mão costumo
Romper dos turbilhões as igneas rodas,
E apago em minhas fontes
Essas chammas horriveis, inquietas,
Que costumão no céo corar cometas.

É esta a mão que os reinos sobre o Ganges
Aos Indios fabricou; que as regias vendas
Sobre o Oronte enrolou da Assyria á coma,
Na fronte pôz a Babylonia as perlas,

Recò sul Tigri le corone al Perso,
Espose al piè di Macedonia i troni.
Del mio poter fur' doni
I trionfali gridi,
Che al gióvane Pelleo s' alzaro intorno,
Quando dell' Asia ei corse,
Qual fero turbo, i lidi,
E corse meco vincitor sin dove
Stende gli sguardi il sole.
Allor dinanzi a lui tacque la terra,
E fe' l' alto monarca
Fede agli uómini allor d' esser celeste,
E con eccelse ed ammirabil prove,
Si aggiunse ai numi, e si fe' gloria a Giove

Circondaro più volte
I miei genj reali
Di Roma i gran natali;
E l' aquile superbe
Sola in prima avvezzai di Marte al lume;
Ond' alto in su le piume
Cominciaro a sprezzar l' aure vicine,
E le palme Sabine.
Io senato di regi
Su i sette colli apersi:
Me negli alti perigli
Ebbero scorta e duce
I romani consigli:
Io coronai d' allori
Di Fabio le dimore,
E di Marcello i violenti ardori.

Sobre o Tigris levou c'roas ao Persa,
E pôz aos pés de Macedonia os thronos.
Do meu poder dons forão
Os triumphaes applausos
Que ao mancebo Pelleo altos cercarão (2)
Quando da Asia as praias,
Qual turbilhão furente,
Correu, e vencedor correu comigo
Té onde o sol ver póde.
Então callou-se diante delle a terra,
E então o alto Monarcha
Prova aos humanos deu de ser celeste,
E com excelsas e admiraveis provas
Fez-se outro Deos, e gloria ao mesmo Jove.

Rodeiárão meus genios
Reaes por muitas vezes
De Roma o grande berço;
E as aguias orgulhosas
Só eu primeira acostumei ao brilho
De Marte, e em alto vôo
Os ares perto a desprezar entrárão,
E as victorias Sabinas.
Eu de reis um senado
Abri nos sete morros;
Nos mais altos perigos
Eu fui escolta e guia
Dos romanos conselhos;
Eu coroei de louros
As tardanças de Fabio
E de Marcello o violento fogo.

Africa trassi in sul Tarpeo captiva,
E per me corse il Nil sotto le leggi
Del gran fiume latino:
Nè si schermiro i Parti
Di fabbricar trofei
Di lor faretre ed archi:
In su le ferree porte infransi i Daci,
Al Caúcaso ed al Tauro il giogo imposi.
Alfin tutte de' venti
Le patrie vinsi; e quando
Ebbi sotto a miei piedi
Tutta la terra doma,
Del vinto mondo fei gran dono a Roma.

So, che ne' tuoi pensieri
Altre figlie di Giove
Ragiónano d' imperi,
E delle voglie tue fansi reine:
Da lor speri venture alte e divine:
Speran per loro i tuoi superbi carmi
Arbitrio eterno in su l' età lontane.
E già del loro ardore
Infiammata tua mente
Si crede esser possente
Di destrieri e di vele
Sovra la terra e l' onde,
Quando tu giaci in pastorale albergo
Dentro l' inopia e sotto pelli irsute:
Nè v' è chi a tua salute
Porga soccorso. Io solo
Te chiamo a nuovo e glorioso stato:

Sobre o Tarpeo captiva a Africa eu trouxe;
Por mim correu o Nilo ás leis sujeito
Do grão rio latino;
Nem o Partho livrou-se
De fabricar trophéos
Dos seus arcos e aljavas;
Os Dacos derrotei ás ferreas portas
Do Cáucaso, e ao Tauro impuz o jugo.
Emfim, dos ventos todos
Venci as patrias: quando
Sob os meus pés eu tive
Toda a terra domado,
Roma brindei c'o mundo conquistado.

Sei que em teus pensamentos
Outras filhas de Jove
De imperios vão fallando,
E dos desejos teus o sceptro tomao:
Tu dellas altas divinaes venturas
'Speras, e eterno teus soberbos carmes
Arbitrio esperão sobre os tardos evos,
E já a tua mente
Do seu fogo inflammada
Julga-se mui potente
De velas e cavallos
Sobre as ondas e a terra,
Quando em alvergue pastoril tu jazes,
No meio da pobreza, e em hirtas pelles.
Nem ha quem a salvar-te
Ministre auxilio. A novo
E glorioso estado eu só te chamo;

Séguimi dunque, e l' alma
Col pensier non contrasti a tanto invito;
Ché neghittoso e lento
Già non puo star su l' ale il gran momento.

Una felice Donna ed immortale,
Che dalla mente è nata degli dei,
(Allor risposi a lei)
Il sommo impero del mio cor si tiene,
E questa i miei pensieri alto sostiene,
E gli avvolge per entro il suo grande lume,
Che tutti i tuoi splendori adombra e preme:
E se ben non presume
Meritare il mio crin le tue corone,
Pur su l' alma io mi sento
Per lei doni maggiori
Di tutti i regni tuoi,
Nè tu recargli, nè rapirgli puoi.
E come non comprende il mio pensiero
Le spléndide venture,
Così il pállido aspetto ancor non scorge
Delle misere cure;
L' orror di queste spoglie,
E di questa capanna ancor non vede:
Vive fra l' auree muse,
E i favoriti tuoi figli superbi
Allor sarian felici,
Se avesser merto d' ascoltarsi un giorno
L' eterno suono de' miei versi intorno.

Arse a' miei detti, e fiammeggiò, siccome

Segue-me pois; tua alma
Não resista pensando a tal convite,
Que preguiçoso e lento
Mal nas azas se apoia o grão momento.

Uma immortal Matrona e venturosa,
Que da mente de Deos teve nascença,
(Tornei então a ella)
Tem do meu coração o summo imperio;
Os pensamentos meus esta altamente
Sustenta, e envolve em o seu grande lume,
Que os esplendores teus obumbra e vence;
E bem que eu não presuma
Merecer minha coma as tuas c'roas,
Sinto por ella est' alma
Rica de dons maiores
Que todos os teus reinos;
Nem tu trazer-lh'os, nem roubar-lho's podes.
E como não percebe a minha mente
As brilhantes venturas,
Assim não vê o pállido semblante
Dos miseros cuidados.
O horror destes despojos
Inda não vê nem o desta cabana.
Vive entre as aureas musas
E os favoritos teus filhos soberbos
Felizes foram, quando
Dignos fossem de em roda ouvir um dia
Dos meus eternos versos a harmonia.

Ardeu ao meu fallar, e vibrou chammas

Suole stella crudel, ch' abbia disciolte
Le sanguinose chiome:
Indi proruppe in minaccevol suono:
Me teme il Daco, e me l' errante Scita,
Me de' bàrbari regi
Paventan l' aspre madri,
E stanno in mezzo all' aste
Per me in timidi affanni
I purpùrei tiranni;
E negletto pastor d' Arcadia tenta
Fare insin de' miei doni anco rifiuto?
Il mio furor non è da lui temuto?
Son forse l' opre de' miei sdegni ignote?
Nè ancor si sa, ehe l' Oriente corsi
Co' piedi irati, e alle provincie impressi
Il petto di profonde orme di morti?
Squarciai le bende imperiali e il crine
A tre gran donne in fronte,
E le commisi alle stagion funeste.
Ben mi sovvien, che il temerario Serse
Cercò dell' Asia con la destra armata
Sul formidabil ponte
Dell' Europa afferrar la man tremante;
Ma sul gran dì delle battaglie il giunsi,
E con le stragi delle turbe Perse
Tingendo al mar di Salamina il volto,
Che ancor s' ammira sanguinoso e bruno,
Io vendicai l' insulto
Fatto sull' Ellesponto al gràn Nettuno.

Corsi sul Nilo, e dell' Egizia donna

Como estrella cruel que tenha soltas
As sanguinosas comas:
Depois rompeu em voz ameaçadora:
Temem-me o Daco e o Scytha vagabundo;
Dos bárbaros reinantes
Temem-me as mãis austeras,
E no meio das lanças
Por mim fremem em ancias
Os purpureos tyrannos,
E um abjecto pastor de Arcadia tenta
Tè rejeitar tambem os meus presentes?!
E delle o meu furor não é temido?!
Ignorão-se as acções das minhas iras?!
Nem ainda se sabe que o Oriente
Corri c'os pés irados? que profundos
Signaes de morte abri pelas provincias?
Rasguei as vendas imperiaes e a coma
De tres grandes matronas,
E as entreguei ás estações funestas.
Lembra-me bem que o temerario Xerses
Tentou da Asia, com a dextra armada,
Sobre a temivel ponte,
Da Europa afferrar a mão tremente.
Mas das batalhas o apanhei no dia,
E c'o destroço das cohortes Persas
Tingindo a face ao mar de Salamina,
Que inda escuro e sanguento a gente espanta,
Eu vinguei a desfeita
Sobre o Hellesponto ao grão Neptuno feita.

Sobre o Nilo corri, á Egypcia dona

Al bel collo appressai l' aspre ritorte,
E gèmino veleno
Implacàbile porsi
Al bel càndido seno:
E pria nell' antro avea
Combattuta e confusa
L' Africana virtute,
E al Pùnico feroce
Recate di mia man l' atre cicute.

Per me Roma avventò le fiamme in grembo
All' èmula Cartago,
Ch' andò errando per Libia ombra sdegnata,
Sinchè per me poi vide
Trasformata l' immago
Della sua gran nemica:
E allor placò i desiri
Della feroce sua vendetta antica
E trasse anco i sospiri
Sovra l' ampia ruina
Dell' odïata maestà latina.

Rammentar non vogl' io l' òrrida spada,
Con cui fui sopra al cavalier tradito
Sul Menfitico lito,
Nè la crudel che il duro Cato uccise,
Nè il ferro che de' Césari le membra
Cominciò a violar per man di Bruto.
Teco non tratterò l' alto furore
Sterminator de' regni:
Che capace non sei de' miei gran sdegni,

As algemas cheguei ao lindo collo,
E dúplice veneno
Forneci implacavel
Ao alvo e bello seio. (3)
E antes no antro eu tinha
Combatido, e vencido
A virtude africana,
E ao Púnico assanhado (4)
Cicuta atroz co'a minha mão levado.

Por mim Roma lançou chammas no seio
Da émula Carthago,
Qne, sombra irada, andou por Lybia errando,
Té que por mim mudado
Ella vio o semblante
Da sua alta inimiga;
E então foi acalmando
A sede da feroz vingança antiga.
E até soltou suspiros
Sobre a vasta ruina
Da aborrecida elevação latina.

Lembrar não quero eu a horrenda espada
Com que cahi sobre o varão traido
Na Memphytica praia,
Nem a que matou fera o duro Cato,
Nem esse ferro que na mão de Bruto
Primeiro violou cesáreos membros,
Nem usarei comtigo altos furores
De reinos destruidores,
Pois como de altas ditas o não foste,

Come non fosti delle gran venture:
Avrai dell' ira mia piccoli segni:
Farò, che il suono altero
De' tuoi fèrvidi carmi
Lento e roco rimbombe,
E che l' umil siringhe
Or sèmbrino uguagliare anco le trombe.

Indi levossi furiosa a volo,
E chiamati da lei
Su la capanna mia vènnero i nembi:
Venner tùrbini e tuoni,
E con ciglio sereno
Dalle gràndini irate allora io vidi
Infra baleni e lampi
Divorarsi la speme
De' miei pòveri campi.

(GUIDI.

Capaz não és das minhas altas iras.
Tenues signaes terás do meu enfado.
Farei que o som altivo
Dos teus férvidos carmes,
Lento e rouco ribombe,
E que avenas abjectas
Pareção igualar mesmo as trombetas.

Ergueu-se furiosa então voando,
E chamada por ella
Sobre a minha cabana, eis a procella;
Eis turbilhões e raios;
E com olhos serenos
Então eu vi pela saraiva irada,
Entre fuzis e lampos,
Devorada a esperança
Dos meus miseros campos.

(GUIDI.)

FULVIO TESTI.

LA VIRTÙ E LA NOBILTÁ.

Ode.

Superba nave a fabbricar intento
Dal Libano odorato i cedri tolga
Industre fabbro, e sciolga
Lúcida vela di tessuto argento;
Sériche sien le funi, e con ritorto
Dente l' áncora d' or s' affondi in porto.

Non per tanto avverrà che meno ondose
Trovi le vie de' tempestosi regni;
E a' preziosi legni
Le procelle del mar sian più pietose;
Nè che forza maggior l' argentee vele
Abbian contro il furor d' austro crudele.

FULVIO TESTI.

A VIRTUDE E A NOBREZA.

Ode.

Soberba náo de construir no intento,
Do Libano odoroso os cedros tire,
Industre obreiro e estire
Lúcida vela de tecido argento:
Cordas tenha de seda, e c'o retorto
Dente dê fundo âncora d'ouro em porto.

Nem por isso achará menos undosa
Do reino tormentoso a vasta esteira,
Nem á melhor madeira
A procella do mar mais piedosa,
Nem que d'Austro cruel furias sustê-las,
Possão com maior força argenteas velas.

Che giova all' uom vantar per anni e lustri
Degli avi generosi il sangue e 'l merto,
E in lung' ordine e certo
Mostrar sculti o dipinti i volti illustri,
Se 'l nobile e 'l plebèo con egual sorte
Approda ai liti dell' oscura morte?

Là dove i neri campi di sotterra
Stige con zolfo liquefatto inonda,
E con la fetid' onda
Dell' inferna città l' adito serra,
Stassi nocchier, che con sdrucita barca
La morta gente all' altra sponda varca.

Ivi il guerrier del rilucente acciaro
Si spoglia; ivi il tiranno umil depone
Gli scettri e le corone;
E l' amato tesor lascia l' avaro.
Chè 'l passaggier della fatal palude
Nega partir se non con ombre ignude.

O tu qualunque sei che gonfio or vai
Più degli altrui che de' tuoi fregi adorno,
Dopo l' estremo giorno
Più cortese nocchier già non avrai,
Ma nudo spirto, ombra mendica e mesta
Varcar ti converrà l' onda funesta.

Orgoglioso pavone a che ti vanto
Del ricco onor delle gemmate piume?
Gira più basso il lume
De' tuoi fastosi rai, mira le piante:
Copriran breve sasso, angusta fossa
Le tue superbe sì, ma fracid' ossa.

De que serve ao mortal de sublimados
Avós sangue ostentar e gloria antiga,
E ordem que certa siga
De nobres vultos 'scultpos ou pintados?
Se o nobre, se o plebeu com igual sorte
Aporta ás praias da sombria morte?

Lá onde os negros campos sob a terra
Com sulphurea corrente o Estige innunda,
E com a fetid' unda
Da cidade infernal o ádito cerra,
Fica um arraes que com barca antiquada
Trajecta além a gente já finada.

Alli o guerreiro da luzente espada
Se despe, larga alli o tyranno ás boas
Os sceptros, as corôas,
E o avaro as riquezas adoradas;
Que da fatal lagôa o passa-gente
Com sombras nuas só partir consente.

O' tu quem quer que és que andas inchado
Do alheio e não do teu que te atavia,
Após do extremo dia
Arrais não acharás mais ameigado;
Mas 'spr'to nù, sombra mendiga e mesta,
Terás de passar essa onda funesta.

Orgulhoso pavão, porque embahido
Da rica pompa das gemmadas plumas?
C'o olhar mais não presumas;
Abaixa-o, nos teus pés toma sentido.
Cubrirá breve espaço, angusto fosso
Qualquer teu fôfo sim mas pútrido osso.

Da preziosa fonte il Tago uscendo
Sémina i campi di dorata arena;
Ma qual ruscel che appena,
Vada con poche stille il suol lambendo,
Sen corre al mar; nè più fra i salsi umori
Raffigurar si pon' gli ampi tesori.

Dei tiranni alle reggie, ed a' tuguri
De' rozzi agricoltor con giusta mano
Picchia la Morte; insano
È chi spera sottrarsi ai colpi duri.
Grand' urna i nomi nostri ágita e gira,
E cieca è quella man che fuor li tira.

Sola Virtù del tempo invido a scherno
Toglie l' uom dal sepolchro e 'l serba in vita:
Con memória gradita
Viva del grande Alcide il nome eterno,
Non già perchè figliuol fosse di Giove,
Ma per mille ch' ei fece illustri prove.

Ei giovinetto ancora in doppio calle
Sotto il piè si mirò partir la via;
A sinistra s' apria
Agévole il sentier giù per la valle;
Fiorite eran le sponde, e rochi e lenti
Quinci e quindi scorrean liquidi argenti.

Ripida l' altra via, scoscesa, alpestra
Salìa su per un monte, e bronchi e sassi
Ritardavàno i passi.
Generoso le piante ei volse a destra,
E ritrovó il sentier dell' erto colle,
Quanto più s' inoltrava, ognor più molle.

Sahindo o Tejo de preciosa fonte
Semeia os campos de dourada areia,
Mas qual com pobre veia
Regato que mal lambe o pé do monte,
Corre ao mar; nem depois na onda amára
De amplos thesouros seus um se repara.

Do tyranno á mansão, e alvergue obscuro
Do rude agricultor com igual pulso
A Morte bate; insulso
É quem pensa fugir ao golpe duro.
Nossos nomes grande urna agita e vira,
E cega é aquella mão que fóra os tira.

Só a Virtude á cova o homem some
Do tempo escarnecendo, e o tem em vida.
Com memoria querida
Do grande Alcides viva eterno o nome,
Não por isso que foi filho de Jove,
Mas por mil provas em que bem se houve.

Ainda jovenzinho em dupla senda
Sob os pés reparou partir-se a via:
Á sinistra se abria
Facil caminho, em que se ao val descenda,
Florecião os lados, rouco e lento
Correndo cá e lá liquido argento.

Escarpada a outra via ingreme e alpestra,
Subia para um monte, e toda brava
Os passos retardava.
Magnánimo elle foi marchando á dextra,
E achou a senda no elevado colle,
Quanto mais se adiantava, inda mais molle.

Onda fresca, erba verde, aura soave
Godean l' eccelse e fortunate cime:
Quivi tempio sublime
Sacro all' eternità con aurea chiave
Virtú gli aprio: quindi spiegó le penne,
E luogo in ciel fra gli altri Numi ottenne.

Enea, se allo splendor degli avi egregi
Di tua propria virtude aggiugni il raggio
Al paterno retaggio,
Accrescerai di gloria incliti fregi.
Io da lungi t' applaudo, e riverente
Adoro del tuo crin l' ostro nascente.

(FULVIO TESTI.)

Agua fresca, herva verde, aura suave,
Gozava o excelso fortunado cume;
Da eternidade ao Nume,
Templo sublime alli com aurea chave
Virtude abrio-lhe: alli tomou seu vôo,
E entre os mais Numes seus o céo contou-o.

Eneas, se ao fulgor de avós cordatos (1)
Juntas da tua virtude a claridade,
Á paternal herdade
De gloria accrescerás altos ornatos.
Eu de longe te applaudo, e reverente
Adoro o teu da coma ostro nascente.

(FULVIO TESTI.)

CONTRO LA SUPERBIA.

Ode.

Ruscelletto orgoglioso,
Che ignobil figlio di non chiara fonte,
Il natal tenebroso
Avesti infra gli orror d' ispido monte,
E già con lenti passi
Póvero d' acqua isti lambendo i sassi:

Non strepitar cotanto,
Non gir sì torvo a flagellar la sponda;
Che, benchè Maggio alquanto
Di liquefatto gel t' accresca l' onda,
Sopravverrà ben tosto
Esiccator di tue gonfiezze Agosto.

Plácido in seno a Teti
Gran re de' fiumi il Pó discioglie il corso,
Ma di velati abeti
Mácchine eccelse ognor sostien sul dorso;
Nè per arsura estiva
In più breve confin stringe sua riva.

CONTRA A SOBERBA.

Ode.

Ribeirinho orgulhoso (2)
Que ignobil filho de não clara fonte
Tiveste tenebroso
Nascimento entre o horror de hispido monte,
E já com lento passo
Foste lambendo a terra e d'agua escaço:

Não faças rumor tanto
Nem sejas com as margens insolente;
Que inda que Maio um tanto
De liquefacto gelo aguas te augmente,
Sobrevirá mui tosto
Deseccador do teu turgor Agosto.

De Thetys lá no seio
Plácido o Pó, grão rei dos rios, finda:
Mas sempre o mesmo, e cheio,
Excelsos barcos sobre o dorso ainda
Sustenta, sem que estiva
Secca o obrigue a encolher-se em menor riva.

Tu le greggi e i pastori
Minacciando per via spumi e ribolli,
E di non proprj umori
Possessor momentaneo il corno estolli
Torbido, obliquo; e questo
Del tuo sol hai: tutto alieno è il resto.

Ma fermezza non tiene
Riso di cielo, e sue vicende ha l' anno:
In nude aride arene
A terminare i tuoi diluvj andranno,
E con asciutto piede
Un giorno ancor di calpestarti ho fede.

So che l' acque son sorde,
Raimondo, e ch' è follia garrir col rio;
Ma sovra aonie corde
Di sì cantar talor diletto ha Clio,
E in mistiche parole
Alti sensi al vil volgo asconder suole.

Sotto ciel non lontano
Pur dianzi intumidir torrente io vidi,
Che di tropp' acque insano
Rapiva i boschi e divorava i lidi,
E gir credea del pari
Per non durabil piene ai più gran mari.

Io dal fragore orrendo
Lungi m' assisi a romit' alpe in cima,
In mio cor rivolgendo
Qual era il fiume allora, e qual fu prima;
Qual facea nel passaggio
Con non legittim' onda, ai campi oltraggio.

Tu gados e pastores
Ameaças no correr, ferves 'spumoso,
E de não teus humores
Possuidor momentaneo, ès orgulhoso,
Túrbido, obliquo; e esto
É quanto tens de teu; alheio é o resto.

Mas nunca tem firmeza
Riso de céo; tem seus vai-vens o anno.
Em árida nudeza
De arêas findarás o undoso damno.
E espero, a fé é tanta,
Calcar-te um dia com enxuta planta.

As aguas, sei, Raymundo,
São surdas; louco é quem falla c'o rio;
Mas acha mui jucundo
O assim cantar na lyra aonia Clio,
E em mysticos discursos
Os seus esconde ao vulgo altos recursos.

Sob um céo não distante
Vi ha pouco um torrente que crescia:
De nimia agua arrogante,
Os bosques arrastava e consumia
As margens, e julgava
Que a instavel cheia ao alto mar levava.

A fragor tão horrendo
Longe, sobre ermo cume, eu fiz demora,
Comigo revolvendo
Qual era o rio então, qual antes fôra,
Qual fazia em passagem
Com a illegitima onda ao campo ultragem.

Ed ecco il crin vagante
Coronato di lauro, e più di lume,
Apparirmi davante,
Di Cirra il biondo re, Febo il mio Nume,
E dir: mortale orgoglio
Lùbrico ha il regno e ruinoso il soglio.

Mutar vicende e voglie
D' instàbile Fortuna è stabil arte:
Presto dà, presto toglie;
Viene e t' abbraccia; indi t' abborre e parte:
Ma quanto sa si cange,
Saggio cor poco ride e poco piange.

Prode é il nocchier che il legno
Salva tra fiera aquilonar tempesta;
Ma d' egual lode è degno
Quel che a plácido mar fede non presta,
E dell' aura infedele
Scema la turgidezza in scarse vele.

Sovra ogni prisco eroe
Io del grande Agatòcle il nome onoro,
Che delle vene Eoe
Ben su le mense ei folgorar fe' l' oro;
Ma per temprarne il lampo
Alla creta paterna anco die' campo.

Parto vil della terra,
La bassezza occultar de' suoi natali
Non può Tifèo; pur guerra
Move all' alte del ciel soglie immortali.
Che fia? sott' Etna colto,
Prima che morto, ivi riman sepolto.

Eis co'a coma ondeante
Coroado de louro e mais de lume,
Comparecer-me diante
De Cirra o louro rei, Phebo, o meu Nume.
E diz: mortal entono
Reina mal firme, e lhe ruina o trono.

Mudar eventos, mira,
É da instavel Fortuna estavel arte:
Logo dá, logo tira;
Chega, abraça-te, e após te odeia e parte.
Mas bem se mude embora;
Alma sabia ri pouco, e pouco chora.

É valoroso o nauta que o navio
Salva de fera aquilonar tormenta,
Mas de igual elogio
Digno é quem manso mar não adormenta.
E á aura inconstante
Rinzando vai o panno mui tufante.

Mais que quaesquer heróas
De Agátocles minh' alma o nome preza,
Que das minas Eóas
Fez sim o ouro fulgurar na mesa;
Mas, a mingoar-lhe o lampo,
Á greda paternal tambem deu campo.

Parto abjecto da terra
A baixeza occultar do nascimento
Typheo não pode; e guerra
Declara aos immortaes do ethereo assento.
Que acontece? esmagado
Pelo Etna, antes de morto, é sepultado.

Egual finger si tenta
Salmoneo a Giove allor che tuona ed arde,
Fābbrica nubi, inventa
Simulati fragor, fiamme bugiarde:
Fulminator mendace,
Fulminato da senno, a terra giace.

Mentre l' orecchie io porgo
Ebbro di maraviglia al Dio facondo,
Giro lo sguardo, e scorgo
Del rio superbo inaridito il fondo,
E conculcar per rabbia
Ogni armento più vil la secca sabbia.

(FULVIO TESTI.)

Igual fingir-se tenta
Salmonio a Jove quando este arde e tôa;
Nuvens fabrica, inventa
Fingidas chammas, falso som que atrôa.
Fulminador fingido,
De veras fulminado, ei-lo estendido.

Ouvindo em tal ensejo
Ebrio de admiração ao Deos facundo,
Os olhos volto, e vejo
Do ufano rio deseccado o fundo;
E calcar-lhe enfadadas
A secca areia as infimas manadas.

(FULVIO TESTI.)

FRUGONI.

L'ISOLA D'AMORE.

Anacreóntica.

La bella nave è pronta:
Ecco la sponda e il lido,
Dove nocchier Cupido,
Belle, v' invita al mar.
Mirate come l' áncora
Già dall' arena svélsero
Mille Amorin, che appréstansi
Festosi a navigar.

Di pórpora è la vela,
Che ai zéffiri si stende,
E a governarla prende
Il Riso condottier.
L' aure se ne innamórano,
E l' ali intorno báttono
Scherzando, e la fan túrgida
Di fiato lusinghier.

FRUGONI.

A ILHA DE AMOR.

Anacreóntica.

O bello barco eis prompto,
Eis-vos ás praias; nellas
Feito marujo, ó Bellas,
Amor vos chama ao mar.
Da areia eis a fateicha,
De Amorinhos um bando
Tirou, já se aprompt ando
Alegre a navegar.

É purpurina a vela,
Que aos zéphyros se estende,
E a governa-la emprende
O Riso conductor.
As auras namoradas
Adejão-lhe brincando
Entorno, e a vão inchando
Com sopro afagador.

Fregia le forti antenne
Ben lavorato argento;
E l' arte all' ornamento
Pregio accrescendo va.
La poppa è tutta avório,
D' oro contesta e d'ébano
Dentro la qual s' assidono
Il Vezzo e la Beltà.

La Speme il timon regge,
E vanno in dolci giri
I téneri Sospiri
Movendo l' agil piè:
Cento Lusinghe amábili
Il bel legno passéggiano:
Lieti per man si téngono
La Servitù, la Fe.

Trecce di vaghi fiori,
Persi, vermigli e bianchi,
Péndono giù dai fianchi
Del ben spalmato pin:
Fra dilettose immágini
Siede l' allegro Génio,
Di rose odorósissime
Ornato il biondo crin.

Sotto l' altero abete
Par di dolcezza acceso,
Superbo del bel peso,
L' amico flutto andar:

Orna as antennas fortes
Bem trabalhado argento:
E bello esse ornamento
Pela arte inda mais é.
Marfim é toda a pôpa,
Que ébano e ouro enfeita,
E a Graça ahi se ageita
Com a Belleza ao pé.

Rege a Esperança o leme,
E ahi em doces giros,
Vão ternos os Suspiros
Movendo o agil pé:
Amaveis cem Lisonjas
Pelo convez passeião;
E pela mão se enleião
A Servidão e a Fé.

Do bem pintado lenho
Tranças de lindas flores
Pendem com varias cores
Dos lados em festão:
Senta-se Amor no meio
De imagens deleitosas,
E mui fragrantes rosas
Na loura coma estão.

Sob o alteroso abeto,
De alma doçura acceso,
Quasi do bello peso
Se ufana o amigo mar:

Per l' acque, i pesci guizzano,
Quasi d' amore avvampino,
E i duri scogli e gélidi
Sémbrano anch' essi amar.

Ed ecco Amor favella,
E a' suoi soavi accenti
•Tácciono in aria i venti
E il ciel si fa seren:
Ad ascoltarlo sórgono
Le belle Dee marittime,
E fuor dell' acque spórgono
Il delicato sen.

Al mare, ei grida, al mare,
Belle, che mi seguite:
Ecco a imparar venite
L' arti che detta Amor.
Non molto lunge è un' isola
Tutta ridente e flórida,
Dove al amar s' addéstrano
I semplicetti cor.

Tacque; e la bionda Fille,
La bruna Galatea,
La cándida Nerea
Sul bel legno salì:
E Dori e Nisa e Clóride,
E cent' altre v' ascésero:
E il pino velocissimo
Dal márgine fuggì.

Saltão os peixes n'agua
Como que ardendo em cio;
O escolho duro e frio
Mesmo parece amar.

Eis Amor falla e logo
Aos doces seus accentos
Parão no ar os ventos,
Limpando o céo se vai:
Do mar as Deosas bellas
Surgem a ouvi-lo, e meio
O delicado seio
Das ondas já lhes sai.

Ao mar, ao mar, diz elle,
Bellas do meu partido,
As artes de Cupido
De mim vinde aprender.
Não longe ha um' ilha alegre
Com prados florescentes,
Onde almas innocentes
No amar vão se exercer.

Calou-se; e a loura Phyllis,
A escura Galatéa,
E a cândida Nerêa
No bello barco entrou;
E Dorys, Nisa e Chloris
Com outras cem subio;
A náo veloz fugio
Da margem que deixou.

Giunte all' amena spiaggia,
Pronta le accolse in pria
La fredda Ritrosia,
Che amor non sa gradir;
E le Ripulse vénnero
In atto schive e rigide,
Che contrastando réndono
Più férvido il desir:

Poi la Pietà pudica
Loro si fece avanti;
Degl' infelici amanti
Le pene lor narrò:
Narrò le notti vigili,
Le sconsolate lácrime;
La pura fede, il nóbile
Lungo servir lodò.

Venne la Tenerezza,
E nelle lor pupille
Vivissime faville
Fu prima a risvegliar;
E ne' lor cuori tácita
Scese, e tentò d' accéndere
I più sottili spiriti,
E amore consigliar.

Quando l' astuto Inganno
Giunse, e in lor gli occhi fisse:
Belle, ascoltate, ei disse,
Consiglio più fedel:

Chegando á praia amena
Foi recebê-las logo,
Do amor ingrato ao fogo,
O frigido Desdem ;
Vierão as Repulsas
Com secco e arisco pejo,
Que avivão do desejo
O ardor quando o detem :

Pudica a Piedade
Veio depois de instantes;
Dos miseros amantes
As penas lhes contou :
Contou veladas noites,
Pranto desconsolado,
Fé pura, e o dilatado
Nobre servir louvou.

Tambem veio a Ternura,
E foi nas pestaninhas
Mui vivas faisquinhas
Primeira a despertar.
Desceu muda em seus peitos,
Tentou inflammar nos ditos
Os mais substis esp'ritos,
E amor aconselhar.

Quando o astucioso Engano,
Chegando, olhou para ellas:
E, ouvi, lhes disse, ó Bellas,
Conselho mais fiel:

Amate, sì; ma piácciavi
Sempre voi stesse ascóndere
Sotto un aspetto vário,
Or plácido, or crudel.

Qualor più vive in pace
Sicuro chi v' adora,
Sorga uno sdegno allora
Da fácile cagion.
Pianga l' amante misero,
Di duol si strugga e máceri,
E di vostr' ire súbite
Vi chiegga invan ragion.

Tema, che il foco antico
Giaccia omai freddo e vinto;
Tema, che l' abbia estinto
Altro nascente ardor;
E quella fiamma férvida,
Che per voi l' arde e l' ágita,
Più viva e più sollécita
Cresca col suo timor.

Poi quando tutta ormai
In chi s' affanna e teme
Muor l' opportuna speme
Dolce dei cuor velen;
Fate improvvisa e próvvida
Dal ciglio un pò men tórbido
Qualche pietà tralúcere,
Qual rápido balen.

Amai, sim, mas gostando
Vos occultar com geito
Sob um mui vario aspeito
Ou plácido ou cruel.

Quando quem vos adora
Vive mais socegado,
Ahi surja um enfado
De facil causa então.
Chore o infeliz amante,
De dôr se fine e rale,
Da cólera que estale
Peça o motivo em vao

Tema que o fogo antigo
Morra em rigor vencido,
E tema que extinguido
O tenha um novo ardor;
E aquella chamma ardente,
Que inquieto o traz, e em fogo,
Por vós, se avive logo,
Cresça c'o seu temor.

Depois quando já toda
Em quem temendo cança,
Morre a opportuna esp'rança
Ás almas doce e hostil;
Dos olhos menos turvos
Piedade providente
Reluza de repente
Qual rápido fuzil.

Disse; e le belle attente
L' udiro, e sul lor viso
Un trémolo sorriso
Repente balenò.
Poi seco Amor condússele
Per verdi vie recóndite,
Dove lor cento incógnite
Leggi d' amar dettò.

Di là poscia tornate
Godon su l' alme prese
L' arti in mal punto apprese
Feroci esercitar.
Dori fa strugger Córilo,
Nisa languir fa Titiro;
Io per la bella bella Fillide
Pur seguo a sospirar.

(FRUGONI.)

Disse, e as Bellas attentas
O ouvirão: no semblante
Súbito um tremulante
Riso lhes fulgurou.
Comsigo Amor levou-as
Por verdes e sumidas
Vias, e não sabidas
De amar leis lhes ditou.

De lá tornadas, gostão
Nas almas prisioneiras
Ás más lições, arteiras,
Ferozes praticar.
Doris consome a Córylo,
Tytyro, Nisa, o móe;
Por Phyllis bella sóe
Minh' alma suspirar.

(FRUGONI.)

AMOR PITOCCO.

Anacreóntica.

Amor mutò mestiero
Non è più, qual si crede,
Quel faretrato arciero
Che saettando va:
In mensognero aspetto
Fa da mendico in terra;
E chiede il poveretto
Per via la carità.

Io l' ho testè trovato;
(E il furfantel ridea,)
Che così trasformato
Credea celarsi a me.
L' ali desposte avea,
E senza strali ed arco
Fâmelico movea
Il vagabondo piè.

AMOR PEDINCHÃO.

Anacreóntica.

Amor fez-se outro obreiro,
Não é mais, como o julgão,
Um aljavado archeiro
Que dardejando vae.
Em falso desalinho
Faz de mendigo em terra;
E esmola o pobrezinho
Na rua a pedir sae.

Eu vi-o inda ha bocado,
(E ria o bregeirinho)
Que assim mui desfarçado
Créo me occultar quem é.
Mais azas não trazia,
E sem o arco e as frechas
Fâmelico movia
O vagabundo pé.

Lasciava errare incolto
L' oro de' biondi crini,
E in cenci mal avvolto
Il fianco trasparir.
Non volli per Amore
Io ravvisarlo, e il volli
Accorto osservatore
E tácito seguir.

La dea della foresta
Eran quel dì nel tempio
Ninfe e pastori in festa
Intenti a celebrar:
Del tempio su le soglie
Si pose Amor, da tutte
Sotto le nuove spoglie
Conforto ad implorar.

Pregò la bianca Fille,
Che altrove superbetta
Le lúcide pupille
Rivolse, e non l' udì.
Pregò la bionda Nice,
Che ai prieghi non si mosse;
Ma pur dell' infelice
Qualche pietà sentì.

Alla sdegnosa Irene
Tirò l' azzurra gonna;
Fermolla, e le sue pene
Non le volea tacer:

Deixava errar inculto
Da loura coma o ouro,
E em trapos mal occulto
O lado trasluzir.
Não quiz de um modo aberto
Ver nelle o Amor, e qui-lo,
Observador esperto,
E tácito seguir.

Da Deosa da floresta
Todo pastor e nympha
No templo então a festa
Cuidava em celebrar.
Do templo na soleira
Amor se pôz, de todas
Trajado da maneira,
Confortos a implorar.

Pedio elle á branquinha
Phyllis, que os vivos olhos
De lado soberbinha
Torceo, nem o escutou.
Pedio á loura Nice,
Que não moveu-se aos rogos,
Com tudo do infelice
Um pouco se apiedou.

Á desdenhosa Irenas
Puxou pela azul saia;
Deteve-a, e suas penas
Bem quiz lhe declarar.

Ma fu, qual importuno,
Ripreso e risospinto,
Senza soccorso alcuno
Dalla scortese aver.

Tese la mano bella
Alla vezzosa Aurisbe,
Che al viso, alla favella
Sospesa si fermò:
A consolarlo forse
Pendea col cor pietoso;
Ma sola esser s' accorse,
Nè sola farlo osò.

Piangea sì derelitto
Lo sventurato Dio,
Dicendo: e qual delitto
Tanto soffrir mi fa?
Ténero fanciullino;
Védovo d' ogni bene,
Perchè del mio destino
Non posso far pietà?

Quando fra i suoi languori,
Fra i mesti suoi lamenti
La vaga amabil Dori
Ecco opportuna vien:
Dori, che ne' bei lumi
Porta celeste foco,
E somigliante ai Numi
Un' alma porta in sen.

Mas qual impertinente
Levou censura e impurros,
Sem desta arisca á gente
Soccorro algum lograr.

Estendeu a mão bella
Á carinhosa Aurisbe,
Que a aquelle rosto, a aquella
Falla, a pensar parou.
Talvez com alma pia
Quiz ella consola-lo,
Mas alli só se via
Nem fazer isso ousou.

Chorava derelicto
Assim o infeliz Nume,
Dizendo: e qual delicto
Tanto me faz soffrer?
Assim tenro menino
De todo bem privado
Porque c'o meu destino
Não hei de enternecer?

Quando no mal que o guinda,
Nos mestos seus lamentos,
Doris amavel, linda,
Eis opportuna hi vem:
Doris que em bellos lumes
Traz um celeste fogo
E semelhante aos Numes
No peito um' alma tem.

Amor per man la prende,
E nuovi prieghi adorna.
Ella l' inganno intende,
E parla a lui così:
Per qual mai fato avverso,
Bel figlio di Ciprigna,
Così da te diverso
Ti veggo in questo dì?

Sincero mi rispondi,
Furbetto Amore, ah dimmi,
Perchè così t' ascondi?
Che tenti? che vuoi far?
Intesi, egli ripiglia,
Fra l' arti esser nel mondo
Felice a maraviglia
Quella di mendicar:

Intesi, che fortuna
Al domandar non manca,
Négano cento, ed una
Vinta concede alfin.
Allor Dori sorrise,
E replicò: deponi
Le ignóbili divise,
Amato fanciullin:

Rimetti l' ali al tergo,
Al fianco la faretra,
E nel mio fido albergo
Séguimi, e non temer.

Amor na mão lhe pega,
Novo pedido enfeita;
A dar c'o engano chega
Ella, e lhe falla assim:
Por qual destino adverso,
De Venus bello filho,
Tanto de ti diverso
Aqui te vejo emfim?

Sincero me responde;
Dize-me, velhaquinho,
Porque hoje Amor se esconde?
Que quer? que vai tentar?
Ouvi, torna elle, á gente,
Que entre do mundo as artes,
Feliz é summamente
Esta de mendigar.

Ouvi que sempre infida
Não é ao pedir a sorte:
Cem negão, e vencida
Uma concede emfim.
Doris então sorrindo
Tornou-lhe: Ora pois despe
Traje tão vil meu lindo
Meninozinho; ah! sim.

Torna ao teu dorso as azas,
À ilharga a tua aljava,
Nas minhas fidas casas
Segue-me sem temer.

Tacque, e all' amico Nume
Dori di sua beltade
Tutta nel pieno lume
Allor si fe' veder.

Mirolla, e in un momento
Riprese i suoi sembianti,
E d' ubbidir contento
Amore un Dio tornò;
E le materne forme
Tutte si vide in lei,
Che più le sue bell' orme
Abbandonar non può.

(FRUGONI.)

Callou-se, e ao caro Nume
Toda de sua belleza
Doris no pleno lume
Então deixou-se ver.

Olhou-a; e de repente
Amor tomou seu rosto,
E de ceder contente
Qual Deos tornou a brilhar.
E nella tão juntadas
Vio as maternas formas,
Que mais suas pegadas
Não pode abandonar.

(FRUGONI.)

FILICAJA.

PER LA LIBERAZIONE DI VIENNA

ASSEDIATA DAI TURCHI.

Canzone.

Le corde d' oro elette
Su su, Musa, percuoti, e al trionfante
Gran Dio delle vendette
Compon d' inni festosi aurea ghirlanda.
Chi è che a lui di contrastar si vante;
A lui, che in guerra manda
Tuoni e tremuoti e túrbini e saette?
Ei fu che 'l tracio stuolo
Ruppe, atterrò, disperse; e il rimirarlo,
Struggerlo e dissiparlo,
E farne polve, e pareggiarlo al suolo,
Fu un punto, un punto solo.
Ch' ei può tutto; e città scinta di mura
È chi fede ha in se stesso, e Dio non cura.

FILICAJA.

PELA LIBERTAÇÃO DE VIENNA

SITIADA PELOS TURCOS.

Canção.

D'ouro escolhidas cordas
Eia, eia, ó Musa, fere, e ao triumphante
Grande Deos das vinganças
De hymnos festivos tece aurea grinalda:
Quem ha que a elle resistir se gabe,
Ao que na guerra expede
Trovões, tremores, turbilhões e raios?
Foi elle quem rompeu,
Derribou, dispersou o Thracio bando.
Olha-lo, destrui-lo,
Dissipa-lo, e qual pó fazê-lo, e terra,
Foi, sim, foi um instante.
Pois tudo póde: e cidade sem muro
É quem não cuida em Deos, em si seguro.

Si crederon quegli empj
Con ruinoso túrbine di guerra
Abbater torri e tempj,
E sver da sua radice il sacro impero.
Empier pensaron di frofei la terra,
Ed oscurar credero
Con più illustri memorie i vecchi esempj.
E disser: l' Austria doma,
Domérem poi l' ampia Germania; e all' Ebro
Fatto vassallo il Tebro,
A Turco ceppo il piè, rasa la chioma,
Porgerà Italia e Roma.
Qual Dio, qual Dio delle nostre' arme all' onda
Fia che d' oppor si vanti árgine o sponda?

Ma i temerarj accenti,
Qual tenue fumo, alzaronsi e svaniro,
E ne fer' preda i venti.
Chè sebben di Val d' Ebro attrasse Marte
Vapor, che si fer' núvoli e s' apriro,
E piovver d' ogni parte
Aspra tempesta sull' austriache genti,
Perir la tua diletta
Greggia, Signor, non tu peró lasciasti,
E all' empietà mostrasti,
Che arriva e fere, allor che men s' aspetta,
Giustissima vendetta.
Il sanno i fiumi, che sanguigni vanno,
E 'l san le fiere, e le campagne il sanno.

Julgarão esses impios
Com ruinoso turbilhão de guerra
Abater torres, templos;
Subverter do alicerce o sacro imperio.
Encher pensárão de tropheos a terra,
E escurecer cuidárão
Antigos feitos com mais claros fastos:
E disserão: Domada
Austria, a Germania domaremos; feito
Vassallo o Tibre ao Ebro,
Á Turca algema o pé, rapada a coma,
Darão Italia e Roma.
Qual Deos, qual Deos da nossa armada gente
Dique, e amparo ha de pôr contra o torrente?

Mas os ditos ousados,
Qual tenue fumo, alçárão-se, e morrêrão
Dos ventos aprezados;
Pois bem que do val d'Ebro attrahio Marte
Vapores que depois em nuvens soltas
Chovêrão geralmente
As'pra tormenta sobre a austriaca gente,
Nem por isso deixaste
Perecer o Senhor, tua grei cara
E á nequicia mostraste,
Que chega e fere quando a esperão menos
Justissima vingança.
Tintos de sangue sabem isso os rios,
Sabem-no os campos e animaes bravios.

Qual corse gel per l' ossa
All' árabo Profeta e al sozzõ Anubi,
Quando l' ampia tua possa
Tutte fe' scender le sue furie ultrici
Su le penne de' venti e su le nubi!
L' orgogliose cervici
Chinò Bizanzio, e tremè Pelio ed Ossa;
E le squadre rubelle,
Al ciel rivolta la superba fronte,
Videro starsi a fronte
Coll' arco teso i nembi e le procelle,
E guerreggiar le stelle
Di quell' acciar vestite, onde s' armaro
Quel di che contro ai Cananei pugnaro.

Tremar l' insegne allora,
Tremar gli scudi, e palpitar le spade
Al popol dell' aurora
Vidi: e qual di salir l' egro talvolta
Sognando agogna, e nel salir giù cade;
Tal ei sentì a se tolta
Ogni forza, ogni lena; e in poco d' ora,
Sbaragliato e disfatto,
Feo di se monti, e riempieo le valli
D' uòmini e di cavalli
Svenati o morti o di morire in atto.
Del memorabil fatto
Chi la gloria s' arroga? Io giá nol taccio;
Nostre fur' l' armi, e tuo, Signor, fu 'l braccio.

Que gelo pelos ossos
Do Arabe Propheta, e impuro Anubis
Correu, quando o teu amplo
Poder baixar fez toda a furia sua
Sobre as pennas dos ventos, sobre as nuvens!
E a cerviz orgulhosa
Baixou Bysancio, Pelio, Ossa, tremêrão,
E os esquadroes rebeldes,
Virada aos céos a orgulhosa fronte,
Virão a si de fronte
Com o arco teso as nuvens e as procellas,
E pugnar as estrellas
Vestidas desses aços que as armavão
Quando ellas contra os Cananeos pugnavão.

Tremer os estardartes,
Os escudos tremer, ter susto os sabres,
Então eu vi do povo
Da aurora; e como em sonho o enfermo anhela
Subir ás vezes, e subindo cahe,
Tal elle se sentio
Tirar de todo a força e alento, e em breve
Dispersado, e em derrota
Fez de si montes, e entulhou os valles
De homens e de cavallos
Feridos, mortos, ou exhalando as almas.
Do memoravel feito
Quem á gloria se arroga? eu claro o faço:
Nossas as armas, teu foi, Deos, o braço.

A te dunque de' Traci
Debellator possente, a te, che in una
Vista distruggi e sfaci
La bárbarica possa, e al cui decreto
Serve súddito il Fato e la Fortuna,
In trionfo sì lieto
Alzo la voce, e i sécoli fugaci
A darti lode invito.
Saggio e forte sei tu. Pugna il robusto
Tuo braccio a pro del giusto;
Nè indifesa umiltà nè folle ardito
Furor lascia impunito.
Milita sempre al fianco tuo la gloria,
E al tuo soldo arrollata è la vittoria.

Là dove l' Istro bee
Bárbaro sangue, e dove alzò poc' anzi
Turca empietà moschee,
Érgonsi a te delubri; a te, cui piacque
Salvar di nostra eredità gli avanzi,
Fan plauso i venti e l' acque.
E dicono in lor lingua: a Dio si dee
Degli assalti ripressi
Il memorando sforzo, a Dio la cura
Dell' assediate mura.
Rispondon gli antri e ti fan plauso anch' essi.
Veggio i macigni istessi
Pianger di gioja, e gli alti scogli e i monti
A te inchinar l' ossequiose fronti.

A ti pois, ó dos Thraces
Debellador potente, a ti que de olhos
N'um lance desbaratas
O bárbaro poder, e a cujas ordens
Súbditos servem a Fortuna e o Fado,
Em triumpho tão ledo
Levanto a voz, e os seculos fugazes
A louvar-te convido.
Sabio e forte tu és, pugna robusto
Teu braço em prol do justo;
Vale á humildade, nem louco e atrevido
Furor deixa impunido.
Milita sempre ao lado teu a gloria
E engajada ao teu soldo anda a victoria.

La onde bebe o Istro
Bárbaro sangue, e aonde ha pouco ergueu
Impio Turco mesquitas,
Templos s'erguem a ti, a ti que os restos
Te dignaste salvar da herança nossa,
Ventos, aguas, te applaudem,
E dizem em sua lingua: A Deos se deve
Dos assaltos repressos
O memorando esforço, a Deos o amparo
Dos sitiados muros.
Tambem te applaudem com seu éco os antros.
Eu vejo as mesmas pedras
De alegria chorar, rochedos, montes,
Te inclinar com obsequio as altas frontes.

Ma, se pur anco lice
Raddoppiar voti, e giugner prieghi a prieghi,
La spada vincitrice
Non ripóngasi ancor ancor. Pria tu l' indegna
Stirpe recidi, o fa che 'l collo pieghi
A servitù ben degna.
Pria, Signor, della tronca egra infelice
Pannonia i membri accozza,
E riunirli al capo lor ti piaccia.
Ah no, non più soggiaccia.
A doppio giogo in se divisa e mozza.
Regnò, regnò la sozza
Gente ahi! pur troppo; e tempo è omai, che deggia
Tutta tornare ad un pastor la greggia.

Non chi vittoria ottiene,
Ma chi ben l' usa, il glorioso nome
Di vincitor ritiene.
Nella naval gran pugna, onde divenne
Lepanto illustre, e per cui rotte e dome
Fur le Sitonie antenne,
Vincemmo, è ver; ma l' Idumee catene
Cipro non ruppe unquanco:
Vincemmo; e nocque al vincitore il vinto.
Qual fia dunque, che scinto
Appenda il brando, e ne disarmi il fianco?
Oltre, oltre scorra il franco
Vittorioso esército, e le vaste
Dell' Asia interne parti arda e devaste.

Mas se é licito agora
Redobrar votos e ajuntar mais rogos.
A espada vencedora
Nao se embainhe ainda. Antes tu ceifa
A indigna raça, ou a servidão bem dada
Faze que dobre o colo:
Antes, Senhor, ajunta
Da cortada e infeliz Pannonia os membros,
E reuni-los á cabeça queiras.
Ah não, mais o dobrado
Jugo não soffra mutilada e em postas.
Reinou, reinou a immunda
Gente, ai, de mais; e o tempo é já chegado
Que volte toda a grei a um só cajado.

Não quem ganha a victoria,
Mas quem usa bem della, o nome e a gloria
De vencedor conserva.
Na gram naval batalha em que tornou-se
Lepanto illustre, e que quebrou, domando,
As Sitonias antennas.
Vencemos, sim, mas da Idumea os ferros
Chypre inda não rompeu;
Vencemos, e a nós mal trouxe o vencido.
Quem pois soltando a espada
Pô-la-ha pendente desarmado o flanco?
Mais longe corra o franco
Victorioso exercito, e as immensas
Terras d'Asia devaste em chamma accensas.

Ma la caligin folta
Chi dagli occhi mi sgombra? ecco, che 'l tergo
Dei fuggitivi a sciolta
Briglia, Signor, tu incalzi, ecco gli arresta
Il Rabbe a fronte, ed han la morte a tergo.
Colla gran lancia in resta
Veggio, che già gli atterri e metti in volta;
Veggio, ch' urti e fracassi
Le sparse turme, e di Bizancio ai danni
Stendi sì ratto i vanni,
Che già i venti e l' pensiero indietro lassi;
E tant' oltre trapassi,
Che vinto è gia del mio veder l' acume;
E allo stanco mio vol mancan le piume.

(FILICAJA.)

Mas quem dos olhos meus
Affasta a densa nevoa? Eis dos fugintes
A redea solta, ó Deos,
Tu as costas urges: Eis o Rhab de fronte
Detem-nos, e elles tem atraz a morte.
Enristando a gram lança,
Eu vejo que os abates, e afugentas.
Vejo que esbarras, rompes
As espalhadas turmas, e que em damno
De Bizancio tu vôas
Tão veloz que atraz fica a idéa e o vento.
E tanto além traspassas,
Que a minha vista nem te alcança apenas;
E ao cançado meu vôo faltão as pennas.

(FILICAJA.)

POLIZIANO.

LA DONNA AMÁBILE.

Cándida è ella, e cándida la vesta,
Ma pur di rose e fior dipinta e d' erba.
L' inanellato crin dell' aurea testa
Scende in la fronte umilmente superba.
Ridele attorno tutta la foresta;
E quanto può, sue cure disacerba.
Nell' atto regalmente è mansueta;
E pur col ciglio la tempesta acqueta.

Folgoran gli occhi d' un dolce sereno,
Ove sue faci tien Cupido ascose:
L' aer d' intorno si fa tutto ameno,
Ovunque gira le luci amorose.
Di celeste letizia il volto ha pieno,
Dolce dipinto di ligustri e rose.
Ogni aura tace al suo parlar divino,
E canta ogni augelletto in suo latino.

POLIZIANO.

A MULHER AMAVEL.

Cándida é ella, e cándida é como esta
A veste de herva e flores matizada,
Desce na humilde e magestosa testa
Da aurea cabeça a madeixa annellada.
Ri-se della ao redor toda a floresta
Em mitigar-lhe as penas esforçada;
Nos actos mostra mansa e real alma
E com seus olhos a tormenta calma.

Nestes lhe brilha um ar doce e sereno,
E alli Cupido esconde o facho ardente:
Todo ao redor se torna o ar ameno
Ondequer que voltada olhe clemente.
De celeste alegria o rosto é pleno,
De rosas, lis pintado docemente.
Callão-se as auras ao fallar que encanta:
Toda avezinha em sua lingua canta.

Sembra Talia, se in man prende la cetra:
Sembra Minerva, se in man prende l' asta:
Se l' arco in mano, al fianco la faretra,
Giurar potrai che sia Diana casta.
Ira dal volto suo trista s' arretra;
E poco avanti a lei superbia basta.
Ogni dolce virtù l' è in compagnia:
Beltà la mostra a dito e Leggiadria.

Con lei sen va Onestate umile e piana,
Che d' ogni chiuso cor volge la chiave:
Con lei va Gentilezza in vista umana,
Da lei impara il dolce andar soave.
Non può mirarle in viso alma villana,
Se pria di suo fallir doglia non ave.
Tanti cuori Amor piglia, fere e ancide,
Quanto Ella o dolce parla o dolce ride.

(POLIZIANO.)

Se pega na viola a crês Thalia;
E a crês Minerva se ella empunha a hasta;
De aljava ao lado, e arco na mão, diria,
Jurando o labio, que é Diana casta;
Ante ella triste a raiva se desvia,
Diante della a soberba pouco basta.
Toda doçura a vai acompanhando:
Belleza e Graça ao dedo a vão mo trando.

A segue a Honestidade humilde e lhana
Que duros corações abre co'a chave:
A segue a Gentileza em vista humana,
Della se aprende o doce andar suave;
Não a encara alma vil, se se não dana
Antes dos erros seus com pezar grave.
Tantas almas Amor conquista e abala,
Quanto ella doces tem o riso e a falla.

(POLIZIANO.)

MACCHIAVELLI.

L'OCCASIONE.

Chi sei tu, che non par cosa mortale?
Di tanta grazia il ciel t' adorna e dota! --
Perchè non posi? e perchè a' piedi hai l' ale?

Io son l' Occasione, a pochi nota;
E la cagion che sempre mi travagli,
È perch' io tengo un pie' sopra una rota.

Volar non è che al mio correr s' agguagli,
E però l' ale a' piedi mi mantengo,
Acciò nel corso mio ciascuno abbagli.

Gli sparsi miei capei dinanzi io tengo;
Con essi mi ricopro il petto e 'l volto,
Perch' un non mi conosca quand' io vengo.

Dietro del capo ogni capel m' è tolto;
Onde in van s' affatica un se gli avviene
Ch' io l' abbia trapassato, o s' io mi volto. —

MACHIAVEL.

A OCCASIÃO.

Quem és tu que mortal ser não pareces,
De tanta graça o céo te adorna e dota?
Porque não pousas, e aza ao pé forneces? —

Sou a Occasião a muita gente ignota;
E a razão de eu 'star sempre trabalhando,
É que um pé n'uma roda se me nota.

Não ha vôo que me iguale, eu caminhando,
Por isso as azas nos meus pés mantenho
Para no meu correr ir enganando.

O meu solto cabello adiante tenho,
E com elle me cubro o peito e o rosto
P'ra ninguem conhecer-me quando venho.

Traz da cabeça tudo calvo é posto:
Qualquer cança-se em vão, nem mais me apanha
Se já passei, ou se eu já não o arrosto. —

Dimmi chi è colei che teco viene?—
È Penitenza: e però nota e intendi:
Chi non sa prender me, costei ritiene.

E tu, mentre parlando il tempo spendi,
Occupato da mille pensier vani
Già non t' avvedi, lasso, e non comprendi
Com' io ti sia fuggita dalle mani.

(MACCHIAVELLI.)

Dize, quem essa é que te acompanha? —
É Penitencia; e saibas, vai notando,
Quem pilhar-me não sabe, esta só ganha.

E tu em fallar o tempo esperdiçando,
De mil vãos pensamentos occupado,
Triste, não vês, não vais inda atinando.
Como eu das tuas mãos tenho escapado.

(MACCHIAVEL.)

RUCELLAI.

LE API IN LAVORO.

Sole conoscon veramente l' api
L' amor pietoso delle patrie loro.
Queste pensose e timide del verno,
Divinatrici degli orribil tempi,
Si dan tutta la state alle fatiche,
Riponendo in comune i loro acquisti,
Per goder quelli, e sostentarsi il verno.
Alcune intorno al proccaciar del vitto
Per la convalle flórida ed erbosa
Discorron vaghe, compartendo il tempo,
Altre nelle cortecce órride e cave
Il lacrimoso umor del bel narciso,
E la viscosa colla dalle scorze
Nel picciol sen raccólgono, e co' piedi
Porgon le prime fondamenta ai favi,
A cui sospendon la tenace cera,
E tirano le mura e gli alti tetti.

RUCELLAI.

AS ABELHAS TRABALHANDO.

Só conhecem de veras as abelhas
O piedoso amor das patrias suas.
Estas cuidosas receiando o inverno,
Ad'vinhadoras dos horriveis tempos,
Todo o inteiro verão dão-se ás fadigas,
Pondo em commum reserva os seus acquistos
Para os gozar e se nutrir no inverno.
Umas entorno procurando o victo
Pelo convalle herboso e florescente
Andão vagando, repartindo o tempo.
Outras, nas cascas hórridas, cavadas,
O lagrimoso humor do alvo narciso
E a pegajosa colla no pequeno
Seu seio vão das cascas recolhendo,
Lanção c'os pés do favo os alicerces,
Aos quaes vão suspendendo a tenaz cera,
E os muros puxão, e no alto os tectos.

Altre il minuto seme allora accolto
In su 'l bel verde e 'n su i ridenti fiori,
Covan col caldo temperato e lento:
Alcune, intorno al novo parto intente,
I nati figliuolin, ch' appena han moto,
Con la lingua figùrano, e col seno
Gli allattan di soave ambrosia e chiara.
Parte quei già, che son cresciuti alquanto,
Unica speme degli aviti regni,
Mènano fuori; e con l' esempio loro
Gli mostran l' acque dolci e i paschi aprici,
E qual fuggire e qual seguir conviensi.
Altre dapoi presaghe della fame,
Che l' orrido stridor del verno arreca,
Stipano il puro mel dentr' alle celle.
Sònovi alcune a cui la sorte ha data
La guardia delle porte, e quivi stansi
Scambievolmente a speculare il tempo
Nel vano immenso dell' aereo globo;
Ove si fanno e si disfanno ogn' ora
Sereno e nube, e bel tranquillo e vento;
Ovvero a tor le salme, e i gravi fasci
Alleggerir di chi dal campo torna
Curvate e chine sotto i sconci pesi.
E spesso fan di se medesme schiera,
E dai presepi lor scàcciano i fuci,
Armento ignavo, e che non vuol fatica.
Così divien quell' opera fervente,
E l' odorato mel per tutto esala
Soavissimo odor di fior di timo.
Come nella fucina i gran Ciclopi,

Outras ha pouco miudinhos ovos,
Colhidos em verdura e lindas flores,
Com calor chocão temperado e lento:
Outras do novo parto cuidadosas
Os nascidos filhinhos, que mal movem-se,
Com a lingua compõe, e com o seio
Os nutrem da suave ambrosia e clara:
Outras, os já um tanto crescidinhos,
Unica esp'rança dos avitos reinos,
Conduzem fóra, e com o seu exemplo
Lhes mostrão doces aguas, largos pastos,
E qual convém fugir, qual ir seguindo;
Outras depois presagas dessa fome,
Que o hórrido rigor do inverno causa,
Estivão puro mel dentro das cellas.
Algumas ha ás quaes incumbe a sorte
Guardar as portas; e alli ficão ellas
Revezando, a espreitar qual vai o tempo
Por esse immenso vão do aereo globo,
Onde se formão e desmanchão sempre
Sereno, nuvens, bella calma e vento;
Ou para as cargas receber, e os graves
Feixes tirar de quem do campo torna
Curvado e baixo sob os grandes pesos:
E muitas vezes juntão-se em fileira
E expellem os zangões dos seus presepes,
Armento ignavo e que não quer fadiga.
Torna-se aquella obra assim fervente,
E em qualquer parte o mel cheiroso exhala
Suavissimo odor de flor de thymo.
Como os grandes Cyclopes em a forja

Che fanno le saette orrende a Giove,
Alcuni con la fórcipe a due mani
Téngono ferma la cadente massa,
E la rivolgon su la salda incude;
Altri levando in alto ambe le braccia,
Báttonla a tempo con orribil colpi;
Altri or alzando le bovine pelli;
Ed or premendo, mandan fuori il fiato
Grave, che stride nei carboni accesi:
Parte quando più bolle, e più sfavilla
Figon la massa nelle gelid' onde,
Indurando 'l rigor del ferro acuto;
Onde ribomba il cavernoso monte,
E la Sicilia e la Calabria trema:
Non altramente fan le picciol' api,
Se licito è si minimi animali
Assomigliare a mássimi giganti.
Ognuna d' esse al suo lavoro è intenta,
Le più vecchie e più sagge hanno la cura
Di munir l' alte torri e far ripari,
E porre i tetti all' ingegnose case,
Intonacando le rimose mura
Col sugo dell' origano e dell' appio,
Il cui sapor, come un mortal veneno,
Fugge lo scarabeo, fugge la talpa,
La talpa cieca che la magla adora;
Fugge il moscone e la formica alata,
La verde canterella, e la farfalla
Più d' ogn' altro animal nimico all' ape,
E mille mostri réttili ed alati
Che, quando il caldo l' úmido corrompe,

Horrendos raios fabricando a Jove,
Alguns com o tenaz firme segurão
Por duas mãos a encandecida massa,
E a vão virando sobre a firme incude:
Outros, altos levando ambos os braços,
Batem-na a tempo com horriveis golpes:
Bovinas pelles outros ora alçando;
E ora abaixando, mandão fóra o sopro
Forte, que zune nos carvões accesos:
Outros, quando mais ferve e mais scintilla,
Mettem a massa nas geladas ondas,
Indurando a rijeza ao ferro agudo;
E assim ribomba o cavernoso monte,
E a Sicilia e a Calabria vão tremendo:
Não fazem de outra fórma as abelhinhas,
Se é licito animaes tão pequeninos
Assemelhar aos máximos gigantes.
Cada qual dellas cuida em seu trabalho.
As mais velhas, mais sabias, tem cuidado
De altas torres munir, fazer reparos,
E pôr telhados nas industres casas,
As rachadas paredes rebocando
Com o sumo do oregão e do aipo;
Cujo sabor, como mortal veneno,
Mui foge o escarabeo, foge a toupeira,
A toupeira que cega a Magla adora;
Foge o besouro e a formiga alada,
A canthárida verde e a borboleta,
Mais que todo animal imigo á abelha;
E monstros mil, quer reptis, quer alados,
Que, á humidade os calores corrompendo,

La natura soverchia al mondo crea.
Tornan poi le minori ai loro alberghi
La notte stanche, ed han le gambe e 'l seno
Piene di timo e d' odorata menta.
Pásconsi di ginestre e rosmarini,
Di tremolanti canne o lenti salci,
Di nepitella, e del bel fiore azzurro
Che lega in mezzo alle sue frondi il croco,
Della vittoriosa e forte palma,
Del trebentino e dell' umil lentisco,
Che Scio fa degno sol delle sue gomme;
Del lánguido giacinto, che nel grembo
Porta dipinto il suo dolore amaro;
E di molti altri arbusti, erbette e fiori,
Da cui rugiada liquida, che perle
Pare a veder sopra zaffiri ed oro,
Sugando questo animaletto ameno
Colora, odora o dà sapore al mele.
Tutte hanno un sol travaglio, un sol riposo.
Com' escon la mattina delle porte,
Non restan mai persin che 'l ciel' inbruni;
Ma poi, com' egli accende le sue stelle,
Tórnansi a casa, e dei sudati cibi
Nútrono i loro affaticati corpi.
Séntesi il suono e 'l mormorar sovente
Nel vestibulo intorno alle lor porte;
Ma poi, che nelle camere son chiuse,
Prèndono ivi a bell' agio alto riposo,
Con gran silenzio fino al nuovo giorno,
E 'l sonno irriga le lor lasse membra
Di profonda e dolcissima quiete.

Nimia no mundo a Natureza cria.
Voltão após á noite aos seus alvergues
As menores cansadas, seio e pernas
De odorosa hortelãa e thymo cheias.
Nutrem-se de giestas, rosmaninhos,
Lentos salgueiros, tremulantes cannas:
De poejo e da flor linda e azulada,
Que entre os pétalos seus encerra o croco,
E da victoriosa e forte palma;
Do terebinto, da arrueira humilde,
Á qual só deve Scio as suas gommas;
Do lánguido jacintho, que no seio
Pintada traz a sua dôr amarga;
E de outros mil arbustos, hervas, flores,
Dos quaes o orvalho liquido (que perlas
Parece á vista sobre ouro e saphiras)
Chupando este bonito animalzinho,
Dá côr e cheiro ao mel, ou sabor dá-lhe.
Todas tem um trabalho, um só descanço.
Sahindo de manhãa fóra das portas,
Nunca cessão até que o céo se infusque.
Porém, quando os seus astros elle accende,
Voltão á casa, e dos suados victos
Os seus alentão fatigados corpos.
Sente-se a bulha e o murmurar frequente
No vestibulo entorno dessas portas.
Mas depois de fechadas em seus quartos,
Commodamente alli vão descançando
Com grão silencio até o novo dia;
E o sommo effunde em seus cançados membros
Profundo, suavissimo socego.

Nè dalla corte mai si fan lontane,
Se veggon l' aer tenebroso e scuro,
O se 'l Sol nelle nubi il piovoso arco
Dipinge, e mormorar senton le frondi;
Messaggi certi di tempesta e pioggia;
Ma caute se ne vanno intorno a casa
A pigliar l' acqua ai più propinqui fonti,
Con certi sassolini accolti in seno
Librandosi per l' aria, e con grand, arte
Secan le vanne nubi e 'l mobil vento,
Come se fosser navi in mezzo l' onde,
Che 'l peso ferme tien della zavorra.

(RUCELLAI. — LE API.)

E jámais do palacio ellas se afastão,
Se o ar reparão tenebroso e escuro,
Ou se o Sol o chuvoso arco nas nuvens
Pinta, ou se murmurar ouvem as folhas,
Presagios certos de tormenta e chuva:
Mas cautas vão da sua casa em roda
Agua buscar ás mais propinquas fontes,
C'umas pedrinhas que comsigo trazem
Librando-se ao ar; e com grande arte
As nuvens vão cortando e o movel vento,
Como se fossem barcos sobre as ondas
Aos quaes firmes mantém do lastro o peso.

(RUCELLAI. — AS ABELHAS.)

MENZINI.

IL SUBLIME NELLO SCRIVERE.

Sublime è quel ch' altri in leggendo desta
Ad ammirarlo, e di cui fuor traluce
Beltà maggior di quel che 'l dir non presta.

Ond' è che l' alma a venerarlo induce,
E l' empie di se stesso, e la circonda
D' una maravigliosa amabil luce.

E quanto il guardo in lui più si profonda,
Più e più diletta: e per vigore occulto
La mente del lettor fassi feconda.

So ben che puote anche in sermone inculto
Chiùdersi un gran pensiero; e si appresenta
Talvolta in creta anche un gran nume isculto.

E v' ha talun, ch' ebbe la cura intenta
Solo al concetto, e l' ornamento esterno
Sprezzò la mano e neghittosa e lenta:

MENZINI.

A SUBLIMIDADE NO ESCREVER.

Sublime é aquillo que, em o lendo, excita (1)
A admira-lo, e do qual fóra transluz
Belleza mór que a no fallar descripta.

Por isso a alma a venera-lo induz,
E a enche de si mesmo; elle a circunda
De uma maravilhosa amavel luz.

E quanto o olhar mais nelle se aprofunda,
Mais, mais deleita, e por vigor occulto
A mente do leitor faz-se fecunda.

Bem sei que pode inda em discurso inculto
Caber grão pensamento, e se apresenta
Talvez em greda até um grão Nume esculto;

E ha quem sempre teve a mira attenta
Só ao conceito; e o ornamento externo
Descuidou sua mão remissa e lenta.

Quindi sovente un tal costume io scerno
In quei che ratto immaginando al cielo
« Vide far di tre giri un giro eterno. »

Ma tu d' un doppio e generoso zelo
Vorrei che ardessi; e che le grandi idee
Ricco avesser per te pomposo velo.

Chi non ha l' auro, o 'l perde, è ver che bee
Il Chianti in vetro; ma più lieto in vista
Spargeria di rubin gemme eritree.

È ver che in massa ancor confusa e mista
Ha suo prezzo l' argento, e pur novella
Un artefice man grazia gli acquista.

È ver che grezzo è l' adamante, e in quella
Rúvida spoglia è prezioso; e pure
Alla fèrvida ruota e' più s' abbella.

Così le basse forme, e sì l' oscure
Fuggir tu dei, e all' arte, all' ornamento
Volger l' ingegno e le sagaci cure.

E far che splenda il non volgar talento
Ne' gran sensi non sol, ma in quello ancora
Onde si spiega un nóbile argomento.

Che se l' un tu riserbi, e l' altro fuora
Negletto lasci, non avrai per certo
La doppia palma, onde lo stil s' onora.

Quindi farassi alla tua mente aperto
Qual sia 'l contrario del sublime; in cui
Alcun non è de' detti pregi inserto.

Costume tal ás vezes eu discerno
Em quem, veloz immaginando, ao céo
Tres giros vio fazer de um giro eterno (2).

Mas duplo e generoso o zelo teu,
Eu quizera que ardesse, e que ás idéas
Grandes desses pomposo e rico véo.

Quem não tem ouro ou o perde, em vidro ás cheias
Bebe o seu Chianti, mas mais ledo á vista (3)
Rubim deitára em gemmas erythreias.

Sim, mesmo em massa inda confusa e mista
Seu valor tem a prata, e nova graça
Industre mão comtudo lhe conquista.

Bruto é, sim, o diamante, e ainda passa
Como precioso em tal rudez; o apura
Comtudo a roda que brilhar o faça.

Assim as fórmas baixas e as obscuras
Deves fugir, e á arte, ao ornamento
Voltar o engenho e dar sagaz as curas.

Faze que brilhe o não vulgar talento,
Quer em grandes conceitos, quer naquillo
Que faz desenvolver nobre argumento.

Que se guardas um só, e sem segui-lo
Deixas ao outro, não terás de certo
A dupla palma de que se honra o estylo.

Então verá a tua mente aberto
Qual seja o que ao sublime é mais contrario
Onde nenhum de dotes taes ha inserto.

Talvolta udrai dentro gli scrittl altrui
Alto rimbombo e strepitoso il suono;
Ma ve' che inganna, e non è fondo in lui.

Perchè l' alta del grande origin sono
I gran pensieri, e di febèa faretra
Fùlmine i sensi, e le parole il tuono.

(MENZINI. — ARTE POETICA.)

Em 'scriptos d'outrem tu extraordinario
O ribombo ouvirás e grão soada;
Mas vè que engana, e o fundo é immaginario.

Pois só do grande são fonte elevada
Altas idéas; são os sentimentos
De Phebo o raio e as vozes a trovoada. (4)

(MENZINI. — ARTE POETICA.)

BETTINELLI.

IL TASSO E L'ARIOSTO.

Ogni vate e pittor pinge se stesso.
Quale il Goffredo suo tal vedi il Tasso,
Che pien di studio e pien di cura tutto
Pensa, provvede e sa. Mai non trascorre
Tra l' audacia dell' ánimo, tra il sangue
Delle stragi non túrbasi, e trionfa
Di se come d' altrui. Sempre a se stesso
Eguale in senno ed in consiglio a l' opra
Move con legge e con misura, o quando
Pien di Dio lo consulta, o quando l' armi
Per la causa più giusta impugna, o quando
Vittorioso il gran sepolcro adora,
E a' suoi partendo la sacrata terra
In Oriente fonda un nuovo impero.
Ad Orlando così l' altro è simile.
Non sempre saggio è ver; amore insano
Pur lo suggetta e gli travolve il senno:

BETTINELLI.

O TASSO E O ARIOSTO.

Cada vate e pintor pinta a si mesmo.
Qual o Goffredo seu tal vês o Tasso,
Que, de cuidado e estudo cheio, tudo
Pensa, sabe e provê. Nunca se excede
Entre a audacia do ânimo, entre o sangue
Dos excidios não turva-se, e triumpha
De si como dos mais. Sempre em si mesmo,
Igual no siso e no conselho, á obra
Marcha com lei e com medida, ou quando
De Deos cheio o consulta, ou quando as armas
Pela mais justa causa empunha, ou quando
Victorioso o grão sepulchro adora,
E repartindo aos seus a sacra terra,
Em Oriente funda um novo imperio.
Assim a Orlando o outro é semelhante,
Nem sempre sabio sim; amor insano
Bem o assujeita e lhe revolve o siso.

Allor va errando a caso, allora ei segue,
Come lo porta il folle ardor, non degni
Della grand' alma obbietti, e ignudo e lordo
Non par più desso; ma sano la mente
Qual più saggio di lui? Chi non ammira
L' alma sublime e in se secura, quando
Domator, vincitor d' ogni contrasto
Non soffre inciampo e ne' perigli cresce?
A cui non arde il cor, se quel fedele
E passionato core amor compunga;
O se tra l' armi e tra il tumulto esulta
Fatto di se maggior, chi nol paventa?
Senti dal suo parlar l' ânima tutta
Sovra se stessa alto levarsi, e senti
Che um nume in lui favella, un nume spira,
E che il divino in lui valor mai sempre
Le vulgar leggi e la fatica ignora.
Fortunato colui, che in se d' entrambi
I diversi raccor pregi potesse,
E al disegno e allo studio unir del Tasso,
Il crear pronto, il colorire audace
Di lui che ancora delirando alletta!

(BETTINELLI.)

Entao errando vai acaso, e segue,
Segundo o leva o louco ardor, objectos
Não dignos da grande alma, e nú e sujo,
Já não parece o mesmo; mas si em siso,
Qual ha sabio maior? quem não admira
A alma sublime, em si segura, quando
Domador, vencedor de qualquer obice,
Embaraço não soffre, e em p'rigos cresce?
Qual coração não arde se esse fido
Apaixonado peito amor compunge?
Ou se entre as armas e o tumulto exulta
Feito maior de si, quem nao o teme?
Sentes do seu fallar a alma toda
Sobre si mesma alta elevar-se, e sentes
Que um nume nelle falla, e um nume espira.
E que o valor, nelle divino, sempre
As leis vulgares, e o cansaço ignora.
Fortunado quem d'ambos em si mesmo
As diversas juntar prendas podesse,
E ao desenho, e ao estudo unir do Tasso,
O crear prompto, o colorir ousado
Desse que ainda delirando encanta!

(BETTINELLI.)

PARINI.

IL BISOGNO.

Ode.

Oh tiranno signore
De' miseri mortali,
Oh male, oh persuasore
Orribile di mali,
Bisogno, e che non spezza
Tua 'ndomita fierezza!

Di valli adamantini
Cinge i cor la virtude;
Ma tu gli urti e rovini,
E tutto a te si schiude:
Entri; e i nobili affetti
O strozzi, od assoggetti.

PARINI.

A PRECISÃO.

Ode.

O' tyranna senhora
Da gente desditosa,
Oh mal, oh persuasora
De males horrorosa,
Precisão; qual dureza
Te resiste á fereza?

De adamantinos vallos
Cinge a Virtude os peitos;
Teus choques vem quebra-los:
Abrem-se, entras, sujeitos
Tornas ou suffocados
Affectos sublimados.

Oltre corri, e fremente
Strappi Ragion dal soglio;
E il regno della mente
Occupi pien d' orgoglio;
E ti poni a sedere
Tiranno del pensiere.

Con le folgori in mano
La legge alto minaccia,
Ma il periglio lontano
Non scolora la faccia
Di chi senza soccorso
Ha il tuo peso sul dorso.

Al misero mortale
Ogni lume s' ammorza;
Ver la scesa del male
Tu lo strascini a forza.
Ei, di se stesso in bando,
Va giù precipitando.

Ahi! l' infelice allora
I commum patti rompe,
Ogni confine ignora;
Ne' beni altrui prorompe;
Mangia i rapiti pani
Con sanguinose mani.

Ma quali odo lamenti,
E stridor di catene;
E ingegnosi stromenti
Veggo d' atroci pene
Là per quegli antri oscuri,
Cinti d' órridi muri?

Prosegues, e frem ente
A razão detronizas
E orgulhosa da mente
O reino inteiro pizas:
Alli tomas assento,
Tyranna ao pensamento.

De seus raios armado
O braço, a lei ameace;
O perigo afastado
Pallor não põe na face
De quem mui desvalido
Do teu peso é opprimido.

Ao misero mortal
Se apagão quaesquer luzes;
Ao abysmo do mal
Tu de rasto o conduzes.
Elle a si posto em bando,
Lá vai precipitando.

Ai triste! nessa hora
Os communs pactos rompe,
Todo limite ignora,
No bem alheio irrompe.
Come as roubadas padas
Com mãos ensanguentadas.

Mas quaes ouço lamentos
E estridor de cadeias,
E arteiros instrumentos
Vejo de penas feias
Lá nos antros escuros
Cintos de horridos muros?

Colà Témide armata
Tien giudicj funesti
Su la turba affannata,
Che tu persuadesti
A romper gli altrui dritti,
O padre di delitti.

Meco vieni al cospetto
Del Nume che vi siede.
No, non avrà dispetto
Che tu v' inoltri il piede.
Da lui con lieto volto
Anco il Bisogno è accolto.

O ministri di Temi,
Le spade sospendete:
Dai pùlpiti supremi
Qua l' orecchio volgete.
Chi è che pietà niega
Al Bisogno che prega?

Perdon, dic' ei, perdono
Ai miseri cruciati.
Io son l' autore, io sono
De' lor primi peccati:
Sia contro a me diretta
La pùbblica vendetta.

Ma quale a tai parole
Giùdice si commove?
Qual dell' umana prole
A pietade si move?
Tu, Wirtz, uom saggio e giusto
Ne dai l' esenpio augusto;

Alli Themis armada
Lavra fataes sentenças
Sobre a turba anciada,
Que induziste ás offensas,
Dos direitos alheios,
O' mãi de crimes feios.

Vem comigo á presença
Do Nume alli sentado:
Não, te não leva a offensa,
Que alli tenhas entrado:
Tambem com ledo rosto
A Precisão dá posto.

De Themis suspendei
Ministros as espadas;
Os olhos cá volvei
Das sédes elevadas.
Quem sem piedade affoga
A Precisão que roga?

Perdão, perdão, diz ella,
Aos pobres condemnados.
Autora eu sou singela
Dos seus primos peccados:
Contra mim venha a lança
Da pública vingança.

Mas á falla presente
Qual juiz se commove?
E quem da humana gente
A piedade se move?
Tu, Wirtz, que sabio e justo
Dás disso exemplo augusto.

Tu, cui si spesso vinse
Dolor degl' infelici,
Che il bisogno sospinse
A por le rapitrici
Mani nell' altrui parte
O per forza, o per arte;

E il cárcere temuto
Lor lieto spalancasti;
E dando oro ed ajuto,
Generoso insegnasti
Come senza le pene
Il fallo si previene.

(PARINI.)

Tu que cem vezes tido
Tens dó dos desgraçados,
Que a Precisão movido
Tem, por ella obrigados,
A com a força ou com arte
Roubar á alheia parte.

E o cárcere temido
Ledo lhes descerraste,
E, ouro e auxilio accrescido,
Generoso ensinaste
Como, sem os rigores,
Previnem-se os errores.

(PARINI.

IL MATTINO DEL NOBILE.

Sorge il mattino in compagnia dell' alba
Innanzi al sol che di poi grande appare
Su l' estremo orizzonte a render lieti
Gli animali e le piante e i campi e l' onde.
Allora il buon villan sorge dal caro
Letto, cui la fedel sposa e i minori
Suoi figliuoletti intiepidir la notte;
Poi sul collo recando i sacri arnesi,
Che prima ritrovar Cérere e Pale,
Va col bue lento innnanzi al campo , e scuote
Lungo il picciol sentier da' curvi rami
Il rugiadoso umor che, quasi gemma,
I nascenti del sol raggi rifrange.
Allora sorge il fabbro, e la sonante
Officina riapre, e all' opre torna
L' altro dì non perfette; o se di chiave
Ardua e ferrati ingegni all' inquieto
Ricco l' arche assecura , o se d' argento
E d' oro incider vuol gioielli e vasi,
Per ornamento a nuove spose o a mense.

A MADRUGADA DO FIDALGO.

Surge a manhãa da Aurora acompanhada
Antes do sol, que grande após se mostra
Sobre o extremo horizonte, a tornar ledas
As plantas, animaes, ondas e campos.
Então o bom villão surge do caro
Leito que a fida esposa, e que na noite
Seus menores filhinhos aquecêrão.
Depois ás costas pondo os sacros trastes,
Que primeira inventou Ceres e Pales,
Ao campo vai c'o lento boi adiante
Dos incurvados ramos sacudindo
No trilho estreito o orvalho, que mal gemma
Os nascentes do sol raios refrange:
E surge então o artifice, e a sonante
Officina reabre, e ás obras torna
Hontem não concluidas, quer com ardua
Chave ou com ferreo engenho ao inquieto
Rico os cofres segure, quer de prata
Ou d'ouro entalhar queira adreços, vasos
Para ornato de noivas ou de mesas.

Ma che? tu inorridisci, e mostri in capo
Qual istrice pungente, irti i capegli
Al suon di mie parole? Ah! non è questo,
Signor, il tuo mattin. Tu col cadente
Sol non sedesti a parca mensa; e, al lume
Dell' incerto crepùscolo, non gisti
Ieri a corcarti in male agiate piume,
Come dannato è a far l' ùmile vulgo.
A voi celeste prole, a voi, concilio
Di Semidei terreni, altro concesse
Giove benigno; e con altr' arti e leggi
Per nuovo calle a me convien guidarvi.

Tu tra le veglie e le canore scene,
E il patètico gioco, oltre più assai
Producesti la notte; e stanco alfine,
In aureo cocchio, col fragor di calde
Precipitose rote, e il calpestio
Di volanti corsier, lungi agitasti
Il queto aere notturno, e le tenèbre
Con fiàccole superbe incontro apristi;
Siccome allor che il Sìculo terreno
Dall' uno all' altro mar rimbombar feo
Pluto col carro, a cui splendèano innanzi
Le tede de le Furie anguicrinite.

Così tornasti a la magion; ma quivi
A novi studi ti attendea la mensa,
Cui ricoprìan pruriginosi cibi
E licor lieti di Francesi colli,
O d' Ispani o di Toschi, o l' Ongarese

Mas que?! gelas de horror?! mostras na testa
Como a do porco-espinho hispida a coma
Dos meus ditos ao som?! Ah! não é esta,
Senhor, a manhãa tua. A parca mesa
Tu não cêaste ao pôr do sol, e ao lume
Do crepúsculo incerto te não foste
Hontem deitar em mal commodas plumas
Como tem de fazer o humilde vulgo.
A vós celeste prole, a vós, conselho
De Semi-deoses terreaes, deu brando
Jove outra sorte, e vos guiar com outras
Artes e leis por novo trilho e eu devo.

Entre vigilias, e as canoras scenas,
E o pathético jogo assaz mais longe
Tu protraheste á noite, e emfim cançado,
Em aureo coche co' fragor de quentes
Precipitadas rodas, e patadas
De volantes ginetes sacudiste
Longe e quedo ar nocturno, e com soberbas
Tochas entorno foste abrindo as trevas;
Tal como quando o Siculo terreno
Ribombar fez Plutão de um mar ao outro,
Com o carro ante o qual resplandecião
Das anguicomas Furias as tedas.

Assim voltaste á casa; mas a novos
Estudos te esperava alli á mesa,
Que gostosos manjares já cobrião
E alegres vinhos de Francezes colles.
Ou d'Hespanha e Toscana, ou a Hungareza

Bottiglia, a cui di verde édera Bacco
Concedette corona, e disse: siedi
De le mense reina. Al fine il Sonno
Ti sprimacciò le mórbide coltrici
Di propria mano; ove, te, accolto, il fido
Servo calò le sériche cortine,
E a te soavemente i lumi chiuse
Il gallo, che li suole aprire altrui.

Dritto è perciò che a te gli stanchi sensi
Non sciolga da' papáveri tenaci
Morfëo prima, che già grande il giorno
Tenti di penetrar fra gli spiragli
De le dorate imposte, e la parete
Pingano a stento in alcun lato i raggi
Del Sol, ch' eccelso a te pende sul capo.
Or qui principio le leggiadre cure
Denno aver del tuo Giorno; e quinci io debbo
Sciorre il mio legno, e co' precetti miei
Te ad alte imprese ammaestrar cantando.

(PARINI. — IL GIORNO.)

Garrafa à qual de verdes heras Baccho
Corôa concedeu, e disse: sejas
Das mesas a rainha. Emfim, o Somno
Co'a propria mão as macientas colchas
Abrio-te, e nellas te acolheu, e o fido
Servo arriou as sericas cortinas;
E a ti fechou suavemente os olhos
O gallo que os costuma abrir aos outros.

Justo pois é que teus sentidos lassos
Das tenazes papoulas não desprenda
Morpheo antes que o dia mui crescido
Jã tente penetrar por entre as frestas
Das douradas janellas, e a parede
Pintem com custo em algum lado os raios
Do sol que sobre a testa alto te pende.
Aqui principio devem do teu dia
Ter os bellos cuidados; de aqui devo
Soltar meu barco, e com os meus preceitos
A emprezas altas te afazer cantando.

(PARINI.—O DIA.

PINDEMONTE.

L'ANNIVERSARIO DELLA VITTORIA.

Canto di Bardi Cheruschi.

TUTTO IL CORO.

Dalla culla tua celeste,
  Quando rechi questo dì,
Sorgi, o Sole, e le foreste
  Sempre indora, o Sol, così.

UN BARDO.

  Qual, se d' autunno invade
Questa gran selva il vento,
Pioggia di foglie cade
Da cento rami e cento:
Di secche frondi pieno
Sparir sembra il terreno:

PINDEMONTE.

O ANNIVERSARIO DA VICTORIA.

Canto de Bardos Keruscos.

TODO O CÔRO.

Quando trazes do celeste (1)
Berço teu tal dia aqui,
Surge, ó Sol, e as selvas veste
Sempre d'ouro, ó Sol, assi

UM BARDO.

Qual se no outono sahe
Pela gram selva o vento,
Chuva de folhas cahe
De cem ramos e cento;
E pelas seccas folhas
Terreno já não olhas.

Tale, ed ancor più spessa,
Sotto la man Germana
Per questa selva stessa
Cadea l' oste Romana:
Pasto cadea di torvi
Lupi e d' ingordi corvi.

Tanto fischiar di strali,
Brillar di brandi ignudi,
Colpi così mortali,
Urto sì fier di scudi,
Sangue non fu mai tanto,
Nè più letizia e pianto.

I fiumi in rosso tinti,
E d' armi e di stendardi
Pieni, e di corpi estinti
Al mar giunsero tardi,
Al mar, che impaurito
S' allontanò dal lito.

TUTTO IL CORO.

Dalla culla tua celeste,
Quando rechi questo dì,
Sorgi, o Sole, e le foreste
Sempre indora, o Sol, così.

UN BARDO.

Volgan dolce e sereno il guardo al Norte
Odino, e l' alta sua compagna Frea,
Di cui non vanta la celeste corte
Nè Dio più grande, nè più bella Dea,
Egli crea tutto, e la gentil consorte
Tutto più vago fa quel ch' egli crea:

Tal e inda mais espessa,
Cahio sob mão Germana
Por estes bosques essa
Hostil gente Romana:
Pasto cahio de torvos
Lobos, golosos corvos.

Tanto silvar de dardos,
Brilhar de espadas nuas,
Golpes mortaes galhardos,
Luctas de escudos cruas
Nunca taes houve, e tanto
Sangue, alegria e pranto.

Os rios enrubrados,
D'armas, pendões, ficárão
Cheios e d'expirados;
Mais tarde ao mar chegárão,
Ao mar que se espantava,
E á praia se furtava.

TODO O CÔRO.

Quando trazes do celeste
Berço teu tal dia aqui,
Surge, ó Sol, e as selvas veste
D'ouro sempre, ó Sol, assi.

UM BARDO.

Voltem doce e sereno o olhar ao Norte
Odin e Fréa sua excelsa esposa,
Dos quaes não apresenta a etherea côrte
Nume mais grande e Deosa mais formosa.
Tudo elle cria, e a gentil consorte
Ao que elle faz dá face mais mimosa

A un sol degli occhi suoi raggio fecondo
Ringiovenito si colora il mondo.

TUTTO IL CORO.

Ella da lui già nacque
Prima d' ogni altra cosa:
Ma tanto poi gli piacque,
Ch' ei la nomò sua sposa.

Qual su le nevi è il Sole,
Era il suo crin sul petto;
I passi eran carole,
Música ogni suo detto.

Tore tra i primi frutti
Fu del lor mutuo amore,
E de' lor figli tutti
Il più possente è Tore.

Vibrar quasi per gioco
Suol quello stral rovente,
Che il cielo empie di foco,
E di terror la gente.

Contra i rei Spiriti
L' arme divine
Lancia instancabile:
Ma vinto al fine
Ceder dovrà.

Del mondo i cárdini
Fien rotti allora,
E fiamma rápida
Tutto in brev' ora.
Consumerà.

A hum só dos olhos seus raio fecundo,
Remoça, e todo toma côr o mundo.

OUTRO BARDO.

Delle prenasceu ella
A quanto do ser goza :
Depois a achou tão bella
Que lhe chamou de esposa.

Qual sol em neve a coma
No peito lhe cahia:
Por dansa o andar se toma,
Por canto o que dizia :

Tores foi destes modos
Primicia dos amores :
E entre os seus filhos todos
O mais potente é Tores.

Arroja elle brincando
A setta encandecente,
Que o céo vai incendiando,
E enche de susto a gente.

Aos máos espiritos,
Jámais cançado,
Bate fulmineo;
Mas aterrado
Emfim será.

Então, nos quicios
Quebrado o mundo,
Em chamma rápida
Da cima ao fundo
Em cinza irá.

Ma una più fertile,
Una più bella
Dalle sue ceneri
Terra novella
Risorgerà.

Avvinti gli orridi
Venti saranno,
E assai men gélido
Su i monti l' anno
Comparirà.

TUTTO IL CORO.

Dalla culla tua celeste,
Quando rechi questo dì,
Sorgi, o Sole, e le foreste
Sempre indora, o Sol, così.

(PINDEMONTE. — ARMINIO.)

Mas mais fructifera
Terra, e mais bella,
Terra novissima
Entonces della
Resurgirá.

Já ventos hórridos
Não farão damno;
E menos gélido
Na serra o anno
Se mostrará.

TODO O CÔRO.

Quando trazes do celeste
Berço teu tal dia aqui,
Surge, ó sol, e as selvas veste
Sempre d'ouro, ó sol, assi.

(PINDEMONTE. — ARMINIO.)

FOSCOLO.

LA SORTE DELL' ITALIA.

AVERARDO.

Giusto duolo armò il padre; or si rimane,
Chè oltre molte cagioni oggi il costringe
Anche l' amor per l' infelice Italia.

GUELFO.

Amor d' Italia? A basso intento è velo
Spesso: e tale oggimai s' è fatta Italia,
Ch' io non che dirmi suo campione, e inulto
Lasciar per essa d' un mio figlio il sangue,
Io sdegnerei di dominarla, ov' anche
Sterminar potess' io tutti i suoi mille
Vili signori, e la più vil sua plebe.

AVERARDO.

Inerme freme, e sembra vile Italia
Da che i signori suoi vietáno il brando
Al depredato cittadino, e cinti

FOSCOLO.

A SORTE DA ITALIA.

AVERARDO.

Uma dôr justa armou o pai; accresce
Que além de outros motivos hoje o adstringe
Tambem o amor pela infeliz Italia.

GUELFO.

Amor da Italia?! É véo de baixo intento
Muitas vezes: e emfim tal fez-se Italia,
Que, bem alheio de campião ser della,
E por ella deixar de um filho inulto
O sangue, domina-la eu não quizera,
Quando eu exterminar seus mil podesse
Senhores vis, e inda mais vil sua plebe.

AVERARDO.

Inerme freme e vil parece Italia
Des que os senhores seus vedão a espada
Ao despojado cidadão, e ao meio

Di sgherri o di mal compre armi straniere
Córrono a rissa per furor di strage
E di rapina; e fan de dritti altrui
Schermo e pretesto alla vendetta, e quindi
Or di Lamagna i ferri, or gl' interdetti
Del Vaticano invócano. Ben s' ode
Il Pastor de' fedeli gridar: — Pace. —
Ma frattanto, a calcar l' antico scettro
Che a Césare per tanto órdine d' anni
Diédero i cieli, attizza i prenci: indurli
Ben può alle colpe; non celarle al guardo
Di chi vindice eterno il ver conosce.
Ma a noi che pro chi vinca? Infame danno
Bensì a noi vien dal parteggiar da servi
In questa pugna fra la croce e il trono,
Per cui città a cittade, e prence a prence,
E castello a castello, e il padre a figlio
Pace contende, e infiamma a guerra eterna
L' odio degli avi, ed a' nepoti il nutre.
E di sangue, e d' obbrobrio inonderemo
Per l' ire altrui la patria? Imbelle, abbietta,
Divisa la vedran dunque i nepoti
Per l' ire altrui? Preda dell' ire altrui
Forse da tante e grandi alme d' eroi
Fondata fu? — Togli alla Guelfa setta,
Che in te fida, l' ardire; e a' Ghibellini
Averardo il torrà. Congiunte e alfine
Brandite sien da cittadine mani
Le spade nostre; e in cittadini petti
Trasfonderemo altro valore, altr' ira;
E co' pochi magnànimi trarremo

De esbirros e de estranha e mal comprada
Tropa, contendem por furor de sangue
E de rapina, e no direito alheio
Buscão pretextos á vingança, e logo
Os ferros da Allemanha e os interdictos
Do Vaticano invocão; bem ouvimos
O Pastor dos fieis gritando: — Pazes!—
Mas entanto a calcar o antigo sceptro,
Que a Cesar por extensa serie de annos
Derão os céos, os principes incita.
Póde aos crimes leva-los, ao eterno
Vingador, que vê tudo, estes não cobre.
A vós que importa que alguem vença? infame
Damno, sim, vem-nos em tomar quaes servos
Parte em taes luctas entre a cruz e o trhono,
Que cidade a cidade, e sceptro a sceptro,
E castello a castello, e o pai ao filho
Tornão adverso, e accendem guerra eterna
De avós por odios, nutrem os dos netos.
E de opprobrio e de sangue innundaremos
Por ira alheia a patria? Imbelle, abjecta
Dividida a verão então os netos
Pela ira alheia?! Preza de ira alheia
Talvez por tantas e tão grandes almas
De heróes fundada foi? Tira dos Guelfos.
Que em ti fião, o ardil; dos Guibellinos
Logo Averardo o tirará; conjunctas
Sejão nossas espadas só brandidas
Por mão de cidadãos, destes nos peitos
Outro valor, outr' ira infundiremos;
E com poucos magnánimos os tantos

I molti e dubbii Itali prenci a farsi
Non masnadieri, partigiani, o sgherri,
Ma guerrieri d' Italia. Ardua è l' impresa,
E incerta forse, ma onorata almeno
Fia la rovina; e degli antichi al nome
L' età future aggiugneranno il nostro.

(FOSCOLO. — RICCIARDA.)

E indecididos principes da Italia
Levaremos a ser não assassinos,
Partidistas e esbirros, mas de Italia
Guerreiros: Talvez ardua e incerta empreza:
Mas na ruina haverá gloria; e o nome
Nosso aos antigos juntarão os evos.

(FOSCOLO.—RICCIARDA.)

MANZONI.

LA GUERRA FRA GLI STATI ITALIANI.

CORO.

S' ode a destra uno squillo di tromba;
A sinistra risponde uno squillo:
D' ambo i lati calpesto rimbomba
Da cavalli e da fanti il terren.
Quinci spunta per l' aria un vessillo;
Quindi un altro s' avanza spiegato:
Ecco appare un drappello schierato:
Ecco un altro che incontro gli vien.

Già di mezzo sparito è il terreno;
Già le spade rispingon le spade;
L' un dell' altro le immerge nel seno;
Gronda il sangue; raddoppia il ferir. —
Chi son essi? Alle belle contrade
Qual ne venne straniero a far guerra?
Qual è quei che ha giurato la terra
Dove nacque far salva, o morir?

MANZONI.

A GUERRA ENTRE OS ESTADOS ITALIANOS.

CÔRO.

Ouço á dextra um sonido de tromba,
Eis á esquerda responde um sonido
De peões e cavallos: ribomba
Cá e lá o terreno ao pisar.
Um pendão lá no ar eis surgido;
Eis cá outro vir desenrolado:
Um exército eis vê-se formado:
Eis um outro que o vem atacar.

Já sumio-se o terreno no meio;
Já espadas repellem espadas;
Um do outro as mergulhão no seio,
Corre o sangue, e o ferir vai crescer.
Quem são elles? Em plagas tão gradas
Qual estranho fazer-nos vem guerra?
E quem é que jurou esta terra
Berço delle salvar ou morrer?

D' una terra son tutti: un linguaggio
Parlan tutti: fratelli li dice
Lo straniero: il comune lignaggio
A ognun d' essi dal volto traspar.
Questa terra fu a tutti nudrice,
Questa terra di sangue ora intrisa,
Che Natura dall' altre ha divisa,
E recinta coll' Alpe e col mar.

Ahi! Qual d' essi il sacrilego brando
Trasse il primo il fratello a ferire?
Oh terror? Del conflitto esecrando
La cagione esecranda qual' è?
Non la sanno: a dar morte, a morire
Qui senz' ira ognun d' essi è venuto,
E venduto ad un duce venduto,
Con lui pugna, e non chiede il perchè.

Ahi sventura! Ma spose non hanno,
Non han madri gli stolti guerrieri?
Perchè tutte i lor cari non vanno
Dall' ignobile campo a strappar?
E i vegliardi che ai casti pensieri
Della tomba già schiudon la mente,
Che non tentan la turba furente
Con prudenti parole placar? —

Come assiso talvolta il villano
Sulla porta del cheto abituro,
Segna il nembo che scende lontano
Sovra i campi che arati ei non ha;

Todos são de uma terra; a linguagem
Mesma fallão: o estranho lhes chama
Uns dos outros irmãos; e a linhagem
Mesma em todos do rosto ha no ar.
Esta terra de todos foi ama;
Esta terra ora em sangue banhada,
Por Natura das mais separada,
E c'os Alpes cingida, e c'o mar.

Ai! qual delles da espada puxando
Seu irmão a ferir primo aspira?
Oh terror! do conflicto execrando
A razão execranda qual é?
Nao a sabem; cá todos sem ira
A matar, e morrer tem corrido;
E vendidos a um chefe vendido,
Juntos pugnão, nem pedem porque.

Oh desgraça! Mas não tem esposas,
Não tem mãis os estultos soldados?
Os seus caros porque pressurosas
Do vil campo não vem arrancar?
E os anciãos que já vão recatados
O sepulchro volvendo na mente,
Porque deixão de a turba furente
Com prudentes palavras calmar?

Qual ás vezes á porta da choça
Socegado o camponio sentado,
Mostra ao longe a borrasca que grossa
Cahe em campos aos quaes não lavrou.

Così udresti ciascun che sicuro
Vede lungi le armate coorti,
Raccontar le migliaia de' morti,
E la pièta dell' arse città.

Là, pendenti dal labbro materno
Vedi i figli, che impárano intenti
A distinguer con nomi di scherno
Quei che andranno ad uccidere un dì;
Qui le donne alle veglie lucenti
Dei monili far pompa e dei cinti,
Che alle donne deserte dei vinti
Il marito o l' amante rapì. —

Ahi sventura! sventura! sventura!
Già la terra è coperta d' uccisi:
Tutta è sangue la vasta pianura;
Cresce il grido, raddoppia il furor.
Ma negli ordini manchi e divisi
Mal si regge, già cede una schiera;
Già nel volgo, che vincer dispera,
Della vita rinasce l' amor.

Come il grano lanciato dal pieno
Ventilabro nell' aria si spande:
Tale intorno per l' ampio terreno
Si sparpágliano i vinti guerrier.
Ma improvvise terribili bande
Ai fuggenti s' affaccian sul calle;
Ma si sentou più presso alle spalle
Scalpitare il temuto destrier.

Assim ouves cad'um, que afastado
Vè seguro as armadas cohortes,
Ir contando os milhares de mortes,
E as cidades que o fogo assolou.

Lá, do labio materno pendentes
Vês os filhos, que aprendem attentos
A com nomes marcar insolentes
Os que um dia irão elles matar.
Dos brilhantes saráos nos momentos
Aqui damas tu vês mui pomposas
De colares, que a viuvas esposas
Seu amante ou marido robou.

Desventura! fatal desventura!
Já de mortos 'stá o solo coberto;
Toda é sangue essa vasta planura,
Cresce a grita, redobra o furor.
Mas com falhas e grão desconcerto
Nas fileiras ceder vê-se um bando,
E no vulgo, mais nada esperando,
Já da vida renasce o amor.

Como o trigo lançado do pleno
Ventilabro nos ares se espalha,
Taes dispersos pelo amplo terreno
Os vencidos guerreiros lá vão.
Mas a via aos fugintes atalha
Fero bando das partes oppostas;
Já sentindo mais perto das costas
Os temidos cavallos estão.

Cadon trépidi a piè dei nemici,
Rendon l'arme, si danno prigioni:
Il clamor delle turbe vittrici
Copre i lai del tapino che muor.
Un corriero è salito in arcioni,
Prende un foglio, il ripone, s'avvia,
Sferza, sprona, divora la via;
Ogni villa si desta al romor.

Perchè tutti sul pesto cammino
Dalle case, dai campi accorrete?
Ognun chiede con ansia al vicino:
Che gioconda novella recò?
Donde ei venga, infelici, il sapete,
E sperate che gioia favelli?
I fratelli hanno ucciso i fratelli:
Questa orrenda novella vi do.

Odo intorno festevoli gridi;
S'orna il tempio, e risuona del canto;
Già s'innalzan dai cuori omicidi
Grazie ed inni che abbómina il Ciel. —
Giù dal cerchio dell' Alpi frattanto
Lo straniero gli sguardi rivolve;
Vede i forti che mordon la polve,
E li conta con gioia crudel. —

Affrettatevi, empite le schiere,
Sospendete i trionfi ed i giuochi,
Ritornate alle vostre bandiere;
Lo straniero discende; egli è qui.

Dos imigos aos pés já trementes,
Depõe armas, se rendem em cheio:
O clamor das cohortes vencentes
Do expirante infeliz cobre os ais.
Já montou-se no arção um correio,
Leva um prego que guarda; de espor.
Toca, açoita, o caminho devora;
Sua bulha alvoroça arraiaes.

Porque todos pisando o caminho,
Casas, campos deixais appressados?
Todos pedem com ancia ao visinho:
Que jucunda noticia chegou?
Donde vem já sabeis, desgraçados,
E uns de vós com ledices contarão?
Os irmãos aos irmãos degolárão:
Esta horrenda noticia vos dou.

Ouço entorno festivos clamores;
Sôa o templo adornado de canto;
Já dos peitos de mortes autores
Surgem hymnos que o céo nem quer ver. —
Lá da cerca dos Alpes entanto
Para abaixo olha a vista estrangeira;
Vê os fortes mordendo a poeira;
Ella os conta com fero prazer. —

Apressai-vos, enchei as fileiras,
Suspendei os triumphos, á festa:
Tornai promptos ás vossas bandeiras;
O estrangeiro já vem; já chegou.

Vincitor! siete deboli e pochi?...
Ma per questo a sfidarvi ei discende;
E voglioso a quei campi v' attende
Ove il vostro fratello perì. —

Tu che angusta a' tuoi figli parevi;
Tu che in pace nutrirli non sai,
Fatal terra, gli strani ricevi:
Tal giudicio comincia per te.
Un nemico che offeso non hai,
A tue mense insultando s' asside;
Degli stolti le spoglie divide;
Toglie il brando di mano a tuoi re.

Stolto anch' esso! Beta fu mai
Gente alcuna per sangue ed oltraggio?
Solo al vinto non tóccano i guai;
Torna in pianto dell' empio il gioir.
Ben talor nel superbo viaggio
Non l' abbatte l' eterna vendetta,
Ma lo segna; ma veglia ed aspetta;
Ma lo coglie all' estremo sospir.

Tutti fatti a sembianza d' un Solo;
Figli tutti d' un solo riscatto,
In qual' ora, in qual parte del suolo
Trascorriamo quest' aura vital,
Siam fratelli: siam stretti ad un patto:
Maladetto colui che lo infrange,
Che s' innalza sul fiacco che piange,
Che contrista uno spirto immortal!

(MANZONI. — CONDE DE CARMANHOLA.)

Fracos?!... poucos?!... é a palma que resta,
Mas por isso elle vem procurar-vos,
E no campo lá quer esperar-vos
Onde a vida o irmão vosso acabou.

Tu, que os filhos achárão estreita,
Tu que em paz os manter não soubeste,
Fatal terra, os estranhos aceita,
Teus destinos agora taes são.
Um imigo, que nunca offendeste,
Ao teu mesmo banquete te insulta,
E reparte os despojos da estulta,
Aos teus reis tira a espada da mão.

Tambem 'stulto! Alguem houve ditoso
Ou por meio de sangue ou de ultragem?
Só não fica o vencido choroso,
Finda em pranto do iniquo o prazer.
Sim, ás vezes na ufana viagem
Não o abate a divina vingança,
Marca-o só, vela, espera; eis o alcança
Á final em o extremo gemer.

Todos feitos de um Só c'o semblante;
Filhos todos do mesmo resgate,
Ondequer, em qualquer dos instantes
Que gozamos desta aura vital,
Irmãos somos, nos liga um só trate:
Maldiçoado quem rompe-o, quem alto
Sóbe ao choro do misero e falto,
Quem constrista um esp'rito immortal.

(MANZONI. — CONDE DE CARMANHOLA.)

NICCOLINI.

LA CLEMENZA E LA CRUDELTÀ.

AGAMENNONE.

Io deggio ai vinti
Serbar pietade.

ULISSE.

O re, lasciala al volgo.
Imita i Numi: dei felici a loro
Piace la causa: qual potente scelse
Fra i miseri l' amico? Il regno cedi,
Se pretendi esser pio.

AGAMENNONE.

Del trono è degno
Chi sta contro la sorte, e degli Dei
L' ingiustizia corregge. A Giove piacque
I Frigi abbandonar: piace ad Atride
Di protèggerli il vanto. Ulisse, anch' io
Vivo nel lutto, e a compatir l' altrui
Il mio m' insegna.

ULISSE.

La clemenza ai regi

NICCOLINI.

A CLEMENCIA E A CRUELDADE.

AGAMEMNON.

Eu aos vencidos
Devo a clemencia.

ULYSSES.

O' Rei, ao vulgo a deixa.
Imita os céos; a elles dos felizes
Agrada a causa; qual potente escolhe
Nos miseros o amigo? O reino cede
Se pretendes ser pio.

AGAMEMNON.

Digno do throno
É quem affronta a sorte, e dos Celestes
A injustiça corrige. Aprouve a Jove
Abandonar os Phrygios; praz a Atrídes
De os proteger o gabo. Eu tambem vivo
No luto, Ulysses, e a ter dó do alheio
O meu me ensina.

ULYSSES.

Aos reis frequentemente

Spesso è fatale; tu che in questa polve
D' Asia comun sepolcro e dell' Europa
Leggi lo sdegno dei cangiati Numi,
Dimmi, non sai perchè dei Frigi il sire
Senza pianto vi giace e senza nome?
Fu pietoso: non regno avrebbe e vita,
E onor perduto, se più re che padre
Era costui, se del suo figlio ai pianti
Chiudea l' orecchia, se al tradito sposo
Rendea, più saggio, la beltà spartana;
Ma vinto da pietà l' achea vendetta
Con Páride irritò: pel suo rifiuto
Crebbe l' ingiuria onde la Grecia armossi.
Ti sovvenga di lui; non diè la sorte
Maggiore esempio.

AGAMENNONE.

Ulisse, io seguo il core,
E non gli esempii: nè temer poss' io
De Priamo i casi. Ei proteggea delitti;
Io li vieto.

ULISSE.

E delitto, Atride, appelli
La volontà dei Numi?

AGAMENNONE.

E tal la credi?
Chi questi Numi udì? parláno sempre
Dei sacerdoti per la bocca, e sono
Mortali i sacerdoti. In cor mi sento
Orácolo migliore: il tuo Calcante
(Se mi condanna il core) invan m' assolve.

(NICCOLINI. — *Polissena*.

É fatal a clemencia; e tu, que neste
Pó d'Asia e Europa communal sepulchro
Lês ora o enfado dos mudados Numes,
Dize, não sabes porque o rei dos Phrygios
Nelle aqui jaz sem pranto e sem ter campa?
Foi piedoso. Não reino houvera e vida
Perdido, e a honra, se mais rei houvera
Sido que pai, se de seu filho aos prantos
Fechára o ouvido, e se ao trahido esposo
Mais sabio a bella Helena elle tornára.
Mas vencido de dó elle com Páris
Gregas vinganças provocou; negando,
Dobrou a injuria, e então a Grecia armou-se.
Lembra-te delle; não tem dado a sorte
Maior exemplo.

AGAMEMNON.

Ao coração, Ulysses,
Sigo, não aos exemplos: nem eu posso
Temer de Priamo a sorte; elle aos delictos
Amparava; eu os vedo.

ULYSSES.

E chamas crime
Dos Numes a vontade?

AGAMEMNON.

E tal a julgas?
Quem taes Numes ouvio? Dos sacerdotes
Sempre elles fallão pela boca, e homens
Os sacerdotes são. Sinto em meu peito
Oráculo melhor: o teu Calcante
(Se o coração me accusa) em vão me absolve.

(NICCOLINI.—POLYSSENA.)

SILVIO PELLICO.

IL SOSPIRO.

Amor è sospiro
D' un core gemente,
Che solo si sente,
Che brama pietà:

Dolore è sospiro
D' un cor senz' aita,
Per cui più la vita
Incanto non ha.

Speranza è sospiro
D' un core, se agogna,
Se mira, se sogna
Ridente balen:

Timore è sospiro
D' un core abbattuto,
Che forse ha perduto
Un' ombra di ben.

SILVIO PELLICO.

O SUSPIRO.

O amor é suspiro
De uma alma gemente,
A qual só se sente
E quer compaixão.

A dôr é suspiro
De uma alma opprimida,
A qual acha a vida
Sem satisfação.

A esp'rança é suspiro
De uma alma, se aspira,
Se sonha, se mira
Risonho fuzil.

O medo é suspiro
De uma alma abatida,
Talvez por perdida
Lisonja gentil.

Timore, speranza,
Dolore ed amore
Del leve uman core
Son vario sospir:

Sospiro son breve
La gioia, il martiro;
Son breve sospiro
La vita, il morir.

E pure in sì breve
Sospiro, o mio Dio,
M' hai dato il desìo
D' accoglierti in me!

M' hai dato una luce
Che diva si sente,
M' hai dato una mente
Ch' elévasi a te.

(SILVIO PELLICO.)

Dôr, medo, esperança
E amor do leviano
Coiação humano,
Suspiros vem ser.

Suspiro são breve
A pena o prazer,
São breve suspiro
A vida e o morrer.

Mas neste suspiro,
Meu Deos, breve assim,
Me déste o desejo
De estares em mim.

Me déste uma luz
Que diva se sente,
Me deste uma mente
Que a ti me conduz.

(SILVIO PELLICO.)

LA MENTE.

E che importa ovunque gema
Questa salma sciagurata,
S' altra possa Iddio m' ha data
Che null' uom può vincolar?

Della creta dagl' inciampi
Esce rápida la mente:
Più d' un tempo è a lei presente,
Cielo abbraccia e terra, e mar.

Io non son quest' egre membra
Di poc' alito captive;
Io son alma che in Dio vive,
Io son libero pensier.

Io son ente, che, securo
Come l' áquila sul monte,
Mira intorno, e l' all ha pronte
Ogni loco a posseder.

Invisibile discendo
Or a questi, or a quei lari;
Bevo l' aura de miei carl,
Piango e rido in mezzo a lor.

A MENTE.

E que importa ondequer gema
Este triste corpo meu,
Se outra força Deos me deu
Que ninguem póde amarrar.

Dos obstáculos da greda
Mui veloz se sahe a mente.
Mais de um tempo é-lhe presente,
Céo abraça, e terra, e mar.

Eu não sou este a pouc' aura
Corpo escravo mui languente,
Alma sou em Deos vivente,
E sou eu livre pensar.

Sou um ente que seguro
Como a aguia sobre a serra,
Olha em roda, e quanta ha terra
Azas tem para a alcançar.

Para uns, para outros lares
Invisivel vou baixando,
Rindo entre elles e chorando,
Dos meus caros bebo o ar.

De' lontani veggio i guardi,
De' lontani ascolto i detti:
Mille gaudii d' altrui petti
Mi riverberan nel cor.

Essi pur, benchè da loro
Lungi sia mio seno oppresso,
San che li amo, san che spesso
A lor palpito vicin:

San che sol la minor parte
Di me preda è degli affanni;
San che l' alma ha forti vanni,
Che il suo vol non ha confin.

Lode eterna al Re de' Cieli
Che m' ha dato questa mente
Che lo immágina, che il sente,
Che parlargli e udirlo può!

Morte, invan brandisci il ferro:
Di che mai tremar degg' io?
Sono spirto, e spirto è Dio;
Nel suo sen mi salverò.

(SILVIO PELLICO.)

FINE.

De quem dista o olhar eu vejo,
Da voz sua ouço os effeitos,
Mil prazeres de outros peitos
Vem no meu reverberar.

Tambem elles bem que oppresso
O meu peito esteja ausente,
Sabem que amo-os, que alli rente
Mil palpites sinto assim.

Sabem sim que a menor parte
De mim só geme sem calma;
Que azas fortes tem a alma,
Que seus vôos não tem fim.

Louvor sempre ao Rei dos Céos
Que dom fez-me desta mente,
Que immagina-o e que o sente,
Póde ouvi-lo e lhe fallar.

Morte, em vão brandes o ferro:
Para que receios meus?
Sou esp'rito, e esp'rito é Deos;
Hei de nelle me salvar.

(SILVIO PELLICO.)

FIM.

NOTAS

AO RAMALHETE POETICO

DO PARNASO ITALIANO.

DANTE.

DANTE ALIGHIERI nasceu em Florença em 1265, e falleceu em Ravenna aos 14 de setembro de 1321. Foi o homem mais sabio do seu seculo, e de um saber universal para aquella época que chama-se o seculo de Dante. E' honroso para a classe medica o podê-lo contar nos matriculados na sua profissão. Nenhum sabio, nenhum poeta foi dotado de uma immaginação mais forte, mais grande e mais variada do que elle. A este respeito o seu poema é superior a todos os que tem sido escriptos, e é duvidoso que alguem para o futuro possa superá-lo. Este poema é a sua *Divina Comedia*, a qual foi assim por elle intitulada, porque poema de estylos mixtos que admitte ás vezes o vulgar e o comico; e que elle escreveu para se vingar dos seus inimigos. Pertenceu Dante á facção Guelfa, com a qual militou contra os Guibellinos, e da qual se desgostou assim como destes, para os quaes se passou. Occupou varios cargos publicos no seu paiz, e malquistou-se com os seus patricios que á final o banirão e excitárão a sua colera. Homero cantou a ira de Achilles, Dante cantou, por assim dizer, a propria: ella foi a sua musa, e auxiliada do seu grande genio e vasto saber, destruio e edificou, e até creou por toda a parte, erigindo altos monumentos de honra e gloria para si, para os bons, e para o seu paiz; e de infamia para os malvados do seu tempo e de todos os seculos que o precedêrão.

O seu poema compõe se de 100 cantos em terça-rima ou tercetos, contendo ao todo 14.113 versos endecassylabos ou

heroicos, isto é 1,153 menos que o do Tasso. E' dividido em tres partes: 1ª, Inferno; 2ª, Purgatorio; 3ª, Paraiso. A primeira com 34, e as outras com 33 cantos cada uma. E' uma viagem que o poeta finge ter feito por essas tres partes; nas duas primeiras em companhia de Virgilio, e a terceira em companhia de Beatriz sua amada, com quem não póde casar por lhe ter sido roubada pela morte na flôr dos annos. Nesta viagem descreve o Inferno, o Purgatorio e o Paraiso taes quaes sua immaginação lh'os figurou, e varias especies de tormentos soffridos, e bemaventuranças gozadas pelas pessoas que finge lá encontrar, com as quaes falla e tem varias conversas, e algumas das quaes indica por seus nomes. Muitas dellas são da antiguidade, mas a maior parte são dos seus tempos, e algumas destas até ainda viventes na sua época e cuja alma elle já põe no Inferno, emquanto o corpo ainda anda neste mundo animado por um demonio. Este poema é a concepção mais vasta e ousada que tenha sido immaginada, e se a execução tivesse sahido perfeita em todas suas partes, seria sem duvida o primeiro e mais bello poema do mundo. Comtudo ainda é duvidoso, se apezar das suas muitas imperfeições e defeitos, elle não deve ser considerado como tal, tão vasto, grandioso, variado e espalhado de bellas e sublimes passagens elle é. Se elle não é o primeiro poema do mundo, de certo que o seu autor não deixa de ser o primeiro dos poetas, no que respeita a ficção poetica. O homem sabio, e de genio creador patentêa-se nelle a cada passo: mas este genio, este sabio n'um seculo de rudez e de ignorancia litteraria como o seu, luctando com um cahos para ordená-lo e dar-lhe fórma, apezar das suas grandes forças, nem sempre póde triumphar delle e muitas vezes cahe como que opprimido pelo peso que gravita sobre elle. Passagens mui bellas, delicadas, sublimes e admiraveis achão-se assim misturadas com outras de caracter bem differente e até mui baixas. O estylo é sempre conciso e cerrado, muitas vezes claro, forte sublime, e até pathetico, mas muitas outras aspero, duro, obscuro, enigmatico, inintelligivel e necessitado de explicações para ser percebido. Ninguem mais eloquente, mais claro, tocante e até doce, do que Dante quando exprime o que sente; ninguem mais enfadonho do que elle, quando elle quer fazer poesia do raciocinio: sente-se então não a alma sublime do poeta, mas o espirito

pesado e pedante da escola. Seu poema contêm os versos mais bellos e doces, e os mais duros que tem sido feitos em italiano. Elle usa de termos e expressões fóra do commum: muitos dos quaes inventou enriquecendo a lingua italiana, da qual elle foi verdadeiro creador, assim como o foi da poesia christãa e cormental. Foi para elle, e talvez para a lingua uma infelicidade o ter sómente por successores Petrarca e Boccaccio, que nunca havendo-se occupado com assumptos fortes, e só tratando de materias amorosas e divertidas, adoptárão, e fizerão adoptar sómente o que havia de doce na lingua de Dante. Assim muitas das suas maneiras de dizer, e de seus termos ficárão obsoletos, e só alguns rehabilitárão o Ariosto, o Tasso, e ultimamente Monti e outros modernos. Dante hoje, lido mesmo pelos Italianos, custa a entendê-lo sem commentarios. Quem o lê da primeira vez, extranha-o pela sua aspereza, obscuridade e negligencia: porém depois familiarizado com elle acaba de se lhe afeiçoar, e fazer delle melhor conceito e até o querido do seu coração, e um querido mui util. Póde-se afiançar que quem bem estudar e possuir Dante, ensaiando de imitá-lo, assistido de algum gosto, terá o mais forte, mais expressivo e conciso dos estylos. Posso asseverar que o caracter que dei á versão dos varios trechos que apresento deste poeta é a todos os respeitos o que tem o original na lingua em que foi escripto; e que a impressão que elle produz em um leitor brazileiro ou portuguez, será a igual a que sentir qualquer italiano que ler a primeira vez o Dante. Versificação ora harmoniosa, facil e suave, ora dura e embaraçada; estylo ora claro, ora obscuro: palavras e expressões pouco communs e ás vezes obsoletas: tudo se acha reunido na versão que offereço. Desta maneira creio que poderei dizer que dei aos Brazileiros e Portuguezes uma amostra do Dante. Se fizesse de outro modo, teria sido o mesmo que apresentar o bom velho Homero, trajado á moda de Paris dos nossos dias.

(1) Este trecho é todo o 1° canto do Inferno. Quando Dante principiou o seu poema tinha 35 annos, idade media da vida. *Per*, do original, indica movimento: por isso traduzi *andando em*.

(a b) *Spalle*, dorso; entende por isto a parte opposta do monte jã illuminada pelo sol, astro que aclara os caminhos e como que conduz o viajante.

(c) *No lago do coração:* diz o original: *alagara*, exprime indirectamente a mesma idéa.

(2) Isto é: pela qual não passa senão quem já morreu.

(3) Quem sobe tem sempre o pé em que se firma mais abaixo que o outro com que sobe: *pujar mais escaço*, vale o mesmo que menos extenso e mais baixo.

(4) *Onça.* Por este animal, dizem os commentadores, symboboliza Dante o apetite dos prazeres deshonestos.

(5) *Estrellas.* A constellação do Aries. Dante adoptou a opinião de que o mundo fôra creado na primavera a qual principia estando o sol nessa constellação.

(6) *Leão.* Segundo os commentadores, é o symbolo da soberba e ambição.

(7) *Loba*: emblema da avareza e cobiça.

(8) *Aonde sol não faz*: no lugar mais baixo aonde não dá sol.

(9) *Ouco:* em lugar de *baixo.* Dante quer dizer que hia cabindo.para um pricipicio: e este é uma cavidade. *Ouco* aqui é um quasi equivalente de *baixo.*

(10) *Sub Julio:* no tempo de Julio Cesar.

(11) *Falsissimos:* empreguei o superlativo para expressar em um só termo o sentido de — *falsi e bugiardi* — que parecem servir aqui sómente como augmentativos um do outro; significando quasi a mesma cousa. Quem é falso é mentiroso, e quem é mentiroso é falso e vice-versa.

(12) Allude á Eneida, poema de Virgilio e a Eneas que elle sempre tratava com o titulo de *pius.*

(d) *Honor* em lugar de *honra* mais usado, assenta bem n'uma traducção de Dante que usa ás vezes de termos fóra do commum. Dante tinha feito largo estudo sobre Virgilio, e pensava lhe ter copiado o estylo: elle de certo tem a concisão e fórça delle, mas poucas vezes a suavidade e delicadeza.

(e) O original diz *as veias e os pulsos*, e entende com isso o systhema venoso e arterioso, que é quanto o dizer o corpo todo, ou todos os orgãos em que estes dous systhemas se ramificão: a minha expressão é pois um equivalente.

(13) *Se esposa*, se casa ou se combina.

(14) *Gozo* por qualquel especie de cão, como Dante faz com o nome de *Veltro.* Allude aqui o poeta a *Cão Grande Della Scala* senhor de Verona, principe de alma generosa, e seu grande bemfeitor.

(15) Dante quer aqui dizer que *Cão Grande* nascerá em um lugar que estará situado entre outros dous que se chamão Feltro. Estes dous lugares são Feltro, cidade da Marca Trevisana na Italia e Monte-Feltro, cidade da Marca de Aucona do mesmo paiz. O lugar medio de que elle entende fallar é a cidade de Verona que fica entre estes dous lugares. A necessidade de consoante levou o poeta a este modo de se expressar um pouco forçado e obscuro. Eu usei aqui da palavra *nascedouro* em sentido metaphorico, em vez de lugar natal ou de nascença.

(16) *Camilla,* filha de Metabo rei dos Volscios no Lacio armou-se, segundo Virgilio conta, em defesa de Turno, rei dos Rutulos contra Eneas e os Troianos que vinhão conquistar aquellas partes da Italia; e morreu naquella guerra, dando o sangue pelo seu paiz, defendendo-o dos estrangeiros.

(17) *Turno, Eurialo e o seu amor.* Turno, rei dos Rutulos foi matado em um combate por Eneas, o qual lhe disputava a mão de Lavinia filha de Latino. Eurialo e Niso dous amigos, que se amavão muito, e são uma segunda edição de Pilades e Orestes, ficarão tambem mortos nessa guerra sob a espada estrangeira, dando todos o sangue pelo seu paiz. A difficuldade de fazer caber no verso todos estes nomes proprios que não admittem recurso na lingua, obrigou-me a indicar Niso por antonomasia, pelas palavras, *seu amor*, isto é o amor, o querido de Eurialo.

(18) *Segunda morte* é a damnação eterna, isto é, a morte espiritual da alma que, condemnada ao inferno, morre para a graça e para o gozo da vista de Deos e da sua gloria. A morte do corpo é a primeira, a da alma é a segunda, porque a damnação segue-se á morte.

(19) Allude ás almas do Purgatorio confortadas pela esperança do céo.

(20) Os bemaventurados do céo.

(21) Allude a Beatriz sua amada já fallecida que ha de substituir Virgilio para acompanhar Dante no Paraiso, aonde aquelle não pode entrar por ter sido pagão.

(22) *Rebellante.* Contrario á sua lei ou religião: isto é, porque foi pagão.

(23) Isto é: por Jesus-Christo, que tu como pagão não conheceste.

(24) Isto é: para que eu aprenda do quadro destes terri-

veis tormentos a fugir do inferno; e para que eu chegue a ver a porta do céo.

(25) Os damnados ao inferno que chorão em tormentos.

(26) Dante aqui personifica e faz fallar a porta do inferno, pelo letreiro posto acima della: não se podia pois verter o *per me* pelo adverbio de lugar *por aqui*.

(27) *Duro*: terrivel, desesperante, ou duro e difficil de perceber.

(28) *Morta* em lugar de extincta ou removida; isto é: deves armar-te de coragem.

(29) *O bem que da alma é fito*. Deos, summo bem, ao qual a alma aspira para ser feliz, e sem o qual o não póde ser. O original diz *para o bem do intellecto*, o que vem a ser a mesma cousa.

(30) Já traduzi de outra fórma, em verso solto, esta bellissima passagem, na occasião de citá-la na minha memoria sobre a creação de um manicomio, publicada no numero de setembro de 1838 da Revista Medica Fluminense. Eis essa versão.

Diversas linguas, horrorosas fallas
Palavras de afflicção, gritos de raiva
Vozes altas e fracas, som de murros
Fazião um tumulto o qual circula
Sempre naquelle ar.

(31) *Som de mãos*, como ha tambem no original, não póde ser senão o estampido de murros dados no chão ou em outrem, ou sobre si pelo despeito e pela raiva.

(32) O original diz *com a cabeça cingida de erro*, expressão que póde significar que elle estava illudido e incapaz de julgar; porém é mais natural que o poeta quizesse indicar o aturdimento em que estava.

(33) Tão abatida e desconcertada pela dôr da sua condemnação e dos tormentos que soffre.

(34) *Comsigo só mettida* vale o mesmo que egoista, indifferente, que só trata de si, e á qual não importão os mais. E' o verdadeiro sentido do original, que diz: *per se fóro*, isto é, que não estiverão por partido algum, mas só por si ou pelo seu proprio interesse. E' notavel este castigo que Dante dá aos indifferentistas.

(35) *Os céos a expellem de candor ciosos*, isto é, os céos

ciosos da sua candura ou belleza a não querem no seu seio, temendo que ella os manche, afeie e contamine. O original diz: *a expellirão para não serem menos bellos.*

(36) *Barathro abysmado*, o inferno: *gloriosos* é synonimo de ufanos ou glorificados.

(37) *Não tem esperança de morte;* isto é: não lhes fica a consolação que tem os infelizes no mundo de acabarem de penar á chegada da morte; porque os seus soffrimentos são eternos.

(38) *Invejão qualquer outra sorte;* isto é: desejarião qualquer outra sorte que fosse, mesmo o serem infamados no mundo, com tanto que delles se fallasse, e o seu nome não estivesse esquecido. Este é um bello quadro da nullidade que desespera em se ver reduzida na opinião dos homens ao que ella é realmente, e que de veras merece.

(39) *Não deixa o mundo a nós seu nome chegue.* O mundo não fazendo caso delles, nem os mencionando, não deixa que o seu nome chegue até nós, isto é até á nossa épocha.

(40) *Desdenha-os a Justiça e a Piedade.* A mesma Justiça quasi que dedigna-se de os punir, e a compaixão quasi foge de ter dó delles. Com effeito! não se póde levar mais longe o desprezo e pouco caso que merecem os homens nullos, vis e cobardes.

(41) *Daquelle.* E' o papa Celestino que por vileza renunciou o papado.

(42) *Rele.* Esta palavra, que não vem nos diccionarios, muito usada entre nós, significa *ruin, abjecto, rasteiro, despresivel*, e é certamente uma corrupção ou derivação de *ralé* ou *relé* tomados em máo sentido. O uso deste termo um pouco vulgar e baixo, é aqui desculpavel por estar propriamente em um lugar onde exprime baixeza e cousa vil, como o caso em que Racine empregou a palavra *pavé* no seu bello verso.

Baiser avec respect le pavé de tes temples

aonde essa palavra exprime um acto de humilhação para com Deos. Além disso, eu sou de opinião que certos termos do vulgo são dignos de nobilitação, e que tudo o que é do povo não deve ser desprezado. Eu acho este termo digno disso, por muito expressivo.

(42) Gente que nem Deos, nem os diabos querem.

(44) *Nunca forão vivos*: bella expressão para indicar que nunca souberão servir-se da vida, e sempre viverão na inercia e preguiça. Não ha vida physica nem moral sem movimento e sem acção: a immobilidade, a inercia são um verdadeiro estado de morte.

(45) *Lá effectivos*: que estavão effectivamente, isto é, continuadamente acolá. Ser effectivo em um lugar ou emprego vale estar constante ou permanentemente nelle: O original diz simplesmente *erão lá*: o verbo *ser* aqui significa um estado permanente.

(46) *Não desanda*, vale, não volta pelo caminho andado: isto é: não se afasta daqui.

(47) *Te dê barcada*, te dê passagem no barco. Dar barcada vale o mesmo que embarcar alguma cousa ou gente.

(48) *Onde se póde tudo*: no céo onde reside o Omnipotente.

(49) *Inquirições arria*: abaixo as perguntas; deixa-te de perguntas e inquirições.

(50) *Fogo agudo*, por vivo fogo. O original diz rodas de fogo, isto é, raios de fogo, ou fogo radiante.

(51) O original diz *a semente dos seus nascimentos*: a versão é exactissima quanto ao sentido.

(52) Empreguei como Dante a palavra *Caron* latina e grega, em lugar de Caronte, que se diz ordinariamente em italiano e portuguez.

(53) *Lógo*, lugar: voz antiquada, mas desprezada sem razão, e aproveitavel para consoante, sobretudo em uma traducção dantesca. Este lugar de Dante é um pouco escuro: a interpretação mais seguida é a que adoptei; isto é, que Caronte bate com o remo em cada uma das almas que vão tomando lugar no seu barco; neste caso o verbo *adagia* toma-se no sentido de accommodar-se, ageitar-se; comtudo talvez mais razoavel seja tomar *adagia* no sentido de *retarda* ou de ir tomando lugar *adagio* ou de vagar, com morosidade, e não depressa como elle queria.

(54) Esta é uma das bellas comparações de Dante.

(55) *Adamo* em lugar de *Adão*; á italiana, ou para melhor dizer, derivado dos casos objectivos latinos, e não do caso recto ou do indeclinavel *Adam*. Os poetas, como podem dizer latinamente *Pluto* em lugar de *Plutão*, podem tambem dizer *Adamo* em lugar de *Adão*. Aqui esta palavra

é justificada pela necessidade do consoante; e certamente melhor é fazer uma pequena alteração n'um nome proprio do que alterar toda a belleza e fidelidade destas duas estrophas, só para conservar a palavra vulgar *Adão*. Isto que eu digo nesta occasião, sirva para todos os outros casos em que fizer nos nomes proprios alterações desta sorte, que nada prejudicão á lingua propriamente dita, da qual os nomes proprios, fallando rigorosamente, não fazem parte essencial, podendo ás vezes ser mesmo francezes, inglezes, allemães e até bárbaros. Os francezes hoje em dia já não afrancezão os nomes proprios das outras linguas e os poem taes e quaes nos seus escriptos; o que me parece melhor que o costume que tinhão os nossos avós quando escrevião latim, que de *Descartes* fazião *Cartesius*. Quem sonharia, sem uma explicação, que esse *Cartesius* era o inventor dos vortices, e da materia toda cubiça?

(56) *Sob divino enfado*, ou como diz o original *na ira de Deos.*: significa em peccado mortal, estando Deos enfadado contra elles.

(57) *Emperra*, ateima, ou se recusa ou faz resistencia.

(58) *Se descerra*, se abre ou se converte.

(59) *Soa:* o que vem a soar ou significar esse dito: isto é: esse dito de Caron vem a ser o teu elogio, porque por aqui nunca passa uma alma boa; se elle te não quer receber, é signal que não és um malvado.

(60) Dante chegado no segundo *girão*, ou segunda volta do inferno, ali acha as almas dos que no mundo deixarão-se levar pelas paixões carnaes, que elle pinta como atormentadas por incessantes e fortes ventos que as arrebatão sem descanço em todos os sentidos, symbolo bem vivo das paixões humanas, das quaes o Metastasio disse:

> Impetuosi venti
> I nostri affetti sono.

Mas ao mesmo tempo que põe estes peccadores no inferno, conhecendo quanto o homem é infelizmente sujeito a má influencia da carne, e quanto é forte a paixão do amor, do qual muitos dos mais fortes heróes e maiores sabios não poderão, ou não souberão guardar-se; no meio do horror que inspira-lhe o crime, e o castigo destes desgraçados, é to-

cado de um sentimento de compaixão, e deplora com lagrimas a sorte desses infelizes. Depois de ter visto e nomeado alguns heróes e heroinas da antiguidade, avista e falla com Francisca de Rimini, bellissima donzella, filha de Guido da Polenta, senhor de Ravenna, dada por este em esposa a Lanciotto ou Gianciotto (Lançarote) filho de Malatesta, Senhor de Rimini. Este Lanciotto era homem valoroso e de nobres sentimentos, mas de rosto mui feio. Francisca casára-se com elle para não desgostar o pai, e mais agradou-se do cunhado de nome Paulo, bello e valente moço, com o qual foi surprendida do marido em relações amorosas, o que foi causa de que este matasse a ambos, Dante finge que falla com ella, a qual lhe conta a historia de sua morte. Note-se aqui que Dante não justifica o crime de Francisca e Paulo, e sómente o deplora, derramando algumas lagrimas, compungindo-se de compaixão.

(61) Dido, rainha de Carthago, a qual, segundo, com grande anacronismo, finge Virgilio, teve paixão, e matou-se por ser abandonada de Eneas que aportára ás praias do seu estado. Dido jurára eterna fé a Sicheo, seu marido, do qual era viuva: fé que violou, apaixonando-se pelo heróe Troiano.

(62) *Sanguinoso*, tinto do nosso sangue.

(63) O sentido deste terceto é: « Amor que logo prende qualquer alma gentil, prendeu a este que vem comigo, pela minha bella pessoa, isto é, pelo meu lindo corpo que se me tirou com a morte, e a maneira porque isso foi feito ainda me offende, isto é, ainda me pesa e revolta. »

(64) *Amor que amar a amados não perdôa:* isto significa: « Amor, que não consente aos que são amados que amem a outrem. »

(65) *Caina,* lugar do inferno onde Dante põe os fratricidas, assim denominado de Caim que matou seu irmão Abel. Francisca diz aqui que este lugar esperava por quem matou a ella e ao proprio irmão; no que parece que Dante faz um crime a Lanciotto, seu marido, de ter sido com ambos tão severo e cruel.

(66) Não mudei de traço: subentende-se *do rosto;* isto é, não mudei de semblante, o original diz: *e tanto o conservei baixo até que,* significando que ficou na mesma posição, ou que se não alterou. A versão é aqui um pouco afastada do verdadeiro sentido, mas de longe se lhe chega.

(67) *Estes levou ao doloroso passo.* Levou estes dous (Francisca e Paulo) á sorte dolorosa que tiverão.

(68) *No meu ensejo:* quando chegou a minha vez ou occasião.

(69) *Mas dize a que:* mas dize a que cousa, a quaes palavras e encantos, e como o amor deu ou concedeu o conhecerdes os sentimentos occultos?

(70) *Mentor.* No original ha doutor, isto é, mestre ensinador ou conductor: ou, Virgilio que te ensina ou te serve de Mentor. Preferi esta ultima palavra por ser mais exacta e menos ambigua: quem quizer substituir-lhe doutor, póde fazê-lo.

(71) *Mas de saber, etc.*, aqui a construcção ordinaria é: mas se ardes tanto de saber ou desejas tanto saber da raiz primordial, isto é, da origem do nosso amor.

(72) *Por prazer:* por divertimento, por gosto para passar o tempo.

Os olhos nos moveu: fez que os nossos olhos se movessem para olhar-nos um ao outro.

(73) *De como a Lançarote, etc.:* o romance de Lançarote ou Lancilotto, no qual vinha a historia da maneira como este namorou-se de Ginevra, filha do rei Marco, pessoa muito formosa nos romances daquelle tempo e principalmente no denominado *la tavola rotonda,* ou a mesa redonda.

(74) *O riso desejado, beijado fôra, etc.:* o riso que o a amante desejava ver nos labios da sua querida, foi beijado por tão grande amante; isto é: tão grande amante beijára os labios risonhos da sua amada.

(75) Francisca imputa aqui ao tal livro ou romance a culpa de ella e Paulo commetterem esse delicto, pelo incentivo dos contos deshonestos que nelle vinhão: diz tambem enfaticamente que não lêrão nesse dia mais avante no livro: querendo significar que se abandonárão ao prazer, e forão nelle surprendidos e matados.

(76) Já traduzi nas minhas observações á versão que fiz da tragedia — Francisca de Rimini — de Silvio Pellico, publicada no Archivo Theatral dos Srs. Villeneuve, e Cª, est s ultimos quatro versos do modo seguinte:

> Emquanto aquelle espirito isto disse
> Tanto o outro chorava, que de pena,
> Eu desmaiei assim, como eu morresse,
> E cahi como corpo morto cahe

obrigado aqui a outra versão por causa dos consoantes eu havia vertido o ultimo verso assim :

E cahi como corpo inanimado ;

porém reflecti que *inanimado* é applicavel a todos e quaesquer entes materiaes inorganicos : *finado*, que se apresentou em lugar delle, me não satisfazia por fraco : lembrei-me de *exalmado* ou privado da alma, isto é, é morto sim, mas que já viveu : ou que é como um cadaver : que é o que Dante quer dizer neste lugar. A exactidão, propriedade e dignidade do termo póde fazer esquecer a sua ousada novidade.

(77) Ugolino, um dos condes da Gerardesca, nobre Pisano, partidante da facção Guelfa, combinouse com o Arcebispo Ruggieri dos Ubaldinos para expellir de Pisa seu sobrinho Nino, juiz de Gallura, que della se havia apoderado. Mas depois o Arcebispo, movido pela inveja e ciume de partido contra Ugolino, concitou-lhe contra todo o povo accusando-o de traidor : e auxiliado das tres familias poderosas dos Gualandi, Sismondi e Lanfranchi, foi de cruz alçada á casa do conde, e o prendeu juntamente com quatro filhos, isto é, dous filhos delle e dous netos filhos do seu filho mais velho, aos quaes fechou todos em uma torre situada sobre a praça dos *Anciões* ; e para que se lhes não desse de comer, deitárão se as chaves no rio Arno, deixando morrer a todos miseravelmente de fome. Dante, no fim do canto antecedente, figura encontrar no inferno o conde Ugolino que de raiva está roendo a cabeça do Arcebispo Ruggieri, que está com elle mettido n'uma grande lagôa gelada : e sem conhecê-lo lhe pergunta quem elle é, convidando-o a dizer o seu nome e os seus casos, affiançando-lhe que delle levará noticia ao mundo quando a este voltar. Neste ponto principia Dante o seu canto 33 do inferno, com este magnifico trecho que é de um mais bellos, sublimes, terriveis e sentimentaes de todo seu poema, e é considerado geralmente como o seu chefe de obra. Nelle mostra-se Dante pintor summo e dotado de um sentimento mui delicado e profundo. Esta peça, quer no original, quer na traducção, quando seja bem recitada, produz um effeito terrivel : e é impossivel ouvi-la sem arripiar de horror e verter lagrimas. Eu desejaria que algum dos nossos declamadores quizesse tomar a pena de a

estudar do modo conveniente. Assevero que nenhum pedaço de poesia trágica ou de qualquer outra especie fará mais impressão, e será mais bem succedido em qualquer theatro. As bellezas de Dante, assim como algumas de Alfieri, se conhecem muito mais quando elle é bem recitado. Então é que se lhe faz mais justiça, porque o que pela simples leitura parece nelle pouco importante, e até duro e defeituoso, pela declamação e tom proprio das palavras, acha-se então importantissimo, grande, bello e sublime. Não ha então letra ou syllaba que esteja fóra de seu lugar e que se possa perder. Dante, como diz Monti em uma das suas lições, é como Ulisses que, com um aspecto rustico, pouco inculca á primeira vista, mas que depois, á medida que falla, leva a palma ao bello, doce e agradavel Meneláo. E' preciso porém advertir que para se poder alcançar esse effeito e se apreciar todo o valor desta peça e outras de Dante, é preciso não as declamar á mamaneira entre nós costumada, só favoravel aos fazedores de versos campanudos e assucarados, optimos para marcaradas de carnaval, e para balas de estalo.

Do fero pasto: da comida atroz que roia; isto é, da cabeça do Arcebispo que estava roendo.

(78) O original diz: « Se as minhas palavras devem ser semente que fructifique depois infamia para o traidor que estou roendo; » a versão diz: « Se o que digo ou vou dizer é famia que fica semeada, e que depois tem de ir produzindo para o infame traidor que estou roendo. »

(79) *Produzindo:* em lugar de fructificando ou dando fructo.

(80) *Falla verás com pranto misturada:* Pareceria que melhor fôra dizer *falla ouvirás;* porém Dante que usou de *lagrimar* em lugar de *pranto* não podia assim expressar-se; era a vista que devia observar as lagrimas e ver a Ugolino fallando. Apezar de usar-se na versão o termo pranto que admittiria o testemunho do ouvido, comtudo preferi ser fiel ao original, porque ver o pranto é mais terrivel e commovente do que cuvi-lo, e o pranto aqui é o objecto mais importante do que offerece um homem que falla. Pessoas, ás quaes tenho lido este verso da traducção, mesmo italianos, o achárão tão proprio, e talvez mais como o do original.

(81) *Por sua intenção mal pensadora.* Pelas suspeitas de sua imaginação propensa á maldade, e a julgar mal da gente.

(82) *Breve abertura, etc.* « Uma pequena abertura, um furo ou janellinha no edificio forte (ou casa forte), que hoje, por minha causa ou por causa do que a mim ali succedeu, inda é chamado da *fome* ou *torre da fome*, e no qual hoje se encerra ainda gente de outra qualidade: isto é, serve de prisão para gente criminosa. » Esta torre chamava-se a *Muda*, como se vê do original. O terceiro verso do terceto do original póde admittir varias interpretações por causa do verbo *convien* ou *convém*. Eu adoptei a que aqui se vê, a qual é: « na qual torre ainda se acha conveniente encerrar outras pessoas; isto é, que serve de prisão para outra gente. » Aqui nasce uma dificuldade, e é: como póde Ugolino saber disso depois da sua morte? A solução é facil: pela alma de algum damnado que morresse depois delle e lá fosse ter onde elle estava. A outra versão é: « na torre na qual é preciso que tambem se encerre a outrem, ou na qual outrem tambem deveria ser encerrado; o autor da minha morte. » Qualquer dellas é boa; mas como o merecimento da versão poetica não é o mesmo que o de uma versão em prosa e de um commentario, nem no meu caso a difficuldade e merecimento consistem no interpretar, mas em expender bem em verso qualquer interpretação que se adopte ou prefira; aqui dou a versão poetica da outra interpretação para quem a achar mais conveniente, rogando que nesse caso se substitua o seguinte verso:

E em que outrem ter devêra uma igual sorte.

(83) *Pelo seu furo, etc.*; isto é: « me tinha feito ver pelo seu buraco muitas phases lunares, ou: eu tinha ficado muitos mezes no seu carcere; » do que se collige que o lançamento das chaves no Arno foi muito posterior á entrada do conde Ugolino na prisão. — *fatal somno* —, o somno da morte, que abrio o futuro aos meus olhos e que me habilita a vaticina-lo. Este verso pareceria justificar a segunda das interpretações de que acima fallou-se.

(84) Esta passagem é um pouco obscura; os commentadores dizem que por lobo e lobinhos, Dante entende a si mesmo: custa-me a crer que elle se quizesse comparar a um animal que elle no seu primeiro canto apresentou como symbolo da avareza. Porém, seja como fôr: Adoptando neste caso essa interpretação, as palavras — *Este homem me pa-*

receu um mestre, *um dono*, significão — : elle se me apresentou como um mestre e um senhor, isto é. como um sabichão e um despota, repellindo o pai e seus filhos para o monte que encobre a cidade de Lucca aos olhos dos habitantes d Pisa. —

(85) *Com vil matilha astuta e nunca insonte:* O original diz: *com cachorros magros, astutos e bem conhecidos*. Matilha vil é a verdadeira significação de *cachorros magros*, porque aqui *magro* significa *faminto* ou definhado em sentido moral: *insonte* é um equivalente (ainda que um pouco afastado) de *bem conhecida*, expressão, pela qual indicamos sempre máos sugeitos, nos quaes a maldade e o crime são habituaes e permanentes, e por isso nunca são innocentes e innocuos. Porém podem no original as palavras *e conte* ser applicadas a Gualandi, Sismondi e Laufranchi como titulos de nobreza. entendendo-se então por conde Gualandi, Sismondi e Lanfranchi; porém admira que neste caso Dante omitisse o artigo *il*, o qual teria tornado a oração mais clara e mais propria, e não alterava a armonia do verso, dizendo-se *e 'l conte*. Eu preferi a primeira versão: e para quem gostar mais desta, aqui está a substituição a fazer-se

Com vil matilha em artes nunca insonte
Conde Gualandi, e Sismondi e os Lanfrancos.

Nesta occasião devo declarar que não sigo a opinião nem o costume dos que nos nomes proprios italianos accrescentão um *s* final quando os querem pluralizar em portuguez, dizendo *os Gualandis os Sismondis:* isto é uma toleima e um pleonasmo ridiculo. Esses nomes acabados em *i* já são pluraes e devem passar para o portuguez taes e quaes indeclinavelmente. Que dirião os Portuguezes, se fallando-se em Italiano dos *Barros*, dos *Telles* e dos *Castros*, os Italianos se lembrassem de os pluralizar na sua lingua, accrescentando-lhes a vogal *i* no fim para formar o plurál á sua moda, e em lugar de dizer *i Barros, i Telles, i Castros* dissessem *i Barrosi, i Tellesi i Castrosi, etc.?!* Não havião elles de se rir vendo as familias portuguezas trocadas em familias italianas? Só por licença poetica, e para rimar se póde desculpar este costume; mas isto mesmo só no caso em que o appellido italiano esteja no singular, como succede nesta versão

com o appellido de *Laufranchi*, que para rimar eu o pluralizei, accrescentando um *s* ao singular, *Lanfraneo:* neste caso póde o *s* e a pluralização portugueza passar, porque não pluraliza duas vezes. Todo uso, toda grammatica contraria a isto é uma asneira que não deve ser admittida por quem discorre e que tem algum gosto em philologia, e cujos ouvidos não podem deixar de se chocar em ouvindo esses nomes appendiculados com um *s* que não faz delles nem nomes italianos, nem portuguezes, mas appellidos latinos.

(86) Nomes de familias Pisanas.

(87) *Elle pozera, etc.*, elle marchára com elles á frente, ou só olhava para elles, não vendo mais a elle Ugolino seu antigo amigo e comparte.

(88) *Trancos* passos difficeis e arrebatados, embaraços, difficuldades, criticas circumstancias.

(89) *Quando*, etc. Ugolino diz aqui que elle acordou antes do dia claro e que ouvio os seus filhos chorar estando ainda no somno.

Depois de já impresso o verso

Ouvi no somno os filhos meus chorando

reflecti que *ouvi no somno* dá lugar ao equivoco de se suppôr que elle Ugolino é quem ouvira estando dormindo, ainda que pouco antes diga que acordára: para melhor clareza será melhor que se diga

Ouvi meus filhos, no somno chorando

ou com verso mais harmonioso

Ouvi meus filhos, no dormir chorando.

(90) *E senaõ choras de que irás chorando!* O original traz: « e senão choras de que é que tu costumas chorar ? » Creio que a versão, apezar de levar para o futuró o que Dante põe no passado, é feliz, harmoniosa e sentimental,

(91) *Por seu sonho:* pelos sonhos que tinhão feito e talvez devião ter sido horrorosos e de máo agoiro.

(92) *Empedrei:* fiquei petrificado, insensivel no meu interior, pelo excesso da dôr e do espanto. O verbo « empedrar » é aqui usado em sentido neutro.

(93) *A mim mesmo vi me, etc.:* « quando olhan lo para a

cara de meus filhos vi-me a mim mesmo quatro vezes nessa minha cara quatro vezes repetida nos quatro rostos todos parecidos comigo ». Isto é verdadeiramente sublime e sentimental em um pai na posição de Ugolino.

(94) A belleza deste verso quer no original, quer na traducção é inimitavel em quaesquer outras linguas. Monti faz sobre este verso, excellentes e longas reflexões com as quaes mostra a sua justeza, quanto á collocação das palavras, que collocadas de outra maneira, ainda que formem varios versos, nunca terião uma expressão tão bella, tão forte, tão exacta e regular; do que, resalta a superioridade que tem as linguas que, como a italiana e a portugueza, admittem uma disposição de palavras que outras não consentem: o primeiro objecto que este verso apresenta são as mãos, depois a dôr; e o acto de mordê las a si, que é o que ha de mais horrivel, vem rematar repentinamente o quadro e abysmar a attenção suspensa até esse ponto. Tasso imitou este verso em varias maneiras, como se verá nas versões que dou desse poeta.

(95) *Nos vestiste:* « Tu como nosso pai que foste, gerando-nos, vestiste os nossos ossos desta carne: tu pódes no-la despir e comê-la ».

(96) *Depois mais do que a dôr póde o jejum:* « depois o jejum ou a fome fez o que não podera fazer a dôr, e matou-me ». Ha quem pense que Dante neste verso queira indicar que Ugolino á final, impellido da fome, resolveu-se a comer os cadaveres dos filhos; mas essa opinião é meramente gratuita, porquê nesse caso Dante não diria que a fome pôde fazer aquillo que não fizera a dôr, porque de certo não era a dôr que podia obrigar a Ugolino a comer seus filhos.

(97) *O bello paiz onde o si sôa:* a Italia que é chamada o paiz do *si* ou onde se affirma com a palavra *si* (sim). Petrarca chamou á Italia

Il bel paese la dove il si suona.

Neste lugar o *si* italiano não devia ser traduzido mas posto tal e qual, porque representa o som syllabico a que o poeta allude.

(98) *Povos ambientes.* Circumstantes visinhos: dizemos *o ar ambiente* em lugar de *o ar que nos circumda.*

(99) Carpraria, e Gorgoa ou Gorgonia duas pequenas

ilhas do mar Mediterraneo defronte da embocadura do Arno. Dante, levado da indignação, impreca, e deseja que estas duas ilhas se movão e vão tapar a embocadura do Arno para que, impedindo a sahida das aguas, estas vão crescendo e afoguem toda essa cidade. A ira de Dante é mãi de grandes cousas, mas é sempre muito forte, e ás vezes passa todos os bons limites.

(100) *Tenra idade bradava de absolvê-los.* O original diz: « a sua idade novinha os fazia innocentes ». Neste lugar, depois de um vôo tão alto, Dante como que leva um tombo poetico semelhante áquelle que teve o seu corpo no fim do 2° canto do Inferno, e ao ouvir a historia de Francisca de Rimini: os dous versos que se seguem são muito miseraveis; assim os supprimi e conclui o quadro com o primeiro do terceto que encerra uma boa sentença; na versão o sentido é completo: no original parando-se no primeiro verso do terceto fica o sentido incompleto em certo modo, quanto ao que diz Dante, mas completissimo quanto ao que respeita o seu quadro.

(101) Acabando de descrever o Inferno cheio de horrores diz, emprehendendo a cantar o Purgatorio, que o barco do seu talento vai navegar melhores aguas; isto é achar-se em lugares menos terriveis. Elle põe o seu Purgatorio no hemispherio dos antipodas do seu paiz, porque ainda no seu tempo a idéa dos antipodas era combatida pela superstição. Chegado pelo Inferno ao centro da terra onde achou o gigante Lucifero, é por este posto com Virgilio do outro lado do mundo, e principiou a subir para o Purgatorio, que é uma alta montanha, com subida espiral formando 7 voltas que elle chama *balze.*

(102) *Morta Poesia*: Poesia amortecida pelos horrores do Inferno por que passou.

(103) *Calliope, etc.* « A minha musa se levanta, e torna-se mais magestosa nos seus passos e mais harmoniosa no seu canto ». Apezar desta invocação, a poesia de Dante não fica melhor no seu Purgatorio, nem depois no Paraiso: todos convém que o Inferno é a melhor das tres partes pela força de traços e de tintas, do que, nasceu o adagio de que com Dante melhor se está no inferno do que no purgatorio e paraiso. Comtudo não deixão ambas estas duas partes de apresentar grandes e bellas passagens.

(104) *Pegas.* Allude aqui ás filhas de Piero, que, segundo

a fabula, se atreverão a desafiar no canto as Musas, pelo que forão convertidas em pegas.

(105) *Amnistia* por perdão.

(106) *Té onde a lua gira.* Dante diz, *até o primeiro circulo;* isto é, té o primeiro céo onde gira a lua.

(107) *Prazer aceito,* um prazer doce, mui agradavel; isto é, um deleite, ou prazer deleitoso.

(108) *A linda estrella, etc.* O planeta de Venus, Deosa do amor.

(109) *Cobrindo os Pisces, etc.:* escondendo com o seu disco, e com a sua luz a constellação dos Pisces, cujas estrellas estavão feitas sua escolta e que a acompanhão. Por licença poetica mudei o *l* em *r* na palavra *escolta.*

(110) *Quatro estrellas.* E' a constellação do Cruzeiro do Sul. Admirão-se alguns de que Dante tenha adivinhado a existencia do cruzeiro, duzentos annos antes da sua descoberta pelos europeos: mas é provavel que Dante, instruido como era em tudo, tivesse tido noticia dessa constellação por algum piloto que tivesse navegado nos mares da India ou da Costa d'Africa Oriental até á linha, ou com outro a quem isso constasse por relações de outros pilotos.

(111) *Primitiva gente:* os nossos primeiros pais, Adão e Eva, que estiverão no paraiso terreal, que, segundo Dante, estava situado em lugar donde se podesse avistar essas estrellas.

(112) *Impedido estás, etc.* O cruzeiro do Sul não é visivel aos habitantes do hemispherio do Norte, senão poucos gráos antes de chegar ao Equador.

(113) *O carro,* a constellação da *Ursa maior* tambem denominada o *carro,* a qual deixa de ser visivel a quem se acha no hemispherio austral.

(114) *Solitario velho:* Catão o menor, o qual em Utica, tendo sabido da morte de Pompeo, e julgando porisso perdida a causa da liberdade romana, suicidou-se.

(115) *Quanto a de um pai, etc.:* tu fôras honrando quanto um filho honra a do pai.

(116) *Das quatro santas luzes:* as quatro estrellas do cruzeiro; *qual se o sol estivesse diante:* como se fosse illuminado pelo sol que estivesse diante delle.

(117) *As graves cores,* os cabellos mixtos de brancos e de pretos que inculcão idade já grave e madura.

(118) *Quem vos foi lucerna:* quem vos servio de facho e conductor.

(119) *Mais não quer o céo, etc.*: isto é, o céo mudouas s que tinha feito.

(120) *A acatar dobrava*: fazia que eu me dobrasse a reverencia-lo, baixando os olhos e dobrando os joelhos.

(121) *Venho mandado.* O original diz *não venho de per mim* o que equivale a não venho por minha só vontade, mas pela de quem me manda.

(122) *Nunca vio este a tarde derradeira*: Este homem (Dante) nunca vio o ultimo dia de sua vida; isto é, ainda não morreu, e vive em corpo e alma.

(123) *Dobrasse a beira*: isto é, dobrasse a beira da sepultura e cahisse nella. Dante diz simplesmente *já estava perto a dar volta*: a versão é mais explicativa.

(124) *Como te fiz certo*, como eu te disse e certifiquei.

(125) *Sob a tua guia*: o original diz *sob o teu poder* ou *sob a tua jurisdicção*; mas esta expressão não é exacta, porque Catão não é o que dirige os tormentos das almas do purgatorio, ou quem governa a estes em todas as partes do purgatorio; mas é sómente uma especie de porteiro, ou sentinella avançada desse lugar, que serve para admittir e guiar, com instrucções os que lá chegão: póde-se pois chamar-lhe um guia.

(126) *Ouvir teus gritos*. O original diz *ouvir-te*: porém, como Catão nessa occasião está gritando, a versão é mais propria e especificada, e diz precisamente o que Dante quiz: pois certamente Virgilio não conduzira Dante ao purgatorio para ouvir a Catão, e Dante o ouvia só pela occasião de elle estar fallando.

(127) *A veste*: metaphora para indicar o corpo que é a veste da alma.

(128) *Que no grão dia, etc.*: Que no dia do juizo universal chamado o grande dia, andará tão candida e resplandescente, quando se tornar a unir á alma.

(129) *Eternas leis nos não lesamos etc.*, isto é, «nós não offendemos, ou não infringimos as leis eternas que não consentem que as almas damnadas ao inferno, passem para o purgatorio: este meu companheiro ainda está vivo em corpo e alma, e eu, que já morri, não sou sujeito a Minos, isto é, não sou do numero dos reprobos.» Com effeito, Dante, põe Virgilio, por assim dizer, no adro ou na ante-camara do inferno: e adoptando em parte a fabula dos antigos

põe a Minos, rei de Creta, celebre pela sua rigorosa justiça, como juiz das almas réprobas: elle o pinta como tendo uma grande cauda de feitio de cobra, com a qual, depois de ter ouvido e examinado a cada uma das almas, dá tantas voltas em roda do seu proprio corpo, quantos são os gráos de profundidade que elle quer seja mettida no inferno.

(130) *A tua Marcia.* Tua mulher Marcia.

(131) *Que inda sou tua diz*, que ainda parece estar dizendo: sou tua.

(132) *Septuplo estado.* O reino do Purgatorio de Dante dividido em sete partes.

(133) *Que tudo, etc.*, preferi esta versão ás duas seguintes que me occorrêrão.

Que tudo fiz quanto de mim quiz ella.
Que sempre fiz quanto favor quiz ella.

(134) *Rio immundo.* O Estyges,

(135) *Daquelle fundo*: daquelle lugar profundo: isto é, do inferno de que já fallei. Tudo isto é no italiano expressado pela particula pronominal e adverbial *ne*, e o poderia ser na franceza com a particula *en* que lhe corresponde: na portugueza, que não tem taes particulas, é preciso servir-se de uma periphrase, ou de um adverbio, e o mais breve seria *de lá*: a periphrase que adoptei é mais poetica, e ornada, e neste caso o consoante a reclamava.

(136) *A um ministro do céo de primo posto.* O original diz: *diante do primeiro ministro que é dos do céo*, Não se sabe se *primeiro* é aqui relativo ao gráo de pessoa, ou a situação local da mesma: preferi a primeira interpretação, porque, do que se segue, vê-se que estas palavras se referem a S. Miguel, o primeiro dos Archanjos.

(137) *Mollescente:* latinismo que me pareceu bello e adoptavel, em lugar de *molle*, para rimar.

(138) *Brandece*: em lugar de «abrandece ou brandêa» ou cede aos impulsos por ser flexivel; o que não podér fazer outra planta que resistisse por ser rija, a qual ficaria despedaçada.

(139) *Vossa volta, etc*; quando depois voltardes não vos dirijais para aqui.

(140) *A do monte dirá melhor subida:* vos dirá, isto é,

vos mostrará qual é, ou aonde fica a melhor subida do monte.

(141) *Baixia.* Baixio, nos diccionarios só se acha registado como substantivo, indicando um lugar baixo, ou um banco de arêa, ou pedras no mar: porém na lingua vulgar emprega-se tambem como adjectivo, e dizemos *lugar baixio* para indicar uma lugar baixo: neste sentido o usei com a autoridade do povo e da conveniencia, não sendo esta a unica occasião em que os diccionarios são omissos em registar as palavras e expressões as mais vulg res e usadas.

(142) *Conhecendo essa sua arte.* Virgilio passa delicadamente as mãos abertas sobre as pontinhas das hervas para apanhar o orvalho, e lavar com elle a cara de Dante, como lhe ordenára Catão. Dante, conhecendo o fito dessa arte de Virgilio, lhe deu a cara para que elle a lavasse.

(143) *Onde o pranto vinha:* onde havia lagrimas vindas dos olhos.

(144) *A descoberto.* Tirando com a lavagem a fumaça, ganha no inferno, que encobria a côr natural branca do rosto, poz esta a descoberto.

(145) *Cingindo-me:* subentende-se « com o junco. »

(146) *A gloria, etc.* Quer aqui Dante dizer que a gloria de Deos não resplandece em toda a parte do universo da mesma maneira e com a mesma intensidade. O universo de Dante comprehende não só o céo visivel mas o invisivel, isto é, o paraiso; e diz que esta parte do universo toma ou reveste maior porção da luz divina: a gloria e bemaventurança do paraiso, o brilho dos astros do céo, são todas emanações divinas, são irradiações ou reflexos da luz de Deos. Esta idéa não póde ser mais sublime, nem melhor se póde pintar a grandeza e gloria de Deos. O paraiso de Dante não é, quanto ao estylo, melhor que o seu purgatorio; mas quanto á belleza e sublimidade das imagens e a metaphysica dellas, o excede de muito: a mente do leitor, como que acabrunhada e ainda opprimida pelo peso da materia a que se acha reunida, tem alli muito que admirar, mas pouco que comprehender, senão com muito custo. Sem parecer que isso faça, Dante, com o seu estylo incomprehensivel, prova ao leitor, que a Divindade e o seu reino são cousas muito superiores a todas as outras, e difficeis, para não dizer impossiveis, de serem comprehendidas pela mente humana. O mysterio, a incompre-

hensibilidade parece constituir o caracter de toda esta parte do seu poema. No inferno é o homem que elle pinta, e o homem vicioso: os mesmos demonios, porque, viciosos são ali homens ou pouco mais: no purgatorio, ainda é o homem, mas o homem ornado de virtudes, e afeiado ainda por alguns defeitos: no paraiso só é Deos, e quem com elle se parece pela pureza da virtude. Parta-se destas tres idéas, e depois a leitura de Dante, não estranhará a quem achar vivissimas as côres do inferno; variegadas, e ora fortes, ora fracas as do purgatorio: e as do paraiso tão luminosas de cegar e nada lhes ver. E' que o vicio é facil de pintar, como de perceber-se, a virtude difficil, e a perfectibilidade, impossivel.

(147) *Se fornece.* Dante personifica quasi o céo, e diz que elle toma para si *(prende)* maior porção de gloria divina: esta idéa parece-me bem vertida pelo verbo *fornecer-se, fornecer a si*, isto é ornar-se, aditar-se, enriquecer-se nessa gloria, na abundancia e immensidade della. *Desse alto.* Dessa altura, ou desse lugar alto.

(148) *Ao que elle quer:* ao objecto que mais deseja; isto é, a Deos, ao qual, segundo os principios da theologia christãa, a alma sempre aspira como ao maior dos bens, sem o qual não póde ser feliz. O padre *Salvi*, Somasco de Novi, fallecido no principio deste nosso seculo, compoz um opusculo de cem sonetos intitulado — *l'anima a Dio aspira* —: isto é, a alma aspira a Deos. *Que a memoria, etc.* Significa: a memoria não póde ir percorrendo, em sentido retrogrado, as idéas porque passou a mente quando as recebeu. Outros interpretão o *retro ire*, do original, por ir atraz; isto é, seguir ao intellecto no seu movimento ou caminho de aprofundação: qualquer destas duas interpretações me parece boa; e quem preferir a segunda, substituirá o verso seguinte:

Que segui-lo a memoria embalde quer.

(149) *Reino santo:* o reino celeste. *Enthesourei na mente:* Dante considera as idéas como um thesouro adquirido pelo espirito. Tudo isto significa: «tudo aquillo de que eu me lembro.»

(150) *A' um dos parnasios cumes, etc.* Allude aqui aos dous cumes do monte Parnaso, que Persio chamou de *biceps* ou de duas cabeças: estas expressões allegoricas indicão o maior trabalho que Dante contava lhe havia de custar o seu paraiso: *dei-me por prompto;* julguei-me habilitado.

(151) *Entra no corpo meu, etc.* Dante aqui allude á fabula de Marsyas que, pretendendo cantar melhor do que Apollo, foi por este esfolado, ou, como diz Dante, tirado fóra da bainha do seu corpo. Nesta passagem ha grandes elypses, e deve ser assim interpretada: «Entra tu no meu corpo e delle faze um instrumento do teu canto, soprando por elle como tu sopraste, quando, provocado por Marsyas, o venceste no mesmo canto, e depois o esfolaste tirando o fóra da bainha do seu corpo.»

(152) *Teu arbusto amado:* o original diz *ao teu lenho.* O lenho ou arbusto caro a Apollo é o loureiro.

(153) *De que a materia, etc.* significa: de que a dignidade da materia, e tu, ó Apollo, com o teu favor me tiverdes grangeado o merecimento.

(154) *Culpa e vergonha, etc.:* o original diz *culpa e vergonha das vontades humanas.* A palavra *coragem* de que usei em lugar de *vontade* só traduz de um modo indirecto e um pouco afastado: comtudo julgo que póde passar, porque *coragem* aqui significa ousadia, atrevimento para acções más, o que vale pouco mais ou menos como *inclinação* e tendencia mais para paixões ignobeis do que para as nobres e illustradas.

(155) *Se a folha do Penéo, etc.:* isto é: se acontece que o loureiro, arvore em que foi convertida Daphne, filha de Penéo, rio da Thessalia, chega a ter um apaixonado: por outras palavras: se acontece que a poesia ache cultores.

(156) *Talvez de mim, etc.* Isto é: talvez venha depois de mim quem supplique com melhor voz, para que os montes de Cirra (cidade da Phocida dedicada a Apollo) correspondão ao pedido; isto é: para que Apollo escute e satisfaça ao pedido.

(157) *Foces:* Dante emprega esta palavra no singular em vez de *parte:* quem vertesse dizendo: *por differentes partes*, expressaria a idéa fundamental do autor, mas não a idéa poetica; porque *foce* vem de fauce, e é synonimo de *boca e garganta;* e o poeta considera o sol que se põe, como tragado pela fauce das trevas, e quando torna a nascer o considera como sahido novamente dessa fauce que o tragára.

(158) *Que quatro circ'los, etc.* Os quatro circulos de que Dante aqui falla, são: o horizonte, o zodiaco, o equador e o coluro equinocial. As tres cruzes, são os tres cruzamentos que os tres primeiros dos circulos acima referidos fazem cor-

tando o 4° ou o coluro equinocial no ponto em que acontece o equinocio. Todo este terceto e o seguinte significão em resumo; « o sol nasce de differentes pontos; mas no ponto em que elle sobe na época do equinocio, sabe reunido com melhor estrella (isto é, com a constellação do Aries, animal manso e benigno, que se acha nesse ponto), e assim tempera e influencía mais a seu modo o mundo, que é para elle como uma cera que recebe todas as impressões. » Por « impressionar e influenciar mais a seu modo » entende Dante significar que esta influencia sendo por sua natureza branda, e em relação á indole do animal que domina a tal constellação, póde melhor fazer se sentir na primavera, a qual principia quando o sol entra nessa constellação do zodiaco, do que em qualquer outra estação; pois na primavera a acção do sol é não só doce e branda, mas regeneradora e vivificadora da natureza: no verão ao contrario, é nimia e abrazadora: no outono se abranda sim, mas traz com sigo a decadencia da natureza; no inverno, é fraca e quasi mortal para esta. Veja-se quaes e quantas bellas imagens encaixou e escondeu Dante nestes versos, e depois diga-se se houve algum outro poeta que tanto fizesse, e que nisto seja capaz de o igualar. Veja-se tambem quanto o seu paraiso é mysterioso, enigmatico e incomprehensivel: pois destes exemplos occorrem nelle a cada passo. A imaginação de Milton, é sim forte, grande, sublime, mas não tão douta, profunda, nem tão fertil, ramificada e abstrusa, como a de Dante, na qual, como acontece a quem perscruta as ramificações de uma arteria, acha ramificações de ramificações, e a final se perde sem ter chegado com o olho a ver-lhe claramente o fim: a de Milton é toda fogo e phantasia: a de Dante, toda gelo e reflexão: por isso brilha mais aquella, mas esta tem mais substancia e discreção. No fim do primeiro destes dous tercetos quiz usar do toante antes que desfigurar o todo por causa do consoante.

(159) *De cá manhã de lá tarde, etc.* Continúa Dante a sua allegoria da palavra — foz —, e diz: esta foz, ou ponto equinocial, da parte do mundo de cá onde nós na Europa estamos, fizera noite ou entrar da noite, e de lá ou da parte d'além, dia ou madrugada. Tudo isto significa: « era a primeira hora do dia, no ponto em que eu então me achava, e a primeira hora da noite em que eu e vós, meus leitores da

Italia, agora nos achamos. » *Tudo era branco*, significa, tudo era claro ou já em dia claro. Dante, quando se lá achava com Beatriz, tinha chegado ao cume da montanha do purgatorio nos antipodas.

(160) *Sinistro flanco:* lado esquerdo. O sol no hemispherio, opposto ao em que Dante estava quando escrevia, isto é, no hemispherio austral, a quem no ponto da primavera olhasse para o oriente, devia nascer á esquerda como a nós no Rio de Janeiro. *Aguia, etc.* Dizem que as aguias podem olhar o sol impunemente: *tão franco*, em vez de tão francamente e sem embaraço.

(161) *Segundo raio.* Chama Dante segundo raio o que directamente parte do sol, ou de qualquer corpo luminoso e dá sobre qualquer objecto; e raio segundo ou secundario o que é reflectido pelo corpo que recebe aquelle: o raio do sol batendo sobre um objecto, e reflectindo-se com um angulo igual ao de incidencia, como que torna a subir para o sol. Dante compara este raio a um peregrino que deseja voltar para o lugar do qual partio.

(162) O sentido deste terceto é: « desse acto de Beatriz (o de olhar o sol) impresso na minha mente pela via dos olhos, nasceu, ou suscitou-se outro igual que eu fiz, e olhei o sol como ninguem deste mundo é capaz de fazê-lo, isto é, sem que elle me encommodasse e cegasse. »

(163) *Muito é licito lá:* Lá, diz Dante, no lugar do céo em que eu me achava, muitas cousas podem effectuar-se que aqui não podem ter lugar, e não são permittidas ás nossas forças mortaes; em razão do lugar, que era o que é feito e destinado propriamente para a especie humana, e não para os brutos.

(164) *Muito o não supportei.* « Não pude supportar o seu esplendor por muito tempo, mas comtudo não deixei de olhar para elle alguns instantes sem que eu tivesse visto que elle reluzia em roda como ferro em braza ou como ferro derretido. »

(165) *E de repente, etc.* « Immediatamente pareceu que a claridade do dia se duplicasse, como se Deos pozesse no céo outro sol. »

(166) *Rodas eternaes:* os circulos celestes, os astros que, como rodas, volteão e correm pelos céos.

(167) *Glauco.* Segundo a fabula, Glauco tendo comido

de certa herva, perdeu a cabeça, e atirou-se ao mar e foi convertido em divindade marinha.

(168) *Transhumanar.* Verbo formado por Dante, que significa passar da natureza humana a ser creature superior a ella, isto é a participar da natureza divina. Nenhuma periphrase podia verter melhor este verbo, e ser mais elegante e expressiva do que elle mesmo.

(169) *O exemplo, etc.* « O exemplo que acabo de referir seja bastante ás pessoas, ás quaes a divina graça reserva a experiencia disso, quando succeder que ellas gozem da bemaventurança celeste : » estas pessoas são todos os individuos da igreja militante.

(170) *Se eu era só tal qual tu me formaste:* « se ainda eu era o mesmo individuo humano qual tu me formaste, ou qual sahi das tuas mãos no instante em que fui gerado, Tu o sabes, ó Divino Amor, que me enlevaste e tornaste estatico com o teu esplendor. »

(171) *Essa roda que tu sempiternas desejado :* « essa roda que tu, espirito desejado de todas as creaturas, fazes sempiterna. *Sempiternar,* é outro verbo formado por Dante, e conservado na versão. »

(172) *Co' a harmonia que ouves e governas.* Os philosophos antigos suppunhão nos astros não só uma harmonia de relação entre elles, mas uma harmonia musical, resultado do seu movimento e dessas relações de proporção mutua, e quanto ás massas e quanto ás distancias : esta harmonia só era ouvida e governada pela Divindade, ou pelos espiritos elevados e participantes da sua natureza. Dante allude a esta opinião.

(173) *Ardor tal:* tal desejo de saber a causa disso.

(174) *Estando comedida :* estando bem regrada e não pervertida por essa falsa idéa : Dante diz *sacudida*, porque suppõe que um homem que faz grosseiro ou lerdo a si mesmo, fica entorpecido, e estupido e não póde sahir deste estado senão por um choque que delle o sacuda.

(175) *Da sua região raio fugido, etc.:* « raio fugido do céo, que é a região sua natural, descendo rapidissimamente para a terra, não correu com tanta velocidade, como o fizerão os teus pés, na volta da sua terra, isto é, no caminho de volta que agora fizeste para o céo, do qual sahiste por mão da divindade que lá te lançou nesse mundo. »

(176) *Se fui da prima duvida despido, etc.* « Se isso que ouvi de Beatriz risonha, em breves termos, me tirou da primeira duvida, achei me envolvido em outra maior. »

(177) *Transcenda estes corpos tão leves.* « Suba acima destes còrpos tão leves, como são o ar e o fogo, mais leves que o mesmo corpo animado. »

(178) *Do pé divino a forma:* a figura, a impressão : quer dizer os caracteres, os signaes da divindade. *Essa potencia,* Deos. *Fim para o qual é feita a dita norma:* alvo para o qual tende toda a creatura e ordem de cousas.

(179) *Nesta ordem que digo, etc.* « Na ordem de cousas que acabo de dizer, todas as creaturas tem uma tendencia por meio de varios destinos, sendo assim mais ou menos proximas a Deos, que é a sua essencia e principio. »

(180) *Nortes:* direcções, sentidos, alvos : o original diz *portos* para significar fim, termo, alvo.

(181) *Leva este o fogo, etc.* Este instincto leva o fogo a subir para o céo (Dante diz para a lua) : *nos peitos mortaes :* alguns interpretão *mortali* por corações dos brutos, nos quaes o instincto é a mola promotora das inclinações : eu creio que é melhor entendê-lo mais geralmente applicando-o a todos os entes mortaes : *engloba,* reune e fórma em globo as particulas que o compõe a terra.

(182) *Creaturas sem fulgor de mente racional :* creaturas sem a luz da razão, os brutos.

(183) *Este arco frecha.* « Este instincto fere, estimula e incita. »

(184) *Em dispôr se fecha,* se encerra, concentra ou limita a dispôr : o original diz *que tanto coordena,* isto é, que põe tanto cuidado em dispor tudo em ordem.

(185) *Co'a sua luz o céo sempre faz quedo, etc.* Com o seu esplendor sempre mantem em quietação e imobilidade o grande céo empyreo dentro do qual se move girando o outro céo que é mais movel e veloz, isto é, o primeiro movel.

(186) *E agora alli, etc.* « E agora a forte corda desse arco ou instincto que dirige os seus tiros para um alvo alegre e feliz, nos leva a esse céo empyreo como a um lugar que já mui cedo, ou desde muito tempo lhe está destinado. »

(187) *Não concorda, etc.* « A materia mal corresponde e se presta aos desejos e fins da arte, pois, como que esteja surda, não acorda do seu estado de inercia para corresponder aos desejos e idéas do artista. »

(188) *Deste andar:* deste movimento e tendencia para o céo: *póde ser levada a outra parte:* em direcção differente da que lhe é propria e destinada.

(189) *Minha estima:* a minha estimação ou opinião. « Não Não admires mais, diz ella, que tu subas de tal maneira para o céo, do que té admirarias em ver um ribeiro se escoar de cima para abaixo do monte. »

(190) *No terreiro:* na terra, no mundo material. « Seria de admirar, diz ella, que tu creatura, que és para o céo formada, não tendo impedimento algum, te ficasses lá em baixo no mundo como um fogo vivo no chão. »

(191) Com uma das comparações mais admiraveis representa Dante a milicia santa do céo, isto é, o grande bando dos bemaventurados, disposto em fórma de uma rosa. Segundo elle, no céo ha uma luz que faz visivel o Creador ás creaturas, as quaes só ficão satisfeitas em o vendo. Extende-se esta luz em figura circular, e a sua circumferenciu é tão ampla que seria para o sol um cinto demasiadamente largo. Forma-se esta de raios luminosos da divindade, reflectidos pela superficie do primeiro circulo movel do céo, que ali recebe vida e força: e como uma ribanceira se espelha na agua desde os seus pés quasi para ver quanto ella se acha adornada de hervas e flores, assim vio elle espelhar-se sobranceiro a essa luz tudo quanto voltou do mundo para o céo d'onde sahira, isto é, as almas dos bemaventurados: « E se o infimo gráo (isto é o circulo) desta gente santa e feliz mais baixo e immediato a essa luz, a contém em si, qual será, diz Dante, a largura desta rosa nas suas ultimas folhas? A minha vista na amplitude e altura della se não perdia, mas abraçava e comprehendia toda a qualidade e quantidade dessa alegria ou felicidade. Pouco mais vale ali o estar perto ou longe, que aonde governa Deos, sem intermedio algum, a lei da natureza não regula. Na parte amarella da rosa sempiterna (o centro della onde a rosa tem os estames) que vai-se dilatando, distingue-se e distribue-se em differentes gradações a fragancia, e o louvor dirigido ao Sol Eterno » Esta rosa, segundo Dante, constitue a cidade santa dos bemaventurados do céo, cujas almas estão sentadas circularmente nos differentes degráos ou folhas da mesma rosa, contemplando a Divindade. Desta rosa, da qual fallou no canto XXX do paraiso, falla agora principiando o canto XXXI.

Que no seu sangue Christo fez esposa: que Christo remio com o seu sangue, e que assim a fez agora sua esposa, chamando-a a parte do seu thalamo celeste.

(192) *Mas a outra, etc.* A milicia dos anjos.

(193) *Na flor da rama.* Dante, segundo o seu costume, usa aqui só de um verbo, e diz: se inflora, isto é, se mette dentro da flor: *da rama* é um accrescentamento na versão por causa da rima; mas accrescentamento muito apropriado. *O mel derrama.* Dante diz: *o trabalho dellas se ensabora*, isto é, o mel vai-se elaborando e tomando sabor.

(194) *Descia na gram flor, etc.* Representa aqui Dante os anjos subindo e descendo desde os bemaventurados até á divindade, e como as abelhas o mel, trazendo porções de gloria e felicidade de Deos para estes, e sentimentos de amor e adoração para aquelle. Tudo isto é verdadeiramente bello, sublime e eminentemente poetico.

(195) *De viva chamma, etc.* Representa aqui os anjos como resplandecentes e candidos, comparando-os com á neve. «A face, diz elle, dardejava luz, as azas erão de ouro, e o resto do corpo tão branco, que não ha neve que chegue a esse ponto.

(196) *De banco em banco:* em lugar de dizer de assento em assento: *ganhavão no adejar do flanco;* que elles ião adquirindo, movendo as azas ou ventilando o flanco, como diz Dante, o qual neste lugar parece admittir nelles uma especie de esplendor fosforico intermittente como nos pirilampos, que elle faz depender do movimento das azas.

(197) *Nem d'esse, etc.* Dante aqui diz que a multidão dos anjos, quando ao passar se interpunha entre os bemaventurados e a divindade, não impedia que a luz dessa passasse para elles, e que portanto lha não interceptava.

(198) *Pois a divina luz, etc.* «Porque, diz Dante, a luz divina penetra mais ou menos toda a natureza, segundo que esta é mais ou menos digna de goza-la, e por isso nada lhe póde obstar:» Estas idéas estão em harmonia com o que elle disse no primeiro terceto da Prótase do Paraiso.

(199) *Este reino.* Por synecdoche diz aqui reino em lugar de gente do reino, isto é, a população deste reino tinha ao mesmo tempo o amor, e semblante que costuma ter a gente moça e velha; e quer dizer que tinhão uma na idade media, a de Jesus Christo quando morreu.

(200) *O' trina luz, etc.* A Santissima Trindade.

(201) *Se os barbaros, etc.* Barbaros chama Dante á gente no seu tempo mui pouco civilisada do norte da Europa. *Daquelle canto,* daquelle angulo ou plaga da terra. *Que em rodar cada dia Helice cobre.* Que Helice ou a constellação da Ursa maior, cobre todos os dias no rodar que ella faz na volta de 24 horas, isto é, daquella parte da terra sobre a qual, ou no zenith da qual, a constellação da Ursa maior passa todos os dias. Esta constellação, que não é visivel aos póvos do hemispherio autral como são os do Brazil, nas regiões mais septentrionaes da Europa passa todos os dias pelo zenith dellas. — *Com o filho que faz o seu encanto.* — Com o seu filho Bootes, por outro nome Arthuro, o cocheiro ou a constellação da ursa pequena, que faz o seu amor, ou a quem ella ama tanto.

(202) *Em vendo Roma, etc.* Na época de Dante, o Vaticano e a igreja de S. Pedro ainda não estavão edificados; portanto nesse tempo a igreja de S. João de Latrão era o edificio moderno mais admiravel que existisse. Por licença usei da palavra *Laterano* em lugar de Latrão.

(203) *E eu que chegado, etc.* «E eu que das regiões da terra e das cousas humanas tinha chegado ás regiões e cousas divinas, e do que é temporario, ao que é eterno, e em um lugar aonde as pessoas que ali havia, de gente de Florença, erão justas e sãas.»

(204) *Que pasmo, etc.* «Como não ficaria mais admirado ¿ De certo no meio desse povo e dessa felicidade, eu teria preferido ficar ali mudo sem ouvir outra qualquer cousa.» Na versão accrescentei *solitario* que completa o quadro da situação em que Dante desejaria ficar para gozar sem distracção, que é além da mudez e do silencio, o estado solitario ou isolação de tudo quanto é estranho a esse gozo.

(205) *E como viajor, etc.* Compara-se Dante aqui a um viajante, que entrando em um bello e grande templo nunca visto, regozija-se pelo prazer que tem de ter chegado a ver essa raridade admiravel, e vai olhando por todo o espaço interior do mesmo templo, para tomar bem sentido no que que ali se vê, com o fito e esperança de um dia de volta no seu paiz poder contar como elle é feito. Esta é a interpretação mais natural e provavel. Porém a palavra *voto* do original podendo significar ao mesmo temor vacuo, vasio, espaço interior e voto, tanto no sentido moral como material,

poder-se-hia talvez suppôr que *suo voto* queira dizer o voto de cera, prata, pintura, ou outra qualquer materia levado e dependurado por elle no templo, e que elle gosta de ali ver, notando o lugar em que o deixa, e a bella vista que ali está fazendo. Esta segunda interpretação é muito forçada. Comtudo, se houver quem a prefira em lugar de *o seu espaço* leia *o proprio voto.*

(206) *Passeando:* refere se talvez aos olhos e não a elle.

(207) *Caridosos semblantes:* o original diz a *carità suadi:* que persuadem, que inspirão caridade: *suadi* é latinismo de *suadus suada*, persuasivo. *Bellos de alhea luz:* Embellezados pela luz que lhes vinha de Deos, e pelo riso que vinha delles.

(208) *A fórma universal:* o todo geral. Já Dante tinha feito uma idéa geral do paraiso, sem ter contemplado particularmente algum dos pontos desse lugar de bemaventurança.

(209) *E com novo desejo:* « E eu já cheio de um novo desejo me havia voltado para Beatriz minha guia, a fazer perguntas ácerca das cousas que tinhão posto em suspensão ou em duvida a minha mente. »

(210) *Um escutava e outro respondia.* A palavra *intendeva* do original é susceptivel de dous sentidos: *escutava* ou *pensava*, prefiro a primeira versão: neste caso Dante quer dizer que elle, havendo dirigido uma pergunta a Beatriz, esta fôra sim quem a ouvira mas quem a elle respondia era outra pessoa; pois nesse instante em que elle dirigira a pergunta a Beatriz, esta se separára delle, e fôra ter ao seu assento celestial, e havia mandado em seu lugar um santo velho para responder a essas perguntas e satisfazer a esse requisito. Este santo velho era S. Bernardo, que como grande theologo pareceu a Dante mais proprio para entrar nessas questões theologicas do que o fosse uma mulher. A outra versão viria a dizer; « eu pensava uma cousa e outra me succedeu: pois pensando que estava com Beatriz, achei me com um santo velho. » Todos convirão que a primeira interpretação é a melhor e mais natural segundo as palavras empregadas pelo autor. *Dos ditosos os trajes revestia.* Que estava vestido como os bemaventurados do céo.

(211) *Diffuso* em lugar de espalhado, como no original em lugar de *sparso: em modos piedosos* com attitude religiosa e pia.

(212) *E, onde está ella?* Dante vendo S. Bernardo em lugar de Beatriz, fica admirado, e pergunta immediatamente: «— Onde está ella? onde foi?» E este lhe responde que vem em lugar della satisfazer-lhe o desejo ou o intento, pois ella o fizera sahir do lugar ou assento da sempiterna rosa em que se achava. *Essa amante:* Beatriz, tua amante.

(213) *Terceiro giro*, o terceiro dos circulos ou assentos circulares da rosa sempiterna. *Do mór degrao*; — do — aqui é ablativo, e equivale a *des do*, ou a principiar do maior degrau: no original ha *del* em caso genitivo, porém talvez seja um erro, e se deva lêr *dal* em caso ablativo; porque aliás viria Dante a dizer que o *summo grado*, o mais alto degráo, estava dividido em tres giros: divisão que se não vê indicada em todo este trecho a respeito da rosa sempiterna e a respeito dos outros degráos. Deve se tambem atteuder que as vezes na lingua italiana usa-se o genitivo em lugar do ablativo.

(214) *A ella vi que a si mesma, etc.* Vi a Beatriz que formava ella mesma a si um resplendor circular, ou uma grinalda de luz, reflectindo o esplendor da estrella eterna, isto é, da Divindade.

(215) *Da região, etc.* «Nenhum olho mortal, diz aqui Dante, de quem estando em mar se abaixa o mais que póde, dista tanto da região do céo mais alta, onde tem lugar a trovoada, quanto a minha vista, ou os meus olhos distavão de Beatriz.» Ha quem interpréte as palavras do original *più giù s'abbandona* por «se lança mais profundamente no mar» isto é, no fundo do mar: mas esta parece-me uma interpretação poucon acertada. Dante mencionando o olho mortal, suppõe que elle gosa da vista: ora, como é possivel que o olho de qualquer pessoa no fundo do mar, e no fundo o mais baixo, como o suppõe Dante, possa ainda, não direi ver mas estar vivo? E' mais natúral suppôr que as palavras *più giù* se referem á superficie ou nivel do mar, que é a parte mais baixa a que o olho do homem póde descer e ainda ver os objectos mais altos que elle, e é a parte mais baixa a que se póde inclinar da prôa ou do bordo de qualquer navio que anda no mar.

(216) *Mas nada era p'ra mim.* «Mas essa distantancia, diz Dante, nada era para mim, ou nada prejudicava aos meus olhos, porque a imagem de Beatriz chegava até a mim, e

aos meus olhos immediatamente, sem passar por meio nenhum, isto é, sem que os raios luminosos, que m'a trazião, tivessem de passar pelo ar atmospherico, e soffrer assim alteração ou mistura, por causa da refracção, diffracção ou ou qualquer outra modificação da luz. » Para ver as cousas no céo dos bemaventurados, como elle já disse em outra parte, tanto vale estar perto como estar longe: nesse mundo nada regula a distancia, nem as leis ordinarias da natureza mundana.

(217) *Mulher da minha esp'rança esteio.* « Mulher que foste meu guia, e que ainda és o apoio da minha esperança, porque ainda espero gozar da angélica vista no céo, e ali chegar ao gozo desta ventura e da gloria eterna por tuas preces intercessoras para com Deos. » *Tens quisto:* tens querido: expressão antiquada, e, em portuguez, do cunho de muitas de Dante no italiano. *No infernal seio.* Allude a que Beatriz desceu do céo até ao cimo do Purgatorio para de lá ir conduzi-lo no Paraiso, substituindo a Virgilio que desapparece no canto XXX do Purgatorio.

(218) *Em tantas cousas quantas tenho visto, etc.* « Pelas tantas cousas que guiado por ti eu tenho visto no Paraiso, eu bem descubro o favor, e a força do teu poder e da tua bondade. »

(219) *Conserva em mim os teus presentes todos.* « Faze, pela tua intercessão para com Deos, que a divina graça deste concorra para que eu conserve em mim essas virtudes que forão teus presentes, para que esta minha alma tornada assim sãa por tua influencia, quando occorrer que deva partir deste mundo, deixe este corpo inda querida de ti por ser virtuosa, e nada ter que se lhe note ou reprehenda. « *Apodos*, segundo os diccionarios, é uma comparação ridicula; um nome ridiculo que se dá por irrisão; um dito agudo e engraçado. Nos dous primeiros sentidos poderia aqui ser tomado, significando então *sem apodos*, sem ser pelos seus defeitos digna de uma comparação ou de um nome ridiculo: » porém ha outro sentido em que vulgarmente esta palavra é empregada, e que eu creio mais expressivo e natural, porque é uma applicação metaphorica da significação ethimologica deste termo, o qual vem de *apodar* ou *cortar*. Neste caso *apodo* significa o mesmo que córte, critica ou censura. *Prestar-se a apodos*, quer dizer: dar motivo de que se córte na sua con-

ducta, expôr-se a ser criticado; e é neste sentido que eu o empreguei.

(220) *Afastada:* Distante: *fonte increada:* fonte eterna: a Divindade. Beatriz dezpede-se aqui de Dante com um sorriso, e depois torna a mergulhar toda a sua attenção na contemplação da Divindade. Nenhum poeta elevou jámais a sua amada a um gráõ de gloria tão sublime como Dante. Petrarca não fez senão um elogio pouco mais que vulgar da sua Laura, a qual mesmo no céo parece conservar ainda restos de imperfeição mundana, quando elle diz que a vio la menos altiva, e quando ella diz relativamente a si — *se il desir non erra* — se o meu desejo se não engana. Ossian fez da sua Eviralliна uma bella e amavel alma do outro mundo, que ainda anda neste por cima das nuvens. Dante fez da sua Beatriz o mais que se póde fazer de uma creatura humana. Neste ponto ninguem ainda igualou, nem talvez igualará jámais a imaginação e o coração de Dante.

PETRARCA.

FRANCISCO PETRARCA, filho de Petracco, tabellião de notas, Florentino, nasceu em Arezzo aos 22 de julho de 1304, achando-se seus pais desterrados de Florencia, por pertencerem á facção dos Brancos; e falleceu em Arquá em 18 de julho de 1374. Estudou grammatica, rhetorica e dialectica em Pisa, Avinhão e Carpentrás; e a jurisprudencia em Montpellier e Bolonha. Obteve varias dignidades todas ecclesiasticas mas nunca se quiz ordenar, recusou um bispado, e foi muito estimado e honrado por differentes principes da Europa, que todos porfiavão em o encher de titulos, e diplomas, e em o quererem a sua côrte, encarregando-o de embaixadas e altos negocios. Em 6 de abril de 1327 assistindo na sexta feira santa aos officios divinos em uma igreja das freiras de Santa Clara em Avinhão, namorou se de LAURA, filha de Odiberto de Noves, casada em idade de 18

annos com Hugo de Sades, a qual desde essa época foi o objecto dos suas rimas no decurso de 30 annos. Para distrahir a sua paixão, em vão combatida e pela sua consciencia e pela honestidade da sua querida, viajou pela França, Flandres, Hespanha e Inglaterra, e voltou á Italia, d'onde depois tornou á França, e a final novamente a Italia onde escolheu para seu retiro *Arquá* ou *Arquato*, lugar delicioso em um dos Colles Euganeos, no qual edificou uma pequena casa e aonde morreu de febre perniciosa lethargica. Durante a sua estada em Avinhão escolheu para seu retiro o sitio de *Vaucluse*, perto da celebre fonte que cantou com os seus versos. Em 1348 perdeu a sua querida *Laura*, cuja morte chorou por longo tempo em suas rimas. Em 1339 principiou a escrever o seu poema latino intitulado a — Africa —, do qual esperava grande celebridade, mas que hoje ninguem lê, e que á final lhe não valeu a reputação que lhe adquirio um dos seus sonetos. O chanceller da universidade de Paris lhe escreveu convidando o a ir receber a corôa poetica; mas recebendo igual convite do senador de Roma *Urso dell'Anguillara*, preferio aceitar a corôa da sua patria, e foi coroado pelo dito senador em Roma na presença do povo em 8 de abril de 1341. Recebida a corôa, elle a offereceu a immagem de S. Pedro no Vaticano. Em 1327 sympatisou com a tentativa de *Cola di Rienzo* para restabelecer o antigo governo da republica romana; em 1350 recorreu ao Imperador Carlos V para induzi-lo a melhorar a sorte da Italia: as mesmas instancias fez com o papa Clemente, que residia em Avinhão; e persuadiu a Urbano V a transferir a santa Sé para Viterbo. De todos os poetas classicos italianos, é Petrarca, o que manifestou mais em sua vida e em seus versos um espirito nacional e patriotico italiano; espirito de união geral de animos, e não de estados em um só, e affeiçoado ao socego dos povos, á paz e união dos principes Italianos entre si para fazerem respeitar o paiz commum, e não serem ludibriados pelos estrangeiros. O corpo de Petrarca foi sepultado com grande pompa em Arquá diante da porta da igreja em uma grande urna de marmore vermelho, sustentada por 4 columnas. Esta urna, erecta em 1380, achou-se em 1630 arrombada, e deu-se com a falta de um braço do poeta. Nunca se pôde saber o autor deste attentado; porém ultimamente apparecêrão documentos, pelos quaes se prova que os

mesmos Florentinos que baniram a sua familia, mandárão fazer isso por um frade chamado *Thomaz Martinelli* para obterem uma reliquia do grande poeta seu patricio; reliquia que á final não lhes chegou ás mãos, e foi parar no museu de Madrid. Que gloria para o Petrarca e para a arte divina da poesia hoje tão pouco apreciada!

As poesias italianas de Petrarca compõe uma collecção de rimas que contém 317 sonetos, 29 canções, 7 sextinas, 11 ballatas. e 12 capitulos ou cantos em terça rima denominados — *Triumphos* —. São divididas em tres ou quatro partes. Algumas edições trazem algumas rimas attribuidas ao Petrarca, que, se não são apocriphas, é mui duvidoso que sejão realmente da sua penna.

« O Petrarca (como eu disse nas notas aos meus Gemidos Poeticos sobre os tumulos), poeta erotico e sentimental, aperfeiçoou a lingua italiana, dando-lhe toda a belleza e doçura possivel..... O amor nos versos de Petrarca é um sentimento verdadeiramente puro, nobre e divino: isento de toda a sensualidade.... uma paixão angelica. Por isso póde-se dizer que esse amor que nas poesias dos gregos e latinos sempre apparecia nú e sensivel, nos versos de Petrarca acha-se coberto (como diz Foscolo) de um candido véo que o torna mais bello. » Se a ira foi a musa de Dante, o amor, a afflicção e o patriotismo italiano forão as de Petrarca. O estylo delle é sempre serio, grave, e em geral facil, claro e natural; a versificação mui suave e harmoniosa: comtudo em alguns lugares o estylo é um pouco embaraçado, escuro e estudado, mas nunca empolado e campanudo. Quanto ao fundo da poesia, ainda que lyrico delicado no seculo da renascencia das letras, a sua esphera é mui angusta, monotona, uniforme, quasi sempre limitada a pequenos assumptos, tratados mesmo, quando altos, mais com discreção e frieza academica, do que com o fogo e impeto do genio: anthitheses, joguinhos de palavras, conceitinhos estudados e pouco claros, e mais ou menos forçados e torcidos apparecem ás vezes no meio de outros em geral vivos, simplices e delicados, e no meio de idéas nobres, vigorosas, espontaneas e claras. Poucas vezes é tão obscuro como Dante, mas nunca tão aspero, nem tão forte e profundo. Bettinelli, que tanto mal disse de Dante, espraiou-se em muitos louvores ao Petrarca nas suas cartas escriptas por Virgilio dos Elysios; mas não póde atu-

rar os seus imitadores, que, sem a delicadeza e originalidade delle só lhe copiárão as mediocridades e os defeitos, inundando a Italia de Petrarchescos tão enfadonhos quão insipidos. Petrarca deve ser lido e estudado por todo Italiano que aspirar a ser bom poeta e litterato do seu paiz, e a escrever bem com nitidez.

Na versão de algumas de suas rimas, que apresento neste ramalhete, cuidei em conservar os caracteres que distinguem o original, cuja mais preciosa qualidade consiste mais no caracter do estylo e belleza da linguagem, do que no fundo da poesia. Teria sido grande erro o contentar-se ou esmerar-se mais na conservação e exacta reproducção das idéas como faz a maior parte dos traductores. Por isto, salvo os casos em que a rima imprime caracter especial e saliente á metrificação, pouco me importei com os consoantes, admittindo-os só nos casos em que se apresentavão espontaneamente sem alterar a doçura do verso, e a qualidade peculiar do estylo; procedimento que julgo não póde prejudicar muito nas canções, aonde os consoantes são as vezes tão espalhados e distantes, que pouco ou nada se tornão sensiveis.

(1) *Vós que escutais.* Vós leitores: *em variado verso* em versos de varias qualidades. O original diz: *rimas espalhadas*, isto é, versos varios e não unidos em um só corpo; *juvenil destento:* desatino, loucura da mocidade: o contrario de tento, que significa juizo, discernimento.

(2) *Ninguem adverso:* ninguem me será contrario, e se me perdoará o que eu tiver feito.

(3) *Fabula longa do povo:* ludibrio dilatado do povo.

(4) *O que agrada ao mundo:* as cousas que no mundo são agradaveis: o original diz *ao mundo*, mas é claro que *ao* equi está em lugar de *nel;* com efeito Petrarca falla de si que se agradou, e não do mundo ao qual tenha agradado.

(5) *Canto co'a voz presa:* « não solto bem a voz quando canto: o meu canto é pouco sonoro, e quasi mudo ou rouco. »

(6) *Intento:* em lugar de idéa ou pensamento.

(7) *Bem que, etc.:* « ainda que a maior virtude della que é a honestidade conjugal, seja o que mais me mata de afflicção. »

(8) *Terceiro céo.* O planeta de Venus, onde se suppunhão ir as almas dos amantes.

(9) *Se o querer não erra:* se o meu desejo se não engana. Esta expressão na boca de um espirito bemaventurado do

céo, tem sido censurada; porque esse espirito deve ser perfeito e insusceptivel de engano. Póde-se desculpar Petrarca, dizendo-se que o céo de que elle aqui falla não é o paraiso christão, mas o céo pagão: *te dei tanta guerra:* « combati tanto a tua paixão resistindo-lhe. »

(10) *E antes da tarde conclui meu dia:* « morri cedo antes de chegar á velhice que é a tarde da vida. »

(11) *E lá embaixo, etc.:* « e o meu bello corpo, véo da minha alma, ficou lá embaixo no mundo. »

(12) *Em grelo:* em estado de erva tenra, ou no verdor da idade.

(13) *A vida ao fim e o dia á noite louva.* Rifão ou proverbio, que corresponde ao nosso: *não gabes a festa antes de acabada.*

(15) Para entender este lugar e os mais é preciso saber que Petrarca allude allegoricamente ás differentes mudanças ou vicissitudes da sua vida, fazendo-se passar por seis metamorphoses: a 1ª, em louro, allusiva á corôa poetica por elle adquirida; a 2ª em cisne, allusiva á circumstancia de lhe ter apparecido cabellos brancos na idade de 25 annos; a 3ª em pedra, allusiva ao seu estado moral, á sua estupefacção pela belleza e desengano de Laura; a 4ª em fonte, emblema do seu pranto; a 5ª em pedra ou dura silex, emblema da sua insensibilidade e afastamento do mundo; a 6ª em veado fugindo aos cães, emblema dos remorsos de consciencia e da fuga dos prazeres mundanos.

Ouvindo: eu talvez não sou qual pensas. « Ouvindo dizerme della: eu talvez não sou tão insensivel e cruel como pensas: tenho dó de ti; mas o meu dever me veda de aceder á tua paixão. »

(16) *A fazer-me chorar volta meu dono:* estas palavras em tom imperativo, são dirigidas ao Amor que elle chama de seu dono.

(17) *Quem tal não era:* quem não era digno de compaixão.

(18) *Nelle se espelha:* toma exemplo delle e o imita.

(19) *Dos meus cães fujo o bando:* fujo aos meus remorsos. Allude a fabula de Acteão que foi devorado pelos cães de Diana por ter tido a curiosidade de olhar para ella estando a banhar-se.

(20) *Nem por nova figura:* nem por ter tomado nova figura.

(21) Esta canção é uma das mais bellas pela sua moralidade: ella mostra o effeito poderoso e salutar da belleza virtuosa sobre os corações que tambem são taes: nelles a vista della longe de despertar feias e viciosas paixões, leva a mente a reflexões sublimes, e o coração a sentimentos pios e generosos. Petrarca, nos olhos de sua amada, em lugar de ver o encanto e prazer sensual, vê *uma luz tão doce que lhe indica o caminho que leva ao céo.*

(22) *Lá dentro, etc.* Nos vossos olhos, isto é, dos vossos olhos conheço os movimentos do vosso coração.

(23) *Primo afan*: primeiras afflicções amorosas.

(24) *Ao contrario*: ao mal, que é o contrario do bem.

(25) *Ajudar-me podera*: me poderia valer no vosso benigno conceito: poderia acreditar-me para com vós.

(26) *Ultimos elos*: ultimos aneis a que se prende a esperança dos amantes.

(27) *Clara, fresca e doce agua.* E' indiferente aqui servir-se do singular ou do plural como ha no original: este não era possivel sem fazer passar algumas das palavras deste verso para o seguinte, o que diminuiria muito a belleza da versão.

(28) *A unica que adoro.* Petrarca diz: *a unica que me parece mulher*, isto é, a unica pessoa que exerce sobre mim a influencia de mulher, e me obriga a ama-la.

(29) O abandono e doçura deste verso são mui notaveis, tanto no original, como na versão: por engano imprimio-se aqui *suspirando* em vez de *lagrimando.*

(30) Nada é mais ensoço do que este feche depois de uma canção tão bella.

(31) *O que buscas é terra*: o meu corpo que procuras, está reduzido a terra.

(32) Esta bellissima e pia canção, é o hymno mais religioso e divino entoado pela lyra de Petrarca; e mostra a religiosidade do seu coração.

(33) *Nos extremos dias*: nos ultimos dias da vida, ou na setima e ultima idade do mundo que é a posterior á vinda do divino Salvador.

(34) *O pranto de Heva*: as lagrimas que Heva causou com a sua transgressão.

(35) *Peço, etc.* Petrarca aqui diz: « em cujas santas chagas eu peço que tu, verdadeira bemfeitora, fartes ou tornes satisfeito o meu coração.

(36) *A tal é terra*: aquella que amei é hoje pouca terra.

(37) *Todo o anhelo. etc.* « Se ella tivesse tido outro desejo differente destes sentimentos, isso para mim teria trazido afflicção mortal, e causado infamia a ella por ter faltado aos seus deveres.

(38) *Medusa.* Allude aqui á fabula da cabeça de Medusa que petrificava a quem olhava para ella: por Medusa entende a sua *Laura.*

(39) *Principio commum*: póde aqui entender-se ou Deos, principio commum de todas as creaturas, ou origem commum de todos os homens.

(40) Esta canção é o hymno patriotico de Petrarca. E' dirigida aos principes italianos, que fiados nas promessas e auxilios dos principes estranhos, guerreavão-se uns aos outros, e chamavão em seu soccorro os estrangeiros, cujos exercitos vinhão innundar e devastar a infeliz Italia. Petrarca esforça-se para os persuadir da conveniencia e necessidade da paz e boa armonia entre elles. Ella foi escrita na occasião em que as tropas de Ludovico o Bavaro chamado em Italia pelos Guibellinos invadia este paiz com as suas tropas.

(41) *Vós aos quaes, etc.* « Vós, principes italianos, aos quaes coube ter de governar o bello paiz, do qual, pela maneira com que o tratatais, parece que não tendes dôr alguma, dizei-me um pouco: que fazem aqui tantas tropas estrangeiras? São para que ellas derramem o seu sangue? cuidais que esta gente dará o seu sangue para vos defender? Estais enganados: pensais que tendes grande vista politica, e sois uns cegos, que buscais apoio nas espadas dos estranhos, e não no coração dos vossos subditos e no auxilio de vossos compatriotas visinhos. Aquelle de vós que deste modo possue mais tropa, é rodeado de maior numero de inimigos. Que alluvião é esta de gente ajuntada de desertos estranhos para innundar os nossos caros campos? Se somos nós mesmos Italianos os que com as nossas mãos nos formamos esta desgraça, quem haverá que nos salve? » Tal é aqui a energia e patriotica falla de Petrarca.

(42) *Psora* termo technico synonimo de sarna: o termo sarna é um pouco baixo e nimiamente vulgar, e caberia mui mal, como se Petrarca usasse do termo vulgar *rogna* em lugar do termo scientifico *scabbia.*

(43) *Nos deu um parto:* nos produzio um só parto: ou somos filhos do mesmo pai e da mesma mãi.
(44) *Mandou* ao coração, etc.; levou e fez penetrar no coração com a sua falla.
(45) *Como agradou:* como foi da divina vontade.
(46) *Que lucro temos.* Algumas edições trazem *a noi:* e outras *a voi:* a primeira lição parece-me mais natural.
Ao prisco albergue: ao céo, sua antiga morada.
(47) *Novo mensageiro:* novo trabalho poetico.

ARIOSTO.

LUDOVICO ARIOSTO, nasceu em Reggio, em 8 de setembro de 1474, governado seu pai Nicoláo aquella cidade em nome de Hercules I, duque de Ferrara, e falleceu nesta ultima, reinando nella o duque Affonso I. Estudou elle primeiro a jurisprudencia para obedecer e satisfazer a seu pai, o qual á final vio-se obrigado a deixa-lo em liberdade de seguir a applicação que mais lhe agradava, que era a da litteratura. e sobre tudo a da poesia. As suas poesias lyricas latinas e italianas, então muito apreciadas, lhe grangeárão conhecimento e relações com o cardeal Hyppolito. filho do duque Hercules I, o qual o admittio na sua côrte; e conhecendo que Ariosto possuia não só o talento poetico, mas o de tratar habilmente qualquer alto negocio, o empregou muitas-vezes não só nos seus negocios, mas nos de seu irmão Affonso I, succedido ao pai. Ariosto não só servio mui bem diplomaticamente ao duque seu amo em duas missões com caracter de embaixador ao papa Julio II, enfadado então contra Affonso. por ter este declarado a guerra aos Venezianos, e contrahido liga com o partido Francez, mas combateu tambem por elle como valoroso militar, contra as tropas pontificias junto do Pó, e ajudado de alguns fidalgos apresou uma das melhores embarcações da armada inimiga. Para

agradar ao dito cardeal, lembrou-se de compor um poema no qual podesse louvar a elle e á sua casa; e emprehendeu a continuação da têa poetica urdida. pelo conde *Boiardo* no *Orlando innamorato*, do qual o *Orlando furioso* de Ariosto não é senão uma continuação. Elle principiou este poema em *Terça rima*; porém depois resolveu-se a fazê-lo em *Oitava rima*, e o publicou em 1516 com 40 cantos, que depois corrigio e augmentou até o numero de 46 com 4,862 oitavas, ou 38,896 versos; isto é quasi o triplo do que depois escreveu o Tasso; mas inferior, em numero de cantos oitavas e versos ao de Boiardo ao qual é muito e muito superior em estylo, e viveza de pinturas e belleza de linguagem. Tentou depois compôr outro poema, do qual só fez 5 cantos em oitavas, que fôrão publicados depois da sua morte, e que alguns se lembrarão de os inserir depois no mesmo poema. Compôz tambem 7 satyras e 5 comedias. Estas ultimas tem por titulo: *I Suppositi* (Os suppostos) *la Cassaria, la Lena il Negromante, la Scolastica*: esta ultima não está terminada, e todas são em versos esdruxolos para imitar os versos iambicos dos comicos latinos; e forão representadas na côrte de Affonso, no theatro ducal com grande magnificencia e successo. A' final malquistou-se com o cardeal Hyppolito por ter recusado acompanha lo na sua viagem á Hungria. Morto o cardeal, Affonso o quiz junto de si; e em 1522 confiou lhe o governo da Garfanhana. Depois de alguns annos de tranquillidade na côrte de Affonso, nos quaes se deu a corrigir o seu poema, pouco depois da publicação da edição deste de 1532 que elle inspeccionou, adoeceu gravemente de mal da bexiga que em cinco mezes o levou ao marasmo e á morte. Foi sepultado com muita simplicidade na igreja velha de S. Bento: depois lhe foi erigido um tumulo melhor na igreja nova dos Benedictinos.

O poema de Ariosto versa sobre as guerras de Carlos Magno com os Mouros em França e as façanhas dos Paladinos: e volve-se todo nesse circulo romantico do Carlos Magno mitico, ao qual deu origem a chronica de Turpino, que o mesmo Ariosto cita muitas vezes, e que foi a mina onde cavára *Boiardo*, para compôr o seu *Orlando innamorato*, e aonde cavárão Pulci e Lippi para compôr aquelle o *Morgante maggiore*, e este o seu *Malmantile racquistato*, e depois *Fortiguerri* o seu *Ricciardetto*, poemas todos mais ou menos burlescos ex-

cepto o primeiro, mui fraco quanto ao estylo, e a linguagem, mas mui vario quanto a immaginação e do qual Ariosto não só muitas passagens imitou, mas até copiou versos. O poema de Ariosto, ainda que em geral serio, recende em algumas partes o burlesco, e o estylo do poeta igualmente, o qual não é sempre serio nem sublime, mas até as vezes baixo e jocoso, mesmo nas occasiões as mais atrozes e serias, nas quaes o poeta saca-se com lembranças de verdadeiro gaiato, taes como aquella em que se lembra de dizer que Rodomonte no assalto de Paris, fazendo um destroço horrivel, fazia nas cabeças corôas maiores que as fradescas. Porém é preciso confessar que este gaiato, e tão louco as vezes como o seu Orlando, faz muitas outras vezes como este, cousas espantosas e de subido heroismo na qualidade de poeta. Elle mereceu o nome de *Homero Ferrarense*, e grande disputa houve acerca da preminencia entre elle e o Tasso. Em geral, convém todos que quanto á variedade e viveza de immaginação e naturalidade de estylo é superior ao Tasso. mas que a elle é inferior em dignidade e uniformidade de estylo, em harmonia, e magestade de versificação, magnificencia de quadros, delicadeza de sentimento, belleza e fidelidade de caracteres e plano geral do poema. Veja-se a este respeito o juizo comparativo de Bettinelli em verso que nesta occasião é mais acertado do que aquelle que fez de Dante nas suas cartas de Virgilio.

(1) Verso e começo mui semelhantes ao de Camões na Lusiada.

(2) *Troiano.* Pai de Agramante, matado por Orlando, como narra Boiardo no seu poema.

(3) *Prole Herculea.* O cardeal Hypolito d'Este, filho de Hercules, duque de Ferrara.

(4) Compare-se esta pintura da fuga de Angelica com a de Herminia do Tasso, e ver-se-ha a differença dos dous poetas. Ariosto occupa-se em pintar a impressão dos objectos externos sobre os sentidos da fugitiva; Tasso, a impressão causada sobre o coração e o estado interior della. Angelica só foge com medo; Herminia com medo e afflicção.

(5) Este verso é menos harmonioso que o do original, mas muito mais proprio para pintar o desconcerto da fugitiva.

(6) Ariosto nomea tres especies de arvores, azinheiros,

ulmeiros e faias; porém todos conviráõ que neste caso a especie nada faz para o caso, e que estas tres qualidades de arvores são aqui mencionadas para mostrar a *variedade de arvores*: logo não é preciso na versão menciona-las exactamente, e basta dizer *arvores varias*. Isto que aqui digo sirva para outras occasiões em que fiz o mesmo, sobretudo occorrendo nomes de plantas em plural que em portuguez não permittem elisão por causa do *s* final, e não podem caber no verso como no italiano em que o plural sempre acaba em vogal como o singular.

(7) *C'o cuvido attenta.* Attentar c'o ouvido, reparar com ouvido; dar com o ouvido por um som ou bulha. Não sei se será admittida esta expressão porque attentar implica sempre attenção, e a bulha pela qual neste caso a Angelica dá com o ouvido a ouve mais porque esta lhe fere o ouvido do que por ella prestar attenção; todavia me parece admissivel.

(8) Sacripante.

(9) Ao Etna, vulcão da Sicilia, chamão hoje em dia vulgarmente os sicilianos, e os italianos *Mongibello*.

(10) *Esguarde*, em lugar de *esguardo*, olhar; licença poetica.

(11) *Arrenegada*: o original diz *ingrata*, mas *arrenegada* é mais proprio e vulgar.

(12) *Propria*: por licença poetica deve-se ler propia tanto no italiano como na versão, supprimindo o r.

(13) *Lirios de ouro* a flor de lis, distinctivo das armas antigas de França.

(14) *Nabatheos* ou *Nabutheos* povos da Arabia ao oriente da Idumea, e descendentes de Nabajoth, primeiro filho de Ismael.

(15) Emquanto Sacripante está pondo o seu pensamento em Angelica como se vio no trecho antecedente, e já se faz com terra de regalar-se com ella, fica desconcertado nos seus planos amorosos pela presente aventura.

(16) *Mudo e callado* pleonasmo que vem no original, assim como o que se segue.

(17) *Dar rodeio*: dar volta.

(18) Albraca, ou Albracca, ou Albraque: lugar onde houverão batalhas cantadas pelo Bojardo.

(19) Quem pega na redea é Angelica. Ariosto pouco se importa com as transições, e com os antecedentes: muitas

vezes passa de um individuo e objecto ao outro sem relativo algum.

(20) *Ardenna* : Ardennes lugar de França.

(21) *O rogo estira* : *estirar o rogo* vale insistir muito no rogo, estender o rogó além dos limites ordinarios, isto é, um mais que rogar simplesmente; é o que significa o *scongiura* do original.

(22) Batalhas de Albraca : as batalhas narradas pelo Boiardo em que Sacripante fez proezas.

(23) Ariosto acabou com o trecho antecente o seu canto 1°. com esta oitava principia o seu canto 2° continuando a historia.

(24) Não de troço, não parcialmente, mas com o corpo todo.

(25) *Fusberta* : nome da espada de Rinaldo.

(26) *Artes de Berlique* : artes do demonio, *artes magicas* : Berliques e Berloques, são nomes diabolicos.

(27) *Gropa*, em lugar de grupa ; licença poetica.

(28) *Affastadas* : differentes.

(29) *Sapo venenoso*. Os sapos sempre forão tidos como venenosos ; os naturalistas hoje dizem o contrario.

(30) *Um côrte* : um pedaço.

(31) *Alvas flores* : o original diz só *ligustros*. Os ligustros são flores brancas segundo diz Virgilio. *Alba ligustra cadunt vaccinia nigra leguntur*. Não se sabe ainda bem que flores erão estes *ligustros* ; porém parece mui plausivel que elles sejão o denominado pelos botanicos *ligustrum vulgare*, e que os fructos delle são os *nigra vaccinia*. Tal é a opinião do meu mestre. Prof. D. Viviani no seu lexico Zoo-Botanico Virgiliano que acompanha a traducção de Virgilio pelo padre Solari. Talvez *vaccinium*, é uma corrupção de *baccinium* baga ou bagame.

(32) *A's mossas reservados* : reservados em se prestarem ás mossas, ás emoções amorosas; isto é, não faceis a deixarem-se abalar.

(33) *Argos*. Cão de cem olhos segundo a fabula. Para dizer que as outras partes erão invisiveis ou cobertas pelo traje, Ariosto diz que Argos com os seus cem olhos não as poderia ver.

(34) Rugero tinha ouvido a uma murta em que Alcina mudára Astolfo, lamentar-se, contando-lhe o atroz caso como Polydoro a Eneas em Virgilio.

(35) *Sobre a areia*: na areia do campo.

(36) Ganymedes copeiro de Jupiter, substituido a Hebe, depois do fatal infortunio que o vento causou a esta levantando-lhe as saias.

(37) *Ineffavel bondade*: a Divindade. Carlos Magno acaba de dirigir a Deos uma supplica implorando protecção e amparo contra os Mouros que se dispunhão a dar o assalto á cidade de Paris, e a Divindade attende aos seus rogos.

(38) *Deu quartel*: deu descanço, poupou. *Dar quartel* vale poupar.

(39) *Comtigo venha.* Os italianos usão ás vezes do verbo vir nos casos em que os portuguezes empregão o verbo ir; porém aqui o verbo *vir* póde usar-se portuguezmente, porque Deos quando falla suppõe se sobre a cidade de Paris, e mandando ao Archanjo S. Miguel que vá convidar o Silencio para o acompanhar na empreza de salvar Paris, este tem de vir de um lugar distante para outro que se suppõe presente ou perto da pessoa que falla que é a Divindade.

(40) *Valhe*: por valha: licença poetica.

(41) Compare-se esta pintura do Archanjo S. Miguel com a do Archanjo S. Gabriel do Tasso, e ver-se-ha quanto a deste é superior, e mais propria do que a daquelle. Ariosto pinta S. Miguel como um ente mortal, ou como uma divindade de Homero, capaz de todos os defeitos humanos: assim este teme de errar, e depois quando pune a Discordia a trata a socos e pontapés, e lhe rompe um cabo da cruz nas costas, como faria qualquer homem ordinario na sua colera. Isto na verdade se não é zombaria é pouco digno de um espirito celestial e da categoria de S. Miguel. Tasso não procede assim: a sua pintura de S. Gabriel é toda cheia de dignidade celestial, e o mesmo é outra do Archanjo S. Miguel em outro canto.

(42) *Os mementos*, O original diz os psalmos. Psalmos aqui está em lugar de qualquer cantoria sacra, e póde-se portanto substituir a esta palavra qualquer outra que indique algum dos cantos sacros: é o que fiz por causa do consoante.

(43) Esta rajada contra os conventos e os frades não deve ser attribuida em Ariosto a um espirito escarnecedor, sarcastico e irreligioso, mas a ingenuidade e facecia de um espirito franco e gaiato que brinca ás vezes sobre os defeitos das cousas hu-

manos com a jovialidade mais serena da mesma fórma como diz Persio.

Omne vafer vitium ridenti Flaccus amico
Tangit et admissus circum præcordia ludit.

Os conventos e os frades são instituições humanas, e por isso susceptiveis de todos os defeitos e corrupções como qualquer outra instituição boa. No tempo de Ariosto e no de Boccaccio a corrupção tinha com effeito muito lavrado nelles, mas convém dizer que nos ultimos tempos quando a philosophia irreligiosa do seculo passado os combateu, derribou e quasi extinguio na Europa, elles tinhão muito melhorado, e erão dignos, sim, de uma boa e rigorosa reforma, mas não de absoluta proscripção. A sua instituição considerada, tanto relativamente á utilidade religiosa, como á civil e politica não é tão má e detestavel como a querem pintar os inimigos da religião e do throno; antes pelo contrario póde ser muito util quando nella se observe rigorosamente a sua disciplina, e se previna todo excesso limitando-se o numero dos conventos e dos frades, nunca permittindo que elles saião do do circulo que lhes prescreve a sua missão religiosa. Se o contrario aconteceu, a culpa não tem sido, tanto dos frades, como dos governos, que permittirão prevaricações para serem ajudados nas proprias. O mesmo póde succeder com qualquer outra instituição, sem que por isso se deva detesta-la e proscreve-la. Basta lembrar-se que a essas instituições se deve a conservação da antiga litteratura, e que a não terem sido ellas a Europa, talvez ainda estaria barbara e ignorante, para que qualquer homem cordato, e não levado de espirito de partido, jámais possa applaudir á sua absoluta extincção. Ariosto ingenuo confessa que os vicios que havia nos conventos erão corrupções e degeneração: que antigamente havia nelles virtudes contrarias a estes vicios. Venhão pois essa antiguidade e essas virtudes, e os frades com ellas: afastem-se os vicios, mas não se proscrevão as virtudes.

(44) *Ave.* Allude á saudação angelica *Ave Maria*, feita pelo arcanjo S. Gabriel á Nossa Senhora.

(45) *Sequaz d'Elias;* Os carmelitas.

(46) *Escorta* por escolta; licença poetica.

(47) *As costas:* detraz em seu seguimento.

(48) *Acate:* por acatamento: termo mais breve e melhor, deduzido do fundo da lingua.

(49) *Bustos.* Corpos: *composti in terra*, do original, não póde significar bustos feitos de terra como alguem poderia pensar; mas acomodados no interior da terra.

(50) *Nembroute*, alteração do nome de *Nemrod* ou *Nembroth* rei de Assyria, por causa da rima, como ha outra semelhante tambem no original.

(51) *Mallêa*, lugar pantanoso na Italia.

(52) *Vertescas:* versão portugueza e latina de *Bertesca*, « especie de reparos de madeira que se faz sobre as torres em tempo de guerra. » Esta é a unica definição que traz o Diccionario de Joaquim José da Costa e Sá do termo italiano *bertesca* sem indicar qual é o nome portuguez que lhe corresponde: do que julgo que não existe na lingua tal termo correrpondente. O diccionario da Crusca diz que *bertesca* é uma especie de reparo que se faz faz sobre as torres, pondo entre um merlão e outro uma *caterata* adaptada sobre dous piões (ou dobradiças), de maneira que se possa levantar e abaixar, segundo é preciso aos combatentes: do que infiro que era uma especie de alçapão pregado no chão com dobradiças e que levantava-se quanto se queria, e atraz do qual se collocavão os combatentes. Depois desta definição não é possivel confundir esta especie de fortificação vol.nte com as *ameas*: e dessa mesma definição infiro que bertesca seja uma derivação de *vertisca* ou de outro termo derivado de *vertere*, verter, girar, dar volta: porisso julgo que em portuguez deve traduzir-se por *vertesca*.

(53) *Francescas* por *francezas*, como ha tambem no original em lugar de *francesi*. A terminação em *esco* e *esca* é tão portugueza como italiana: dizemos *Tudesco. Tudesca;* porque em poesia se não poderá dizer *francesca* por *franceza?* a variedade nos termos é tambem uma grande riqueza da lingua.

(54) *E limpo se lançou além do fosso*, é a versão exacta do original: talvez em portuguez melhor fôra dizer.

E de um pulo saltou além do fosso.

(55) *Intexto.* Tecido; voz latina de *textus, intextus*.

(56) Os Mouros que sitiavão Paris, foram derrotados por Carlos, que fizera uma sortida, e que vencendo-os se acampára fóra de Paris. Elles havião feito excavações, trincheiras e

acampamentos improvisados em outra parte onde se havião recolhido da perseguição dos Christãos.

(57) *Em distancias igualadas, etc.* Significa no meio do céo.

(58) *Sem honras;* sem exequias e sepultura.

(59) *Esculpto* ou *escullo* participio irregular de *esculpir*, em lugar de *esculpido*, como *culto*, em lugar de *cultivado*.

(60) *Lógo* : lugar.

(61) *Atino;* em lugar de conheço, julgo, creio.

(62) *Na roda:* sobentende-se: da Fortuna.

(63) Vareão : em lugar de *varião*, ou diversificão.

(64) *Presume* em vez de *presuma* : licença á moda dos poetas italianos que costumão mudar o *a* em *e* neste tempo do *subjunctivo*.

(65) Quem lá chegou e o soccorreu foi Angelica, a qual apiedando-se de Medoro o levou comsigo para o curar, e depois namorou-se delle, e com elle casou de um modo um pouco anormal.

(66) Os Sarracenos tinhão tido vantagens contra Carlos Magno em novo combate, no qual o havião repellido e sitiado outra vez dentro da cidade de Paris. Nesta occasião toda a população de Paris estava consternada, e dirigia votos e clamores ao ceo.

(67) Eis-aqui novamente o Archanjo S. Miguel com um defeito humano. Ariosto no-lo representa como falto de memoria, e recorrendo ao mesquinho expediente de cumprir o seu dever antes de comparecer diante Deos. Cousas destas se não achão no Tasso.

(68) *Enceita* em lugar de *enceitada*: outro participio irregular que na versificação póde ser empregado com vantagem, e ao qual outros ha semelhantes, como *Suspeito, suspeita*, em vez de *suspeitado*, e *suspeitada*.

(69) *Destructa* : em lugar de *destruida* outro participio irregular ou antes latinado.

(70) *Balisarda* : nome da espada de Orlando.

(71) *Attrita* : verbo novo derivado de *attrito* : exercer attrito, levar de attrito, esbroar por meio do attrito, como a mó ao trigo.

(72) *Quiete* : em lugar de *quieto;* licença.

(73) *Diente*, em vez de *diante* : é muito usado pelo povo : e com a autoridade deste póde passar melhor como licença.

(74) *Arlita*: *Arlitana* ou de *Arles*. Ha outros adjectivos com esta terminação taes como *cosmopolita*, *estelita*, *carmelita*. A difficuldade de fazer entrar aqui tantos nomes proprios o justifica ainda mais.

TASSO.

TORQUATO TASSO nasceu em Sorrento, cidade do reino de Napoles, em 11 de Março de 1544, e morreu em Roma em 25 de Abril de 1595. Foi filho de Bernardo Tasso de Bérgamo illustre poeta autor do Amadigi; e de Porcia Rossi Napolitana. Desde os primeiros annos da sua mocidade deu grandes provas de alto talento, recitando nas escolas versos e discursos por elle compostos na idade de 9 annos. Estudou primeiro em Napoles sob os jesuitas, depois passou para a universidade de Padua, aonde, como Ariosto, deu-se ao estudo da jurisprudencia, só para satisfazer a seu pai, pois o seu genio o chamava para outros estudos. Na idade de 17 annos alcançou a laurea em direito civil e canonico, e em theologia. No anno seguinte publicou o seu *Rinaldo*, poema romantico, em 12 cantos e em oitavas, no qual esforçou-se em imitar a Ariosto e Boiardo, sem faltar tanto como elles á unidade da acção exigida por Aristoteles. Este poema, hoje pouco lido, deu a conhecer o que elle seria capaz de executar em uma idade mais madura, e lhe adquirio grande de fama, de que resultou ser admittido pelo cardeal Luiz d'Este entre os seus gentilhomens, e conduzido com elle para a França.

Em 1561 deu principio ao seu famoso poema da *Jerusalém libertada*, que elle depois acabou na idade de 30 annos em Ferrara, aonde entrára no serviço do duque Affonso II, irmão do Cardeal, o qual lhe assignou uma pensão para elle se poder applicar tranquillamente e sem distracção aos seus estudos poeticos, e trabalhar no dito poema, o qual foi pela primeira vez publicado em 1580, sem saber disso o au-

tor, e de uma maneira mui defeituosa. No anno seguinte sabio este á luz corrigido tal como hoje se lê. Em 1573 compoz em 2 mezes o seu *Amynthas*, drama pastoril, trababalho que só elle, e mesmo o unico seu prologo, teria bastado para immortalizá-lo, porque nelle com um estylo simples, delicadissimo e candido, levou á perfeição o drama pastoril no qual alguns annos antes se havião ensaiado Agostinho Beccari, no seu *Sacrificio*. Alberto Lollio na sua *Arethusa*, e Agostinho Argenti no seu *Degraçado*. Além destas obras, compoz Tasso em sua vida varias *rimas!* o *Torrismondo*, tragedia: *As Intrigas de Amor*, Comedia; varios *dialogos; orações; cantos;* um *discurso sobre o poema épico* e outros; e finalmente: *Os sete dias da creação do mundo*, poema por elle composto, em versos soltos, nos ultimos dias da sua vida, e o qual, ainda que bem se mostre producção de tão alto genio, não chega comtudo á belleza e perfeição da *Jerusalém* e do *Amynthas*, que são as suas duas obras primas; e que tem sido traduzidas em todas as linguas: obras que fazem a gloria da Italia, e as quaes nenhuma nação póde apresentar outras semelhantes.

Tasso, dotado de alto talento, de uma fineza de gosto admiravel, e de um coração eminentemente sensivel e delicado, reunia a tudo isto uma applicação e estudo profundo; e em seus escriptos, por muito que arrebatado fosse pelo seu genio fogoso e transcendente, nunca se esquecia do methodo e dos preceitos da arte, e nunca os sacrificava ás suas emoções e violentos transportes. Feliz delle, se esta conducta tão judiciosa e submittida á razão quando escrevia elle a tivesse podido seguir em todos os actos da sua vida, e enfrear nesta e subjugar as paixões desse coração tão sensivel e delicado, que suas obras nos revelão a cada passo, sendo elle e Petrarca, entre os antigos, e entre os modernos Silvio Pellico, os poetas italianos mais sentimentaes. Por sua desgraça, assim não succedeu, e as suas paixões amorosas forão causa de infinitos desgostos e infortunios pelos quaes passou. Nessa mesma côrte de Ferrara, aonde a liberalidade de Affonso o ajudára, e mais habilitára a ricas producções, elle foi varias vezes preso, e detido como alienado. Nunca se póde saber com certeza, e exactamente, qual fosse a causa disso; porém geralmente acredita-se que a isso dessem origem a sua paixão amorosa pela princeza *Eleonora Sanvitale*,

mulher de *Julio Tiene*, conde de Scandiano, e as intrigas dos cortezões invejosos que o comprometterão com *Barbara Sanseverina*, condeça de Sala, madrasta della na occasião em que elle compôz varios sonetos relativamente a belleza de Eleonor. No principio foi encerrado em algumas pequenas estancias do palacio ducal; logo foi levado para a quinta do Belriguardo, e depois para o convento de S. Francisco em Ferrara, onde foi submettido a uma cura medica. D'ali fugio para Sorrento sua patria. Depois de algum tempo voltou a Ferrara onde foi bem acolhido pelo duque; mas pouco depois tornou a fugir, e voltou ali na occasião das nupcias do duque com Margarida Gonzaga. Desta vez foi recebido com frieza; motivo pelo qual desconfiou, e o seu humor melancolico exacerbou-se a ponto, que um dia rompeu publicamente em invectivas contra o duque: pelo que julgado delirante, foi novamente encerrado em 1579 no hospital de Santa Anna, e guardado debaixo de todo o rigor, que só se lhe abrandou nos ultimos annos da sua prisão, a qual durou dessa vez sete annos, e da qual foi á final libertado por intervenção da cidade de Bergamo, patria de seu pai. A sua imaginação esquentada, via frequentemente fantasmas e perseguições; e affirmava seriamente que costumava apparecer-lhe um espirito bom, que com elle se entretinha e o consolava.

Elle sobreviveu nove annos á sua libertação, durante os quaes teve sempre uma vida trabalhosa vagando por varios paizes, e á final foi parar novamente em Roma; onde por influencia do cardeal *Cinzio Aldobrandini*, sobrinho do papa, devia ser coroado publicamente no Capitolio, mas falleceu nas vesperas dessa funcção.

Tasso não foi menos infeliz como litterato do que como homem e cortezão. A *Academia da Crusca*, levada pelos estimulos e principios daquelle orgulho tuscano, que pretende impôr o seu dialecto provincial á Italia toda, negando a esta o direito de crear, e ter uma lingua universal italiana; firme em taes principios, condemnando tudo o que não fosse tuscano castiço; e desprezando o consenso geral da Italia toda, que tinha applaudido a essa producção do grande poeta; apenas sahio á luz a *Jerusalem libertada* fez a ella uma censura mui aspera, e muito se distinguirão nessa occasião como zoilos do grande epico *Leonardo Salviati* chamado *l'Infarinato* (o enfarinhado) e *Sebastião Rossi* chamado *l'Inferrigno*

(o ferrenho) alcunhos bem dignos de taes pedantes. Tasso foi defendido por muitos litteratos, e a polemica travou-se forte por toda a Italia, inda mais assanhada pelos partidistas de Ariosto, que a este, e não ao Tasso querião dar a primazia. Estas contendas, e guerras litterarias se prolongárão por muito tempo; e hoje em dia quem tem um pouco de bom senso deplora ao mesmo tempo essa cegueira e sanha dos criticos, e a infeliz sorte do genio e do talento exposto á discrecção e ludibrio della; e reconhece que ambos os dous poetas são grandes e reciprocamente superiores e inferiores ao mesmo tempo um a outro em varios pontos. Tasso dotado de tanto gosto e criterio não póde resistir á furia dessa tempestade, e como que succumbio a ella reduzindo-se á final a reformar o seu poema e a publica-lo com o titulo de *Jerulem Conquistada*; titulo que menos se recommendava ás almas generosas para as quaes a idéa da libertação de uma cidade deve sempre ser mais aceita que a da sua conquista. Porém se Tasso fraqueou e cedeu nesta occasião, a nação italiana permaneceu firme e inabalavel a favor da *Jerusalem libertada*; e a *conquistada* é hoje esquecida, e ninguem a lê, emquanto da outra todos os annos se reproduzem novas edições. Não é possivel resistir a uma nação; a Academia da Crusca foi obrigada a ceder; e a gloria disso é para Tasso, e para o bom senso da nação italiana.

A Jerusalem libertada é um poema com 20 cantos contendo ao todo 1917 oitavas ou 15336 versos; o seu assumpto é a tomada de Jerusalem pela cruzada commandada por Goffredo, ou Gothfrido de Bulhão (Godefroi de Bouillon). E' uma luta entre o Christianismo e o Islamismo, entre o Occidente e o Oriente; luta porém na qual (como tambem succede no Orlando Furioso) a religião figura menos do que alguem poderia pensar. A força physica e o sensualismo ali jogão mais do que a moral santa de Jesus Christo: um resaibo de paganismo, e uma mistura de superstição e de philosophia apparecem ali como essa mistura de sacro e profano que tem sido censurada na Lusiada. O pincel do poeta pouco e nada se occupa com a localidade, que não conhecia senão por informação, nunca havendo estado na Palestina, e vendo-se os seus quadros dir-se-hia que são os da parte mais amena da Italia. O mesmo acontece com as personagens. Os Sarracenos quasi que se não distinguem dos christãos nem

nos trajes, nem nas armas, nem nas fallas, nem nos costumes. Comtudo, os caracteres moraes são bem traçados, e sempre sustentados com muita fidelidade. Estes e outros defeitos, que tambem se notão em Ariosto, nada são em comparação com o numero e grandeza das bellezas deste poema um dos mais perfeitos e classicos, e que póde competir senão em tudo, em muitos respeitos com a Iliada e a Eneida, offerecendo daquella a elevação, a robustez e a magnificencia, e desta a delicadeza e o caracter sentimental.

Fallando de Ariosto, já dissemos alguma cousa a respeito de Tasso; e aqui accrescentamos que Ariosto e outros epicos italianos *contão*, mas Tasso *canta*. Nos outros apparece a natureza quasi pura com todos os seus defeitos; neste é sempre vestida e bem enfeitada pelo estudo e pela arte. Seus versos são os mais bellos, melodiosos e limados que ha, e só tem competidores nos do Petrarca e nos de Metastasio; mas os de Tasso o são sempre com clareza, elevação e arte; nunca são obscuros e triviaes como alguns de Petrarca, nem tão faceis e correntes que pareção improvisados como os de Metastasio. Esta constante melodia e elevação de Tasso tem sido increpada de monótona. Ha certos individuos, cujo espirito, como certas cordas, não é susceptivel de um alto gráo de tensão, e muito menos de uma alta tensão aturada. Para estes, um poeta de tom vario, ainda que defeituoso, deve naturalmente ser mais aceito do que outro de um tom sempre elevado e menos defeituoso. Para aquelles o Ariosto, para estes o Tasso será preferivel. Todos porém convirão que neste caso o defeito está na corda, e não em quem a estica. Nós somos daquelles que sabem apreciar e estimão essa constante dignidade e magnificencia de Tasso; essa magestade continua do seu rhythmo e do seu estylo verdadeiramente heroicos, por isso que sempre graves e sempre elevados; e muito mais por estarem acompanhados de uma delicadeza de sentimento, que nos leva e abala o coração de um modo inexprimivel; não somos daquelles que se aborrecerião de estarem no céo por ser ahi tudo eterno e immudavel, ainda que summo e delicioso, e que para variarem trocarião por elle momentos de estada neste mundo e até no inferno: o sublime e o digno nunca nos cánção; e se perdoamos e até chegamos a estimar a variedade louca e defeituosa de Ariosto, em troco de mil bellezas,

jamais lhes consagraremos a melhor parte do nosso coração, que sempre será em favor de Tasso e de Petrarca, os dous poetas mais nacionaes que a Italia tem tido: este pelo seu espirito patriotico, aquelle pela sympathia popular que soube ganhar com a sua melodia e com a delicadeza do seu sentimento. O canto de Petrarca é repetido pelas bocas e lyras dos patriotas italianos, o de Tasso o é pelas do povo; os gondoleiros de Veneza, os marinheiros napolitanos o fazem soar pelas ruas e praças publicas: elle é o seu poeta favorito, e o sabem de cór e salteado. Apesar da monotonia que tem sido increpada ao Tasso, podemos afiançar que será mais facil achar quem tenha lido cinco ou seis vezes a — *Jerusalem Libertada* — inteira sem aborrecer-se, do que achar quem duas tenha lido a metade do *Orlando furioso.*

Boileau que, como diz Monti, foi no seu tempo o flagello dos máos poetas, e ás vezes até dos bons, arrojou contra o Tasso algumas rajadas satyricas, pelas quaes mostra que elle bem não o lêra, ou bem o não entendêra, ou, o que é mais provavel em um satyrico, que o espirito de critica, e a vontade de brilhar pelo sal a custa alheia, pouco se importou com a justiça e com a verdade. Tasso, como homem que era, e apezar de grande poeta tem seus defeitos, e nós mesmos, seus grandes admiradores, alguns lhes temos notado; mas, a excepção destas pequenas imperfeições, é falsissimo que a sua poesia e o seu estylo sejão *ouropel,* como Boileau lhe chama. (*Le clinquant du Tasse.*) Diremos antes que esta expressão é um pouco do *ouropel* do satyrico francez, o qual censurando a todos e dictando preceitos da arte poetica, não deixou de cahir em erros, e em algumas occasiões levou nisto a palma aos seiscentistas da Italia.

Tasso foi vertido em todas as linguas e até em varios dialectos da Italia. Em portuguez o foi por *André Rodrigues de Mattos,* que dedicou a sua versão a Cosmo III em 20 de novembro de 1679, e cuja edição de Lisboa é de 1682. Esta versão é citada por Moraes no seu diccionario da lingua portugueza, como fazendo autoridade em linguagem. Consta-me que varias outras pessoas tem vertido e publicado trechos e mesmo alguns cantos inteiros da — *Jerusalem Libertada* —; porém nenhuma destas publicações tem vindo ás minhas mãos, excepto a de *Mattos,* que obtive da bibliotheca nacional; e que talvez seja o unico exemplar que exista

della nesta côrte. Quando a pude obter já tinha concluido a versão das primeiras tres peças de Tasso, que publico neste Ramalhete; e o *primeiro combate de Tancredo com Argante* e a *Herminia entre os pastores*. Havendo logo confrontado a minha versão com a de *Mattos*, vi que em muitos lugares nos haviamos encontrado, e que muitos dos meus versos erão iguaes aos d'este, principalmente nos lugares aonde a versão havia sido quasi litteral. Não julguei conveniente fazer alterações na minha versão só para faze-la differente da de *Mattos*; antes nas outras versões que fiz, tendo á vista esta, não deixei de aproveitar algumas idéas, e mesmo versos deste, que me parecêrão mui bons e exactos. Teria sido talvez conveniente virgular esses versos para os distinguir dos meus; reflecti porém que isso teria tornado a edição muito feia pela nimia repetição dessas virgulações; e penso que bastará ter feito aqui esta declaração, para não ser tachado de plagiario doloso. Quem tiver o trabalho de confrontar a minha versã com a de *Mattos* verá a differença grande que ha entre ellas, apezar desta circumstancia.

Mattos tem passagens mui bellas, outras soffriveis e outras mui fracas; é mais feliz nos lugares sentimentaes e delicados do que nos fortes, de grande movimento e violencia de acção; circumstancias as quaes elle parece não conhecer, ou se não importar com ellas, porque não deixa de sahir-se nellas com versos fraquissimos e com um estylo mui cahido. Comtudo muitos dos seus versos e oitavas são mui felizes e harmoniosos. Não é mui fiel ao original, que ás vezes elle altera a seu modo, fazendo dizer Tasso o que nunca sonhou, mostrando as vezes não o ter bem percebido. Assim por exemplo *toro ferito* (touro ferido) traduz elle por *touro feroz; non morì già* (não morreu não) por *não morreu já;* e no combate de Tancredo com Clorinda, aonde o original diz *dansi co' pomi* (dão um no outro com os pomos da espada), elle verte: — *E até os pomos entrando o ferro agudo* —; e note-se que não é nessa occasião que Clorinda morre. Ora como seria possivel que algum dos dous combatentes ficasse ainda em vida tendo as espadas entrado até os pomos? D'estas e outras semelhantes ha muitas nessa versão. Além disso o traductor omitte em geral uma boa quarta parte das idéas do Tasso. Comtudo tão má é a poesia deste, que apezar dessa omissão e de todos os outros defeitos na versão, ainda mere-

ce está ser mais lida do que é, emquanto não houver uma completa e melhor. Talvez me resolva a concorrer para se fazer della uma nova edição, se me não dispuzer a completar a minha traducção do Tasso.

Não sei se o Amynthas tem sido vertido em verso portuguez por alguem: em hespanhol o foi por *Jauregui*, e esta versão passa por tão bella e tão classica, que *Quintana* a inserio no seu *Tesoro del Parnaso Hespañol* impresso em Paris em 1838. Mui bella ella é com effeito, mas não pela rigorosa fidelidade; ás vezes o traductor omite quasi versos inteiros do original.

(1) A expressão *armas piedosas*, que vem no original, tem sido censurada ao Tasso, porém o voto nacional a tem sanccionado, porque ella tem prevalecido: ella significa *armas religiosas, armas christãas, armas fieis ou dos fieis*. Talvez haja quem estranhe que a versão comece o canto e o poema com um verso de pé quebrado, como se diz vulgarmente; porém eu prefiro esta imperfeição local, se ella o é, á outra qualquer geral que resultaria do transtorno de toda a oitava, mudando-lhe o caracter original para acabar com um verso inteiro ou *plano*, como dizem os Italianos. Os versos de pé quebrado, usados indistinctamente por Camões e por outros autores classicos na lingua portugueza, são quasi uma necessidade della; e são nella mais toleraveis em um poema epico e serio, do que o serião em Italiano; porque no portuguez as palavras que acabão por uma longa são naturaes e perfeitas, o que não acontece no italiano em que são sempre troncadas ou abreviadas pela suppressão da ultima vogal: além disso todas as palavras italianas troncadas ou com longa final acabão com accento grave italiano, e de um modo mui secco, exprimindo um som forte que cessa immediatamente sem prolongar-se, tal como nas palavras portuguezas *dirá, fará*; no portuguez um grande numero dellas acabão por accento agudo ou circonflexo, dando um som que se prolonga, e como que corresponde a duas vogaes, e a uma palavra com breve final ou *plana*, como dizem os Italianos. Assim *dôr, amador, ter, dizer, sentir, andar, amar,* não tem no portuguez o som final que elles terião em italiano, mas soão quasi *door, amadoor, teer, dizeer, sentiir, andaar, amaar. Varão* em lugar de capitão, commandante ou chefe é um quasi

equivalente; porém póde passar. Se houver quem goste mais do verso seguinte póde substitui-lo:

Canto as armas fieis e o capitão.

Tambem poder-se-ha substituir, se se quizer, os seis primeiros versos pelos seguintes:

As fieis armas, e o varão eu canto
Que o grão sepulchro libertou de Christo
Elle c'o siso, e c'o valor fez tanto,
Tanto soffreu no glorioso acquisto;
E em vão o inferno se lhe oppõe e quanto
Armou-se d'Asia e Lybia povo misto.

Esta prótase de Jerusalem foi vertida tambem pelo Sr. Antonio José de Paiva Guedes, Official maior da secretaria do imperio, o qual teve a bondade de confiar me essa versão, a a qual chega só á 10ª oitava, e que aqui dou para que se veja o que della aproveitei, e o que ha nella de mui bom.

I.

As armas canto, o capitão piedoso,
Que o grão sepulcro libertou de Christo,
Gentis acções obrando valeroso,
E trabalho soffrendo nunca visto:
Em vão o inferno se lhe oppôz raivoso,
D'Asia e Lybia se armou o povo mixto;
Co' a protecção do céo juntou ovantes
No christão campo os socios seus errantes.

II.

O' Musa, tu, que á fronte magestosa
Louro não dás, que o Helicon povôa,
Mas entre os anjos, na mansão ditosa,
De estrellas immortaes tens aurea c'rôa;
Inflamma o peito meu; branda piedosa,
Tu o desvio da razão perdoa,
Quando adorno de enfeites, mui diversos
Daquelles que são teus, estes meus versos.

III

Sabes que o povo apressurado corre
Atraz dos sons do mágico Parnaso;
E que a verdade luz, brilha, não morre,
Se em brando verso é envolvida acaso:
Dest'arte ao tenro infante se soccorre,
Orlando-lhe de mel pequeno vaso,
Em que amargo remedio entanto bebe.
E deste engano seu vida recebe.

IV.

Tu, magnánimo Affonso, em quem benino
Contra o poder do fado encentrei porto,
Quando naufrago, triste e peregrino,
Entre ondas e cachopos, vi-me absorto;
O canto aceita, se de ti fôr dino,
Feito com teu auxilio e teu conforto:
Talvez que um dia inflammada a mente
Cante de ti o que hoje já presente.

V.

E' justo, se occorrer que em paz madura
O bom povo de Christo inda se veja;
Com cavallos e náos em guerra dura
Tente arrancar a preza, que deseja
O fero Trace conservar segura;
Que teu da terra ou mar o imperio seja,
Émulo de Goffredo; mas emquanto
Te apromtas para a guerra, ouve meu canto.

VI.

Annos fazia seis que ao roxo oriente
Tinha o christão passado á nobre empresa,
E feito de Nicea, e da potente
Antiochia importante presa;
Assaltada esta pela Persia gente,
Nelle encontrado havia audaz defesa:
Rendida era Tortosa; a luta fera
Devia progredir na primavera.

VII.

Já perto estava o fim do rijo inverno,
Que as armas suspendêra tempestuoso,
Quando de alto do solio o Ente Eterno,
Que habita o céo mais puro e mais radioso.
Distante desde o Plaustro ao baixo inferno,
Quanto acima do Plaustro luminoso,
Lança rápida vista sobre a terra,
E observa o que se passa, o que ella encerra.

VIII.

Pára na Syria, e aos capitães prestantes,
Que as bandeiras de Christo vão seguindo,
As suas vistas lança penetrantes,
Dos corações o fundo descobrindo:
Em Goffredo desejos vê bastantes
De ir da cidade santa sacudindo
O jugo dos pagãos, e nesta empresa
A sua gloria pôr, sua grandeza.

IX.

Desejos outros Balduino mostra,
Que ás grandezas humanas só aspira;
Tancredo baratêa a vida, e prosta
A razão ao amor, por quem suspira:
Só por fundar um novo reino arrostra
Boemundo os p'rigos, que qualquer fugira;
Por artes dar-lhe, e leis, dar-lhe costume
De adoração ao verdadeiro nume.

X.

Tanto se engolfa neste pensamento
Boemundo, que outro desprezar parece:
De tal arte é Rinaldo á guerra intento,
Que da paz o reponso lhe aborrece,
Não por cobiça d'ouro, e regimento,
Mas d'honra pelo amor, que nelle cresce,
Quando de Guelfo, attento, escuta a historia
Dos avós delle dignos de memoria.

(2) *Helicôa:* o Helicon dos poetas. *Mattos* verteu *Helicona* como no original: eu creio que Helicôa é mais portuguez: se tal não é pelo uso, o devêra ser: pois os nomes que no latim, no grego e italiano acabão em *one* e *ona*, no portuguez é costume verte-los com a terminação em *ôa*, assim como de *Ulissipone, Ulissipona* e *Lisbona*, fazemos *Lisboa* de *corona, tuona, suona* fazemos *corôa, tôa; sôa*. Aqui esta terminação inda é mais justificada pela necessidade da rima. Teria sido uma lastima alterar o caracter de toda a oitava só por causa de um nome proprio. Teria sido fazer o mal maior para evitar o menor.

(3) *Soria* a Syria. Mattos tambem adoptou o nome italiano *Soria*.

(4) Esta pintura do Archanjo S. Gabriel é verdadeiramente bella e sublime, digna da personagem angelica a que pertence. Compare-se com a de S. Miguel do Ariosto, e ver-se-ha quanto esta é superior em dignidade.

(5) Algumas edições, taes como a da « Bibliotheca italiana del Viaggiatore, » impressa ultimamente em Florença, e cujo texto tenho seguido trazem alguma variação nesta oitava: eu julguei que neste lugar devia seguir a lição mais geralmente adoptada, e neste ponto afastar-me do texto dessa edição.

(6) *Ambos os labios de furor mordeu.* Este bellissimo verso no original e na versão é uma reproducção, ou quasi copia do de Dante: *Ambe le mani per dolor mi morsi*, isto é, *Ambas as mãos eu pela dôr mordi-me.*

(7) Voltaire (na sua critica que fez á Lusiada á qual nunca leu em portuguez, e só conheceu por uma má versão ingleza) ousou dizer que Camões não podia com a sua lingua imitar esta bellissima oitava onomatopica do Tasso: aqui verão os leitores se elle tinha ou não razão. Quanto a mim, creio que elle fica bem desmentido; e que a versão portugueza em nada fica inferior ao original italiano. O verbo *tomba* de que usei para verter o italiano *piomba*, se ordinariamente não tem a significação que lhe dou, acha-se collocado em um lugar tal, e dá um som tão proprio, que talvez exprime inda mais onomatopicamente a queda do raio do que o italiano. A syllaba *tom*, que leitor poderá notar, é mui expressiva. Por outra parte o verbo italiano *piomba*, que significa cahir perpendicularmente a prumo e como o chumbo.

não tem equivalente em portuguez, e não seria vertivel. E' licito em certos casos a todo autor, e principalmente poeta dar ás palavras uma significação fóra da acepção geral, comtanto que disso se faça a competente declaração: é o que faço, e que julgo será bastante. Já que estou fallando em bellas onomotopeas não perderei a occasião de elogiar muito a este respeito a que se acha na Affonsiada de Osorio, na qual póde-se dizer que é quasi uma boa pedra preciosa em um deserto. Ei-la.

> Sentio Bellona lá onde se encerra
> Este apparato, e a grave tuda entôa
> Cujo horrendo clangor que a paz desterra
> Os atros ares talha e o mundo atroa:
> Arma, arma tudo sôa, guerra, guerra:
> Sôa o mar guerra, guerra, a terra sôa!
> Dos ares repulsando nos outeiros
> Respondem guerra os écos derradeiros.

Não perderei tambem a occasião de fallar sobre o emprego das palavras *tromba*, *trombeta*, *trompa* e *tuba*. Os Portuguezes vulgarmente usão mais da palavra *trombeta*, e em poesia da palavra *tuba*; poucos usão do termo *tromba*. Acho que esta variedade de termos é uma riqueza da lingua, e que cada um delles póde servir apropriadamente em casos differentes com preferencia a outros. *Trombeta* é mui vulgar e prosaico, e suscita a idéa de um instrumento pequeno e de criança. *Tuba* é mais proprio para as occasiões em que se quizer indicar um instrumento que dê sons tristes, luctuosos e distantes: e bem o entendeu *Foscolo* quando no seu Carme dos Sepulcros fallando de trombetas que se ouvião de noite nos campos onde apparecião as sombras dos heróes da Grecia, servio-se de *tube* e não de *trombe*: *tromba* é mais proprio para exprimir um som forte, estrondoso, e que se estende ao longe como no caso actual: *trompa* de que usou *Mattos* é tão pouco sonoro, que parece expressar a bulha do pé do cavallo pisando n'um lamaçal, e eu só o empregaria para ridicularizar qualquer instrumento. Se a philologia não deve servir para encaminhar melhor os escriptores, e combater usos e costumes de lingua contrarios a razão e ao gosto, é sciencia que nada vale: e para dizer amen, ao que o povo diz, e pô lo em uma grammatica e em um diccionario, não

é preciso estudar nem ser sabio : qualquer fazedor de catalogos e de listas de eleições póde fazer o mesmo.

(8) *Alpestra* em lugar de *alpestre:* licença poetica. Os Italianos dizem *alpestre* para ambos os generos, *alpestro* para o genero masculino e *alpestra* para o femininо : todos convirão que isto é uma riqueza para a lingua, tratando-se de rimas : esta riqueza póde tambem sem inconveniente algum, antes com lucro, passar para a lingua portugueza tão semelhante á italiana.

(9) *Infeito* licença poetica em lugar de *infecto.*

(10) *Nunca em Delo, etc.* Esta pintura de Armida é menos rica em pormenores physicos do que a de Angelica de Ariosto ; mas a ella é superior em idéas abstractas e poeticas. Ariosto pinta o que vê com os olhos na belleza physica; Tasso o que vê nella com a immaginação : este parece occupar-se menos com aquella, e mais com a belleza moral. Assim quando pinta o bello caracter de Herminia pouco se occupa dos encantos physicos que ella apresenta. Entretanto qual coração hesitará na escolha das duas bellezas? Armida é uma belleza seductora, mas perfida : Herminia uma belleza pouco brilhante, mas muito interessante : o seu coração vale todos os atractivos de Armida e de Angelica juntos.

(11) *De rosas doce côr no delicado rosto se effunde entre o marfim.* Esta é a versão fiel do original. *Mattos*, em cuja versão esta oitava é bellissima, afasta-se das idéas do original quando diz :

> A doce côr das rosas matizado
> Deixa o marfim do bello rosto,

Não ha duvida que a palavra *matizado* é mais bella, e mais de cunho portuguez; porém neste lugar não explica bem o que o Tasso quer dizer ; antes parece dizer tudo ao contrario do que este diz; pois *matiz* e *matizado* indicão um predominio, uma efflorecencia superficial predominante da côr de que se trata que é a da rosa ; e serião optimos se se quizesse dizer que esta côr predominava sobre o branco : mas Tasso diz que a côr de rosa se espalha e confunde no bello rosto, isto é, que ella se perde no alvor, e não predomina sobre elle ; e com effeito assim deve ser em uma bella tez de qualquer rosto, aliás se predominar o encarnado, e o encarnado em fórma de matiz, a cara parecerá antes pintada e de bone-

cra ou de pessoa atacada de inflammação de peito, do que de uma linda moça sãa, e sem ser embellezada com os cosmeticos da *toilete*.

(12) *A gram guerreira :* he Clorinda, filha de um rei da Ethiopia que, segundo Tasso refere depois, nascêra branca de pais pretos ou morenos. Esta joven valerosa achava-se no exercito sarraceno, aonde se assignalava por seu heroico valor. Tancredo, que a vira estava, perdidamente namorado della não só pela belleza, mas pelo seu heroismo ; e teria desejado uma occasião para manifestar-lhe o seu amor, no qual porém foi infeliz, porque á final, como ver-se-ha depois, a matou em duello sem conhecê-la senão no instante em que ella morreu.

(13) *Lascas mil, etc.* Os pluraes, que nesta occasião não era possivel vertê los pelo singular, impossibilitarão aqui a plena exactidão da versão : comtudo a differença é mui pouca.

(14) *Deixou, etc.* Esta oitava no original é a continuação do canto sexto, e segue-se immediatamente á ultima do trecho antecedente deste Ramalhete. Esta passagem é muito sentimental, e della bem se vê o caracter profundamente melancolico do Tasso, cuja alma infeliz em amor pinta a si mesma nas venturas de outrem.

(15) *Co' a guerreira :* com Clorinda.

(16) *Que ir faz adiante apoio de seus braços.* E' a versão exacta do original. *Mattos* diz o contrario quando verte

E na fiel companhia se sustenta,
Que arrimo lhe offerece nos seus braços.

Onde parece que os companheiros lhe dão o braço, para ella descansar ; quando Tasso diz positivamente que ella faz ir os companheiros adiante, e que nelles se arrima, isto é, pondo lhe as mãos ou os braços acima das espaldas.

(17) Depois disto Herminia chega a um lugar mui perto do campo christão, e, não querendo expôr-se, manda a sua criada para prevenir Tancredo da sua ida ; e como esta vai tardando, a impaciencia della não soffre demora, e aventura-se a ir espreitar sobre uma altura se a criada chega. Nessa occasião é vista pelos Christãos que, tomando-a por Clorinda, a perseguem e obrigão a fugir. Tancredo, doente como estava, ouvindo fallar no apparecimento de Clorinda, movido pelo desejo e esperança de encontrar-se com ella e

declarar-lhe a sua paixão, deixa a cama, e vai tambem em seguida de Herminia que foge. Neste ponto começa o trecho que se segue.

(18) Veja-se a nota antecedente.

(19) *Ellos:* termo antiquado em lugar de *elles*. E' sem razão que este termo, tão bello e sonoro como *elles*, tem sido desprezado e esquecido pelos poetas, pricipalmente como boa e elegante rima, não havendo grande abundancia dellas com esta desinencia.

(20) Muito infeliz é neste caso a versão de *Mattos*, o qual traduz.

> Em solitario claustro emfim vivemos
> Vendo a terra de brutos assistida,
> Os peixes esconder se nas escumas
> E ao céo as aves tremular as plumas.

Essa *assistencia* dos brutos, e essas *escumas* em que os peixes se esconden, são legitimamente bellezas portuguezas de *Mattos*, porque Tasso nunca sonhou com ellas.

(21) *Em volta o apanha e aperta em suas metas.* Este lugar é um pouco obscuro no original; e confesso que não posso bem perceber qual foi a idéa do autor. As edições que vi não trazem commentario a ella. Não sei se *in giro accolto lo stringe insieme*, significa que apanha o leite contido no ubere e o vai apertando em volta com os seus dedos para ajunta-lo no mamillo, ou se essas palavras se referem a uma manipulação e coalhamento do leite depois de espremido. A primeira interpretação pareceu me mais provavel, e a ella deligenciei chegar-me na versão o mais que pude.

(22) Tendo Tancredo promettido voltar a novo combate com Argante na manhã do dia sexto, depois do primeiro, acontece que elle desviado em procura de Clorinda, cahe nos laços e poder de Armida, a qual, assim como fez a outros heróes chistãos, o conserva preso em um seu palacio encantado; e por este motivo fica impossibilitado de voltar a cumprir a sua promessa. Argante, chegado o dia prefixo, apresenta-se para o novo duello, e não vendo apparecer o seu competidor, rompe em injurias e convicios contra elle e contra os mais guerreiros christãos aos quaes desafia a vir substituir Tancredo e bater-se com elle. Os guerreiros christãos mais valorosos achavão-se nessa occasião ausentes, tendo

acompanhado Armida, levados dos seus encantos seductivos: os moços que havia ainda estavão muito desanimados com essa ausencia, e Goffredo, chefe do exercito christão, mui consternado. Nesta occasião o conde Raymundo outr'ora mui valente guerreiro na sua mocidade, mas agora já bastante velho, indignado da insolencia de Argante, e vendo o embaraço em que se achava Goffredo, sente despertar em si o antigo valor, e apresenta-se para ir substituir a falta de Tancredo, todo armado sobre seu cavallo Aquilino: e confiando em Deos, dirige ao céo uma supplica para que o assista e lhe conceda a victoria. Com esta supplica começa o presente trecho, o qual é certamente um dos mais bellos e magnificos de Tasso. Nelle o poeta mostra-se, não só capaz de toda a força, e magnificencia de estylo e de imagens que tem Homero, mas com uma alta sagacidade. O leitor vai ficar admirado de ver aquelle Argante tão terrivel e valente contra o joven e valoroso Tancredo, vai vê-lo, digo, quasi aniquilado, diante de um velho, e tal que não parece aquelle que era: o leitor perguntará a si: este é o mesmo Argante? como é que elle está tão mudado? Mas o leitor lembre-se nessa occasião da presença de um anjo invisivel que está ao lado de Raymundo, e que sem se intrometter no combate senão como defensor do velho, influe com a sua presença sobre as forças, o animo e o tino de Argante, o qual nem elle mesmo sabe porque está tão mudado, e se deixa quasi vencer e ludibriar por um velho. Veija o leitor este mesmo Argante tão aniquilado e quasi succumbido voltar immediatamente ao seu antigo valor, e ainda mais forte e terrivel, logo que fica separado de Raymundo, e já não tem que enfurecer-se contra o defendido pelo poder celeste, mas contra todo o campo christão. Esse quadro de Argante em tal occasião só tem um rival no de Achilles combatendo contra o exercito Troiano, e contra o Xanto e o Scamandro. Quem não fôr capaz de sentir e apreciar estas bellezas não leia Tasso nem poeta algum.

(23) *Insolente*, em lugar de *impio* como ha no original, parece-me mais expressivo e natural; pois o que mais estimulava a Raymundo não era neste caso senão a insolencia do Circassio.

(24) Abala o seio, etc. Este verso na traducção bem exprime a desordem.

(25) *Olhava Argante e Tancredo não via*: note-se a onomatopea deste verso pouco harmonioso sim, mas mui proprio para expressar a anciedade, e surpreza de Argante.

(26) *Dano rei*: o rei Danez, ou Dinamarquez. Este trecho é um dos mais bellos e magnificos de Tasso. O heroismo grande e sublime sim de Sueno, mas imprudente, e proprio de um moço valente e irreflectido enthusiasmado pelas idéa religiosas, é aqui pintado por mão mestra.

(27) *Se a espada entre os Pagãos não leva e tinge.* O original diz: *se não faz rodar o ferro entre os Pagãos, e se não ensanguenta as mãos.* Todos convirão que a idéa de ensanguentar as mãos é mais propria de um canibal ou de um carniceiro que de um guerreiro: e que Tasso, com todo o seu juizo e bom gosto, deixou-se desta vez levar um pouco mais além dos termos que devêra ter guardado. A versão parece-me neste caso mais digna e judiciosa, e tão expressiva como o original.

(28) *Nos vem dito.* Mattos diz: *nos foi dito*: porém eu julguei dever nesta occasião conservar o verbo vir do original, como mais expressivo, porque indica movimento da gente que veio trazendo o recado. O recado veio de fóra, e não foi dado simplesmente no lugar sem que de fóra viesse. Escrupulos e rigores de lingua, contra a razão e a conveniencia, são tolices e miserias de pedantes.

(29) *Furibundo se lhe aventa*: lança-se, atira-se furioso contra elle. Diz-se *aventar chuva, saraiva, dardos*, e qualquer outro projectil: por que senão podera dizer aventar-se, ou aventar a si mesmo como um projectil qualquer?

(30) *Sahem quedos, etc.* Os christãos tinhão fabricado uma machina de guerra em fórma de torre para dar assalto á cidade de Jerusalem; Clorinda associando-se com Argante sahe de noite para irem juntos lançar fogo a essa machina, e executa o seu projecto, mas acontece o desastre que o leitor vai ver.

(31) *Dao se c' os pomos.* Estando os dous guerreiros mui chegados um do outro, não ficava distancia sufficiente para fazerem jogar as espadas; jogão portanto aos murros um com o outro com os pomos da espada que tem na mão. Este lugar não foi bem entendido por Mattos, como eu já disse.

(32) *Beve por bebe*: mudança do b em v, frequente em certos dialectos portuguezes. Mattos usou tambem desta licença.

(33) *Dôa. Dôar* em lugar de *dar* segundo os rigoristas será talvez um gallicismo; mas reflicta aqui o leitor que no italiano não se costuma usar do verbo *doar* em lugar em *dar* como em francez, e só sim quando se dá cousa que póde ser considerada como dom ou presente. Tasso que aqui usou do verbo doar sabia que neste caso o baptismo dado era uma graça, um dom, um presente que Tancredo fazia a Clorinda naquella occasião: seguindo o exemplo do autor, creio-me justificado.

(34) *Ao dar-lhe o Sacramento*: aqui verti com um equivalente: o original diz *emquanto pronunciou as palavras sagradas*: isto é, emquanto lhe deu o sacramento do baptismo.

(35) A idéa da concentração da vida e das suas propriedades nos orgãos interiores, com diminuição della e até total abandono dos externos, é mais antiga do que a julgão os Brousseistas. Tasso que não aprendêra no Val de Grace já conhecia desde seu tempo essa doutrina, sem ser doutor que applicasse vesicatorios e senapismos.

(36) *Redondo é o rico alvergue, etc.* Rinaldo tinha cahido como outros guerreiros christãos nos laços e poder de Armida, a qual ficou perdida de amor por elle e o conservava no seu jardim encantado cheio de delicias onde com elle se entretinha em namoros. Ubaldo acompanhado de outro guerreiro christão mandado por Goffredo a busca delle, vem, por instrucções e auxilio de um santo velho e de uma donzella mysteriosa que os levou embarcados até á ilha de Armida, munido de um escudo diamantino: chega a esse palacio, e penetra no jardim interior delle para de ali tirar Rinaldo rompendo o encanto da Maga.

(37) *E no prazer de um rosto embellecido.* Esse rosto é o de Cleopatra que quando namorou a Marco Antonio já não era muito moça e cujo rosto podia-se com mais justiça chamar embellezado pela arte do que bello realmente como diz o original.

(38) *A que de imita-la tem intentos.* A arte cujo intento é sempre imitar a natureza no que ella tem de mais bello.

(39) *Não torna espelho, etc.* Não reflecte espelho uma immagem de gosto tão delicado.

(40) *Findado esse alinhar*: findado esse alinho. *Vagheggiar* que ha no original, póde ter varios sentidos: mirar-se no espelho, contemplar com transporte amoroso, etc.: segui

a interpretação que me pareceu mais natural, e a mesma que seguio Mattos.

(41) Este trecho é tão delicado e tratado de um modo tão habil em occasião mui critica para o pudor, que certamente deve-se louvar e admirar a sagacidade de Tasso, que soube sabir-se nelle com tal decencia que o seu drama póde ser posto em scena, como já o foi com muito successo, e sem escandalo algum.

METASTASIO.

PEDRO METASTASIO, nasceu em Roma em 3 de janeiro de 1698, e morreu em Vienna em 12 de abril de 1782. O seu nome verdadeiro era *Pedro Trapassi.* O seu mestre *João Vicente Gravina,* enthusiasta da linga grega, lhe mudou o apellido de *Trapassi* no de *Metastasio* que é como uma traducção delle: e depois foi sempre conhecido com este nome. Seu pai *Felix Trapassi*, inda que pessoa de não baixa condição, foi por revezes da fortuna obrigado a ser copista e vendilhão, e a servir na guarda pontificia: comtudo, apezar dos seus poucos teres, fez instruir a seu filho nos rudimentos das primeiras letras e humanidades, e o pôz de aprendiz em casa de um ourives. O menino levado pela natureza para a musica e poesia, e aproveitando extraordinariamente os poucos estudos que fizera, costumava cantar com muito desembaraço versos que improvisava. Estando um dia improvisando assim diante da sua loja, aconteceu passar por lá *João Vicente Gravina,* grande jurisconsulto e litterato, o qual bem conheceu o grande talento do menino, e foi logo pedir este aos pais, e o levou para a sua casa, aonde o manteve e educou a sua custa, intruindo-o principalmente na lingua grega e exercendo-o na leitura dos gregos e latinos. Metastasio para satisfazer á vontade do seu mestre e bemfeitor, deu se ao estudo da jurisprudencia, tempo durante o qual deixou o exercicio de improvisador no qual competira com *Perfetti, Vannini e*

Rolli. Em 1718 perdeu o seu bemfeitor; e pouco depois achando-se minguado de meios de vida, por se lhe terem acabado os que o seu mestre lhe deixára, passou-se para Napoles onde exerceu a profissão de advogado. Sob a direcção do seu mestre elle compozêra o seu drama *Justino* sobre o modelo dos gregos. Em Napoles, por conselho de alguns amigos, tornou a cultivar a poesia e escreveu varias epitalamios e outras pequenas poesias, as Hortas Esperidas, a Galatea, o Endimião e outras composições dramaticas nas quaes apresentou um novo e bello estylo, cujos elementos elle tirára do Guarini do Tasso e do Marini, fundindo-os porém com sagacidade, e formando um estylo todo seu proprio. *Marianna Bulgarelli,* celebre cantora theatral, cheia de admiração pelo autor das representações em que ella cantava, o chamou e hospedou na sua casa, e o levou comsigo para Veneza onde representou a primeira vez a *Dido abandonada* que Metastasio compôz por insinuação della. As bellezas do estylo deste drama, apezar dos grandes defeitos do mesmo, fizerão saudar ao Metastasio como o primeiro poeta dramatico. *Apostolo Zero,* celebre poeta, já havia dado regularidade, força e elevação ao drama musical, mas ainda faltava lhe a graça e a amabilidade. Metastasio deu isso ao drama musical com o seu novo estylo, com aquella doçura e cadencia regular de rhymo que distingue seus versos, e principalmente os anacreonticos. Em Veneza compôz o *Siroe,* o *Catão,* o *Ecio,* a *Semiramis,* a *Contenda dos Numes,* o *Alexandre nos Indias* e o *Artaxerses;* dramas que lhe confirmárão a fama adquirida e mais lh'a augmentárão. Chegada a sua fama á côrte de Vienna, foi lá chamado pelo Imperador Carlos VI, concorcorrendo para isso as instancias da fidalguia austriaca e a do mesmo Apostolo Zeno historiographo e poeta cesareo do Imperador, que nisso mostrou-se despido de toda inveja. Bem acolhido pelo Imperador, escreveu em Vienna varios dramas sacros, e depois o *Adriano,* drama que, segundo a opinião dos sabios, foi o primeiro em que elle mais escrupulosamente cingio-se a propriedade das idéas e da expressão, e deu mais força e verdadeiro affecto aos pensamentos. Escreveu depois o *Demetrio*, a *Issipiles,* a *Olympiada,* o *Demofoonte.* A musica de Pergolese e de Leo dava realce a estas producções de Metastasio cada vez melhores. Em 1734 falleceu a *Bulgarelli,* que o deixou seu herdeiro: elle porém

renunciou generosamente a herança a favor do marido della inda vivente. Escreveu depois o *Achilles em Scyro*, o *Themistocles*, o *Cyro reconhecido*, a *Zenobia* e o *Isac*. Fallecido o Imperador Carlos VI, foi convidado por varias côrtes, todas ambiciosas de o possuirem: mas elle não quiz abandonar a da Imperatriz Maria Thereza, que o confirmou em todas as honras de poeta cesareo. Pouco escreveu depois de 1740, havendo sido acommettido de uma hypochondria que o trabalhou por varios annos. Restabelecido um pouco, escreveu o *Attilio Regulo* que elle mandou a *Dresde* onde foi recitado, e que considerava como a mais perfeita das suas producções. Escreveu depois o *Rei pastor*, o *Heróe chinez* e a *Nictetys*. Com a idade, a verva poetica foi nelle minguando, e a *Parthenope* e o seu *Rugero* se ressentem dessa fraqueza. Depois da morte de Maria Thereza, foi mui bem tratado por José II: mas atacado de uma constipação por assistir da janella a uma procissão feita pelo papa Pio VI. na quinta feira santa, morreu entre os actos da religião que elle sempre mui observara. Foi elle de um caracter moderado, mui amante da ordem, nada invejoso, inclinado ao louvor. pouco amigo de honras, tendo recusado o titulo de conde e a corôa poetica, que os monarchas austriacos lhe quizerão dar.

Metastasio ainda que bem conhecesse a lingua italiana não foi mui restricto observador das regras a que os genios mediocres e pedantes chamão de boas e de grammaticaes; elle em tudo procurou a graça, a expressão, a belleza e o gosto: para elle todas as fórmas que tinhão estes caracteres erão boas e italianas. Seus versos são claros, harmoniosos, e tão naturaes que parecem improvisados: os primeiros versos que elle fizéra os fez cantando, e não com a penna. Por isso elle os compozêra debaixo da inspiração da harmonia e do canto, e debaixo da cadencia musical. O verso para elle era canto, e não arranjo de syllabas em fileira, e nunca faltava ao rythmo musical: parece que elle cantava na mente o que escrevia com a penna. O seu exemplo causou uma revolução na lyrica, e todos os bellos versos de *Frugoni*, *Casti* e outros lyricos modernos aos de Metastasio devem a sua belleza e doçura. Foi insigne no jogo dos affectos e dos pensamentos, porém pouco vario, e pouco proprio nos caracteres, e pouco fecundo na acção dramatica. Vendo-se um

dos seus dramas póde-se dizer que já se conhecem todos : em todos é o mesmo estylo, os mesmos affectos, o mesmo ar, o mesmo tom, quer as personagens sejão romanas, quer gregas, quer de outra qualquer nação. Estes defeitos tem diminuido entre os modernos um pouco do enthusiasmo que havia a seu respeito. Comtudo, os que desprezão Metastasio não são capazes de o imitar, nem de fazer melhor do que elle, porque não tem alma, não tem ouvido poetico para senti-lo e aprecia-lo. Elle, Tasso e Frugoni são os poetas italianos que mais cantão ; mas elle é o que canta mais naturalmente sem jámais encontrar difficuldade, ou ser-lhe preciso algum estudo. A este respeito nenhuma outra nação possue um poeta como Metastasio. Bocage traduzio algumas peças deste poeta : não direi como, porque nunca tive occasião de as ler. O celebre Bartholomeu de Gusmão verteu a cançoneta a Nice, mas com tão pouca vontade de dar Metastasio aos Portuguezes, que mudou de metro, e a verteu em versos de oito syllabas. Fallou mui bem portuguez, mas não deu nem os pensamentos, nem a graça, nem a doçura e facilidade de Metastasio.

(1) *Poderás fixar nelle :* Ozias quer dar a entender a Achior que, se elle se fizesse Judeo, poderia um dia chegar a ver esse Deos, e que nunca o verá continuando a ser pagão.

(2) *A qual funesto emprego, etc.* Lysimaco vem mandado pelos Athenienses exigir de Xerses a entrega de Themistocles ; e havendo sido amigo deste, fica envergonhado, encontrando-se com elle.

ALFIERI.

O Conde VICTORIO ALFIERI, nasceu em Asti em 17 de janeiro de 1749, e falleceu em 8 de outubro de 1803. Seu pai foi o conde *Antonio Alfieri*, e sua mãi *Monica Maillard de Tournon*. Estudou oito annos na academia de Turim com

pouco proveito, talvez por causa do máo methodo de ensino. Em 1766 obteve o posto de porta-bandeira de um regimento provincial piemontez, e alcançou licença do rei de Sardenha para viajar, e correu a Italia, a França, a Inglaterra e a Hollanda; mas com pouco proveito. De volta na sua patria deu-se á leitura de livros philosophicos e de litteratura, e principalmente de Plutarco, cuja leitura muito excitou o seu espirito. Em 1769 fez uma viagem em Germania; correu parte da Hungria, atravessou a Prussia, e esteve na Dinamarca, na Suecia e em S. Petersburgo; voltou á Germania, e pela Flandres passou para Londres. Correu novamente a Hollanda, e passou depois para a Hespanha e para Portugal, onde conheceu, e travou amizade com o abbade Thomaz Valperga, de Caluso, insigne poeta. Depois de perto de tres annos de viagens cheias de aventuras proprias da mocidade e da dissipação, voltou á Italia e fixou se em Turim, levando sempre uma vida ociosa e divertida. Sómente em 1774, isto é, na idade de 25 annos principiou a escrever uns dialogos rimados nos quaes fallavão Cleopatra e pessoas da sua côrte. Para se livrar de uma paixão amorosa, fechou-se em o seu quarto onde, para distrahir-se e occupar-se, principiou a escrever alguns sonetos e a tratar novamente o assumpto da Cleopatra, que á final com muito custo reduzio á fórma de tragedia, que foi representada em 1775, com uma farça delle intitulada *Os Poetas*. Depois emprehendeu a escrever outras tragedias taes como o *Filippe* e o *Polynices*, que elle escreveu assim como depois algumas outras, primeiramente em prosa franceza, e pôz depois em verso. Em 1776 fez uma viagem á Tuscana para familiarizar se com a lingua daquella parte da Italia que ainda pouco bem conhecia. Em Pisa estendeu em prosa a *Antigone*, e pôz em verso algumas outras tragedias; passando-se para Florencia. refez em versos o *Filippe*, e imaginou o *Dom Garcia*. Voltou a Turim, onde applicou-se novamente a estudos poeticos: mas em 1777 voltou á Tuscana, e em Siena escreveu os dous livros *Della Tirannide*, ou da Tyrannia; e travou relações de amizade com a condeça de Albania. Agradando-se mais do clima da Tuscana que do da sua patria, resolveu-se a ali fixar-se, e cedeu uma parte do seu patrimonio a sua irmãa, reservando se unicamente uma pensão annual. Passou-se depois para Roma onde refez, pela quarta vez em verso o seu *Filippe*, e em 1782

compôz o *Saul*, a decima quarta das suas tragedias. Em 1784 emprehendeu uma nova viagem para a Germania; e esteve algum tempo na Alsacia onde morava a condeça da Albania; ali compôz varias outras tragedias, entre as quaes a *Myrrha.* Tornando a Siena, e logo a Pisa, ali escreveu o *Panegirico a Trajano.* Voltou á Alsacia onde escreveu os *Dous Brutos*, e a primeira das suas satyras. Passou-se quatorze mezes depois para Paris onde attendeu a fazer reimprimir e corrigir as suas tragedias: em 1790 principiou a escrever a sua vida e traduzio por divertimento e exercicio Salustio, Terencio e Virgilio. Em 1791 viajou novamente na Hollanda e esteve após em Londres e Paris d'onde sahio depois do dia 10 de agosto de 1792. Fixou-se então por algum tempo em Florença onde deu se elle mesmo de per si só ao estudo do grego, e no fim de dous annos achou-se habilitado para verter, como fez, algumas comedias dos autores gregos. Em 1798 compôz o seu *Alceste.* Depois fez uma collecção de varias prosas e poesias por elle escriptas durante as vicissitudes politicas daquelles tempos, e a publicou com o titulo de *Misogallo*, levado do asco que concebêra contra os Francezes pelas atrocidades que commetteram com o pretexto da liberdade durante a revolução. Em 1800 compôz o seu *Abel* que intitulou *Tramelogedia*, e em que com pouco bom resultado esforçou se para reunir a poesia tragica com a lyrica. Em 1801 escreveu seis comedias em versos nas quaes não foi mui feliz; pois a sua indole austera, e o estylo ao qual já estava acostumado, mal se acommodavão com esse genero de poesia. Continuando os seus estudos foi assaltado da gota, que elle tentou abrandar com a abstinencia dietetica, o que arruinou a sua constituição, e exasperando-se a molestia o levou quasi de repente em um dos seus accessos. A condeça de Albania fez lhe erigir um sumptuoso mausoleo na igreja de Santa Cruz, em Florencia, pela mão do immortal Canova. Alfieri bebêra e professara por muito tempo as idéas liberaes mais exaltadas: não via nos primeiros tempos da sua vida nos reis e nobres senão tyrannos e monstros: a liberdade era o maior e mais forte dos seus votos, com ella sonhava, e com a guerra de morte aos despotas. Esta aversão e asca profunda á realeza e á nobreza, ressumbrão na maior parte das suas obras, e ás vezes são levadas a tão alto grão que pouco distão do excesso. As doutrinas que as nutrião erão

mui conformes á sua indole naturalmente altiva e intolerante que deixou-se levar além de todos os termos. Com tudo, o quadro dos horrores da revolução franceza modificou muito a final o seu modo de pensar; e quando vio publicadas novamente em Paris algumas das suas obras em que erão exaradas essas idéas livres que professára, affligio-se muito.

Alfieri é certamente um dos genios mais fortes e sublimes que a Italia tem tido; e é verdadeiramente original, tanto no methodo, como no estyo. Elle supprimio os confidentes dos quaes os Francezes muito havião abusado, e compôz as suas tragedias quasi sómente com protogonistas, e mui poucos interlocutores. Diligenciou causar maior impressão antes com a grandeza dos pensamentos e a força das expressões que com os golpes de scena, e com os jogos e sorprezas de enredo. Neste é elle muito simples como nos interlocutores, nos quaes não póde ser mais resumido, nem mais economico. Inventou um estylo novo, altamente robusto e mui conciso; deu exemplo de um verso mui energico e mui rijo, mas por isso as vezes nimiamente duro, sobre tudo nas primeiras das suas tragedias; mas no qual, cada palavra, cada phrase é quasi sempre uma alta sentença, e não póde tirar-se, nem collocar-se de outra maneira sem prejudicar a energia do estylo e a força do pensamento. Muitos versos delle que simplesmente lidos parecem duros e improprios, deixão de ser taes quando bem declamados; então manifestão-se nelles muitas bellezas, que se não vião sem isso. Alfieri encheu um grande vão que apresentava a litteratura italiana, o da falta do theatro tragico: e o preencheu de maneira tal que só com as suas obras ella póde competir com qualquer outra nação, e mesmo dizer: «quem de vós tem um autor que com tão poucos recursos de numero de actores, de enredos complicados e golpes de scena, interesse o leitor e o espectador como o meu Alfieri? Qual de vós tem outro, cujo estylo seja tão forte e conciso, e cujo verso seja tão fero como o é o assumpto horrivel que elle expende? Shakespeare e Corneille que ás vezes o tem tal, tem-no sempre, e sempre como elle?»

MONTI.

VICENTE MONTI, nasceu em Fusinhano na Romanha, em 19 de fevereiro de 1754, e falleceu em 9 de abril de 1828. Aprendeu no seminario de Faença onde distinguio-se desde pequeno em fazer com a maxima facilidade versos latinos, e até improvisa-los; e compôz varias elegias. Concluida a rhetorica passou-se para a universidade de Ferrara, onde para satisfazer ao pai, applicou-se ao estudo da jurisprudencia; mas como *Ovidio, Ariosto* e *Tasso* a sua paixão para a poesia lhe fez abandonar a carreira de Astréa por aquella das Musas. Dominava naquelle tempo nas escolas o *Frugonismo*: e Monti tambem tinha entrado nessas escolas; mas a leitura de alguns versos do Varano e do Minzoni o distrahio dessa direcção, e o resolvêrão a abandona-las como se vê na sua *Visão de Ezechiel*, que escreveu na idade de 16 annos. O cardeal Borghese, que então se achava em Ferrara, conheceu, e apreciou o talento de Monti, e com licença do pai deste o levou depois comsigo para Roma tendo elle 18 annos. Ali teve occasião de conhecer o eruditissimo Ennio Quirino Visconti, o Varrão dos Italianos, com o qual travou estreita amizade e do qual aprendeu a conhecer e avaliar o merito dos autores classicos. Ali escreveu a *Prosopopea* que se lê no Museo Vaticano ao lado da *Herma de Pericles* descoberta naquella época nas excavações de Tivoli. Tres annos depois recitou nos *Quinquennaes* de Pio VI, celebrados pelos Arcades do Bosque Parrasio, o seu canto epithalamico *A Belleza do Universo*; e tal foi o applauso que teve, que o duque Braschi, sobrinho do papa, no dia seguinte o chamou ao seu serviço e lhe offereceu o lugar de secretario. Monti na casa daquelle principe teve occasião de se dar ás letras, e compôz varias elegias amorosas, uma ode sobre as machinas areostaticas, varios sonetos e canções, e o poemetto do *Peregrino apostolico* em dous cantos em terça rima, no qual cantou a viagem de Pio VI á côrte de Vienna. Achando se um dia presente á leitura que Alfieri, em uma roda de litteratos, fazia da sua *Virginia* em casa de *Maria Pezzelli*, ficou tão abalado com essa composição e com o estylo do grande tragico, que resol-

veu-se a ensaiar-se tambem na carreira tragica; e como se suscitasse entre aquelles litteratos uma questão ácerca da propriedade do estylo de Alfieri para a tragedia, e elle fosse de opinião que não era o melhor e mais appropriado, resolveu-se a prova-lo mais com o exemplo do que com palavras. Foi então que lembrado do facto de Aristodemo, que lera em Pausanias, compôz essa celebre tragedia que tanto applauso lhe grangeou, e que certamente é uma das mais bellas do theatro italiano. Tendo o duque de Parma já fechado o concurso aberto para a coroação das melhores tragedias; ao apparecer do Aristodemo, abrio de novo o concurso, e sem se importar com outros concorrentes coroou essa peça, e com um bilhete escripto por sua letra enviou a Monti a competente medalha. Escreveu Monti depois o seu *Manfredi* no qual se nota um espirito Shackespeariano, e o *Caio Gracco* que talvez pela eloquencia, ainda é melhor que o Aristodemo. mas cujo fim politico achou menos favor na condição dos tempos. Indignado contra a infamia que as cartas de Bettinelli intituladas Virgilianas espalhavão contra Dante, corrompendo a arte poetica, e vendo que a confutação de *Gozzi* não bastava para destruir a impressão que ellas causaram, resolveu-se a vingar a honra do pai da poesia italiana; e o fez não com dissertações, mas com elevar o estylo dantesco ao mais alto grão de esplendor na sua *Basvilliana*, poema em terça rima sobre a morte de *Ugo Basville* agente da republica franceza, assassinado em Roma pelo povo, e no qual descreve a revolução franceza e a morte de Luiz VIII. Este poema ficou incompleto, e só com quatro cantos, por causa das mudanças politicas que occorrêrão; o mesmo aconteceu á *Mascheroniana* outro poema em terça rima composto pelo Monti na occasião da morte do celebre mathematico Lourenço Mascheroni do qual só existem cinco cantos. Estes dous poemas se distinguem pelo estylo dantesco e por principios monarchicos contrarios ás idéas revolucionarias do liberalismo exaltado. Tambem incompleto ficou outro poema em versos soltos intitulado o *Prometheo* do qual existem só tres cantos. Este poema foi composto no tempo da republica Cisalpina, creada no norte da Italia pelas armas francezas, e na qual ficou comprehendido o territorio da patria de Monti, que, convidado pelo novo governo, cantou as acções de Bonaparte, entoando hymnos da liberdade. Elle foi nessa occasião chamado ao

ministerio dos negocios estrangeiros na qualidade de secretario geral. Mas esse emprego suscitou lhe muitos inimigos e assanhou a raiva dos que o detestavão pelos principios que elle propalára na sua *Basvilliana*, de maneira que quizerão fazer-lhe applicar a lei que excluia os inimigos do governo popular de todo e qualquer emprego. O seu nome porém valeu lhe e o sustentou, e foi promovido a commissario da provincia do Rubicão juntamente com o advogado Oliva. Monti porém se não deu bem no seu emprego, e teve a sustentar uma luta mui grande por intrigas e obstaculos ás suas boas intenções; e vendo que nada podia alcançar com seus trabalhos dirigidos ao bem publico, retirou-se dizendo a respeito da nova republica. « *Sonhei ter vindo ás nupcias de uma bella e casta virgem, e á final achei-me nos braços de uma ascarosa meretriz*. Para acalmar um pouco as iras suscitadas contra os seus antigos principios, escreveu elle varios poemetos intitulados o *Perigo*, o *Fanatismo*, a *Superstição*, o *Congresso de Udina* e o de *Leão*, poemas todos cheios de altas e bellas imagens e escriptos com um estylo magnifico, mas nimiamente exagerados nas maximas liberaes que dizem respeito ao altar e ao throno ; o que deve-se-lhe em parte desculpar em razão dos tempos, e do medo que elle tinha dos seus inimigos. Lendo-se estes poemas se não reconhece mais o autor da Basvilliana, senão pelo estylo, e são um verdadeiro borrão na sua vida, e no seu caracter, que nunca devêra ter descido a adular as paixões e as furias da demagogia, depois de haver tão heroicamente combatido nas fileiras oppostas. A Mascheroniana que elle depois compôz em sentido bem differente não foi bastante para riscar essa nodoa. Tendo após o norte da Italia passado sob o dominio de Napoleão já imperador dos Francezes sob o titulo de Reino de Italia, Monti, escreveu muitas poesias em louvor do novo monarcha, taes como o *Bardo da Selva Negra* poema em verso solto e em oitavas, entremeado de cantos lyricos do qual só compôz cinco cantos, a Espada de Frederico (oitavas) o *Theseo*, acção dramatica. *A palingenese politica* (versos soltos), a *Jerogamia*, as *Abelhas Panacrides*, a *Musogonia* (oitavas). Tambem devemos mencionar o poema da *Feroniaada* em versos soltos, em tres cantos, dos quaes o ultimo não está concluido : poema que elle mais cansou-se em limar, e tem por objecto celebrar o enxugamento dos paues do agro

romano feito por Pio VI. Elle traduzio as satyras de Persio umas em terça rima, outras em soltos e a ultima dellas verso por verso: e tendo sido suscitada uma questão ácerca da possibilidade de se traduzir Homero em italiano conservando sempre um estylo nobre, elle sustentou a affirmativa com os ditos e com o facto, ainda que muitos litteratos, entre os quaes o mesmo Cesarotti, opinassem o contrario. Verteu pois toda a Iliada em verso solto com a maior exactidão e nobreza de estylo, e hoje é a melhor das tantas versões italianas que hão sido feitas desse poema; e para dar prova da sua habilidade de traductor, verteu tambem com a mesma perfeição o primeiro livro da mesma em oitavas. Convidado a fazer tambem a versão da Odyssea de Homero, disse que não emprehendia esse trabalho *só para não desgostar ao bom Pindemonte* que estava fazendo igual trabalho. Além destas ha delle publicadas muitas outras poesias, varias cartas litterarias, e algumas lições de eloquencia, analysando varios escriptores, dictadas na época em que foi professor de eloquencia em Milão e na universidade de Pavia. As obras delle compoem oito volumes em 12, e além destes ha cinco outros de obras ineditas, publicadas depois da sua morte; fóra a sua *Proposta* á academia da Crusca, na qual, ajudado pelo seu genro o conde Julio Perticari, mostra os erros numerosos do *Vocabulario da Crusca*, e propõe varias reformas e additamentos a este. Os differentes e contrarios sentidos politicos em que Monti escreveu, e sobre tudo as maximas que na maior parte delles espalhou contra as idéas liberaes exaltadas e revolucionarias, minguárão muito o seu credito no coração do povo italiano, cujas sympathias, apezar da triste lição que lhe deu a liberdade trazida pelos Francezes, ainda tendem muito para essas idéas. Todavia a gente sensata reconhece o merito de Monti e os grandes serviços que prestou ao seu paiz e á litteratura italiana, dos quaes é um dos principaes ornamentos, podendo-se dizer que nenhum ha mais digno do que elle, Alfieri e Metastasio de ser associado com os quatro grandes poetas classicos. Tres são os principaes desses grandes serviços: 1°, realçando os altares de Dante restabeleceu a poesia antiga civil e philosophica; 2°, dando á Italia a versão da Iliada de Homero, restabeleceu o gosto do simples e do sublime, que se perdêra pelo enthusiasmo que havia pelo do turgido e conceituoso; 3°, ti-

rando a poucos despotas de um só municipio a autoridade da lingua, a restituio ao governo dos litteratos da nação inteira. Elle nunca foi infiel á causa da liberdade litteraria.

Monti foi casado com a filha do celebre cavalleiro João Pikler, do qual era amigo. Depois da morte do pai della elle lhe mandou offerecer a sua mão sem nunca a ter visto, só movido a isso pela veneração que tinha a este homem celebre, e pela fama das virtudes da filha. Esta, sem nunca ter visto Monti, aceitou-a immediatamente dizendo: que lhe bastava saber que elle era o autor do Aristodemo.

Monti foi de bello pessoal, e de maneiras mui agradaveis, mui facundo, e de uma indole mui benevola, difficil ao odio, facil a perdoar as offensas. Foi cavalleiro da ordem da corôa de ferro e da legião da honra.

(1) Este poemeto foi escripto na occasião das nupcias do do duque *D. Luiz Braschi* com *D. Constancia Falconieri*, em 1789, e lido depois na reunião dos Arcades como já se disse.

(2) *Prema.* Premer, verbo do latino, e italiano *prémere.* Os diccionarios portuguezes não trazem este verbo o qual deveria comtudo adoptar-se, porque *comprimir* não exprime bem como elle a idéa de *pressão* oppressiva e reprimidora: aliás elle é bello, nobre e sonoro.

(3) *Respiro.* O original diz *Spiro* que é uma abreviação de *Spirito.* A analogia de *espirito* com *halito* e *respiração* autorisa aqui o emprego da palavra *respiro.*

(4) *Filha:* terceira pessoa singular do presente indicativo do verbo *filhar* aqui tomado, como no italiano, em sentido de gerar, e produzir filhos. Em portuguez este não se usa ordinariamente neste sentido; mas ao poeta é licito ás vezes sahir da senda vulgar, e dar a certas palavras uma significação particular. Nenhum outro termo ou expressão poderia exprimir melhor a idéa do poeta, e eu creio que nesta occasião a lingua ganha muito admittindo-o.

(5) *O rei louro da floresta:* o leão.

(6) *Discinda:* latinismo do verbo *Discindo, discindis* rasgar ou partir.

(7) *De Maro aqui do Cysne Venusino:* Virgilio e Horacio.

(8) Pintor de Urbino. Raphael, pintor celebre.

(9) *Leão:* o papa Leão X.

(10) *Vaticão:* licença poetica em lugar de Vaticano.

(11) Vendo um punhal que Aristodemo saca e lhe mostra.
(12) *Afanos.* Mattos usou as vezes de *afanos* em lugar de *affans* : e na verdade é mais sonoro.

GUARINI.

JOAO BAPTISTA GUARINI, nasceu em Ferrara em 1527, e morreu em Veneza em 7 de outubro de 1612 para onde se transferira por causa de umas demandas. Foi filho de Francisco Guarini e da condeça Ursina Machiavelli. O seu talento o deu a conhecer mui cedo, e nos primeiros annos da sua mocidade foi professor de bellas letras na universidade da sua patria. Em idade de 30 annos entrou ao serviço de Affonso d'Este, duque de Ferrara, que o fez cavalheiro, e o enviou felicitar em Veneza o novo Doge Pedro Loredano em 1557, e que o encarregou de outras embaixadas ao duque de Saboia, ao imperador Maximiliano III ao rei e á republica da Polonia. Achou se na côrte de Affonso juntamente com Tasso, com o qual inimizou-se por ciumes amorosos: comtudo fizerão um do outro grande estimação. Depois das ditas embaixadas Guarini esteve por algum tempo afastado dos negocios publicos, e occupado só com as letras. Em 1585 foi pelo duque nomeado secretario de estado, lugar que exerceu dous annos, no fim dos quaes partio de Ferrara com pouca satisfação do duque por questões com o proprio filho Alexandre, e com a propria mulher. Passou-se então para Turim onde foi bem acolhido pelo duque de Saboia, mas o rancor de Affonso fez que elle não podesse ficar ali, nem em Padua, Veneza e Mantua para onde se transferio. Depois da morte de Affonso entrou no serviço de Fernando de Medici grão-duque de Tuscana ; mas indispôz-se tambem com este pela parte que o duque suppôz elle tomára no casamento de seu filho com uma dama pobre de Pisa. De Florença passou se para Urbino, onde o duque daquella cidade o havia convi-

dado; mas não achando ali honras conformes ao seu merecimento, retirou-se. No fim da sua vida voltou a Ferrara que tinha sido encorporada aos estados pontificios, e foi enviado pela municipalidade a felicitar Paulo V pela sua assumpção ao papado; occasião na qual recitou perante o pontifice uma oração latina. Depois foi para Veneza onde acabou seus dias. A vida vagante delle e suas continuadas desavenças de familia, e com os differentes principes, fazem crer que elle tinha uma indole fastidiosa e risingueira, propensa á colera. Muitas são as obras do Guarini, e algumas dellas ainda ineditas. As impressas são *Orações latinas* pronunciadas nas differentes embaixadas: varias cartas, o *Secretario*, varias *Rimas*, uma comedia intitulada a *Hydropica* e o *Tratado da liberdade politica*. Porém a sua obra prima é a Tragicomedia pastoral intitulada o *Pastor fido*: as outras obras são muito inferiores a esta, unica que lhe adquirio verdadeira gloria, e que o collocou entre os melhores poetas italianos. Ella foi acolhida com enthusiasmo por toda a Italia, e em 1585 foi representada pela primeira vez em Turim com mui grande pompa nas nupcias de Carlos Emmanuel com Catharina d'Austria, mas só foi dada á luz em 1590. Apezar dos louvores geraes, muitos litteratos a censurarão; e logo suscitou-se uma grande polemica a este respeito. Porém as obras dos seus detractores jazem esquecidas no silencio e ainda hoje em dia se reproduzem edições do *Pastor fido*, e é inserido em todas as collecções classicas. Este trabalho de Guarini posto que bellissimo quanto ao estylo tem comtudo grandes defeitos. Um delles é achar-se nelle espalhadas maximas pouco convenientes, e pouco conformes á melhor moral, motivo pelo qual foi posto no catalogo dos livros prohibidos; outro é de ser nimiamente estudado, com nimia profusão de sentenças, ter um enredo demasiadamente implicado, e apresentar costumes mui alheios dos pastoris. Comtudo elle não deixa de ser uma linda joia do Parnaso Italiano, e depois do Amynthas do Tasso, a elle pertence a primazia entre todas as peças pastoris italianas.

(1) Os amantes, e as senhoras que lerem este trecho, antes de escandalisarem-se, devem lembrar-se que é um satyro quem falla; e que dos satyros se não podem esperar elogios, mas cousas satyricas. Para se consolarem do despeito que a falla deste satyro lhes vai causar; saibão que elle depois o pagou

caro com os ossos do corpo, ficando quasi derriado de uma quéda que levou por puchar com nimia força os cabellos da amada, no tomar lhe satisfação do cioso ; pois o tal cabello era postiço, e o pobre satyro lá se foi com as costas ao chão com o chinó nas unhas.

(2) *Enramalhar* é o verbo que na lingua portugueza póde exactamente corresponder ao italiano *infrascare*.

MAFFEI.

SCPIÃO MAFFEI, filho do marquez João Francisco Maffei e de Silvia Pellegrini, nasceu em Verona em 1675, e morreu em 11 de fevereiro de 1755. Estudou sob os jesuitas de Pavia, e applicou-se mui cedo á poesia seguindo no principio os desvios dos poetas daquelle seculo desgraçado para a litteratura italiana : porém pelo exemplo e conselhos do Maggi, de Milão, e do Pastorini de Genova, deu-se logo ao estudo dos classicos, que sempre depois imitou. Applicou-se tambem á profissão das armas, e em 1704 achou-se na batalha de Donawerthe no exercito commandado por seu irmão, que estava ao serviço da Baviera. Em 1710 deu á luz a sua obra intitulada *Sciencia Cavallaresca* em que combateu, e refutou habilmente o direito do duello, mostrando o barbarismo da sua origem. Em 1712 publicou em Paris uma obra em latim *sobre a fabula da Ordem Constantiniana*, obra que lhe malquistou o duque de Parma Francisco Farnez. Foi collaborador do —Giornale dei Letterati—com Apostolo Zeno e Vallisnieri. Vendo elle que o gosto do theatro francez se ia propagando em Italia, afim de chamar a attenção e talento dos Italianos sobre as producções poeticas do seu paiz, compilou e publicou em 1723 uma collecção das tragedias mais celebres do seculo XVI com o titulo de *Theatro Italiano*, precedida de uma dissertação sobre a arte dramatica, e fazendo notar os defeitos das peças theatraes francezas, que comtudo,

naquelle tempo, erão mui superiores ás que se havião publicado em italiano. Mas elle alcançou melhor o seu intento compondo a sua *Merope*, que tirou de um extracto de Higino de uma das mais bellas tragedias de Euripides, hoje perdidas. Em 1727 publicou a sua *historia diplomatica*; e em 1732 a sua *Verona illustrata*. Em 1733 publicou em Paris 25 cartas em latim sobre varias antiguidades da França. Em 1742 publicou a *historia theologica* das doutrinas e opiniões que corrêrão nos cinco primeiros seculos da igreja a respeito da Divina Graça e do livre arbitrio. Em 1744 publicou o seu tratado *Do emprego do dinheiro*. Publicou depois uma obra sobre a falsidade da arte magica, e a historia dos theatros antigos e modernos; e varias cartas sobre a regeneração dos insectos, os peixes petrificados, e a electricidade. Elle fundou, e enriqueceu o Museo Veronez. Publicou tambem um opusculo intitulado *Conselhos para a conservação da republica Véneta*. De todo este numero de obras bem se vê quão grande vasta e variada era a instrucção e doutrina deste talentoso italiano. Em poesia, a sua Merope é obra prima: ella é uma tragedia verdadeiramente classica: o seu merecimento não foi ainda ecclipsado pelas de Voltaire e de Alfieri, que tratarão o mesmo assumpto. Voltaire fazia grande conceito do Maffei, e queria verter a Merope deste: depois resolveu-se a fazer elle uma sua, a qual dedicou ao mesmo Maffei; e na sua carta que lhe dirigio nessa occasião, ao passo que nota alguns defeitos, faz-lhe grandissimos elogios, e confessa o acanhamento da lingua e do theatro francez pela constante exigencia da arte, e pouca liberdade que offerecem ao que é simples e mui natural; assim como que elle muito se utilizou da Merope italiana, da qual traduz e elogia em verso solto, ou *blanc*, como dizem os Francezes, varias passagens. Comtudo os defeitos notados por Voltaire, e a inveja e o máo gosto suscitárão lhe muitas criticas, entre outras as do *Lazzarini* e do *Valeresco*. A estes fez éco o Martelli, inventor dos versos alexandrinos italianos, imitados dos francezes, e denominados delle *versos martellianos*, o qual, doendo-se de que o Maffei o tivesse esquecido em todas as suas obras, compôz um drama em verso solto intitulado *Femia*, anagramma do nome de Maffei, no qual se esforçou de satyriza-lo e mettê-lo a ridiculo. Maffei doeu-se muito desta obra, da qual o Parini confessa ter muito aproveitado para o bello estylo dos seus poemetos: procurou pois

apaziguar o *Martelli*, e alcançou delle que cessasse de perseguí-lo, e que recolhesse e queimasse o maior numero dos exemplares que podesse da dita obra, a qual hoje por isso é muito rara. A *Merope* foi impressa em Liorne em 1763 com uma collecção mui curiosa de varios discursos sobre ella, e na qual vem a carta de Voltaire ao Maffei, em francez e italiano. *Marré* professor de litteratura franceza, na universidade de Genova, escreveu uma memoria sobre as Meropes de Maffei, Voltaire e Alfieri, a qual vem na collecção do *Instituto Ligure*, nella sustenta a primazia da de Maffei. O busto de Maffei havia sido collocado com uma inscripção sobre a porta do museo de Verona: Maffei nimiamente modesto os fez tirar, e só forão outra vez mandados collocar no mesmo lugar depois da morte delle por ordem da academia philarmonica.

(1) Compare-se este trecho com o de Alfieri sobre o mesmo assumpto, e ver-se-ha a differença dos dous poetas. Neste a simplicidade, e ingenuidade propria de um joven sem malicia e de boa fé, patenteão essa simplicidade, essa natureza propria dos autores gregos: naquelle um ar de malicia e de desconfiança, e certa altivez e arrogancia indicão um animo prevenido, ar de personagem, e um estudo forçado no poeta, o qual é sim mais forte, mais conciso e mais sentencioso, mas nada é disso sem algum esforço e sem lutar com algum obstaculo; ao passo que Egysto e seu poeta parece no trecho de Maffei que estão conversando naturalmente.

(2) *Que de nada afinal servir devia.* Esta precaução de nada valêra, porque á final sempre fôra preso.

(3) Este trecho apresenta a mesma simplicidade como o antecedente. E' preciso saber que Polyphontes é um tyranno usurpador do throno, e que quer obrigar a Merope, mulher do defunto, rei a casar com elle. Egysto é Cresfonte filho del'a, herdeiro legitimo do throno, com outro nome, e por ora só conhecido de Merope e de Ismenia.

CHIABRERA.

GABRIEL CHIABRERA, nasceu em 18 de junho de 1552, em Savona, de uma nobre familia, e falleceu em 1638 aos 14 de outubro. Quinze dias depois de nascido perdeu seu pai, e foi educado pelo tio paterno. Estudou nas escolas dos jesuitas, e como o tio lhe vedasse o professar nessa associação, conservou-se no seculo, e deu-se ao estudo da poesia, e compôz varias odes a imitação dos gregos e varias poesias. Os seus escriptos forão recebidos pelo publico dos litteratos com grande enthusiasmo pela novidade e variedade da textura e fórmas que elle soube dar-lhes quanto á metrificação, e pela nobreza das metaphoras, dos adjunctos e dos traslados. Foi de uma fecundidade de genio muito grande da qual ás vezes abusou limando pouco o que fazia. *Suamet copia mersus*, diz delle Gravina, *quandoque amisit limam delectumque neglexit rerum.* Foi mui honrado por varios principes, entre elles Carlos Manuel, duque de Saboia; e Fernando e Cosmo de Medici, grandes duques da Toscana, e por Vicente Gonzaga, duque de Modena. Urbano VIII o convidou para que fosse a Roma. Applicou-se depois ao estudo da theologia e dos santos padres, e recusou sempre entrar nas côrtes. As suas obras poeticas formão varios volumes. Hoje em dia gozão de muito menor conceito que antigamente. Maroncelli, nas suas notas ás *Minhas prisões* de Silvio Pellico, faz-lhe uma aspera censura que me parece nimiamente severa. Eis como elle se exprime. « Que dizer de Chiabrera e de Guidi? Ambos sem cabeça e sem coração como podião ser poetas? Guidi escreveu um livro de homilias papaes, e as traduzio em versos a que chamou odes. Chiabrera saqueava pilhando uma sentença cá outra lá, quer de Pindaro, quer de Isaias e todas lhe bastavão para accumular lyras sobre lyras até o infinito, e todas vazias. Inventou quantos metros quiz, e, segundo me parece, com felicidade desigual; deu elle o primeiro uma norma ás composições á grega, e assim brindou o idioma com varias fórmas. E' a differença que ha entre o Guidi e o Chiabrera. Este ultimo não sabia fallar senão atravez de locuções intrincadas e obscuras, e anti-grammati-

caes: pessimo estylo para vestir, ou um nada, ou alguma cousa não sua; ao passo que Guidi corrigio na sua linguagem os vicios seiscentistas, e as palavras são para elle um magnifico atavio pontifical com que illustrou o Homilista Clemente. Forão tambem toda a sua poesia. » Apezar desta severa critica, penso que Chiabrera, se realmente não merece o titulo que o enthusiasmo já lhe deu em outro tempo de Pindaro Italiano, ou Pindaro Savonez, algum serviço fez á litteratura e á poesia italiana; e algumas das suas poesias tem bellezas que merecem ser conhecidas, e podem ser elogiadas. As duas anacreonticas que delle aqui dou estão cheias de graça e delicadeza, principalmente a segunda.

(1) Nesta anacreontica, não me obriguei a seguir a sempre a metrificação do original quanto á terminação esdruxola. Sabe-se quanto isso é difficil na lingua portugueza, a qual escaceia muito de taes palavras; confessando varios escriptores que ella não é lingua para isso; e tendo-se sabido mal os que como Ferrão Alves do Oriente, quizerão imitar nisso os Italianos. Comtudo, como se verá em outras occasiões ás vezes póde-se felizmente usar dos esdruxolos, não sendo sempre.

(2) *Inaurecem e efflorecem* são dous bellos verbos que podem ser empregados mui felizmente em poesia: significão, endourão-se, ornão-se de flores, ou cobrem-se de flores.

GUIDI.

CARLOS ALEXANDRE GUIDI, nasceu em Pavia em 14 de junho de 1650, e falleceu em Frascati em 12 de junho de 1712. Ha delle varias Homilias de Clemente XI postas em versos lyricos ou canções, e outras poesias, das quaes a sua canção intitulada *a Fortuna* é uma das melhores, e acha-se inserida em quasi todas as collecções. Veja-se a respeito delle o juizo de Maroncelli na nota antecedente ácerca

de Chiabrera; juizo que comtudo parece-me nimiamente rigoroso; pois um escriptor que de umas homilias nos faz umas canções soffriveis, e sabe por assim dizer bem vestir toscos páos para fazê-los representar bellas figuras, não é certamente despido de todo o merito, e não merece se diga delle que não tem cabeça, nem coração.

(1) *A Fortuna.*

(2) *Mancebo Pelleo.* Alexandre Magno da cidade de Pella capital da Macedonia.

(5) *Ao alvo lindo seio.* A Cleopatra.

(4 *Punico assanhado:* Hannibal.

FULVIO TESTI.

FULVIO TESTI, nasceu em Modena, de honestos parentes em 22 de agosto de 1593. Desde a sua mocidade deu-se a cultivar a poesia, e em 1613 já tinha principiado a publicar um pequeno volume de rimas; vendo porém que tinha nisso muitos competidores, resolveu-se a voltar-se para a ode segundo o estylo dos gregos e latinos, e sahio-se tão felizmente desta sua tentativa, que immediatamente suas odes corrêrão com muita fama e aceitação por toda a Italia, o que lhe adquirio a estima e o favor de muitos principes, e sobretudo dos duques de Modena da casa d'Este, um dos quaes o enviou na qualidade de embaixador para a Hespanha, cujo rei lhe conferio a cruz de S. Jacques, uma commenda e o titulo de conde. Urbano VIII enviou-lhe presentes. O conceito geral de que gozava e a prosperidade da fortuna o illudirão a um ponto tal, que nos ultimos tempos desvairou-se, deslisando-se da senda da lealdade para com o duque seu bemfeitor. A sua ode contra a soberba, que principia *Ruscelletto orgoglioso*, na qual allegoricamente satyrizava certa pessoa influente, suscitou-lhe contra inimizades e intrigas no meio das quaes ficou comprommettido com o

duque, na desavença que houve entre Urbano VIII e o duque de Parma, na qual ficárão compromettidos quasi todos os principes italianos. O duque avisado pelo cardeal seu irmão a respeito das infidelidades de Fulvio, mandou prender a este em uma masmorra na qual finalisou seus dias, como diz simplesmente *Lourenço Crasso* nos seus elogios de homens litteratos; porém Quadrio diz que elle foi justiçado privatamente em Rubiera em 28 de agosto de 1646; verificando-se nelle mesmo a allegoria do ribeirinho orgulhoso, e o destino por elle profetizado ao mesmo; havendo até a coincidencia de ter isso sido no mez de agosto por elle mencionado. Elle foi um dos membros da academia dos *Fantasticos* estabelecida em Roma no convento dos Santos Apostolos por Antonio Fabri em 1625.

(1) *Eneas;* nome da pessoa a quem dirigio esta ode.
(2) Esta ode causou a desgraça de Fulvio Testi.

FRUGONI.

CARLOS INNOCENCIO FRUGONI, entre os arcades COMANTE, foi natural de Genova, e o chefe de uma nova escola denominada frugoniana. Não posso indicar com precisão a época do seu nascimento e a da sua morte por falta de autores e documentos que possa consultar a este respeito. As suas poesias compõe uma longa serie de volumes. As primeiras forão impressas em Parma em 1734. Em 1728 elle havia publicado uma collecção de poesias para as nupcias de Antonio Farnese, duque de Parma. Não me havendo sido possivel obter aqui no Brazil as suas obras, só publico duas das suas anacreonticas que vem na collecção do cavalheiro Brancia intitulada—Tesoro della Poesia Italiana—. Este poeta em que a facilidade e doçura do verso é mui grande e engraçada, sobre tudo nas poesias anacreonticas, pecca um pouco de conceituoso e de turgido, e mui se afasta daquella

bella e ingenua simplicidade que se admira nos gregos e nos poetas classicos antigos da Italia. E'les e a sua escola tiverão em vista causar surpreza e espanto com o extraordinario e mais com o admiravel do que com o simples e bom: elles fallão mais á imaginação e á vista que ao coração e ao raciocinio. Todavia se não póde negar que nas poesias de Frugoni ha cousas mui bellas. Monti, cujo juizo é de algum peso, confessa que a leitura desse autor o encanta e enche de admiração. Elle não deve ser imitado em tudo, mas tambem nem em tudo desprezado. Difficil será achar versos lyricos mais harmoniosos que os delle, e os de Metastasio: Casti e Monti são talvez os unicos que se lhe approximão mais.

FILICAJA.

VICENTE FILICAIA, nasceu em Florença em 1642 aos 30 de dezembro, e falleceu em 24 de setembro de 1707. Foi filho de illustres parentes; e casou na idade de 31 annos. Foi academico da Crusca, e senador. Foi muito honrado do seu soberano e de outros principes. Applicou-se principalmente á poesia lyrica. Todas as suas poesias se achão em um volume in 4°, publicado em 1707 por Pedro Matini. Forão depois feitas varias edições uma de Bolonha em 1708 por Constantino Pizarri e outras em Veneza e Pistoia. O juizo que alguns fazem delle, limita-se a chama lo unicamente autor de um soneto; alludindo ao seu celebre soneto sobre a Italia. Este juizo parece-nos demasiado severo; e o soneto de que se trata deve mais a sua celebridade ás sentenças politicas que encerra, que a outra qualquer qualidade. A canção que delle dou, goza de alguma estimação, e vem em muitas collecções.

POLIZIANO.

ANGELO POLIZIANO (Policiano) assim denominado de Montepulciano onde nasceu em 14 de julho de 1454, foi filho de Benedicto Ambrogini e de Magdalena Tarugi. Elle foi muito versado na lingua grega e latina, e escreveu nesta segunda lingua a historia da conspiração dos Pazzi e algumas poesias. Foi mui affeiçoado á casa de Medici, cuja decadencia, dizem, lhe apressára a morte, que o ceifou em 1495 com 40 annos de idade aos 24 de setembro. Em 1485 foi feito doutor em theologia, e foi depois sacerdote e prior da Collegiada de S. Paulo, e depois em 1492 conego da cathedral. Lourenço de Medici o nomeou mestre de seus filhos, entre os quaes João que depois foi Leão X. Foi embaixador em Roma por parte de Florença em 1484; e Innocencio VIII lhe incumbio a versão de varios autores gregos. Tornado a Florença verteu Herodiano em bello e bom latim. Compôz varios epigrammas gregos; e tendo por companheiro nos seus estudos o celebre *Pico della Mirandola*, escreveu as suas miscellaneas que lhe grangearão muita estimação entre os eruditos. Compôz varias poesias italianas, entre ellas umas bellas oitavas celebrando os feitos de Julião de Medicis, trabalho que não ultimou; e o seu Orpheu tragedia em 5 actos. As poesias italianas de Poliziano são mui preciosas pela bondade e belleza da linguagem, e por certa amenidade de estylo que as distingue, e que se torna mui patente na descripção da Ilha da Deosa do amor.

MACCHIAVELLI.

NICOLAO MACCHIAVELLI conhecido tambem sob o nome de Secretario Florentino, nasceu em Florença em 3 de

maio de 1469, e falleceu na mesma cidade em 22 de junho de 1527. Pertenceu a uma das mais illustres familias florentinas. Perdeu o pai na idade de 16 annos. Sua mãi litterata e poetiza teve o cuidado de fazer-lhe dar educação que o seu talento aproveitou de maneira que na idade de 29 annos foi preferido entre quatro candidatos para o lugar de chanceller da segunda chancellaria dos denominados *Senhores*, e um mez depois feito secretario do conselho dos Dez da Republica Florentina. Em 14 annos durante os quaes exerceu emprego, desempenhou 20 legações externas e 16 commissões internas em negocios mui delicados e importantissimos. Occupou esses empregos durante a expulsão dos Medicis aos quaes era contrario; e fez todos os esforços para impedir a ruina da patria, estabelecendo as milicias nacionaes, substituindo-as á tropa mercenaria estrangeira. Mas pela fraqueza e impericia do Gonfaloneiro Pedro Soderini, e pela influencia dos imperialistas, dos Hespanhóes e de Julio III, restabelecidos os Medicis no dominio de Florença, foi demittido e degradado por um anno em um lugar do dominio florentino, e depois suspeitando-se de haver elle tido parte em uma conspiração dos republicanos contra o governo dos Medicis, foi lançado n'uma prisão onde soffreu até a tortura: e escapou da morte pela genosidade de Leão X. Na sua desgraça achou consolação e refrigerio na cultura das bellas letras; e compôz muitas obras em prosa e verso. As mais importantes são os seus *Discorsi sulle deche; il principe; l'arte della guerra; le storie fiorentine*. Publicou tambem uma novella intitulada *Belfagar*. Além de outras poesias escreveu varios capitulos em terça rima, *L'Asino d'Oro*, e varias comedias em prosa taes como *La Mandragola, La Clizia, La Sparta, Le Maabere*, e uma achada sem titulo. A primeira é tida como a melhor, e segundo o juizo de Voltaire, ella só vale mais que todas as de *Aristophanes*. A elle se deve o restabelecimento da comedia italiana. O nome deste sabio,poeta philosopho e grande politico é hoje mal e indevidamente tomado para designar a velhacaria e perfidia desfarçada, só por causa de algumas das suas maximas e conselhos politicos.

RUCELLAI.

JOÃO RUCELLAI. Achando-se em 1524 em uma sua casa de campo, a Quavachi em Florença, compoz um poema em verso solto intitulado *Le Api* ou *As Abelhas*, o qual foi publicado primeiramente em Roma em 1539, e depois em Florença e Veneza no mesmo anno, e reimpresso na primeira destas duas cidades em 1590 com o da *cultivação* de *Luiz Alamanni*. Este poema é a melhor de suas producções, e é muito conceituado pelo seu estylo e boa linguagem. Entre outras obras de Rucellai contão-se duas tragedias intituladas, uma *Orestes* e outra *Rosmunda*, a respeito das quaes tornou-se em parte digno de elogio e de censura, sobretudo na primeira, na qual como na *Merope* de *Torelli*, e na *Sofonisba* de *Trissino*, querendo, como estes autores fizerão, affectar essa simplicidade que distingue as tragedias dos Gregos, deu em baixezas e trivialidades mui grandes.

MENZINI.

BENEDICTO MENZINI. Nasceu em Florencia em 1646, e falleceu na sua patria em 7 de setembro de 1704. Elle era clerigo. Ha delle umas *Poesias lyricas*, impressas em Florencia em 1680; muitos *sonetos* impressos em Roma em 1692, além de 12 satyras em terça rima, impressas depois muitas vezes, assim como a sua *Arte Poetica* tambem em terça rima, e varios hymnos. Ha uma edição de todas as suas rimas feita em Florencia em 1730. As obras que lhe derão mais celebridade são a sua Arte Poetica e as Satyras; nestas ultimas deu no defeito dos antigos, sendo pouco casto e pouco delicado nas expressões e no estylo, e apresentando mais declamação grosseira que sal e pique satyrico.

(1) Este trecho é citado como um dos melhores de Menzini.

(2) Allude aqui a Dante e a um trecho do mesmo.

(3) *Chianti* é uma qualidade de vinho.

(4) Esta sentença não deve ser tomada em sentido absoluto, julgando-se que para uma boa composição sejão sempre indispensaveis grandes e altos pensamentos: a natureza não emprega ouro nem prata para fazer bellas cousas: com mui ordinarios elementos ella faz lindas rosas, e uma multidão immensa de outras bellissimas flores.

BETTINELLI.

XAVIER BETTINELLI, foi contemporaneo de Monti, o qual lhe dirigio uma amigavel carta contra os censores da sua *Espada de Frederico*: detractor de Dante; autor das *Cartas Virgilianas*, de que já por vezes tenho fallado: talento mais brilhante que solido, o qual nos fins do seculo passado se tinha erigido em Aristarco universal e juiz soberano e despotico da poesia; autor de muitas poesias, e entre estas de uma boa tragedia intitulada *Xerxes*, que é contada entre as melhores do theatro tragico italiano; e de varias cartas em versos soltos, que, juntamente com outras de Frugoni e Algarotti e precedidas das ditas Cartas Virgilianas, forão publicadas com o titulo de *Poesie de' tre moderni eccellenti autori.*

O estylo deste poeta é mais lindo e lambido, que bom e solido: as suas poesias não gozão hoje do credito e voga que já tiverão. O apparecimento das de Monti, Parini, Pindemonte, Foscolo e outros, as fez quasi esquecer, e o autor dellas perdeu o sceptro poetico e litterario que ardilosamente havia empolgado. Todavia se não deve pensar que tudo quanto sahio da penna deste escriptor seja absolutamente máo e vasio. O trecho que delle dou sobre o caracter de Ariosto e de Tasso, é bem lançado, e nelle o juiz é mais justo que a respeito de Dante.

PARINI.

JOSE' PARINI é o nome de um velho respeitavel, cuja memoria arrancava lagrimas e suspiros a Hugo Foscolo e a Torti quando fazia soar sobre a sua lyra o canto dos sepulchros. Sinto, por falta dos precisos dados, não poder dar delle maiores e minuciosas noticias. Elle compoz varias poesias, mas as suas obras mais celebres são as odes e os poemetos, e sobretudo o intitulado *il Giorno:* satyra frisante, escripta em versos soltos em tom ironico e sarcastico contra a vida molle effeminada dos senhores da classe mais nobre da Lombardia, e dividida em quatro partes intituladas *a Manhãa, o Meio dia, a Tarde e a Noite.* Parini no seu estylo é mais nervoso que doce, mais magestoso que corrente: usa de grandes e frequentes hyperboles e transposições, mas sempre com muita graça e juizo; a sua linguagem é forte, sentenciosa, e patentea o homem douto, virtuoso, inimigo sim do vicio, mas não livoroso e assanhado: mais irrisor pacato deste que seu algoz; elle não declama contra este, como Juvenal, nem faz resteas de epigrammas seguidos, como Boileau, satisfeito quando póde com isso despertar um riso maligno nos outros. E' uma alma serena e tranquilla, que com uma ironia mui branda e suave se insinua mesmo no coração da pessoa, cujos costumes censura. só com o fito de convencê-lo de que o que elle faz não é bom, e deve mudar de conducta. Este genero de satyra, é quasi novo e todo delle; pois se Horacio, Persio e Boileau ás vezes são ironicos, não sustentão este caracter até ao fim como elle, e logo rompem aquelle na sua raiva fellea contra o vicio; o segundo, nas suas risadas de gaiato; e o terceiro, nas suas ferroadas malignas. Houve quem se tenha lembrado de censurar o estylo de Parini, pretendendo reduzir seu merito quasi a zero, increpando-o principalmente pelas suas transposições. Deste numero foi um certo *De Coureil*, francez, compilador, como diz Monti, das insolencias periodicas publicadas no *Giornale dé letterati de Pisa*, ao qual o mesmo Monti penteou mui bem a cabelleira em uma de suas notas ás cartas

sobre o *cavallo alado de Arsinoe*, justificando ao Parini. Como já notei, fallando de Maffei, Parini formou este seu estylo aproveitando muito a leitura do Martelli.

PINDEMONTE.

HYPPOLITO PINDEMONTE, Cavalheiro, contemporaneo de Monti, Foscolo e Pellico. Monti designava-o com o titulo de *Bom*. E' autor de varias poesias campestres, da tragedia *Arminio*, reputada como classica, e na qual introduzio os coros sem prejuizo da acção; traduzio a Odyssea, e é o autor do *Carme Sepulchral* em resposta ao de Foscolo, que traduzi e publiquei com a versão desse. A falta de livros e documentos que possa consultar a respeito deste escriptor, me não permittem dar delle ulteriores noticias sem expôr-me a cahir em alguma inexactidão. O seu estylo é ingenuo, claro e ornado como a sua alma, e tem muita ordem. João Torti no seu Carme Sepulchral fez mui judiciosamente o parallelo delle com Foscolo como póde-se ver na minha versão desse carme nos *Gemidos Poeticos*. Ha outro *Pindemonte* de nome *João*, Conde e poeta de nota, e entre outras obras, autor de uma tragedia intitulada *os Baccanaes*, que vem no volume citado da *Bibliotheca del Viaggiatore*.

(1) Este coro é um canto festivo dos Keruscos, povos antigos da Germania; no qual fallão de varios dogmas e divindades da mithologia celtica.

FOSCOLO.

HUGO FOSCOLO nasceu na ilha de Zante em 1772, e morreu em Londres em 11 de setembro de 1827. Dotado de uma fantasia ardentissima, mas annuviada por idéas tris-

5

tes e por uma continuada desconfiança a respeito da sorte da Italia sua patria, amante sincero da liberdade, mas irritado e agitado pelas indignidades e horrores commettidos em nome della, o seu espirito ao mesmo tempo era fusco e levado á melancolia, ao enfado e ao livor; e tendo vivido em muita intimidade com Monti, á final indispoz se com elle, e nunca mais se congraçou perfeitamente. Escreveu elle varias tragedias, das quaes a *Ricciarda* e o *Ajaz* são reputadas as melhores, e forão julgadas dignas de entrar na collecção do volume do Theatro trágico da *Biblioteca del Viaggiatore*, e a primeira no *Theatro Classico* italiano publicado em Leipsik, em 1829, por *Ernesto Fleischer*. No principio da sua vida litteraria se apresentou ao publico com a sua tragedia *Thiestes*, que, apezar de mui louvada, elle mesmo quiz depois censurar e corrigir. Levado da raiva contra *Bonaparte* pela paz de Campo Formio, que anniquilára todas as suas esperanças de liberdade, para desabafar o seu sentimento, escreveu as suas celebres *Cartas de Jacob Ortis*, nas quaes expõe a situação, os sentimentos e a catastrophe de um joven dominado por uma paixão amorosa infeliz, e atormentado por idéas de um patriotismo ludibriado, e sem esperança, o qual acaba por suicidar se. Além das ditas tragedias ha delle varias poesias lyricas, orações, e o seu celebre *Discurso sobre o texto de Dante*, que sahio á luz em Londres em 1826. Porém o que mais concorreu para firmar e espalhar o credito de Foscolo foi o seu *Carme dos sepulchros*, depois que Monti fez conhecer a alçada e valor dessa poesia, que tanto effeito produzio sobre o animo de Silvio Pellico engolfado nos prazeres da vida efeminada em Paris, e que eu verti e publiquei nos meus *Gemidos Poeticos* juntamente com outro de *Pindemonte*, e outro de *Torti*. Elle verteu tambem e publicou os primeiros dous livros da Iliada.

MANZONI.

ALEXANDRE MANZONI, Milanez, nobre de nascimento e de animo, poeta celebre do nosso seculo, e que creio ainda vive. Não acho nos autores, que li, a época do seu nasci-

mento. Elle publicou varios *hymnos sagrados*, compostos em uma nova especie de lyrica por elle creada : *a morte de Imbonati*, em verso solto : *o Cinco de Maio*, ode celebre sobre a morte de Napoleão. *Os promettidos para casar* (I promessi sposi), historia milaneza do seculo XVII em que, com mui bello estylo, descreve a vida camponeza da Lombardia na historia do fiador de seda *Renzo* do Lago de Como ; porém o seu principal talento é para a tragedia. *O Conde de Carmanhola* e *o Adelchi*, que publicou, são duas mui boas tragedias : nellas, como Pindemonte, introduz os córos sem prejuizo da acção, e com perfeito transporte lyrico. O trecho que delle dou neste Ramalhete é um dos coros da primeira dessas tragedias, cujo estylo dialogico é muito lhano, e sem ser fraco e trivial como o do Trissino, tem muito dessa simplicidade natural que se admira nos Gregos.

NICCOLINI.

JOÃO BAPTISTA NICCOLINI é natural de Florencia, academico da Crusca, e professor de historia e bellas letras e mithologia na academia das Bellas Artes daquella capital da Toscana. E' autor de varias tragedias intituladas: *Antonio Foscarini, Giovanni di Procida, Polissena, Ino* e *Temisto, Medéa, Matilde, Edipo*, todas as quaes vem no tomo do theatro tragico da *Biblioteca del Viaggiatore*. A *Polissena* foi premiada pela academia da Crusca em 1811, pela sua pureza de lingua. Este escriptor é o Racine da Italia, quanto ao estylo e á linguagem : é menos robusto e elevado que Monti, menos forte, mais claro e corrente que Alfieri, sem ser menos grave; mais nobre e mais grave que Manzoni, e na delicadeza dos sentimentos approxima-se um tanto a Silvio Pellico.

SILVIO PELLICO.

SILVIO PELLICO é um nome bem conhecido em todo o mundo litterato, e mui celebre não só pelo seu talento poetico e de escriptor, senão tambem pelos trabalhos e soffrimentos por que passou no seu degredo de 10 annos na fortaleza do Spielberg. Elle nasceu no Piemonte na cidade de Saluzzo. Maroncelli, na noticia biographica que delle dá, e que vem premettida á edição completa das obras delle, impressa em Leipsick em 1834, não indica a época do seu nascimento. Já varias vezes tem corrido a noticia da morte delle, felizmente falsa. Seu pai, *Honorato Pellico*, fazia soffriveis versos lyricos, e compunha pedaços theatraes para os fazer recitar a seus filhos sobre um pequeno tablado á vista da familia e dos amigos. Silvio feito instruir pelo pai desde os primeiros annos, bebeu, por assim dizer, a essa fonte o espirito dramatico, que depois nelle se desenvolveu de maneira que elle é hoje o primeiro tragico do seu seculo. Dotado de uma compleição muito debil, esteve sentenceado a morrer antes dos vinte annos, pelo prognostico dos medicos. Educado desde a infancia com todas as maximas e costumes religiosos, e dotado de um natural delicado e mui sensivel, trouxera comsigo os germens daquella ternura e sentimento religioso que domina em todas as suas obras. Nos primeiros annos de sua mocidade, compozera algumas poesias: porém tendo passado a residir algum tempo em Paris abandonára esses exercicios, engolfado e distrahido nos prazeres que aquella cidade offerece em grande copia á mocidade. Porém a leitura do *Carme dos Sepulchros* de *Hugo Foscolo* foi para elle um escudo de Ubaldo. e despertando ao novo Rinaldo do seu entorpecimento no jardim de Armida, o chamou novamente para o campo da poesia; e hoje o publico tem delle oito tragedias: Francisca de Rimini, Eufemia de Messina, Esther de Engaddi, Hyginia d'Asti, Gismunda de Mendrisio, Leoneiro de Dertona, Herodiades e Thomaz Moor, das quaes a primeira é a que gosa de maior reputação popular, e que Lord Byron traduzio em inglez no espaço de tres dias: ella

se acha vertida em portuguem, por mim, no *Archivo Theatrai*, publicado pelos Srs. Villeneuve e C^a. São mui conhecidos, e já se achão traduzidos em portuguez o seu *Discurso sobre os deveres dos homens*, e as suas intituladas *Minhas pri. sões*. Ha tambem delle muitas e varias poesias em differentes metros; a maior parte com caracter religioso, e varias canticas em verso solto, intituladas *Tancredo, Rosilde, Eligi e Valfrido, Adello, Rafaella, Ebelmo, Ildegarde, I Saluzzesi. Aroldo e Clara, Rocello, La morte di Dante.* Não fallarei da historia do seu degredo, porque anda pelas mãos de todos. Vejão-se a respeito deste poeta e da sua Francisca as minhas observações que acompanhão a versão dessa tragedia já mencionada. No outro volume, que tenciono publicar, inserirei maior numero de trechos deste poeta do coração, e entre elles *As procissões, os Paeentes, as cusas de Asylo, os seculos, a Patria, um philosopho* que já verti, e que não podem ir neste volume.

FIM DAS NOTAS.

INDICE.

Soneto dedicatorio a SS. MM. II. 5

Poesias Epithalamicas.

O Anjo da Innocencia. Epithalamio 7
Epithalamio Campestre. Lyra de um pastor . . . 15
O Zephiro da Italia. Sonetos 21
A Rosa da Italia. Epitalamio 28

Ramalhete Poetico.

Prefacção I
DANTE.—1 Prótase da Divina Comedia e do Inferno. 5
2 Entrada do Inferno 15
3 Francisca de Rimini 27
4 Morte do Conde Ugolino 35
5 Prótase do Purgatorio. 43
6 Prótase do Paraiso 55
7 Chegada de Beatriz ao seu assento celeste e sua despedida de Dante 67
PETRARCA.—*Sonetos.* 1 Indroducção aos seus versos. 75
— 2 Belleza de Laura 77
— 3 Belleza de Laura 77
— 4 Sobre a morte de Laura . . 79
— 5 A Visão 79
Canções. 1 A declaração de amor malograda, ou as seis Metamorphoses 81

PETRARCA. — 2 Influencia Virtuosa da belleza 93
— 3 A fonte de Vauclnse . . . 99
— 4 O Sonho 107
— 5 A' Virgem Nossa Senhora. . 111
— 6 A' Italia 121
— 7 A Gloria 131

ARIOSTO.—1 Prótase do *Orlando Furioso*. 139
2 Angelica e Sacripante 143
3 Sacripante derribado da sella por Bradamante, e comparecimento de Rinaldo 159
4 Combate entre Rinaldo e Sacripante feito cessar com astucia por um mago. 173
5 Chegada de Rugero á Ilha de Alcina. 185
6 Pinturas. O Arcanjo S. Miguel, o Silencio, a Fraude e a Discordia. . . . 198
7 Assalto de Paris 213
8 Sortida nocturna de Medoro e Cloridano depois da derrota dos Sarracenos. 235
9 Medoro e Cloridano surprendidos por Zerbino 253
10 A Discordia no campo de Agramante . 265

TASSO.—1 Prótase da *Jerusalem libertada*, e embaixada celeste a Goffredo. 303
2 Convocação do Congresso infernal e falla de Plutão 315
3 Chegada de Armida ao Campo Christão. 327
4 Primeiro Duello entre Argante e Tancredo. 339
5 Amor de Herminia por Tancredo, sua sortida incognita para ir curar-lhe as feridas. 339

TASSO.—6 Hermina entre os pastôres 385
7 Duello entre Argante e Raimundo, seguidó de uma batalha e tempestade. . . 389
8 Morte de Sueno 427
9 Morte de Clorinda 449
10 O Palacio e Jardim de Armida, Vida effeminada e fuga de Rinaldo 467
11 Perigo de Silvia, a qual é livrada por Amynthas 489
METASTASIO.—*Trechos moraes e sentenciosos.*
1 Existencia e Unidade de Deos . . 497
2 Prudencia e resignação na desgraça. 507
3 Grandeza de animo. 513
4 Prudencia e moderação na prosperidade 521
5 Amor da Patria 527
6 A Patria 541
7 A Gloria 543
8 A Belleza. 545
Arias 547
Cançoneta 567
ALFIERI.—1 Conselho privado de Filippe, ou accusação de seu filho Carlos. 579
2 Egysto conta como matou um salteador. 597
MONTI. — 1 A belleza do Universo. 603
2 Aristodemo revela a Gonippo o segredo do seu crime 629
3 A morte. *Soneto* 641
GUARINI.—1 Queixas de um Satyro contra Amor e as mulheres. 643
2 A caçada do Javalí contada por Dorinda. 649
MAFFEI. —1 Egysto conta como matou um assassino. 655
2 Morte de Poliphontes contada por Ismenia. 659

CHIABRERA.—1 Belleza da sua dama. *Anacreontica.* . 565
2 Riso de mulher bella, idem 669
GUIDI.—A fortuna. *Canção* 673
FULVIO TESTI.—1 A virtude e a nobreza. *Ode.* . . 689
2 Contra a soberba. *Ode.* 697
FAUCONI.—1 A ilha de Amor. *Anacreontica* . . . 705
2 Amor pedinchão, idem. 717
FILICAJA.—Pela libertação de Vienna. *Canção.* . . 727
POLIZIANO.—A mulher amavel. 739
MACHIAVEL.—A occasião. 743
RUCELLAI.—As Abelhas trabalhando. 747
MENZINI.—A sublimidade no escrever. 757
BETTINELLI.—O Tasso e o Ariosto. 765
PARINI.—1 A precisão. *Ode.* 767
2 A madrugada do fidalgo. 775
PINDEMONTE.—O anniversario da Victoria. *Coro* . . 781
FOSCOLO.—A sorte da Italia. 789
MANZONI.—A guerra entre os estados da Italia. *Coro.* 795
NICCOLINI.—A Clemencia e a Crueldade. 805
SILVIO PELLICO.—1 O Suspiro 809
2 A Mente. 813

Notas.

Ao Dante. 1
» Petrarca. 35
» Ariosto 42
» Tasso. 51
» Metastasio 70
» Alfieri. 73
» Monti. 77
» Guarini 82
» Maffei. 84
» Chiabrera 87

A° Guidi 88
» Fulvio Testi. 89
» Frugoni 90
» Filicaja 91
» Poliziano. 92
» Macchiavelli. 92
» Rucellai 94
» Menzini 94
» Bettinelli 95
» Parini 96
» Pindemonte. 97
» Foscolo 97
» Manzoni 98
» Niccolini. 99
» Silvio Pellico 100

ERRATAS.

Nas poesias epithalamicas.

Pag.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
27	8	a grande vasa	as grandes vasas.
30	18	espinho	espinha

Na prefação.

Pag.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
III	15	chamemo-nos	chamemos-nos
VIII	2	literrrias	litterarias
»	11	alterere	altere

No ramalhete. — Nos titulos italianos.

Pag.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
1	2	comedia	commedia
314		do Plutone	di Plutone
488	3	liberta	liberata

No original italiano.

Pag.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
8	3	te mpodegli	tempo degli
16	5	lietto	lieto
257	22	calàmo	càlamo
280	11	e Espagna	Spagna
282	28	déveansi	dovéansi
286	2	prestada	prestata
332	26	raggìo	raggio
»	28	penetra	penetrar
336	7	iui	lui
386	1	tutte	notte
398	7	suberbia	superbia
490	27	moltè	molte
406	23	fero	ferro
458	19	si a	sia
472	1	imiti	imiti.
468	23	ripesse	ripresse
492	24	scìoglierme	scìoglìermi
508	2	miacostanza	mia constanza
762	2	ii	il

Na versão.

Pag.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
11	4	quem	que
17	15	c'o o	c'o
49	1	aceita-te	aceita te
77	18	mostrer-nos	mostrar-nos
91	6	sertir	sentir
107	11	orgueste.	ergueste!
111	3	, scondeu	' scondeu
177	27	torso	tosto
203	6	piedade alli	piedade elle alli
263	14	ascendesse	acendesse
267	26	amor	ardor
283	5	causais	causaes
311	6	canca	cança
347	14	às	és
349	7	as	ás
429	9	só não falta	só falta
411	12	todo	tudo
443	5	votado	voltado
439	8	feiche	feche
457	29	menor	maior
467	1	é rico	é o rico
544	15	e que	em que
553	5	achou-a	acho-a
561	18	dos	das
691	23	'spr'to	'sp'rito
695	5	tomou	soltou
776	12	mal	qual
777	19	e quedo	o quedo
791	13	vós	nós
795	1	trombe,	tromba;
»	2	sonido.	sonido:
»	3	cavallos:	cavallos
813	4	amarrar.	amarrar?

Roga-se aos benignos leitores hajão de desculpar e corrigir alguns outros erros que nos tenhão podido escapar na pressa e pouco tempo que tivemos para rever esta edicção; sobretudo nas notas, e em geral na pontuação, nas quaes mais facilmente podem ser conhecidas por quem ler.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES.

	Vol.
Adolpho Simonsen	1
Adriano José Ferreira, Dr. em medicina	1
Agostinho de Freitas Dantas, Livreiro	20
Agostinho José Gaspar	1
Agostinho Petra de Bithencourt, Conselheiro	1
Albino Jordão, Livreiro	1
Alexandre Gomes Barros, Commendador	1
Alexandre Maria de Mariz Sarmento	1
Ambrosio Campodonico, Monsenhor Internuncio	1
Anonimo	1
André Antonio de Araujo Lima, Guarda-roupa	1
Antonio José Ferreira de Brito, Marechal	1
Antonio Alves Gomes Barroso, Commendador	1
Antonio Alves Pereira Coruja	1
Antonio de Araujo Gomes	1
Antonio de Araujo Lima	1
Antonio Angelo Pedroso, Cirurgião formado	1
Antonio Bento de Vassimon, Administrador do Hospital da Santa Casa	1
Antonio Bordo	1
Antonio Candido de Lima, Empregado publico	1
Antonio Cesar de Souza, Dr. em medicina	1
Antonio da Costa, Dr. em medicina	1
Antonio da Cunha Vasconcellos	1
Antonio Felix Martins, Dr. em medicina, lente	1
Antonio Fernandes da Costa	1
Antonio Ferreira Viçoso, Bispo eleito de Marianna	2
Antonio Freire Allemão, Cirurgião formado	1
Antonio Gomes de Brito, Proprietario	1
Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, Impressor	1
Antonio de Gouvêa	1
Antonio Joaquim Pinto Botelho	1
Antonio José da Cruz Rangel, Negociante	1

Antonio José Ferreira de Faria 1
Antonio José Francisco da Paixão, Capitão-tenente. 1
Antonio José French. 1
Antonio José Gonçalves Vianna 1
Antonio José de Paiva Guedes, Official-maior da secretaria do imperio 1
Antonio José Pereira das Neves, Dr. em medicina. . 1
Antonio José Pinto, Empregado publico 1
Antonio Martins Pinheiro, Cirurgião. 1
Antonio Martins Pinheiro Junior, Moço da camara. 1
Antonio Maria Backer 1
Antonio Pereira Leitão, Dr. em medicina. 1
Antonio Peregrino Maciel Monteiro, Dr., Deput. geral. 1
Antonio Saldanha da Gama, Camarista. 1
Antonio de Santa Gertrudes, Fr. Provincial do Carmo. 2
Antonio da Silveira Caldeira 1
Antonio Tornaghi 1
Augusto Louveau 1
Balthazar Freire de Paiva, Padre.. 1
Balthazar Jacome de Abreu e Souza, Negociante. . . 1
Basilio José Pinto, Thesoureiro geral da Contadoria. 1
Belarmino Ricardo de Siqueira, Proprietario. 1
Bento Francisco da Costa Aguiar de Andrade, Official da secretaria do imperio 1
Bernardo Augusto Nascentes de Asambuja, Dr., Juiz de direito de Rezende 2
Bernardo Casimiro de Freitas 1
Bernardo Jacinto da Veiga, Deputado geral. 1
Bernardo José da Silva Veiga, Vigario 1
Bernardo de Sousa Dias, Guarda-roupa. 1
Bernardo Xavier Pinto de Sousa 1
Bispo Capellão-Mór 1
Caetano Furquim de Almeida, Dr. em leis 1
Candido Borges Monteiro, Dr. em medicina, lente da faculdade. 1
Candido José de Araujo Vianna, camarista e senador. 4
Carlos José de Almeida, Empregado publico 2
Carlos José Freire Chaves. 1
Carlos Maria de Oliva, Coronel e Veador 1
Carlos Palagi 1
Carrão, Dr. em leis 1
Casimiro Manoel Teixeira. 1
Cesar Persiani, Dr. em medicina 1
Christovão José dos Santos, Cirurgião 1
Clandionor Antonio de Azevedo, Medico. 1
Clemente Falcão de Sousa, Dr. e commendador . . . 1

Dell' Hoste, Coronel 1
Diogo Manoel de Faria, Negociante 1
Diogo Soares da Silva de Bivar, Dr. advogado 1
Diniz Augusto de Araujo Asambuja, Bacharel. . . . 1
Dionizio de Avezedo Peçanha, Official da secret. da m. 1
Dionizio Badiali, Dr. em medicina 1
Domingos Antonio de Avellar. 1
Domingos João da Soledade Valente. 1
Domingos de Mattos Vieira 1
Domingos Ribeiro dos Guimar. Peixoto, Dr. em medicina e conselheiro 1
Domingos Theotonio de Abreu. 1
Duarte Mendes de Sampaio Fidalgo, Monsenhor. . . 2
Eduardo Läemmert, Livreiro e impressor. 20
Egydio Tallone 1
Emiliano Faustino Lins, Official-maior da contadoria geral 1
Emilio Joaquim da Silva Maia, Dr. em medicina . . 1
Esequiel Corrêa dos Santos, Pharmaceutico. 1
Estevão Alves de Magalhães, Pharmaceutico 1
Feliciano Alexandrino Gomes. 1
Feliciano José Vidigal, Dr. em 1
Felicio Luraghi, Negociante. 1
Felix Dias de Almeida, Padre. 1
Felix Emilio Taunay, Director da academia das bellas-artes 1
Felizardo José Tavares, Negociante 1
Felizardo Pinheiro de Campos, Dr. em leis. 1
Fialho 1
Fidelis Honorio da Silva dos Santos Pereira. . . . 1
Fidelis Martins Bastos, Dr. em Medicina. 1
Francisco Antonio Martins 1
Francisco Cordeiro da Silva Torres. 1
Francisco Ferreira da Cunha e Silva 1
Francisco Freire Allemão, Dr. em medicina, lente da F. 1
Francisco Gomes Diniz, Porteiro da secret. do imp. . 1
Francisco João Muniz, Vice-consul portuguez. . . .
Francisco José Cardoso, commendador. 1
Francisco José Machado, Conego 1
Francisco José Moreira Ribeirão. 1
Francisco José da Nobrega 1
Francisco José Ramos, Negociante. 1
Francisco José de Sá, Dr. em medicina. 1
Francisco José de Sousa Soares de Andréa, Marechal. 8
Francisco Liberato. 1
Francisco Manoel da Silva, Mestre de musica 1

Francisco de Paula de Almeida Albuquerque 1
Francisco de Paula Brito, Impressor 1
Francisco de Paula Candido, Dr. em medicina, L. F. 1
Francisco de Paula de Castro, Pharmaceutico 1
Francisco de Paula Duarte de Araujo Gondim, Dr. em medicina. 3
Francisco de Paula da Silva 1
Francisco Pinheiro Guimarães, Dr. leis. 1
Francisco Ramiro de Assis Coelho, Deputado geral . 1
Francisco Xavier Bomtempo, Official-maior graduado da secretaria da marinha 1
Francisco Xavier Pereira 1
Francisco Xavier Simões 1
Galdino Justiniano da da Silva Pimentel, Tenente-cor. 1
Henrique Schultz, Dr. em medicina 1
Herculano Lassance, Medico 1
Hermengildo Antonio Pinto, Negociante. 1
Honorio José da Cunha Gurgel do Amaral, Cirurgião. 1
Ignacio Alves Pinto de Almeida, Camarista. 1
Ignacio Francisco Silveira da Motta, Dr. 1
Ignacio Pereira da Costa, Impressor 1
Ildefonso Antonio Gomes, Dr. em Medicina. 2
Isidoro Bevilacqua. Mestre de musica 1
Jacintho Marçal Loreti. 1
Jacintho Marques Monteiro, Padre capellão de Santa Thereza 2
Januario da Cunha Barboza, Conego, Director da bibliotheca imperial. 2
Januario Matheus Ferreira 1
Jeronymo José de Oliveira Cunha 1
Jeronymo Martins de Almeida, Guarda-roupa. . . . 1
João Alves de Moura, Cirurgião formado 2
João Alves da Silva Porto, Negociante. 1
João Antonio de Azevedo, Cirurgião. 1
João Antonio Barroso, Negociante. 1
João Antonio de Medeiros, Cirurgião 1
João Antonio de Miranda, Tabellião. 1
João Ayres Paes. 1
João Baptista de Carvalho, Offic. da secret. do imp. 1
João Baptista Cosmelli. 1
João Baptista Ferreira 1
João Baptista Fulco, Negociante. 1
João Caetano de Almeida França, Off. da secr. da just. 1
João Caldas Vianna, Dr. Presidente da provincia do Rio de Janeiro. 1
João Carneiro do Amaral. 1

João Eduardo Pereira Collaço Amado, Coronel . . . 1
João Fernandes Lopes, Camarista . . . a 1
João Franciscisco Freire de Aguiar. 1
João Francisco de Pinho, Pharmaceutico. 1
João Henrique Carvalho e Mello. 1
João Ignacio da Cunha. 1
João Jacques da Silva Lisboa, Membro do conselho supremo militar 1
João José Airosa, Negociaute 1
João José de Carvalho, Dr. em medicina. 1
João José Dias Camargo 1
João José Moreira. 1
João Liberali 1
João Luiz Ferreira Drumond 1
João Maria Pereira de Lacerda, Primeiro tenente . . 2
João Pedro de Almeida França, Amanuense da secretaria da justiça 1
João Pedro Carvalho de Moraes, Camarista. . . . . .
João Pedro da Veiga, Negociante, thesour. das lot. . 1
João Pereira de Andrade, Commendador. 1
João Pinto de Miranda, Tabellião 1
João Pinto da Silva e Mello, Cirurgião 1
João de Siqneira Queiroz, Dr. em leis. 1
João de Siqueira Tedim, Camarista 1
João Victor Ribas, Professor de musica 1
Joaquim Antonio Pereira da Cunha, Dr. em leis . . 1
Joaquim Antonio da Silva Tibre, Proprietario. . . . 1
Joaquim Fausto de Souza, Negociante 1
Joaqnim Francisco Vianna, Ministro da Fazenda . . 1
Joaquim Gaspar de Almeida, Advogado 1
Joaquim Gonçalves Ledo, Conselheiro 1
Joaquim José Alves da Silva Ger 1
Joaquim José de Carvalho, Cirurgião. 1
Joaquim José Luiz de Souza, Coronel e pres. de S. P. 1
Joaquim José Pereira de Faro, Commendador. . . . 1
Joaquim José dos Santos. 1
Joaquim José Teixeira Leite 1
Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, Deputado geral. 1
Joaquim Marcos de Almeida Rego, Dr. em medicina. 1
Joaquim de Mattos Costa, Negociante 1
Joaquim Sabino Pinto Ribeiro, Professor de 1as letras. 1
Joaquim do Sonto Garcia, Engenheiro. 1
Joaquim Teixeira de Macedo, Escriv. d'alfda. da côrt. 1
Joaquim Valerio Tavares, Negociante 1
Joaquim Xavier Garcia de Almeida, Official da secretaria do imperio 1

José Antonio de Araujo	1
José Antonio Figueiredo Junior	1
José Antonio de Oliveira, Dr. em leis	1
José Antonio da Silva Chaves, Conego	1
José Antonio da Silva Maia, Ministro do imperio	2
José Antonio Teixeira	1
José Baptista Lisboa, Dr. em leis	1
José Bento da Rosa, Dr. em medicina, lente	1
José Bernardino de Sá, Commendador	1
J. B. Froes, Tenente de engenheiros	1
José Borges Monteiro	1
José Christino da Costa Cabral, Official da secretaria de guerra	1
José Clemente Pereira, Senador	1
José Corrêa dos Santos	1
José da Costa Varella, Major	1
José Crocco, Professor de violino	1
José Domingues de Attahide Moncorvo, Official-maior graduado da secretaria de estrangeiros	2
J. Duqu'estrada	1
José Fernandes Lopes	1
José Francisco Bernardes	1
José Francisco Diogo	1
José Francisco Sigaud, Dr. em medicina	2
José Francisco da Silva Cardoso, Vigario	1
José Francisco de Souza Basto	1
José Gaspar da Costa Leal	1
José Hyppolito de Araujo, Empreg. do ars. de guerra	1
José Joaquim de Carvalho	1
José Joaquim da Costa	1
José Joaquim Martins	1
José Joaquim da Rocha, Advogado	2
José Joaquim Teixeira, Dr. em leis	1
José Justiniano Baptista Machado	1
J. J. Teixeira, Negociante	1
José Luiz da Costa, Dr. em medicina	1
José Luiz Mendes, Proprietario	1
José Manoel Gago Quintanilha, Capitão-mór	1
Sosé Maria do Amaral Vergueiro	1
José Maria do Amaral	1
José Maria Frederico de Souza Pinto, Dr. em leis	1
José Maria Lopes da Costa	1
José Maria Pinto	1
José Maria de Sá, Negociante	1
José Maria Velho da Silva, Veador	1
José Marques de Almeida	1

José Martins da Cruz Jubim, Dr. em medicina e director da facnldade 2
José Mauricio Nunes Garcia, Dr. em medicina, lente. 1
José Paulo de Figueirôa Nabuco Araujo, Conselheiro. 1
José Pedro Carlos da Fonseca, Dr. em leis 1
José Penna, Dr. em medicina. 1
José Pereira Rego, Dr. em medicina. 1
Jesé de Sá Carvalho. 1
José Thomaz Carceller. 1
José Thomaz Nabuco, Senador 1
José Vaz Guerreiro 1
José Xaver Ferreira. 1
Julio Cezar Muzzi 1
Julio Francisco Xavier, Dr. em medicina, lente. . . 1
Justiniano José da Rocha, Deputado. 1
Lazaro José Gonçalves, Tenente-general 1
Lemasson, Dr. em medicina 1
Leocadio Rosa de Bastos 1
Lino Antonio Rebello, Dr. em leis. 1
Lourenço Pereira da Cunha, Dr. em medicina. . . . 1
Luciano Leite Ribeiro 1
Ludovico Stramazzi, Secret. da legação pontificia . . 1
Luiz Affonso d'Escragnolle, Tenente. 1
Luiz Aleixo Boulanger 1
Luiz Antonio Goularte, Empregado publico. 1
Luiz Antonio Muniz dos Santos Lobo, Padre, Depntado provincial 2
Lniz Antonio da Silva Guimarães, Negociante. . . . 1
Lniz Antonio de Siqueira. 1
Lniza Augusta de Menezes 1
Luiz Bompani, Dr. em medicina e cirurgia. 1
Lniz Carlos da Fonseca, Dr. em medicina 1
Luiz de Carvalho Paes de Andrade, Deputado geral. 1
Luiz Chernoviz, Dr. Medico 1
Luiz Faro, Dr. em medicina 3
Luiz Fortunato de Brito Abreu Souza e Menezes, Dr. em leis 1
Luiz Joaquim Alves de Azevedo, Capitão. 1
Luiz José de Souza 1
Lniz Manoel de Almeida, Negociante. 1
Luiz Masseran. 2
Luiz Montani 1
Luiz Penna 1
Luiz de Souza Dias, Conselheiro. 1
Luiz Tavares Guerra 1
Luiz Vaccanl, Mestre de musica. 1

Luiz Zignago, Negociante 1
Luiz Zovetti. 1
Manoel Alvares de Azevedo, Negociante 1
Manoel Alves da Cunha. 1
Manoel Alves Carneiro, Padre. 1
Manoel Alves Moreira, Enferm. dos hosp. de S. Franc. 1
Manoel de Araujo Porto-Alegre, Professor da academia das bellas-artes 1
Manoel da Cunha Barbosa, Subdelegado de S. Rita. . 1
Manoel Ferreira Lagos, Official da secret. de estrang. 1
Manoel Gaspar de Siqueira Rego, Impressor. 1
Manoel Gonçalves da Costa. 1
Manoel Joaquim de Araujo, D. 1
Manoel José de Andrade 1
Manoel José Pacheco, Dr. em medicina. 1
Manoel José Rabello, Negociante 2
Manoel Lopez, Chimico 1
Manoel Maria Bregaro, Negociante. 1
Manoel Marques Lima 1
Manoel Martins Dourado 1
Manoel Moreira de Figueiredo Mascarenhas. 1
Manoel Moreira Lirio da Silva Carneiro, Tenente da imperial guarda de archeiros. 1
Manoel Odorico Mendes, Insp. da thes. da prov. . . 1
Manoel Pacheco da Silva, Dr. em medicina. 1
Manoel Pinto da Fonseca, Negociante 1
Manoel de Queiroz Paiva, Conego 1
Manoel da Silva Freire, Veador. 1
Manoel Vaz Diniz 1
Marcellino do Coração de Jesus, D. Abbade de S. B. 1
Marcos da Silva Penha, Cirurgião formado. 1
Merolla, Commendador e encarreg. de neg. de Napol. 2
Miguel de Souza Nunes, Proprietario. 1
Paulino José Soares de Souza, Ministro dos estrang. 1
Paulo Barboza da Silva, Mordomo da casa imperial . 1
Pedro de Alcantara Bellegarde, Tenente-coronel. . . 1
Pedro Candido Carlos Garoia, Escripturario da alfandega da côrte 1
Pedro Dosmo 1
Pietro Orlandini. 1
Peregrino José Freire, Cirurgião de Magé. 1
Raphael Coelho Machado. 1
Roberto Jorge Huddock Lobo, Dr. 1
Roberto dos Santos Pereira 1
Sabino de Almeida Magalhães. 1
S. Thiago Nunes Ribeiro 1

Saturnino de Souza a Oliveira, Dr. em leis, inspector da alfandega 1
Sebastião do Rego Barros, Conselheiro 1
Sebastião dos Reis Saraiva, Vigario. 1
Servulo Barreto Monteiro. 1
Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro 1
Theodoro de Beaureparre, Chefe de esquadra 1
Theodoro Taunay, Chanceller e consul de S. M. o R. dos Francezes. 1
D. Thereza de Medici de Maranhão, marq. de Napoles. 1
Thomaz da Fonseca Xavier Brum, Major 1
Thomaz Fortunato de Brito Abreu Szª. e Menez., Dr. 1
Thomaz Gomes dos Santos, Dr. em medicina, lente . 1
Thomaz José de Siqueira. 1
Thomaz Ribeiro Maltez, Negociante 7
Thomé Joaquim Torres, Administ. da casa de correc- 1
Thomé Ribeiro de Faria, Negociante. 1
Tristão de Sá Cherem, Pharmaceutico. 1
Tilbury, Padre, Commendador 1
Vicente Ayala. Professor de musica. 1
Vicente Antonio da Costa, Offic. da secret. de estrang. 1
Victor Manoel Pareto 1
Visconde de Baependy, Camarista. 1
Visconde de S. Leopoldo, Senador. 1

Rio de Janeiro. —Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C. — 1843